A DÍVIDA

Leitor

SÉRIE
TURBULÊNCIA
LIVRO 1



LANI QUEIROZ

A DÍVIDA



Série Turbulência

Livro 1

Lani Queiroz

Copyright © 2018 Lani Queiroz

Capa: Zilda Colares

Revisão: Valéria Avelar

Diagramação Digital: Valéria Avelar

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

AGRADECIMENTO
PRÓLOGO
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
EPÍLOGO
PLAYLIST DE A DÍVIDA

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”

José de Alencar

“Transgredir normas e regras estabelecidas é a verdadeira expressão da liberdade e somente os fortes são capazes dessa ousadia."

Nietzsche

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela inspiração. E a minha família pela compreensão e apoio incondicional no processo de escrita.

Dedico a todos os meus leitores, especialmente as lindas princesas-roqueiras-turbulentas, que me acompanham tanto nos grupos do Facebook, Wattpad e outras redes sociais. Quero mandar um beijo grande para as meninas do grupo do WhatsApp, minhas “lanéticas”. Adoro interagir com todas vocês, suas lindas!

Mais um trabalho encerrado, meus amores. Espero que gostem da história de Heitor e Sofia. Uma trama com elementos que envereda pelo gênero Dark romance. Há cenas fortes, Heitor não é o mocinho politicamente correto, não no começo, pelo menos...rs. O livro está recheado de momentos intensos e tensos. Amei dar vida a esse CEO durão, um mocinho diferente de todos que já escrevi e a essa linda menina-mulher que o conquistou.

Embarquem nessa nova aventura!

Para quem está conhecendo meu trabalho agora, não deixem de conferir meus outros livros:

Série Príncipes Di Castellani: Príncipe da Vingança; Príncipe da Luxúria; Príncipe da Perdição, Ella: Princesa da Inocência; Mike: Príncipe do Domínio (relançados em e-book e físico pela editora 3DEA).

Série Rock’n Rio: Incontrolável; Irresistível; Inflamável e Inesquecível em e-book, por enquanto.

Todos se encontram na Amazon.

Boa leitura!

Beijos em seus corações!

Lani

A DÍVIDA

Série Turbulência, livro 1/3

Heitor Camargo Maxwell, é o CEO do conglomerado brasileiro de linhas aéreas, HTL Ocean Airlines, sediado em São Paulo. Um homem frio, implacável e cínico, que respira negócios. Aos trinta e sete anos nunca se permitiu viver nada além de sexo casual. Ele gosta de sua liberdade, mas, a necessidade de produzir um herdeiro se faz cada vez mais urgente à medida que o tempo passa.

Quando um antigo parceiro de negócios lhe dá um desfalque de milhões, Heitor vê a oportunidade perfeita de se vingar e, de quebra, obter o seu herdeiro: casando-se com uma das filhas do homem desonesto. Ele não quer amor. Essa não será uma união feliz, apenas um meio para um fim. Porém, tudo pode mudar quando o homem frio se vê diante da jovem, bela e doce Sofia.

Sofia Guimarães, é só mais uma jovem de dezoito anos, com muitos sonhos. O principal deles é se tornar uma bailarina reconhecida mundialmente. Quando se depara com o homem mais bonito e intimidante que já viu na vida, no escritório de seu pai, não tem ideia de que a vida como conhecia até aquele momento, seria destruída.

Seus sonhos adolescentes não existirão mais. Ela foi entregue por sua própria família para saldar uma dívida. Será a esposa troféu e incubadora particular do impiedoso Heitor Maxwell.

Ela promete a si mesma ser tão fria nessa relação quanto um iceberg. Porém, tudo muda quando seu marido a toca e a faz irrevogavelmente sua mulher. Ela o odeia, mas, ama ser tomada por ele noite após noite...

Uma madrasta malvada...

Uma meia-irmã invejosa...

Uma Cinderela contemporânea...

Um mocinho que nada tem de príncipe...

Esse é o primeiro livro da trilogia Turbulência. Não recomendado para menores de dezoito anos.

Aviso: Se você curte uma leitura polêmica, com cenas gráficas, linguagem crua e sexo selvagem, seja bem-vindo para conhecer o meu trabalho!



PRÓLOGO

Um ano antes... São Paulo, Brasil

Heitor

Eu desço do elevador, com destino à cobertura do meu parceiro de negócios de longa data, Marcos Guimarães. Meus passos são largos e irritados pelo corredor, meu advogado e amigo pessoal, Alberto, está do meu lado e os seguranças um pouco mais atrás. Marcos gerencia um dos ramos da HTL, a companhia aérea da minha família. O táxi aéreo, ligando a Grande São Paulo às cidades do interior do estado e fora dele, marcou os primeiros passos da empresa na década de 1980. Meu pai, Logan Maxwell e seu irmão, Nathan, ambos pilotos americanos, foram os fundadores. A companhia cresceu e expandiu a olhos vistos nas últimas décadas, entretanto, mantivemos o ramo inicial, considerando que nossa clientela, composta basicamente por altos executivos, se manteve fiel ao longo dos anos e das crises no setor de transporte aéreo no Brasil. Desde quando assumi a presidência do grupo, há dez anos, confiei cegamente na competência de Marcos para gerir o táxi aéreo para mim. Um rosnado fica preso em minha garganta. Eu respeitava tanto o maldito homem!

Isso tudo caiu por terra no mês passado, quando recebi um relatório-bomba em meu escritório, desmentindo tudo que acreditei sobre sua integridade e honestidade. Na verdade, a pulga se instalou atrás da minha orelha há um ano, quando meus diretores financeiros começaram a perceber oscilações nos balancetes financeiros apresentados por Marcos e sua equipe. Contratei uma firma de auditoria sem fazer nenhum alarde e, burlando totalmente a lei – não tenho vergonha de dizer – contratei também um hacker especialista em invadir contas bancárias. O resultado foi o relatório concluído no mês passado. O documento mostra claramente, o sumiço de grandes somas progressivamente, por cinco anos. E o hacker mostrou para onde o dinheiro foi: duas contas na Suíça, em nome de meu *fiel* funcionário. Ironizo-o.

Cinco anos, porra! Como não percebi isso antes? Só descobri porque ele cometeu um erro comum nos ladrões, foi sendo engolido pela ganância e passou a roubar indiscriminadamente, até que não conseguiu encobrir mais seu rastro. Estou muito, muito puto, especialmente, porque não costumo me enganar com o caráter das pessoas. Geralmente consigo ler bem tudo e todos.

Desconfio da minha própria sombra, para você ter uma ideia. Crescer numa família abastada contribui para que mantenhamos um olhar mais atento a tudo que nos cerca. As pessoas, todas elas, sem exceção, sempre querem algo de você. Alguns dirão que é uma visão cínica da vida. Eu não me importo com suas opiniões, no entanto.

Chegamos à porta do apartamento e Alberto toca a campainha imediatamente. Não quis me identificar na portaria e tomar o elevador privativo. Não, eu quis fazer uma surpresa para meu velho amigo Marcos Guimarães. Ele não tem a menor ideia de que estou a par de suas falcatruas já tem um mês. Por que não o confrontei antes, você me pergunta? Não aprecio agir no calor do momento. Sendo sincero, sou conhecido no meio empresarial como *o homem de gelo* e o título não me incomoda nem um pouco. Gosto que me temam. É *bom* que me temam. Ninguém constrói, ou no meu caso, mantém um patrimônio de bilhões sendo *bonzinho.* Irá se arrepender de ter traído a minha confiança. Quando o homem souber o que preparei para ele e sua família, irá estrebuchar e implorar misericórdia. Eu não terei nenhuma. Nenhuma.

— Está certo disso, Heitor? — Alberto me pergunta com voz tensa. Ele nem sempre aprova meus métodos, porém, não é pago para discutir comigo, e sim para me ajudar a encaixar tudo dentro da lei.

— Não sou homem de voltar atrás, Alberto, sabe disso. — respondo com impaciência.

— É imoral, porra. — sua voz abaixa, enquanto seu olhar castanho me fixa com preocupação de advogado, mas, antes de tudo, de amigo.

— Imoral é o que ele — rosno, apontando para a porta fechada. — fez comigo, caralho.

Ele suspira exasperado e a porta começa a se abrir. Nossa atenção sendo levada para a moça devidamente uniformizada que nos atende.

— Marcos Guimarães, está? — meu tom não sai muito amigável e a garota arregala um pouco os olhos.

— Quem deseja vê-lo, por favor? — faz o seu melhor para não parecer intimidada, mas, é difícil comigo, Alberto, e mais dois seguranças ocupando o corredor.

— Heitor Maxwell. — digo olhando-a de forma intimidante e adentro sem

ser convidado. — Diga-lhe que tem exatamente dois minutos para aparecer aqui, ou eu vou buscá-lo.

A moça engole audivelmente.

— S-senhor, o senhor não pode...

Eu bufo, passando pelo hall em direção à espaçosa sala. Olho em volta, começando a entender para onde foi todo o dinheiro que me roubou. Isso aqui deve ter custado uma nota. Não sabia que tinha se mudado para um dos bairros mais caros de São Paulo. Não que eu lhe pague uma miséria. Pelo contrário. Seu salário é um dos mais altos da HTL, porra! Ele não precisava crescer seu maldito olho. Então, me recordo que isso não começou agora. Ele sempre foi um fodido ladrão, apenas era mais esperto no começo.

— Eu posso tudo. — meu tom é arrogante e eu pouco me importo. — Agora vá chamar seu patrão antes que perca minha paciência com você.

Alberto geme com reprovação, enquanto a garota sai tropeçando, sumindo em outro cômodo. É próximo da hora do jantar, acredito que a família golpista deva estar reunida. Penso sarcasticamente. Ando até o bar no canto oposto da enorme parede de vidro com vista panorâmica da cidade, tendo o Ibirapuera bem à frente, e me sirvo de uma dose do seu uísque extravagante. Tomo um grande gole, tentando permanecer calmo e frio. O homem está ostentando um estilo de vida equiparado ao meu, a porra do CEO da empresa. *Eu*, que tenho dado meu sangue para manter a companhia em crescente expansão. Vejo um movimento pelo canto de olho e me viro. Marcos está entrando na sala, sua mulher passa a sua frente, avançando em minha direção, o sorriso esfuziante, ao passo que os silicones estão quase saltando para fora do decote do vestido. A mulher é ridícula. Digo, não ridícula na aparência. É uma loira platinada na casa dos quarenta, mas, ninguém lhe dá essa idade pelas melhorias plásticas que tem feito. Sim, isso também aparece no relatório detalhado dos gastos dos Guimarães. Soraia é patética, adora flertar com outros homens. Nas festas da empresa sempre dá um jeito de me rodear. Porra, detesto mulheres oferecidas.

— Heitor Maxwell em pessoa, que surpresa! — diz com ar sedutor, tentando chegar até mim. Estendo a mão, parando-a.

— Essa não é uma visita social. — digo friamente. — E mesmo que fosse, eu não aprecio seu flerte sem sentido, Soraia. — a mulher perde

completamente a cor e abre a boca em choque. — Tenha um pouco de decência.

Marcos chega do lado da esposa e seu olhar está igualmente em choque pela minha grosseria. É um homem também na casa dos quarenta. A calvície o está pegando de jeito nos últimos anos e pouco lhe restou dos cabelos castanhos. Possui olhos verdes vívidos e inteligentes e exatamente por isso, é possível ver a mudança em seu semblante à medida que a compreensão da minha visita surpresa, e postura hostil, o atinge.

— Heitor... — é tudo que pronuncia, seus ombros caindo em derrota.

— Leve-nos ao seu escritório. Temos muita coisa para discutir, Marcos. — mantenho minha voz controlada e baixa, embora queira enrolar minhas mãos em seu pescoço.

— O que está acontecendo, Marcos? — a mulher indaga, uma nota de pânico em sua voz. — Por que Heitor parece tão zangado conosco?

O homem desvia o olhar para Soraia e sorri para tranquilizá-la. Mas, isso sai tenso.

— Negócios, querida. Nada para se preocupar. — a beija na têmpora.

Pelo que tenho visto da interação deles no pouco tempo que estivemos no mesmo espaço ao longo dos anos, ele é verdadeiramente apaixonado pela mulher. Ela? Eu seguro um bufo. Nem tanto. Aposto que o que falta em cabelos na cabeça de Marcos, sobra em chifres. Penso levianamente. Ele sussurra algo para a mulher e em seguida me convida para ir ao escritório. Atravessamos uma antessala e meu sangue volta a ferver com as obras de arte caras e extravagantes expostas nas paredes.

— Bela coleção. — quase rosno e o homem suspira alto. — Bela cobertura, aliás. — completo jocosamente.

Marcos se mantém calado e alcança uma porta, abrindo-a. Sua cabeça está baixa, os olhos não encontrando os meus quando passo por ele, adentrando o escritório suntuosamente decorado, como tudo na residência ostentosa. Alberto me segue até os sofás de couro negro. A vista daqui também é impressionante. Eu não me sento, permaneço de pé ainda segurando o copo de uísque. Marcos avança cautelosamente pela sala, enfiando as mãos nos bolsos. A postura segura do homem de negócios com quem me acostumei está longe ser vista nesse momento. Acho que o provérbio é verdadeiro,

afinal. *A culpa condena.* Estreito meus olhos sobre o homem e levo o copo à boca, sorvendo um pequeno gole da bebida quente. Eu gosto assim, puro, forte. Mantenho meus olhos treinados em meu oponente. A postura de Marcos fica mais e mais tensa, meu silêncio incomodando-o. Ficamos assim, silêncio total no ambiente, apenas os sons da minha degustação do uísque caro e sua garganta engolindo em seco.

— Mostre o relatório, Alberto. — digo sem desviar meu olhar do verme desonesto. Alberto faz o que oriento, entregando a pasta volumosa a Marcos. — Há um ano percebi inconsistências em seus balancetes e solicitei uma auditoria sigilosa nas contas do táxi aéreo. — Marcos fica pálido como um fantasma, as mãos começam a tremer, ameaçando derrubar a pasta com os documentos no chão. — Imagine a minha surpresa ao constatar que meu gerente administrativo estava me roubando há cinco anos? Não um ou dois, mas, cinco malditos anos! — ranjo os dentes e viro o copo, o líquido queimando garganta a baixo. — Não vai falar nada em sua defesa?

Ele tem a decência de parecer envergonhado.

— Eu apenas quis dar uma vida alto padrão à minha família. Isso não é nenhum crime. — sua postura inflama subitamente.

Solto um rosnado com sua ousadia.

— Desejar uma vida de luxos não é crime, você está certo. — digo, então, completo friamente: — alcançar isso roubando o meu dinheiro, é. Você me roubou milhões! — vocifero pela primeira vez, fazendo-o recuar dois passos. Bufo em desdém. O homem é um covarde maldito. — Vai me pagar, Marcos.

Sua expressão muda para aflita. Posso ver lágrimas se formando em seus olhos. Frouxo.

— Eu percebi que algo não estava certo no último mês. As constantes visitas de *advogados* no meu escritório. — respira tremulamente. — Sei que estou ferrado, Heitor. Mas, por favor, vamos conversar. Tomei o cuidado de fazer bons investimentos... — ele mais uma vez parece envergonhado ao admitir a apropriação indevida do meu dinheiro. — Posso...

Eu rosno e deposito o copo sobre a mesinha de centro. Ajeito meu terno devagar, deixando-o mais uma vez na angústia.

— Há algo que pode fazer para não ir parar na cadeia, Marcos. — seu rosto mostra confusão no início, depois se ilumina achando que vai se livrar

assim, tão fácil. Ele deveria saber que ninguém, absolutamente ninguém, me engana e sai impune. Sou adepto da filosofia: olho por olho, dente por dente. — Na verdade, há apenas uma coisa que pode fazer.

O homem solta o ar que esteve prendendo. Seu rosto se enche de alívio. Rio internamente, ansiando o momento que irei destroçá-lo.

— O quê? Diga e eu farei, Heitor. Juro que farei.

Começo a andar para a parede de vidro, apreciando a vista. Enfio as mãos nos bolsos das calças e me viro para ele, encarando-o implacavelmente por mais um tempo. Então, solto a minha proposta:

— Você vai me dar uma de suas filhas, por tempo indeterminado.

Suas sobrancelhas se juntam em nova confusão.

— Não estou entendendo...

Rio cinicamente e esclareço:

— Tenho trinta e seis anos. Preciso de um filho, um herdeiro. — seu rosto torce em cólera quando compreende finalmente.

— Seu filho da puta doente! — brada, jogando a pasta no chão, os documentos espalhando.

Eu não me altero, apenas o encaro friamente.

— Uma delas vai me dar o meu herdeiro e estaremos quites. — repito. — É isso ou a cadeia. Você escolhe.

O homem passa as mãos pela cabeça careca e grunhe um som de puro desespero. Não sinto pena. Que pensasse nas consequências antes de colocar a mão no que não era seu.

— Elas são muito jovens para você! — sua voz treme. — Por favor, Heitor, vamos discutir outra forma...

— Não. — o corto, meu tom calmo, mas, gélido. — Sua filha vai me dar um herdeiro, ou nada feito. Você dormirá ainda hoje na cadeia.

Ele me olha com expressão enojada.

— Você pode ter qualquer mulher que quiser! Elas são apenas duas meninas, por favor, tenha piedade. — apela, o primeiro soluço deixando sua garganta.

— Você está certo, eu posso ter qualquer mulher. — olho-o com desdém. — Só que agora quero uma de suas *meninas.* — zombo.

— Não! Por favor, não! — cai de joelhos na minha frente.

Nunca vi nada mais patético. Rolo os olhos, bufando e digo entediado:

— Alberto, chame a polícia.

Meu amigo está me olhando horrorizado, seu maxilar apertado, porém, saca o celular.

— Não! Oh, meu Deus, não! — Marcos chora copiosamente aos meus pés. O homem acaba de perder o último resquício do meu respeito. Um homem nunca deve cair de joelhos aos pés de ninguém, não importa se está diante do Papa. O olho com desprezo. — Está bem! Deus me perdoe... — lamenta-se.

— Sim, que Deus te perdoe por ser um maldito ladrão, porque eu, Heitor Maxwell, não perdoo. — rosno entre dentes. — Mas, como sou justo, vou deixar que escolha qual das duas vai me dar.

Ele levanta, cambaleante. Limpa as faces rubras, banhadas de lágrimas.

— C-como será isso? — pergunta com voz rasgada.

— Vou me casar com a menina. — torço os lábios zombeteiramente e ele fica mais vermelho de raiva. — Para garantir que meu herdeiro não seja um bastardo. Apenas para isso. Tão logo ela dê à luz, o casamento será desfeito. É claro que a garota irá assinar um contrato nupcial que Alberto já preparou. Pretendo me casar dentro de uma semana.

Ele arfa, levando a mão ao peito. Por um momento tenho receio de que vá ter um ataque, então, puxa uma respiração aguda e acena com a cabeça.

— Marcela é a mais velha. Completou vinte anos no mês passado...

Sua voz vai morrendo no final. Parece muito mais velho do que seus quarenta e poucos anos agora. Não sinto a menor empatia pelo seu sofrimento, no entanto. O homem procurou por isso.

— Que seja. — dou de ombros. Eu não me importo qual delas vai abrir as pernas, para eu despejar meu esperma em seu útero. Isso é apenas um meio para um fim. Para falar a verdade, não me recordo da aparência dessas meninas e, tampouco, tive a curiosidade de checá-las quando a ideia da

punição de Marcos se formou em minha mente. Lembro-me vagamente de que eram crianças bonitinhas nas vezes que as vi quando pequenas.

Depois que Alberto entrega uma cópia do contrato nupcial para Marcos, nos encaminhamos para a porta. Abro-a com impaciência, minha cabeça está começando a dar pontadas. Tudo que quero é sair dessa casa e da presença de Marcos Guimarães o quanto antes. Odeio ratos traidores! Então, eu me assusto quando um corpo macio e cheiroso colide contra o meu. Num reflexo rápido, minhas mãos envolvem a pequenina cintura, mantendo-a firme. Mãos delicadas seguram as lapelas do meu terno e eu abaixo a cabeça ao mesmo tempo em que ela levanta a sua. Nossos olhares se encontram e sou pego totalmente de surpresa com o rostinho bonito e angelical abaixo do meu. Seus lábios carnudos e rosados entreabrem num arquejo, enquanto os olhos verdes escuros me encaram com a mesma surpresa se transformando em genuína apreciação. Perdido no momento, a aperto ainda mais contra o meu corpo e meu pau dá uma guinada, engrossando, gostando muito desse esbarrão. Sei que pareço um pervertido, só que essa menina fez meu sangue esquentar e correr todo para o pau. Pouco tenho me divertido nesse mês, porque estava muito ocupado com a fusão com a *Star Alliance*[1] e, com os detalhes do castigo para meu velho *amigo.*

— Quem é você? — sussurro rouco, áspero. — Marcela? — especulo, torcendo para que seja a minha futura *esposa.* A julgar pela forma como seu corpinho macio está estremecendo contra o meu, não teremos problema no departamento química. Meu pau está completamente duro agora contra sua barriga. Ela ofega, lambendo os lábios e eu sigo o movimento quase rosnando. Tesão louco e inesperado inflamando meu corpo.

— Sofia! — Marcos exclama horrorizado atrás de nós. Em questão de segundos, está avançando e arrancando-a de perto de mim. — Tire suas mãos sujas de cima dela!

Alberto sai também e ficamos os quatro no corredor. Eu pisco atordoado. Sofia? Droga, essa é a mais nova. Tem dezoito, dezenove? Me pergunto, deixando meus olhos vagarem pelo corpo lindo, jovem e todo tonificado, vestido numa dessas malhas coladas de balé. Bebo dela sem pressa e agradavelmente surpreso. Seus longos cabelos castanhos estão presos num rabo de cavalo alto, deixando o rosto livre de maquiagem em evidência. Nossos olhares voltam a se encontrar. Ela é linda. É ainda muito jovem, não

aprendeu as artimanhas femininas de dissimular sentimentos. A forma como me olha fascinada, me deixa ainda mais duro, meu pau doendo dentro das calças. Um sorriso cínico brinca em minha boca, me congratulando com sua reação a mim.

Os planos acabam de mudar. É ela. Eu a quero.

Sofia

Eu saio do elevador privativo e ando pela sala, encontrando Soraia, segurando um copo de uísque na mão. Para variar. Ironizo-a. Ela tem abusado da bebida com mais frequência ultimamente. Tenho andado ocupada com a minha apresentação de balé no encerramento do ano letivo e também a conclusão do Ensino Médio, mas, tenho sentido um clima estranho, pesado aqui em casa. Há algo estremecendo o relacionamento de meus pais, tenho percebido. Soraia não é a minha mãe biológica, a título de informação. Meu pai ficou viúvo quando eu tinha dois anos. Um ano depois, conheceu Soraia, também viúva e com uma filha de seis anos. Os primeiros anos foram realmente bons. Elas me enganaram direitinho. Meu pai ainda hoje vive cegamente enganado. Soraia é a imagem da mãe amorosa para mim, e Marcela, uma verdadeira irmã.

Tentei muitas vezes lhe contar como Marcela me maltratava enquanto crescíamos. E como Soraia sempre fazia vistas grossas, me deixando apanhar da sua filha. Mas, ele sempre foi muito apaixonado pela mulher horrorosa e minhas queixas nunca foram adiante. Ela o teve nas mãos desde o começo. Meu pai é um homem sensível e gentil e a cachorra se aproveitou disso. Veja bem, Soraia nunca foi abertamente cruel para mim. Não, ela sabe disfarçar bem, principalmente, na presença do meu pai. A bruxa me fez, inclusive, chamá-la de *mãe* desde pequena. Ela ganhou totalmente o meu pai naquele momento, e eu o perdi. Sim, perdi para as duas. Marcela também dedicou cada minuto da sua vida a ganhar o amor do meu pai para si. Ele a trata da mesma forma. Tenho certeza de que a ama como uma verdadeira filha, entretanto, Soraia não lhe devolveu a mesma cortesia no que diz respeito a mim. Ela apenas me suporta porque ama demais o estilo de vida luxuoso que meu pai lhe proporciona.

Jogo minha mochila sobre um dos sofás e minha madrasta me nota. Ela não diz nada, apenas vira as costas, dispensando-me e segue para a varanda. Meu pai não está por perto, não há plateia para fazer seu show de mãe

atenciosa, perguntando como foi a minha aula. Ou ainda me encher de elogios, dizendo que serei uma grande bailarina um dia. Ando em direção ao corredor, rumando para o escritório do meu pai. Ele deve estar lá. Uma das coisas que percebi é que tem se trancado lá, sozinho no último mês. O que está acontecendo? Problemas nos negócios? Meu pai é um homem inteligente e muito competente. Trabalha para uma grande companhia aérea, a HTL, desde que me entendo por gente. É muito respeitado em seu meio. Sou tão orgulhosa dele. Meu peito aperta um pouco ao me lembrar de que estarei embarcando para Nova Iorque daqui a duas semanas.

Fui admitida numa renomada escola de dança clássica e irei morar lá, por um tempo, pelo menos. Minha melhor amiga, Carla, também irá. Seu pai é executivo de uma multinacional e acaba de ser convenientemente transferido para Nova Iorque. Sua família toda está de partida e me convidaram para morar com eles pelo tempo que quiser. Eu aceitei, claro. Já estava morrendo de medo de enfrentar a megalópole sozinha. Suspiro de novo, dessa vez de felicidade por estar perto de me ver livre de Marcela e Soraia. Pelo menos por um tempo. Eu rio conspirativamente enquanto viro a esquina. Estou tão distraída quando chego à porta do escritório que não a percebo sendo aberta. A pessoa que sai, colide diretamente comigo. Um corpo muito duro, grande. Minha nossa! Um perfume sutil, como uma provocação, flutua em minhas narinas. Mãos grandes seguram minha cintura com firmeza. Eu arfo, estremecendo quando nossos corpos se alinham juntos, colados. Espalmo seu peitoral sólido e amplo, não entendendo porque meu corpo gostou tanto desse impacto. Meus olhos estão em seu queixo forte e bem barbeado, uma boca firme. Mesmo não sendo uma menina baixinha, me sinto pequena, delicada, perto desse homem.

Levanto minha cabeça e nossos olhares se encontram. Não consigo evitar um arquejo saindo da minha boca. Sinto um baque forte por dentro, um choque deslizando em minha coluna ao fitar os olhos azuis gelados do homem. Parece vagamente familiar, observo-o não conseguindo esconder meu fascínio. Ele também me encara fixamente, prendendo meu olhar. Esse homem é, sem dúvida, o homem mais lindo que já vi na minha vida. Seus cabelos são de um ruivo escuro e sua pele é bronzeada, mas, suspeito que seja um tom mais clara em seu natural. Um homem de verdade, não os garotos da minha escola. É bonito de uma forma dura, admito, uma vez que suas feições não suavizam nada enquanto me olha. Ainda assim, é lindo. Um flash fugaz

de calor cruza seu olhar e ele me puxa mais perto. Engasgo, sentindo... Oh, meu Deus! Seu pênis está ficando duro contra mim. Ofego, uma sensação quente e deliciosa vibrando em minha barriga. Sinto meus seios intumescendo contra o tecido da minha malha de treino e minha calcinha ficando úmida. Minhas faces incendeiam de vergonha. Estou abismada com o impacto que esse homem causou em mim, em meu corpo. Eu não sou assim. Ele é simplesmente fascinante, reconheço, porém, é bem mais velho...

— Quem é você? — sussurra numa voz rouca, profunda que arrepia ainda mais meus seios. Arquejo de novo, totalmente sem controle do meu corpo. — Marcela? — eu franzo o cenho, meu deslumbramento e excitação pelo estranho caindo drasticamente com a menção da minha meia-irmã.

— Sofia! — a voz estranhamente aguda e tensa de meu pai vem de dentro do escritório. Em tempo recorde ele está passando pela porta, me levando para longe do homem. — Tire suas mãos sujas de cima dela!

O quê?! Me assusto com o tom do meu pai. Ele dificilmente perde a calma. Por que está sendo tão grosseiro com o estranho bonito? Mais um homem elegante sai para o corredor. Meu pai parece aflito, meio pálido, o observo intrigada. O que está havendo aqui? Quem são esses homens? Quero perguntar, mas, cometo o erro de olhar novamente o homem alto e intimidante que causou reações estranhas e impróprias em meu corpo. Seus olhos azul-gelo já estão sobre mim e meu coração salta mais uma vez. Meu corpo todo esquenta sob seu olhar gelado. Como isso é possível? É um olhar duro, quase cínico. Por que ele me abala tanto? Arfo, sem controle quando seu olhar desce pelo meu corpo, demorando-se em meus seios e depois nas coxas. Lamento internamente por ter usado essa saia curta e rodada sobre o collant. Na verdade, lamento não ter trocado de roupa antes de vir para casa. Seu olhar profundo e penetrante volta a encontrar o meu e minha respiração fica presa na garganta. Estou toda trêmula, nervosa, quente, incomodada. Meu Deus! O que é isso? Penso alarmada. Um sorriso cínico brinca em sua boca e ele me olha longamente, como se soubesse como está mexendo comigo, e gostando disso.

— Querida, vá para seu quarto. — a voz do meu pai soa ainda mais tensa do meu lado e eu o olho, finalmente me libertando do olhar potente do homem impressionante.

— O senhor está bem, papai? Está pálido, tenso. Por quê? — bombardeio-

o, tentando entender.

Ele aperta os lábios e abana a cabeça.

— Estou bem, querida. — se inclina, beijando minha testa suavemente. — Por favor, vá para seu quarto. — sussurra contra a minha pele com um toque de desespero.

Antes que eu o questione mais, a voz profunda me faz estremecer quando pergunta:

— Qual a sua idade, menina?

Eu arfo ridiculamente quando meus olhos encontram os seus de novo. Me recrimino. Apenas um canto da sua boca inclina na sugestão do sorriso cínico, seus olhos brilham mais. Sim, ele está apreciando minha reação boba de adolescente. Em minha defesa só posso dizer que nunca vi um homem como esse. Nunca.

— Meu nome é Sofia, não *menina.* — não sei de onde veio a coragem para dizer algo assim. Eu mesma me sobressalto. Ele levanta uma sobrancelha ligeiramente, também surpreso com meu arroubo. Um ínfimo flash de diversão cruza seus olhos. — Farei dezessete em uma semana. — completo.

Seu semblante fecha, a boca formando uma linha fina. O que foi que eu disse para desagradá-lo assim?

— Não, Heitor. — há súplica na voz do meu pai agora. Isso me deixa ainda mais confusa. — Por favor, não.

Heitor. Repito seu nome em minha cabeça. O nome é tão forte, majestoso, combina perfeitamente com o dono. Vimos mitologia grega nesse bimestre na escola, e Heitor, príncipe de Tróia, bravo guerreiro e domador de cavalos, atraiu minha atenção. Pesquisei mais sobre ele, inclusive. Eu acho que há coincidências na vida real, afinal. Penso ainda tentando entender o que esse homem faz aqui. Ele olha meu pai brevemente, então, volta a fixar seu olhar penetrante no meu e é aí que meu cérebro estala. Heitor Maxwell! Ele é o chefe do meu pai, agora me recordo. Não o encontrei muitas vezes e, certamente não aqui em casa. Algo está fora de lugar aqui. Meu estômago revira. Meu pai perdeu o emprego?

— Você tem um ano, *bebê.* — sua voz é uma oitava mais baixa, rouca,

pronunciando a última palavra lenta e desdenhosamente. Seus olhos cínicos estão mais brilhantes e intensos, fixos nos meus. Ofego. Que sensações perturbadoras são essas? Que estranho poder esse homem tem sobre mim? Para minha confusão, me vejo gostando da forma como me olha, com interesse masculino, embora seu olhar seja duro, esnobe no meio disso tudo. Minha calcinha fica mais úmida, líquido grosso encharcando minha vagina. Aquele arremedo de sorriso cínico surge outra vez. — Depois disso, eu venho te buscar.

Espera, o quê?!

— O quê?! Me buscar para quê? — pergunto sobressaltada.

— Não! Droga, não, Heitor. Já resolvemos isso... — meu pai está quase chorando.

O olhar de Heitor não desvia do meu.

— Mudei de ideia. Acabo de fazer nova escolha, Marcos. — diz de forma enigmática. Do que estão falando? — Seu pai andou me roubando, Sofia.

O ar é arrancado dos meus pulmões quando Heitor diz isso. Não! Meu pai nunca faria algo assim. Ele é o homem mais íntegro que conheço. Ele não... Meu fluxo de negação é cortado quando encaro o rosto culpado do meu pai. Oh, meu Deus! Ele... Ele roubou esse homem cruel e cínico e agora estamos em apuros.

— Você será entregue a mim como pagamento da dívida. — suas palavras me fazem engasgar e eu cambaleio um pouco. Meu pai me firma pelo cotovelo. Eu olho seu rosto torcido, envergonhado, derrotado e meus olhos se enchem de lágrimas. Puxo meu braço do seu agarre e parece tão magoado. Meus olhos voltam para o homem sem nenhum escrúpulo me encarando frio e calmo como se não estivesse me propondo algo tão nojento.

— Eu prefiro morrer a ser a sua prostituta, seu porco! — rosno, crispando meus punhos. Novamente não sei de onde vem tanta força para me rebelar, mas, isso é ultrajante demais. E depois de tudo que ele fez meu corpo sentir, eu agora o odeio!

Aquele arremedo de sorriso perverso sobe sua boca e os olhos ficam mais frios.

— Não, menina, você vai viver e ser o que eu quiser que seja. Vai me dar

um herdeiro. — ele dá de ombros. — Depois disso eu realmente não me importo com o que aconteça com você.

Suas palavras são bofetadas em meu rosto. Como alguém pode ser tão imoral? Cruel?

— Um ano, *neném*. — diz-me jocosamente.

— Vá para o inferno! — ranjo os dentes. Eu nunca fui aquela que revida, mas, ele me deixou à beira de um ataque de nervos.

Ele sorri. Pela primeira vez um sorriso completo e meu coração idiota acelera. É diabolicamente bonito. Como um anjo caído.

— Marcos. — inclina a cabeça num gesto tenso, parecendo verdadeiramente irritado com meu pai. Seu olhar volta uma última vez para mim e seus olhos azul-gelo me prendem no lugar de maneira assustadora. — Foi realmente um prazer conhecê-la, Sofia.

E lá se vai meu coração burro pulando pela forma que disse meu nome. Sou uma contradição ambulante. Talvez seja porque me senti atraída por ele antes de saber que era o próprio diabo querendo me levar em troca de uma dívida. Esse tipo de coisa existia na Idade Média, pelo amor de Deus! Estamos em pleno século vinte e um! Ele sai imponente pelo corredor sendo seguido pelo outro homem elegante e eu caio contra a parede, meu corpo todo está tremendo. De raiva, repulsa e... Algo inquietante, pulsando, vibrando em minhas entranhas. Sim, não posso negar que esse homem cínico e implacável mexeu profundamente comigo. Lágrimas pulam dos meus olhos quando penso que não irei mais para Nova Iorque. Meus sonhos. Oh, meu Deus, meus sonhos foram destroçados. Um soluço alto sai da minha garganta.

— Sofia... — meu pai tenta me tocar, seus olhos nadando em lágrimas. Ele parece destruído. Não tanto quanto eu, me revolto contra ele.

— Me deixa, pai. — soluço e saio correndo pelo corredor, subindo a escada direto para o meu quarto.

Me jogo na cama de bruços. Eu grito, choro, meu corpo chacoalhando por tanto tempo que adormeço. Acordo com um toque suave em meu rosto. Abro meus olhos, pensando que é meu pai e meu corpo enrijece quando dou de cara com os olhos castanhos cruéis de Marcela. Me recolho, me ajeitando contra a cabeceira da cama. Ela se senta na borda do meu colchão sem convite.

— Mamãe e papai já me contaram. — diz e estende a mão de unhas perfeitas à sua frente, examinando-as displicentemente. Quando volta a me encarar eu sei que o ataque vai começar: — Oh, coitadinha...

— Eu estou cansada, Marcela. Saia, por favor. — peço debilmente. Não estou a fim de aturar a vadia. Não agora. Não quando minha vida desmoronou.

— Você estava tão feliz, não é, *irmãzinha?* — seu sorriso de dentes brancos e perfeitos brilham na semiescuridão do quarto. — Mas, em vez de se tornar uma bailarina famosa, surpresa! — ela bate palmas com euforia. Cadela doente! — Vai se tornar a puta de Heitor Maxwell!

— Saia. — digo baixo, minha cabeça está latejando, doendo demais.

— Se eu fosse você perdia logo seu cartão V, irmã. — me oferece mais um sorriso cruel. Estive perto de perder a virgindade com o meu namorado. Rolo os olhos. Ex-namorado. Essa puta o perseguiu e dormiu com ele só para me humilhar. Mas, sou grata por ela ter feito isso antes de eu me entregar a um imbecil completo. Eu gemo em desgosto quando lembro da minha atual situação. Há outro imbecil no meu caminho. — Como estava dizendo, você deve dar logo para qualquer menino, pois, aquele homem... — ela finge um estremecimento. — Não vai ter dó de você, querida. — seu rosto fica ainda mais cruel e ela rosna: — ele vai te foder duro, vai tirar sangue em sua primeira vez. Aposto todas as minhas fichas que vai te machucar toda vez que te comer. Basta olhar para ele para saber que é um bruto por baixo daqueles ternos alinhados.

Eu engasgo, horrorizada. As lágrimas que tinham ido embora, voltam a toldar minha visão.

— Coitadinha... Que destino triste o seu, irmã. — se levanta e ajeita a saia muito curta. — Eu espero que ele faça tudo que há de pior com você, sua putinha de merda! Minhas preces foram atendidas, você está indo para o inferno! Saindo da vida do *meu* pai.

Eu soluço de novo, me sentindo tão derrotada como em todas as vezes que me hostilizou a minha vida toda. Ela sorri e sai finalmente do quarto, me deixando com a minha dor. Fecho os olhos e os olhos azul-gelo surgem em minha mente. A imagem é tão vívida que penso que estou diante dele. Ofego. Por favor, Deus, não deixe aquele homem me levar.



CAPÍTULO UM

Dias atuais... São Paulo, Brasil

Heitor

Eu levanto e começo a me vestir em silêncio. Olho por cima do ombro, a mulher nua na cama do hotel. Vera, uma loira deliciosa e uma de minhas fodas ocasionais. É filha de um de meus parceiros mais importantes na Argentina. Cogitei me casar com ela quando começamos a foder há alguns anos, não me lembro quanto tempo, dois? Três? Só sei que há algum tempo nos damos bem na cama. Não sei dizer com certeza o que me fez não levar a cabo a ideia. É uma mulher linda. Está na faixa dos trinta, entretanto, se esforça para parecer mais jovem, tanto pela forma como se veste, como na forma de agir. Isso me irrita, para ser sincero. Detesto pessoas que fingem ser o que não são. Porém, não estou me casando com ela, apenas fodendo seu corpo, e nesse quesito não tenho reclamação. É muito gostosa, safada, fogosa, do jeito que eu gosto. Faz tudo, absolutamente tudo na cama. Percebeu logo no começo que aprecio um jogo sujo, duro no quarto e tem se esforçado desde então para me agradar. Bufo mentalmente. Sei muito bem o que a mulher quer. Ela e as outras com quem trepo por aí, querem apenas uma coisa: se tornar a senhora Heitor Maxwell. Esse pensamento me faz franzir o cenho, olhos verdes e um rostinho lindo e inocente surgindo em minha mente sem o meu consentimento.

Sofia. *Minha neném.* Um sorriso cínico se forma em minha boca, meu pau pulsa apenas com a lembrança do nosso único encontro, há um ano. Droga, estou endurecendo novamente. O que há comigo? Nunca fui atraído por *novinhas*, no entanto, essa em particular, ferveu meu sangue desde o momento em que pus os olhos sobre ela. Tinha apenas dezesseis, na iminência de fazer dezessete. Só uma menina, porra. Uma menina, mas, me deixou louco de tesão. Me sinto um velho devasso, desejando-a da forma que

desejo. Rosno. Não o suficiente para deixá-la, porém. Eu podia ter seguido com o acordo original e tomado a outra filha de Marcos, mas, meu corpo já havia sido desperto pela inocente Sofia. Além disso, a pirralha me desafiou, berrando na minha cara que preferia morrer a ser minha prostituta. Puxo minhas calças com um sorriso ampliando. *Oh, bebê, será um prazer lhe mostrar, noite após noite, como vai amar ser a minha putinha...*

Gemo e seguro meu pau, esfregando o eixo duramente. Nunca me vi tão ansioso para comer uma boceta. Meu estado de excitação só piora conforme o dia D se aproxima. Em apenas uma semana Sofia estará casada comigo, toda minha para fazer o que eu quiser. Rio maldosamente. E quero fazer muitas, muitas coisas. O corpo macio colando em minhas costas, me puxa dos pensamentos lascivos. Uma mão ousada vem pela minha frente e apalpa meu pau. Vera sorri com certa arrogância quando percebe o meu estado, certamente achando que essa ereção é para ela.

— Tão insaciável... — ronrona em meu ouvido, mordiscando o lóbulo.

Embora tenha gozado gostoso com ela, sua proximidade me irrita agora. Seguro seus pulsos e me afasto do seu toque, ficando há alguns passos da cama. Ouço um suspiro magoado. Pego minha camisa e a coloco rapidamente, fazendo o mesmo com o terno. Hora de ir.

— Você ainda está duro. Me quer mais uma vez, admita. — choraminga, deitando-se sobre os lençóis, o corpo escultural arqueando sedutoramente.

Me viro de frente para ela, terminando de ajeitar meu terno.

— Essa ereção não é para você. — digo-lhe em tom indiferente. Não gosto de mentir e não aprecio joguinhos de sedução femininos. Eu fodo, gozo e cada um vai para o seu lado. Fim de papo.

Seus olhos arregalam, o rosto ficando vermelho de raiva. Levanto uma sobrancelha cínica. Elas são tão previsíveis...

— Como ousa? Para quem é, então?

— Para minha futura esposa. — sua boca se escancara em surpresa total.

Ninguém sabe sobre minhas bodas ainda. Será um pandemônio quando a mídia descobrir. *O solteirão convicto, Heitor Maxwell, cai de amores pela jovem e bela Sofia Guimarães, filha de um antigo funcionário.* Já posso imaginar as manchetes fantasiosas circulando pelo país. A decepção toma o

semblante de Vera. É necessário, porém. É hora de ela entender que estou fora dos limites para algo mais sério.

— Vou me casar na próxima semana, Vera.

— Mas, eu pensei que... — há lágrimas em seus olhos escuros agora. Coloco a carteira em meu bolso e pego meu celular. — Pensei que iria perceber em algum momento que *eu* sou a mulher certa para você, Heitor.

Definitivamente hora de ir.

— Sem ofensas, Vera, mas, você não é a mulher certa para mim. — digo com toda a calma. Seu rosto bonito torce com raiva. — Não para casar, pelo menos. — dou de ombros. — Se ainda estiver disposta, podemos manter nossos encontros sempre que estiver no Brasil. É muito gostosa, me agrada na cama e...

— Você vai trair sua esposa? — seu queixo cai em descrença.

— Não será um casamento convencional. É um meio para um fim. Ela é bem jovem e vai me dar um herdeiro forte, saudável. Apenas isso. — digo sem culpa.

— Você é um filho da puta frio. — meneia a cabeça. — Já estou com pena dessa menina. — então, estreita os olhos. — Você acabou de me chamar de velha? Por isso não me escolheu para te dar esse precioso herdeiro?

Eu rio ironicamente. Mulheres...

— Querida, você e eu sabemos que já passou dos trinta. Agora se quiser continuar como minha amante, posso fazer os arranjos...

Ela parece pronta para me matar.

— Você pode ir se foder, Heitor Maxwell!

Um sapato passa voando perto do meu ouvido. Eu rio, já me dirigindo para a porta. Bem, acho que isso é um não.

— Adeus, Vera. — digo e saio do quarto.

Dois dias depois...

Quando chego à sede da empresa, localizada em um edifício moderno na Av. Paulista, encontro Alberto conversando com minha secretária. Rolo os olhos. Ele adora jogar charme para cima da mulher.

— Alberto, pare de assediar minha secretária, ou terei que pedir que mova um processo contra você mesmo.

Eu quero rir quando meu amigo se vira, sua postura culpada. Luciana, uma negra bonita na faixa dos trinta, fica toda sem graça.

— Bom dia, senhor. — ela cumprimenta, levantando-se da sua cadeira rapidamente, recobrando a voz e o tom eficiente de sempre. Pega uma pasta sobre a sua mesa, estendendo-a para mim. — os contratos que precisa conferir e assinar, senhor.

— Bom dia, Heitor. Estava apenas sendo gentil. — Alberto bufa. — Não que você entenda o conceito, amigo.

— Obrigado, Luciana. — agradeço, pegando a pasta. — É impressão minha, ou alguém está sensível esta manhã? — zombo encarando Alberto e me viro para a minha sala. Ele me alcança rapidamente.

Quando entramos, avanço, colocando minha pasta de couro alemão e os contratos em cima da grande mesa de mogno. Só preciso dar uma última lida, assinar e estarei livre para visitar os Guimarães. Já dei tempo demais para Sofia. Meus planos são levá-la ainda hoje para a minha casa. É lá que vai se preparar para o casamento no fim de semana.

— Tínhamos marcado algo, amigo? — indago encarando Alberto, me sentando na minha cadeira giratória. Atrás de mim, através da parede de vidro, a agitação característica da avenida em dias úteis, é vista lá embaixo. Operamos em nosso próprio prédio. A HTL ocupa o vigésimo e o vigésimo primeiro andares, os outros, alugamos para outras empresas e escritórios de advocacia.

Alberto se senta em uma das cadeiras à frente da mesa e me lança um olhar. Eu sei o que vai sair de sua boca antes de ouvir as palavras:

— Desde quando preciso marcar horário com você, Heitor? — resmunga, me fazendo rir levemente. Seu semblante volta à seriedade. — O prazo que deu aos Guimarães acaba na sexta... — diz e eu levanto as sobrancelhas como quem diz: *e daí?*

— Sim, e eu me caso no sábado. — digo casualmente.

Ele grunhe.

— Ainda tinha esperanças de que fosse cair em si e não seguir com essa

total sandice...

Me recosto ao espaldar, olhando-o firmemente, girando minha caneta de ouro entre o polegar e o indicador.

— Estou fazendo algo ilegal, Alberto? — uso meu tom complacente. — Por favor, como meu advogado, aconselhe-me.

Suspira dramaticamente, resmungando.

— Ilegal não. Apenas imoral, Heitor, e você sabe disso. — diz corajosamente.

Eu acho que convivio desde a sexta série lhe dá o direito de tomar certas intimidades comigo. O encontrei no banheiro dos meninos no colégio interno em que fui jogado desde pequeno. Alberto estava sendo espancado covardemente por dois valentões da escola e eu o defendi, sem pensar duas vezes. Sempre fui grande e forte para a minha idade e consegui dar conta dos dois meninos que o agrediam. Alberto passou a me seguir como um cachorrinho perdido desde então. Não tive alternativa a não ser torná-lo meu amigo. O único amigo verdadeiro, fora meu irmão. Todo o resto é encenação social.

— Era só isso, Alberto? Podia ter me ligado e poupado algum tempo. — digo, pegando o primeiro documento.

Volta a grunhir, vendo que não vai me fazer mudar de ideia.

— Vou tirar duas semanas de férias atrasadas e Lígia ficará respondendo pelo escritório nesse interim. — anuncia.

É a minha vez de grunhir. Sua irmã é uma mulher intragável.

— Lígia me odeia. Acha que sou machista.

Alberto ri com algo perverso em seu rosto.

— Você *é* machista, amigo. — seu sorriso vacila um pouco. — Convidei Luciana para se juntar a mim, uma vez que ela também está entrando de férias.

Estreito meus olhos sobre ele. Ah, então, o malandro estava mesmo de olho na minha secretária...

— Tenho uma política de não-confraternização entre *meus* funcionários, sabe disso, Alberto.

Seu sorriso é arrogante agora. É o tipo de sorriso que usa no tribunal.

— Tecnicamente, não sou *seu* funcionário, Heitor. Meu escritório presta serviços para a sua empresa. — meu rosto se fecha ao mesmo tempo em que seu sorriso se alarga. — Sabe disso, amigo.

Porra, é frustrante iniciar uma discussão com advogados. Você não tem chance de ganhar, a menos que seja um também.

— O que quer que eu diga? Precisa da minha bênção, meu filho? — alfineto-o.

Ele bufa e se levanta.

— Apenas deixando-o a par, levando em conta que é um bastardo controlador a maior parte do tempo.

O olho friamente.

— Me sinto honrado pela opinião sincera, amigo. — zombo. — E ainda lhe pago para isso?

Joga a cabeça para trás e ri com vontade. Como não o acompanho, volta a ficar sério.

— Irei apenas na segunda. — completa com uma expressão estoica: — Estarei presente quando você... — rola os olhos.

— Quando eu *me casar*, é essa a frase que está procurando, Alberto. — digo com leve impaciência.

— Sim, é isso, Heitor. — se afasta em direção à porta. — Estou voltando para o escritório. Tenha um excelente dia, amigo.

Ele parece irritantemente feliz.

— Você devia ter ligado se era só isso...

Ele balança as sobrancelhas com malícia.

— Sim, mas, aí não teria o prazer de encontrar Luciana. — pisca para mim e sai em seguida.

Eu ergo as sobrancelhas, com genuína surpresa. Esse negócio com a minha secretária é sério? Sacudo a cabeça, deixando Alberto e suas conquistas para segundo plano e me ponho a conferir os contratos. Transformar a HTL numa *Holding*[2] sólida, exigiu muito de mim nos últimos

sete anos. Mantê-la em uma crescente, tem exigido ainda mais, sobretudo, com a instabilidade da economia brasileira. Fiz algumas aquisições pacíficas e outras um tanto hostis no decorrer desse tempo, reconheço. Contudo, no cômputo geral, tenho orgulho do que consegui à frente da empresa. Estivemos na iminência de quebrar, a exemplo de outras grandes companhias nacionais, como a Varig e a Vasp, mas, conseguimos dar a volta por cima com muito trabalho, foco e dedicação.

O trabalho me toma metade da manhã. Já passava das dez quando informei ao meu motorista que iríamos para Moema, no novo endereço dos Guimarães. Marcos foi obrigado a devolver cada centavo que me roubou e isso não lhe deixou escolha, senão voltar para seu antigo apartamento, sem vista para o Ibirapuera. Não consigo evitar a ironia. O imóvel já era muito bom, mas, a ganância falou mais alto e o homem achou que podia subir usando minhas malditas costas como trampolim. Por falar no homem, meu estômago torce em desconforto ao recordar que sofreu uma queda de um cavalo há alguns meses e está em coma desde então. Por isso, Alberto está tão sensível sobre minha intenção de seguir com o acordo. Eu não vou recuar. Não é culpa minha se Marcos caiu, literalmente, do cavalo. Heitor Maxwell nunca volta atrás em sua palavra. Além disso, Soraia, a mulher de Marcos, sabia de todas as falcatruas do marido. A maioria dos imóveis foram encontrados em seu nome. Ela sabia que o salário do marido, por maior que fosse, não daria conta de cobrir todos os luxos que passaram a ter de cinco anos para cá.

Então, o acordo prevaleceu. Ela me entregaria Sofia, ou iria para a cadeia no lugar de Marcos. Sendo justo, dei um ano para a menina atingir a maior idade, deixando claro que me casaria com ela uma semana após completar dezoito anos. Isso foi na semana passada. Agora, cá estou, me dirigindo para o segundo encontro com minha pequena bailarina. E, devo confessar, estou ansioso. Não quis vê-la durante esse ano. Eu sabia que a tomaria ainda menor. Não que eu seja um exemplo de conduta, longe disso. Bufo, enquanto subo pelo elevador. Estou louco para possuir aquele pequeno corpo tonificado e flexível. Agora eu posso.

Quando a própria Soraia abre a porta instantes depois de eu sair do elevador, meus sentidos entram em alerta. A mulher está bem vestida e maquiada como sempre. Um sorriso amplo se abre em sua boca vermelha. Olhando assim ninguém diria que tem um marido vegetando sobre uma cama

de hospital. Ela está radiante de uma forma desprezível.

— Por favor, entre, Heitor. — cantarola e eu passo para dentro da residência. Sigo pelo hall estreito que dá para uma sala grande e bem decorada, embora, muito diferente da outra. Penso maldosamente. — sente-se, por favor. O que deseja? Um café, chá, uísque?

Eu permaneço de pé. Não vou dar a essa mulher a ideia de falsa intimidade comigo.

— Desejo algo. — falo baixo e calmo. — Sofia. Traga-a para mim.

Ela engasga um pouco, então, limpa a garganta. Anda até um pequeno bar no canto da sala e serve uma bebida para si, entornando o copo de uma vez. Uh! Estamos apenas no meio da manhã...

— Sobre isso, Heitor... — se vira para mim, obviamente procurando as palavras certas. — Tenho outra proposta para você. Por que não nos sentamos e discutimos melhor? — sorri forçadamente.

Estreito meus olhos. Que diabos ela está fazendo?

— Prefiro ficar de pé. Fale. — digo seco.

Ela engole audivelmente e se serve de outra dose de uísque. Caralho.

— Sofia. — rola os olhos. — Minha enteada é ainda muito jovem... Apenas uma criança, Heitor. É impossível para ela dar conta de um homem como você, se é que me entende... — lambe os lábios, os olhos correndo por mim, avidamente.

Eu solto um grunhido de desgosto. Que vadia. Espero que não me faça a proposta que estou pensando.

— Marcela, minha filha mais velha, está disposta a tomar o lugar da irmã mais nova no acordo. — continua, de uma forma muito condescendente. Parece quase falso o cuidado com Sofia. Eu fico alerta. — Estamos tentando proteger Sofia, que já está inconsolável com o estado do pai naquela cama de hospital... — tem o desplante de fungar um pouco, porém, seus olhos estão secos. — Pobrezinha. Sei que me compreende, não é? Sou apenas uma mãe querendo proteger sua menina. Eu cuidei de Sofia ainda bebê. Sou a única mãe que ela conhece...

Para mim chega.

— Estou realmente à beira das lágrimas. — bufo sarcasticamente e Soraia arregala os olhos. — Chame a minha futura esposa antes que eu perca a paciência. — a intimo.

Ela engasga nervosamente e limpa a garganta outra vez. Gira a cabeça para o corredor e chama com voz estridente:

— Querida, venha conhecer seu futuro marido!

Meu corpo inteiro esquenta com a expectativa de ver a menina depois de um ano. Então, é como um balde de gelo jogado sobre a minha cabeça, quando uma garota loira parecida com Soraia entra na sala. Porra! Essa não é Sofia. A garota usa um vestido azul curto, muito colado. Sou obrigado a reconhecer que tem um corpo gostoso. Meus olhos sobem pelo torso, vendo peitos grandes lutando contra um decote generoso. A frase *tal mãe, tal filha* nunca foi tão bem aplicada. Quando chego ao rosto, percebo que é muito bonita. De um jeito afetado e arrogante, porém.

— Bem, o que temos aqui? — pronuncio em tom baixo, um meio sorriso cínico brincando em minha boca. Seus olhos castanhos brilham e se adianta, gingando os quadris sedutoramente. Ou *ela* pensa que é sedutor. Ironizo.

— Sou Marcela. — ronrona. — E você é o meu futuro marido. — diz com uma certeza que me irrita ainda mais.

— Boa tentativa. — meu olhar volta frio para Soraia, que se encolhe sabiamente. — Agora, traga-me Sofia.

— Droga, por quê? Marcela é muito mais bonita do que Sofia. — exaspera-se.

Eu faço algo que as choca. Eu rio. Alto. Soraia franze o cenho, confusa. Então, fico sério de novo, assustando-a.

— Não para mim. — rosno, me aproximando devagar da mulher. Ela dá um passo atrás, encostando-se na bancada do bar. — Sofia é a mais bonita. Sofia é a minha escolhida, você me entende?

— M-mas... — gagueja.

— Chame a minha futura esposa. Agora. — digo-lhe friamente.

Soraia parece muito assustada agora.

— Sofia não está aqui...

— Como não está, porra? — estou a ponto de perder a calma com essa mulher. A vadia tentou me manipular. — Onde ela está? Fale, ou eu vou arrancar isso de você. Escolha.

Ela estremece, engolindo em seco.

— E-está morando em Nova Iorque. A enviei para lá logo depois do acidente de Marcos. — seus lábios tremem e ela começa outro choro sem lágrimas. Patética. — A coitadinha ficou arrasada. Eu queria alegrá-la, mantendo seus planos de ir estudar no exterior. Pobrezinha da minha menina...

Ranjo os dentes sem poder acreditar nisso. Soraia me prometeu que cuidaria de Sofia para mim depois do infeliz acidente de Marcos. A mulher deve estar se lembrando exatamente dessa promessa porque começa a tremer, agora, com uma emoção genuína: medo.

— Nova Iorque? E não achou que eu gostaria de ter sido consultado a respeito?

— E-eu sinto muito, Heitor. — balbucia, empalidecendo.

— E deve sentir mesmo, porque se algum bastardo ousou tocar no que é meu, você vai me pagar caro. — digo em tom gelado. — Me dê todos os dados de onde ela está. — exijo inflexível, sacando meu celular para chamar meu piloto particular. — Eu vou buscá-la. Agora mesmo!

— Ela não quer se casar! É apenas uma menina tola e sonhadora! — a voz cheia de rancor e inveja, vem de Marcela. Eu viro a cabeça em sua direção e ela se encolhe com meu olhar mortal. — Eu estou disposta a lhe dar o herdeiro que precisa, Heitor. — sorri como uma predadora. Ela é tão patética quanto sua mãe. — Posso fazer o que quiser, basta pedir...

Ugh. Não consigo refrear minha expressão de repulsa pela garota oferecida. Detesto coisas que vem facilmente. Não, não, eu aprecio um bom desafio. E tive isso com Sofia. Ela me cativou naquela noite, há um ano. Sim, é fodido, mas, a menina me cativou com sua recusa. Sou um tubarão no meio corporativo e na vida pessoal, bem, não sou muito diferente. Gosto de subjugar, mostrar quem é que manda. Então, quando uma mulher se joga sobre mim, tem efeito broxante. Meu pau é tão exigente quanto eu e já está antecipando o prazer que terei tomando minha doce bailarina para mim. Estou salivando para tê-la, dobrá-la à minha vontade.

— A única coisa que quero de você é que suma das minhas vistas, porra! — rosno. Ela arfa, se afastando um pouco. — Eu quero Sofia. Apenas Sofia me interessa, fui claro? — olho para a vadia mãe, rangendo os dentes: — agora me passe o endereço. Você não quer me ver perder a paciência, Soraia.

A mulher estremece e vai para um aparador no canto da sala. Escreve algo rapidamente num bloco de papel e volta com passos hesitantes. Arranco o papel de sua mão e o olho. O endereço é no *Upper West Side*, não muito distante da minha cobertura, de frente ao Central Park. A encaro friamente, enfiando o papel no bolso do terno.

— Quando voltar, vai me explicar exatamente porque pensou que poderia me manipular.

Soraia fica ainda mais pálida.

— Seja razoável, Heitor. Sofia não quer você. É quase uma criança.

Ouvir isso me irrita demais. Eu já sei disso, mas, ouvir me incomoda, não sei o porquê. Ando para a saída e sem olhar para trás, digo em tom definitivo:

— Vai aprender a querer. Não há outra escolha para ela. Será minha pelo tempo que *eu* quiser.

Nova Iorque... Estados Unidos...

Sofia

Eu termino o treino e vou para o vestiário. Meus pés estão me matando, então, tiro apenas o suor do corpo com uma chuveirada rápida, deixando os cuidados extras para quando chegar em casa. Não estou mais vivendo com Carla, minha melhor amiga. Tive alguns problemas ao morar com sua família. Sendo o maior deles, acordar numa noite com seu pai apalpando minha bunda. Argh! Estremeço só de lembrar do pânico e repulsa que senti. O homem passou a me olhar com estranho interesse desde que cheguei para morar com eles. No começo, ainda me recriminei, achando que estava entendendo errado. O senhor Flávio Silva era um homem respeitável, jamais me olharia de forma maliciosa. Tentava me convencer, uma vez que eu e sua filha nos conhecemos no pré-escolar e sempre dormimos na casa uma da outra desde pequenas. Nunca havia notado nada diferente em *tio* Flávio. Porém, acho que o fato de eu estar aqui sozinha, tão distante da minha família, deixou o velho tarado à vontade para tentar algo comigo.

A pior parte foi dizer a Carla que iria me mudar e não conseguir contar o verdadeiro motivo. Ela ficou arrasada. Entretanto, ficaria muito mais se soubesse das ações nojentas de seu pai. Lhe disse apenas que Soraia, a megera da minha madrasta, havia implicado comigo morando com eles e alugou um apartamento para mim sem o meu conhecimento. Carla sabe que nunca tive vontade própria quando se trata daquela vaca e de sua filha. Um suspiro doloroso deixa minha boca ao lembrar que a cadela me enviou para cá quase obrigada, apenas um mês depois do acidente que deixou meu pai em coma. Os dois estavam passando um final de semana no haras de um parceiro de negócios de meu pai. Ele caiu de um cavalo e nunca mais acordou. Isso tem oito meses. Eu queria estar lá, cuidando dele, coisa que sei, nenhuma delas fará. Meu pai é a única família de verdade que me resta.

Quero dizer, família mais próxima. Tem os parentes da parte da minha mãe, mas, eles nunca foram muito presentes. Meu pai tem apenas uma irmã, que mora na Alemanha. Eu realmente não me recordo de tê-la visto em algum momento. Meus avós, de ambas as partes, morreram enquanto eu era criança ainda. Suspiro mais uma vez, não impedindo meus olhos de lacrimejarem. Me sinto tão sozinha. Tão sozinha. Mesmo estando brava com meu pai pela situação terrível em que nos colocou ao roubar aquele homem diabólico, não queria vir mais para cá. Não o deixando lá, largado naquele hospital. Ele também só tem a mim. Aquelas duas víboras não contam para nada. Nada! Ao pensar nisso, a imagem de Heitor Maxwell atravessa meu cérebro. Nunca mais o vi desde aquela noite, há um ano. Para ser sincera, o que me fez aceitar vir para cá foi a promessa de Soraia de resolver tudo. Ela garantiu que aquele homem cínico e cruel não viria atrás de mim. Então, eu vim embora, mesmo com o coração doendo. Só que... Eu ainda penso nele. Me envergonho em confessar isso, mas, de vez em quando a imagem daquele homem belo e frio, volta com uma força inexplicável em minha mente. Me envergonho ainda mais porque... Às vezes me toco pensando nele, naquele único encontro. Em como meu corpo se sentiu colado no dele, sentindo seu membro grande e duro contra mim. Ele me desejou também. Naquele breve esbarrão, nossos corpos se encaixaram e se desejaram. Me senti como que enfeitiçada, mesmo sabendo que era bem mais velho do que eu, isso não me importou. Nem um pouco. Talvez seja pelo fato de nunca ter visto outro homem como aquele em toda a minha vida. Aqueles olhos azuis gelados. Duros. Impositivos. Lindos. Ele mexeu comigo de uma forma profunda. Tão profunda, que mesmo após um ano, não consigo me livrar da lembrança dele.

Termino de vestir meu moletom velho e confortável, ouvindo a algazarra das meninas nos outros compartimentos. Saio, me dirigindo à bancada da pia. Penteio e prendo meus cabelos em um coque frouxo. É sexta-feira, porém, estou indo direto para casa. Não sou uma menina festeira e isso causa comentários, muitas vezes maldosos dos meus colegas de classe. Cissa, uma loira minúscula, e minha atual companheira de quarto, vem em minha direção, ajeitando os cabelos em um rabo de cavalo. Carla a interceptou em seu primeiro dia aqui na escola e a indicou para dividir o apartamento comigo. Cissa tem vinte anos e automaticamente passou a tomar conta de mim enquanto não completava dezoito, o que ocorreu na semana passada, graças ao meu bom Deus!

— Peter convidou a todos para uma bebida em sua casa. — anuncia com um sorriso brilhante. Peter é um dos bailarinos principais e seu namorado. — Você poderia vir dessa vez. Josh está vindo também. — balança as sobrancelhas.

Josh é o carinha novo que deixou todas em polvorosa, incluindo eu. Bem, posso não ser festeira, mas, não sou cega. Ele é lindo. Está inclusive, rolando apostas sobre quem o *pega* primeiro. Pois é, as meninas também podem ser grosseiras. Eu rio, ajeitando minhas coisas dentro da mochila. Carla ainda está dentro de um dos compartimentos. Ela leva uma eternidade no banho. Sempre foi assim.

— Meus pés estão me matando, Cissa. Vai ficar para a próxima. — me desculpo.

— Sofia, somos bailarinos. — ela zomba. — Claro que nossos pés sempre estão nos matando! Isso não é motivo para você se esconder em casa em plena sexta.

— Não vou me esconder. Apenas prefiro cuidar dos meus pés numa banheira quente. Mmm... — eu rio da sua carranca.

— Você não é normal. — sacode a cabeça em descrença. — O que eu digo ao Josh? Ele pediu para lhe dizer que está muito a fim. — ela diz.

Eu rolo os olhos, me encostando à bancada, observando-a se maquiar no espelho.

— Se ele está tão a fim, diga que me convide adequadamente para sair. — retruco, dando de ombros.

Carla sai de um dos compartimentos, ajeitando um vestido que desafia todos os limites da decência sobre o corpo bonito. Ela é uma morena de longos cabelos e olhos amendoados. É linda. Não é uma observação parcial por ser sua amiga, é a verdade.

— Você é tão antiquada, Sof. — rola os olhos antes de se virar e abrir o estojo de maquiagem sobre a bancada. — Não me admira que ainda seja virgem aos dezoitos anos, amiga. — seu tom não é nada baixo.

Cissa arregala os olhos. Eu gemo em desgosto.

— Fale um pouco mais alto, Carla. Eu acho que nem todos nesse andar conseguiram ouvir, amiga. — digo sarcasticamente, pegando minha mochila, jogando-a sobre o ombro. — Divirtam-se!

— Sof! Para de ser boba. — Carla ainda tenta, seu tom de desculpas, enquanto me dirijo para a porta. — Vamos à festa, amiga. Josh é o maior gatinho. As meninas estão todas loucas por ele. Se não for hoje, vai dar a chance de uma delas...

Olho por cima do ombro, já alcançando a porta.

— Se ele ficar com alguma hoje, significa que não está tão a fim de mim, afinal de contas, né? — rebato. — Sério, meninas, se divirtam. Hoje só quero ficar em casa, numa banheira morna, ouvindo boa música.

— Eca! Ela quer dizer música de gente velha. — Carla ri, mas não há deboche real, apenas implicância com meu gosto musical. Ela costuma dizer que sou uma alma velha presa num corpo jovem. — Sof? — torno a olhá-la. — Se cuida. Sabe que te amo, né? Só falo assim porque quero ver minha melhor amiga se divertindo.

Eu forço um sorriso, suas palavras me atingindo lá no fundo. Faz tanto tempo que não sei o que é diversão. E aquele sentimento de solidão, um velho conhecido meu, me invade. Uma sensação horrível de não pertencer a lugar nenhum, se espalha dentro de mim. Senti muito isso à medida em que crescia numa casa onde Soraia e Marcela faziam de tudo para tornar minha vida miserável. Essa solidão só tem aumentado nos últimos meses, aqui, nessa cidade enorme e estranha. Estou sozinha, e constatar isso dói. Dói muito.

— Eu sei. — murmuro, com lágrimas na garganta. Sou mesmo uma menina tola e sensível. Abro um sorriso para mascarar meu estado emocional.

— Te amo também, amiga. — olho para Cissa. — As duas. Se divirtam por mim. Prometo que irei na próxima.

Elas riem e me jogam beijos. Eu saio de lá, descendo rapidamente para a frente do prédio e tomo um táxi para o nosso apartamento. A viagem da *Steps on Broadway,*[3] onde tivemos aula hoje, até meu novo endereço no *Bronx,* leva pouco mais de trinta minutos. Soraia alegou que o dinheiro está curto e acabou alugando algo em *Riverdale,* na parte menos favorecida do bairro, claro. Pelo menos o edifício é bem cuidado e tem uma vista fantástica do Rio Hudson. Eu pago o motorista quando estacionamos na frente da escadaria do meu prédio e desço para o meio-fio. A brisa noturna me assalta, um arrepio tomando minha pele. Estremeço, ajeitando meu casaco e começo a percorrer os poucos passos para alcançar o primeiro degrau. A vizinhança aqui não é muito acolhedora quando a noite cai. Não é prudente ficar de bobeira na rua, ainda mais sozinha. Olho para o outro lado da rua e franzo o cenho ao ver um carro preto de luxo estacionado. Os vidros são escuros e não consigo ver se há alguém dentro. Outro arrepio me percorre. Nunca vi um carro tão luxuoso por aqui. Embora a vizinhança seja perigosa à noite, durante o dia as coisas são mais amenas. Quase todo mundo se conhece. Após uma última olhada, decido que o carro não é da minha conta e subo a escada.

Ao entrar em minha casa, vou direto para o *Home Teather.* Seleciono a pasta de Ana Carolina e suspiro indo para o quarto. O apartamento possui apenas dois cômodos. Sala e cozinha conjugadas, um quarto, que divido com Cissa e um banheiro no final do corredor. Há algo que me cativou no pequeno espaço, porém: uma banheira aconchegante, que uso para meus banhos relaxantes depois de treinos puxados, como os de hoje. Nossa instrutora avisou que há duas vagas para bailarinos clássicos para um musical na Broadway e todos estão dando o sangue, literalmente, para conseguir uma dessas vagas. Deixo a banheira enchendo e vou abrir uma garrafa de vinho. Aqui não tenho idade para beber, mas, o namorado de Cissa sempre deixa algo para nós quando vem visitar. Esse é mais fraco, seco, eu apreciei o sabor quando o experimentei no meu aniversário de dezoito na semana passada. Carla, minha inocente amiga, insistiu em organizar um jantar em sua casa. Eu tive que ir, cumprimentar a todos, inclusive o tarado do Flávio, e sorrir como se nunca o tivesse flagrado agarrando minha bunda. Eca! Sacudo a cabeça para expulsar a lembrança.

Eu entro na banheira morna alguns minutos depois e me permito relaxar.

Tomo apenas uma taça do vinho. Não sou de exageros. Rio um pouco, concordando com minhas amigas, eu acho que tenho mesmo uma alma velha. Apoio a cabeça na borda da banheira e fecho os olhos, a voz de Ana Carolina me ajudando a enviar o cansaço para longe, meus músculos vão se soltando, as dores sumindo. Sim, muito melhor do que ir para a festa me cansar ainda mais. Rio satisfeita. Quando a água esfria eu saio, me sentindo revigorada. Me enxugo e volto a vestir o roupão, indo para a sala/cozinha. Um bom filme e o resto da lasanha de berinjela que fiz ontem, vão cair bem agora. Ana Carolina está cantando: *eu só quero saber em qual rua minha vida vai encostar na tua*, quando atravesso a porta. Levanto minha cabeça, que esteve baixa e estaco abruptamente, meu coração indo parar na garganta. Oh, meu Deus! Há um homem dentro do meu apartamento! Levo a mão à boca para me impedir de gritar.

Como entrou aqui? Minhas pernas estão trementes, moles pelo susto. Deveria voltar para o quarto e trancar a porta. Espera. Eu paro para raciocinar... A porta estava aberta o tempo todo. O homem podia ter me atacado se fosse esse o seu objetivo. Ela não tem tranca. O que... Forço meus olhos nos ombros largos e imponentes do homem perto da janela. Está de costas para mim, mãos enfiadas nos bolsos, olhando para fora. Sua postura aparentemente calma e seu terno de aparência cara, me garantem que não é um ladrão. Então, meu coração parece que vai pular pela boca, quanto mais o observo, mais o reconhecimento me bate. Corajosamente procuro seu rosto através da janela de vidro e, oh, meu Deus! Arquejo alto quando meu olhar cruza com o seu. Os olhos azuis gelados, que estiveram me assombrando desde o nosso único encontro, cravam nos meus. Eu perco todo o ar. O impacto é tão forte que cambaleio contra a parede.

Heitor Maxwell. Eu gemo, outros tipos de emoções me tomando. Um misto de medo, repulsa e fascinação. Estremeço, meu corpo ficando estranhamente mole. Aquele arremedo de sorriso cínico brinca em seu rosto e ele se vira para mim. Meu corpo todo começa a tremer pra valer, à medida que cruza a pequena sala. Seus passos são elegantes, mas não me deixo enganar por isso. Esse homem é brutal. *Ele vai te fazer sangrar na primeira vez. Vai te comer sem dó.* As palavras maldosas de Marcela me vêm à mente. Os olhos frios descem pelo meu corpo, me causando aquela inexplicável sensação quente. Mesmo com medo, minha pele arrepia e eu arfo, lamentando o roupão curto, e principalmente, estar nua embaixo dele. Parece

que estou sempre o encontrando em desvantagem em matéria de roupas. Junto os lados do meu roupão, minhas mãos trêmulas, cobrindo meu colo. Um raio de diversão passa em seu semblante, olhos de águia acompanhando meu gesto. Ele para à minha frente. Muito grande, intimidante. Levanto a cabeça para encará-lo olho a olho, tentando a todo custo não parecer que estou quase mijando nas pernas. Arfo. Oh, Deus... Lindo. Muito mais do que nas minhas lembranças.

— Olá, menina. — sua voz é um tanto rouca. Olhos fixos nos meus. — Nos encontramos de novo.

— Heitor... — balbucio, minha voz ofegante. — C-como... Como entrou aqui?

Sua expressão é de desdém quando levanta uma chave na minha frente.

— O porteiro do prédio me deu uma chave reserva. — diz com sua arrogância de *dono do mundo*, que tanto me irritou há um ano. Torce os lábios sarcasticamente. — Com o incentivo certo, claro.

Dinheiro. Eu gemo em desgosto. Mesmo assim tento encará-lo de frente.

— Por que está aqui?

Seus olhos estreitam ligeiramente e ele me olha em silêncio por um instante, me fazendo ofegar enquanto o tempo passa. Esse homem é um predador. Está claro em seu rosto diabolicamente bonito, o quanto aprecia minha reação a ele.

— Temos um acordo, Sofia. — diz sem se alterar. — E você fugiu. Achou mesmo que iria ficar livre de mim, *futura esposa?*

Desdenha e eu fico gelada, petrificada. O quê?! Não. Soraia me prometeu que iria resolver tudo. Não pode ser... Por favor, Deus. Ana Carolina não está ajudando cantando o trecho: *eu quero te roubar pra mim...* Seu olhar azul continua fixo no meu. Fico sem palavras por um momento, apenas olhando-o, entre assustada e deslumbrada porque contrariando toda a razão, ele é soberbamente bonito. Deus, sua presença é esmagadora. Por que me sinto assim sobre esse homem? Pergunto-me completamente sem chão. Estou presa em seu olhar, encurralada.

— Soraia me disse que podia seguir com meus planos de estudar aqui. — digo, tentando soar o mais firme possível. Ele está muito perto. Seu perfume

chegando até mim sutilmente. — Me prometeu que resolveria esse... Assunto com você. Ela disse que...

— Ela tentou me empurrar sua outra filha. — ele meio que rosna isso. — Tentou me enganar e vai pagar por isso quando retornarmos ao Brasil.

Isso não é totalmente surpresa para mim. Soraia e Marcela são duas vacas ambiciosas. No entanto, são muito burras por achar que conseguiriam enganar um homem como esse.

— Fique com a Marcela. — minha voz sai entrecortada. — Por favor, ela é a mais bonita, sofisticada. Eu não me encaixo...

Ele meio que bufa. Sua mão direita levanta para meu rosto e eu fico tensa imediatamente. Seus dedos tocam meu rosto me fazendo saltar, ofegando, estremecendo com o ínfimo contato. Ele desliza os dedos em minha face, suaves como pluma. Uma onda quente e eletrizante invade meu ventre, descendo para a vagina. Sinto-me molhando, o líquido grosso e quente melando meus lábios vaginais. Seus olhos brilham mais. Duros. Inflexíveis. Suas narinas expandem e ele se inclina mais, inalando-me.

— Permita-me discordar, bebê. — sussurra asperamente, o polegar escorregando, passando pelos meus lábios. Engulo em seco, entreabrindo-os, sentindo tudo em mim latejar. Meus seios ficam duros empurrando o tecido atoalhado do roupão. — Você vai se encaixar muito bem... Escolhi você. Não há como escapar disso, neném.

Eu bufo para a forma debochada como diz *neném.* Além disso, não nega que Marcela é a mais bonita e sofisticada. Isso me deixa irritada contra a minha vontade. Eu não me importo com sua opinião idiota. Não me importo.

— Não, eu não vou me encaixar por uma razão bem simples: — cerro os dentes, querendo empurrá-lo. — Não quero você, senhor Maxwell!

Um canto da boca firme levanta com minha audácia. Então, sei que estou em sérios apuros quando seu corpo chega mais perto, prendendo-me contra a parede. Uma mão grande segura minha cintura, puxando-me forte contra ele. Fico tonta pelo contato, seu cheiro, a sensação do corpo grande, de homem feito, subjugando o meu.

— Você quer, Sofia. — diz, os olhos flamejando. — Não tente enganar um homem experiente como eu, menina. — sussurra, seu rosto bem perto do meu, provocando-me com esse termo que detesto. Meus olhos

involuntariamente vão para sua boca. Quero bater nele e ao mesmo tempo puxá-lo para um beijo. Meu Deus! Pare com isso, Sofia! Me recrimino. Ele é um imbecil completo. Coloco minha língua para fora, na intenção de lamber meus lábios subitamente secos, mas, só encontro seu polegar pelo caminho. Droga. Um rosnado baixo sai da sua garganta com a minha lambida desajeitada em seu dedo. Ele empurra o quadril em mim e resfolego, sentindo seu pênis excitado. É grande e grosso. Minha excitação escorre no topo das coxas. Minha reação a ele é, no mínimo, humilhante. Nunca na minha vida senti nada parecido com isso. O que é isso, meu Senhor? Por que com ele? Por que com esse homem? — Sente como meu pau está duro por você?

Eu gemo, fechando os olhos, mortificada com suas palavras cruas. Ele é um selvagem!

— Não quero. Me deixe em paz! Você pode ter qualquer mulher que quiser! — tento empurrá-lo, mas só consigo gemer mais quando espalmo as mãos em seu peitoral duro sob o terno.

Seus olhos estreitam e aquela expressão gelada o toma por completo. Suas mãos sobem pelos meus braços, me causando arrepios. Ele ri cinicamente.

— Sim, eu posso ter qualquer mulher. — diz, chegando às abas do meu roupão. Eu ofego, medo, excitação guerreando dentro de mim. — E é por isso que vou ter você. Chega dessa conversa infrutífera. — rosna, puxando meu roupão pelos ombros, arrancando-o sem a menor delicadeza. — Me mostre o que é meu.

O tecido escorrega rapidamente para o chão antes que possa reagir. Pânico me toma por inteiro. Oh, meu Deus! Ele vai me foder aqui, contra essa parede? Marcela tinha razão. Esse homem é um demônio. Ele se afasta um pouco para me ver por inteiro. Meu primeiro pensamento é colocar um braço sobre os seios e uma mão cobrindo meu sexo, porém, isso não o parará. Estamos sozinhos. Estou à sua mercê, quer goste ou não. Então, estico a coluna, lhe lançando um olhar mortal. Seu olhar permanece preso no meu por algum tempo, naquele jogo doente que já percebi, adora fazer.

— Corajosa, bebê. — sua voz é baixa, enganosamente suave. — Eu gosto disso. Gosto muito disso. — e seu olhar desce pelo meu corpo. Eu tremo sem controle, meus seios ficam pesados, os bicos ainda mais pontudos. Minha vagina pulsa em resposta ao olhar de puro interesse masculino que está me dando. Penso ter ouvido um gemido baixo vindo dele e isso me agrada. Odeio

que deixá-lo excitado me agrade, droga. — Um ano lhe fez muito bem, Sofia. Adquiriu mais curvas. Agora parece uma mulher. — seu olhar vaga pelo meu torso e vejo-o cerrar o maxilar quando crava os olhos em minha vagina. — Que gostosa... — murmura com voz engrossada. Eu latejo ainda mais, um gemido escapando da minha boca. Ele ri, do jeito irônico que odeio desde o nosso primeiro encontro. — O casamento será depois de amanhã. — anuncia e volta a me olhar no rosto.

Essas palavras suplantam toda a minha excitação. Esqueço que minhas coxas estão meladas de desejo pelo homem maquiavélico. Sua postura arrogante, seus olhos frios como gelo me inflamam e eu me estico mais ainda, decidida a não me entregar facilmente.

— Já disse que prefiro morrer a ser a sua prostituta, seu porco! — cuspo, lágrimas quentes inundando meus olhos, me traindo. Ele ri da minha afronta e chega perto outra vez. Eu engasgo, olhando para todos os lados, procurando uma rota de fuga. Não havendo para onde ir, volto a encará-lo. — Você vai me estuprar? Saiba que vou te odiar até o fim dos meus dias, seu cretino!

Ele gargalha, jogando a cabeça para trás, então, volta a me encarar, a expressão gelada nos olhos bonitos. Como pode alguém ser tão bonito e tão sem caráter? Ele para um instante, franzindo o cenho, me lançando um olhar aguçado.

— Quantos? — pergunta baixo, laconicamente. Eu junto as sobrancelhas em confusão. — Com quantos você fodeu enquanto estava aqui, fugindo de mim?

Meu rosto fica quente, em chamas. Maldito!

— Isso não é da sua conta! — ranjo os dentes. — E eu não estava fugindo. Não tenho nenhum compromisso com você!

Ele me prende novamente contra a parede, rápido, letal. Puxa meus braços, elevando-os acima da minha cabeça bruscamente. Fecho os olhos com força. É o fim. Ele vai me foder aqui, me machucar. Me fazer sangrar. Tento acertá-lo entre as pernas, só que o cretino é mais rápido. Gemo de frustração e impotência. Chuta minhas pernas mais afastadas e segura meus pulsos com uma mão só, enquanto a outra desce pela minha clavícula até chegar ao seio direito. O acaricia, gentilmente, para a minha surpresa. Estou ofegando pela luta, mas, também pelo desejo imoral inflamando minhas

veias. Agora não sei mais o que estou sentindo. Tudo está misturado. Medo, raiva, tesão louco por esse homem horrível. Sua boca torce no sorriso cínico e ele a desce devagar sobre o meu seio esquerdo.

— Ahh! — Os lábios quentes e experientes sugam o bico com firmeza e eu não consigo segurar o choramingo. Uma onda deliciosa de prazer me atravessa. — Oh, meu Deus! — grito quando belisca o outro seio, puxando o mamilo duramente e passa a mamar em mim com força. Arquejo, meu corpo tremendo mais e mais, sendo subjugado, tomado sem permissão pelo meu belo algoz. Sua boca perversa mordisca o bico e depois a carne do seio todo, engolindo-o, devorando-o sem pena. Pulso, ofego, choro, me retorço, meu quadril procurando alguma fricção contra ele, esqueço-me do meu amor próprio e gemo, sem forças para me desvencilhar dele. O que sinto é poderoso demais. Não consigo lutar contra. Não consigo. Sua mão para a tortura em meu seio e serpenteia pelo meu ventre. Segura minha cintura e vai me explorando, apertando delicadamente, como se estivesse memorizando cada curva. Um som que é meio gemido, meio rosnado reverbera em meu seio quando alcança entre minhas coxas.

— Porra, essa bocetinha está pingando para mim, neném. — zomba, passando a sugar o outro seio, enquanto desliza os dedos vagarosamente entre meus lábios vaginais. Entro em pânico quando vai introduzindo um dedo grosso em meu canal virgem. Arfo, dividida entre o prazer e o medo de ser machucada.

— Não... Por favor... — balbucio, tentando encontrar forças para pará-lo, mesmo sabendo que nada posso fazer contra um homem desse tamanho. Ele passa a me penetrar devagar com o dedo. Estou tão molhada que fico envergonhada. Eu o quero. Não há como negar. — Não me machuque.

Ele para de sugar meu seio e se ergue, o rosto ficando bem próximo do meu. Seus olhos são como lasers me escrutinando.

— Quantos? — torna a perguntar, semicerrando os olhos.

Eu não posso mais fugir, então, respondo num fio de voz.

— Nenhum. Eu ainda sou virgem.

Surpresa toma o seu rosto, que vai dando lugar à desconfiança. Ele estreita ainda mais os olhos e volta a enfiar o dedo em mim.

— Se estiver mentindo para mim, vai pagar caro, menina... — geme

quando para no meu hímen. Arfo, tremendo.

— Por favor, não me tome assim... — imploro.

Seu rosto torce com algo parecido com arrependimento. Mas, é tão rápido que me pergunto se vi isso mesmo.

— Eu não vou machucá-la. — murmura quase com raiva pela minha súplica. — Não sou nenhum bárbaro, Sofia. — range os dentes, parecendo ultrajado. Eu fico confusa. Ele não é? — Não vou estuprar você. Pelo amor de Deus! Nunca precisei forçar uma mulher e não vou começar agora. — no entanto, não retira o dedo, pelo contrário, acrescenta mais um e me fode devagar, me olhando de perto, vendo todas as minhas reações. O polegar encontra meu clitóris e o esfrega gentilmente a princípio. Gemo baixinho, rendida, molhando, latejando mais. Ele sorri. Um sorriso que parece quase livre de sarcasmo e sussurra: — relaxe, bebê, não lute contra isso. — sua voz fica mais suave, diabolicamente sedutora. Seus lábios trilham beijos em minha face e vão para o meu ouvido. Gemo, virando a cabeça, deixando-o sugar o lóbulo, depois lamber, mordiscar. Uma onda quente diferente de tudo que já senti quando me toco, está se formando em meu ventre. Seus movimentos aceleram gradualmente. Até que passa a me comer com força, mas, os golpes não são tão profundos. Está preservando minha virgindade e isso me confunde mais ainda. Sua boca desce, raspando os dentes e ele suga um ponto entre o ombro e pescoço, me fazendo choramingar de prazer. Passa a morder com certa pressão e me vejo gostando disso. — Vamos, neném, goze para mim. — comanda contra a minha pele, me arrepiando. — Deveria ser o meu pau aqui dentro. Porra, estou tão duro por você. — range e mói o pênis duro contra o meu quadril. — Na próxima vez que você gozar será comigo dentro dessa boceta, gozando também, te enchendo com a minha porra.

Suas palavras ásperas e depravadas me jogam sobre o precipício. É humilhante, mas, é exatamente isso. Sua perversão me excita.

— Ohh! — resfolego, meu corpo todo entrando em erupção, uma barreira se rompendo. — Heitor... — chamo seu nome involuntariamente. Ele rosna e me morde mais forte no ombro. Então, eu explodo em seus dedos. Gozo com uma força absurda. Eu fico sem fôlego.

— Sim, menina. Não há como fugir disso. Você é minha. — grunhe, continuando a empurrar os dedos em meu canal, que está pingando agora.

Solta meus pulsos e pendo minha testa em seu ombro, resfolegando. Meu Deus! O que foi isso? Espasmos secundários espiralam em meu corpo. Puxa os dedos devagar de dentro de mim e eu gemo. Com os olhos fixos nos meus, lambe a mão toda lambuzada, sugando um a um os dedos sujos com o meu gozo. Jesus Maria José... Minhas pernas mal me sustentam quando ele se afasta. Fica alguns passos de mim, o olhar passa pelo meu corpo nu, levemente suado. Ele está todo composto, nada de respiração ofegante como eu. Puxa um lenço do bolso do terno e limpa a mão, a imagem do homem elegante. Seus olhos voltam a ser frios e inflexíveis quando me diz:

— Arrume suas coisas, Sofia. Vamos pegar o jato de volta para o Brasil dentro de duas horas.

Eu arquejo, meu peito subindo e descendo. Toda a satisfação do gozo me abandona e meus olhos se enchem de lágrimas. Ele rola os olhos e encara o relógio caro em seu pulso.

— Por favor, eu tenho uma vida aqui. — pego o roupão do chão me cobrindo. Vergonha tardia caindo sobre mim. Deus! Eu o deixei me tocar. Não apenas isso. Eu... Gostei, ansiei por isso.

— Não tem mais. — retruca laconicamente. — Já resolvi tudo. Sua matrícula na escola de dança foi encerrada, o contrato desse apartamento foi passado para a sua colega de quarto...

— Como fez tudo isso? — indago atônita e revoltada pelas suas medidas despóticas.

— Cheguei há dois dias. — diz como se apenas esse fato explicasse seus desmandos em minha vida. As lágrimas queimam meus olhos à medida que ele revela como descontruiu cada tijolo da vida que estava construindo aqui.

— Por favor, não tenho paciência para joguinhos e birras infantis. — torna a falar, seu tom entediado. — Agora vá arrumar as suas coisas.

— Eu te odeio! — explodo, limpando meu rosto com raiva. — Vai pagar pelo que está fazendo comigo!

Os olhos azuis me fixam impiedosamente.

— Não, Sofia, *você* é quem vai pagar. Cada noite na minha cama. — rosna baixo. — E quem disse que me importo com seus sentimentos? — me olha de cima a baixo. — Vou te comer, menina. Apenas isso. — ri cínica e

maliciosamente, tocando a ponta do lenço em seu bolso. — Vamos foder muito e você vai amar cada momento. Seja esperta e perceba a lição que lhe foi ensinada hoje, bebê. — diz complacente. — Tesão e química, nada tem a ver com amor. Você pode me odiar, mas, vai gozar gostoso no meu pau. Vai tomar a minha porra todo maldito dia até engravidar do meu herdeiro! Vai abrir as pernas para mim toda vez que eu quiser! Fui claro?

Eu corto a distância entre nós e o pego de desprevenido com um tapa forte em seu rosto. Imediatamente cubro minha boca com as mãos. Meu Senhor! Choque me toma. Nunca fui assim, agressiva. Abro a boca para falar, mas seus olhos são lagos gelados sobre mim agora.

— Eu só vou dizer mais uma vez, Sofia. — seu tom é mortal. — Vá. Arrumar. Suas. Coisas. Porra!

Dessa vez eu não discuto. Me viro e entro no quarto, fechando a porta e me recostando a ela. Oh, meu Deus! Meu corpo está todo tremendo, sem controle. O que será da minha vida com esse homem?



CAPÍTULO DOIS

São Paulo... Brasil...

Sofia

Eu acordo sobre um colchão e lençóis muito macios, cheirosos. Mmmm, sorrio, me esticando, ainda de olhos fechados, meu corpo gostando desse tratamento após alguns meses dormindo numa cama de solteiro horrível. Esse pensamento me faz arregalar os olhos, os acontecimentos da noite de ontem sendo processados. O quê? Eu ofego com as imagens evocadas. *Heitor Maxwell.* Ele foi atrás de mim e me obrigou a voltar para cumprir um acordo imoral, digno dos Senhores Feudais. Serei sua prostituta pelo tempo que o homem ridículo me quiser. Mais imagens voltam em meu cérebro ainda lento do sono e gemo, mortificada. Eu o deixei me foder com os dedos, chupar meus seios e me fazer gozar. Me comportei exatamente como ele quer: uma puta, me dando sem nenhuma vergonha. Repulsa me invade e levanto o torso, meus olhos correndo pelo cômodo semiescuro e silencioso. É um quarto enorme. A cama que estou é absurdamente grande, lençóis de aparência extravagante e cara deslizam em meu corpo.

Meus olhos ampliam mais quando percebo que estou vestindo uma curta camisola de seda – que não é minha – igualmente cara, como tudo nesse recinto. Quem me despiu e vestiu isso? Espera... Quem me trouxe para cá e de quem é esse quarto, em primeiro lugar? Me arrasto pela imensa cama, escorregando minhas pernas para o chão. Me espreguiço, bocejando e meu olhar recai sobre o criado-mudo. O relógio está marcando 11:45 da manhã. Estamos no Brasil, possivelmente na casa do *Senhor Feudal?* Bufo ironicamente, mas, sorrio grata ao ver as sandálias Havaianas no chão. Essas são minhas. As calço e me levanto, indo em direção ao feixe de luz de uma porta entreaberta, onde presumo, seja o banheiro. Meu tornozelo direito reclama do simples esforço. Droga. Meus ombros caem em derrota. Era uma vez um sonho de ser bailarina. Infelizmente a dança profissional estava com os dias contados para mim, essa é a triste verdade que estou escondendo de todos. Parece que se eu não contar, não se torna realidade. O médico me proibiu de dançar desde que sofri uma fratura por stress no meu pé de apoio, apenas um mês depois que cheguei em Nova Iorque.

Para ser sincera, é uma lesão crônica, sinto-a desde os quinze. Comecei no balé bem cedo. Era uma estratégia para fugir de casa e da minha triste vida

familiar, porém, passei a amar a dança e a sonhar com uma carreira. Eu queria ser como minha compatriota, Ana Botafogo, a bailarina brasileira que mais teve projeção mundial. Apenas um sonho tolo de menina. Como tudo em minha vida, isso também tinha que ser arrancado de mim, claro. Minha mãe, meu pai — e não estou me referindo a apenas o seu estado vegetativo de agora, o perdi no instante em que levou aquelas duas víboras para a nossa casa —, e agora, meu sonho escorregou por entre meus dedos. Tudo se foi. O médico disse categoricamente em minha última consulta, que se insistisse em dançar, iria usar muletas num futuro bem próximo. Estremeço, meus olhos enchendo de lágrimas. Eu teria que parar, mesmo se não tivesse tido a triste sorte de ser a escolhida para incubadora particular daquele tirano. Um soluço de dor e desilusão me escapa. Suspiro tremulamente quando chego à porta, confirmando que é um banheiro. Um banheiro maior do que o lugar onde vivi nos últimos meses. Certo, isso foi exagero, porém, isso aqui parece coisa de outro mundo. É muita riqueza. Entro, minha atenção sendo captada pelo enorme espelho sobre a bancada de mármore da pia. Apoio as mãos na pedra fria e encaro meu reflexo. Sou a imagem da derrota. Meus olhos verdes estão opacos, sem vida, sem esperanças.

— Não há mais nada para você, Sofia. — minha voz quase não sai, embargando, minhas faces sendo banhadas por lágrimas quentes. — Você não tem nada. Nunca teve.

Estou amaldiçoando minha sorte quando algo me chama atenção em meu pescoço. Arfo, levantando a mão, tocando a pele arroxeada e levemente dolorida. É um chupão, ou uma mordida, sei lá. Raiva ferve em mim. O cretino me marcou. Contudo, mesmo revoltada, me recordo da sensação indescritível que senti quando gozei em seus dedos, sua boca chupando, mordendo meu pescoço. Meu núcleo palpita, umedecendo contra a minha vontade. Meu Deus, estou ficando louca! Nada mais explica minha atração por Heitor. Ele é o homem mais cruel e sem escrúpulos que já conheci. Era para odiá-lo, completamente, só que não é isso que acontece. Algo nele me excita demais, me deixa fraca, facilmente entregue quando estou em sua presença. Uma imagem meio borrada me vem à cabeça. Um cheiro gostoso de perfume masculino bem em meu nariz. Ele me carregou do jato até um carro negro que nos aguardava na área dos voos particulares no aeroporto de Guarulhos. Depois, me trouxe até aqui. Lembro apenas de trechos desse trajeto.

Estava cansada, física e emocionalmente e apaguei todo o voo. Um suspiro bobo escapa da minha boca, recordando-me da sensação gostosa de ser carregada em seus braços fortes. Sei que esse definitivamente não é o caso, mas, senti uma inexplicável sensação de proteção ao ser deitada com delicadeza sobre a cama macia. Mãos firmes, porém, cuidadosas, me despindo e depois, me vestindo. Franzo o cenho, confusa agora. Isso não combina com sua frieza. Um flash dos olhos azul-gelo, ele debruçado sobre mim, olhando meu rosto de perto, me bate claramente. *Durma bem, menina.* Murmurou e é só o que me lembro. Devo ter apagado de novo. Eu bufo para meu pensamento ridículo. *Proteção.* Aquele homem quer apenas foder o meu corpo, como fez questão de me dizer sem o menor remorso ou decência. Sou apenas o seu depósito particular de esperma até gerar o seu herdeiro. Volto a estremecer ante a ideia. Como isso vai funcionar? Deus, eu sou virgem ainda. Como pode querer me engravidar assim, sem a menor consideração, como se estivéssemos numa sociedade séculos atrasada?

Tomo banho, constatando que há inúmeros artigos de higiene na prateleira do box. Todas as marcas que uso e outras que tenho medo até de tocar nos frascos por que, caramba, são caríssimas! Parece que alguém estava bem preparado me esperando. Ironizo. Escovo os dentes e me enxugo, vestindo um dos roupões novos que encontrei. Meu Deus, o tecido é tão macio que a gente não quer mais sair dele. Há opulência para todo lugar que olho. Eu sempre soube que os Maxwell eram podres de ricos, mas, nunca, e quero dizer nunca, estive num recinto tão luxuoso. Penteio os cabelos e os deixo cair molhados sobre ombros e costas. Me sinto acordada agora, meu estômago está roncando, me lembrando de que já tem algum tempo que não como. Começo a pensar nas prioridades do dia. Preciso ir visitar meu pai no hospital, e avisar a vaca da minha madrasta que estou de volta. Embora suspeite de que ela já saiba. Quando volto para o quarto, estaco. Há uma mulher loira, elegantemente vestida, parada no meio do cômodo. De onde ela veio?

— Oh! — ela arregala os olhos, surpresa genuína invadindo seu rosto bem maquiado. — Realmente jovem... — diz quase só para si, enquanto seus olhos castanhos se estreitam e deslizam por mim. A forma como faz isso me deixa um tanto desconfortável. Permaneço parada. Vem até mim, parecendo uma modelo de passarela, me rodeando. Tenho a impressão de ouvir um leve bufar. Quem é ela? Me pergunto desorientada. — Sou Cibele, querida. —

sua voz é forçosamente educada quando para em minha frente, seus olhos intrusivos nos meus. — Heitor me enviou para cuidar de você. Serei sua personal stylist de agora em diante.

— Prazer em conhecê-la. Sou Sofia. — estendo a mão. Ela rola os olhos e se afasta sem aceitar minha mão. O quê? Meu rosto esquenta com sua falta de educação.

— Eu sei quem você é, querida. — seu tom se torna abertamente zombeteiro. — É a bocetinha jovem que Heitor cismou em foder apenas para se divertir. — eu ofego com sua linguagem vulgar. — Me surpreende que seja tão jovem. Mas... Ele é assim mesmo, uma força espetacular da natureza, não é? — seu tom amolece um pouco nessa última frase, um sorriso maldoso se abrindo. — Fogoso, viril demais...

Fico sem ação com tamanha grosseria. Essa mulher está tão despeitada que não consegue ser profissional comigo. Com certeza já esteve na cama de Heitor. Uma sensação ruim e inesperada abre espaço dentro de mim. Algo que me deixa ainda mais revoltada: ciúmes. Estou com ciúmes de Heitor com ela. De jeito nenhum! Não estou com ciúmes daquele Senhor Feudal. Não e não!

— Ah, e você deve ser uma das muitas mulheres descartáveis que ele come, estou certa? Vejo os tabloides sensacionalistas. Não é nada pessoal, querida. — a réplica desaforada escapa para fora da minha boca antes que a detenha. Droga. Quero me bater agora. Não sou uma menina que usa palavrões.

Minhas palavras surpreendem a mulher também. Tenho que admitir que gosto disso, de ver como seu rosto vai de descaso óbvio ao ódio em segundos. Se afasta um pouco, me medindo dos pés à cabeça. Sei como pareço perto dela, pequena e insignificante. Ela é alta, muito bonita, elegantíssima. Pelo menos no exterior, adiciono sarcasticamente. Seu corpo é maduro, de mulher, envolto em um vestido vermelho com abertura frontal, deixando boa parte das coxas à mostra. Devolvo sua análise minuciosa. Deve estar na casa dos trinta, acho.

— Ora, ora, o casamento deve estar subindo à cabeça. — ela zomba e se vira, indo até sua bolsa sobre uma das poltronas. Volta para mim segurando um tablet. — Não se iluda achando que pode agradar... — bufa, rindo com claro deboche. — Ou segurar um homem como Heitor Maxwell, querida. —

meu sangue ferve. Que mulher mais horrorosa, sem educação. Se Heitor a enviou, deveria estar me tratando com o mínimo de profissionalismo. Eu rolo os olhos ao pensar isso. Em primeiro lugar, o cretino não devia ter me enviado uma mulher que já esteve em sua cama. Parte da minha raiva vai para ele também. Ela suspira dramaticamente. — Enfim, deixe-me trabalhar. Já abasteci seus armários com artigos mais genéricos como roupões e roupas de dormir. Porém, vou precisar das suas medidas exatas para providenciar o restante do guarda-roupas digno da *senhora Maxwell.*

Tenho vontade de rir pela forma desgostosa que pronuncia isso. Coitada. Deve ser humilhante ter que vestir alguém que considera uma rival.

— Vamos encerrar aqui, Cibele. — digo, passando por ela em direção ao closet, que mais parece outro quarto. Me pergunto se esse é o quarto do *todo poderoso.* Descarto a ideia, notando que não há nada remotamente masculino por aqui. — Poupe-me de ter que aguentar o mau humor de uma mulher recalcada, em troca, será poupada de passar pela humilhação de vestir a futura esposa de seu amante. Todo mundo sai ganhando. — digo, abrindo as portas do armário e fico feliz em ver minhas roupas antigas. Visto um jeans velho, camiseta baby look verde, calço um tênis confortável e volto. A mulher ainda está lá, parada, uma carranca profunda no rosto. Bufa com reprovação para meu traje.

— Pouco me importa sua opinião, *princesa.* — zomba, voltando sua atenção para o tablet. — Heitor está contando comigo para esse trabalho e eu gosto de mantê-lo sempre muito... — seu olhar sobe para o meu, com desafio e completa: — satisfeito...

Que puta! Esqueça toda essa coisa de não usar palavrões. Parece que isso vai ser impossível em minha nova vida. Estou me preparando para lhe dar outra resposta à altura quando me sobressalto com a voz profunda e fria, bem familiar, vindo da porta:

— O que acha que está fazendo, Cibele? — Heitor pergunta em tom baixo. Jesus Maria José! Como entrou tão sorrateiramente?

Eu nunca vi uma pessoa virar a cabeça tão rápido quanto Cibele. Ela encara Heitor, que está avançando devagar pelo quarto, uma expressão nada satisfeita – sem trocadilhos – em seu rosto. Porque sou uma garota muito tola, me pego admirando sua figura alta e intimidante. Está usando um terno de três peças, que em outros tempos acharia antiquado, só que agora, Deus...

Agora é simplesmente a perfeição. É oficial: estou doente da cabeça.

— E-eu estou fazendo o trabalho que me incumbiu, Heitor. — Cibele gagueja, então, recupera a confiança, abrindo um sorriso sensual. — Ela é uma menina linda! Estamos nos dando tão bem, meu querido.

Novamente, que vaca! Eu gemo, desistindo de contar meus palavrões. Os olhos de Heitor se mantém sobre a mulher daquela forma fria e assustadora que já me é bem familiar, infelizmente.

— Eu ouvi tudo o que disse para Sofia. — continua no tom calmo e baixo e meus olhos continuam sobre ele, como que ridiculamente hipnotizada. Um arfar alto me faz desviar o olhar para a mulher. Está pálida agora. Não posso evitar pensar: bem feito! — Não vou tolerar tamanho desrespeito com a minha mulher. Saia da minha casa, Cibele. — caramba! Eu abro a boca para lhe corrigir que ainda não sou sua mulher, mas, nesse momento ele vira a cabeça, os olhos azuis penetrantes colidindo diretamente nos meus e como sempre acontece, perco a fala. Fico parecendo um peixinho dourado: abrindo e fechando a boca sem nenhum som. Meu Senhor... Aquele canto de boca cínico se levanta, olhos quase divertidos pela minha sempre ridícula reação a ele. Me dispensa em seguida, voltando a olhar a mulher antipática e eu respiro aliviada.

— Não, por favor, Heitor, me dê mais uma chance. Minha loja está passando por graves problemas financeiros e vestir essa menina...

— Vestir a senhora Maxwell. — ele a corrige ainda no tom gelado.

Ele está tomando minhas dores? Estou muito confusa agora.

— Sim, vestir a senhora Maxwell, seria uma honra para mim. — ela implora, toda a pose arrogante escorregando. Começo a me sentir um pouco mal, para ser sincera. Meu coração é de manteiga, admito. Não aprecio ver ninguém se humilhando. Ela mereceu, foi uma vaca total antes, mesmo assim, não aprecio. — Por favor, fui extremamente inadequada e deselegante. Queira me desculpar, Sofia. — seu olhar procura o meu, aflito. Uh, o mundo dá voltas. E muito rápidas, nesse caso. — Podemos começar de novo, não é mesmo, querida?

Me olha com esperança e eu engulo em seco. Sinto os olhos de Heitor sobre mim e o olho, pedindo ajuda silenciosamente. O que faço? Não quero atrapalhar os negócios da mulher, mas, também não quero conviver com ela

me tratando bem de forma forçada. Não há mais clima.

— Você arruinou suas chances quando agiu estupidamente, Cibele. — Heitor torna a falar, seu tom inflexível que também conheço. Parece que estou bem versada em meu futuro marido, não é? Debocho. — Vou lhe pagar pelo que já fez, mas, quero que deixe a minha casa, imediatamente.

A mulher abaixa a cabeça e pega suas coisas, deixando o quarto sem mais reclamações. Deve conhecê-lo bem o suficiente para saber que não há argumentos com o todo poderoso. Um silêncio inquietante cai sobre o recinto. Levanto meus olhos e já o encontro me olhando.

— Foi de muito mau gosto. Isso não se repetirá. — diz, sua voz um tanto rouca e os olhos baixando para meus seios. Meu rosto fica vermelho, sabendo que está vendo meus mamilos eriçados. Eles estão assim desde a sua entrada repentina.

— Sim, enviar sua amante para cuidar de sua futura esposa foi de péssimo gosto. — retruco, não me deixando amolecer pelo fato de Heitor Maxwell estar me pedindo desculpas. Certo, não é *aquele* pedido de desculpas, mas, vindo dele já é algo. — Mesmo que esse casamento não seja *real*, ele ainda será legal, não é?

— Sim. — seus olhos estreitam subindo para os meus. — Seremos marido e mulher, legalmente. — aquele meio sorriso cínico torna a curvar sua boca.

— Então, faça o favor de manter suas amantes longe de mim. — cuspo. Estou muito irritada. E fico ainda mais porque não quero aceitar a razão para essa irritação toda. Ciúmes.

O cinismo toma conta do seu rosto bonito. Ele usa uma barba bem aparada agora. A sensação dela roçando meus seios e pescoço me vem nitidamente. Eu pisco, enviando as lembranças indecorosas para longe. Esse homem é um bruxo. Me enfeitiça toda vez que me crava com esses olhos azuis impiedosos e frios. Sim, um bruxo.

— Ela não é minha amante. — diz calmamente. — Já foi, mas, perdeu a graça há alguns anos. — dá de ombros como se não estivesse falando de uma pessoa e sim, um objeto. — Gosto de variedade no sexo, Sofia... — diz como se fosse uma informação qualquer. É a minha vez de estreitar os olhos. Ele está dizendo o que acho que está? — Esteja avisada de que, se eu sentir tesão por uma ou mais mulheres fora do casamento, vou foder com elas. Nunca me

satisfiz comendo apenas uma boceta.

Eu arfo. Sua declaração me acertando em cheio. Odeio como fico decepcionada com suas palavras machistas. Ele está preso numa sociedade de séculos atrás, agora tenho certeza. Esse homem é muito pior do que pensei, meu Deus. Respiro fundo e o encaro fixamente para lhe dar o meu recado:

— Eu não me importo. Faça o favor de me engravidar logo para que eu possa me ver livre de você. — olho-o com todo o desprezo que estou sentindo. — E use camisinha com suas putas, eu não quero pegar doenças, seu porco machista!

Aquele indício de sorriso jocoso, perverso, cruza seu rosto novamente e ele anda devagar para perto de mim.

— Ciúmes, bebê? — sussurra parando à minha frente. Vou me afastar, mas, ele segura meu pulso, me puxando com força contra seu corpo duro. — Você pensou em mim hoje? — usa um tom baixo, carregado de depravação, trazendo a mão livre para o meu rosto. Como a menina tola que sou, eu arfo. Seus olhos gelados aquecem por um instante, apreciando minha falta de controle.

— Porque pensaria em você? — minto, minha voz sai ofegante. — É o homem mais desprezível na face da Terra.

Ele ri mais amplo, malvado e traz a boca para meu ouvido, sussurrando:

— Mentirosa. — morde o meu lóbulo, me fazendo arfar mais, o líquido quente encharcando minha calcinha. — Você quer o meu pau. Sou um homem experiente, menina. — seu tom é áspero e desce a boca perversa pelo meu pescoço. Um rosnado escapa dele ao tocar a marca que me deixou ontem. A beija gentilmente, para meu espanto. — Só falta mijar nas pernas quando me vê. — zomba de mim. — Está tão molhada agora que seria muito fácil enterrar meu pau até o talo nessa bocetinha virgem.

— Te odeio! — rosno, tentando me soltar em vão.

Seus olhos ficam mais frios e malvados.

— Diga, bebê, como é me odiar e ainda assim, estar pulsando e pingando para ser comida por mim? — esfrega seu membro duro em minha barriga e eu molho mais, desavergonhada, humilhada.

Juntando todas as minhas forças, o empurro, me desvencilhando e ando

para o outro lado do quarto, tomando uma boa distância. Meu corpo todo está trêmulo, quente, desejoso. Sua risada é baixa e cínica às minhas costas.

— Fuja enquanto pode. — diz asperamente. — Amanhã, neném. Amanhã não haverá para onde correr.

Fecho meus olhos, meu coração saltando, minha vagina pulsando louca e desavergonhadamente com sua ameaça. Meu Deus... Não há nenhuma explicação para isso... Não há. O detesto e desejo com a mesma intensidade.

— Preciso ver meu pai no hospital. — mudo o assunto, tentando regularizar minha respiração.

Silêncio. A tensão sexual pode ser cortada com uma faca de tão densa. Posso sentir seus olhos gananciosos sobre mim e isso não colabora para me acalmar.

— Pode ir com o meu motorista. Vou trabalhar o resto do expediente em casa hoje. — fala às minhas costas, alguns instantes depois. Respiro fundo e me viro para ele. — Deve estar com fome. Sempre que quiser pedir algo, disque o 3, a ligação cai direto na copa. — avisa indicando um interfone sobre o criado-mudo. Sua voz já está plana, inalterada e me pergunto como consegue. Sondo-o, atenta, curiosa para entender mais sobre esse homem. Acho que tem algo a ver com a experiência. Mas, alguma coisa me diz que Heitor Maxwell jamais se abala. É próprio dele. — Rosa é a minha governanta. Ela providenciará qualquer coisa que quiser.

— Obrigada. — murmuro por pura educação, me perguntando pela milésima vez que situação é essa em que me meti. Suspiro. Não, que *me* meteram.

— Vou pedir a minha assistente pessoal que providencie outra *personal stylist.* Fique com o seu celular à mão, caso ela precise ligar para você.

— Certo. — digo apática, como um robô treinado. Seu cenho franze para minha aceitação pacífica. O que ele não sabe é que estou ficando cansada de lutar. Muito cansada.

— Meu irmão, Tristan, virá jantar aqui hoje. Sempre chega por volta das oito, então, esteja aqui a tempo de se preparar, quero apresentá-la a ele. — olha o relógio caro. É a sua forma de dispensar os reles mortais. — Tenho uma ligação importante agora. — se vira e sai sem dizer mais nada.

Reviro os olhos. A delicadeza em pessoa.

Uma hora depois, estou no hospital, olhando meu pai através da janela de vidro da unidade intensiva. Seu corpo perdeu muita massa muscular, percebo desgostosa. Não posso evitar meus olhos turvando de lágrimas. Sempre me pergunto como isso foi acontecer. Soraia não deu muitos detalhes e tudo ficou por isso mesmo. Meu pai caiu do cavalo, entrou em coma e nunca mais acordou. Entro, higienizo minhas mãos com o álcool gel sobre um aparador no canto e vou até a cama. Ele parece tão pequeno agora. Uma imagem dele me empurrando na minha primeira bicicleta me vem à mente e eu soluço. Toco seu rosto magro. Passo a mão em sua cabeça, com pouquíssimos cabelos agora.

— Senti a sua falta, paizinho. — sussurro, a dor dentro de mim muito antiga. — Virei todos os dias agora que estou de volta. — prometo-lhe. — Nunca vou abandoná-lo. Nunca.

Não como fez comigo. Sei que não é o momento, mas, me ressinto. Ele já havia me deixado por conta própria há muito tempo. Porém, é meu pai e eu o amo.

— Eu vou cuidar de você, pai. — murmuro, meus olhos transbordando. É doloroso ver apenas essa casca sobre a cama. Meu pai era um homem tão bonito. Cabelos castanhos abundantes, olhos verdes vívidos, inteligentes. Meu peito dói com a lembrança tão distante do que ele é agora.

Um movimento na porta do quarto me faz virar e minha miséria é completa agora. Soraia e Marcela estão lá. Elas me chocam completamente quando abrem sorrisos amplos e avançam para dentro, em minha direção.

— Sofia, minha filha! Que bom ter você de volta. — Soraia me puxa para um abraço desajeitado. Eu quero empurrá-la mas, estou chocada demais para isso. O que diabos ela tem? — Marce, venha dar as boas-vindas a sua irmã, querida. — chama com uma empolgação que nunca esteve lá para mim. Nunca sem plateia, pelo menos.

Eu olho ainda mais confusa quando a cadela da minha meia-irmã vem para a minha frente, parecendo feliz em me ver. Verdadeiramente feliz, me puxando também para um abraço bem apertado, do tipo que nunca me deu.

— Sof, que bom ter você de volta, irmãzinha. — sussurra e se afasta um pouco para me olhar. — Sinto muito. Me desculpe por não ter sido uma boa

irmã enquanto crescíamos. — seus olhos estão marejados e parecem muito arrependidos. — fui uma cadela total com você muitas vezes.

O tempo todo. Quero corrigi-la, mas, minha fala ainda não foi encontrada. O que, em nome de Deus está havendo com elas? As encaro, desconfiada. Soraia meneia a cabeça e funga um pouco. Ela nunca perdeu essa mania ridícula de fingir choro sem uma única lágrima sequer. Passa os braços por mim e Marcela, nos puxando para si.

— Com o papai preso nessa cama, só temos umas às outras, irmã. — Marcela torna a falar. — Somos a única família que lhe sobrou e vamos cuidar de você, Sof. Pode contar comigo e com a nossa mãe.

Ugh. Continuo sem palavras.

— Minhas duas filhas. — Soraia torna a fungar e eu quero rolar os olhos. — Obrigada Deus por trazer minha menina de volta. As coisas estão muito complicadas para nós, querida. — agora vejo aflição verdadeira encher seus olhos. — Estamos sem dinheiro. Estamos quebradas, Sofia. — então, força um sorriso, segurando meu rosto entre as mãos. — Mas, Deus é tão maravilhoso que amanhã minha menina querida vai se casar com uma das maiores fortunas do Brasil.

— Não será um casamento real, Soraia, você sabe disso. — encontro finalmente a minha voz. — Estou pagando por um erro de meu pai.

Ela franze o cenho, fazendo uma cara arrasada de novo.

— Por favor, não me chame pelo nome, filha. — implora como se de fato isso importasse para ela. — Corta meu coração. Sim, seu pai cometeu erros, mas, ele ainda é o homem mais correto que conheci. — olha para a cama. — Me faz tanta falta. — suspira tremulamente. — Temos que nos unir. Só resta nós três agora.

Isso me irrita. Estão falando como se meu pai estivesse morto.

— Meu pai não está morto. — rebato, meus olhos ardendo com novas lágrimas. — Ele vai acordar. Sei que vai. — minha voz racha no final.

As duas me abraçam.

— Claro que vai, querida. Estou sendo apenas prática, pensando no aqui e agora. — Soraia torna, acariciando meus cabelos. — Seu casamento com Heitor pode se tornar real, Sofia. — eu a olho, confusa com sua mudança

repentina. — Basta abrir as portas da mansão para nós, sua mãe e irmã. Nós vamos cuidar de tudo, filha. Tudo.

— Eu vou lhe ensinar como prender um homem como Heitor, irmãzinha. — Marcela murmura quase com carinho. — Precisamos planejar uma festa de arromba para apresentar a nova senhora da sociedade paulista. Estou tão orgulhosa, Sof! Seremos melhores amigas além de irmãs, não é maravilhoso?

Heitor

A minha tarde é tão cheia quanto se eu tivesse ido para a empresa. Solto um grunhido. Porra, na verdade, é muito pior quando trabalho em casa porque sempre esqueço-me de parar. Na empresa, todos começam a ir embora, então, percebo que preciso ir também. Estou estressado e sentindo falta de sexo. A última boceta que comi foi de Vera na semana passada. Depois disso me dediquei a trazer a minha pequena bailarina para casa para cumprir sua parte em nosso acordo. Está certo, *meu* acordo. Dá na mesma. Sofia estará debaixo de mim amanhã, tomando meu pau em seu corpinho intocado. Porra, meu pau incha dentro das calças. Confiro os números na tela do meu notebook mais uma vez. Acabei de contatar meu gerente de banco para fazer a transação da compra do carro de Sofia. É o seu presente de casamento e será entregue na segunda-feira. Por que estou dando um presente desses a ela? Deixe-me esclarecer isso. Primeiro, eu posso. Segundo, esse é o ponto mais fodido. Com certeza não é pelo imenso amor que nos une. Eu bufo. O meio social em que vivo é brutal. Embora esse casamento seja apenas um meio para um fim, ela será minha esposa legalmente. E como tal, seria muito estranho para a sociedade paulista e, principalmente o círculo próximo a mim, se minha esposa não tivesse algumas regalias. Assim, preparei-lhe também três cartões de créditos com quinhentos mil reais de limite, cada um. Não sou louco de entregar cartões ilimitados nas mãos da filha de um ladrão. De acordo com o provérbio, a maçã não cai muito longe da árvore. Mal posso esperar para ver sua carinha de decepção ao ver o limite dos cartões.

Confiro o relógio e me assusto. Já são quase oito da noite. Afrouxo a gravata e a retiro, deixando meu escritório, atravesso a sala, subindo a escada para o terceiro andar, onde fica meu quarto. Tomo uma ducha revigorante, visto um jeans escuro e suéter cinza-chumbo, de mangas compridas. Tristan deve chegar a qualquer momento. Quando me ligou hoje de manhã querendo me encontrar em nosso bar de costume, pedi que viesse para cá, pois, tinha algo para lhe mostrar. Meu irmão ainda não sabe que vou me casar amanhã.

Estive protelando lhe contar porque, a exemplo de Alberto, T iria tentar me demover da ideia e eu não queria me irritar com ele. O que não sabia era que meu irmão mais novo também tinha algo para me contar. Está encrencado com uma comissária de bordo. Novamente. Alberto me ligou no final da tarde, me deixando a par do processo que a moça está movendo não contra T, mas, contra a HTL dessa vez. Isso terminou de elevar meu estresse a níveis altos. T é a minha única família e eu o amo, mas, é difícil lidar com ele e seu jeito mulherengo. Bem, há ainda a nossa avó materna, que vive num condomínio perto daqui. Nossos velhos morreram, ironicamente, em um acidente aéreo, há vinte anos. Não que eles fossem pais presentes. Não, eles tinham coisas muito mais importantes para fazer, como gastar rios de dinheiro em Mônaco e na Riviera Francesa, enquanto crescíamos. Tristan e eu? Estávamos sendo bem *cuidados e educados* em um excelente colégio interno.

Passo pelo quarto de Sofia, do lado do meu, um sorriso repuxa minha boca. *É amanhã, bebê.* Meu pau fica a meio mastro, por saber que ela está lá dentro. Nua? Porra, a menina está ainda mais deliciosa. Ganhou curvas tonificadas nos lugares certos. Embora ainda tenha traços de menina, também tem um ar sensual de mulher agora. Um ano lhe fez muito bem, eu disse a verdade ontem quando perdi o controle e a deixei nua. A teria fodido contra a parede se não tivesse me jogado uma bomba sobre a cabeça: ela é virgem. Ranjo os dentes, lembrando a sensação louca de posse que senti quando toquei a barreira da sua virgindade com meus dedos. Uma virgem, caralho! É intacta. Nunca estive com uma em toda a minha vida sexual e isso está me enchendo de expectativa. Uma virgem nos dias de hoje é quase como você encontrasse um maldito unicórnio. Ironizo. Passei o dia inteiro meio duro, sabendo que está debaixo do meu teto, que bastaria esticar a mão e pegá-la. Sei que se me esforçasse a comeria hoje ainda. A menina não tem qualquer experiência. Tudo que sente transparece em seu rostinho de anjo. Linda. Linda demais. Estou completamente louco para possui-la, em todos os sentidos. Franzo o cenho com tal sentimento pungente. Não me recordo de sentir um tesão tão violento antes.

Desço a escada e me dirijo para a cozinha. Gosto de fazer as refeições informais lá. Ao entrar no cômodo moderno e bem equipado, não é surpresa encontrar meu irmão já sentado no banco da ilha, bebericando uma cerveja. Rosa está mexendo nas panelas e rindo de algo que T está dizendo. Às vezes

acho que a mulher nutre uma paixão secreta por ele. Bastou dizer que ele viria jantar hoje e resolveu preparar ela mesma um de seus pratos preferidos. Encurto o passo, ouvindo e observando-os. Rosa torna a sorrir e olha para T. Não consigo identificar nada malicioso ou sedutor em sua expressão. Está bem, talvez seja só paranoia minha. T olha de lado e me vê, sua expressão se iluminando. Já tem o que, duas, três semanas que não nos vemos? Me pergunto, percebendo que senti sua falta. Esqueço momentaneamente suas estripulias, sorrindo-lhe de volta. Ele se levanta do banco e vem me encontrar, me dando um abraço sem cerimônias. Meu irmão é assim, expansivo. Aceito seu abraço, só que me desvencilho logo, com um tapinha em suas costas.

— Ei, H, já faz um tempo, irmão. — me diz, passando um braço por cima dos meus ombros sem se importar com minha aversão a declarações de afeto. Sejam públicas ou não. — Você está com cara de quem esteve trabalhando até agora.

— Sim, T, já tem um tempo, irmão. — assinto, retirando seu braço e andando para perto da ilha. Rosa ajeita várias panelas alinhadas e me olha com um sorriso franco. A mulher está sempre feliz, não dá para entender. — E sim, hoje o dia foi meio selvagem.

— Senhor, está tudo pronto. — Rosa me diz. — Estou indo agora.

— Está bem, Rosa. Obrigado. Você não precisava ter feito...

— Ei! Precisava sim, irmão. — T rebate, piscando e sorrindo para a mulher. — Eu amo a sua comida, querida. Obrigado.

Ela ri, encabulada, então, pede licença e sai pela porta dos fundos.

— Eu acho que minha governanta tem uma queda por você. — meio que bufo, indo pegar uma cerveja no freezer.

— Não tenho culpa de causar esse efeito nas mulheres, H. — ele ri presunçoso, os olhos escuros divertidos.

Me sento em um dos bancos e tomo um longo gole. A bebida gelada cai bem para aliviar um pouco do estresse. Ele se senta no banco ao lado.

— Como estão as coisas, irmão? — lhe dou a chance de me contar a sua merda primeiro.

— Você disse que ia me mostrar algo. — evita a minha pergunta. Típico

dele. — O que é?

Estreito meus olhos e decido contar a *minha* merda primeiro.

— Vou me casar, amanhã, T.

Ele cospe cerveja sobre a bancada, numa gargalhada alta. Que idiota! Eu rosno.

— Rá! Não sabia que gostava de piadas agora, irmão. — diz, ainda sorrindo, pegando um guardanapo e secando sua bagunça. Eu não sorrio e ele franze testa, me encarando de novo. — Porra, não está falando sério, está?

Aceno. Ele parece tonto com a confirmação, e não é para menos. Eu sempre disse que nunca ia me casar. No entanto, nossa avó vem pegando pesado nos últimos anos, especialmente comigo, que sou o mais velho. Está fazendo chantagem emocional sobre morrer e não ver nenhum bisneto e blá, blá, blá. A ficha caiu para mim no ano passado. Estou com trinta e sete anos agora. Preciso de um herdeiro urgentemente. Não posso evitar imaginar Sofia grávida do meu filho. Ela vai me dar um herdeiro bonito, forte e saudável. Algo aquece dentro de mim com esse pensamento.

— Uh, cara, você está *apaixonado?* — a pergunta meio horrorizada de T me faz olhá-lo.

— Não. Você me conhece bem, irmão. Não sou do tipo que se apaixona. — resmungo jocoso. — É apenas um casamento arranjado. Preciso de um filho, T. Não vou viver para sempre.

Ele toma um gole da sua garrafa.

— Só você mesmo para falar de algo tão sério dessa forma prática do caralho. — retruca.

— É apenas um acordo. Sofia está bem avisada sobre tudo. Não estou enganando ninguém. — acrescento.

— Sofia, hein? — abre um de seus sorrisos pervertidos. — Gosto do nome, é bonito.

— Você não tem que gostar de nada sobre ela. — digo-lhe friamente e passo a lhe contar todos os detalhes que trouxeram minha futura esposa de bandeja para mim. Ele está horrorizado quando termino.

— Você é assustador, H, é sério, irmão. — diz incrédulo. — Isso é imoral,

caralho!

Eu rolo os olhos.

— Alberto também me disse isso, mas, não vou voltar atrás. — digo firmemente. — Ninguém vai me tirar Sofia antes de ela me dar o que quero.

— Cara, estou com vergonha de você, é sério. — ele finge um estremecimento.

— Bem, considerando que vive me envergonhando também, estamos quites. — dou de ombros.

Seu semblante se fecha um pouco. Ele faz aquela cara de quem está sendo injustiçado e não fez nada para merecer isso. A conheço bem. Desde sempre.

— Ah, sobre isso... Eu, ah... — T gagueja. Eu apenas o encaro, apreciando seu desconforto. Ele nunca aprende, porra!

— T, o que você fez dessa vez? — pergunto em tom baixo.

Ele me olha e suspira em derrota, percebendo que já estou a par de tudo. Bem, quase tudo. Há detalhes que Alberto achou melhor meu irmão me contar.

— Eu devia imaginar que *Albie* iria me entregar. — seu tom é jocoso quando usa o apelido que Alberto detesta. — Cara, onde foi parar a porra da confidencialidade entre cliente e advogado?

Eu solto um grunhido. Tristan simplesmente não consegue levar nada a sério. Chega a ser frustrante tentar colocar algum juízo em sua cabeça. Isso aos trinta e três anos, o que é ainda mais lamentável.

— T... — torno a rosnar, meu tom o advertindo.

Ele ri. Não, na verdade, gargalha. Eu gemo. Deus, os irmãos mais novos foram colocados no mundo com o único propósito de testar a nossa paciência, com toda certeza.

— Está bem, H. Você me contou seus podres, irmão, hora de retribuir com os meus. — balança as sobrancelhas antes de prosseguir: — Uma comissária de bordo pode estar me processando...

Eu solto um grunhido pelo seu rodeio. Ele nunca vai direto ao ponto quando está encrencado.

— Pode, ou *está* te processando, irmão? — ranjo com desgosto.

— Ela está. — admite e suspira. — A garota é doida de pedra, irmão. Achou que íamos namorar, casar e ter uma casinha com cerca branca. Pode me imaginar numa merda dessas, H? Ugh. — ele escarnece na sua zombaria habitual.

T é um idiota mulherengo desde a adolescência. Nunca se prendeu a ninguém. Suas razões são bem diferentes das minhas, embora. Ele é um sem-vergonha assumido, simples assim. Eu? Digamos que não tenho tempo para me dedicar a relacionamentos. As mulheres são criaturas carentes, ridiculamente melosas e exigentes. Não tenho a menor paciência para lidar com elas. Eu amo foder seus corpos. No entanto, jamais me aproximo de outra forma. Gosto sem laços, sem compromisso. Certo, eu também sou um idiota, assumo. Deve estar no DNA dos Maxwell, uma vez que nosso velho também não foi um modelo de pai e marido.

— Da companhia? — volto ao assunto delicado. Quero lhe dar a chance de contar tudo. Sou o seu irmão, porra.

— Sim. Nós, hum... Tudo aconteceu no voo para Paris, há três semanas. — Tristan esclarece, me fazendo ranger os dentes.

— Por favor, me diga que não comeu a comissária em pleno voo, irmão? — peço, mas, já sei a resposta. Tristan não se importa com a porra das regras. Ele é o mais parecido com nosso pai nesse aspecto. Inclusive seguiu a mesma profissão, é um piloto. Não qualquer piloto, deixem-me acrescentar, é um excepcionalmente bom. O idiota é simplesmente o melhor do Brasil na atualidade e podem acreditar, isso o deixa ainda mais namorador, com certeza já bateu seu próprio *recorde de bocetas*, como ele mesmo fala.

— Vamos H, você sabe a resposta para essa pergunta, irmão. — ele ri maliciosamente. — É claro que comi a garota no voo. Cara, esses voos para a Europa duram uma eternidade! — diz com exagero. — Fico entediado...

Eu bufo, exasperação me tomando.

— Para mim chega, Tristan. — uso o tom geralmente reservado para a sala de reuniões.

— O que quer dizer com isso, H? — ele diz depois um tempo em silêncio. — Porra, você me chamou pelo nome todo? Vamos, irmão, não fique tão chateado comigo. *Albie* pode dar um jeito nisso e nada respingará na

companhia, garanto.

Sim, Alberto pode dar um jeito nisso. Ele é o melhor e é por isso que é meu advogado, não por nossa amizade. Não sou de favorecer ninguém sem o devido mérito. E por que é o melhor, propôs a única solução possível para controle rápido de danos. Tristan não vai gostar nada...

— Você está fora dos voos internacionais até a segunda ordem, irmão. — digo-lhe. Não me sinto feliz com isso. É muito mais uma punição para a companhia do que para Tristan. O idiota é realmente nosso melhor homem no ar, mas, preciso ser mais firme com ele ou suas aventuras sexuais podem acabar abalando nosso bom nome. Nosso falecido pai e nosso tio, trabalharam duro para nos tornar uma das principais companhias aéreas do Brasil. *Eu* trabalhei duro para nos colocar entre as melhores do mundo. Não vou deixar isso evaporar pelo ar, sem trocadilhos.

— Não! Droga, Heitor! Nem pense nisso, irmão. — sua voz está tensa agora. — Eu também sou a porra do dono dessa companhia!

Eu resmungo. Certo. Isso funcionará como um castigo para ele também. Se há algo que meu irmão ama mais que tudo nesse mundo, é voar. Não gosto de ter que tomar medidas autoritárias. Não com meu irmãozinho, que fique claro. No entanto, tenho passado muito a mão na cabeça de T desde muito cedo. Nós perdemos nossos pais quando éramos adolescentes. Ele ficou muito abalado, mesmo nunca tendo recebido amor da parte dos fodidos egoístas. Acabei tomando para mim a tarefa de cuidar dele. Nosso pai era uma espécie de super-herói para ele e isso influenciou muito em sua escolha de profissão. Nunca vou entender a razão de meu irmão nutrir tal adoração por Logan Maxwell. Enfim, tem sido apenas eu e Tristan desde então.

— Exatamente! Você é um dos donos da maldita HTL! Comporte-se como tal, irmão. — rebato. Então, eu suspiro cansado dessa conversa. Ela tem se repetido demais. — Mantenha a porra do seu pau dentro das calças, T. Ainda estamos sendo testados na nova fusão que assinamos. A tinta ainda nem secou no maldito papel e um escândalo desses seria muito ruim para nós! — rosno.

— Porra, eu havia me esquecido disso. — ele geme enfiando as mãos pelos cabelos, como se a ficha estivesse caindo agora. — Qualquer coisa, H. Peça qualquer coisa e eu faço. Mas, não me impeça de voar, irmão. — seu tom é derrotado e eu me sinto um carrasco.

— Você violou a política de não-confraternização tantas vezes, que nem consigo contar mais, irmão. — digo desgostoso. — Você não é insubstituível, T. — ameaço.

Ele rosna, se levantando.

— O inferno que não sou! Você está proibido de colocar o fodido Cristiano Rangel em meus voos, H! Está me ouvindo, irmão?

Eu quase rio em meio à irritação. Cristiano tem ascendido na empresa e conseguido se destacar nas rotas internacionais. Ele não está no mesmo patamar de meu irmão, claro. No entanto, não vou lhe dizer isso agora. É bom que T se sinta ameaçado e pare de ser um babaca mulherengo. Eu bufo, sabendo que isso é impossível. Bom, pelo menos pare de fazer isso dentro da porra da nossa companhia.

— Você ficará com as rotas domésticas até que Alberto resolva esse seu... Contratempo, irmão. — digo, abaixando meu tom.

Ele parece um tigre enjaulado agora.

— Porra, você sabe que odeio as rotas domésticas, H! — protesta.

Eu rio sarcasticamente. Não seria uma punição se ele gostasse, não é?

— Eu sei. Isso não é uma porra de premiação por bom comportamento, T. É um castigo.

Ele bufa.

— Não sou mais um adolescente para ser castigado. — resmunga, mas, já há indícios de aceitação em seu tom.

— Jura, irmão? — levanto uma sobrancelha irônica. — Porque para mim parece que nunca passou da porra dos quinze!

— Odeio você nesse momento. — resmunga.

— Não, não odeia. Você ama o seu irmão mais velho. — digo com leve provocação agora. — Estaria perdido sem mim. — ele bufa acintosamente, me fazendo rir um pouco. Torno a ficar sério e faço o que sempre fiz desde quando era um adolescente. Eu passo a mão em sua cabeça para aliviar o golpe. — É necessário, T. Vou pedir a Alberto que agilize o processo. Estará de volta em breve, prometo, irmão.

Ele me dá as costas, bancando o difícil e vai até o freezer pegando outra

cerveja. Começa a beber em silêncio, usando meu próprio método contra mim. Meu irmãozinho me conhece bem. Rio levemente. *Nos* conhecemos bem e nesse momento sei que já não está puto. Ele sabe que é o melhor para abafar o escândalo no nascedouro.

— Você deve ser mais cuidadoso. — decidindo provocá-lo abertamente, completo: — ou então, arrumar uma garota fixa.

Se vira rapidamente para mim. Bem no alvo.

— Cara, eu não vou ofender a população feminina ficando apenas com uma garota. Isso é desrespeito. — diz parecendo genuinamente ofendido. Eu bufo com sua cara de pau.

— Ou, você sempre pode se aposentar e me ajudar a *pilotar* a empresa, irmãozinho. — uso o trocadilho para alfinetá-lo.

Ele faz o sinal da cruz, duas vezes. Tristan detesta ternos.

— O inferno vai congelar antes de eu me enfiar em um maldito terno e ficar berrando ordens como você, irmão mais velho. — zomba.

O tom da nossa conversa vai ficando mais leve. Suspiro aliviado.

— Eu não berro ordens. — replico.

— Não, você fala assustadoramente baixo, o que é muito pior. — desdenha.

Bebemos e passamos a falar de coisas banais como a nova cobertura que adquiriu recentemente em Dubai. As duas garotas com quem festejou ontem à noite. Tristan vive cada momento da sua vida como se fosse o último. Tem momentos que invejo essa sua capacidade de nunca levar nada a sério. Os olhos de meu irmão arregalam para algo atrás de mim e eu me viro, pressentindo Sofia. Tristan assobia baixo.

— Caralho, H, não sabia que estava visitando o berçário agora, mano. — se inclina, conspirando em meu ouvido. Como o idiota provocador que é, se levanta e estende os braços: — Ei, delicinha!

Me ponho de pé também.

— Que porra é essa de *delicinha?* — ranjo os dentes para meu irmão, que tem um sorriso de conquistador barato escancarado para Sofia.

— Oh, desculpe, mano. — ele dá uma piscadela para Sofia, quando para

perto de nós. — Que tal *chuchuzinho?* — eu bufo. — Não? *Docinho? Tchutchuquinha?* — rolo os olhos para sua infantilidade. — *Bonitinha?* Vendido! Esse cai como uma luva.

A risadinha descontraída de Sofia me surpreende e eu a olho. Ela nunca sorriu assim para mim. Porra, ela nunca sorriu de forma alguma para mim! E não sei por que diabos isso me incomoda.

— Ah! Você gostou desse, admita, Bonitinha. — T repete o apelido ridículo, dando mais uma de suas piscadelas sem vergonhas para Sofia e estende a mão. — Sou Tristan, o irmão mais bonito, como pode ver. Ainda dá tempo de mudar de ideia, querida...

Sofia ri mais e fico ainda mais irritado, estranhamente possessivo. Vou até ela, passando o braço em seus ombros e digo em tom cortante para meu irmão galanteador.

— Essa é a minha futura esposa, Sofia. — seu corpinho, trajando um conjunto jovem de saia e blusinha solta, fica tenso com a forma com a estou puxando contra mim. — E esse é o meu irmão mais novo, Tristan. O palhaço da família, como pode ver.

Tristan joga a cabeça para trás e ri com vontade. Eu quero socar sua cara bonita por nunca sair do modo conquistador. Sofia pega sua mão.

— É um prazer conhecê-lo, Tristan. — diz em um tom muito doce e amigável.

Porra. Que diabos há comigo? Não sou do tipo ciumento. Mulheres para mim possuem apenas uma utilidade... Nunca senti ciúmes de nenhuma com quem estive.

— Apenas T, por favor. — meu irmão continua com seu sorriso cheio de dentes.

— T? — Sofia repete e sorri inocente sem saber o que vem a seguir.

Eu rosno antevendo sua piada boba para pescar saias desde adolescente. Tristan me olha e ri antes de dizer as palavras infames:

— Sim, Bonitinha. T de tesão, tesudo... Você pode escolher. — pisca de novo.

Se ele piscar mais uma vez vai embora sem jantar, caralho.



CAPÍTULO TRÊS

Heitor

Eu ando até a janela do meu escritório e olho para fora, onde uma pequena tenda está montada no jardim lateral. Levo o copo à boca, sorvendo um gole do meu uísque, conferindo a movimentação do *buffet* que minha avó contratou de última hora. Rio levemente recordando-me da expressão de puro choque em seu rosto quando a visitei hoje pela manhã, convidando-a para a cerimônia no final da tarde. Meus planos eram fazer isso em um cartório mesmo, sem alardes, apenas Sofia, eu e pronto. Dona Magnólia Camargo fez seu costumeiro show de chantagem emocional e acabei cedendo com a condição de que fosse um jantar íntimo. Os convidados são, minha avó festeira, Tristan, Alberto e a intrometida da Lígia, porque seria deselegante deixá-la de fora, sendo irmã do meu único amigo e advogada da minha empresa.

Lígia não sabe da natureza do meu casamento, porém. Não contei nada para minha avó também. Ela não entenderia. Basta deixá-la feliz como está desde o momento em que lhe dei a boa nova. Mesmo tendo ficado compreensivelmente desconfiada por eu nunca ter mencionado nada antes, seu desejo pelo primeiro bisneto suplantou tudo o mais. Não apresentei Sofia ainda. Ela saiu bem cedo para um spa, sugestão da nova *personal stylist.* Chegou ainda há pouco e está se preparando em seu quarto. Minha avó está coordenando o jantar pessoalmente. Ela sempre adorou organizar um evento. As festas de dona Magnólia sempre foram as mais disputadas na sociedade paulistana. Lembro-me de muitos jantares em sua casa quando eu e T íamos passar as férias. Era com ela que passávamos as férias, não com nossos pais. Surpresos? Não fiquem, meus pais eram dois fodidos egoístas que nunca deveriam ter tido filhos. Nos víamos muito pouco. Essa foi a razão de eu não derramar uma lágrima sequer quando morreram. Eles eram como desconhecidos para mim. Não tinha porque fingir o contrário.

— Obrigado por não exigir que eu vestisse a porra de um terno, H. — a voz jocosa de Tristan me faz olhar de lado. Ele está saboreando seu uísque também, olhando a tenda lá fora. Usa uma de suas jaquetas de couro escura. Pelo menos essa é mais social e colocou uma camisa branca por baixo, mesclando sobriedade com sua irreverência. Seu olhar escuro gira para mim e seus olhos estreitam ligeiramente, me analisando. — ainda dá tempo de voltar

atrás com essa loucura, irmão.

— Ele não vai voltar atrás. É teimoso demais para isso, Tristan. — a voz de Alberto soa do meu outro lado e eu o olho, bufando.

— Verdade, *Albie.* — T o provoca com o apelido e meu amigo grunhe. — Onde está Lígia? Não estava na interminável lista de convidados? — ironiza. T é tão idiota.

Alberto ri um pouco e toma um gole da sua bebida também.

— Ela preferiu não vir. Está estudando um caso complicado que pegamos nessa semana.

— Ainda bem. — eu digo sem nenhum constrangimento. — Não estou no clima para os comentários ácidos de sua irmã.

Tristan ri e Alberto bufa.

— No seu caso, é sinceridade, Heitor. — rosna, defendendo a mulher implicante.

— Que seja. — eu bufo, tomando o último gole e caminhando de volta para a mesa, depositando o copo vazio. — Conseguiu terminar o contrato para a companhia dos gregos? — pergunto, ajustando minha gravata calmamente.

Ouço o bufo de Tristan às minhas costas e me viro para encará-los.

— Só você mesmo para estar falando de negócios poucos minutos antes de se casar, H. — meu irmão balança a cabeça e vira seu copo.

— Esse casamento não tem nenhuma importância, T. — dou de ombros. — Para mim é um contrato como qualquer outro que terei que assinar.

Tristan grunhe, andando para perto e deposita seu copo vazio sobre a mesa também.

— Por favor, trate bem a bonitinha, irmão. — diz-me em um raro momento de seriedade, estendendo a mão para o meu ombro. Eu fico tenso. — Sei que não está se casando por amor, mas, não precisa tratá-la mal, H. Eu realmente gostei de Sofia. É uma menina linda, encantadora e...

— Não sou o Bicho Papão, T. — o corto, a irritação de ontem voltando pelos elogios de meu irmão mulherengo à minha futura esposa. Ele ficou o jantar inteiro ontem jogando seu charme para cima de Sofia e ela pareceu

gostar disso, o que me irritou mais ainda. — E pare de jogar seu maldito charme para cima dela, porra. — rosno, assustando-o.

Em seguida meu irmão idiota cai na risada. Alberto não fica para trás. Reviro os olhos, ajustando os punhos do meu terno escuro. Bufo ironicamente vendo o cravo na lapela. Mais uma vez dona Magnólia interferiu, escolhendo minha roupa e insistindo no estúpido cravo. A porta do escritório se abre e minha avó entra, um sorriso brilhante e largo em seu rosto quando olha para mim e Tristan. Ela sempre pareceu nutrir sentimentos verdadeiros por nós. Minha mãe era sua única filha, de modo que T e eu somos seus únicos netos e família mais próxima.

— Eu imaginei que não estaria mesmo vestindo um terno, menino levado. — diz em tom suave, se dirigindo a Tristan primeiramente. Meu irmão ri, meio de lado e se inclina, envolvendo-a em um abraço afetuoso. Quando se separam, Tristan a beija na bochecha e ela faz o mesmo.

— Chegou a mulher mais bonita da festa. — ele a bajula, fazendo-a gargalhar despreocupada.

Os invejo nesse momento. Nunca fui de arroubos sentimentais, nem mesmo com ela, a única mulher que me fez sentir um pouco de amor enquanto crescia. Os olhos amendoados de nossa avó brilham, as linhas ao redor dos olhos estão ficando cada vez mais profundas. No entanto, ainda é bonita para mim. Tanto ela quanto minha mãe tiveram filhos muito cedo. Aos setenta e cinco anos, está bem demais. Sua beleza e elegância ainda estão em dia. Os cabelos agora completamente cinza, são cortados rentes à nuca. Me lembro da época em que eram abundantes, escuros e na altura dos ombros. Sempre muito bem penteada e maquiada. Uma socialite envolvida com inúmeras causas sociais. Ela possui o dinheiro tradicional dos Camargo, que vem do berço, enquanto o sobrenome Maxwell veio com meu pai, do Alabama, Estados Unidos, sem eira nem beira. O nome Maxwell era nada, mas, ganhou força na década de 1990 e não parou de crescer até se tornar sinônimo de poder, não apenas na sociedade paulista, mas, no Brasil.

— Menino bobo. Sou a única mulher aqui, depois da noiva. — suas mãos bem tratadas, porém, mostrando os sinais da idade, seguram o rosto de meu irmão dos lados, olhando-o bem dentro dos olhos. Ela tem essa maneira direta de olhar que desequilibra qualquer um. Tristan me diz que puxei isso dela, embora nossos olhos sejam de tonalidades diferentes. — Você sabia que

seu irmão estava em um relacionamento e não me disse nada?

Eu rio da sua tentativa de arrancar mais informações sobre o meu casamento.

— Vovó, não se aproveite do fato de T ser o mais fraco, para obter informações...

— Ei! Quem disse que sou o mais fraco, cara? — T resmunga, fazendo-a rir gostosamente de novo.

— Você sempre nos entregava quando a vovó te olhava assim e perguntava se tínhamos feito algo errado. — acuso-o.

Ele bufa, então, ri baixinho, beijando nossa avó na testa carinhosamente.

— Cara, você nem sempre conseguia se safar quando ela o pegava de jeito também. Dona Magnólia deve ter sido agente secreta na juventude. — ele brinca e nós rimos.

Ela meneia a cabeça e o deixa, vindo para a minha frente. E eu sinto o impacto do famoso olhar investigativo de dona Magnólia. Suas mãos levantam para o meu rosto, me deixando tenso imediatamente. Então, seu olhar suaviza e um sorriso terno se abre nos lábios finos, pintados em tom claro. Meu coração aquece um pouco, reconhecendo seu amor verdadeiro por mim.

— Você está tão bonito, querido. — murmura um pouco embargada. — Essa pobre avó já havia perdido as esperanças de pegar um bisneto nos braços...

Tristan e Alberto riem baixinho.

— Pare de concorrer ao Oscar de melhor atriz dramática, dona Magnólia. — me permito brincar e me inclino, beijando-a desajeitadamente nos cabelos. Rápido. Sem delongas. Seus olhos amendoados riem para mim, mesmo que não haja realmente um sorriso em sua boca. Ela sabe o quanto sou reservado com minhas emoções. Sou assim desde pequeno e não vou mudar agora. Estou muito velho para isso.

— Está bem, está bem. — ri, meneando a cabeça. Acaricia meu rosto e me puxa para devolver o beijo em minha bochecha. — Na verdade, eu vim chamá-lo. Rosa avisou que sua noiva já vai descer a escada.

Meu coração acelera sem o meu consentimento ao ouvir isso. Tenho que admitir que estou curioso para ver o que Sofia está usando. E as melhorias proporcionadas por um dia de spa. Não vejo a hora de poder conferir tudo... De preferência em privado. Meu pau tem estado a meio-mastro há dois dias. Estou doido para consumar logo a porra desse casamento. Fodê-la, gozar dentro dela. Porra. Não me recordo de já ter feito isso, gozar nu dentro de uma mulher. Acho que não, e estou com essa expectativa também.

— Eu vou tomar o meu lugar lá no altar. — digo, soando frio e controlado como sempre fui. É só mais uma transação como qualquer outra. Vou foder uma bocetinha virgem em vez de apertar mãos, mas, no final das contas, é apenas mais uma transação.

— Eu acho que devia esperá-la ao pé da escada, como um cavalheiro das antigas. — minha avó diz com um ar sonhador em seu rosto. Mulheres... Quase bufo. Não importa a idade, elas sempre terão ideias tolas acerca de relacionamentos. — Muito mais íntimo e romântico já que o casamento é em casa mesmo. — acrescenta com entusiasmo quase juvenil.

— Vovó, isso não é um casamento... — eu paro, cortando a frase abruptamente. Tristan limpa a garganta e Alberto levanta uma sobrancelha zombeteira para mim. Porra.

— O que ia dizendo, Heitor? — ela inquire, *aquele* olhar voltando em seus olhos, que se estreitam um pouco. — Esse não é um casamento...

Suspiro longamente e tento contornar.

— Eu não sou um cara romântico, vovó. Era isso que ia dizendo. — minto descaradamente.

Ela me analisa atentamente, tentando detectar a mentira.

— Não seja bobo, menino. — franze o cenho, me lembrando das broncas que tomei quando jovem. — Toda mulher sonha com o dia do seu casamento. Não estrague isso para a minha neta, ouviu?

— A senhora ainda nem a conhece e já está tomando sua defesa? — me finjo de ofendido.

Um sorriso conhecedor surge em seu rosto.

— Você não escolheria qualquer uma para ser a mãe dos seus filhos, Heitor. — diz com genuína emoção e eu me sinto mal por não estar sendo

totalmente sincero com ela. — Ela deve ser especial, sei disso, querido. — porra. Minha avó está delirando com esse casamento. — Então, venha, vamos esperar sua amada ao pé da escada. Humpt. Não se fazem mais homens como antigamente. Seu avô sim, era um notável cavalheiro...

Eu gemo, ouvindo-a falar as qualidades de meu avô, falecido há mais de trinta anos. Não tenho alternativa a não ser me deixar ser arrastado por ela e sua euforia desenfreada. Tristan e Alberto nos seguem, rindo furtivamente. Bastardos. Atravessamos a sala e minha avó emite um som de engasgo, seguido por exclamações masculinas atrás de mim. Eu giro a cabeça para a escada e é a minha vez de engasgar. Sofia está descendo. Meu corpo todo esquenta quando seu rosto levanta e os olhos verdes bem maquiados colidem com os meus. Minha nossa... Meu pau se agita nas calças. Meus passos diminuem e ando devagar, completamente hipnotizado. Ela também desacelera, descendo compassadamente. Está impecável, arrebatadora. Nossos olhares permanecem presos, enquanto me aproximo e ela desce cada degrau de forma majestosa. Absolutamente linda, trajando um vestido longo e discreto de seda branca. O modelo tem alças finas, corpo justo, a saia se abrindo na altura dos joelhos. Tenho vislumbres das sandálias prata de salto alto a cada degrau que desce. Usa um conjunto de colar e brincos de brilhantes, que desconfio, seja presente de minha avó. Os cabelos estão soltos, cacheados, caindo sobre as costas e uma delicada coroa de lírios sobre sua cabeça. Eu pisco, atingido pela visão etérea, por tanta beleza. Paro ao pé da maldita escada como minha avó insistiu para fazer e agora entendo um pouco do apelo. É uma visão que nenhum homem pode reclamar, nem mesmo um bastardo cínico como eu. Só há uma palavra para descrever minha inocente noiva nesse momento: magnífica.

Estendo a mão quando atinge o penúltimo degrau. Sofia lambe os lábios, seu rosto está vermelho agora. Não aprendeu ainda camuflar as emoções. Ela me detesta, mas, também me deseja e esse conflito está claro em seu semblante. Levanto uma sobrancelha, desafiando-a. Depois do que parece uma eternidade, coloca sua mão trêmula e fria sobre a minha. Por puro reflexo, e talvez para agradar a minha avó, eu trago seus dedos trêmulos até meus lábios e beijo-os. Sofia estremece, surpresa estampando em seu rostinho de menina.

— Você está linda. — murmuro ainda para entreter dona Magnólia, que está muda do meu lado. Deve estar chocada com idade de Sofia, como todos

ficaram até agora. A ajudo a descer o último degrau e coloco a mão na parte baixa das suas costas, nos virando para minha avó. Sim, ela está estupefata, olhos arregalados. — Essa é a minha avó, Magnólia. Vovó, essa é Sofia, minha futura esposa.

Tenho que dar crédito à minha avó quando sorri, se recuperando rapidamente.

— Oh, Heitor, ela é simplesmente linda! — diz vindo abraçar Sofia, que sorri, meio sem jeito, abraçando-a também. — É um prazer conhecê-la, querida. Onde meu neto a estava escondendo? — aperto a cintura de Sofia para evitar que faça algum comentário fora de hora.

— O prazer é meu, senhora. — Sofia diz com o que parece ser simpatia autêntica. — Heitor é muito reservado com a vida pessoal e devo dizer que compartilho dessa mesma concepção. Não é deprimente as pessoas ficarem expondo detalhes íntimos de sua vida na imprensa ou redes sociais?

Minha avó emite um som de aprovação, assentindo com um sorriso permanente no rosto. Até eu olho de lado, surpreso com o comentário maduro demais para uma menina de dezoito anos. Estreito meus olhos. A malandrinha está querendo ganhar minha avó logo de cara. *Sou gato escaldado, neném.* Zombo.

— Eu tinha certeza de que havia escolhido bem a minha neta, querido. — minha avó diz com aquele ar sonhador de adolescente de novo. Lá vamos nós. — Agora, satisfaçam a curiosidade dessa velha senhora, como esse romance começou?

Eu não seguro um sorriso pela astúcia da dona Magnólia. Ela vai cavar até entender tudo, disso tenho certeza.

— Eu a vi no Táxi aéreo quando visitava Marcos...

— Ele foi jantar na minha casa, uma noite...

Eu e Sofia falamos ao mesmo tempo. Os olhos astutos de minha avó brilham, estreitando-se. Merda. Devíamos ter combinado as falas antes. Sorrio tenso, Sofia faz o mesmo.

— Foi no Táxi aéreo, ele está certo.

— Foi no jantar em sua casa, ela está certa.

Falamos ao mesmo tempo de novo e Tristan solta um bufo, seguido de uma risada divertida. Minha avó levanta uma sobrancelha cética, sua expressão muito parecida com a minha quando estou farejando algo errado. Porra. Então, ela sorri. Sim, sorri de uma forma misteriosa e um pouco assustadora.

— Está bem, queridos, o que importa é que estão aqui agora. Juntos. — diz olhando entre nós, sua expressão suave e esperançosa outra vez. — No casamento não pude fazer muita coisa, mas, não abro mão de oferecer uma recepção à altura para apresentar a senhora Maxwell à sociedade paulistana.

Sinto o corpo de Sofia ficar tenso.

— Realmente não é necessário, senhora. — diz parecendo em pânico. Isso me intriga. Que menina da sua idade não gosta de festa?

— Bobagem, querida. E me chame de vovó, ou Magnólia. — minha avó exige.

— Ah, certo. Obrigada, Magnólia. — Sofia balbucia ainda sem jeito.

— Ei, bonitinha! — eu quase rosno com a voz de Tristan. Ele vem para a frente e abraça Sofia também. Por que diabos ele é tão dado assim? É irritante essa sua mania de abraçar todo mundo, porra.

— T. Que bom ver você de novo. — Sofia responde e toca o colar no pescoço delicado. — Obrigada pelo colar e brincos. São lindos. — diz suavemente.

O quê?! Foi presente dele? Tristan sorri e pisca para ela, todo charmoso. Meu irmão é um fodido paquerador!

— Por nada. Uau. — assobia acintosamente, olhando-a de cima a baixo. — Você está ainda mais encantadora, querida. — se inclina e sussurra numa voz que deve achar sedutora: — Ainda dá tempo de fugir com o irmão mais bonito...

Sofia gargalha e eu bufo, me recriminando por não ter tido essa ideia antes do idiota. Vou corrigir isso amanhã. Convocarei os melhores designers de joias para ela escolher, porra. Até porque preciso mantê-la satisfeita e maleável para que abra as pernas para mim sempre que eu quiser.

— Vamos, o juiz de paz está nos esperando. — eu digo friamente, não me importando se soou grosseiro. Enlaço sua pequena cintura e a mantenho do

meu lado todo o percurso até a tenda no jardim. Tudo é muito rápido. Juramos *amor eterno* e inabalável até que a morte nos separe e trocamos as alianças. O desavisado do juiz de paz me manda beijar a noiva e eu fico tenso. Porra, havia esquecido dessa parte. Sofia também fica tensa. Cada um por seus motivos. Ela, provavelmente está achando a ideia repugnante. Eu? Eu sou um filho da puta que não se importa com beijos. Adoro beijar uma boceta, mas, não sou adepto de beijar bocas. Não, beijar na boca é algo muito íntimo e não tenho essa intimidade com ela. Não *quero* ter essa intimidade com ela. Sofia Guimarães é linda, deliciosa, mas, é apenas um corpo que vou foder e encher com o meu esperma. Apenas isso. Não tem porque ficar floreando a coisa. Suprimindo um rosnado de frustração, a puxo pela cintura e colo seu corpo delicado de bailarina no meu. Suas mãos se apoiam em meus ombros, os olhos verdes arregalados. Seu cheiro flutua até meu nariz, provocando meus sentidos de predador. É algo floral, com uma nota cítrica que me deixa louco. Inalo quase rosnando de tesão, sentido o corpo macio, todo firme, colado no meu. Meu pau está tão duro agora que dói. Ela ofega, sentindo minha ereção, certamente. Os lábios cheios entreabrem trêmulos, molhados, seduzindo-me. Seguro sua nuca, amparando sua cabeça e aproximo minha boca da sua.

Os últimos raios de sol estão refletindo diretamente em seus olhos, deixando-os ainda mais bonitos. Mais uma vez posso ver o maldito apelo do cenário quando minha avó disse que a cerimônia aqui fora seria melhor. Ela queria *esse* resultado. O que minha inocente avó não sabe é que nada disso me toca. Esse circo todo é apenas para garantir meus direitos legais para usar a menina em meus braços, do jeito que eu quiser, até que me dê meu herdeiro. Não posso dizer que será um sacrifício, porém. A menina é lindíssima. Estou procurando as palavras certas para fazer-lhe justiça desde que a vi descendo a escada, mas, não estou encontrando. Suas pupilas estão dilatadas e ela lambe os lábios, levando minha atenção para a boca suculenta outra vez. Apoio minha mão aberta na parte baixa de suas costas, puxando-a ainda mais contra mim e a faço sentir tudo que a espera mais tarde. Nossas respirações estão um pouco alteradas enquanto nos encaramos fixamente. Os cantos da minha boca inclinam cinicamente e eu decido dar o que a plateia quer. Colo meus lábios nos dela. Então, as palmas ecoam. Poucas, mas, insistentes. Sofia abre a boca, o hálito doce me inflamando, deixando-me louco por ela. Me afasto, recusando seu convite para mergulhar em sua boca. Não a olho, enquanto nos viro para os outros. Mas, posso sentir sua confusão

e talvez um pouco de humilhação. Ela vai superar. Zombo.

Sofia

Jantamos na única mesa sob a tenda. Os únicos convidados foram a avó, o irmão e o amigo/advogado do *ditador*. Zombo, remexendo minha comida, a fome longe de ser encontrada. O *buffe*t está excelente. Magnólia, a avó, surpreendentemente simpática de Heitor é quem insistiu em cuidar de tudo. Está tudo muito bonito, só que não estou me permitindo apreciar. Não, eu não posso esquecer que esse homem desprezível está me punindo por um erro que nem foi meu. Levanto meus olhos do prato dando de cara com Tristan. Ele sorri e pisca-me daquele jeito paquerador que está se tornando bem familiar para mim. Nos conhecemos ontem no jantar e para minha surpresa, ele é o oposto do irmão mais velho não apenas fisicamente. Enquanto Heitor é ruivo, dono dos olhos azuis mais gelados e penetrantes, T, como me pediu para chamá-lo, é moreno, olhos escuros intensos, dono de um sorriso sexy e atrevido. Gostei dele e a recíproca pareceu verdadeira. Gostei da avó também, levando em conta o pouco que vi até agora. Mesmo Alberto, *o advogado do diabo,* – não resisto à piada – parece ser uma pessoa agradável. Bem, quando não está elaborando contratos para ferrar com a minha vida, que fique claro.

— Patrão, perdoe-me a intromissão. — a voz cheia de cerimônia me faz olhar de lado. Um homem trajando um terno preto e com um ponto no ouvido, parece desgostoso. É Renan, o chefe da segurança, Heitor me apresentou hoje de manhã. — Há duas mulheres na guarita, insistindo que são a mãe e irmã da senhora Maxwell.

Por um momento fico em branco, então, a ficha cai. Eu sou a *senhora Maxwell.* Sinto um baque por dentro ao me dar conta disso. E outro baque maior ao perceber quem está lá fora: Soraia e Marcela. Heitor não quis convidá-las e tampouco eu. Não vou me deixar enganar por aquelas duas víboras e suas atuações de quinta. Só estão querendo se aproximar de mim por causa do dinheiro de Heitor, que por sinal nem é meu. Elas são ridículas. Suspiro cansada de ter que lidar com tanta gente sem escrúpulos.

— Mande-as embora. Se derem trabalho chame a polícia. — Heitor ordena, inflexível, me fazendo tremer por dentro. Estou evitando olhá-lo desde o momento embaraçoso na frente do juiz de paz. Compartilhamos um momento estranho. Ele me olhava com certa suavidade e me fez querer beijá-lo, então, afastou a boca da minha como se eu fosse alguma leprosa. Fui

inundada pela vergonha, raiva e desprezo por mim mesma.

— Faremos isso imediatamente, senhor. — Renan assente e só falta fazer uma reverência, como se estivesse diante de um rei. Quase reviro os olhos.

A conversa na mesa volta a fluir, principalmente entre Magnólia, Tristan e Alberto. Heitor está calado, taciturno desde o beijo ridículo e eu também.

— Coma, Sofia. — sua voz soa bem próxima do meu ouvido. Eu prendo a respiração. — Não quero minha esposa desmaiando em cima de mim, mais tarde...

Ele para de falar, deixando sua depravação implícita. Meu Senhor. Fecho os olhos brevemente, meu estômago dando voltas de nervoso. Não lhe respondo, apenas corto a carne suculenta e trago um pedaço à boca. Ouço sua risada baixa, zombadora. Tomo um gole do vinho *rosè*, seco. Preciso de álcool para enfrentar essa noite. Ele parece ler meus pensamentos e empurra uma taça com água para mim.

— Beba tudo. Não a quero embriagada também. — torna a murmurar asperamente em meu ouvido.

Ignoro-o e tomo o resto do vinho, sentindo-me rebelde, embora seja tarde demais. A aliança extravagante em minha mão esquerda me confirma isso. É linda, de ouro branco, toda cravejada de diamantes. Em outras circunstâncias eu a amaria. Não agora. Nem nunca. Odeio-a e tudo que representa, minha prisão junto a esse homem cruel e vingativo. Heitor não diz mais nada, no entanto, posso sentir seu olhar frio sobre mim o restante do jantar. Magnólia puxa assuntos triviais comigo e acabo descobrindo que é uma dama atuante nas causas sociais. Sinto que vamos nos dar muito bem. Esperava uma dessas senhoras esnobes e pedantes pelo sobrenome que carrega, mas, não, ela é acolhedora e cheia de energia para sua idade. Tristan nos diverte contando suas aventuras em um bar em Pequim, no ano passado. É piloto na HTL. O melhor, de acordo com ele mesmo. Rio com sua falta de modéstia. Tomo mais vinho e quando estou me sentindo tonta, mudo para a água, não porque o *ditador* ordenou, mas, porque detesto a sensação de embriaguez. Gosto de ter o controle de mim mesma. O que é uma piada, dadas as circunstâncias. Ironizo-me.

Todos vão embora algumas horas depois e meu coração começa a bater como um tambor quando Heitor volta da despedida de sua avó para se juntar

a mim na tenda.

— Vá para o seu quarto. — diz com os olhos penetrantes nos meus, seu pomo de Adão movimentando-se quando engole um pouco alto. — Só vou cuidar de algo no escritório e já vou me juntar a você.

Dito isso, se vira e sai imponente, parecendo o rei do mundo. Sigo atrás, um misto de sentimentos dentro de mim. Não sei se fico aliviada por ter mais alguns ínfimos minutos de liberdade, ou me sinto ultrajada por ser preterida pelo homem insensível, que prefere tratar de negócios na sua noite de núpcias. Ah, Deus, o que estou pensando? Isso tudo é uma farsa. Me dirijo para a escada, começando a subir os degraus.

— E não tire o vestido. — sua voz atrás de mim me assusta. Droga! Pensei que ele estava indo para o seu escritório. Me recosto no corrimão da escada. Ele está lá embaixo, as mãos nos bolsos, os olhos cravados em mim. Arfo, meu peito subindo e descendo de susto e também pelo brilho predador que consigo detectar em seu olhar, normalmente frio. — *eu* quero tirá-lo. Não ouse me desobedecer como fez lá na mesa. Não costumo ser tolerante, menina. — rosna e dessa vez vai em direção ao escritório.

Termino de subir os degraus com pernas trêmulas e corro pelo corredor, entrando rapidamente em meu quarto. Acabo de ficar totalmente sóbria com a ameaça nos olhos glaciais. Ando até a parede de vidro, as cortinas estão abertas, me dando a vista da vasta propriedade. Os jardins são a perder de vista. É tanta opulência que me sufoca. Foco em meu reflexo no vidro. Sou uma menina de aparência mediana. Nunca me achei bonita. Os meninos da minha escola sempre disseram que era bonita e viviam atrás de mim. *Os meninos.* Não homens como aquele lá embaixo. Não entendo o que Heitor Maxwell viu em mim. Ele pode ser o próprio diabo, mas, é um homem lindo de morrer. Poderia ter ficado com a Marcela, a mais bonita e charmosa de nós duas. Ela transa desde os quinze anos, saberia lidar com ele. Eu não. Puxo uma respiração trêmula, tentando a todo custo me acalmar. Não há mais nada que eu possa fazer. Só me resta aceitar meu destino e abrir as pernas para aquele bárbaro plantar seu filho em meu útero. Com sorte ele vai me engravidar e se cansar de mim logo. Deve ter uma fila interminável de mulheres loucas para agradá-lo e o cretino já me avisou que não vai ser fiel nessa farsa de casamento. Ele desconhece o conceito de decência. O detesto com todas as minhas forças por me obrigar a ser a sua prostituta, por estar roubando algo que guardei para o homem que eu amasse verdadeiramente.

Meus olhos ardem com lágrimas frescas. Me fingi de dura o dia inteiro, não dando espaço para lamentações. Mas, agora, oh, Deus, agora tudo está me batendo com a força de um trem de carga. Aquele déspota vai me possuir e temo que nunca mais voltarei a ser eu mesma.

Não sei quanto tempo se passa. Estou perdida em pensamentos quando sinto sua presença no quarto. Homem sorrateiro. Me viro e o encontro do outro lado do cômodo, parado, me olhando. Com um levantar cínico de sobrancelhas, me dispensa e anda em direção ao sistema de *home Teather.* Me permito admirar suas costas amplas no terno escuro. Me surpreendeu que tenha se vestido a caráter, com cravo na lapela e tudo. Tive que me policiar toda a cerimônia para não parecer uma menina boba e deslumbrada. Quando desci a escada e o vi lá embaixo, me esperando e nossos olhares se encontraram, me vi desejando que fosse um casamento de verdade, que aquele homem lindo pudesse me amar. Eu sei, sou uma menina tola, porque Heitor Maxwell tem me mostrado a cada momento que amor é um conceito alienígena para ele. O som familiar da banda *Deep Purple,* soa em volume ameno, me puxando do meu devaneio. Meu pai gosta de rock clássico e aprendi com ele a curtir algumas bandas. Essa é uma das tops. Carla tem razão, sou mesmo uma alma velha habitando um corpo jovem. Heitor olha por cima do ombro, os olhos encontrando os meus. É um olhar soberbo, de quem sabe que está no comando. Então, flexiona os ombros e começa a retirar o terno com gestos elegantes. Oh, meu Deus! Eu engulo com força. É agora. Me sinto acuada, nervosa como nunca em minha vida.

Ele se vira e anda em minha direção, jogando o terno sobre uma das poltronas. Meu coração está quase saindo pela boca sob o peso dos olhos azul-gelo. A sensação é vertiginosa, é como estar caindo em um abismo e não ter em que se agarrar. Um baque profundo. É isso que sinto toda vez que ele me olha. Esse homem tem um estranho poder sobre mim. É perturbador, aterrador e também muito excitante, não posso negar. Arranca a gravata num movimento fluído e seus dedos começam a abrir os botões da camisa branca. Arfo, minha respiração presa na garganta e começo a tremer de pavor. Rogo a Deus para que ele cumpra a sua promessa de não me machucar. Embora eu saiba que a primeira vez sempre é desconfortável. Seu olhar glacial desce, numa leitura lenta do meu corpo. Meus seios arrepiam, uma onda quente e eletrizante se espalhando em minha barriga. Sinto o líquido grosso umedecendo minhas paredes e eu arquejo, perdendo o controle do meu

próprio corpo. Desgosto me toma por reagir dessa forma vergonhosa a ele.

— Não lute contra mim, Sofia. — sua voz é baixa, um tanto rude quando para na minha frente. Meu olhar cai para sua camisa aberta, no peitoral e abdome definidos. Ele está em ótima forma e como presa em um feitiço, minhas mãos suadas comicham para tocá-lo, sentir sua pele. Calor emana do corpo grande e ameaçador perto do meu. É como uma onda elétrica vindo dele para mim, seduzindo-me, deixando-me fraca. — O nome disso é química, neném. — sussurra indulgente, me fazendo encará-lo. — Às vezes é forte demais. Desista de tentar controlar. — suas mãos tocam meus ombros e minha pele arrepia inteira, dos pés à cabeça. Ele sente isso, pois, aquele canto de boca cínico levanta um pouco e seus dedos enroscam nas alças finas do meu vestido. Seus olhos nunca desviam dos meus, enquanto as desce pelos ombros. Se inclina, seu perfume sutil enchendo minhas narinas e estremeço ao sentir os lábios quentes beijando meu ombro direito, subindo pelo pescoço, onde mordisca com um pouco de pressão. Um choramingo de puro prazer me escapa. Contra a minha vontade, eu gostei quando me marcou em Nova Iorque. — Esta noite serei mais cuidadoso, como prometi. — me gira delicadamente de costas para ele, as mãos passeando novamente pelos meus ombros, afasta meu cabelo para o ombro esquerdo e um gemido lamentoso sai da minha garganta ao sentir a chupada gostosa em minha nuca. Fico toda escorregadia, latejando, uma dor desconhecida e urgente, pulsando entre minhas coxas. A sensação é tão erótica que minhas pernas ficam moles. Ele ri baixinho e mordisca a carne, me causando tremores perversos. Suas mãos grandes acariciam-me sem pressa até chegar ao zíper do vestido.

— No entanto, não pense que terá essa cortesia novamente. Gosto de uma foda dura. — sussurra perversamente em meu ouvido. — Sugiro que se acostume a tomar o meu pau bem rápido, bebê. Tenho um apetite voraz também. Vou te comer do jeito que eu quiser e o tempo todo, menina. — quero mandá-lo para o inferno com sua depravação, mas, em vez disso, seguro um gemido, minha vagina latejando descontroladamente, mais líquidos descendo para minha calcinha. Estou tão pegajosa agora que fico envergonhada. A ponta da sua língua desliza em meu lóbulo e em seguida o morde, raspando os dentes sensualmente. Me transformo em uma bagunça trêmula e arquejante em seus braços.

Ele desce o zíper vagarosamente, enfiando as mãos grandes pela minha cintura nua, colando sua frente em minhas costas. Arquejo, sentindo seu

pênis duro se alojando em minha bunda. Sua respiração se altera um pouco quando as mãos sobem pelo meu ventre e enchem em meus seios. Meus seios não são grandes, estão mais para médios, mas, tenho orgulho deles. São redondos, firmes, as aureolas grandes e rosadas. Mordo o lábio para não gemer, ainda guerreando comigo mesma. Ele torce e puxa os bicos túrgidos, rosnando em minha orelha e desce a boca para meu pescoço e ombro outra vez. Eu devia odiar isso. É tão errado, imoral. Porém, meu corpo não parece se importar. Está preparado, pronto para ser tomado por esse homem, como se lhe pertencesse, como se tivesse esperado por ele. O quarto está envolto numa suave penumbra, lá fora a lua está alta no céu estrelado, a luz atravessando as paredes de vidro. Uma típica noite romântica, zombando de mim e de tudo que está prestes a acontecer. Meu vestido escorrega pelo meu corpo até o chão. Eu ofego, quase entrando em colapso quando a mão grande desce pelo meu ventre e cava entre minhas coxas.

— Tão molhada, bebê. — sua voz rouca, zombadora, arrepia minha pele. Massageia meu clitóris com a almofada da mão, enquanto desliza os dedos pela minha calcinha empapada. A outra mão dividindo a atenção entre um e outro seio, amassando-os com firmeza. Surpreendentemente percebo que gosto do toque áspero. — Vá para a cama e coloque as mãos sobre a borda do colchão. — meu corpo fica rígido com sua ordem. Ele vai me tomar assim, por trás nessa primeira vez? Li que essa posição é muito desconfortável para a mulher... Seu sorriso cínico soa e sua boca sobe para o meu ouvido de novo. — Não vou te comer por trás esta noite, menina. — seu tom fica mais perverso quando completa: — Não com meu pau... Agora, vá para a cama.

Estremeço por completo e ando, me esforçando para não tropeçar em meus próprios pés com essas sandálias indecentes e mantenho a postura altiva de bailarina. Subo os degraus para onde fica a cama. Posso sentir seus olhos sobre cada centímetro da minha pele e isso me deixa ainda mais excitada, desejosa. Coloco as mãos sobre a borda do colchão e não sei o que me dá, mas, quero parecer sensual, então, arqueio-me, esperando-o. *Perfect Strangers* começa a tocar e eu fecho os olhos por um momento. A letra é ironicamente correta. É isso que somos: perfeitos estranhos. Não posso me esquecer disso porque sinto essa atração louca por esse homem. Meu coração não parece entender isso, pois, troveja de emoção quando suas mãos estão sobre mim de novo. Passeiam pelas costas, ombros, coloca meus cabelos para o lado outra vez e um ronronar ridículo me escapa ao sentir os lábios mornos

em minhas costas. As mãos vão pela minha cintura e voltam para os seios, esmagando-os, enquanto a língua sai lambendo a minha coluna sem pressa, até a parte baixa das minhas costas. Choramingo, ofegando. Apalpa cada centímetro até chegar à minha bunda. Sinto-o se abaixando um pouco e as mãos acariciam meus globos redondos. Não sou nenhuma popozuda, mas, tenho um bumbum bem feito, arrebitado.

— Incline-se mais e abra bem as pernas. — sua voz está muito rouca, embrutecida. Salto quando dá um tapa firme em minha nádega direita. Arde e ele ri com a minha reação. Faço o que diz e gemo baixinho ao sentir seu hálito morno sobre a minha vagina, mesmo através da calcinha encharcada. Então, ele me abocanha por cima do tecido.

— Ah! — exclamo assustada com a sensação devassa invadindo meu corpo. Segura minha bunda, abrindo-a e enfia a língua em minha vulva, empurrando o tecido para dentro. Oh, Deus... O que ele está fazendo comigo? Me chupa através da calcinha, a sucção alta no ambiente. É tão sujo, decadente o que está fazendo, mas, também tão excitante. Passo a choramingar baixinho, querendo, quase implorando para sentir sua boca em minha carne nua. — Heitor... — chamo perdida em luxúria. Estou pingando mais e mais, alucinada.

Ele ri, rosna e desce o tecido todo molhado pelas minhas coxas, sem delicadeza. E sua boca está sobre mim de novo, sugando a carne nua. Estremeço violentamente, soluçando, puro prazer se espalhando em minha corrente sanguínea. Dá uma lambida pornográfica da minha vulva até o ânus e o massageia com a língua, empurrando suavemente o anel de músculos. Fico tensa, arrepios de medo e devassidão me tomando. Ele está *me comendo* com a boca. Agora entendo o quis dizer quando mencionou que não ia me comer com o pau... Suga e mordisca meus lábios juntos, enfiando a língua na vulva melada. Um dedo encontra meu clitóris e o esfrega impiedosamente. Arquejo, um orgasmo delicioso se formando em meu ventre. Suo, gemo, ofego sob seu ataque. Meus braços estão quase cedendo. Estou quase gozando quando me dá um tapa forte no globo esquerdo e me gira bruscamente, empurrando-me de costas sobre a cama. Meus olhos arregalam e eu engasgo ao perceber que está usando apenas uma boxer preta. O membro longo e grosso é bem visível sob o tecido. Sua risada baixa e debochada me faz levantar a vista. Seus olhos frios, sua postura reservada me faz ter asco de mim mesma por desejá-lo tanto, por estar tão descontrolada enquanto ele

parece não sentir nada.

Lágrimas surgem em meus olhos e viro meu rosto de lado, decidida a não sentir mais nada. Ser tão fria quanto prometi a mim mesma que seria. Eu não devia sentir tanto prazer com suas mãos e boca em meu corpo. Estou compactuando ao me deixar seduzir. Suas mãos separam minhas coxas, arreganhando-me com firmeza e seu corpo grande me esmaga sobre o colchão. Minhas pernas ainda estão penduradas para fora e seu pênis coberto pela cueca, esfrega em minha vagina nua. Fecho os olhos e aperto os lábios, rezando para que isso acabe logo. Há um segundo de hesitação da sua parte. Posso sentir seu olhar sobre o meu rosto, me analisando, então, sua boca suga e mordisca de forma delicada meu pescoço, descendo para o seio esquerdo, engolindo a aureola toda, chupando gostosamente. Vai aumentando a sucção aos poucos e morde o mamilo. Grito, arfando em seguida, quando o lambe lentamente, aliviando a picada. Tento a todo custo me manter imune. Mas, Deus, é gostoso, excitante demais. Ofego, ondulo, gemo baixinho, cravando minhas unhas nos lençóis de seda branca, aquela vontade absurda de tocar sua pele, seus cabelos, senti-lo também, volta com tudo e eu luto contra ela, contra ele. Choramingo, rangendo os dentes em conflito.

Heitor desce pelo meu ventre, beijando, sugando sensualmente até chegar entre minhas coxas. Sem mais delongas, arreganha meu clitóris, expondo o feixe de nervos para fora e sua boca gananciosa o chupa com força, enquanto mete dois dedos em minha vulva. Arde um pouco, mas, estou muito molhada. Ele me fode com os dedos, indo e vindo, sem forçar meu hímen. Tremores perversos assaltam meu corpo e eu solto um longo e rouco gemido, jogando a cabeça para trás. Me rendo, abandonando-me em seus braços, a quentura deliciosa escorrendo do meu ventre para o sexo. Ele não para, as pontas dos dedos massageando um ponto dentro de mim, que desconfio, seja o famoso ponto G, pela sensação quente e abrasadora se intensificando em minhas entranhas. Arquejo, estremecendo toda e o gozo me lava de dentro para fora com força brutal. Líquidos abundantes escorrem pela minha vulva. Me sinto tonta, dopada de tanto prazer e compreendo nesse momento que nunca tive nenhuma chance contra o toque experiente desse homem.

Ele rosna, um som satisfeito, másculo vibrando em sua garganta e vem para cima de mim, me arrastando para o centro da cama. Junta meus pulsos e os eleva acima da minha cabeça, mantendo-os firme sobre os travesseiros. Estou sofrendo os últimos espasmos do gozo violento quando a cabeça grossa

abre meus lábios vaginais. Seus olhos momentaneamente calorosos fitam os meus, então, ele mete em mim.

— Ai! Ai... Deus... — gemo, estremecendo inteira, me retesando pela invasão do pênis avantajado. Ele não para, apenas aperta mais seu domínio em meus pulsos, segurando minha coxa direita com a mão livre, me faz abraçar seu quadril com ela e estoca firme. Eu berro pela sensação dolorosa, a ardência fora do comum do meu hímen sendo rompido.

— Ah, porra! — range, seu corpo estremecendo levemente no primeiro sinal de descontrole vindo dele até agora. — Que bocetinha apertada, menina... — geme rouco e me odeio por gostar de afetá-lo pelo menos um pouco. — O pior já passou, Sofia. Agora relaxe e me deixe meter tudo. — gira o quadril e estoca profundamente, entrando até o punho. Eu grito de novo, sentindo suas bolas batendo em minha bunda. Embora esteja muito molhada, ele é grande e grosso. Está me esticando além do meu limite. É muito incômodo. Arfo, tremendo, lágrimas escorrendo em meu rosto.

Sua mão em minha coxa aperta com força e ele gira o quadril repetidamente, esfregando minhas paredes meladas e doloridas. Está todo enterrado em minha vulva apertada, nossos sexos colados. Os olhos azuis cravados nos meus daquela forma perturbadora e inescrutável que mexe tanto comigo. Como pode um olhar gelado acender esse fogo dentro de mim? Pergunto-me aturdida com o tamanho dessa química entre nós. Ele puxa deixando apenas a cabeça entre meus lábios e volta a meter até o fundo, com força. Grito em abandono e ele passa a me comer com golpes profundos e fortes. Sua respiração vindo direto para a minha boca, porém, não me beija. Em vez disso, seus lábios viajam pela minha face indo para o ouvido e ele morde meu lóbulo, lambendo-o depois. Ofego, molhando ainda mais, minha excitação voltando aos poucos, a dor de perder a virgindade sendo esquecida. Choramingo de boca aberta, sensações escaldantes, entorpecedoras tomando conta de mim, deixando-me toda quente, minha vulva pulsando, latejando em volta do seu pênis grosso. Solta meus pulsos e segura-me por baixo da bunda, levantando meus quadris e bate em mim, tão profundo que berro de novo e de novo, fora de mim. Quando percebo, estou me segurando em seus ombros largos, amando a textura dos músculos firmes. Gemo enrouquecida, perdida, recebendo suas estocadas brutas. Sua boca encontra um seio, mordiscando meu mamilo, sugando-o perversamente.

— Ahh... — choro, fora de mim, aceitando-o todo, gostando do seu corpo

másculo em cima do meu. Nossos olhos voltam a se encontrar e ofego pela sensação gostosa e agora tão familiar voltando a crescer em meu ventre. Ele me come com força, metendo tudo. Nossas bocas voltam a ficar bem próximas, resfolegando uma na outra. Estou a ponto de implorar para que me beije, então, o gozo me arrebata mais uma vez e eu grito, desamparada, me agarrando em seus ombros como uma tabua de salvação.

— Isso, menina, goza no meu pau! — grunhe e soca com tanta força que penso que me rasgou em duas. Um instante depois, os jatos quentes de seu sêmen explodem em minha vulva ardente. Convulsiono, meu orgasmo prolongando. É uma sensação surreal senti-lo gozando dentro de mim, me enchendo. — Porra, Sofia... — resmunga, então, desiste de se conter e urra, jogando a cabeça para trás, o rosto momentaneamente transformado pelo prazer. Seus olhos ficam claros, límpidos e meu coração falha uma batida, ao testemunhar isso, ele se desfazendo diante de mim, dentro de mim. Meu Deus, ele é lindo demais. Cai sobre o meu corpo, o rosto enfiado em meu pescoço, metendo fundo, me dando até a última gota do seu esperma.

Langor quente se espalha em cada célula do meu corpo. Ainda estou respirando pesado, saciada, deslumbrada e confusa. Não devia ter sido tão bom. Não devia. Me recrimino. Heitor parece sentir a minha tensão, pois, se levanta e sai do meu interior, me fazendo ofegar pela ardência. Sinto o esperma vazando da minha vulva e quase gemo com a sensação devassa, decadente. Sem uma palavra, se vira e vai até o banheiro. Volta em seguida com uma toalha nas mãos. Ainda estou do mesmo jeito, com as coxas abertas, sem forças para me mexer. A coloca sobre a minha vagina, me fazendo gemer pelo calor molhado e calmante. Faz um pouco de pressão. Nenhum de nós diz nada, enquanto ele surpreendentemente *cuida* de mim. Vai ao banheiro descartar a toalha e resolvo testar minhas pernas, gemendo baixinho pela dor afiada entre minhas coxas. Meus olhos caem sobre uma pequena mancha de sangue no lençol. Uma sensação de desamparo me assalta e meus olhos turvam com lágrimas. Está feito. Sou dele agora. Por quanto tempo ele quiser. Quando volta do banheiro, me cubro rapidamente com o lençol, mas, é em vão porque Heitor nem me olha, simplesmente vai catar suas roupas e começa a colocá-las. Quando termina vem para mim, parando na beirada da cama.

— Foi gostoso foder você, menina. — ele diz, os olhos já estão glaciais, o homem de gelo de volta ao controle, todo recomposto, como se não tivesse

urrado e gozado como um cavalo dentro de mim minutos antes. Arfo, raiva e vergonha me invadindo. — É naturalmente fogosa. Vamos nos dar muito bem na cama.

— Você não tem que ser um filho da puta frio o tempo todo, sabia disso? — o enfrento. Ele levanta aquela sobrancelha cínica.

— Não vamos fingir que isso aqui é algo que não é, bebê. — diz jocosamente. — Embora, comer sua bocetinha virgem tenha me agradado muito. Estou surpreso por uma novata ter me agradado tanto assim, para ser sincero.

Meu rosto queima de raiva, repulsa. Ele é asqueroso.

— Eu te odeio. — digo baixo, lutando para não chorar em sua frente.

Ele rola os olhos.

— Me conte alguma novidade, Sofia. — zomba, passando as mãos pelos cabelos, então, seu rosto fica sério. — Ficarei fora por três dias. Quando voltar iremos para a Grécia.

Eu franzo o cenho. Ele vai me levar em lua de mel? Seus olhos parecem ligeiramente divertidos com a minha confusão.

— Não, *esposa,* isso não é uma lua de mel. — diz quase com nojo das palavras. — Tenho negócios para tratar por lá.

— Eu prefiro ficar. — desafio-o.

Seus olhos ficam ainda mais gélidos se é que isso é possível.

— Você não tem vontades por aqui, menina. — range friamente. — A negociação deve demorar uma semana. Foder você todo dia vai manter o stress sob controle.

Minha boca escancara com suas palavras machistas, frias, indelicadas. Meu sangue ferve de ódio desse *Senhor Feudal.*

— Se está estressado contrate um terapeuta, seu filho da puta! — digo-lhe, perdendo as estribeiras.

Ele ri. Uma risada alta, os dentes branquinhos à mostra. Meu Deus, ele é uma combinação letal de beleza e crueldade. É ainda desconhecido para mim porque me excita tanto.

— Não, bebê. Prefiro comer você. — sussurra, um flash quente passando em seus olhos. — Te encher de porra sempre que *eu* quiser.

E com isso ele se vira e sai, sem mais. Típico.

— Morra, Heitor Maxwell! — eu grito às suas costas e desabo sobre a cama.

Ouço sua risada cínica mais uma vez antes de ele sair do quarto. Oh, Deus, esse homem se revela cada vez pior. O que será de mim em suas mãos? Gemo em desânimo. Tenho até medo dessa resposta.



CAPÍTULO QUATRO

Sofia

Acordo com um barulho baixo de algo tilitando. Abro os olhos e vejo Rosa depositando uma bandeja sobre o criado-mudo. Espreguiço-me, gemendo baixinho, meus músculos doloridos reclamando, como se tivesse feito um ensaio intenso ontem. Sinto meu rosto esquentando ao relembrar tudo... Não foi um treino, foi muito, muito mais intenso... Heitor passou por cima de mim como um trator. Se aquilo foi ele sendo *cuidadoso*, nem quero imaginá-lo sendo bruto.

— Oh, não sabia que ainda estava dormindo, desculpe-me. — a governanta diz constrangida. Meus olhos vão para a bandeja bem sortida com o meu café da manhã, suponho. Rosa se vira e me encara com um sorriso aberto. — Bom dia, senhora. O senhor Heitor me instruiu a trazer seu café na cama nesta manhã e deduzi que já estava acordada. Posso levar de volta e trazer depois...

— Não. Está tudo bem, Rosa. Bom dia. — murmuro, me sentando na cama e gemo baixinho pela dorzinha em meu sexo. Rosa me oferece um pequeno sorriso de cumplicidade feminina ao perceber a razão do meu desconforto. Olho o relógio sobre o criado-mudo, me assustando quando vejo que passa das dez. — Me chame apenas Sofia, por favor.

— Não posso fazer isso, o senhor Heitor não aprovaria. — nega veementemente, as mãos juntas à sua frente, toda cerimoniosa, no entanto, oferece solícita: — posso ajudá-la com algo? Quer que prepare o banho?

Meneio a cabeça, apontando o café.

— Pode me passar a bandeja, por favor? Estou morrendo de fome. — meu rosto cora novamente com o meio sorriso que ela me dá.

— Claro, senhora. — acena, fazendo o que pedi. — Qualquer coisa que precisar não hesite em me chamar. Estou aqui para servi-la.

Assinto, servindo-me de café e leite.

— Obrigada. Heitor já saiu? — pergunto como quem não quer nada.

— Sim, senhora. — confirma com um sorriso tenso dessa vez. Pelo visto não sou a única que estranha meu *amoroso marido* ter dado no pé logo na

manhã após as núpcias.

Vai pela sombra, querido! Eu Zombo.

Ela despede-se e sai em seguida. Pego o controle na cabeceira da cama e aperto no botão para abrir as cortinas. Suspiro como uma criança deslumbrada à medida que as duas partes do tecido bege-escuro, vão correndo no trilho, a claridade entrando no cômodo, ao mesmo tempo em que a vista de fora me nocauteia. É uma propriedade soberbamente linda. *Como o dono.* O pensamento enxerido sopra em meu cérebro. Franzo o cenho e balanço a cabeça, expulsando tudo sobre Heitor Maxwell da minha mente e me concentro nas guloseimas à minha frente. Agora que estou fora do balé, posso comer o que quiser. Esse pensamento mundano faz meus olhos lacrimejarem. Não tenho mais o balé e isso me dói profundamente. Comer sem recriminações e culpa, será meu único prazer de agora em diante. Pelo menos enquanto estiver vivendo com aquele homem asqueroso. E como uma espécie de vingança, as memórias de ontem me engolfam. Eu, pendurada em seus ombros, enquanto ele metia o pênis longo e grosso em mim, com força, me fazendo gozar tão forte que fiquei tonta, entorpecida. Não pensei que fosse possível sentir tanto prazer na primeira vez... Meu corpo todo arrepia, se acendendo com a lembrança. Meu Deus, o que é isso? Gemo, tomando um grande gole de café e pegando uma rosquinha amanteigada. Para a minha total vergonha, meu corpo quer o dele e não se importa com a situação bizarra em que me encontro.

Contra a minha vontade, admito que terei prazer sexual também enquanto estiver com ele. Devo me alegrar por isso? Afinal, poderia ser ainda mais filho da puta e não se importar comigo na hora do ato. Mas, não, pelo contrário, ele se empenhou em me dar prazer. Abano a cabeça. Não, não vou me permitir ficar confortável porque me fez gozar. Ele que vá para o inferno por estar me obrigando a isso! Termino meu café e me arrasto para o outro lado da cama, para me levantar, e é quando vejo um envelope branco com meu nome sobre a escrivaninha embutida no armário. Vou até lá, pegando-o e despejo o conteúdo sobre o tampo de madeira. Uma chave de carro. Espera, eu engasgo vendo a marca. Não qualquer carro, é uma Mercedes! Meu Deus! Para mim? Por que Heitor me daria um carro? Pergunto-me estupefata e meus olhos vão para os três cartões de crédito. São daqueles escuros, com letras douradas, com aparência extremamente requintada, que só possui quem realmente tem dinheiro. Sacudo a cabeça, confusão me tomando. Ele esteve

aqui enquanto eu dormia? Pego tudo e coloco de volta no envelope. O senhor Maxwell pode enfiar esses presentes em seu traseiro podre de rico! Não vou tocar em um centavo do seu maldito dinheiro!

Irritada, vou cuidar da higiene matinal. Após o banho, faço uma pequena rebelião, colocando um shortinho jeans e regata. Torço o nariz também para o guarda-roupas completo que foi entregue ainda ontem para mim. As melhores grifes estão aqui, à minha disposição. No entanto, prefiro minhas roupas velhas e um confortável par de Havaianas. Desço para explorar a casa sem a presença ameaçadora do seu dono. À tarde irei visitar meu pai no hospital. Quero ir vê-lo todos os dias. Quando o *ditador* me permitir estar na cidade, claro. Eu bufo, empurrando a primeira porta depois de um imenso corredor no térreo. É uma biblioteca.

— Uau! — exclamo baixinho e entro no cômodo suntuoso. Paredes altíssimas, com estantes a perder de vista, me saúdam. Os móveis são todos em madeira de lei, os estofados cremes, com almofadas negras. Ando devagar, suspirando, já antevendo que este será um bom local de refúgio. Amo ler. O balé e a leitura são minhas duas fugas desde pequena. Como não terei um estúdio por aqui para me exercitar, essa biblioteca foi uma grata surpresa. Avanço até a primeira estante e corro os dedos pelos exemplares, lendo os títulos com interesse. Essa sessão é de política. Platão, Maquiavel, entre outros nomes clássicos, estão à vista. Avanço um pouco mais, para a próxima sessão. Poesia lírica. Não seguro um bufo incrédulo, duvidando de que Heitor já tenha lido algo dessa sessão. Sigo minha exploração ávida até a sessão de literatura, rindo levemente quando vejo alguns títulos que já li: Cem Anos de Solidão, de Gabriel García Márquez; Dom Casmurro, Machado de Assis; A Metamorfose, Franz Kafka; e outros que estavam na minha lista para esse ano, como o Apanhador no Campo de Centeio, de J. D. Salinger, por exemplo.

Pego o exemplar de Metamorfose, notando que está bem manuseando. Algo cai de dentro das páginas. Parece um pedaço de uma foto. Me abaixo e pego-o. São dois meninos. Heitor e Tristan, reconheço os olhos azul-gelo na foto. Mesmo em tão tenra idade, sua expressão já era assustadoramente fria, sem vida, como se pouco se importasse com quem estava registrando o momento. Franzo o cenho, percebendo que mesmo Tristan não está sorrindo nessa foto. Desdobro o canto rasgado, notando um sapato feminino, alto e elegante. A mãe deles? Seus pais morreram tragicamente em um acidente de

avião, há muitos anos. Quem rasgou essa foto? Heitor ou Tristan? E se era a mãe, por que a arrancaram de forma tão desrespeitosa?

Meu celular toca no bolso traseiro do short, me assustando. Guardo a foto dentro do livro novamente e pego o aparelho, gemendo quando vejo o visor: é Soraia. Estou ignorando as duas mulheres desde nosso último encontro no hospital. Elas queriam vir ao casamento, porém, Heitor foi categórico ao deixá-las de fora. Terei de conversar com as vacas em algum momento, embora. Soraia falou sobre problemas financeiros. Preciso entender melhor a situação em que se meteram, *nos* meteram. Se elas tiverem acabado com as economias do meu pai, o que vou fazer quando essa farsa de casamento terminar? Para onde vou? O que farei da minha vida? Atendo-a, decidindo não prolongar mais essa conversa.

— Soraia. — digo em tom frio, indo até a parede de vidro. Há uma vista privilegiada para o jardim e o lago daqui também.

— Oh, Sofia, minha filha, graças a Deus! — sua voz é excessivamente alegre do outro lado. — Como você está, querida? Eu e sua irmã ficamos tão preocupadas quando aquele homem cruel barrou nossa entrada para a cerimônia ontem. — eu rolo os olhos. — Ele não machucou você, não é? Sabe que pode contar para nós. Somos sua família e estamos aqui, não importa a má vontade de Heitor. Estamos aqui para lhe apoiar.

Quero gritar para me deixarem em paz, só que os desaforos ficam presos em minha garganta. Me recrimino por ser tão covarde e permissiva com elas desde o começo. Queria tanto que sua preocupação comigo fosse real. Que eu tivesse de fato, alguém com quem contar. No entanto, é impossível acreditar depois de uma vida sendo maltratada por elas. A única pessoa que me ama e faria qualquer coisa por mim é Carla, mas, minha amiga está bem longe. Além disso, é só uma menina, como eu. Não pode me ajudar. Ninguém pode me ajudar. Só terei uma vida novamente quando der um filho ao *dono do Feudo.* Suspiro com desgosto.

— Obrigada. — digo, entalada. — Ele não me machucou.

Ouço uma expressão de choque, então, Marcela assume a ligação:

— Como?! Ele não te machucou? — seu tom parece além de chocado, raivoso. — Eu jurava que ele era um bruto total... — suas palavras morrem, então, seu tom suaviza: — Graças a Deus, Sof. Estávamos tão preocupadas,

com medo de ele machucá-la em sua primeira vez, querida.

— Ele foi até cuidadoso, eu diria. — digo sem ânimo, querendo encerrar logo essa ligação.

— Uau, quem diria, hein? — há novamente um toque velado de raiva em sua voz. — Ele é apenas um homem, afinal. Talvez tenha ficado sensibilizado de certa forma. Você não é tão bonita quanto eu, mas, era virgem. Os homens tendem a ficar todo bobos diante de uma boceta intacta.

Suas palavras vulgares e venenosas me lembram da velha Marcela. Ouço um zumbido e em seguida, a voz de Soraia soa em meu ouvido:

— Ele deve estar encantado por você, filha. — diz com empolgação.

— Confie em mim, ele não está. — nego veementemente.

— Claro que está. Por que não estaria? Você é uma menina bonita. — Seu tom é conciliador dado o deslize de Marcela. — possui uma beleza diferente de sua irmã, entretanto, é perfeitamente capaz de colocar o todo poderoso de joelhos.

— Eu duvido disso. — nego novamente, já de saco cheio dessa conversa.

Ela ri de forma suave. Devem estar muito desesperadas para estarem me cercando dessa forma.

— Vamos te ajudar a conquistar Heitor Maxwell, querida. Mas, terá que nos levar para dentro da mansão, para podermos apoiá-la, estar mais perto, entende? Estou morrendo de preocupação por deixá-la aí, sozinha, à mercê desse homem sem coração. — suspira melodramática. — Seu pai não iria me perdoar se a deixasse desamparada.

Meu coração dói com a menção do meu pai. Ela não tem escrúpulos em usar sua situação para me comover. Estou seriamente desconfiada do *acidente* que o deixou naquele hospital. Na época não questionei e não pensei muito. Logo, Soraia me exportou para os Estados Unidos, porém, ultimamente tenho pensado em contratar um detetive particular, ou algo do tipo para investigar tudo para mim. A polícia investigou no começo, mas, acabou confirmando a versão de Soraia, de que foi apenas um infeliz acidente.

Como vou fazer isso? Não tenho recursos. Não tenho contatos. Talvez... Eu abano a cabeça. Não, Heitor não me ajudaria. Por que faria algo bom para

mim?

— Heitor não quer ninguém por perto, Soraia. — digo, forçando meu tom mais firme. — Ele é uma pessoa muito reservada, como já deve ter percebido.

Ouço um gemido de desgosto do outro lado.

— Além disso, tirem da cabeça, essa ideia absurda de tramar contra um homem como Heitor. — aviso-as. — Ele já mostrou que não perdoa deslizes. Por isso estou aqui, pagando essa maldita dívida.

Isso a deixa em silêncio por uns instantes.

— Eu sei, querida. Posso imaginar o quanto isso está sendo difícil para você. — volta ao tom conciliador. — Que tal almoçarmos amanhã? Vamos discutir tudo com mais calma.

— Está bem. — concordo para me livrar.

— Oh, perfeito! — seu tom volta à euforia. — Vou fazer as reservas naquele restaurante chiquérrimo que inaugurou no mês passado. A senhora Maxwell precisa começar a circular. Eu e sua irmã vamos ajudá-la, não se preocupe.

Eu rolo os olhos.

— Eu preciso desligar agora, Soraia. — desligo, não lhe dando tempo para replicar.

Meus ombros caem em derrota. Se meu pai estivesse bem de saúde as coisas estariam melhores. Meus olhos ardem, não consigo suportar a sensação de solidão esmagando meu peito. Me deito no divã luxuoso e me viro para a parede de vidro, os cisnes brancos deslizando suavemente nas águas mansas do lago, me distraem momentaneamente. Me estico, meu corpo todo dolorido e não de uma forma ruim. Isso que é pior. Mesmo diante da situação absurda, eu gostei de ser possuída por Heitor. Que tipo de garota goza ao fazer sexo com o equivalente a seu captor? Só uma garota tola e inexperiente. Me recrimino. Meu telefone volta a tocar e bufo, temendo serem as duas víboras de novo. Então, alegria me enche quando vejo que é Carla. Eu já devia ter ligado, mas, estava com vergonha, sem saber o que dizer para ela.

— Ei, Car. — cumprimento-a, rolando de costas no estofado macio, meus olhos indo para a claraboia no teto alto.

— Oi, Sof. Como você está, amiga? — sinto sua urgência e preocupação. Sua voz está um tanto anasalada, parecendo gripada. — Ele te machucou, não foi? Cretino, filho de uma cadela!

Eu rio um pouco com seu arroubo.

— Não, amiga. Ele não me machucou. Eu, eu... Senti prazer.

— Espera, ele não te machucou e você sentiu prazer? — ela é toda surpresa agora.

Gemo, vergonha tomando conta de mim pela milésima vez.

— Eu sou uma... Me comportei como uma puta. — digo-lhe com desgosto. — Já aí em Nova Iorque, no instante que ele me viu, foi para cima de mim e cedi. — fecho os olhos brevemente. — Não consigo resistir ao toque dele, amiga. Eu devia ter sido mais forte. Devia ter odiado tudo, seu toque, sua posse. Eu devia odiá-lo. — ranjo os dentes.

Ela fica um instante em silêncio.

— Não seja tão dura consigo mesma, Sof. — pede suavemente. — Estive em uma ou duas festas em que Heitor estava e, deixe-me lhe dizer, amiga, você se comportou como qualquer garota da nossa idade diante de um homem como aquele. Ele pode ser o diabo cobrando uma dívida como você diz, mas, o cara é gostoso além da conta.

Eu gemo baixinho. Oh, Deus, sim, ele é delicioso. Cretino, frio, mas, sabe como agradar uma mulher na cama. Alguma qualidade ele tinha que ter, né? Debocho.

— Você não está ajudando muito, Car. — resmungo e ela ri. Sinto tanta falta dela. Meu peito dói por não saber quando a verei de novo. — Me ajude. Dê alguma dica para que eu possa resistir da próxima vez que ele me tocar. — peço esperançosamente.

— Infelizmente as coisas não funcionam assim, amiga. — diz com pesar. — Sinto informar, mas, se você gozou em sua primeira vez, significa que o cara é muito bom... — faz uma pausa de efeito. — O sexo só vai ficar melhor, Sof. A próxima vez não haverá mais desconforto e, amiga, não tem como resistir a um homem que te fez gozar mesmo sentindo dor.

Meu Deus. Estou perdida. Eu já desconfiava disso. Não sou tão tola. Imaginei que nas próximas vezes as coisas iriam esquentar mais e o prazer

seria maior.

— Sim, amiga, ele é um homem experiente, sabe como e onde tocar. — aceito minha derrota.

— Bom, pelo menos ele não foi um imbecil total, se preocupou com o seu prazer. — murmura, tentando me animar. — Você precisa começar a racionalizar a coisa toda, Sof.

Eu franzo o cenho.

— Como assim?

— Os homens são facilmente manipulados com sexo desde que o mundo é mundo, amiga. — me diz em tom conspiratório. — Faça esse gostoso safado comer na sua mão, garota.

Eu bufo. Estranhamente ela é a segunda pessoa que me fala isso hoje. Elas não o conhecem de perto como estou começando a conhecer. O homem é mais frio que um *iceberg.* Ninguém pode manipulá-lo. Sobretudo, uma novata como eu.

— Heitor é um homem muito diferente dos outros, Car. — digo simplesmente.

Ela bufa.

— Todo homem possui um ponto fraco, querida. — ri baixinho. Posso imaginar seu rosto se iluminando pela excitação de tramar algo. — Descubra o do bonitão e vire o jogo contra ele, amiga.

Um arrepio atravessa meu corpo e estranhamente não é de medo. Olhos azul-gelo surgem em minha mente e eu arfo um pouco. *Bruxo.* Resmungo mentalmente.

— Talvez você tenha razão, amiga. — digo baixinho, começando a considerar o conselho. — Você só tem dezoito, como eu. Aonde adquiriu toda essa experiência com o sexo oposto? — a provoco.

— Tenho dois ex-namorados no currículo e transo desde os dezesseis, sabe disso, amiga. — diz toda orgulhosa.

— É realmente um vasto currículo. — caçoo e ela gargalha, o som contagiante entrando em mim e mandando um pouco da minha solidão e tristeza embora. Quando vejo estou rindo também, alto. Somos esquisitas

assim, quando uma começa a rir a outra segue e só Jesus na causa.

— Como está o Rafael? — Rafael é o namorado de Carla há um ano. Fomos todos juntos para a mesma escola em Nova Iorque. Há um silêncio na linha. — Car?

— Ele me traiu, Sof. — toda a alegria e descontração sumiu da sua voz. Meu peito aperta ao ouvir isso. Ela respira agudamente. — Com a puta da Cissa. Consegue acreditar nisso, amiga? — funga um pouco. Agora vejo a razão da sua voz constipada. Esteve chorando. — A encontrei quicando no pau dele ontem, em seu apartamento.

Minha boca escancara, minha surpresa aumentando ainda mais. Meu Senhor. Foi dupla traição. Cissa era nossa amiga. Como isso aconteceu? A menina parecia tão gente boa.

— Meu Deus, amiga, que canalhas! — rosno, meu sangue fervendo de raiva dos dois por magoar minha amiga assim.

Ela está chorando abertamente agora.

— Eu passei no teste, amiga. Fiquei com uma das vagas no musical da Broadway. — me diz com voz entrecortada, sem a empolgação que teria se a situação fosse diferente.

— Parabéns, querida! Eu sabia que ia conseguir. — digo sentindo a sua dor. Traição para mim é algo que não há perdão. Meu único namoradinho se deixou seduzir pela vaca da minha meia-irmã e depois, tentou voltar arrependido. Nunca mais olhei na cara dele de novo. — E a outra? Com quem ficou?

Carla hesita um segundo.

— Rafael. — diz com tristeza, recomeçando a fungar.

— O que ele disse quando você os flagrou, amiga? — pergunto, lamentando fazê-la reviver a cena, mas, precisando entender em que pé eles estão.

Novo silêncio e eu fico com medo da resposta.

— Ele garantiu que foram poucas vezes. — murmura e sinto sua vergonha daqui. Ela não terminou com o traidor de uma figa. Que raiva do cretino! — Ela deu em cima dele, Sof! Ela fingia ser minha amiga! — despeja toda a sua

raiva em cima de Cissa, um erro que a maioria das mulheres comete nesses casos. — E ela faz sexo anal também. Sabe que os homens ficam loucos com vadias que fazem esse tipo de coisa...

Meu Deus! Informação demais. Eu engasgo, corando violentamente. Na verdade, eu não sei e não quero saber nada sobre esse assunto. Sexo anal para mim é algo além de imoral.

— Então, você e Rafael continuam juntos? — pergunto já sabendo a resposta.

— Sim. Não vou entregar o meu namorado de mãos beijadas para uma cadela safada que gosta de dar a bunda. — diz rangendo os dentes.

Certo, então. Eu fico calada, me abstendo de dar minha opinião. Carla não parece muito racional no momento. Rezo para ela acordar e dar um pé na bunda do traidor, em breve. Ficamos em um silêncio confortável.

— Sof? — ela chama depois de um tempo.

— Sim?

— E quanto ao bebê?

— Que bebê?

— O *seu,* bebê, amiga. Quando tudo terminar, terá acesso a ele quando quiser vê-lo? — pergunta com curiosidade e uma nota de confusão.

Eu paro, gelando da cabeça aos pés. Meu Deus! Eu não parei ainda para pensar a respeito. O bebê... Meu filho também. Não apenas o herdeiro do todo poderoso, mas, *meu* filho, gerado em *meu* ventre. Um tremor desconfortável me percorre. Medo, insegurança e raiva da situação em que aquele homem me colocou, se espalham sobre mim.

— Ainda não falamos sobre isso, Car. — digo com um caroço na garganta.

E se ele não me permitir ver o bebê? Como é que não pensei sobre isso antes? Como vou deixar meu filho assim? Que tipo de mãe faz isso? Eu... Eu.. Penso aturdida. Sou muito jovem para ser mãe, mas, de repente já me sinto de certa forma protetora com esse bebê que ainda nem foi gerado. Coloco a mão em meu ventre. Ou foi. Heitor gozou dentro de mim ontem. Outro tipo de tremor me percorre ao me recordar da sensação quente e

deliciosa do seu sêmen me inundando. Consigo senti-lo, grande, grosso, estocando em minha vulva, me esticando além do meu limite. Minha vagina esquenta, umedecendo, pulsando, mesmo toda dolorida. Ofego baixinho. Meu Deus. Como vou resistir àquele homem? A *isso?*

Dois dias depois... Rio de Janeiro, Brasil

Heitor

Me estico, me acomodando no estofado em forma de L e levo meu uísque doze anos aos lábios. Meu olhar percorre o ambiente sofisticado e lotado da casa noturna de um de meus clientes vips, no Leblon. Uma garota seminua está se esfregando sensualmente no poli dance no palco central. É uma morena, o corpo cheio de curvas deliciosas. *Porra, isso é bom.* Rio, me referindo à bebida e à dançarina no palco. Me deleito pela distração depois um dia estafante no Aeroporto Internacional Galeão. Mais um dia socado lá dentro, no escritório da HTL. Havia assuntos urgentes que exigiam minha atenção aqui no Rio. Estamos inaugurando um estacionamento privado e moderno, semelhante ao que temos no terminal de Guarulhos, com totais privilégios para os clientes fidelizados. Além da mais moderna sala vip do aeroporto. Solto um grunhido, o cansaço aparecendo. Certo, nada que não pudesse ser resolvido pelo meu vice-presidente, ou um dos muitos gerentes capacitados que a empresa possui. No entanto, gosto de aparecer para visitas surpresas em nossos escritórios espalhados pelo país.

Suspiro, uma irritação sem motivos se intensificando em mim. Mentira. Minha irritação tem um motivo, e um nome: Sofia. Eu saí depois que tirei sua virgindade. Subestimei a menina por ser virgem, inexperiente. Olhos verdes lindos e inocentes, invadem a minha mente e eu rosno, desviando o olhar da garota no palco, dispensando-a. Já não me parece tão atraente diante da lembrança vívida da minha pequena bailarina. Vim aqui hoje com o intuito de aliviar um pouco da minha tensão... Meu cliente coordena uma rede sofisticada de acompanhantes de luxo. Sempre uso os serviços quando estou no Rio. As garotas são todas lindas, passando facilmente por modelos. Porém, minha cabeça não está aqui. Está em São Paulo, com Sofia. *Sofia.* Resmungo, insatisfeito comigo mesmo por não conseguir parar de pensar na menina. Estou em estado constante de excitação desde que a deixei há dois dias. Queria mais, muito mais e me obriguei a sair, exatamente por isso. Iria matá-la de tanto foder se continuasse lá, porque minha vontade era continuar em cima dela. É muito linda, gostosa demais. Não posso nem começar a

descrever o que senti ao afundar meu pau em sua bocetinha virgem... Romper seu hímen. Me senti possessivo, enlouquecido de tanto tesão. A coisa toda foi diferente, há uma química fora do comum estalando entre nós sempre que estamos perto. É naturalmente fogosa, responsiva, e se entregou facilmente. Não que eu esperasse muita resistência porque, modéstia à parte, sei como tocar o corpo de uma mulher. Sofia não tinha chances contra mim. Nunca terá chances. Vou me divertir muito com ela, isso é certo.

Sou um filho da puta sortudo por ter encontrado uma flor tão rara e intocada. Meu sangue esquenta, meu pau ficando duro com as imagens de nós dois entrelaçados, apaixonados naquela cama. Gozar nu dentro dela, enchê-la com a minha porra, foi uma sensação arrebatadora, para dizer o mínimo. Foi tão gostoso que não consegui me controlar e urrei como um animal, esporrando em seu canal quente e apertadinho. Nunca fui muito eloquente com as mulheres que passaram por minha cama. Depois que gozo, quero distância delas. No pós-coito, evito chamegos, a proximidade me irrita. As mulheres não entendem que há caras que querem apenas trepar. Não há sentido em fingir que fez amor quando na verdade, você fodeu. E isso é tudo que faço: eu fodo. Sem amarras, sem remorsos, e com toda certeza, sem malditos beijos. Poucas mulheres tiveram essa cortesia da minha parte. Apenas as que estão em minha vida há algum tempo. Tenho fodas regulares, que estão sempre dispostas, basta estalar os dedos, caem aos meus pés, chupando meu pau, fazendo qualquer coisa para me manter satisfeito.

Mas, essa menina... Eu quis beijá-la em mais de um momento e isso me irritou demais. Salivei para sentir o gosto daquela boquinha carnuda, que me deixou duro apenas colando meus lábios nos seus. Aqueles olhos verdes são tão transparentes, é como se me chamassem, seu tesão por mim escancarado. Gosto de ver como fica afetada, excitada quando chego perto. Admito que estou de certa forma encantado com sua inexperiência, seu corpinho virgem, delicioso, sendo entregue em uma bandeja para eu devorar. É incompreensível para mim, mas, aprecio saber que serei o primeiro em tudo. Porra, sempre preferi as mulheres mais sofisticadas, que sabem o que fazer na cama. O que disse à Sofia era verdade. Estou surpreso que tenha sido tão bom. A menina não fez porra nenhuma para me cativar. Apenas ficou lá e me deixou comer sua boceta do jeito que eu quis, mas, porra, como é gostosa. Gemo, ajustando meu pau dolorido dentro das calças. Tentou resistir no começo, no entanto, acabou se rendendo ao tesão absurdo entre nós. Ela não

precisava fazer muita coisa. Bufo desgostoso. Não com um corpo como aquele. Não com aquele rostinho inocente que me deixa a ponto de gozar apenas olhando-a.

— Senhor Maxwell, que prazer tê-lo conosco nesta noite. — minha atenção é captada pela *hostess* loira, de pé do lado da minha cabine. — Vai usar sua sala hoje, senhor?

Inclino o queixo em saudação e fico calado por um instante. Eu vou? Pergunto-me, uma indecisão que não é comum em mim e isso me deixa ainda mais sisudo. Mantenho uma sala privada em meu nome. Não gosto de usar nada compartilhado. Chame-me de egoísta, mas, é assim que sou.

— Sim. — digo-lhe em tom glacial. — mande as três melhores da casa para mim.

Cerca de dez minutos depois, estou entediado ao extremo, sentado numa poltrona no meio da sala privada. Mais um copo de uísque na mão, olhando as garotas seminuas, dançando na minha frente. O rock clássico está tocando em volume agradável, como gosto. As garotas são lindas, deliciosas, do jeito que gosto. Tudo está do jeito que aprecio. Então, porque diabos não estou em cima das mulheres? Rosno porque a resposta é uma só: meu pau não está duro por nenhuma delas. Minha ereção permanente tem nome e endereço. Me levanto e vou até o interfone, chamando a gerência:

— Eu pedi as melhores, porra. — meu tom é baixo, mas, irritado. Por que diabos estou tão alterado?

— S-senhor, nós enviamos as melhores, como pediu. — a mulher está nervosa do outro lado.

— Enviem outras. — exijo friamente. — Essas não estão fazendo nada para atrair meu interesse.

— Certamente, senhor. Sua satisfação é a nossa prioridade. — ela diz rapidamente.

— Acho bom mesmo. — digo ainda no modo imbecil total. — Mande-me uma ruiva, uma loira e... — solto um grunhido, fechando os olhos por um momento, a imagem da menina me perseguindo. — Uma morena-clara, de olhos verde-escuros, cabelos castanhos longos. Vinte anos, no máximo.

— Perfeitamente, senhor. Temos uma menina com essa descrição e já

adianto que não vai achar outra tão bonita em outro lugar. Ela vai agradá-lo, tenho certeza. — a mulher diz ansiosa.

— Duvido. — resmungo e desligo.

Vou até a porta, abrindo-a, sem rodeios. As garotas param de dançar, suas bocas abertas, mostrando sua confusão. Então, rapidamente se recompõem, recolocando seus vestidos elegantes e passam por mim, as cabeças baixas, provavelmente envergonhadas por não terem me agradado. Fecho a porta e volto para minha bebida. Não demora quase nada, a porta volta a se abrir e a nova remessa entra. Eu me viro, um sorriso cínico abrindo em minha boca e aponto para minha virilha.

— Estão esperando o quê? Quero todas chupando o meu pau. Agora. — eu ranjo e elas avançam, seus sorrisos quase mordendo as orelhas. Estão ansiosas para me agradar.

Eu atravesso a sala da minha casa, cerca de uma hora e meia depois. Está tudo silencioso, escuro, apenas a luz da lua entrando pelas vidraças. Olho para a escada, me perguntando se Sofia já está dormindo. Uma urgência de vê-la se instala dentro de mim. Basta subir e ir direto para o seu quarto e tomar o que é meu por direito. Em vez disso, sacudo a cabeça e bufo desdenhosamente para essa urgência sem sentido. Decidi voltar ainda hoje, em vez de amanhã cedo, como tinha planejado. Gozei com as garotas, mas, ainda estou duro como uma rocha. Não, eu não trepei de fato com as vadias. Elas chuparam meu pau e imagens de Sofia invadiram minha mente a tal ponto que tive que puxar o pau para fora das bocas ávidas e terminar o serviço sozinho. Me masturbei com uma raiva inexplicável, me imaginando comendo a bocetinha apertada e quente de novo, enchendo-a de porra. Explodi em jatos fortes nos rostos das garotas, meu corpo todo tremendo enquanto eu rugia baixo. Elas sorriram, aceitando tudo de bom grado. Eu saí imediatamente de lá, e seus rostinhos haviam mudado para tristes pelo fim da festa. Chamei meu piloto, informando da mudança de planos, passei em minha cobertura, também no Leblon, e segui para o aeroporto.

Todo o voo estive me recriminando por ter saído intempestivamente da boate. Não é do meu feitio sair sem comer algumas bocetas. Mas, hoje eu não estava no clima. Estou ensandecido de tesão por uma menina de dezoito anos, porra. Dezoito anos! Bufo. Deve ser o fator *novidade.* Procuro uma

explicação plausível para ter fantasiado com uma menina boba, enquanto bocas muito experientes me chupavam. Rio debochado. Não dou um mês e já estarei entediado, desesperando para foder outras bocetas. Nunca me prendi a uma só mulher. Desde adolescente, sempre tive duas os mais garotas à minha disposição. Me tranquilizo. Sim, é a porra da novidade, vai passar logo. Dando o assunto por encerrado e dispensando a ideia ridícula de ir ver Sofia em primeiro lugar, eu marcho direto para o escritório. Preciso ver o contrato dos gregos, que Alberto me enviou por e-mail, ainda hoje. A viagem está marcada para amanhã e não gosto de surpresas de última hora. Retiro meu terno, a gravata, arregaçando as mangas da camisa branca assim que passo pela porta. Me dirijo para a minha mesa e retirando o notebook da pasta, mergulho no trabalho, a única coisa que me relaxa, depois do sexo, claro.

Uma batida na porta me faz sobressaltar. Confiro o relógio de pulso. Porra, já se passou uma hora e ainda faltam duas páginas para ler. Tenho que devolver o arquivo para Alberto com as minhas sugestões. Ele vai espernear dizendo que está de férias, mas, fará as alterações e me enviará, como sempre faz. Meus olhos estão ardendo e uma leve pontada está começando em minha cabeça.

— Entre. — digo, a exaustão marcando minha voz. Então, meu coração salta sem o meu consentimento quando o objeto do meu desejo insano, passa para dentro. Meus olhos correm avidamente pelo corpo firme, todo tonificado. Rosno ao perceber que está usando um de seus conjuntos esfarrapados para dormir, em vez das camisolas de seda e cetim que comprei para ela. Tenho que reconhecer que o efeito de suas curvas é o mesmo sobre o meu pau. Ele não se importa com a regata simples e o shortinho velho. Tudo que importa é que sua barriguinha reta está à mostra e as coxas cremosas, que desejo desesperadamente em volta da minha cintura, estão de fora também. Sofia para na frente da mesa e nossos olhos se encontram. Seu cheiro delicioso, limpo chega até mim e minhas narinas expandem. Uma energia densa, voraz me engolfa, enquanto olho a menina fixamente. Devoro-a, para ser sincero. Quero fodê-la. Agora. Quero-a debaixo de mim. O que há com essa menina, porra? Sou macaco velho, nunca me permito ser tocado pelas bocetas que fodo. E nunca, nunca fico ansiando para comer uma boceta de novo. Mas, estou exatamente assim com ela.

— Vejam só quem veio me dar as boas-vindas... — murmuro, um meio sorriso cínico repuxando minha boca. Meus olhos grudados nos seus.

Ela arfa, os olhos verdes brilhantes, o rostinho perfeito, rosado, a expressão ainda inocente.

— Eu só queria conferir se era você mesmo que tinha chegado. — diz levemente ofegante.

Rio lentamente.

— Sentiu saudades, neném?

Ela cora. Mas, ignora meu comentário irônico.

— Quero saber a respeito da viagem. — diz, esticando a coluna, sua postura se tornando um tanto atrevida. — Nunca fui à Grécia. Na verdade, nunca fui à Europa. — volta a corar, seu desafio escorregando um pouco, ao admitir isso.

— Como assim, nunca foi à Europa? — franzo o cenho. Isso me intriga. De acordo com os relatórios dos gastos de Marcos, os Guimarães foram à Europa pelos menos duas vezes por ano nos últimos cinco anos. Até aí, nada demais porque o salário que lhe pagava não era baixo, lhe permitia alguns regalos. Porém, eles passaram a esbanjar, se hospedando em hotéis caríssimos e fazendo compras absurdas nessas viagens. Claro, era o meu dinheiro custeando tudo! Bufo. — Esqueceu que tenho os relatórios de todos os gastos da sua família nos últimos cinco anos, menina? Vocês estiveram batendo pernas por lá duas vezes por ano, gastando o dinheiro que roubaram de mim. — digo friamente.

Ela levanta o queixo novamente, os olhos brilhando com algo que não consigo identificar.

— Eu nunca estive nessas viagens. — afirma, um toque de ressentimento lá no fundo.

— Por quê? — torno a perguntar ainda mais intrigado.

Seus olhos são tomados por uma emoção diferente e ela os devia dos meus. Algo doloroso, acho.

— Sempre estava em alguma atividade escolar ou extraescolar. — volta a me olhar e tenho a nítida impressão de que está mentindo nessa parte. — Nunca me beneficiei do dinheiro que...

— Seu pai roubou? — cuspo com depreciação. Esse assunto sempre me

tira do prumo. O homem foi burro demais. Podia ter tudo, mas, preferiu ser desonesto. — Diga isso, Sofia. Seu pai é um ladrão.

Ela ofega, dor clara brilhando em seus olhos agora. Sinto um estranho aperto no peito ao ver as lágrimas surgindo em seus olhos.

— Jamais vou entender isso... — seu tom é infeliz. — Meu pai é o homem mais honrado que conheço. Ele...

— Eu cometi esse erro também. — debocho. — Acreditei na integridade dele e me ferrei.

Ela bufa, o rosto indo de choroso a raivoso em segundos.

— A única que se ferrou nessa história fui eu, senhor Maxwell. — diz com afronta clara em seu tom e expressão. — O homem mais frio, sem coração que já tive o desprazer de conhecer, me transformou em sua puta, sua incubadora particular.

Meu sangue ferve, suas palavras me incomodando. Então, eu ataco sem dó:

— E mesmo assim gozou tão forte no meu pau, *bebê*... — digo-lhe secamente. Ela resfolega com minha grosseria. — Você gostou de ser a minha putinha. Admita que agora mesmo enquanto falamos... — me inclino, colocando os cotovelos sobre a mesa, encarando-a fixamente e sussurro: — na verdade, desde o momento que passou por aquela porta e nossos olhares se cruzaram, sua bocetinha está molhada. Você quer o meu pau, como eu quero a sua boceta. É química, tesão, neném. — desdenho-a. — Não há nada que possa fazer. Pode espernear o quanto quiser, mas, vai continuar me dando e gozando no meu pau até eu enjoar de você.

— Eu od...

— Você está ficando tão cansativa, Sofia. — a corto, abanando a mão de forma entediada. Suspiro alto e mudo o assunto. — Mas, atendendo à sua curiosidade sobre a viagem, leve as roupas novas. Não quero minha esposa andando por aí como uma mendiga. — então, franzo o cenho novamente. Ela tem roupas horríveis e velhas. Está falando a verdade quando diz que não se beneficiou do dinheiro que Marcos afanou? Olho-a detidamente. Pensando bem, ela não é espalhafatosa como sua meia-irmã piranha. Está atuando para mim? Estreito meu olhar sobre ela. Forço minha mente, tentando recordar de algum gasto com o nome dela nos relatórios e não me vem nenhum, exceto a

escola de dança. Bem cara, por sinal. Mas, esse não pode ser seu único pecado, pode? Faço uma nota mental para pedir ao investigador particular que levante a ficha completa dela. Vou confirmar que é tão pistoleira quanto o resto da sua corja, tenho certeza. — Estamos em outubro, ainda é verão por lá. Ligue para sua *personal stylist* para não cometer nenhum erro. — digo por fim.

— Não sou nenhuma idiota, Heitor. — ela diz, parecendo uma adolescente petulante. Mesmo assim, eu gosto de ouvir meu nome sendo pronunciado na boquinha carnuda. Meu olhar é atraído para os lábios cheios, tentadores. — Sei os locais onde preciso me vestir adequadamente.

— Espero que sim. — me recosto no espaldar da cadeira e olho-a intensamente. Murmuro: — gostou dos presentes?

— O carro, os cartões? — revira os olhos. — Ou as joias obscenamente caras que aquele designer famoso veio me mostrar ontem? — sua expressão é de desdém agora. — Eu passo. Pode dá-los a uma de suas mulheres. Não preciso de nada que venha de você.

Meu queixo cai no chão. Como assim, caralho? Ela adorou o presente de T. Por que diabos está rechaçando os meus?

— Mesmo, Sofia? — sorrio, cínico, injetando frieza na voz: — Pode parar o número, menina. É filha de um ladrão. Sabe o que dizem sobre a maçã não cair longe da árvore... — vejo novamente o flash de dor nos olhos verdes, mas, não me deixo comover. — Aceite os presentes e aproveite a minha boa vontade. Considere como um pagamento pela sua virgindade. O limite dos cartões são de quinhentos mil reais cada um. — sorrio ainda mais glacial e deixo meu olhar viajar em seu corpo, maliciosamente. — Mas, posso aumentar para um milhão. Esses valores foram pensados antes de eu comer sua boceta e descobrir que é muito mais gostosa e apertada do que imaginei.

Ela pisca, o rosto empalidecendo. Então, respira profundamente, os olhos ficam frios, como nunca os vi antes.

— Eu acho que é o momento de conversamos sobre o bebê. — suas palavras me chocam pra caralho quando pergunta: — Poderei vê-lo quando tudo isso acabar? Não vejo a hora de me livrar de você, mas, o bebê. Eu...

— Por que iria querer vê-lo? — digo meio de sopetão. Suas palavras, sua repulsa, me irritam ainda mais.

— Como assim? Não é óbvio? — franze a testa, parecendo confusa. — Serei a mãe dele. Tenho direitos...

Estreito meus olhos sobre a pequena sorrateira. Meus instintos ficando em alerta.

— Não terá direito algum sobre o *meu* filho, menina. — digo friamente. — Irá embora, vai sumir das nossas vidas tão logo ele nasça.

Sua boca se abre um pouco, em choque. Então, ela ri, o som nem um pouco alegre.

— Você acha isso, é? — seu tom sobe um pouco, o rosto torcendo com afronta. — Que tipo de mãe deixa um filho para trás dessa forma?

É a minha vez de rir sem humor.

— Ficaria surpresa em saber que tem um monte de puta por aí que nunca deveriam ter filhos, *bebê*. — zombo.

— Não sou tão ingênua quanto pareço. — se enfeza. — Sou muito jovem para ser mãe, mas, você me arrastou para isso. — seus olhos estão ardendo com fúria. Muito mais verdes. Meu pau pulsa dentro das calças, seu enfrentamento me excitando. — Portanto, não pode decidir em meu nome sobre a minha relação com o *meu* bebê. Terei acesso a ele, quer você queira, quer não.

Levanto uma sobrancelha cínica. Quero rir da audácia da fedelha.

— Qual é o seu jogo, Sofia? Andou analisando a situação e viu que sou dono de uma das maiores fortunas do país e acha que vai tirar proveito do fato de ser a *mãe* do meu herdeiro? — rio ironicamente. — Sem querer ser repetitivo, mas, você é filha de um ladrão, querida. Não vou deixá-la perto da criança de jeito nenhum. É má influência.

Seu rosto fica pálido de novo e ela me olha como se eu fosse a pior das criaturas, o que provavelmente sou.

— Por quê? — sussurra, me olhando, meneando a cabeça lentamente.

— Por que o quê? — pergunto enfadado.

— É esse homem frio, sem coração? Quem o deixou assim? — sua expressão quase suaviza como se tivesse pena de mim agora. Isso me irrita e o pior é puxado de dentro de mim. Não suporto pena.

— Se atenha à sua função, menina. — cuspo com frieza. — Está aqui para trepar comigo, não para me psicanalisar. — dou o golpe final: — e sim, talvez eu dê os presentes para as garotas que chuparam meu pau hoje.

Seus olhos ampliam, sua boca se abre, um som incrédulo deixando sua garganta. Tenho que lhe dar crédito porque ela não desvia o olhar. Não. Seus olhos verdes brilham muito e penso que vejo decepção lá por um instante. Ela pisca algumas vezes e a expressão gelada volta a descer sobre seu rosto.

— Você é muito pior do que pensei. — diz baixinho, com desprezo. — Espero que tenha se protegido. Não quero pegar doenças.

— Eu não comi nenhuma mulher. — a defesa cai para fora da minha boca antes que possa detê-la. Não sou de me justificar. Para ninguém. Mas, me vejo fazendo isso agora. — Poderia ter comido, mas, preferi...

— Ter o pau chupado? — me surpreende a linguagem vulgar saindo de sua boca. — Você é um ser desprezível, Heitor Maxwell. — diz com os olhos me fuzilando.

— Não me importa sua opinião sobre mim, menina. — devolvo seu desprezo. — Vá para seu quarto e me espere acordada. Eu vou te comer hoje. — ela parece a ponto de me esganar agora. Não sei porque, mas, me vejo querendo amenizar meu comportamento de merda nessa noite. — Talvez queria saber que só consegui gozar quando me masturbei imaginando-me metendo até as bolas em sua boceta. — meus olhos não desviam dos seus. Ela arfa levemente, seus olhos ainda raivosos, afrontados. — Nenhuma delas me satisfez. Foi um erro. Meu corpo estava lá, minha mente estava aqui, com você.

— Quem disse que me importo? — me oferece um sorriso frio, diria até perverso quando rosna: — e sugiro que continue usando a imaginação hoje, *querido esposo.* — cospe com nojo. — Não vai me tocar com essas mãos sujas de suas putas, seu porco machista!

Dito isso, se vira e marcha para a porta. Minha boca está aberta, completamente surpreso com seu arroubo de rebeldia. Meus olhos voam para a bundinha linda e durinha, sob o short curto. As polpas carnudas estão um pouco à mostra. Eu gemo, reposicionando meu pau dentro das calças. Continuo olhando fixamente a porta, mesmo depois que Sofia se vai. Uau. Contra a minha vontade, sinto um sorriso se formando em minha boca.

Parece que a menina tem brios. Eu meio que gosto disso. Passo as mãos pelo rosto. Ir à casa noturna talvez não tenha sido uma sábia decisão. É muito cedo ainda. Bufo, em um raro momento de crise de consciência. Certo, não irei incomodá-la hoje. Vou lhe conceder essa cortesia, dada a minha canalhice. Mas, amanhã. Eu rio, meu corpo todo esquentando, vibrando pela antecipação. A partir de amanhã, minha pequena bailarina volta a tomar o meu pau. Não haverá mais negociação.



CAPÍTULO CINCO

Dois dias depois... Atenas, Grécia...

Heitor

Nos despedimos do grupo entusiasmado e seguimos por entre as mesas, em direção à saída. O encontro de altos executivos do setor aéreo, está acontecendo em um dos hotéis mais sofisticados, no centro de Atenas. Serão quatro dias de conferências, palestras e apresentação de propostas inovadoras. Minha mão está firmemente posicionada na parte baixa das costas de Sofia, enquanto atravessamos o grande salão de eventos. Estou um pouco irritado pelos olhares de interesse que os homens da mesa, em sua maioria acima dos cinquenta, é bom salientar, estavam dando para minha jovem *esposa.* Especialmente o olhar ávido e inconveniente de Tales, o único jovem na mesa, e filho de Dimitri Anastasiou, meu provável parceiro de negócios aqui na Grécia. Para o meu aborrecimento, no arranjo dos lugares, Sofia ficou bem do lado do fedelho. O folgado se aproveitou do fato de eu precisar tratar de negócios com seu pai, para enredá-la numa conversa sem fim. Toda maldita vez que olhava de lado, Sofia estava rindo de algo que o imbecil falava e minha irritação foi crescendo, fervendo em fogo baixo.

Para ser sincero, minha insatisfação tem persistido por duas razões: primeiro, não tenho fodido a bocetinha apertada de Sofia; segundo, não gosto nem um pouco de me sentir tão atraído por ela, e exatamente por isso, lhe concedi mais duas noites de sossego. Gosto de estar no comando. Ter total controle das minhas ações é essencial para mim. Ninguém me abala. Ninguém. Mas, porra, quando ela saiu do closet mais cedo, trajando esse vestido verde e longo de um ombro só, bem ao estilo das mulheres gregas, eu perdi a maldita fala. Estava voltando do terraço e nossos olhares colidiram. Senti um baque por dentro e como sempre acontece quando a olho, a familiar quentura libidinosa se espalhou em minha corrente sanguínea. Meu pau engrossou na hora dentro das calças do terno escuro e eu amaldiçoei baixo por uma garota, mal saída da adolescência, me fazer sentir tal nível de tesão. Uma faixa dourada marca sua diminuta cintura, deixando os quadris ligeiramente arredondados chamando a atenção. Os cabelos castanhos presos em um coque no alto da cabeça e a maquiagem mais carregada, deixando-a com aparência mais velha. Seus olhos correram por mim também, brilhando como joias na luz tênue das arandelas perto da cama. Nenhum de nós disse

nada, apenas nos olhamos por alguns instantes, a animosidade entre nós sendo relegada a segundo plano. Era como se uma espécie de corrente elétrica passasse, estalando, indo e vindo, atraindo um para o outro. Eu guardei meu celular no bolso e lhe perguntei se já estava pronta. Minha voz saiu mais brusca do que eu realmente queria e ela empinou o queixo, passando por mim, sem me responder.

Abano a cabeça, expulsando as memórias e a conduzo para o elevador. Aperto o botão para nossa suíte, na cobertura e a subida inicia. Achei mais cômodo nos hospedar aqui mesmo, uma vez que o hotel é excelente e fica a poucos minutos dos principais pontos turísticos. Sofia pode ir conhecer a cidade enquanto eu cuido dos negócios, sem ficar com a consciência pesada por ter que negligenciá-la. Uma coisa que precisará aprender, e rápido, é que trabalho para mim sempre virá em primeiro lugar. Não retiro minha mão de suas costas, mandando-lhe um recado claro de que esta noite ela volta a me servir. Encaro-a através da parede de vidro. Seu rosto levanta e os olhos verdes encontram os meus. Droga, é sempre o mesmo impacto. Um leve arfar deixa sua boca rosada, os lábios carnudos tentadoramente abertos no centro, fazendo um biquinho ao mesmo tempo inocente e sensual. Sua boca remete a fantasias sexuais perversas e meu pau sacode, ficando dolorosamente duro. Me permito observar cada detalhe dos traços delicados, a pele perfeita, sedosa, sem máculas. Jovem.

Me inclino um pouco, seduzido pelo perfume suave, roçando o nariz em sua têmpora. O desejo denso, voraz me consumindo. Algo nela me atrai como um ímã. O que há com essa menina, porra? Eu rosno e aproximo a boca do seu ouvido, sem deixar de olhá-la no espelho. Está ofegando, o corpo estremecendo apenas sentindo o meu hálito sobre a sua pele. Um sorriso de lobo mau se espalha em minha boca. Ela sente o mesmo tesão descabido. A diferença entre nós é que sou muito mais experiente e lhe mostro apenas o que quero que veja. Vou agir em cima da sua fraqueza: sua atração por mim. Não, eu não tenho nenhum escrúpulo, caso estejam se perguntando.

— Espero que esteja descansada, menina. — sussurro grosseiramente em sua orelha. — vai me servir hoje.

Seu corpo enrijece com minhas palavras machistas. Mas, um som lamentoso a trai quando sugo o lóbulo e o mordo em seguida.

— Estamos na Idade Média? — me fulmina, mesmo que suas pupilas

estejam dilatadas, e ela arfando de tesão. Tenho vontade de rir. Gosto dessa espinha dorsal que minha pequena bailarina vem mostrando. Mesmo estando em extrema desvantagem, Sofia não se dobra. É um sopro de ar fresco. Me surpreendo ao me pegar gostando disso. Logo eu, que sempre gostei de mulheres submissas, que abaixam a cabeça para tudo que eu quero. — não sou sua escrava sexual. Pare de me tratar como sua puta. — range os dentes.

— Não importa em que sociedade ou século estamos. — rio lenta e cinicamente, correndo a ponta da língua em sua orelha. Mais uma vez ela não consegue se conter e geme, mordendo o lábio inferior. — aprenda uma coisa, neném: o mais forte sempre irá impor sua vontade sobre os demais. — desço a mão, apertando a nádega redonda e durinha. — é a ordem natural das coisas, Sofia. *Você é minha.* — friso bem as palavras. — vai *me servir,* sim. Vai fazer o que *eu* quiser.

Ela bufa desdenhosamente. As portas se abrem e passamos para fora. Sofia se desvencilha de mim e anda ereta, orgulhosa do meu lado. Parece uma criança petulante, ou uma deusa grega ignorando os reles mortais. Rio de leve, admirando seu porte esguio e elegante de bailarina. É muito linda. Já protelei demais. Estou doido para meter bem fundo nela de novo. Quando entramos na suíte, ela avança e para no limiar das portas do terraço. Minha boca torce cinicamente e retiro o terno, indo até o sistema de som. Está achando que pode escapar com essa birra? *Acabou o recreio, neném.* Ligo som, a pasta que estava ouvindo enquanto se arrumava para o jantar, voltando a tocar. Massive Atack. Sofia tem me surpreendido com seu gosto musical. Ana Carolina e essa banda, não são artistas que uma garota da sua idade ouviria. Eu gosto disso, no entanto. Em um período de músicos e letras medíocres, e estou falando do Brasil, especificamente, é refrescante ver uma jovem escutando algo diferente das *modinhas.*

— Quer beber algo? — pergunto, meu tom mais rouco e áspero. Ela me olha por cima do ombro, os olhos não totalmente amigáveis, mas, resignados. Não há para onde fugir, sabe disso.

— Estou começando a experimentar bebidas alcoólicas agora. — diz e eu acredito. Não sei porque, mas, acredito. — pelo visto vou precisar... — bufo ironicamente com seu insulto e ela completa numa voz falsamente mansa: — uma taça de vinho, *querido,* por favor.

Os cantos da minha boca se inclinam. Sim, minha pequena bailarina tem

uma espinha dorsal resistente. Vou para o bar e abro o melhor vinho rosè, enchendo duas taças. Ando devagar, apreciando seu porte alto, sofisticado sem fazer muito esforço. Seus olhos estão presos na Acrópole[4] quando paro do seu lado. Daqui do terraço, temos uma vista impressionante e limpa do monumento ícone da Grécia Antiga. Estendo sua taça silenciosamente e ela me lança um breve olhar, em seguida a pega. Ficamos os dois em silêncio, tomando o vinho e olhando a vista da cidade. Uma nova música começa tocar. Eu gosto da introdução, no entanto, desconheço-a.

— Que música é essa? — sussurro, girando a cabeça para olhá-la.

— *Live With Me.* — sua voz é apenas um sussurro, enrouquecida. Percebo que seus dedos estão brancos pela força que está segurando a taça. — não conhece essa banda? — pergunta, franzindo um pouco a testa.

— Apenas de nome. Nunca parei para ouvir nada deles. — dou de ombros. — título sugestivo, a propósito. — murmuro e bebo o restante da minha taça, olhando-a intensamente. Ela cora, lambendo nervosamente os lábios molhados do vinho e eu quase gemo. A vontade insana de provar seu gosto me invade com tal força que rosno, irritado. Sofia vira o resto da sua bebida também, percebendo que o momento chegou.

— Venha para dentro. — retiro a taça da sua mão e digo com brusquidão: — vou foder você. Agora.

Seus olhos ampliam um pouco pelo meu tom, mas, acena. Me viro, andando direto para a bancada do bar, guardando as taças e volto para olhá-la. Ela estaca, parando perto da mesa de quatro cadeiras. A suíte presidencial é um apartamento, equipado com os mais variados móveis. Afrouxo minha gravata, livrando-me da peça em segundos, meus olhos nunca se desviando dos dela. Começo a abrir os botões da minha camisa, um a um, devagar. Seu peito sobe e desce, numa respiração entrecortada. Os olhos verdes descem para o meu peitoral. Estão brilhantes, dilatados, cheios de tesão, cobiça. Sorrio arrogante. Todo o resto pode ser uma mentira, mas, isso aqui entre nós, é muito real. E é tudo o que me importa nesse momento. Me livro da camisa e ela ofega quando paro em sua frente, bem perto. Subo as mãos pelos seus braços, sentindo a estremecer, arrepiar e me congratulo com sua reação honesta, sem disfarces. Rosno, segurando seu delicado pescoço, deslizando os polegares no ponto pulsante. Seus olhos estão escurecidos pelo desejo, ofegos deixando os lábios carnudos e eu não resisto, precisando senti-los.

Subo uma mão e esfrego o polegar na boca macia.

— Chupe, Sofia. — resmungo. Como que sob a mesma hipnose, ela lambe meu dedo e o suga para dentro da caverna úmida. Porra! Meu pau está a ponto de explodir. Sou um homem de trinta e sete anos se deixando nocautear por uma menina. Torno a me recriminar e empurro o dedo dentro em sua boca, forçando mais. — já fez sexo oral, menina? — seus olhos arregalam, horrorizados.

— Não. Nunca. — diz com uma expressão enojada que me faz sorrir como o predador frio que sou.

— Vai fazer agora, Sofia. — digo perversamente. — vou comer essa boquinha carnuda e sua bundinha empinada. — ela parece verdadeiramente em pânico agora. — é minha. Toda minha.

— Não. — sua voz está trêmula. — sexo anal, não. Por favor.

Olho-a friamente, não me deixando comover.

— Eu avisei que não teria mais clemência da minha parte, menina. — digo em tom enfezado. — desfruto do sexo de todas as formas que me dão prazer. — seus olhos estão cheios de lágrimas e, por um momento, a visão me atinge. — sentirá muito prazer também, bebê. Vou lhe ensinar a desfrutar de tudo, absolutamente tudo na cama. — minha voz é uma nota mais suave. — agora, tire o vestido, Sofia. — meu tom volta a ser áspero.

Ela puxa uma respiração profunda e levanta o queixo na pose altiva que estou me acostumando a ver. Levanto uma sobrancelha cínica, aguardando-a. Penso que não vai fazer o que mandei, então, suas mãos delicadas vão para o zíper na lateral do vestido, abrindo-o. Me afasto uns passos para ter uma vista melhor do espetáculo. Meus olhos gananciosos voam para os peitinhos lindos, redondos, empinados quando são desnudados. Porra, ela não estava usando sutiã. Gemo baixo, minha boca enchendo d'água ao ver as auréolas grandes, rosadas, suculentas. Olho-a hipnotizado com cada pedaço da pele acetinada sendo exposta. Quando o tecido escorrega pelos quadris, eu rosno e seguro meu pau, apertando a cabeça com força. Por fim, fica no meio da ilha verde do vestido, usando apenas uma calcinha branca de renda e umas sandálias douradas de salto alto, estilo gladiadora. Tomo meu tempo apenas olhando-a. Um sorriso malvado repuxa minha boca quando noto a mancha de excitação em sua calcinha. Dá para ver os lábios delicados da bocetinha

rosada. Me aproximo devagar, tentando me manter no controle.

— Tem um corpo lindo, menina. — minhas mãos gananciosas tocam suas laterais, delineando sua cintura fina. Sofia arqueja, toda trêmula. Está muito excitada e não fizemos nada ainda. Sua inexperiência me excita na mesma medida, reconheço. Passo os dedos pela barriguinha plana, sentindo os arrepios da pele suave e subo agarrando os peitos deliciosos. Eu gemo, ela também e passo a sovar os dois montes, beliscando os mamilos, deixando-os bem eriçados. Me inclino, tomando um na boca, enquanto amasso o outro.

— Ahh, droga... — a maldição cai dos lábios dela quando chupo, engolindo a auréola macia todinha em minha boca. Mordo com um pouco de pressão e ela grita, ofegando: — ai! Oh, meu Deus... — lambo o biquinho agredido. Geme, chorosa. Sopro-o delicadamente. Seu corpo todo sofre espasmos. Suas mãos estão fechadas em punho dos lados do corpo. Presumo que seja para não me tocar e isso acende o fogo do desafio dentro de mim. Sorrio cínico e passo para o outro seio, dando-lhe o mesmo tratamento. Quero-a rendida, jogada aos meus pés, como todas as outras antes dela. Desço uma mão pelo ventre macio e escavo entre suas coxas. Meu riso presunçoso amplia quando as afasta mais, me dando acesso silencioso, mesmo que em conflito consigo mesma. A calcinha está toda empapada, me fazendo rugir de pura satisfação masculina.

— Sua boceta parece uma fornalha, toda quente, pingando para mim, neném. — incito-a e minha boca viaja pela clavícula, sugando seu pescoço, mordisco-o em seguida. Afastando a calcinha para o lado, empurro um dedo em sua vulva melada.

— Ahh... Deus... — choraminga, ondulando fortemente, então, suas mãos estão segurando meus ombros. Era isso, ou cairia. Rio vitorioso em seu pescoço e subo para sua orelha, sugando, lambendo o lóbulo. Passo a comer sua boceta com o dedo, indo e vindo. Puxo meu rosto para trás, meu olhar encontrando o seu e acrescento mais um dedo. Ela arfa e esfrego sua pequena protuberância com o polegar, meu olhar prendendo o dela, duramente. Sua respiração fica mais errática, o hálito doce saindo da boca bem perto da minha. A vontade louca de beijá-la, me perder nela, vem de novo, esmagando-me. Está quase gozando e eu puxo os dedos num arroubo irritado pelo que me faz sentir. Seu rosto está vermelho, confuso. Abro minhas calças e puxo o pau duro para fora. Vou ter sua boca, mas, da forma que *eu* quiser.

— De joelhos, Sofia. — minha voz é só grunhido frio. Ela enrijece o maxilar, os olhos voltando a ficar marejados, magoados pelo tratamento duro. Seu corpo está todo rígido, mas, se abaixa de joelhos. Seu rosto rosado levanta e a boquinha entreabre, a língua saindo e lambendo os lábios. Está desconfortável, o que me prova que de fato, nunca chupou nenhum filho da puta antes. O sentimento inconveniente de posse se agiganta dentro de mim. *O primeiro em tudo, porra.* Meu pau está babando na ponta. Seguro-o pela base e me aproximo mais, esfregando a cabeça grossa na boca carnuda. Ela ofega, as narinas expandido como se estivesse inalando meu cheiro. Um gemido baixo deixa sua garganta. Está gostando disso? Sentir meu cheiro, meu pré-gozo espalhando em seus lábios? Estreito meus olhos sobre a menina inocente e tão malditamente sedutora que estou a ponto de gozar apenas olhando-a. — chupe. — rosno, com raiva da pequena feiticeira. Vai me pagar por me afetar assim. Vou fodê-la tanto. Tanto, porra!

A boca macia e quente se abre e ela lambe delicadamente a ponta. Sua expressão é concentrada. Tenho vontade de rir da sua total falta de experiência, mas, em vez disso, gemo rouco, possessivo, adorando a sensação dos lábios inocentes sobre o meu pau. Seguro sua cabeça, desfazendo o coque e as madeixas castanhas caem sobre seus ombros e costas numa cortina sedosa. Junto um punhado e o seguro firmemente no topo da cabeça. Ela ofega pelo puxão grosseiro.

— Vamos, menina. Leve o máximo que conseguir. — forço-me entre seus lábios, esticando-os lindamente. — respire pelo nariz, Sofia. Relaxe bem a garganta, me deixe foder esses doces lábios, neném. — geme, o som vibrando em meu pau. Parece surpreendentemente gostar de me chupar, percebo satisfeito com os sons de prazer em sua sucção. Me chupa delicadamente. Puxo seus cabelos com mais força e empurro firmemente meu pau até sua garganta. Sofia engasga, os olhos ficando mais lacrimosos, agora pela invasão e não pela vergonha que estava sentido ao meu chupar. Paro um pouco, deixando-a se acostumar com meu volume. Puxo para fora e volto a estocar em sua quentura molhada. Ela entra no clima e segura minhas coxas sobre as calças, relaxando completamente a garganta. Eu gemo, maravilhado, e vou aumentando os golpes, comendo a boquinha deliciosa. A imagem me deixa insano, os olhos verdes lindos, fixos nos meus, os lábios esticados em volta do meu eixo grosso. Estendo a mão livre e acaricio o seio direito, puxando o mamilo suave, depois duramente. Sofia geme, lascívia assumindo

os traços delicados, olhos grudados nos meus e passa a me chupar de forma gananciosa, me babando, levando-me quase todo. Lábios e línguas inexperientes trabalhando com dedicação. — isso, menina. Bem assim... Chupa o meu pau. — resmungo.

Ela acena, perdida em luxúria e eu me aproveito do seu tesão obvio por mim. Seguro sua cabeça com as duas mãos e fodo sua boca com vontade. Sou bruto, sem pena. Minhas bolas encolhem, meu corpo todo arrepiando e eu rosno, comendo-a completamente fora de mim. Quero me conter, mas, o gozo está vindo forte e um rugido alto me escapa. Eu amaldiçoo e então, encho sua boca de porra. Gozo duro, jorrando em sua garganta. Os sons dela me bebendo, engolindo tudo obedientemente, as lágrimas escorrendo pelas faces de menina me deixam doido. Dou mais duas estocadas, ela sugando gulosa. Rio, arrogante e me retiro dela. Puxo-a para cima, os lábios estão inchados, agredidos da minha depravação, mas, não me arrependo. É assim que gosto.

— É linda demais, menina. — a confissão sai naturalmente, sem precisar do meu consentimento. Seu semblante amolece um pouco e um quase sorriso se forma em sua boca. Não gosto de como meu coração acelera com apenas a porra de um *quase sorriso.* — deite-se na mesa, Sofia. — ela senta na borda e vai deitando devagar, olhos grudados nos meus. Meu olhar ganancioso corre por toda ela, os cabelos ficam espalhados sobre o tampo de madeira polida. Uma imagem hedonista, luxuriosa. Linda. Absolutamente linda. — apoie os pés na borda, bebê. — minha voz sai mais suave, o termo mais carinhoso do que com a ironia que sempre o uso. Contra a minha vontade, sua beleza e entrega estão me impactando. Faz o que oriento e levando as mãos para sua calcinha, esfrego os polegares sobre o tecido molhado. Subo uma mão pelo ventre, alcançando um peitinho lindo e o amasso vorazmente.

— Heitor... — geme lamuriosamente, arqueando as costas.

— Muito linda, porra. — murmuro quase só para mim. Rosnando, seguro dos lado da calcinha e a rasgo num puxão forte. Sofia grita, arfa, os olhos arregalados. Acho que ninguém rasgou sua calcinha também. — tão inocente, minha pequena bailarina. — rio perversamente, meus olhos indo para a carne nua e rosada de sua boceta nua. Sua bocetinha é a coisa mais perfeita, delicada, que já vi. Esfrego meu polegar no clitóris e levo meu olhar para o seu. Seu peito está subindo e descendo em agonia silenciosa, os olhos lindamente dilatados. Ainda não gozou nenhuma vez. Hora de retribuir seu empenho em seu primeiro boquete. Segurando seu olhar, me abaixo e lambo

entre seus lábios delicados. Ela geme, estremecendo. Eu rosno, amando o sabor único em minha língua e enfio-a em sua vulva, cavando o creme doce.

— Heitor... — se lamenta baixinho. Vejo suas mãos em punhos novamente. Está em conflito outra vez e eu rio dela. Menina tola. Uma química com essa não há como escapar. Enfio dois dedos no lugar da língua e ela grita, geme em desamparo. A como bem devagar, punindo-a, retardando seu orgasmo até que se renda e me toque de novo. O que é estranho pra caralho, sendo que detesto maiores intimidades na hora da foda. No entanto, contrariando tudo que conheço, quero o toque dela. Deve ser o desafio pela sua resistência em se render a mim. Decidido a dominá-la, puxo os dedos, deixando apenas as pontas e massageio o pequeno ponto em seu interior. Ela resfolega, mais líquidos saem do seu canal, pingando em meus dedos. Espalho o feixe de nervos, expondo a parte mais sensível e a chupo com força. Ela quebra, berrando, um som de puro abandono e seus dedos afundam em meus cabelos. Rio, rosnando de satisfação contra a sua carne, colocando mais pressão na sucção e seu gozo jorra em minha mão. — Heitor... ohhhhhh... — repete, a voz chorosa, engasgada, seu rosto lindo transformado pelo orgasmo.

— Gosta disso, não é, neném? — minha voz sai dura, engrossada. Meu pau está completamente duro de novo, pronto para substituir os dedos.

Seus olhos ampliam um pouco, se dando conta que se perdeu em meus braços.

— Não. — nega, rouca, puxando as mãos rapidamente do meu cabelo. Mas, seu semblante conta outra história. Sorrio-lhe e volto a chupar seu clitóris. — estou muito sensível, por favor, pare. — choraminga.

Não lhe dou ouvidos, a puxo pela bunda, levantando seus quadris da mesa e abocanho-a. Passo a devorá-la, sem dó. Quando está ofegante, a respiração errática, sei que está excitada outra vez. A abaixo e enfio um dedo em sua vulva, cavando os líquidos abundantes. Ela é uma bagunça melada, excitação escorrendo para o buraquinho enrugado mais embaixo. Olhando-a fixamente, deslizo o indicador até lá e ela fica toda tensa, pânico tomando sua expressão. Me inclino e arreganho mais suas coxas, então, eu lambo seu cuzinho. Sofia convulsiona, gemendo baixinho, mesmo me olhando assustada. Eu rio desdenhosamente e continuo a lamber, forçando a língua em seu anelzinho virgem. Meu pau dá uma guinada, antecipando estar enterrado até as bolas

aqui dentro. Lambo-a delicadamente, voltando a esfregar seu clitóris inchado. Seu corpo todo está arrepiando de prazer, não repulsa.

— Vai me dar o cuzinho hoje, Sofia.

— Não. — ela geme entrecortado.

— Vai gostar, prometo. — murmuro, perdido em luxúria e substituo a língua pelo dedo. Fica rígida, dou um tapa em sua bunda. — relaxe. Vai tomar o meu pau todo aqui dentro, preciso prepará-la ou será muito doloroso. — geme lamuriosamente e acena, mesmo com medo claro estampado em seu rosto. Empurro o dedo devagar. — isso, bebê. — elogio-a e meto até o fundo, rangendo os dentes ao sentir seu canal virgem palpitando. Como-a assim, olhando-a atentamente, vendo cada mudança em seu rosto expressivo. Me inclino e deslizo a língua em seu clitóris, delicada e lentamente. Sofia arfa, prazer voltando a tomar seu semblante. Acrescento mais um dedo, zombando da sua reação. Entra justo, apertado. Ela arqueia, lamentosa e não tenho dó, empurrando os dedos mais profundo, girando-os lá dentro, enquanto chupo seu montículo com mais pressão.

— Admita que gosta disso, Sofia. — dou um tapa do seu outro lado. Ela mia, convulsionando. Parece que minha esposa inocente aprecia o lado mais áspero do sexo, mesmo que esteja ainda cheia de pudores. No que depender de mim, vai perder toda a vergonha na minha cama. — admita, porra! — ranjo e mordisco seu monte.

— Sim, seu estúpido, idiota! Sim! — grita e segura meus cabelos de novo, puxando-os com força.

Rindo com triunfo, retiro os dedos e paro a tortura em seu clitóris. Me livro rapidamente dos sapatos e calças. Ela se apoia nos cotovelos para poder me ver nu. Rio-lhe impiedoso e esfrego meu pau para cima e para baixo, adorando a forma como lambe ansiosamente os lábios. Me encaixando entre suas coxas arreganhadas, bato a ponta do meu pau em seu clitóris já sensível. Um gemido chorado deixa sua boca e sinto o líquido saindo da pequena protuberância. Me alinho, gemendo pela visão da cabeça gorda entres os lábios delicados. Seguro sua bunda por baixo e olho-a. Sua boca está aberta, olhos fixos entre suas coxas, parecendo maravilhada, mas, um tanto assustada, com a visão. Eu empurro o quadril, penetrando-a num impulso longo e fundo. Ela grita alto e eu ranjo os dentes para não fazer o mesmo. Entra muito apertado, colado, mesmo estando muito molhada. Sua vulva

pequena está me espremendo, a carne macia e quente chupando meu pau para dentro, sem pena. Cerro os dentes e giro o quadril, esfregando suas paredes um pouco para que se acostume comigo.

— Tome mais... — rosno, me retirando quase todo e meto tudo nela, com força, profundamente. Sofia grita e geme, caindo para trás, entregue, as costas arqueando, rendida a mim. — vamos, abra essa bocetinha gostosa para mim. Leve tudo, menina. Você não tem vontades aqui. — zombo com um rosnado. — a vontade do mais forte, Sofia... Nunca se esqueça disso. — como-a com força, sacudindo-a, a mesa começando a ranger. Ela choraminga, respirando agudamente, tomando meu pau até o cabo, minhas bolas batendo em seu cuzinho melado. Geme alto, a luxúria transformando suas feições. Minhas mãos sobem pela cintura, pego a carne do ventre, apalpando grosseiramente, com fome, olhando-a bem dentro dos olhos, estocando fundo. Está completamente entregue agora, as coxas arreganhadas, me deixando meter tudo, sem dó. Subo as mãos e fecho-as nos peitinhos suculentos, delirando com a sensação da carne macia, a forma redonda. — que bocetinha deliciosa, bebê... E esses peitos durinhos me deixam louco... — rosno, fora de mim.

Me debruço sobre seu corpo, precisando desesperadamente de um contato maior. Esfrego minha pele na sua, gostando do suor brotando entre nós e pego seus pulsos, elevando suas mãos acima da cabeça. Fodo sua boceta, olhando-a de perto, sua respiração a um sopro da minha. Beijo seu queixinho teimoso e deslizo a boca em seu pescoço, mordendo-a, marcando-a, cheio de tesão. Minhas estocadas vigorosas, socando até o talo em sua vulva estreita e escaldante. Sofia estremece, arqueando-se toda, tomando cada centímetro do meu pau sem reclamar. Apenas gemidos de um prazer suplicante deixando sua boca. Eu rosno e a seguro pela bunda.

— Me abrace com as pernas, neném. — ranjo duramente, puxando-a para cima, fazendo-a montar o meu pau bruscamente. Suas pernas enrolam em mim e rasgo sua vulva apertada para baixo em meu eixo longo e grosso. Ganho seus braços em volta do meu pescoço na nova posição e quase sorrio com isso. *Quase.* Me paro a tempo. Nossas bocas ficam bem próximas, ofegando uma na outra, olhos fixos, devorando o outro. Gemo, rosno, uivo, comendo-a ensandecido. A fricção de minha pelve em seu clitóris a leva rapidamente ao limite e ela convulsiona, gozando, empalada em meu eixo.

— Oh, meu Deus... Não devia ser tão gostoso... — choraminga, olhos anuviados pelo prazer. Rio ironicamente. Acho que não quis dizer isso em

voz alta.

— Mas, é, Sofia. Gosto de te comer, e você está adorando me dar. — bato em sua bunda e me seguro para não gozar junto com ela, tarefa quase impossível com sua boceta latejando, me sugando como uma maldita boca. Ela arrepia toda, nos últimos espasmos do gozo. Enfia o rosto em meu pescoço, sua respiração pesada. Fico tenso quando os lábios entreabertos tocam minha pele. Não está me beijando, apenas arfando contra a minha pele. Estremeço e não em um sentido ruim. Espero um pouco, mas, não há a repulsa que geralmente vem em momentos assim. Estoco fundo, punindo-a por me afetar dessa forma e a levo para a cama, sem sair de dentro dela. A retiro apenas quando chegamos na borda do colchão. Deposito-a no centro da cama enorme, com lençóis brancos. Pego cada pé e livro-a das sandálias sexy. Seguro os dois tornozelos e com um sorriso malvado, giro-a, forçando-a ficar de bruços. Me debruço sobre suas costas e afasto os cabelos dela para um ombro, descobrindo a nuca. Passeio minha boca pelos ombros, raspando os dentes, sentindo-a arrepiar, gemendo baixinho. Sem aviso mordo sua nuca, fazendo-a gritar, choramingar. — empine a bundinha para mim, bebê. —

Faz o que digo e lambo onde mordi para bajulá-la um pouco. Desço os lábios pelas costas esguias, beijando, lambendo a pele levemente salgada. Rosno quando chego aos globos redondos da bunda durinha. Escorrego, ficando montado em suas coxas e seguro as duas polpas, amassando a carne, tomando meu tempo em meu playground particular. Posso senti-la um pouco tensa, atenta a cada movimento e carícia. Dou palmadas duras nas duas nádegas e ela grita, depois geme em lamúria quando acaricio onde bati. Eu rio, gostando de brincar com ela e abro as bochechas, expondo o buraquinho enrugado. Sofia arfa e prende a respiração em seguida. Me deito sobre ela e enfio a cara em sua bunda, lambendo-a libidinosamente da boceta até o cuzinho. Seu corpo todo estremece, um gemido necessitado deixa sua boca. Lambo-a até relaxá-la, ouvindo seus gemidos baixos, então, meto dois dedos em seu buraco, voltando a alargá-la, fodendo-a até o fundo, girando-os com força. Olho seu rosto de lado no colchão, está arquejando, as mãos cravadas nos lençóis de cada lado da sua cabeça.

— Vou entrar nessa bundinha agora. — murmuro, enrouquecido pela devassidão. Ela volta a ficar tensa. — você precisa relaxar, ou vai doer, Sofia. Entendeu? — alerto-a. Morde o lábio inferior, receosa, mas, acena. Me estico para o criado-mudo e abro uma gaveta, pegando o que preciso: lubrificante.

Rasgo a embalagem, os olhos curiosos de Sofia sobre mim enquanto besunto me pau inteiro e o resto, esfrego em seu rabinho. — de quatro, neném. — peço rudemente, já pegando sua cintura, colocando-a na posição. Rosno ao ver a bocetinha toda inchada de levar meu pau. Seguro meu pau e encosto a cabeça no buraquinho virgem. Novamente uma possessividade primitiva me assola, enquanto me esfrego, empurrando em seu anel de músculos, pedindo passagem. Seguro seus quadris num aperto de morte, estou tremendo de tanto tesão. — empurre de volta, Sofia. — ranjo e a cabeça entra com dificuldade.

— Ai, ai, dói muito, Heitor. — seu corpo está tremendo, agora de medo mesmo. — não cabe, você é muito grande... — choraminga.

Eu paro e me inclino em suas costas, levando minha boca para seu ouvido. Chupo a concha da orelha e mordisco depois. Sofia geme em lamento, sabendo que não vou parar. Levo uma mão por baixo, entre suas pernas e massageio sua bocetinha, sem pressa. Esfrego o clitóris e ela arfa, o corpo voltando a relaxar.

— Shhh, você pode tomar o meu pau todo, bebê. — desço a boca para seu pescoço, chupando forte, marcando-a. — vamos, relaxe e empurre para fora ao mesmo tempo em que vou entrando. — oriento-a e volto a empurrar dentro dela, enquanto manipulo o montículo de nervos. Sofia geme alto, choraminga, mas, faz o que oriento, relaxando e empurrando de volta, facilitando a penetração. Eu gemo rouco quando entro até a metade. Puxo quase tudo e volto a meter, entrando mais fundo. Ela geme chorosa, ofegando alto e volto a puxar, ficando assim, tirando e metendo cada vez mais fundo até que num impulso duro, me enterro até o punho. Nós dois gritamos. Não consigo me conter por mais que tenha tentado. A pressão já está enorme em meu saco, querendo esporrar em seu cu apertado. Paro um pouco para dar tempo a nós dois. Então, começo a meter devagar, comendo-a com estocadas longas e fundas. Sofia balbucia o meu nome e outras coisas incoerentes, enquanto me enterro uma e outra vez em sua bundinha deliciosa. Choraminga e se empina mais, dando-me a permissão silenciosa para ser mais duro, como estava ansiando para fazer. Eu vou com tudo. Seguro seu cabelo na nuca e puxo-a para trás, bruscamente e estoco com força. Ela se lamenta, mas, está rebolando agora. Olho para baixo e rosno, vendo seu rabo me engolindo todo, até o talo. — tá gostando de me dar o cuzinho, neném? — pergunto roucamente.

Ela geme longamente e tenta acenar, mas, isso é impossível comigo

segurando seu cabelo como uma rédea, enquanto soco em sua bunda.

— Fale. Use as malditas palavras! — a puxo bruscamente para trás, me sentando sobre os meus calcanhares, fazendo-a sentar-se sobre o meu colo, sem sair de dentro dela. Mordo sua nuca, correndo para o ombro, costas. Pego suas coxas e arreganho-as sobre as minhas, escancarando-a bem. — é gostoso me dar esse cuzinho? — Sofia pende a cabeça em meu ombro, entregue, rendida, como eu queria, como *eu* sabia que seria, e murmura:

— Sim. Sim... — admite. — dói, mas, é muito gostoso.

Eu rosno, enlaçando sua cintura, colando suas costas em minha frente, arremetendo em seu cu de baixo para cima, entrando tudo, não sobrando nada de fora nessa posição. Acaricio seu ventre, seus lados, sua pele macia, cheirosa, suada, gostosa. Estou louco, ensandecido por essa menina. Levo a boca para seu ouvido, sugando, mordiscando suavemente. Minhas mãos encontram os peitinhos de novo. São minha nova tara.

— Que gostosa, menina. — meu corpo todo está tremendo, tanto pelo esforço da posição, quanto pelo tesão descomunal de comer a bundinha virgem. Puxo os biquinhos, arrancando gemidos entrecortados de Sofia. Seus braços vem para mim, pegando, segurando meus cabelos por trás. Ela está perto também. Seu corpo está todo tenso, esticado. Desço uma mão e esfrego sua boceta. Sem aviso, dou um tapa de mão aberta em seu monte, pegando o clitóris.

— Heitor! Oh, meu Deus! — lamenta-se. Rio perverso e esfrego delicadamente o montículo judiado. Sua respiração está saindo em pequenas rajadas agora. — eu vou... Eu vou gozar. — balbucia entrecortado e dou outro tapa em cheio entre suas pernas. Ela goza, berrando absurdamente alto, estremecendo toda em cima de mim.

Acelero minhas estocadas, comendo-a vorazmente. Minha bolas doem e a eletricidade gostosa se espalha em minha coluna. Ofego, tomado pelo prazer mais completo que já senti na vida, aperto o corpo macio contra mim e gozo também, entrando fundo, urrando, reduzido a um animal. E aqui, todo enterrado, me esvaindo em sêmen dentro dela, percebo que Sofia Guimarães é perigosa. Inexperiente, sim. Inofensiva, jamais. Passados os tremores, a empurro suavemente para a frente, saindo de dentro dela. Ela cai de bruços sobre a cama, gasta, arfante. Hora de deixá-la.

— Boa noite, menina. — digo-lhe com indiferença e saio da cama, em direção a porta do quarto conjugado.

Sofia

Abro os olhos e encaro o teto branco da suíte, depois rolo, me arrastando para a borda da cama. Gemo baixinho, meus músculos doloridos, abusados. Heitor me pegou de jeito de novo e dessa vez, suspiro agudamente, ele pegou tudo... Me sinto corando pela depravação que o deixei fazer comigo. O Senhor Feudal me usou como bem quis e depois foi para seu quarto. Simples assim. Rolo os olhos. O que estou pensando? O que estava esperando? Heitor é frio e inabalável como uma montanha de gelo. Não espere gentiliza de um homem que está lhe obrigando a fazer sexo com ele, Sofia. Me recrimino, então, coro de novo, lembrando dos prazeres perversos que senti em seus braços fortes. Ajusto a camisola de seda que parece derreter em meu corpo. Heitor fiscalizou minha mala pessoalmente e retirou todos os meus conjuntos velhos que uso para dormir. Homem detestável. Resmungo e torno a rolar os olhos, calçando as sandálias caríssimas, que substituíram minhas Havaianas.

Me levanto ao mesmo tempo em que a porta do quarto conjugado se abre e meu coração sofre um solavanco. O objeto dos meus desejos mais profanos, sai, usando jeans escuro e uma camisa polo azul, os cabelos penteados para trás, ainda úmidos do banho. Está ao celular, trazendo papeis na mão livre. Para de falar quando me vê. Eu pisco, minha respiração engatando quando nossos olhos se encontram. Pensei que já estaria mergulhado no trabalho, como sempre está. Vê-lo assim, depois da noite repleta de luxúria que tivemos, é demais para mim. Os olhos azul-gelo me fitam intensamente, flamejando por um instante. Imagens do seu corpo nu, devorando o meu sobre a mesa, invadem minha mente. Eu quase posso senti-lo dentro de mim, me comendo com força, de todas as formas devassas. Um gemido involuntário me escapa e aquele canto de boca perverso sobe. Meu Deus, como pode um homem excitar uma mulher com um olhar cínico? Não tem explicação para como me sinto com ele. Não tem. Seu olhar desce preguiçosamente pelo meu corpo, coberto parcamente pela curta e transparente camisola verde-água.

— Depois te ligo, T. — diz ao telefone e meio que ri, meio resmunga de algo que o irmão diz. Seu olhar nunca sai de cima de mim e isso me deixa quente, meus seios incham, os mamilos pesando. — bom dia. — sua voz soa rouca e ele limpa a garganta. — dormiu bem?

— Bom dia. — forço-me a achar a voz, sentindo-me nua pelo olhar faminto que está me dando. Há algo, uma energia diferente vibrando entre nós. Mesmo inexperiente, desconfio que seja porque somos amantes agora. Não é uma situação convencional, não há nem mesmo admiração mútua, mas, há essa atração intensa, traiçoeira que me puxa para ele. Que nos envolve. Sei que me deseja também. Não sou tão tola assim. Tenho percebido como me olha. Na primeira noite foi extremamente frio, contudo, ontem. Eu suspiro, minha vagina e meu ânus latejando pela lembrança de tomá-lo todo lá... Ontem ele foi mais caloroso. Mesmo não me beijando, o sexo me deixou consumida, rendida a seus pés, como uma escrava, sedenta, implorando por mais. — sim, dormi bem, e você? — limpo a garganta também.

Aquele canto de boca miseravelmente desdenhoso, mas, ao mesmo sexy, inclina de novo.

— Muito bem. — sussurra, o olhar cheio daquela intensidade que adquirimos depois de... Depois de fazermos o sexo mais depravado da história. Me sinto corando. — pedi o café. Me acompanha?

Eu pisco, meio atordoada pelo convite. Em cinco dias de casados não sentamos juntos para nenhuma refeição. Ele sempre está preso no escritório, ou simplesmente não quer me aturar mais do que o necessário. Exatamente como eu.

— Claro. — decido ir com as boas maneiras. — vou tomar uma ducha rápida e escovar os dentes.

Sua expressão não se altera, apenas um flash de satisfação nos olhos gelados.

— Ótimo. Vou esperá-la no terraço. — seu olhar me percorre uma vez mais e ele vai para a sacada. Meus olhos traiçoeiros o acompanham, admirando o porte soberbo. É a primeira vez que o vejo em roupas casuais. Bebo-o como se tivesse pregada no lugar. É lindo demais. Imponente. Frio, intragável, ditador, mas, devastadoramente sexy e acho que ele sabe disso. Duh! Rolo os olhos. É claro que sabe. Heitor é um homem muito experiente. Volto a respirar novamente quando ele some. Me dirijo ao banheiro e cuido das minhas coisas.

Instantes depois, visto um roupão do hotel, faço um coque frouxo nos cabelos e saio para encontrá-lo. Suspiro como uma menina boba diante da

vista da Acrópole. Quero visitá-la e a outros pontos turísticos. Iremos ficar por quatro dias, de acordo com Heitor. Sempre quis vir à Grécia. Meu pai veio umas duas ou três vezes com Soraia e Marcela, se bem me lembro. Meu peito aperta ao recordar que nunca fizeram muito esforço para me levarem em suas viagens ostentosas. Agradeço-os agora, me sentindo mais limpa, sabendo que tudo foi custeado com dinheiro roubado. A mágoa do meu pai permanece, no entanto. Me sinto péssima por ficar remoendo a forma como me deixou de lado em detrimento das duas víboras, mas, não posso evitar. Sou apenas humana. Peço a Deus todos os dias que ele acorde e fique bem de novo. Contudo, sou apenas humana e há muito para resolvermos. Às vezes penso se não foi castigo, ele estar lá, preso àquela cama, por negligenciar quem o amava de verdade e valorizar quem só o queria pelo dinheiro. Mas, então, reflito e penso que não. Se for assim, eu devo ter feito algo muito ruim também, para estar sendo obrigada a passar por isso.

Heitor está franzindo o cenho para algo que está lendo em seus papeis quando chego à mesa posta para dois. Faz menção de se levantar e eu o detenho com a mão. Uau. Heitor Maxwell tem boas maneiras. Zombo intimamente. Quem diria... Me sento e imediatamente me retraio com a pontada dolorida em meu ânus. Me agasalho, devagar, mordendo o lábio para não reclamar da sensação incômoda. Quando olho para cima, colido com os olhos azul-gelo. Ofego pela forma intensa como está me encarando. É como se quisesse me comer viva. Eu quase rio com ironia, porque isso ele fez ontem.

— Está tudo bem? — sua voz é mais profunda e áspera. Está excitado. Estou aprendendo a ler meu marido. Suspiro baixinho. *Meu marido.* É muito difícil até mesmo pensar nessa expressão.

— Sim, tudo bem. — minto, meu ânus castigado está pulsando. Meu Deus...

Heitor percebe meu desconforto e me choca quando abandona seus papeis, um quase sorriso brincando em sua boca. Sem a ironia habitual.

— Deixe que lhe sirvo, Sofia. Café, suco, chá? — pergunta em um tom que ainda não o vi usando. Pelo menos não comigo. É quase *relaxado.*

— Café com leite, por favor. — eu coro pela atenção inesperada. Ele preenche uma xícara com leite e café e a coloca em minha frente.

— Obrigada. — murmuro, pegando a xícara e trazendo aos lábios para ter o que fazer. Estar assim com ele é surreal, muito estranho, para dizer o mínimo. As palavras de Carla me vem à cabeça nitidamente: *os homens são facilmente manipulados com sexo.* Será que está todo solícito esta manhã porque o deixei comer a minha... Oh, Deus, minha bunda? De acordo com minha amiga, os homens gostam das mulheres que os deixam extravasar essa maldita tara. Ugh. Ainda estou envergonhada de ter dado a bunda. Ao que parece eu sou a única manipulada com sexo por aqui, não o contrário. Meu Senhor... Suspiro inconformada. Devia ter resistido mais.

— Sirva-se à vontade. Pedi de tudo um pouco. — sua voz continua naquele tom jovial, quase animado, se servindo de café puro. — não sei do que você gosta. — ele ri, a expressão cínica cintilando nos olhos quando sussurra: — não aqui na mesa, quero dizer.

Eu coro violentamente, relembrando que me comeu na mesa. Ele sorri, um sorriso completo, os olhos mostrando diversão aberta e eu arfo impactada.

— Você me entendeu, bebê. — murmura, pegando uma rosquinha.

Pego uma também mordo-a para evitar sorrir como uma boba. Gosto quando me chama assim. Agora não detectei o sarcasmo com que sempre o pronuncia e isso me agrada mais do que devo admitir. Comemos em um silêncio amistoso. Admiro a vista, deslumbrada com tanta beleza. Quando o encaro ele está olhando para mim, franzindo o cenho, como se eu fosse um quebra-cabeças difícil de montar. Sua expressão suaviza apenas um pouco a ser flagrado.

— Pode passear o dia todo, se quiser, Sofia. — oferece, tomando um gole do seu café, pegando uma folha novamente. — estou preso com o trabalho, você não. Um dos seguranças irá acompanhá-la.

Tenho vontade de rolar os olhos. Quem diria, eu, Sofia Guimarães sendo escoltada por seguranças, como uma celebridade? Eu quis dispensar o guarda-costas, mas, Heitor me explicou que é por causa de quem ele é. Não tem nada a ver comigo. Sim, ele é delicado assim. Zombo.

— Sim, eu gostaria disso. — aceno, me servindo de um pouco de suco. Pego um morango suculento e o mordo, quase gemendo pelo doce explodindo em minha língua. Ouço um rosnado baixo e o encaro. Engulo o pedaço da fruta, sua expressão é predadora, crua, os olhos cravados em minha

boca. — está de folga esta manhã, não? Por que não vem também? — franzo o cenho, sem saber de onde surgiu a ideia descabida. Não somos um casal normal em lua de mel. Ele deixou bem claro que se trata de negócios essa viagem, nada mais. O homem vive e respira trabalho. Além disso, me disse que já esteve em Atenas algumas vezes, deve conhecer tudo o que há para conhecer. — o que estou pensando, você já deve conhecer os pontos turísticos da cidade, não é? — rio da minha estupidez.

— Não. — abana a cabeça. — sempre vim a trabalho, menina.

Eu quero rosnar para o uso dessa palavra. Detesto a forma como a diz e ele sabe disso.

— Alguém já lhe disse que precisa se divertir também? — o desafio. — nem só de trabalho vive o homem.

Ele bufa um pouco, a expressão irônica assumindo com força total. Eu sabia que era só um momento.

— Ninguém mantém um império se divertindo, neném. — diz e me descarta, voltando a ler a folha em sua mão.

— O que você faz para relaxar? Agora fiquei curiosa. — o atiço. Não sei o que me dá, mas, estou me sentindo encrenqueira hoje.

Seus olhos levantam para mim e aquele canto perverso de boca se curva.

— Eu fodo, bebê. — murmura, os olhos gelados prendendo-me no lugar. — nada me relaxa mais do que gozar numa bocetinha... — seus olhos ficam quentes quando completa malvadamente: — numa boquinha atrevida, ou num cuzinho apertado.

Eu engasgo, meu corpo ficando quente de raiva. Que idiota! E pensar que estava um pouco preocupada com sua obsessão por trabalho. O homem é simplesmente intragável. Termino de tomar o café em silêncio e me levanto instantes depois.

— Pode avisar o segurança que estou descendo dentro de trinta minutos? — pergunto, dando-lhe o mesmo tratamento frio. A gente aprende rápido. É a lei da sobrevivência.

Heitor se recosta em sua cadeira, os olhos frios encarando os meus.

— Esteja de volta até as cinco. Precisa se preparar para a noite de gala. —

diz como se eu fosse uma de suas empregadas. — farei a palestra de abertura. — aceno como uma boa serviçal. O flash quente passa em seu olhar e ele completa: — vou te comer hoje de novo. Então, não vá fazer coisas mirabolantes nesse passeio. Quero-a descansada.

Que filho da puta! Estico a coluna, meus olhos fulminando-o. Quero gritar meia dúzia de desaforos, só que não vai adiantar. Sou sua prisioneira. Então, apenas aceno de novo e marcho para longe do ser desprezível.



CAPÍTULO SEIS

Sofia

Meu celular toca sobre o criado-mudo. Eu estico o pescoço na direção e faço uma careta ao ver o nome de Soraia na tela. Tem me ligado insistentemente desde que não apareci para o almoço que quis me enfiar goela a baixo. Deixo tocar até ir para a caixa postal. Preciso encontrar as víboras quando retornar ao Brasil e estabelecer alguns limites, ou não vão me deixar em paz nunca. Pego minha carteira e vou em direção ao terraço. Heitor deve estar lá. Paro nas portas de vidro e corro os olhos pelo amplo espaço. A brisa noturna sopra agradavelmente, fazendo minha pele arrepiar, me lembrando de que meus braços, e boa parte do torso, estão de fora. Heitor havia informado à minha *personal stylist* da nossa viagem para cá e ela providenciou uma seleção de vestidos espetaculares para os eventos que terei de acompanhá-lo. O modelo de hoje é muito ousado, embora longo. É branco, a saia ampla, com duas aberturas sensuais na frente, mostrando as pernas inteiras quando me movimento. A frente única é além de sexy, o decote profundo encontra o cinto prata que marca a minha cintura. Ela me ensinou o truque para não mostrar os seios inadvertidamente, no entanto. Basta usar discretas fitas adesivas e pronto!

Minhas sandálias são prateadas com *strass*. O hotel indicou uma maquiadora e cabelereira e Heitor a contratou para cuidar de mim antes dos eventos. O penteado de hoje me fez ofegar quando me olhei no espelho. Uma trança, ricamente intrincada e afofada, desce sobre o meu ombro direito e uma tiara lateral, prateada, em estilo grego, completa o visual. Sem qualquer modéstia, nunca me vi tão bonita em toda a minha vida. Pareço uma deusa grega. Eu rio um pouco de mim mesma com tal presunção, então, meu olhar colide com o de Heitor e, meu Deus... Acho que pronuncio isso baixinho, meu deslumbramento sendo transferido todo para ele. Está usando um smoking negro, de caimento perfeito.

Sua figura exala riqueza, sofisticação, poder. E para o meu desgosto, estou irremediavelmente atraída, como a mariposa para a luz. Meu coração bobo acelera quando torno a encará-lo. Está recostado à balaustrada, um copo de uísque na mão, a outra enfiada no bolso das calças. Sua postura sugere relaxamento, mas, sei que é enganosa. Heitor Maxwell não relaxa jamais. Estamos a uma boa distância, contudo, posso ver claramente a expressão nos

olhos azuis glaciais. Eles me devoram, percorrendo lentamente o meu corpo, me deixando quente, meu sexo pulsando. Tudo em mim está muito consciente dele como homem. Como o *meu homem.* As palavras invadem meu cérebro me assustando de imediato. Não, ele não é... Começo a negar e suspiro resignada. As circunstâncias não são as mais propícias, no entanto, é isso que Heitor é nesse momento: meu homem. O homem que me fez mulher. Estremeço com essa constatação.

Ele descarta o copo sobre a mesa perto da piscina e vem para mim. Todo o tempo seu olhar segurando o meu.

— Você está atrasada. — diz asperamente. Eu rio um pouco. Cheguei eram quase seis da tarde, só para contrariá-lo. Tomei banho correndo e fui me arrumar. Uma expressão intensa preenche seus olhos e ele me olha uma vez mais de cima a baixo, sussurrando: — valeu cada maldito minuto, no entanto.

Meu coração salta, não posso evitar. Está me elogiando? Eu não devia me importar, mas, quero que me ache bonita, sexy. Droga... Estou lelé da cuca. Como posso querer isso?

— Desculpe, *querido.* — digo-lhe docemente e ele estreita os olhos com a minha provocação. — Podemos ir agora.

— Tenho algo para você. — diz, enfiando a mão no bolso das calças, retirando uma caixa de veludo. Eu engasgo vendo a marca: Tiffany. Abre-a e não posso evitar minha boca escancarar, é um bracelete de prata, soberbo. É largo, com uma grande pedra verde, que suponho seja esmeralda, no centro. Absolutamente soberbo. — Gostou desse, pelo menos.

Sua voz me tira do transe e eu o encaro. A boca está curvada em um sorriso arrogante, percebendo meu encantamento pela joia.

— É lindo. — murmuro. Ele pega meu braço esquerdo, com mais delicadeza do que esperei e encaixa o grosso e elegante aro em meu pulso, subindo-o até ficar firme no meu antebraço. — Usarei esta noite, depois lhe devolvo. — eu lambo os lábios, um pouco incomodada pela sua proximidade e a forma como está me olhando, como se quisesse sexo nesse exato momento.

— Pare de ser infantil. É um presente, não aceito devolução. — rosna e levanta a mão, tocando meu decote, os dedos deslizando no vale entre os seios, os olhos intrusivos nos meus. — Esse vestido é indecente. Todo

maldito homem vai desejar te foder quando entrarmos naquele salão. — resmunga. — A faria trocá-lo, mas, admito, gosto de saber que podem cobiçar o quanto quiserem, apenas *eu* tenho o privilégio de comer você. — gemo involuntariamente com suas palavras grosseiras. Minha pele arrepia e ofego alto, meus mamilos endurecendo, minha calcinha encharcando na hora. A mão desvia e segura meu seio esquerdo por cima do tecido do vestido. Eu me afasto, as costas batendo na parede de vidro. — Você deixa o meu pau dolorosamente duro, bebê. — sorri, lento, perverso, aproximando o rosto do meu. Me olhando intensa e perturbadoramente, murmura: — quero gozar em sua boceta, nesse exato momento. — seu tom fica rude e cola seu corpo no meu, esfregando o pau duro em meu ventre. — Meter até o cabo, duro e fundo... Você quer, neném?

Meu Deus. Eu pingo, latejo com seu tom, sua expressão presunçosa. Seu cheiro me embriagando, me deixando entorpecida. Coloco as mãos em seu peito, querendo que recue e ao mesmo tempo suplicando silenciosamente para que faça comigo o que tiver vontade. É humilhante me sentir tão impactada por esse homem.

— Não. — coaxo. Seu sorriso amplia malvadamente.

— Mentirosa. — sussurra, sua boca quase tocando a minha. — Posso sentir o cheiro da sua bocetinha toda molhada, Sofia. — desliza o nariz pelo meu rosto, o hálito quente, me arrepiando, me deixando em brasa. — Quer o meu pau todo socado dentro de você, te fodendo bem fundo. Você gosta de tomá-lo todo, não minta para mim, menina.

— Não. — gemo, sem forças para lutar e ele sabe disso. — Afaste-se, por favor.

Leva a boca para meu ouvido e lambe a ponta da orelha. Eu molho mais, choramingando vergonhosamente. Seu sorriso soa baixo, pecaminoso e me mordisca. Em seguida, para meu alívio, e também decepção, Heitor se afasta. Continuo pregada à parede, trêmula, arquejante. Pega a minha cintura, a mão grande me segurando com posse.

— Infelizmente estamos atrasados. — reorganiza seu pau dentro das calças, meus olhos indo para o grande volume. Ele ri cínico. — Mas, quando voltarmos, não quero discussões tolas. Vai tomar o meu pau, sem nenhum *mi-mi-mi,* entende? — zomba. Com mais um olhar intenso, ajeita seu smoking e me dá as costas, andando para dentro da suíte.

Cretino! Bufo, me obrigando a segui-lo.

Quando saímos do elevador, alguns minutos depois, o braço dele enrola em minha cintura, me surpreendendo. Olho-o de lado e não posso deixar de me encantar com seu perfil bonito. Sisudo, mas, bonito. Heitor tem uma permanente expressão arrogante e isso se intensifica quando está em meio a outros executivos. Percebi isso ontem, observando todas as suas interações, tentando descobrir mais sobre o homem que está me mantendo cativa ao seu bel prazer. O que aconteceu para deixá-lo assim? Ninguém nasce com esse tipo de atitude, certo? Me recuso a acreditar que nasceu assim. Foi sua mãe? Seu pai? Ambos? Franzo o cenho, me lembrando da foto rasgada em sua biblioteca e de outro detalhe curioso: não há fotos de seus pais pela casa. As únicas fotos que vi, são pequenos porta-retratos em seu escritório. Algumas dele com Tristan e sua avó e, ah, uma dele com Alberto, seu único amigo, pelo que tenho percebido.

Abano a cabeça, me forçando a parar de psicanalisá-lo, como me pediu. Isso não é da sua conta, Sofia. Recrimino-me, expulsando as conjecturas e foco na decoração refinada do grande salão. As mesas foram reorganizadas, deixando um espaço oval no centro, onde suponho seja a pista de dança. Uma orquestra está tocando no palco todo ornamentado. Na parede atrás, há um painel com as logomarcas das companhias aéreas organizadoras do evento. Percebo que a sigla HTL está em destaque, no centro. Bom, eu acho que isso explica um pouco da arrogância na expressão de Heitor. *Ele* deve ter organizado o encontro. Heitor vai acenando cordialmente com a cabeça para as mesas enquanto avançamos. Quando paramos em uma no limiar da pista de dança, com visão direta para o palco, um senhor simpático se levanta junto com sua senhora muito bonita e elegantemente vestida, para nos receber. Trata-se de Dimitri e Calista Anastasiou, o homem está firmando parceria com Heitor pelo que pesquei aqui e ali da sua conversa ontem no jantar. Tales, o filho caçula, se levanta também. Ele foi muito atencioso comigo ontem, enquanto meu marido *muito amoroso* me ignorou completamente na mesa.

— Heitor. — o homem sorri, dando tapinhas nas costas de Heitor. Seu olhar amigável vem para mim. — E a sua jovem e adorável Sofia. — estende a mão para mim. Eu sorrio-lhe colocando minha mão na sua. Ele é um cavalheiro, pois, beija-a galantemente.

— Dimitri. — Heitor retribui numa voz educada, que só usa com seus

parceiros. Zombo. — E a sua encantadora senhora. — imita o gesto cavalheiresco do homem mais velho.

— Senhor e senhora Anastasiou. É um prazer revê-los. — digo cordialmente, mas, ainda cerimoniosa. Embora estar ao lado de Heitor sugira que estou no mesmo patamar, me sinto um peixe fora d'água entre esses ricaços.

Seus sorrisos se alargam.

— Apenas Calista, minha criança. — a senhora diz em tom suave. — Você está deslumbrante, querida. Passaria facilmente por uma moça grega, não acha *ágape mou?*[5]. — dirige-se ao marido, que acena vigorosamente.

— Uma deusa grega seria o termo mais apropriado para descrever a senhora Maxwell, mãe. — a voz uma nota mais baixa e insinuante de Tales, me faz olhá-lo e o braço de Heitor enrola ainda mais em minha cintura, como uma sucuri[6]. — Que prazer reencontrá-la, Sofia. — ele também repete o gesto do pai e beija minha mão, olhos escuros presos aos meus. Eu acho que coro um pouco porque ele é um rapaz muito bonito. Moreno, alto, um sorriso sexy, que deve colocar as moças de joelhos a seus pés.

— É muito gentil, Tales. — murmuro sem jeito. — É um prazer revê-lo também.

Penso ter ouvido Heitor ranger os dentes. Tales sorri brilhantemente para mim, então, solta a minha mão e encara meu marido.

— Senhor Maxwell, é sempre muito bom tê-lo conosco.

Heitor pega a mão do sorridente Tales e logo sua expressão alegre muda um pouco.

— É um prazer também, rapaz. — diz em um tom ligeiramente mais frio do que o usado com os pais. Quando solta a mão de Tales, o rapaz discretamente a flexiona, com o cenho franzido.

— Venham e se acomodem, por favor. — Dimitri pede calorosamente.

Heitor puxa uma cadeira para mim. O agradeço com um sorriso ensaiado, me acomodando. Ele se senta do meu lado e passa o braço por cima do espaldar da minha cadeira, quase que obrigando-me a me manter virada em sua direção. O que há com ele esta noite? Me pergunto, confusa. Tales está do meu outro lado e gostaria de conversar com ele. Farei isso quando o CEO

falar mais alto e Heitor iniciar os assuntos de negócios com Dimitri e os outros homens à mesa, que está começando a ser preenchida agora. Um garçom vem nos abastecer com champanhe, caviar e pequenas entradas glamorosas. Bebo uma taça, observando a dinâmica da mesa. Parece que todos estão paparicando Heitor por alguma razão e eu fico curiosa. Ao que tudo indica, esse não é um simples encontro de executivos. Parece haver algo mais que não está sendo apresentado nas palestras públicas. Minha reflexão é cortada pela saudação em uma voz feminina vinda do palco. Ela fala em Inglês, para que todos entendam, o que agradeço, pois, não sei quase nada em grego.

A mulher muito elegante cumprimenta a todos e passa a apresentar os objetivos do evento, duração, principais palestrantes, sendo que o nome de Heitor aparece encabeçando a fila. Em seguida, ela o apresenta, seu vasto currículo acadêmico e suas ações inovadoras à frente da HTL Ocean Air Lines. Quando seu nome é anunciado para proferir a palestra de abertura, a plateia aplaude empolgada, não posso deixar de sentir uma ponta de orgulho me invadindo também. Ele se levanta e acena em volta, então, se inclina e beija minha testa. Uma encenação para os presentes, claro, porém, o gesto faz borboletas voarem em minha barriga. Os olhos gelados, estão um pouco calorosos quando prendem os meus por um ínfimo segundo. Sem uma palavra, se vira e atravessa o salão para o palco, sob os aplausos incessantes.

— Boa noite a todos. — sua voz profunda e segura soa ao microfone, quando alcança a tribuna no limiar do degrau alto que separa o palco do resto do salão. As palmas vão cessando aos poucos até pararem. Ele sorri levemente e retira algumas folhas do bolso interno do smoking. Seu discurso, suponho. Eu acho que era nisso que estava tão focado esta manhã. Penso, meus olhos presos nele, admirando sua figura imponente lá em cima. Heitor faz um discurso firme e pontual sobre as dificuldades, avanços e desafios do setor de transporte aéreo no Brasil. Mas, não é só isso, ele mostra dados e gráficos do transporte aéreo no mundo todo, no telão projetado na parede atrás dele. — Os monopólios não estão extintos com a livre concorrência, senhoras e senhores... — diz com um leve bufar. — As alianças se fazem cada vez mais imprescindíveis para as companhias que estão amargando segundos lugares nesse pódio desleal... — eu franzo o cenho. Parece que ele está falando grego agora. Ironizo-me pela minha ignorância.

Quando encerra, aplausos ensurdecedores ecoam no salão. Eu aplaudo

também, sem entender bulhufas, mas, encantada pela reação acalorada que um homem tão frio arrancou do público. Ele parece outra pessoa lá em cima, falando com tanta paixão, que acaba impactando os ouvintes. Mesmo sem entender a maior parte do discurso, votaria em sua proposta, porque pelo menos isso ficou claro para mim: Heitor está propondo algo grande para esses executivos. Ele volta para a mesa, sendo paparicado pelos homens e as mulheres. Vejo todos se levantando para cumprimentá-lo e me levanto também. E é nesse momento que percebo mais dois integrantes em nossa grande mesa: um senhor grisalho, com um abdômen expandido e, uau! Uma mulher loira lindíssima. Estive tão entretida babando em Heitor no palco, que não os percebi chegando. Os dois se levantam e vem para perto, tomando descaradamente a minha vez nos cumprimentos. O homem dá um abraço afetuoso em Heitor, denotando que tem certo grau de intimidade com ele. Quando a mulher, usando um longo amarelo, tomara que caia, se aproxima dele, todo o meu corpo fica tenso. Há algo na linguagem corporal dela que me causa uma sensação ruim.

— Parabéns, *mi cariño*.[7] — sua voz é baixa, ronronante. Heitor acena, seu rosto guardado como sempre, mas, detecto um leve curvar de lábios. Eles tiveram algo? Essa mulher é uma antiga amante? A sensação de mal-estar se intensifica quando a mulher deslumbrante se inclina e o abraça. Um abraço de corpo inteiro, embora não haja retribuição por parte dele, observo, odiando-me por ficar satisfeita por ele não abraçá-la de volta. Então, ela sussurra algo em seu ouvido e ele sorri. É um sorriso íntimo e mesmo sendo inexperiente, tenho a certeza de que foram amantes. Odeio o ciúme que me engolfa vendo-os juntos. Os olhos azul-gelo levantam, encontrando os meus e me sinto ridícula aqui de pé esperando a minha vez de cumprimentá-lo quando tem outra mulher pendurada nele e não parece nada incomodado por isso. Eu arranco meu olhar do seu e pegando minha carteira sobre a mesa, me viro na direção do banheiro feminino.

Estou tremendo quando entro no espaço luxuoso. Felizmente não há ninguém por aqui. Me olho no grande espelho de corpo inteiro na parede e suspiro chateada, irritada pelo que estou sentindo. Não quero sentir isso, não quero sentir ciúmes daquele homem. Ele não me pertence. Meus olhos lacrimejam com a injustiça da minha situação e amaldiçoo Heitor Maxwell uma e outra vez por me fazer sentir essas emoções controversas. Ele é um homem odioso, Sofia! Está te obrigando a fazer sexo com ele, sua idiota!

Pare já com isso! Me dou uma bronca silenciosa, me encarando no espelho. Vou para o reservado e faço xixi, voltando em seguida para a pia. Lavando as mãos e conferindo minha maquiagem, eu deixo o banheiro e começo a andar pelo corredor, forrado com tapete vinho e decorado com estofados no mesmo tom. Estou distraída com a decoração requintada quando um vulto amarelo chama minha atenção para a entrada. A mulher loira está avançando, decidida em minha direção. Minhas mãos suam e diminuo um pouco do passo, meus olhos a admiram a contragosto. Ela é linda de uma forma que nunca sequer sonharei em ser. Seu rosto não está amigável, no entanto. Há uma expressão determinada lá e ela não se desvia de mim. Vem em linha reta para uma colisão. Para na minha frente, sua postura ameaçadora, os olhos escuros um contraste com os longos cabelos loiros. Meu corpo estremece e eu me afasto um pouco para trás.

— Então, você é a garota com quem Heitor se casou. — sua voz não tem nada da suavidade com que o cumprimentou lá na mesa. Ela ri ao me ver engolir em seco. Me sinto ameaçada em mais de um sentido. É uma mulher madura, enquanto eu sou apenas uma menina. Seus lábios, pintados de vermelho-sangue, retorcem cruelmente ao perceber que está me intimidando. Então, ela me rodeia, devagar. Se essa mulher tentar algo contra mim, não tenho chances, fisicamente falando. É um mulherão comparada ao meu porte de bailarina. Me sinto diminuta perto dela. — Sofia, não é? — para na minha frente de novo, estendendo a mão. — sou Vera Fernández, você já deve ter ouvido falar de mim.

Eu franzo o cenho diante da forma segura e arrogante com que afirma isso. Seguro sua mão e ela aperta a minha desconfortavelmente. Puxo de volta, tentando controlar a minha vontade de sair correndo de perto dessa mulher.

— Prazer em conhecê-la. — digo, forçando minha voz a sair firme. — Na verdade não ouvi nada sobre a senhora, desculpe.

Seus olhos estreitam sobre mim. Percebo que a insultei por tratá-la respeitosamente e uma satisfação perversa desliza em minhas veias.

— Apenas, Vera, por favor. — diz rispidamente. — Quantos anos tem, afinal? Vinte e três, vinte e quatro?

— Dezoito, senh... Vera. — me interrompo a tempo e seus olhos arregalam, ódio puro tomando suas íris escuras.

— Dezoito? — sibila. Posso sentir níveis altos de animosidade emanando dela. Um sorriso frio se abre em seu rosto. — Uau! Ele não estava brincando quando disse que você era jovem. Fiquei muito chateada no começo, mas, depois pensando com mais calma, entendi porque Heitor está fazendo isso. Ele precisa do seu útero jovem para produzir um herdeiro forte, saudável. — seu sorriso fica ainda mais cruel e completa: — palavras dele, querida.

Suas palavras são cheias de veneno e eu me lembro de Cibele quando cheguei em São Paulo. Quantas mulheres recalcadas Heitor deixou pelo caminho? Me pergunto irritada de ter que lidar com isso, mesmo não sendo um casamento convencional.

— Foi um prazer, mas, preciso voltar para a mesa. — digo-lhe, ainda no tom educado, tentando não me deixar ser atingida. Essas mulheres são ridículas. Ela não sai do caminho, olhos me lançando dardos mortais. Se aproxima ainda mais, invadindo meu espaço pessoal e rosna na minha cara:

— Heitor é meu. Estou voltando para São Paulo e para a vida dele.

Meu sangue ferve pela ameaça. Embora minhas pernas estejam tremendo, eu não cedo nem um milímetro, me recusando a parecer uma covarde para essa mulher. Suas palavras me atingem profundamente, mesmo contra a minha vontade. Ele vai retomar o caso com ela? Isso me angustia, meu coração dói. Oh, meu Deus, por que isso me machuca?

— Você é uma das usadas e descartadas pelo visto. — ranjo, mesmo que minha voz saia trêmula.

— Para o seu próprio bem a aconselho a não se encantar pelo meu homem. — diz numa voz mortalmente calma, seus olhos astutos me analisando, certamente vendo meu ciúme. — Heitor é meu. Depois que a criança nascer, vamos nos casar e você vai sumir. Nada vai me impedir de ser a senhora Maxwell. — seu olhar me causa arrepios agora. — Não ouse ficar no meu caminho, ou vou te esmagar como a ratinha que você é.

— Saia *você* do meu caminho. — enfrento-a, não sabendo de onde estou tirando tal força. No entanto, parece imperativo não ceder à essa mulher. Ela ri de uma forma repulsiva e segura meu braço fortemente. Eu guincho. — Me solte!

— Você, sua putinha feia. — cospe com despeito claro. — Eu vi o jeito que estava olhando para ele lá no palco. Já está apaixonada, sua tonta. — eu

tento puxar o braço e ela só o aperta mais. Que mulher louca! — Ele vai comer sua boceta jovem até colocar um filho em seu útero. Depois disso, Heitor será todo meu de novo. — eu arfo, suas palavras me impactando porque são as mesmas usadas tantas vezes por ele. Torna a rir como uma hiena. — Ele é meu. Não pense nem por um momento que pode satisfazer um homem como Heitor. Você é insossa, sem sal.

— O que está havendo aqui, Vera? — a voz conhecida me faz olhar para a entrada. Vejo Calista vindo até nós. A senhora morena e elegante não parece contente quando ordena: — Solte-a. Agora.

Vera bufa, rolando os olhos e me liberta das suas garras. Eu quero massagear meu braço, mas, não vou lhe dar o gostinho de saber que me machucou. O olhar intimidante da recalcada continua no meu.

— Isso não acaba aqui. Nos vemos no Brasil, querida. — torce os lábios, murmurando com desdém: — senhoras... — e se vai.

Eu solto uma respiração aliviada, massageando meu braço.

— Você está bem? — Calista está me olhando com preocupação. — Quando vi aquela mulher vindo para cá, imaginei que iria importuná-la.

— Obrigada. — sorrio-lhe fracamente.

Calista me encara com simpatia. É uma mulher muito bonita e parece bem mais jovem que o marido. Ela pega meu braço e o esfrega gentilmente.

— Você precisa ser forte, minha criança. Não há outra opção para mulheres como nós. — Mulheres como nós? O que quer dizer com isso? Eu franzo o cenho ligeiramente, estudando-a. — Me acompanha numa bebida no bar antes do jantar ser servido?

Eu aceno. Preciso controlar os nervos antes de voltar à mesa. Mas, acho que a mulher mais velha já sabe disso pelo olhar compreensivo em seus olhos escuros. Ela entrelaça seu braço no meu e sorri, encorajadora, enquanto nos dirige para fora do corredor.

Instantes depois, nos sentamos nos bancos altos do bar, localizado nos fundos do salão. Há gente em volta, bebendo e conversando animadamente. Calista pede duas gins tônicas.

— Vera foi amante de Heitor, como já deve ter deduzido. É filha de Javier Fernández, um dos figurões do transporte aéreo na Argentina. — me diz em

tom de segredo. Sim, a vaca tem mesmo um sotaque latino. O barman nos entrega nossos drinques. Eu bebo um gole bem-vindo, aprovando imediatamente. Sempre tive curiosidade para experimentar a bebida chique. — Ele a trouxe aqui umas duas vezes, acho.

Meu coração aperta. A trouxe aqui. Ele viajou com ela. Essa mulher deve ter sido importante para ele.

— Ei, nada disso, criança. — Calista levanta meu queixo, percebendo aonde a minha mente foi com sua revelação. — Homens como Heitor nunca viajam desacompanhados. Viajar com um homem assim não quer dizer nada. — eu faço uma careta, agora lamentando minha própria situação. Ela ri, meneando a cabeça. — Desculpe, não estou conseguindo me expressar bem. — seus olhos me sondam por um instante, saboreando sua bebida. — Suspeito que temos muito em comum, Sofia.

— Sim? — pergunto com ceticismo. Não vejo nada em comum com a mulher requintada e segura sentada do meu lado.

— Oh, sim, criança. — afirma. Eu gosto do carinho em sua voz quando me chama assim. Começo a relaxar, apreciando sua companhia. — Eu fui vendida para Dimitri. — confidencia, me chocando demais. Quase espirro minha bebida sobre o balcão. Jesus Maria José! Quem diria, o todo sério e amoroso Dimitri *comprou* a esposa? Agora entendo porque parece se dar tão bem com Heitor. Dois safados! Exclamo mentalmente. Ela ri e acena, não parecendo nada chateada por isso. — Meus pais eram muito pobres. Morávamos numa vila de pescadores e Dimitri me viu numa reunião com a comunidade, sobre uma construção que ele queria fazer na praia. Tinha trinta e cinco e eu apenas dezessete. — seus olhos estão sonhadores, certamente relembrando aquela época.

— Uau. — assobio baixo. É praticamente a mesma diferença de idade entre Heitor e eu. — Como você lidou com isso?

— Eu fiquei muito revoltada por meu pai me vender daquela forma tão vil... Só o perdoei anos depois. — seus olhos ficam sombreados. — Dimitri me levou para casa e me desrespeitou, usando-me como uma prostituta.

Ai, meu Deus! Ela tem razão, temos muito em comum...

— Quando vocês se apaixonaram? — pergunto, muito interessada. É nítido que ela e Dimitri se amam pela forma como se olham. Não é

encenação como eu e Heitor. É real. Dá para sentir.

Calista volta a sorrir sonhadora.

— A intenção dele era ficar comigo até enjoar de mim, depois me descartar, como fazia com todas as outras. — meio que bufa e eu rio do seu ciúme mesmo agora. — Mas, nos apaixonamos logo no segundo mês. Meu Dimitri era e ainda é um homem de fazer tremer os joelhos. — pisca com cumplicidade feminina para mim e eu rio mais. — Ele me fez sua senhora no terceiro mês e tem beijado meus pés desde então.

— Nossa, que história. — murmuro, impressionada. Ninguém diria olhando para o casal, que tudo começou de uma forma tão errada e indecente.

— Nem tudo foram flores, no entanto. — ela bufa, bebendo um longo gole da sua taça. — As mulheres se jogavam em cima dele sem qualquer discernimento e eu ficava louca. — seus olhos seguram os meus. — Como acontece com o seu Heitor.

— Não. Ele não é... — eu me paro e tomo um gole da gin para me impedir de revelar mais.

— Talvez não ainda... — a mulher experiente dá um tapinha em minha mão, seus olhos vendo mais do que quero mostrar. — Mas, pode ser, criança. Nós, mulheres, temos todo o poder, se é que me compreende... — pisca com certa dose de malícia. Eu coro e ela ri, me dando mais um tapinha amigável na mão. — Me arrisco a dizer que está indo muito bem. Heitor tem algo diferente nele dessa vez. Nunca o vi olhar para uma mulher como tem olhado para você. — minha boca se abre incrédula, então, abano a cabeça, negando. Ela só está querendo me animar. — Sim. É um olhar de puro deslumbramento, encantamento.

— Não. Você está enganada, Calista...

— Shh. — ela faz um gesto de silêncio. — Me conte sobre isso daqui a alguns meses, Sofia. Tenho a impressão de que você, com esse jeitinho delicado e inocente, será a única a tocar o coração do temível homem de gelo.

— Como você lidou com as mulheres? — me vejo perguntando e Calista sorri amplamente, os olhos brilhando de satisfação.

— Só há uma forma de lidar com essas degeneradas. — se inclina e sussurra em tom conspiratório: — Não cedendo um milímetro. Mas, claro

que fazemos isso com classe. Nossos maridos são muito poderosos, Sofia. Não podemos abaixar a cabeça e entregá-los nas mãos de mulheres como aquela lá na mesa...

— O que eu faço? — droga. Por que estou mesmo perguntando isso? Eu não me importo com Heitor. Não me importo. Ele é um ditador, um déspota e eu o detesto! Repito para mim mesma.

— Quando voltamos à mesa, aja com naturalidade, parabenize seu marido pelo discurso e converse agradavelmente com todos. E, claro que um pouco de gelo é bem-vindo nesses casos. — ri furtivamente. — Não se dobre à vontade de Heitor sem uma boa briga antes. Os homens não apreciam mulheres fracas, criança.

— Foi assim que fez Dimitri cair de amores? — sorrio, gostando da forma simples como transformou uma situação difícil totalmente a seu favor. Calista ri gostosamente. Eu gosto da mulher.

— Foi basicamente assim, querida. — confessa. — Embora minha bravata só durasse até ele colocar as mãos em mim... — suspira como uma adolescente. — Aquele homem me ganhou no momento em que me olhou a primeira vez, essa é a verdade. — sem o meu consentimento, olhos azul-gelo invadem minha mente, me fazendo ofegar. Não quero ouvir a voz insistente em minha cabeça, dizendo que são situações muito, muito parecidas, porém, não tenho como negar que Heitor mexeu profundamente comigo desde o primeiro encontro. Ela vira a taça e eu faço o mesmo. — Venha, querida. É hora de mostrar a sua força e superioridade. — deslizamos para fora dos nossos bancos. Me sinto eletrizada pela bebida e também pela conversa encorajadora de Calista. Seguro seu braço, fazendo-a olhar para mim.

— Obrigada mais uma vez por ter se preocupado comigo. — digo sincera. Ela sorri calorosamente e me abraça.

— Terá uma amiga em mim, se assim o quiser, Sofia. — diz ao se afastar, me olhando com uma ternura que me aquece por dentro. Eu acho que acabo de ganhar uma amiga.

— Eu quero. Terá o mesmo em mim. — lhe asseguro. Ela acena e enlaça meu braço, começando a nos dirigir pelo caminho de volta.

Quando chegamos à mesa, a minha confiança escorrega um pouco quando vejo que a tal Vera está sentada na minha cadeira, ao lado de Heitor. Ela está

sorrindo brilhantemente e dizendo algo para ele. Calista aperta meu braço, suavemente, me fazendo olhá-la. Pisca com nova cumplicidade para mim e eu invejo sua calma e sofisticação. Ela vai para seu marido e eu me aproximo dos *pombinhos* por trás. Isso pode não ser um casamento real, mas, me recuso a deixar essa mulher me humilhar dessa forma. Todos aqui sabem que foram amantes e a cadela não tem vergonha de ficar toda em cima dele. Eu toco no seu ombro e ela vira ainda sorrindo, me dizendo claramente que era sua intenção me provocar sentando-se no meu lugar. Que vaca! Não olho para Heitor, embora sinta seu olhar sobre mim. Posso imaginar seus olhos gelados e cínicos. Abrindo o sorriso mais falso em meus dezoito anos, eu digo um pouco alto, tendo a certeza de ser ouvida pela mesa, no entanto, ainda no limite da boa educação:

— Com licença, a *senhora* está ocupando o meu lugar. — sim, eu posso ter dado um pouco de ênfase na palavra senhora. Ninguém pode me culpar... Quero gargalhar quando o sorriso arrogante morre e uma carranca toma o rosto de Vera. Ela bufa, levantando-se e indo para o lado de seu pai. Eu rio me sentando, e meus olhos encontram os de Heitor. Há algo brilhando lá nas piscinas glaciais. Algo parecido com orgulho. E há também a sugestão de um sorriso em sua boca firme.

Heitor

Vera está deselegantemente dando em cima de mim. Eu suspiro em descrença, fechando a cara. Por que seu flerte descarado me incomoda agora? É uma mulher linda, deliciosa na cama. Ela parece ter ponderado sobre a minha oferta de continuar sendo minha amante, pelos seus avanços nos últimos minutos. Sofia saiu para o banheiro sem me cumprimentar pelo discurso. Pelo olhar em seu rosto, suspeito que a forma como Vera tomou sua frente e se pendurou em meu pescoço tenha algo a ver com isso. Desvio os olhos pelo salão movimentado. Gente falando, rindo, bebendo alegremente. Onde diabos ela está? Rosno, então, ela entra em meu campo de visão, andando de braços dados com Calista. Não vou analisar o alívio que sinto ao vê-la sorrindo, parecendo bem. Meus olhos correm gananciosos por toda ela. Não apenas bem, está linda, arrasadora esta noite. Esqueça tudo que mencionei sobre seu traje de ontem, ele é pálido comparado a esse.

É sem sombra de dúvidas, a mulher mais bonita no maldito salão. *Minha mulher.* O pensamento intrusivo pisca em meu cérebro. Sim droga, para todos os efeitos, é a minha mulher. Isso me traz um sentimento agridoce, no

entanto. Gosto de saber que é minha para usar quando e como quiser, mas, detesto que os homens do recinto estejam todos de olho espichado para cima dela. Sofia não me olha quando chega até nós. Seu olhar nubla quando percebe que Vera está em seu lugar. Os olhos verdes faíscam de forma sutil e ela cutuca o ombro da outra, dizendo sem rodeios:

— Com licença, a *senhora* está ocupando o meu lugar. — caralho. Eu seguro uma risada quando Vera faz uma carranca. Ela odeia ser tratada por senhora. Se levanta, provavelmente para evitar uma cena, e vai para o outro lado da mesa, onde está seu pai. Sofia se acomoda e finalmente olha para mim. Meu corpo vibra, meu pau sofrendo espasmos. Porra, como é linda. Será que todos pensam assim? Ou sou só eu porque meu pau está em um estado patético de encantamento pela sua bocetinha apertada? Olho de lado e ranjo os dentes. Não sou só eu. A baba de Tales está a ponto de escorrer em seu queixo, enquanto cobiça a minha mulher. Que fedelho abusado! — *muchas gracias.*[8] — minha atenção é puxada de volta para Sofia. Ela acabou de falar em Espanhol e tem um sorriso meio provocativo na boca carnuda, encarando Vera do outro lado.

Droga, meu pau engrossa, gostando disso, de ver a postura altiva da menina. E agora só quero que a porra do jantar seja logo servido para poder arrastá-la de volta à suíte e fodê-la até que nenhum de nós possa andar. Rosno baixo, meus pensamentos insanos me incomodando. Nunca fui de ficar antecipando uma foda. Nunca fui de ficar babando em nenhuma mulher, porra. Que diabos ela está fazendo comigo? Seus olhos verdes seguram os meus e eu me vejo afogando neles.

— Parabéns pelo discurso, querido. — sussurra com suavidade. Uma encenação para a mesa, claro, e sua mão macia toca meu rosto. Eu quase gemo e me envergonho em público. Seguro sua mão, retirando-a não com brusquidão, mas, não querendo o toque por mais tempo, então, eu vejo a marca vermelha em seu braço delicado.

— O que foi isso? — sussurro sem fazer alarde, apenas para nossos ouvidos, tocando o local com as pontas dos dedos. Sua pele arrepia e ela ofega. Merda. Apenas um simples toque. Nossa química é a mais a forte, excitante que já experimentei. Estou completamente duro agora. — Responda, Sofia. Como conseguiu isso? — examino atentamente a pele ficando arroxeada. Parecem marcas de dedos.

Ela engole em seco, seus olhos ampliando um pouco. Lambe os lábios quase me distraindo, no entanto, saber como se machucou é imperativo no momento.

— Eu tropecei e uma mulher me segurou um pouco mais forte no banheiro. Teria caído se não tivesse ajudado. — diz baixinho. — Não foi nada.

Olho-a fixamente, tentando detectar uma mentira. Vera foi ao banheiro também, recordo-me. Eu abano a cabeça. Não, ela não ousaria machucar uma menina como Sofia. A mulher tem praticamente o dobro de massa corpórea. Não, ela me conhece muito bem, jamais ousaria tocar na minha mulher.

— Foi isso mesmo, ou alguém a machucou de propósito? — pergunto asperamente. A ideia de alguém machucando-a me incomoda. E me irrita que isso me incomoda. Porra, estou uma bagunça.

— Foi um acidente, Heitor. Apenas isso. — seu tom é um pouco mais firme, sua testa franzida, provavelmente estranhando minha reação preocupada.

Eu relaxo um pouco, deslizando os dedos devagar pelas marcas.

— Sua pele é muito delicada, bebê. — murmuro, meu tom suavizando por conta própria. Sofia está tão surpresa quanto eu, quando me levanto, pegando um guardanapo e cubos de gelo em um dos baldes de champanhe sobre a mesa. Faço uma trouxa e volto a sentar. — Dê-me o braço de novo. Vamos evitar que isso fique roxo. — eu ganho um meio sorriso. Porra, eu ganho um meio sorriso e meu coração salta, não consigo evitar.

— Obrigada. — sussurra, a voz rouca, me lembrando os gemidos e barulhos sexys que faz quando goza no meu pau. Me oferece o braço e eu cuido do hematoma pelos próximos minutos, atraindo olhares curiosos dos outros, que enchem Sofia com perguntas sobre como se machucou. Ela repete a mesma história e meus olhos pousam em Vera. Ela está tomando sua taça de champanhe, lançando um olhar de morte para Sofia. A suspeita volta em minha mente. Se descobrir que foi ela a autora disso, vai se ver comigo. Sofia é apenas uma menina delicada perto da outra mulher. Me deixa puto que Vera possa ter tirado vantagem dela assim. E me irrita muito mais a necessidade crescente de proteger essa menina. Não sou responsável por ela. Sofia não me importa, porra. Me censuro. Isso é apenas o meu pau falando

porque o sexo é fenomenal. É só isso.

— Eu acho que é o suficiente. — digo um tanto ríspido e coloco o pano com o gelo derretendo sobre o meu prato. Retiro meu lenço do bolso e enxugo seu braço. Ela está franzindo o cenho com a minha mudança brusca de humor. Não lhe dou nenhuma satisfação, no entanto. Quando o garçom aparece peço-o para trocar meu prato e em seguida, o jantar é servido. Me viro para Dimitri, me pondo a discutir negócios, enquanto saboreamos o cordeiro ao molho de ervas. Calista me lança um olhar analítico por trás da sua taça de vinho. Eu gosto da mulher. É uma das poucas que não tem olhos errantes para cima de mim. É uma legítima esposa grega, respeitando seu marido, embora seja bem mais jovem do que ele. Só agora me toco de que a diferença de idade entre eles é praticamente a mesma entre eu e Sofia. E eu não sei porque cargas d´água estou fazendo essa reflexão. Rolo os olhos mentalmente, tomando um grande gole do meu vinho. Olhando de esguelha, percebo Sofia rindo de algo que Tales está lhe contando. Ranjo os dentes, porém, não interfiro. Não, eu não quero aquela proximidade estranha de volta. Melhor manter as fronteiras bem delimitadas de agora em diante.

Jantamos ao som do jazz suave. A conversa passou a girar em torno de viagens durante a sobremesa. Vera se pavoneia com sua recente viagem ao Taiti. As outras dondocas seguem seu exemplo e estou quase explodindo, entediado pela conversa fútil. Sofia, por outro lado, parece estar alheia a tudo, menos à conversa do moleque abusado. Luto ferrenhamente contra a vontade de acabar com sua conversinha, mas, me recuso a deixar esse desejo primitivo de posse me controlar. Nenhuma mulher me controla. Eu sou a porra do meu dono! Converso mais um pouco com Dimitri, não prestando realmente atenção nele. Não, meus ouvidos estão em tudo que o imbecil do seu filho está dizendo a Sofia. O espertalhão está se oferecendo para levá-la num passeio turístico amanhã. Ranjo os dentes. Passeio turístico o caralho! Sei bem o que esse moleque almeja. Chega um momento em que não suporto mais e me viro, tocando-a no cotovelo. Ela gira a cabeça, estreitando os olhos nos meus. Está com raiva por ter sido ignorada. Seu rostinho está lindo, os olhos verdes brilhantes com indignação. Ela é tão transparente e nem percebe isso. É hora de fazer um bom jogo de encenação para a plateia. Me levanto, ajustando meu smoking.

— Dança comigo, querida? — irritação brilha fugazmente em seus olhos muito expressivos, mas, disfarça e sorri docemente, se levantando também.

— Claro, querido. Pensei que nunca ia perguntar. — diz bem-humorada, arrancando algumas risadas na mesa.

Estendo-lhe a mão, ela a segura e a conduzo para o meio do salão, que já está enchendo de casais. A puxo pela cintura, colando o corpinho macio no meu. Arfa, as mãos espalmando meus ombros e eu seguro um gemido com a sensação do seu toque mesmo por cima das roupas. O que há com ela que me faz gostar de proximidade, intimidade, coisa que sempre repeli? Por que me sinto tão bem segurando-a em meus braços? Por que parece tão bem aqui, como se fosse feita sob medida para mim? E de repente, um medo atroz me atinge. E se nenhuma outra mulher puder me satisfazer quando tiver que deixá-la ir? Tal pensamento descabido me deixa zangado. Ela não tem nada de especial, é apenas a porra da novidade. Me repreendo internamente. Vou me cansar dela logo, logo, tenho certeza. Começo a me movimentar e ela me segue, devagar, levantando o rosto e eu quase rosno como um animal, inalando seu cheiro delicado de flores. Nossos olhares se prendem, os rostos ficando bem próximos. Ela lambe os lábios e pisca, parecendo incomodada e eu a trago mais perto, esfregando meu pau nela, aproveitando a música, descaradamente. Melhor me ater ao que temos: sexo.

Subo uma mão da cintura, passando pelas costas nuas até chegar à nuca. Seguro-a firmemente e desço um pouco a mão da cintura, pressionando a parte baixa de suas costas, causando um contato e fricção maior entre nossas pelves. Seus olhos estão dilatados, anuviados, a boca se entreabre em ofegos suaves, atraindo minha atenção. Salivo, morrendo de vontade provar seu gosto. Me assusta o quanto quero beijá-la. Eu, que nunca fui movido por paixões carnais. No entanto, preciso reconhecer que estou louco por essa menina. Ela mexe demais comigo. O tesão nos envolve enquanto nos olhamos e nossa respiração vai ficando mais forte, ofegante. Ela estremece, as pálpebras ficando mais pesadas.

— Então, você dança. — diz entrecortado.

Meus lábios contraem com sua parca tentativa de mostrar que não está sendo impactada pela proximidade.

— Incrivelmente, sim. — respondo, meus olhos fixos nos dela e abaixo meu tom: — Tenho muitas qualidades que não conhece ainda, bebê.

— Duvido. — zomba, bufando.

Eu rosno, apertando sua bunda, moendo discretamente nela. Ela arqueja, suas unhas cravando em meus ombros por cima do smoking.

— Deve parar de bater de frente comigo, neném. — digo rouco quase tocando sua boca. — Isso só me deixa mais louco para meter meu pau em você, com força, te punir por estar me desafiando.

— Nunca. Nunca me terá de bom grado. — rebate, mesmo que sua linguagem corporal esteja gritando o contrário.

Rio cínico.

— É isso que repete para si mesma quando está gozando no meu pau, menina? — digo friamente.

Sofia range os dentes, os olhos ficando selvagens.

— Por que me chamou para dançar? Não pode me obrigar a suportar o seu toque em momentos além do sexo.

Suas palavras me atingem com força e eu a olho com raiva, replicando:

— Reconheça o seu lugar, menina. Acha que o fato de sermos legalmente casados te faz importante? — rosno, não entendendo porque me deixa tão puto que não queira meu toque. — É minha puta. É isso que você é: minha puta. Posso te tocar, foder, fazer o que diabos eu quiser.

Seu rosto cai e vejo lágrimas enchendo seus olhos. Tenho que lhe dar pontos porque ela não desvia o olhar do meu, me encara bravamente. Me sinto mal por ter falado de forma tão escrota com ela.

— Sofia...

— Se o fato de obrigar uma mulher a fazer sexo com você é motivo para se vangloriar, então, faça, Heitor Maxwell. — me corta, sua voz trêmula, cheia de desprezo.

O pedido de desculpas está entalado em minha garganta. Meu orgulho não o deixa sair agora. Ficamos o resto da música em um silêncio tenso.

— Qual é o propósito dessa conferência? — pergunta depois de um tempo.

Sua voz está apática, deixando claro que está apenas puxando assunto para não parecermos dois robôs para o resto do salão. Me recrimino mais uma vez pela minha truculência. Sofia tem feito a sua parte no acordo. A forma como

está se portando em público é uma grata surpresa. Além do intrometido do Tales, a vi conversando com outras pessoas à mesa. Estava antecipando passar vergonha com uma cabeça de vento e me surpreendi pra caralho. A julguei por causa da pouca idade. Foi arrogante da minha parte, reconheço. É inteligente, observadora, elegante em todas as respostas dadas e está encantando a todos que tem interagido com ela desde ontem. Me vi admirando-a em mais de um momento.

— Nossa anfitriã falou sobre isso mais cedo, na abertura. — digo-lhe no mesmo tom sem emoção. Além disso, não tenho o hábito de conversar sobre os meus negócios aleatoriamente.

— Não me tome por estúpida, Heitor. — bufa. — Estou falando do *verdadeiro* objetivo do encontro. — enfatiza, confirmando que está longe de ser uma cabeça de vento.

Respiro aliviado quando a música termina. Hora de voltar ao quarto e acabar com esse clima ruim que paira entre nós. Sua bravata vai cair por terra no momento em que colocar minhas mãos sobre ela. Rio cinicamente. Sim, ela não pode fugir disso, nem eu tampouco. Nenhum de nós pode.

— Não ocupe essa cabecinha linda com isso, Sofia. — digo condescendente, parando a dança. — Deixe os assuntos complicados para os adultos, neném. — a provoco.

— É lamentável que um cara tão competente seja um porco machista. — range os dentes.

— Como sabe que sou competente? — uma ponta de alegria me invade porque há um elogio em sua crítica.

— Não sou nenhuma imbecil. — rola os olhos. — Ouvi cada palavra que proferiu em sua palestra. Você está propondo algo, que não apareceu no discurso, para esses homens.

Eu a olho, analisando-a em absoluta incredulidade. Ela parece satisfeita por arrancar esse tipo de reação de mim, um sorriso arrogante, um tanto insolente curva a boca carnuda. Sim, a menina é inteligente. E não sei porque meu pau fica ainda mais duro, porra.

— Vamos embora. — rosno, enrolando um braço em sua cintura. — quero a minha linda esposa de língua afiada só para mim agora.

Ela bufa, se retesando. Sei que quer me xingar de todos os nomes, mas, se contém. Quando alcançamos a mesa, Dimitri se levanta.

— Heitor, me acompanha para algo mais forte lá no bar? — convida e eu me forço a não mostrar meu desapontamento. Estou cansado, frustrado. Tudo que preciso no momento, é foder a menina insolente e me esbaldar no prazer sem igual que me proporciona.

— Claro. — aceno e me viro para Sofia. — Me espere aqui. — olho firmemente para Tales, mandando-lhe uma mensagem clara que não se aproxime dela.

Alguns minutos, e um copo de uísque depois, Dimitri termina de expor suas preocupações a respeito de colocarmos Javier em nossa aliança. Concordo com ele, temos que verificar todos os candidatos minuciosamente antes de celebrarmos o contrato. Dimitri é uma raposa velha, muito astuto nos negócios e é exatamente por isso que nos damos tão bem. Ele aperta meu ombro e se vai. Eu enrolo um pouco, terminando minha bebida. Quando estou me virando para voltar para Sofia, o corpo voluptuoso de Vera surge bem do meu lado. Ela sorri, esfregando os peitos grandes em meu braço.

— Posso falar com você, lá fora? — pergunta com um sorriso sensual, inclinando a cabeça em direção às portas de acesso à varanda.

Ela é linda e sabe como usar seus atributos. Semicerro os olhos sobre a mulher, mas, aceno. Um sorriso cínico brinca em minha boca porque tenho uma suspeita do que vai sair de sua boca vermelha. Ando para fora, sem esperar que me siga. Ela vem. Elas sempre vêm. Fico de frente para a vista magnífica da cidade e Vera se infiltra entre mim e a balaustrada, as mãos pousando em meu peito por cima do smoking.

— Eu pensei bem, *mi cariño.* — sussurra, fazendo um biquinho que não lhe cai bem, dada a sua idade. — Aceito sua proposta. Quero continuar sendo sua...

— Amante? — ofereço, uma estranha raiva me invadindo. Que tipo de mulher aceita uma proposta dessas? Que tipo de mulher aceita pegar um homem que pertence a outra? Eu franzo o cenho com esse último pensamento. Eu não pertenço a ninguém, porra! Aquela maldita menina está nublando minha mente.

Vera parece um tanto sem graça, mas, se recupera rápido.

— Sempre brutalmente direto. — ronrona. — Você parece um tanto estressado. Deve estar frustrado por ter que foder uma menina mal saída da adolescência. — sua voz é desdenhosa, seu olhar cravando em algo sobre o meu ombro e se inclina mais, completando: — Nenhuma mulher pode satisfazê-lo como eu, *mi amor*. Me disse isso tantas vezes que perdi a conta, lembra?

Sim, eu me lembro. Mas, isso foi antes de... Porra, lá vem Sofia de novo.

— Vamos sair daqui. Livre-se da garota sem graça e venha foder uma mulher de verdade, *cariño*. — continua dizendo, seu olhar preso atrás de mim, então, seu sorriso alarga e volta a me olhar, uma expressão vitoriosa em seu rosto bonito.

Reflito sobre a proposta, olhando-a fixamente. É a mesma Vera, a mesma mulher que sempre deixou meu pau duro. Sim, a mais gostosa que já comi. Mas, isso foi antes de Sofia. Fecho os olhos brevemente, reconhecendo essa merda. Não sinto o menor tesão por Vera ou qualquer outra no momento. E com essa percepção, retiro seus braços de cima de mim e me afasto.

— Não estou mais interessado, Vera. — digo laconicamente, acrescentando: — E está redondamente enganada. Sofia não deixa nada a desejar para nenhuma mulher madura que comi antes. — me surpreendo pela minha defesa e os olhos da mulher soltam faíscas, a expressão sedutora indo embora. Continuo, sem remorsos. — É linda, deliciosa, me faz ansiar por ela, coisa que nenhuma outra conseguiu.

— Você vai mudar de ideia. É a novidade da boceta virgem. — rosna as narinas inflando. — Homens... São todos iguais.

— Tenha uma boa noite, Vera. — me viro e começo a andar.

Vou buscar aquela que está me deixando completamente louco. Nunca dispensei uma foda com a fogosa Vera e isso é o suficiente para me fazer aceitar que meu tesão por Sofia é poderoso demais, não pode ser mais ignorado. Quero essa menina com uma força assustadora e irritante. Eu a quero. Porra, eu a quero!



CAPÍTULO SETE

Heitor

Aperto o passo, uma urgência irracional de encontrar Sofia se instalando dentro de mim. Chego até a mesa e uma carranca desce em meu rosto, quando não a vejo. Javier se levanta, se aproximando.

— Não tivemos a chance de conversarmos a sós ainda, Heitor. — me olha seriamente. Detecto dessagrado em seu tom. O homem deve estar se roendo, porque preteri sua filha e me casei com uma menina que em nada me acrescenta. Todos aqui devem achar que estou perdidamente apaixonado pela ninfeta para cometer uma insanidade dessas. Em nosso meio os casamentos têm mais a ver com alianças financeiras do que com sentimentos. Eles não sabem que estou cobrando uma dívida.

— Seja rápido, Javier. Vou me recolher para o meu quarto assim que encontrar a minha mulher. — tento não soar aborrecido.

Javier me analisa. Ele é outra raposa velha, por isso é meu parceiro na América do Sul. No entanto, aquela parte do globo ficou pequena para mim. Quero mais. Voar mais alto. Literalmente. Sofia tem razão. Estou sondando o terreno para uma nova aliança global orquestrada pela HTL. Ainda não estou propondo nada. Como disse, nesse momento estou apenas estreitando laços, formando mais parcerias. Não tenho nenhuma vergonha de dizer que estou usando minha participação na *Star Aliance* como um estágio para organizar minha própria comitiva, a *Ocean Aliance.* A HTL tomará o lugar da nossa concorrente, em no máximo, três anos. Seremos o maior conglomerado de linhas aéreas do Brasil e da América Latina, podem anotar isso aí.

— Sim, eu também iria correndo para o meu quarto se tivesse uma coisinha linda daquela como companhia. — sorri maliciosamente, me dando uma piscada que ele pensa ser amigável. Eu fico puto. Velho safado!

— Cuidado, Javier. — aviso-o calma e friamente. — É da minha esposa que está falando.

Seus olhos ampliam e toda malícia some da sua cara enrugada.

— Queira me desculpar pela brincadeira, amigo. — diz levantando a mão livre. A outra está segurando um copo de uísque.

Tenho vontade de dizer que não sou seu amigo. Tratamos de negócios.

Apenas isso. Todavia, seria grosseiro da minha parte e no momento, não quero me indispor com os parceiros.

— Vá direto ao ponto, Javier. Como disse, estou de saída. — instigo-o a parar com a conversa mole.

O homem corpulento acena e seu rosto fica sério.

— Devo dizer que fiquei surpreso com seu casamento tão repentino. — diz confirmando minhas suspeitas. Ele está se sentindo traído junto com sua filha. Quero rolar meus olhos, mas, me mantenho firme. — Chocado é a palavra, para ser sincero.

Olho-o firmemente, levantando uma sobrancelha que diz: *e daí*?

— Não devia, Javier. — respondo baixo, conciso, meu olhar lhe dizendo muito mais. — A vida é minha. Me relaciono e me caso com quem *eu* quiser, quando *eu* quiser.

Meu tom brusco nas últimas palavras o faz se encolher um pouco, acenando em concordância.

— Sabe que o considero como a um filho, Heitor. — tenta de novo.

Mais uma vez quero rolar meus olhos para seu sentimentalismo barato. O homem só quer ter alguém para cuidar do seu negócio quando não puder mais, uma vez que Vera, sua única filha, é uma socialite fútil.

— Mais uma vez, não devia. — digo-lhe em tom mais frio. Qualquer alusão a Logan Maxwell é o suficiente para acabar com o meu bom humor. — Meu pai está morto e estou muito bem sem ele.

Javier engole audivelmente. Sua expressão diz que lamenta ter tocado nesse assunto.

— Eu apenas sonhava em ver minha Vera casada com você. — ainda arrisca.

As preocupações de Dimitri me vem à mente. Ele desconfia que a empresa de Javier esteja falindo. Prometi que vou pedir balancetes e me inteirar do assunto quando voltar para casa. Mas, essa sua atitude, essa sua conversa, está cheirando a desespero. Javier nunca havia me confrontado sobre a minha relação com sua filha, até porque Vera nunca foi a única. Pensei que estivesse claro que não era nada sério. Não da minha parte pelo menos. Sua atitude

agora é, no mínimo, estranha.

— Sinto muito se lhe dei indicação de que faria isso. — digo com toda seriedade. — Se me der licença, vou em busca da minha mulher. — lhe dou um tapa amigável nas costas. — Tenha uma boa noite, Javier.

Deixo meus olhos vagarem nos arredores e volto à mesa. Calista está me lançando um olhar quase hostil, percebo intrigado. Por que a mulher está me encarando dessa forma?

— Se está procurando por sua *esposa,* ela saiu atrás de você não tem muito tempo. — me diz em tom educado, mas, frio.

Agradeço-a com um aceno de cabeça e me viro, correndo os olhos pelo salão. Ela foi atrás de mim? Porra! Deve ter me visto com Vera e tirou suas próprias conclusões, com certeza. Vai encher meus ouvidos, antevejo. Paro um pouco, só agora entendendo a forma estranha da mulher falando comigo, mas, olhando através do meu ombro. Ela deve ter visto Sofia chegando e quis importuná-la. Cadela. Rosno sob a minha respiração e me ponho a procurar. Volto à sacada onde estava com Vera e nada de Sofia. Ando por não sei quanto tempo atrás da menina. Estou puto, me sentindo um idiota, diminuído. Nunca andei atrás de mulher nenhuma. São elas que andam atrás de mim, sempre. Sofia está brincando comigo, porra. Rosno, saindo para outra varanda do lado oposto do salão e avanço pelo espaço, então, eu a vejo. *Os vejo.* Meus punhos se fecham com a cena à minha frente: o estúpido Tales a está beijando, prensando-a contra a parede. Ele a está beijando, porra! Um véu vermelho de ira desce sobre mim e eu corro, percorrendo os poucos passos até eles. Sofia o empurra antes que os alcance, seu rosto parece surpreso, com ultraje.

— Moleque do caralho! — solto um rugido, pegando o fedelho pela gola da camisa e jogando-o contra a mesma parede que esteve se esfregando na minha mulher. Seus olhos arregalam, o rosto ficando pálido.

— Senhor Maxwell... — balbucia, quase se mijando de medo.

Eu ranjo os dentes, querendo lhe ensinar uma lição com meus punhos. Quero esfolá-lo vivo! Empurro o indicador com força em seu peito.

— Como ousa colocar as mãos sobre a minha mulher, seu fedelho insolente? — ranjo em sua cara. — Dê graças a Deus por ser filho de quem é, ou estaria te cobrindo de pancadas agora. — mantenho-o dominado,

apertando a gola em seu pescoço. — Se você sequer olhar na direção de Sofia o resto do evento, vou pedir desculpas a Dimitri, mas, vou arrebentar a sua cara bonita, rapaz. Está me entendendo? — torno a empurrar meu dedo em seu peito. Ele acena, amedrontado. Deve ter medo mesmo. Ninguém toca no que me pertence! Empurro-o e o solto, ainda tentando me controlar para não perder a cabeça de vez.

— Por favor, não conte ao meu pai. — o moleque está a ponto de chorar. Eu bufo com desprezo. — Eu não sei o que deu em mim...

O encaro friamente.

— Não me tome por idiota, rapaz. — puxo Sofia pela cintura, rudemente mantendo-a colada a mim. — Sei bem o que lhe deu. Você viu minha jovem e bela esposa e achou que podia se dar bem. — rosno, eu mesmo surpreso com tanta ira. Ainda quero esmagar o moleque por ter tocado nela. Por tê-la beijado. — Ela é minha. Mantenha-se longe e não terá problemas.

Me viro e arrasto a pequena traidora em linha reta, para o elevador mais próximo. A subida para a suíte é tensa, quero explodir, gritar com ela. Gritar. Eu bufo, insatisfeito comigo mesmo. Gritar é uma coisa que raramente faço. Detesto perder a calma. Quando você perde a cabeça, se torna fraco, irracional. Estou puto que essa pirralha tenha me atingido a tal ponto. A empurro sem delicadeza para dentro do quarto, ela tropeça um pouco, mas, se reequilibra. Vou direto ao bar, pegando uma garrafa de água com gás e volto. Sofia arregala os olhos quando pego seu pulso, arrastando-a para o banheiro.

— Me larga! O que vai fazer comigo, seu louco? — reclama, tentando se soltar em vão.

— Lave a porra da boca! — bato a garrafa sobre o mármore da pia, assustando-a.

— Quem pensa que é? Você não manda em mim! — me desafia.

Me aproximo ameaçadoramente, olhando-a olho a olho.

— Faça o que estou mandando ou eu mesmo vou lavar, porra. — minha voz é um rugido, fora de mim. Quero puni-la por ter deixado o garoto beijar essa boca que tanto desejo, mas, nunca tive. — lave, gargareje! Livre-se de qualquer vestígio daquele moleque. Agora!

Ofega, os olhos verdes amplos, cheios de raiva e se vira para a pia,

fazendo o que mandei. Abre a garrafa, ingerindo goles grandes, fazendo os gargarejos. Arranco meu smoking, a gravata borboleta, fuzilando-a. Sofia se afasta para trás, receosa. Rio friamente.

— Tire a roupa. Vou te comer aqui, em pé, contra a parede. Parece que você gosta de ser prensada contra uma, não é? — estou tremendo, descontrolado, mas, meu pau está duro. Quero me enterrar nela, profundamente. Montá-la com força, castigá-la por me fazer sentir isso. *Ciúme*. Estou enlouquecido, irracional de tanto ciúme dela, porra.

— Vai se foder, imbecil! — range os dentes, seus olhos me fuzilando e escorrega agilmente para fora do banheiro, me deixando ainda mais furioso. A sigo pelo quarto, rosnando como um animal selvagem, meu coração saltando, meu sangue grosso, meu pau em riste.

— Tire a maldita roupa, sua putinha. — ranjo. Ela está do outro lado da suíte, a uma distância segura de mim, ou pelo menos pensa. — Agiu como uma piranha de merda lá no salão, então, vai ser tratada como uma de agora em diante. O que mais você fez? Chupou o pau daquele moleque também?

Ela crispa os punhos dos lados, o peito arfando.

— Cretino! Você não vai mais me tocar! — diz com uma empáfia, que seria risível se eu não estivesse tão puto.

— Se não quiser que eu rasgue a porra do vestido, tire-o. Agora! — ameaço num rosnado.

Ela se mantém firme, o que me irrita e excita ao mesmo tempo.

— Não. — diz em tom baixo e decidido. — Você ejaculou dentro de mim uma vez. Talvez já esteja grávida, o que significa que não precisamos mais fazer sexo...

— O quê? — estreito meus olhos sobre ela. — Que diabos está falando?

Sofia empina o queixo e me olha com desprezo evidente.

— Vamos esperar meu ciclo. Se não vier, você não precisa me tocar mais.

Sua linha de raciocínio me surpreende, deixa-me embasbacado. Mas, antes de tudo, fico irritado porque eu quero tocar nela. Muito.

— Sem chances, menina. — digo zombador. — Isso não depende da sua vontade, já lhe disse.

Ela se enfeza, sua postura gritando indignação.

— Isso não está no contrato. Eu li cada cláusula! — brada.

Isso me faz parar, ainda mais surpreso. Ela leu? É mesmo muito esperta. Não mais do que eu, no entanto.

— Menina tola. — rio cinicamente, abanando a cabeça devagar. — Acha mesmo que aquele contrato te ajuda em algo? Eu faço as regras nesse acordo, neném. — olho-a fixamente. Louco para avançar e deixá-la nua. — Vai me dar quando *eu* quiser, é para isso que está aqui.

Afronta brilha em seus olhos verdes e não sei porque, acho-a ainda mais linda. Meu tesão só aumenta. Dobrá-la no final disso tudo será muito mais prazeroso.

— Então, terá que me forçar. — diz com firmeza. — Terá que me estuprar, do contrário não vai me ter.

Suas palavras me batem violentamente e eu rosno baixo. Tudo bem, acabou o recreio, porra. Ela está jogando? Analiso-a detidamente. Já deve ter percebido que me agrada na cama e agora quer barganhar como qualquer mulher faria.

— Está aprendendo rápido, menina. — cuspo friamente. — Quanto?

Seu rosto franze em confusão.

— Quanto o quê?

Bufo desdenhosamente.

— Não se faça de inocente. Me mostrou essa noite que é mais esperta do que pensei. — encaro-a com raiva. — Dê o seu preço. Quanto quer para continuar trepando comigo?

Suas narinas inflam e ela parece pronta para me matar nesse momento.

— Vocês ricos, são nojentos! Não estou à venda, seu porco! — berra, descontrolada. Quero avançar, derrubá-la no carpete e acabar com essa sua bravata em dois tempos, mas, me seguro.

— Todos, sem exceção, têm um preço, Sofia. — meu tom é mais baixo, com um toque de amargura. — Dê o seu. Eu pago.

Ela franze a testa, me analisando como se pudesse enxergar dentro de

mim.

— Está errado, Heitor. — sua voz tem algo que não consigo identificar. — Sua vida deve ter sido muito ruim para se tornar esse homem amargo, sem fé nas pessoas à sua volta.

Eu rosno. Detesto que tentem me decifrar.

— Dê o seu preço. Eu pago. — repito, muito, muito irritado por estar barganhando sexo com uma menina de dezoito anos do caralho. O que diabos está havendo comigo?

Ela bufa.

— Já disse que não estou à venda. — o desprezo enche seu rosto de novo e ela cospe: — pague para a sua amiguinha argentina. Ela parece bem-disposta a abrir as pernas para você com um simples estalar de dedos.

Eu levanto uma sobrancelha, um sorriso perverso curvando minha boca. Ela está com ciúme de Vera? E por que essa possibilidade faz meu coração estúpido bater mais forte?

— As coisas fáceis me entendiam, bebê. — sussurro asperamente, olhos cravados nos dela e começo a me mover devagar, com um propósito. — Eu quero você.

Ela dá dois passos para trás, percebendo que a porra dessa discussão vai acabar comigo enterrado até o cabo em sua boceta.

— Fique aí. — range os dentes. Eu rio, retirando minha camisa, jogando-a no chão. Seus olhos me devoram, embora esteja com raiva. — Você vai me forçar, senhor feudal? — zomba, só que sua voz sai tremula, rouca, sexy. — Não vou ter sexo com você. Vamos esperar um mês...

— Não vou esperar nem mais um minuto, porra. — rosno e dou o bote certeiro em cima dela, puxando-a para mim. Sofia se debate, me esmurrando os ombros. Inalo o cheiro delicioso de flores e da sua excitação. Porra, esse cheiro. Rugindo irracionalmente, eu faço algo que nunca fiz na vida: pego as duas partes de cima do seu vestido e as puxo, rasgando o tecido rudemente.

— Olha o que você fez, seu cretino! — ela ofega, incrédula, quando o vestido escorrega, deixando-a apenas de calcinha, deliciosa, linda demais. Os peitos empinados, durinhos fazem minha boca salivar e meu pau babar dentro das calças. Meu Deus, que raio de tesão louco é esse? Pergunto-me tentando

trazer meu controle de volta. Nunca estive tão desesperado para foder uma mulher a ponto de rasgar suas roupas. Estou assustado comigo mesmo. Sofia tenta me acertar um tapa no rosto. Seguro seu pulso a tempo. Se debate, tentando me acertar entre as pernas, mas, se desequilibra, caindo de bunda no carpete bege claro. — Fique longe de mim, já disse! — luta bravamente e eu rio malvado, sabendo que não há realmente nada que possa fazer. Eu vou tê-la. Ela se vira, ficando de quatro, tentando se levantar, me dando uma visão do traseiro firme, me fazendo rosnar mais. Caio de joelhos no carpete e seguro seus tornozelos, puxando-a grosseiramente de volta. Ela briga, se debate, unhas arranhando minha pele onde quer que segure. Por fim, consigo dominá-la e cubro seu corpo com o meu, prensando-a no chão.

— Pare de besteira, menina. — solto um grunhido. Nossas bocas estão ofegantes, respirando uma na outra. Seus pulsos estão estendidos acima da sua cabeça, presos pela minha mão, firmemente. Os olhos verdes estão faiscando, mas, completamente dilatados. Forço-me entre suas coxas e um gemido deixa a boquinha carnuda quando meu pau duro esfrega direto em sua boceta. Tem a sua calcinha e minhas calças entre nós, mas, eu a fodo a seco, sem dó, punindo-a, mostrando que não adianta lutar contra mim. Contra isso. — É minha. Vou tê-la sempre que eu quiser, Sofia. Se acostume a isso. Eu faço as regras por aqui.

— Vou ficar tão fria quanto uma pedra de gelo. — diz num ofego raivoso misturado ao tesão guerreando em seu rosto. Meus olhos são atraídos para sua boca vermelha, suculenta. Ira irracional se apodera de mim de novo, a cena voltando em minha mente.

— Você deixou aquele moleque te beijar. — rosno, numa voz que não reconheço.

— O idiota veio para cima de mim de surpresa. — range os dentes, me fuzilando. — Eu tenho a triste sorte de encontrar cretinos que se acham no direito de tomar as coisas de mim.

Isso faz meus lábios contraírem. Sua luta só me deixa mais enlouquecido de desejo, essa atração abrasadora se agigantando dentro de mim, me consumindo sem pena. Meus olhos permanecem em sua boca e continuo moendo meu pau entre suas coxas. Seu hálito doce vem direto para a minha boca e eu vejo minha resistência sendo minada lentamente. Olho-a completamente fascinado de uma forma que nunca estive, o desejo feral me

corroendo, fogo puro me lambendo por dentro. E é aqui que percebo o inevitável. Vou beijá-la.

Sofia

Eu ofego, a luta escoando lentamente do meu corpo. Os olhos azul-gelo estão me encarando de perto, intrusivos nos meus, me fazendo toda quente. Minha calcinha está toda empapada pela moagem punitiva que está fazendo. Meus seios estão duros, tesos e estou lutando para resistir à vontade de esfregá-los em seu peitoral sólido. A sugestão de um sorriso cínico curva a boca de Heitor. Ele sabe como me afeta fisicamente. Isso me lembra da conversa com Calista. Ela disse que suas bravatas não duravam muito com Dimitri. Exatamente como eu. Bufo desgostosa. Heitor continua me encarando intensamente. Há uma mistura estranha, fria e quente em seu olhar. Não sei como consegue. Não dá para ler esse homem. Sua expressão é inescrutável e isso me frustra. De uma coisa tenho certeza, porém: ele gosta do sexo comigo. Ficou transtornado quando encontrou o Tales me beijando. Deus, o garoto é muito atrevido, me pegou de surpresa. E depois, quando bati de frente e disse que não íamos ter sexo, o homem ficou ainda mais transtornado.

— Por que se importa de outro ter me beijado? Você nem ao menos me beija. — minha voz sai como um choramingo ressentido e me recrimino imediatamente. — Me trata como uma prostituta, apenas me monta como um animal. — bufo. — Até mesmo os animais são mais atenciosos com suas fêmeas. Eles as lambem...

— Eu lambo você. — seus olhos são levemente divertidos agora. — Aprecio essa parte, muito. Você tem um gosto delicioso, bebê.

Mói perversamente direto em meu clitóris, me fazendo gemer lamentosa. Seu olhar cai para a minha boca de novo e eu latejo, desejando insanamente que me beije. Minha vagina parece uma fornalha de tão quente. Excitação escorrendo entre os lábios, encharcando toda a minha calcinha. Choramingo, ofegando de boca aberta com cada esfregar do seu pau duro em meu centro. Tenho certeza de que posso gozar apenas assim. Então, ele me choca quando lambe a minha boca. Uma lambida úmida e erótica. Heitor ruge guturalmente em sua garganta, parecendo apreciar o meu gosto e enfia a mão livre em meus cabelos da nuca, arqueando minha cabeça, angulando minha boca. Eu mio, abandonando a promessa de me manter fria e passo a moer contra ele,

erguendo meus quadris. Cedo à luxúria. Ele geme rouco, aprovando minha entrega.

— O que há com você, menina? — murmura com rudeza contra a minha boca, os olhos azuis perfurando-me, me olhando como se eu fosse um enigma para ele. Parece uma pergunta retórica, então, não respondo. — Por que me deixa tão doido assim? — puxa meus cabelos, eu gemo chorosa, arfante, expectante. Estou a ponto de implorar, quando ele finalmente mergulha a boca na minha. Oh, Deus... Ele está me beijando. Eu gemo, um som desesperado e ele também. Nossas bocas se abrem uma na outra e nossas línguas se encontram, se lambendo. Todo o meu corpo convulsiona com esse prazer que antes me fora negado. Meu coração bate tão forte que fico tonta. Um rosnado vibra dos seus lábios para os meus e sua boca toma a minha mais firme, me possuindo, devorando. Chupa a minha língua com força, me fazendo gemer lascivamente, assustando a mim mesma pela minha entrega e devassidão. Heitor solta meus pulsos, sua mão vindo para o seio direito, enchendo na carne, amassando delicioso, forte, do jeito que estou começando a apreciar. Puxa o bico, a picada de dor se misturando ao prazer. Sinto a quentura familiar se espalhando em minha barriga. Vou gozar e ele nem me penetrou.

— Heitor... — gemo seu nome, correndo minhas mãos pelos seus ombros largos, delirando pela maciez da pele quente, os músculos duros.

— Sofia... — geme rouco de volta e eu me rendo definitivamente ao redemoinho de emoções extasiantes que esse homem me faz sentir. Deixo-o invadir minha boca mais e mais, comendo-me como se estivesse morrendo de fome e eu fosse a sua refeição. Suga, mordisca meus lábios, minha língua, lambe cada recanto da minha boca e recomeça tudo de novo. Estamos arfando, sem fôlego, mas, nenhum de nós quer parar, nos agarrando, esfregando. — Preciso estar dentro de você. Nada vai me impedir de tomar o que é meu. — rosna fazendo um malabarismo para se despir sem tirar a boca da minha.

Quando se afasta, eu vou junto, colando minha boca na sua outra vez. Ele ri, geme, ruge e fica completamente nu. Puxa minha calcinha pelas coxas bruscamente em seguida. Pega minha vagina com força, esfregando os dedos em meus lábios, clitóris. Grito de susto ao sentir um dedo grosso me penetrando até o fundo. Estou pingando, arquejando, sensações intensas e vertiginosas me golpeando sem dó. Sua boca quente cai para o meu pescoço e

ele suga, morde malvadamente. Desce sem pressa, chupando meus seios, torturando os mamilos, alternando com mordidas fortes, lambidas e sopros delicados. Seu dedo continua me comendo e estou por um triz, pendurada. Qualquer toque me fará gozar. Ele ri tendo conhecimento desse fato, obviamente. Se deita todo em cima de mim e puxa o dedo do meu interior, trazendo-o para a minha boca.

— Chupe, bebê. Sinta o seu gosto. — sua voz é engrossada, rude e isso me deixa ainda mais perdida em lascívia. Sugo seu dedo e um meio sorriso safado se abre em sua boca, enquanto empurra os dedos quase todos em minha boca, me forçando a chupá-los. Os olhos azuis glaciais estão fumegantes agora. — É minha putinha, menina. — eu resfolego, quase gozando com suas palavras sacanas e seu olhar desdenhoso, sexy. — Abra bem as coxas, Sofia. Vai tomar o meu pau todo, sem mais discussões tolas. — faço o que diz, segurando minha coxas bem abertas. Ele ri arrogante, me deixando alucinada, inexplicavelmente mais molhada. Esfrega a cabeça larga em meus lábios, fazendo barulho com meus líquidos. Infiltra uma mão em minha nuca de novo, puxando meus cabelos e pega minha bunda por baixo, angulando para a penetração. Pulso sem controle e ele rosna, empurrando a cabeça para dentro. Grito em lamento, recebendo-o apertada, a carne dura e grossa queimando meu canal estreito. Ainda dói um pouco porque ele é quase grande demais para mim.

— Oh, Deus... — gemo alto, latejando, minhas paredes chupando-o com fome para dentro.

— Porra, Sofia... — ruge entrando até a metade, girando o quadril, buscando mais espaço, então, mete tudo. Duro. Profundamente. — Porra!

— Ahh! — meu fôlego se vai e eu luto por ar. — ai... — choro de prazer perverso, pendurada em seus ombros.

— Toma tudo, Sofia. Você adora me dar essa boceta, não é bebê? — rosna, puxando quase tudo e volta em um golpe mais suave, fazendo meus dedos dos pés enrolar com o prazer depravado.

— Não. Eu odeio isso... — minha negativa é apenas um choramingar devasso e ele ri, os olhos azul-gelo zombando de mim, enquanto me come.

— Oh, deve ser por isso que está ficando cada vez mais molhada, lambuzando meu pau até o cabo... — ri maldosamente e eu pulso à sua volta,

sem qualquer controle da minha libido. Continua metendo devagar, indo até o fundo. Nossas bocas respirando uma na outra, nossos olhares travados. Me come assim, suave, lento, gostoso demais. Entra todo, as bolas colando em minha bunda, alargando-me, esticando-me dolorosamente em sua espessura. Segurando minha bunda por baixo, ele controla a penetração e vai aumentando o ritmo, me arreganhando com golpes fundos e fortes. Eu grito, sem vergonha, arqueando-me toda e ele ri, voltando a chupar meus seios, judiando deles, chupando com força, o sangue indo para os bicos, deixando-os formigando, doloridos. — Isso, vamos! Me dê essa boceta, Sofia... — continua zombando, rasgando-me em estocadas perversas. Seguro firmemente em seus ombros e me abro toda, recebendo-o com sofreguidão, rendida. Choramingo a cada impulso, e mais ainda nos ínfimos instantes em que fico vazia. Quero-o dentro, todo enterrado e desesperadamente o puxo com os calcanhares, forçando-o a entrar mais fundo. — É minha! Toda minha! Ahh! Assim, porra! Que gostoso... Assim, neném, leve até as bolas. — ruge, sua boca voltando a tomar a minha. Soca brutalmente em minha vulva cremosa e eu me perco, estalando num gozo delirante, estremecendo, soluçando de tanto prazer. — sim, goza no meu pau, menina. Goza, porra! — ofego, perdida em lascívia. Ele range e mete com força, me sacudindo toda.

Nossas línguas num emaranhado gostoso, se enroscando, se lambendo. Meus lábios ofegantes, meu sexo pulsando, o orgasmo escorrendo, molhando o eixo longo e grosso. Heitor me come até passar os últimos tremores. Seu pau estocando com vigor em minha vulva e sua língua invadindo minha boca. Após um impulso longo, ele sai de mim, me virando de bruços no carpete. Puxa minha bunda, levantando-me quase de quatro, sinto a cabeça grande forçando minha vagina e ele me penetra violentamente por trás. Eu berro, estremecendo, com o grande volume rasgando-me fundo, sem pena. Ruge, apertando meus quadris, metendo sem trégua, profundamente, duro, vigoroso. Cravo minhas unhas nos pelos macios e sinto-o abrindo mais minhas bochechas. Rosna, diminuindo as estocadas, passando a meter devagar. Sei que está olhando para minha vulva engolindo-o e está apreciando a cena devassa. Inexplicavelmente eu molho mais, latejo mais e gemo em completo abandono.

— Todo o resto pode ser uma farsa, mas, isso... — range, levando uma mão para a minha nuca, apertando-a e mete com força outra vez. A outra mão segura meu quadril num agarre bruto e volta a me comer vorazmente. Um

som estranho, luxurioso, parecendo um ganido, sai da minha garganta, amando cada impulso do seu grande pau dentro de mim. — Isso é bom demais. É real, Sofia. Nossos corpos se desejam. Não dá mais para negar, neném. — me fode sem dó, entrando até o talo, colado, grosso. — Deliciosa, porra! Rebola a bocetinha no meu pau! Vamos, caralho!

E eu faço. Simplesmente obedeço, rebolando, encontrando suas estocadas fundas. Heitor cai por cima de mim, esmagando-me no carpete e seus lábios sugam minha nuca. Eu choramingo, meu corpo todo inflamando para um novo clímax. Mete e mete em mim, sem trégua. Sua boca segue pelos ombros, chupando, mordiscando. Enfia um braço por baixo, pegando meu ombro direito e segura meu pescoço pela frente com a mão livre. Ofego quando chupa minha orelha, lambendo, puxando o lóbulo entre os dentes, descendo para o pescoço. Ele parece enlouquecido, perdido no momento, como eu. É revigorante vê-lo finalmente mostrando algo além da sua frieza e controle. Todo o tempo me come com fúria, montando-me sem dó, acabando comigo. Assusta e excita-me sua força, seu domínio sobre mim. Rosna e puxa mais meu queixo, sua boca morna e molhada mergulhando na minha.

— Oh, Deus... Heitor... — choramingo, já suspensa, a quentura se espalhando em meu ventre outra vez.

— É gostoso, bebê? — pergunta rudemente, mordendo, sugando meus lábios juntos. — Não ouse mentir para mim.

— Sim. — eu esqueço de tudo que está errado nessa situação, apenas o homem em cima de mim, devastando meu corpo, me importa. Apenas as sensações entorpecentes explodindo dentro de mim, me importam. — É muito gostoso.

Ele ri satisfeito contra a minha boca e mergulha a língua profundamente como seu pau está fazendo em minha vagina. Seus rugidos ficam mais ásperos, as estocadas brutais, minha vulva ardendo, latejando. Arquejo, chorando em desamparo quando o orgasmo me alcança. Grito alto, todo o meu corpo convulsionando sem controle.

Porra, que gostosa, menina! Eu vou gozar... — grunhe e me arreganha até não poder mais com estocadas perversamente fundas. — Sofia, ohhh! Sofia... — ele praticamente urra o meu nome, rouco, socando bem fundo e os jatos de sêmen saem, me alagando toda. Nosso beijo intensifica, enquanto gozamos quase juntos, dançando juntos, grudados, suados. Os sons másculos de

absoluto prazer saindo da sua garganta para a minha me fazem pulsar e gemer completamente entregue.

Oh, meu Deus, o que é isso? Sinto uma coisa mais profunda nos ligando dessa vez. Não parece ser apenas sexo. Há algo muito forte entre nós, uma espécie de vínculo, algo que não deveria estar aqui, dadas as circunstâncias, mas, está. Eu sinto isso até os meus ossos nesse momento. Heitor mordisca meu lábio inferior e desacelera as estocadas, ficando em um ritmo lento, tremores secundários espiralando em nós. Para todo enterrado em mim.

Meus olhos se abrem ao mesmo tempo que os seus. Ele afasta a boca da minha e me perfura com seus olhos azul-gelo. Suas sobrancelhas se juntam e ficamos em silêncio, apenas nos olhando, como se um estivesse tentando desvendar o outro. Seus olhos estão límpidos, o rosto corado, suado. Ele é lindo. Todo homem. Não consigo evitar que meu sexo pulse à sua volta. O canto de boca perverso sobe um pouco e seu olhar muda para glacial lentamente. Sem uma palavra, sai de cima de mim, me fazendo ofegar. Fico na mesma posição, frio me envolvendo porque sei o que vem a seguir. Ele vai para o seu quarto. Nada mudou. Ainda está me tratando como sua prostituta. Me recrimino, lágrimas queimando meus olhos por ser tão fraca, sempre me entregando e participando de tudo sofregamente. O deixei me comer no chão, como um animal. Eu mesma estou contribuindo para que não me respeite, sendo tão estúpida e sedenta pelo seu toque. *O que estava pensando, sua tola? Que um homem como ele ia cair de amores por você? Você é apenas o brinquedo novo dele, Sofia.*

Me enrolo em posição fetal e fico lamentando ter pensado por um ínfimo instante quando estávamos gozando juntos que havia algo. Oh, Deus, estou tão confusa. Eu rolo no carpete e franzo o cenho, me sentindo suja de todas as formas. Droga, não quero nem pensar em que tipo de sujeira esse carpete está acumulando. Me sento rapidamente, olhando-o com nojo.

— É novo, não se preocupe.

A voz profunda e levemente divertida me faz estacar. Olho de lado, meu coração dando uma cambalhota ao encontrar Heitor parado lá. Está vestindo um roupão branco, os cabelos úmidos.

— É uma das minhas exigências quando fico em hotéis. Roupas de cama, toalhas e tapetes, tudo novo. Eu pago por isso. — me diz dando de ombros como se não fosse nada.

Deve ser tão chato ser podre de rico, não é? Zombo mentalmente. Eu ainda não consegui encontrar a minha voz. Seu olhar passa pelo meu corpo, demoradamente, me fazendo lembrar que ainda estou nua. Meu rosto esquenta sob o seu escrutínio.

— Vou pedir serviço de quarto. Não consigo comer muito nesses jantares de negócios. — explica, me olhando com interesse. — Janta comigo?

Meu coração salta, o sentimento bobo voltando a pulsar dentro de mim. Ele não me deixou aqui, largada e usada como nas outras vezes. Estava apenas tomando banho. . E quer passar um tempo comigo após o sexo. A história de Calista me vem à mente, me dando esperanças de... Será?

— O gato comeu sua língua, Sofia? — há aquela centelha divertida novamente nos olhos azuis. Ele parece quase relaxado.

Me levanto, gemendo baixinho pela sensibilidade entre minhas coxas e muito consciente do seu olhar queimando em cada centímetro da minha pele. Ouço-o meio que grunhir. Sinto seu esperma escorrer pelas minhas pernas e imagino que é isso que ele está vendo. Um roupão aparece à minha frente. Pego-o com rapidez da sua mão.

— Obrigada. — me visto e só então, volto a encará-lo. Nossos olhares se prendem e há aquela sensação de algo mais estalando entre nós, como uma força muito poderosa nos puxando em direção ao outro. — Sim, também estou com fome. Ambientes muito sofisticados me aterrorizam, devo admitir.

Percebo um leve suavizar em sua expressão.

— Você está indo muito bem. — diz sucintamente e eu quero sorrir com o elogio. Deus, o que está havendo comigo esta noite? Me fita com intensidade, se aproximando. Meu coração retumba quando para bem perto de mim.

— Obrigada. Eu vou tomar uma ducha e já volto. — balbucio louca para escapar dele e desse sentimento desconhecido começando a crescer em minhas entranhas. Tento me afastar, mas, segura meu pulso, puxando-me para ele. Eu arfo, meu peito roçando o seu. O cheiro limpo e gostoso invadindo meus sentidos.

A boca perversa curva um pouco e eu latejo, mesmo ainda dolorida e gasta pela forma intensa como me tomou no chão.

— Quero discutir algo com você. — sussurra, sua boca vindo para perto

da minha. Eu salivo, querendo beijá-lo outra vez, mas, suspeito que não fará isso fora do sexo.

— O quê? — coaxo num ofego.

Seu olhar me sonda por um tempo longo.

— Me ocorreu que talvez essa situação seja injusta para você.

O quê?! Eu acho que não ouvi bem. Heitor está arrependido por me obrigar a entrar nisso?

— Vai me libertar do acordo? — pergunto sem pensar.

Seu rosto se fecha.

— Não. — rosna, parecendo irritado com a possibilidade de me libertar. — Você continua sendo minha. — seus olhos penetrantes correm por todo o meu rosto e sussurra: — porém, vou fazer algumas concessões. — franzo a testa, querendo perguntar que concessões são essas, mas, estou sem palavras. Seu polegar esfrega meu lábio inferior e seus olhos caem para a minha boca, ficando aquecidos. — Vá tomar seu banho e eu vou pedir a comida. Frutos do mar? — alivia o tema.

— Sim, amo frutos do mar. — sussurro, já excitada outra vez pela sua proximidade.

Deve ver isso claramente em meu semblante porque um de seus raros sorrisos se abre. Eu arfo, hipnotizada pela forma como o rosto geralmente sisudo se ilumina.

— Quero você de novo depois do jantar. — murmura.

— Eu também. — sussurro de volta, surpreendendo a nós dois. Meu Deus! Sinto meu rosto esquentar. Estou ficando tão sem-vergonha...

Seus lábios tremulam na sugestão de um sorriso, enquanto nos olhamos. Não, nos devoramos.

— O que acha de ficarmos mais alguns dias depois do enceramento do evento? — propõe, me chocando demais. — podemos passear pelos pontos turísticos e conhecer uma ou duas ilhas.

Uau. Estou engasgada, sem palavras. Ele bateu com a cabeça durante o banho? Onde está o CEO obcecado com o trabalho? Sua sobrancelha arrogante sobe, me lembrando de que pareço uma boba aqui, muda.

— Eu, hum, gostaria disso. — murmuro.

Ele faz aquela coisa de me olhar intensamente. Meu corpo todo formiga quando me olha assim.

— Tem algum tempo que Dimitri quer me vender uma de suas ilhas próximas de Santorini. Depois podemos visitá-las e você me ajuda a escolher.

Volto a engasgar, borboletas voando em meu estômago. Esse homem mexe demais comigo. Ele quer que o ajude a escolher uma ilha? Meu Senhor, ele vai comprar uma ilha. Uma ilha!

— Eu não sei como poderia ajudá-lo. — digo com sinceridade. Seu mundo é muito diferente do meu.

— Não seja modesta, bebê. — eu gosto de como diz isso sem sarcasmo. Gosto muito. — é muito inteligente. Me mostrou esta noite. Não tente se esconder agora. — seu olhar é um misto de desafio e a arrogância de sempre.

— Eu vou tomar minha ducha. — digo meio arfante.

Tento me afastar novamente, mas, ele não deixa. Sua mão aperta mais em minha cintura e desliza a outra para a minha nuca. Seu olhar aquece, o rosto abaixando para perto do meu.

— Por que está me olhando assim? — coaxo, hipnotizada, mexida demais.

— Porque eu nunca vi tanta perfeição... — sussurra e eu me derreto toda, tendo que segurar em seus ombros fortes, minhas pernas ficando moles. Ai, meu Deus... — não pode me culpar por gostar de olhar, neném. — diz, me deixando sôfrega, minhas pálpebras pesando. Ele é definitivamente um bruxo. Sua boca se curva ligeiramente, então, os lábios deliciosos descem nos meus e meu coração quase explode, batendo forte contra as costelas.

Ai, meu Deus do céu! Alguém me belisca... Ele está me beijando de novo!



CAPÍTULO OITO

Sofia

Eu o olho do outro lado da pequena mesa no terraço. Estamos em nossos roupões porque ele avisou que me quer de novo depois do jantar e eu disse que o queria também, na maior cara dura. Esse homem está me transformando em outra pessoa. Heitor está concentrado em me servir, as sobrancelhas meio franzidas. Me pergunto como seria seu rosto completamente relaxado. Nesse momento seus olhos levantam e encontram os meus. Eu ofego baixinho, meu coração despencando com o impacto. É como se os olhos azul-gelo possuíssem uma espécie de força magnética que me mantêm presa, incapaz de desviar o olhar. Estende o prato e eu o pego. Seus olhos estão intensos nos meus e percebo novamente aquela centelha de algo diferente.

— Obrigada. — murmuro, pegando meus talheres.

Ele se serve e começamos a comer em um silêncio tácito. A comida está deliciosa e me permito saborear com vontade, uma vez que no evento estive nervosa o tempo todo, com medo de cometer alguma gafe no meio dos ricaços. Além disso, a vaca argentina contribuiu para minar meu apetite. A voz de Ana Carolina flutua até nossos ouvidos. Eu coloquei a pasta quando a comida chegou e Heitor surpreendentemente veio ajudar o funcionário a organizar tudo na mesa. Olho a Acrópole e quase suspiro sonhadora. Estar aqui fora, sob a brisa noturna, tendo essa vista espetacular à nossa frente, é quase como um encontro romântico. É eu sei, estou viajando. Não há nada de romântico nessa situação. Abano um pouco a cabeça. Sou tão tola. Porém, está claro que ele quer uma trégua. Por quê? O que o fez suavizar comigo? Pergunto-me intrigada.

— Fale-me sobre você, Sofia. — sua pergunta baixa me faz levantar a vista, encarando-o, chocada. Seus lábios contraem e pega sua taça de vinho, me encarando atentamente.

Eu bufo e limpo a minha boca, tomando um pequeno gole de água.

— Não acha que já passamos dessa etapa? — digo para desafiá-lo.

Seus olhos cintilam e ele abre um meio sorriso, tomando um gole do seu vinho, me encarando.

— Embora discutir com você seja estimulante, especialmente a forma como a discussão termina... — seu tom e olhar são perversos, fazendo alusão a nosso sexo alucinado desta noite. Droga, ele tem razão. Meu rosto esquenta e seus olhos ficam mais intensos, penetrantes. — não quero ter que matar um leão toda maldita vez que quiser transar com você.

— O que você esperava? Estou sendo obrigada a fazer sexo com um homem que é desconhecido para mim. — digo, sem deixar minha mágoa de fora.

Seu maxilar fica tenso. Para minha surpresa, ele acena.

— Sim, eu entendi essa parte e estou disposto a fazer concessões. — diz, empurrando o prato limpo.

— Quais concessões? — pergunto finalmente, pegando a última porção do meu prato e levando à boca.

Heitor me olha longamente antes de responder. É um homem inteligente e já percebeu que não sou tão tola quanto pareço.

— Quero continuar tendo sexo mesmo depois de engravidá-la. — diz baixo, rouco, me hipnotizando com seus olhos lindos e glaciais. — É muito gostosa. Não vou abrir mão de foder com você tão cedo.

Suas palavras são machistas demais como sempre, mas, Deus, eu molho, pulso, desejando-o insanamente. Saber que estou agradando um homem experiente e frio como ele me deixa envaidecida, não posso evitar.

— Mas, o contrato...

— Esqueça o contrato. — pede, seu tom mais suave, sedutor. Deve ser exatamente assim que o diabo vem pedir sua alma. Caçoo. — Vou lhe permitir ver a criança. Vou lhe dar o que você quiser.

Eu rolo os olhos para a forma fria como se refere ao bebê.

— Nosso filho, Heitor. — resmungo. — A *criança* é um termo muito frio e clínico. Você será o pai dele ou dela.

Ele franze o cenho e acena quase imperceptivelmente.

— Sim, nosso filho. — repete como que testando isso em sua língua. — Fiquei a par das dificuldades financeiras que sua família está passando. Não há mais nada além de hipotecas... — meus olhos ardem ao ouvir essa

confirmação. Soraia e Marcela acabaram com anos de trabalho do meu pai. Seu olhar fica mais intenso no meu e ele murmura: — pensei bem durante o banho e decidi que não vou deixá-la desamparada quando nosso acordo terminar. — meu coração aperta dolorosamente quando menciona o final. — Posso lhe dar o que quiser, Sofia...

A forma como diz as últimas palavras faz meu sangue esquentar e eu rosno, porque está de novo querendo pagar para ter sexo comigo. Que filho da puta!

— Para que eu continue trepando com você? — cuspo com raiva.

Ele rola os olhos, a expressão levemente irritada.

— Pare com esse moralismo tolo, menina. Já percebeu que sinto muito tesão por você. — diz rispidamente. — É incompreensível para mim que uma menina inexperiente consiga me agradar tanto na cama, mas, agrada. Muito. Se for sincera consigo mesma vai admitir que nos damos bem demais na cama. A maioria dos casais não tem metade da química que nós temos. — seu olhar está queimando no meu. — Quero ter acesso a você sem dramas adolescentes. Estou cansado de brigas infrutíferas.

— Como se você não estivesse tendo exatamente o que quer, toda vez que vem para cima de mim! — ranjo os dentes.

Arrogância enche o seu semblante.

— Eu sempre tenho o que desejo, neném. — o sorriso cínico brinca em sua boca. — O que estou propondo a você é: não lutarmos cada vez que formos trepar. — eu bufo, tomando um gole do vinho, precisando de álcool para lidar com esse homem presunçoso. — E que me deixe compensá-la por me dar o meu herdeiro. — seu tom abaixa outra vez. — Aquele contrato é...

— Digno de um senhor feudal? — o alfineto.

Seus olhos ficam quentes e frios ao mesmo tempo.

— Injusto com você. — admite e meu queixo cai. — Sou implacável com quem me trai, Sofia. — diz numa voz que me dá medo. — Por isso quis punir Marcos por ter me roubado, mas, acabei punindo você em vez dele. — uau. Ele está me pedindo desculpas? Franzo o cenho em confusão. Abro a boca para falar, mas, me corta com dentes cerrados: — não ouse me pedir para libertá-la. É tarde demais para isso. A tive e gostei. É minha agora, ponto

final.

A forma como diz isso, com ferocidade, faz meu coração saltar. É como se não fosse abrir mão de mim nunca, o que é uma loucura. Eu acho que a história de Calista colocou ideias descabidas em minha cabeça.

— Em suma, minha proposta é: vamos ficar juntos até nossa atração se extinguir, e quando tudo acabar, ficará bem amparada financeiramente. — continua quando não falo nada. E aí está, Sofia, sua boba, ele ainda vai se livrar de você. Pare de fantasiar. — Vai poder seguir com sua vida. — seu cenho franze um pouco quando diz isso. — É muito jovem, pode estudar, retomar o balé. — eu soluço quando menciona o balé, meus olhos enchendo de lágrimas. Seus olhos estreitam, atentos sobre mim. — O que foi?

Abano a cabeça, desviando os olhos dos dele. O balé. Deus, eu tenho tentado não pensar muito nisso. O que vou fazer da minha vida sem a dança?

— O balé acabou para mim. — minhas palavras chocam a mim mesma e eu o encaro, assustada. Não havia dito isso para ninguém, nem mesmo Carla. Por que estou contando minha maior desilusão para *ele*, dentre todas as pessoas? Algo passa em seus olhos. Uma emoção muito parecida com pena, empatia, algo que torna o seu rosto mais suave. Não é uma emoção gritante, porque Heitor jamais baixa a guarda assim. Nunca conheci uma pessoa tão reservada quanto ele. Ficamos alguns instantes em silêncio, eu tentando me impedir de chorar e ele me olhando com essa estranha emoção no fundo das íris geladas.

— Por quê? É jovem, pode retomar depois dessa pausa. — sua voz está tensa e eu entendo seu desconforto agora. Ele acha que seus desmandos interferiram na minha carreira de bailarina.

— Não tem nada a ver com essa situação, Heitor. — digo-lhe, forçando minha voz a sair firme. — Você não é culpado. Não disso, pelo menos. — torço o nariz. Ele junta as sobrancelhas, parecendo confuso. — Tenho uma lesão crônica no tornozelo direito. Fui proibida pelos médicos de dançar profissionalmente, ou andaria de muletas num futuro próximo.

Sua expressão altera um pouco, os olhos ampliando ligeiramente. Mais silêncio desajeitado enquanto nos olhamos.

— Isso deve ser difícil. — diz, pigarreando antes de tomar um gole da sua taça de vinho. Acho que é o máximo de empatia que Heitor Maxwell

consegue demostrar por alguém, então, eu aceno, limpando furtivamente uma lágrima errante que insistiu em descer pela minha face. Ele a vê mesmo que tente disfarçar. — Não pode dançar de forma alguma? Nem por hobby?

— Para me exercitar, sim. Treinamento pesado como o que estava acostumada, não. — esclareço. — quando voltarmos a São Paulo, irei me matricular na minha antiga escola, apenas para não perder a forma.

Seus olhos cintilam e ele nos serve mais vinho. Eu tomo um gole pequeno da minha taça, para controlar minhas emoções.

— E quanto aos estudos? Não quer fazer uma graduação? — me sonda, olhos azuis fixos nos meus. — Precisa de um plano B, Sofia.

O encaro também, firmemente.

— Pretendo fazer faculdade de dança, ou algo relacionado. — revelo. Me ocorre que essa é a primeira conversa mais ou menos civilizada que estamos tendo. É estranho me sentar e conversar com ele. — Não quero me afastar desse universo. — assente, juntando um pouco as sobrancelhas, parecendo ponderar sobre algo.

— Quando voltarmos pode pesquisar um bom curso e se inscrever. — me choca pela enésima vez na noite.

O quê?! Levanto uma sobrancelha.

— O que foi?

— Eu pensei que ia me prender em casa como uma espécie de escrava sexual, só para o seu prazer. — zombo.

Para minha surpresa, seus lábios contraem, os olhos ligeiramente divertidos.

— Não me dê ideias, bebê... — sussurra. Meus mamilos endurecem e meu núcleo aperta, encharcando. Meu Senhor... — pode estudar, fazer tudo. Pode ter tudo, Sofia. — diz naquela voz suave de novo. Voz de negociador, persuasiva. — Se engravidar logo, você tranca o curso. Senão, continua estudando, sem pressão.

Se engravidar logo... Eu paro para analisar suas palavras. De repente, contrariando o que desejei ferrenhamente desde o começo dessa história indecente, me vejo querendo não engravidar logo. Não apenas para fazer o

meu curso, mas, para aproveitar... *Para curtir o sexo com ele um pouco mais.* Uma voz zombeteira sopra em meu ouvido. Meu Deus! Que raio de pensamento é esse? Me assusto. Quero mais é que isso termine logo para eu retomar a minha vida. Droga, que vida? Meu pai está em coma. Minha casa não existe mais e meus sonhos foram despedaçados. Tudo que me resta é uma madrasta e uma meia-irmã asquerosas.

— Posso *fazer e ter* tudo, desde que lhe dê o que *você* quer? — volto a desafiá-lo.

Heitor sorri. Um sorriso completo, os olhos se iluminando momentaneamente, mas, é sempre um fenômeno bonito de se ver.

— Tem certeza de que não quer seguir outra carreira? — seu tom é brincalhão. — É inteligente. Se daria bem no ramo da advocacia com essa boquinha argumentativa. — seu olhar cai para meus lábios e escurecem, ficando mais intensos. Eu lambo-os nervosamente. Ele grunhe e arrasta os olhos para cima. — Sim, tem razão, Sofia. Nos dois arranjos eu possuo você. Não há negociação quanto a isso. — seu semblante fica compenetrado. — A diferença nesse último é que terá muito mais liberdade e recompensas. Acredite-me quando digo que não costumo voltar atrás em minhas decisões. Estou abrindo concessões...

— Por quê? — pergunto, encarando-o fixamente, não recuando.

Seus olhos queimam nos meus e eu arfo com a intensidade.

— Eu quero você. — diz baixo, rouco, sem rodeios. Meu coração salta mais uma vez com sua escolha de palavras. Ele esclarece em seguida: — quero desfrutar do seu corpo. Ainda vamos nos divorciar quando o bebê nascer. Não quero um relacionamento sério, Sofia. Casamento, amor, não são coisas importantes para mim. — eu murcho. Acorda, Sofia! Bufo para mim mesma. — Mas, podemos ser civilizados um com o outro até o acordo findar. Temos uma trégua? — estende a mão grande por cima da mesa e eu a encaro. Me sinto como se tivesse prestes a dar a minha alma para o diabo.

— Temos uma trégua. — murmuro, segurando sua mão. Não estou inteiramente certa, porém, esse novo arranjo não me faz sentir tão suja e insignificante. Vamos dizer que sou uma prisioneira em regime semiaberto agora. Posso sair, desde que volte para ele no final do dia. Ironizo a situação, contudo, sei que isso é o melhor que terei vindo desse homem. Heitor não é

uma pessoa benevolente. Eu vou pegar essa oferta de paz com unhas e dentes.

— Venha até aqui, neném. — murmura. É a primeira vez que usa esse termo sem zombaria e é isso que me faz levantar e ir até ele, como uma marionete. Paro do seu lado, meu corpo todo entrando em ebulição, esquentando, tanto pelo vinho, como pela sua presença dominante, esmagadora. Seus olhos cintilam e não os desvia dos meus, enquanto desfaz o laço do meu roupão. Logo os lados estão sendo abertos, expondo meu corpo nu, a brisa noturna arrepiando minha pele. Ofego, molhando, latejando sob seu olhar penetrante, meus seios intumescendo. Aquele canto de boca perverso inclina e seus olhos descem por mim, lentamente, absorvendo cada detalhe. Não é a primeira vez que me vê nua, mas, ainda me sinto envergonhada. Infiltra as mãos por dentro das abas, circundando minha cintura, acariciando minha pele do estômago, descendo, subindo, me deixando louca. — Que corpo lindo, menina. — rosna, os olhos correndo por mim inteira. Sei que meu corpo não é voluptuoso, mas, é todo tonificado, a cintura bem fina e quadris arredondados, minhas pernas são longas e levemente musculosas pelos anos de treino. — É perfeita. Poderia tentar a carreira de modelo se quisesse... — gemo baixinho e ele grunhe, então, as mãos sobem e se fecham em meus seios empinados. Minhas pernas ficam fracas com seu toque possessivo, amassando a carne, sovando numa pressão gostosa, puxando os bicos. Minha excitação está vazando entre os lábios vaginais. Ele sorri e desce uma mão, enfiando entre minhas pernas, pedindo passagem.

— Heitor... — afasto as coxas, me rendendo a ele como sempre acontece.

— Sim, Sofia. — sussurra com aspereza, sondando meus lábios melados com os dedos, provocando-me. — Renda-se a mim. — se inclina e passa a língua sobre um mamilo. Prazer perverso explode em meu sexo, o líquido quente e grosso encharcando minha vagina. Ele lambe uma e outra vez, sabendo que está me fazendo desmoronar. Eu quase choro de prazer quando envolve os lábios em volta da auréola e então, chupa meu seio com gula. Choramingo, tremendo toda e me seguro em seus ombros. Empurra um dedo grosso em minha vulva melada, passando a mamar gostosamente em mim. — Porra, você quer muito o meu pau, não é, bebê? — ruge ao sentir o quanto estou molhada, mudando para o outro seio, chupando-o com vontade, enquanto me penetra com o dedo. Esfrega meu clitóris inchado com o polegar e fica mordiscando meu seio, me olhando com uma expressão faminta. Estou

a ponto de gozar quando para o ataque e abre seu roupão, revelando o pau orgulhosamente duro entre as pernas. O segura, bombeando o eixo para cima e para baixo, me fazendo salivar e latejar mais. — Vem, me monta.

Me puxa para seu colo, me fazendo escarranchá-lo. Arranca meu roupão, me deixando completamente nua em cima dele. Arfo, estremecendo pelo prazer hedonista. É tão devasso, mas, tão excitante. Será que alguém está vendo isso dos prédios vizinhos? Sua boca está em meus seios outra vez, lambendo, chupando, mordiscando e eu deixo os pensamentos secundários para depois. Seguro em seu ombro com uma mão e pego seu pau duro com a outra, guiando-o para a minha entrada. As mãos grandes seguram minha bunda, abrindo-a de forma indecente e eu começo a descer em seu eixo grosso. Estou muito molhada, mas, é trabalhoso tomá-lo todo nessa posição. Ele se banqueteia em meus seios e me deixa à vontade para ir engolindo-o devagar. É grande, grosso, oh, meu Deus... Gemo lamuriosa quando chego até a metade, querendo-o todo, mas, indo com cautela.

— Você é grande... — choramingo e me obrigo a descer mais, levando quase tudo. Estremeço incontrolavelmente e Heitor uiva, apertando minha bunda, mantendo-me quieta e enfia o resto. Nós dois gritamos e eu mio sem controle: — é tão gostoso...

— Gostosa é essa sua bocetinha apertada, menina. — ruge contra meus seios, puxando os bicos entre os dentes. Arqueio as costas, oferecendo-me sem vergonha. — Me deixa louco, porra. Poucas mulheres conseguem tomar o meu pau sem reclamar. — começa a se movimentar devagar, levantando-me como se não pesasse nada e abaixando em seu pau, entrando todo, fundo, esfregando minhas paredes de forma enlouquecedora. O desconforto vai aos poucos sendo substituído pelo prazer absurdo de senti-lo me preenchendo por completo no ritmo lento e embriagador. Não há mais nenhum espaço, ele toma tudo. — Mas, minha neném gosta de tomar todo, não é?

— Sim... — choramingo, molhando mais e mais e enlaço-o pelo pescoço, passando a dançar junto com ele. Mesmo não sendo experiente, o instinto me guia e eu giro os quadris, rebolando devagar, engolindo-o, levantando, me abaixando. Seu rosto levanta para o meu, a boca ficando a uma respiração da minha. Os olhos glaciais estão aquecidos para mim e meu coração dá cambalhotas no peito. Deus, ele é tão bonito. Estou louca por esse homem. Louca. — Me dê tudo. — sussurro descontrolada. Ele geme rouco, arreganhando minha bunda e mete tudo em mim, com força. Eu gemo,

estremecendo e colo minha boca na sua, iniciando o beijo. Sua língua vem encontrar a minha sem qualquer hesitação e eu mio, mais uma vez o instinto assumindo. Quero lhe dar tanto prazer que se sinta intoxicado, como eu. Quero que sinta essa mesma necessidade crescente de estar comigo, como estou sentindo em relação a ele. Nos beijamos com fome, nos lambendo, chupando, mordiscando.

Enrola um braço em minha cintura e segura minha nuca com a mão livre. Eu o cavalgo cada vez mais forte, minha excitação tornando a penetração mais fácil e prazerosa. Eu o tomo todo, com ganância, choramingando de tanto prazer, querendo agradá-lo. Nos seguramos e beijamos com uma intensidade nova, pungente. Eu não sei o que é, mas, é bom. É muito bom. Paramos o beijo e ficamos nos movendo, respirando na boca um do outro, olhos fixos. Não falamos nada, apenas nos fundimos mais e mais até que o gozo nos arrebata, juntos. Eu grito, convulsionando. Ele ruge guturalmente, me enchendo com seu esperma. Tremores impiedosos me assaltam e eu gemo lamentosa, enfiando o rosto em seu pescoço.

— Porra... — Heitor grunhe, me apertando contra si, estocando dentro de mim com força, me comendo sem pena. Olho de lado, vendo a lua bonita no céu e não posso evitar pensar na noite em que me fez dele a primeira vez. Ela também estava lá, testemunhando tudo. Olho-a, lânguida e ele geme roucamente em meu ouvido. Estou suada, gasta, mas, dessa vez há uma felicidade inexplicável dentro de mim. — gostosa... — sussurra com voz áspera e beija minha orelha levemente, descendo para o pescoço e ombro. Estremeço, gemendo e o abraço com mais força. Ri, envolvendo as abas do seu roupão sobre o meu corpo. Meu rosto levanta para o seu. Pega a minha nuca e me olha intensamente. Ele me desarma, me prostra a seus pés quando me olha assim. É perturbador como esse homem mexe comigo. Era para eu odiá-lo. Nossa situação é repugnante aos olhos de outros. No entanto, quando me toca esqueço de todo o resto e me entrego, como se fosse o certo. Como se fosse o meu dono. Pisco, atordoada, tentando entender que sentimento tão intenso é esse que desperta em mim. O olhar sério percorre todo o meu rosto e dessa vez é ele quem esmaga a boca na minha. Nossas respirações ainda estão alteradas, mas, nenhum de nós se importa. Nos beijamos sem pressa, numa lassidão deliciosa. Chupa a minha língua, lambendo-a eroticamente. Estou bem agasalhada e ainda empalada nele. — Vou te comer tanto, neném. Quero ficar a noite inteira dentro de você. — rosna contra a minha boca.

— Então, fique. — digo atrevidamente, pulsando desavergonhada.

Puxa meus cabelos da nuca e morde meu lábio inferior. Gemo em desamparo e ele ri lambendo-o gentilmente depois.

— Está brincando com fogo, menina... meu apetite é voraz... — seus olhos voltam à expressão glacial, como se estivesse se recolhendo agora que o sexo apaixonado acabou. — Vamos para a cama. Quero ver se isso é só atrevimento, ou se realmente pode me aguentar a noite toda... — seu tom é perverso e se levanta, segurando minha bunda. O envolvo com braços e pernas e apoio a cabeça em seu ombro enquanto me carrega para dentro. Me delicio com seu cheiro, sentindo seus braços fortes à minha volta, o corpo duro ainda conectado ao meu.

Um sorriso furtivo e sonhador brinca em minha boca. O bom senso me alerta que não devo fantasiar, que realmente estou brincando com fogo. Mas, eu o quero. Acho que é uma boa hora para assumir. Contrariando todo o bom senso, eu o quero. Ele está me obrigando a fazer sexo, num arranjo indecente, imoral, mas, constrangedoramente isso tem pouca importância agora. Nunca me senti assim sobre nenhum menino antes. Só que ele não é um menino. É um homem. Um homem imponente, intimidante e isso me fascina, me seduz, essa é a verdade. Sua arrogância, sua postura de dono do mundo, e sobretudo, dono de mim, me excita além da minha compreensão. Por hora, basta reconhecer isso: eu o quero.

Uma semana depois... Ilha de Santorini, Grécia...

Heitor

Termino de verificar o relatório e fecho meu notebook. Conferindo o relógio, suspiro aliviado. Ainda estou no prazo. Sofia está se arrumando para irmos jantar em Oia, um vilarejo famoso de Santorini. É a nossa última noite aqui e ela quer dormir no iate, que Dimitri nos cedeu gentilmente. Por que estou cedendo aos caprichos de uma menina boba, você me pergunta? Eu a quero. Ela é minha. Ponto. Essa é única resposta plausível que consigo concatenar no momento. Porém, não sou só eu quem está a paparicando. Dimitri e sua esposa estão encantados por Sofia também. Ela os conquistou completamente pelo que vi durante o evento. Na verdade, a menina conquistou a maioria das pessoas do meu círculo próximo. Sempre com comentários inteligentes quando perguntada sobre algo. Se não entendia, não fingia, dizia abertamente que não estava a par do assunto e todos a

respeitavam por isso. Esfrego os olhos, girando a cadeira para as paredes de vidro do escritório. As águas azul-escuro do mar Egeu me saúdam lá de baixo.

Estamos em uma das ilhas de Dimitri, a última que visitamos e estou fechando negócio com ele. Fica entre as ilhas de Santorini e Creta. É um paraíso na terra. Sofia parecia uma criança no Natal quando avistou a casa ainda do iate. Até eu, que não me impressiono facilmente, reconheço que a ilha é magnífica. Estou me levantando para deixar o escritório quando meu celular toca. Confiro a tela sobre o tampo da mesa de madeira. É Tristan.

— T. — cumprimento-o.

— Irmão, pensei que seu humor estaria melhor depois de duas semanas em lua de mel nas ilhas gregas...

Há um sorriso irritante e provocador em sua voz. Eu bufo.

— Não estou em lua de mel e você sabe muito bem disso, irmão. — retruco.

Ele gargalha do outro lado.

— Desculpe, H, mas, para mim parece uma lua de mel, cara. Para a imprensa também... — rebate. T é tão idiota. Rolo os olhos. Sim, porra, a imprensa brasileira está publicando fotos minhas e de Sofia aqui na Grécia, incansavelmente. Para os expectadores ignorantes parecemos um casal apaixonado em lua de mel. Fotos de passeios de jet-ski, na proa do iate, nos beijando. Ainda estou furioso com as últimas que vi hoje pela manhã, Sofia num minúsculo biquíni vermelho, mostrando o corpo perfeito para todo mundo ver. Nunca me importei com o que a imprensa publica sobre mim, mas, me irritou demais, ver a minha mulher exposta assim. Chamei Alberto imediatamente, querendo processar o jornal. Meu amigo apenas sorriu e disse que eu provavelmente faria papel ridículo, porque Sofia não estava nua. Droga, ele estava certo. Por que me sinto insanamente possessivo com essa menina? Sinto uma fúria assassina quando vejo algum filho da puta olhando-a com cobiça. Por falar nisso, tive mais uma conversa de homem para homem com Tales e o fedelho me garantiu que ficaria longe de Sofia e foi o que fez pelo resto do evento. — Você só precisava ficar aí por uma semana. Me surpreendeu pra caralho quando estendeu a estadia. — ele me puxa da minha divagação.

— Pare de ser uma comadre fofoqueira e vá direto ao ponto, cara. — corto. Ele ri mais.

— Cara, não há realmente um ponto. Não posso sentir saudades do meu irmão mais velho, hum? — zomba. — Como está a minha bonitinha? Espero que esteja cuidando bem dela, mano.

— Nos falamos semana passada. — resmungo. — Sofia está muito bem, mas, pode cortar essa merda de *minha bonitinha.* — rosno. O idiota gargalha na linha. Suspiro, me deixando vencer pela irreverência do meu irmão. — Estamos nos entendendo melhor agora, se é isso que está bisbilhotando. — solto e mudo o assunto habilmente. — E dona Magnólia, como está?

— Bom saber disso, irmão. Nossa avó está ótima. Jantei com ela ontem. — informa e ouço um assobio baixo, seguido de palavras sussurradas: — Uh, querida, o que há sobre a comida tocantinense, hein? Quanta saúde... — rolo os olhos. O safado viu um rabo de saia. Ouço movimentação através do aparelho. — Estou no aeroporto de Palmas. — seu tom não parece mais alegre. Ele odeia rotas domésticas. — Cara, por quanto tempo terei que fazer essa merda?

— Veja pelo lado bom, T, agora pode conhecer melhor o seu país. — ele bufa e é a minha vez de rir. — Nunca esteve em Tocantins, esteve? Aproveite a folga e conheça os arredores da capital. Me disseram que tem cachoeiras muito atrativas por aí...

— Cara, pare de agir como um maldito agente de turismo. — rosna. — Não sou nenhum lesado. Pesquisei sobre o estado antes de vir.

— Foi um voo tranquilo? — pergunto para distraí-lo da sua miséria. Um piloto de voos internacionais ser rebaixado a esse ponto, deve estar sendo difícil para ele.

— Tranquilo até demais, H. A aeronave é tão pequena que parece a porra de um bimotor. — resmunga. Eu rio alto com sua birra. — Odeio essa merda. — range, então adiciona com sua velha provocação: — Eu devia ir para a concorrente. Minhas rotas internacionais estariam garantidas, com certeza. Que acha, grande CEO?

Meu sorriso some e eu rosno. Sua risada pachorrenta soa em meu ouvido. Eu juro, ele nasceu com o único propósito de me provocar.

— Eu acho que devia ter chutado sua bunda mais vezes enquanto

crescíamos. — resmungo. Ficamos em silêncio por um instante. — Ah, e as comissárias de bordo receberam aviso reforçado sobre não se envolver com pilotos. Não tente usar seu charme. Terá que procurar rabos de saia fora do trabalho, como sempre deveria ter feito.

Ele bufa.

— Entendido, chefe. — então, ele ri, ativando o modo irreverente. — Cara, por que não me avisaram que as garotas tocantinenses são umas delicinhas? Ei, querida, estou apaixonado. — ouço-o flertando de novo. Cristo. Eu bufo.

— Apaixonado? Você acabou de me ver... — ouço a moça retrucar com leve diversão na voz.

Tristan ri e eu consigo imaginar sua cara safada nesse momento.

— Certo, você me pegou. Estou com um puta tesão em você, linda. Será que isso serve?

Eu não consigo segurar uma gargalhada. Ele é tão descarado.

— T, pare de ser um idiota conquistador ou encerre a porra da conversa comigo, cara. — ranjo, mas, ele sente a brincadeira em meu tom. Ele ri.

— Desculpe, querida, estou falando com meu irmão. Ele está em lua de me...

— Eu não estou numa maldita lua de mel. — ranjo os dentes.

— Desculpe, mano. Eu esqueci dessa parte... — diz, mas, seu tom está longe de arrependido. Ele é absurdamente irritante.

— Espero que não esteja se engraçando para nenhuma comissária de bordo. Há uma abundância de garotas fora do nosso meio para você se divertir, então, não complique a sua situação. Alberto está tendo trabalho em negociar com a sua garota maluca. — o advirto.

— Ela não é a minha garota, cara. Foi apenas uma trepada, num maldito voo. — rebate. — Não tenho culpa se a doida achou que ia ser a senhora Tristan. — zomba.

— É claro que ela e todas as outras sempre irão fantasiar com algo mais, T. Você não é um simples piloto. É a porra do dono da companhia também. — digo com seriedade.

— Você acabou de insinuar que as mulheres só me querem pela minha fortuna, H? — sua voz é levemente insultada. — Cara, modéstia à parte, sou o irmão mais bonito e... — sua risada é provocadora agora: — sei usar muito bem o meu manche...

Eu faço um som zombador em minha garganta. Ele é tão malditamente convencido.

— Quando vocês voltam? — pergunta, mudando o assunto.

— Saímos daqui amanhã. — digo, me encaminhando para a porta. Saio e vou em direção ao quarto, no andar de cima.

— Vovó pediu para avisar que está preparando uma festa para apresentar sua neta à sociedade paulistana. — informa.

— Por que ela não me ligou? — indago, andando pelo corredor.

Seu sorriso malicioso soa em minha orelha.

— Ela não queria atrapalhar a sua lua de mel, H.

Eu rosno. Ele não vai largar esse maldito osso. Minha avó e ele devem ter fofocado muito à minha custa.

— Já você não usou a mesma cortesia, T. — resmungo. Ele ri mais.

— Ah, irmão, mas, você mesmo disse que não está em lua de mel...

Suspiro cansado. Meu irmão parece um adolescente irritante às vezes.

— Eu não estou. — nego friamente.

— Claro que não, H. — há chacota em seu tom.

— Eu preciso desligar. — digo, pegando a maçaneta da porta do quarto. Então, meu tom amolece um pouco. Ele é um idiota, mas, é o meu único irmão. — cuide-se T. E se comporte, irmão.

Ele dá uma risada vigorosa do outro lado.

— Bem, vamos ver o que o Tocantins tem de melhor. — diz atrevidamente. Em seguida sua voz soa mais suave quando acrescenta: — cuide-se também, irmão.

Eu desligo e entro no quarto espaçoso. Música clássica está tocando baixinho no sistema de som. Meus olhos correm pelo recinto, à procura de

Sofia. A encontro na poltrona perto das janelas. Os últimos raios do sol se pondo estão entrando através das cortinas brancas. Eu paro um instante, olhando-a. Usa apenas um curto robe verde, as pernas dobradas embaixo dela. Está escrevendo em alguma coisa. Um caderno? Um diário? Conjecturo. A menina é uma surpresa atrás da outra. Que adolescente ainda escreve em diários hoje em dia, com tanto apelo das redes sociais? Então, me recordo da sua resposta para minha avó na noite do casamento. Ela não gosta das redes sociais. Enruga a testa e morde o bocal da caneta, parecendo concentrada. Um sorriso secreto brinca na boca carnuda e ela escreve mais algumas palavras. Só então sente a minha presença e levanta a cabeça. Eu pego ainda um vislumbre do sorriso e da expressão misteriosa, os olhos verdes parecem duas pedras preciosas enquanto me encaram.

Ela está diferente agora. Os olhos ainda são inocentes, contudo, tem certa dose de malícia pelos prazeres carnais que já experimentou em meus braços. Está desabrochando, se tornando uma mulher. Uma mulher linda, deliciosa. Deslumbrante. Há um balanço sensual em seus quadris quando se movimenta pela casa, me seduzindo com sua inocência, me viciando nela. Como na tarde de ontem, quando eu tive que me concentrar no relatório – esse que só consegui terminar agora – e ela foi ao escritório como uma sereia sedutora para me distrair. Meu queixo caiu quando tirou a roupa na minha frente e veio sentar no meu colo. O relatório foi esquecido e abri um sorriso de lobo mau. Não demorou muito, Sofia estava completamente empalada em meu pau, cavalgando-me com abandono. Ela também está viciada no meu pau e o conhecimento disso me deixa envaidecido. Depois a comi em cima da mesa, sobre o braço da poltrona, por trás, e encerramos no carpete, perto das portas da sacada, a brisa entrando e nos envolvendo, enquanto fodíamos e urrávamos como loucos. O sexo com ela é algo que não consigo mensurar de tão gostoso. Depois de duas semanas pensei que estaria mais controlado, mas, não. Ledo engano. Minha fome só tem aumentado. E surpreendentemente a dela também. Tenho estado em cima dela quase todo o tempo e a menina não reclama em nenhum momento, porra. Me toma todo, num encaixe tão perfeito que chega a me dar raiva. Estive com muitas mulheres. Mulheres de verdade e nunca senti essa emoção estranha e avassaladora que sinto com Sofia.

Nos olhamos em silêncio. Há uma energia densa nos envolvendo agora, sempre que estamos no mesmo espaço. Foram duas semanas muito intensas.

Devo reconhecer que há uma espécie de intimidade entre nós agora, forjada nas noites em que viramos a madrugada explorando incansavelmente o corpo um do outro. Nos dias em que mal saímos da cama, fodendo e gozando gostoso demais. Um sorriso tremula em minha boca. Um bom estrategista sabe quando retroceder e foi isso que fiz ao lhe fazer algumas concessões. Não tenho um histórico de voltar atrás em minhas decisões. Fiz isso porque estou completamente louco pela menina. Não vai me custar nada ser um pouco menos... uh, hostil. E a recompensa é tê-la disposta para o sexo sempre que eu quiser. Sim, foi uma boa jogada da minha parte. Ela é minha. Por enquanto isso não é negociável. Sofia me pertence.

— O que está escrevendo? — pergunto, minha voz estranhamente suave.

— É um diário. — suas faces ficam rosas, envergonhada. — Parece bobo, eu sei. Mas, gosto de dividir minhas emoções com ele, desde pequena.

— Não é bobo. — digo-lhe. — Um pouco antiquado, talvez.

— Você nunca teve um? — pergunta, com um brilho atrevido nas íris verdes.

— Sou homem. — bufo presunçosamente.

Ela rola os olhos.

— Oh, claro, eu não havia reparado nisso. — diz com desdém. Calor inunda minha virilha e meu pau começa a engrossar. Eu gosto de nossos embates, sobretudo, a forma como geralmente termina: meu pau enfiado até o cabo em sua boceta gostosa. — Terminou com o relatório? — me pergunta com aquele brilho de malícia que mencionei se intensificando em seus olhos. Que safadinha. Os cantos da minha boca sobem cinicamente.

— Sim, uma vez que minha atenção estava inteiramente nele. — sussurro áspero, meus olhos prendendo os dela. A danada tem a ousadia de sorrir. Aquele sorriso secreto que estava dando ao diário quando entrei. O desejo me rasga impiedoso. Essa menina se tornou rapidamente o meu vício. Um leve arfar deixa seus lábios grossos e ela se levanta. Meus olhos a seguem como um cão faminto, vendo um pedaço de carne suculento. Entra no closet e volta de mãos vazias, indicando que foi guardar o diário. — Você é sempre bem-vinda para me distrair como fez ontem, no entanto.

Vai em direção ao banheiro, o robe curto mostrando as pernas lisas. Ela solta os cabelos, a massa castanha caindo sobre as costas.

— Pensei que já estivesse pronta. — murmuro, movendo-me atrás dela, hipnotizado por aquele balanço sensual recém adquirido em seus quadris.

— Eu comecei a escrever, ouvir música e perdi a hora. — sussurra, passando pela porta. Segura o trinco, querendo fechá-la, mas, estendo a mão, parando-a. — Vou tomar uma ducha com você. Vamos poupar tempo... — não posso parar o sorriso de predador enquanto digo isso. Ela amplia um pouco os olhos, porque não tomamos banho juntos em nenhum dia até agora. Passo para dentro, puxando minha camiseta polo sobre a cabeça. Ela arfa, lambendo os lábios e avança até a pia, pegando o shampoo e creme nos armários, para se distrair, virando-me as costas. — Deixe isso no balcão, Sofia. Não vai precisar deles agora. — me movo rapidamente para suas costas, puxando sua cintura, encostando seu corpo no meu. Meu corpo treme e enterro meu nariz em seus cabelos macios e perfumados.

— Estamos atrasados... — sua voz sai entrecortada. Eu deslizo a boca pelo pescoço e mordo-a suavemente. Ela estremece em meus braços. Seguro seus ombros e puxo o robe para baixo, desnudando a pele perfeita, lisinha, viçosa.

— Preciso gozar em você antes de sairmos, bebê. — digo em tom quase raivoso. Não gosto de sentir tal nível de tesão e dependência sexual de uma mulher. Nunca fui do tipo que mendiga por sexo. Mas, com Sofia, estou disposto a fazê-lo. Faço tudo, desde que ela permaneça me satisfazendo.

— Meus Deus, você é insaciável. — sua reclamação sai como um gemido quando minhas mãos se fecham nos peitinhos redondos e lindamente empinados. Eu rio, sugando seu pescoço, subindo para a orelha. — Você me teve quase toda a manhã...

— Eu sei. Mas, estou faminto pela sua boceta de novo. — rosno, esfregando meu pau muito duro em sua bundinha arrebitada. Passo a amassar os montes perfeitos, puxando os mamilos bicudos. — Não devia foder tão gostoso se quer se ver livre de mim, menina. — provoco-a.

Ela mia, juntando as pernas. Eu rio sacana e escorrego uma mão pelo ventre liso até cavar em sua bocetinha melada. Sem rodeios, meto um dedo bem fundo.

— Heitor... ai, que gostoso... — choraminga, enquanto a fodo devagar.

A deixo a ponto de gozar e retiro o dedo, sorrindo com seu gemido lamentoso. Me livro das calças e sapatos e a viro de frente, puxando-a pela

cinturinha estreita. Gemo asperamente com nossas peles nuas se tocando. Parece que uma descarga elétrica me percorre toda maldita vez. E já foram muitas que a senti assim. O fator novidade já devia estar arrefecendo, não? Enfio uma mão em sua nuca, segurando-a firmemente e angulo sua cabeça, aproximando minha boca da sua. Seus olhos estão anuviados, as pupilas gigantes de excitação. As mãos macias passeiam pelos meus ombros e eu estremeço, gemendo como uma mocinha do caralho. Mordo sua boca eroticamente, lambendo-a ao mesmo tempo. Ela arqueja, entreabrindo os lábios e empurro a minha língua, esfomeado pelo seu gosto. Ela geme longamente ao sentir o meu gosto também e nos beijamos com desespero, como sempre acontece. Toda vez é como se fosse o último. Não há explicação para o nível de entrega meu e dela quando nos tocamos. Desisti de tentar racionalizar isso. É o tesão mais visceral, animal que já senti, isso é certo.

— Você quer mesmo sair? — murmuro entre beijos, descendo a mão da cintura para a bunda firme, amassando a carne, deslizando meus dedos entre as bochechas, encontrando o cuzinho delicioso, que já comi mais uma vez desde a sua primeira vez. — Podemos tomar nosso tempo no banho, depois pegamos o helicóptero direto para o iate. Vou fazer os arranjos para que nosso jantar seja entregue lá. — a seduzo, sugando o lábio inferior, mordendo-o em seguida. Ela mia, um som de pura necessidade e imita meus gestos, lambendo minha boca, chupando minha língua, esfregando os peitos em mim, me fazendo rosnar.

— Você pode fazer isso? — ronrona sedutora em minha boca. Droga. Essa menina aprendeu as artimanhas rápido demais.

Eu seguro sua bunda com as duas mãos, amassando a carne com força, enquanto esfrego meu pau em sua barriga.

— Eu posso tudo, bebê. — digo arrogantemente. Ela separa a boca da minha e lambe o meu queixo, descendo a boca suave pelo meu pescoço. Me beija ainda com um toque de timidez, mas, ao mesmo tempo uma ousadia que me coloca de joelhos. Seus lábios e língua descem pelo meu peitoral, abdome, que suo como um louco na academia para mantê-lo. Seu corpo serpenteia para baixo e eu solto um rosnado quando se prostra de joelhos na minha frente. Seu olhar levanta para o meu e ela beija a ponta do meu pau, lambendo o pré sêmen em seguida. — Sofia... — gemo, juntando seus cabelos em uma mão e segurando meu eixo com a outra. Esfrego a cabeça em

seus lábios gordos. — Chupe. Vamos, leve-me nessa boquinha perfeita. — ela ronrona e arreganha os lábios, levando-me até a garganta, como a ensinei fazer. — Oh, porra! — ranjo, meu corpo todo estremecendo de prazer. Ela segura minhas bolas, massageando cada uma, enquanto me chupa gostosamente, colocando cada vez mais pressão. Usando lábios, dentes e língua. Todo o tempo nossos olhares trancados. Um som animalesco sai da minha boca, olhando-a engolir o meu eixo longo e grosso. Lágrimas estão se reunindo em seus olhos pelo esforço em levar o máximo do meu tamanho avantajado e eu a venero nesse momento. — É perfeita, menina... Assim, minha neném. — a bajulo, condescendente, bombeando em sua boca voraz. — Mama no meu pau. Toma a minha porra. Alimente-se dela, bebê.

Ela geme lamuriosa ao ouvir minhas palavras depravadas e se esforça para me fazer gozar. Quando encho sua boca de esperma alguns instantes depois, Sofia me oferece um sorriso satisfeito, como se tivesse feito bem a tarefa de casa. Sorrio-lhe perversamente, olhando-a me lamber todo, até a última gota. Minhas pernas estão um pouco bambas pela intensidade com que me fez gozar e eu rosno, puxando-a para cima. Enrolando um braço em sua cintura, segurando sua nuca com a outra, como estávamos antes. Nossos rostos ficam bem próximos e eu me perco nas profundezas verdes, completamente fascinado por ela. É minha. O pensamento de posse me assalta ferozmente. Quero-a demais. Porra, o que é isso?

— O que está fazendo comigo, menina? Te quero tanto, porra. — as palavras pulam para fora ecoando meus pensamentos. Sofia ofega, os olhos brilhantes, os braços se fechando em meu pescoço. — É minha. Me pertence. — rosno antes de mergulhar minha boca na sua e me perco um pouco mais. Cada dia, cada momento com ela, sinto-me tocado em partes que nunca deixei ninguém chegar perto. É uma sensação estranha de euforia. É um tanto alarmante porque quando estou com ela em meus braços, sinto meu peito aquecendo, sendo preenchido com algo forte, um sentimento devastador, no sentido bom. Algo muito parecido com... Felicidade.



CAPÍTULO NOVE

Dois dias depois. São Paulo, Brasil...

Heitor

Ajusto minha gravata e atravesso o quarto. Aquela sensação quente e gostosa se espalha dentro de mim ao vê-la dormindo de bruços em minha cama. Ela adormeceu no trajeto do aeroporto para casa e eu a carreguei nos braços até aqui. Não sei bem o que me deu para trazê-la para o meu quarto. É o meu santuário. Nenhuma mulher entrou aqui antes dela. Olho-a remoendo minha tormenta interna. Está atravessada no colchão e agarrada ao meu travesseiro, dormindo profundamente. Está nitidamente cansada. Um sorriso de predador se abre em meu rosto. Eu a comi no jato quase toda a viagem. Só saí de cima dela quando o piloto anunciou que estava se preparando para pousar. Eu me aproximo mais, meus olhos esfomeados correndo pelo corpo delicioso. O lençol está enrolado, mostrando as costas esguias e as covinhas sexy que tem logo acima da bundinha firme. Meu corpo inflama, meu pau dando sinal de vida, uma fome que parece nunca ter fim toma conta de mim. Nunca fui de arroubos românticos. Sou frio por natureza, mas, a vontade de me inclinar e acordá-la com beijos em cada centímetro da sua pele, me acomete. Fecho meus punhos dos lados e continuo observando-a, fascinado. É linda demais e me satisfaz na cama como nenhuma outra. Deve ser por isso que estou tão mexido, encantado, seduzido. Estou a ponto de me virar e sair do quarto quando ela geme e se estica no colchão, o lençol escorregando completamente, deixando-a nua.

Eu rosno porque preciso sair para o trabalho. Fiquei duas semanas longe e isso não é do meu feitio, abandonar a empresa para montar uma boceta, por mais gostosa e apertada que seja. Os olhos verdes se abrem e ela rola de costas, fazendo-me gemer, meu olhar correndo pelos peitinhos empinados, a barriguinha lisa, a bocetinha depilada, praticamente implorando pela minha língua. Porra. Que feitiço é esse que Sofia lançou sobre mim? Volto o olhar para seu rosto e ela tem um indício de sorriso sonolento e sensual na boca carnuda.

— Bom dia. — geme, puxando o lençol e encobrindo o corpo, acabando com a minha diversão.

— Bom dia. — minha voz sai áspera como lixa.

Ela olha em volta, franzindo o cenho quando percebe que não está em seu quarto.

— Estou no seu quarto? — aceno, procurando uma boa resposta para isso. — Por quê? — sussurra confusa.

— Porque não quero ter que andar até seu quarto quando acordar faminto por você. — digo e me congratulo porque parece uma desculpa aceitável. Não há razão romântica. — É um arranjo puramente prático, Sofia. Me acostumei a tê-la toda noite e não vou mudar isso agora que estamos em casa. — tenho a impressão de ver decepção cintilando brevemente em seu rosto. Ela acena e ensaia um breve sorriso. Eu estendo a mão e puxo o lençol, deixando-a nua. — Não esconda o que é meu das minhas vistas. — praticamente rosno, meu olhar se banqueteando de novo com o corpo delicioso. Meu pau incha por completo, estufando a calça social. Ela arfa levemente e permanece parada, me deixando apreciar cada curva linda. Arrasto meu olhar de volta para o seu e um sorriso de lobo levanta meus lábios. — É minha. Toda minha. — desistindo de lutar, eu toco o seio direito, puxando delicadamente o bico pontudo. Sofia se contorce, esfregando as coxas. Sussurro-lhe: — Quero que aceite os meus presentes.

— Não os quero. — ela nega, orgulho brilhando nos olhos verdes. Suspiro asperamente. Menina teimosa.

— Retiro as grosserias que lhe disse naquela noite em meu escritório. — eu me vejo apelando, cedendo mais uma vez aos seus caprichos. Seus olhos lindos arregalam em surpresa. — Fui um grande imbecil, você estava coberta de razão em não os aceitar na ocasião. Porém, espero que os aceite agora.

Diversão cintila em sua íris e ela quase ronrona quando pergunta:

— Você *quer*, ou *espera* que eu aceite? Estou confusa...

Meus lábios tremulam com a sua provocação. Há uma espécie de leveza entre nós agora. Acho que se deve ao fato de estarmos grudados o tempo todo. Sempre que me aproximo dela querendo sexo ela me dá, parecendo ávida, desesperada, como eu. Onde diabos estou me metendo? Sinto que estou pisando em território desconhecido com Sofia, no entanto, não posso me parar. É tarde demais para isso, já estou viciado, como um maldito dependente.

— Não me venha com essa boquinha argumentativa, bebê. — solto um

grunhido quando seu olhar atrevido pousa no volume em minha calça. Ela lambe os lábios e volta a me encarar. Arrasto meus dedos pelo outro seio, arrancando-lhe um gemido baixo. — Aceite-os. Vou chamar o designer e você pode escolher qualquer joia que quiser. Pode aumentar os limites dos cartões também, basta chamar o seu gerente. — meu tom abaixa, sedutor. Sei que com ela não adianta impor as minhas vontades no grito. Preciso ser mais inteligente e manipulá-la de forma mais sutil.

— Heitor, não gosto quando começa a falar sobre dinheiro. — torce o narizinho teimoso. — Eu me sinto uma prostituta barata quando faz isso. Achei que já tínhamos passado dessa fase.

Eu não disse? Estou chateado, mas quero rir ao mesmo tempo. Ela me fascina.

— Não se sinta assim. — bufo. — Nunca tive tanto trabalho para fazer uma mulher aceitar meus presentes antes...

Ela revira os olhos.

— Bem, de onde estou olhando parece que está tentado me pagar pelo sexo.

Eu faço uma carranca. É isso? Claro que é, mas porque não compreende que não quero deixá-la desamparada? Nossa relação mudou. Não a vejo mais como um mero pedaço de carne que vou usar simplesmente. Em algum momento nessas duas semanas, ela adquiriu o meu respeito, além do fato de que meu pau gosta dela. Muito.

— Você é inteligente, Sofia. É hora de ser prática. — tento chegar até ela. — Para todos os efeitos é minha esposa. Iremos a jantares, festas na alta sociedade. — ela parece alarmada agora.

— Eu pensei que...

— Eu fosse te amarrar na minha cama e impedi-la de sair? — brinco, relembrando a nossa conversa de uma semana atrás. — Embora ache a ideia bastante atraente, tenho uma vida social muito intensa e você, como minha esposa, também terá. Será convidada para chás, almoços nos mais variados clubes da elite paulista. Precisa estar preparada, com dinheiro e cartões de crédito. Todos esperam que a minha esposa esteja à altura.

— Oh, meu Deus... — ela ofega, horrorizada com essa perspectiva.

Eu rio levemente.

— Minha avó pode auxiliá-la com isso. Ela é uma das damas mais respeitadas em nosso meio.

Seu rosto suaviza um pouco.

— Eu gostei dela. Pensei que era uma dondoca esnobe e fria... — seu rosto ruboriza e me oferece um sorriso em desculpas.

— Não, minha avó é a pessoa mais calorosa que conheço. — digo com orgulho na voz. — Minha mãe era a dondoca esnobe. Meu pai era um bastardo frio. Tristan e eu tiramos a sorte grande. — ironizo, então me calo abruptamente. Porra! O que deu em mim para revelar isso? Jamais falo daqueles egoístas fodidos.

Sofia se recupera rapidamente da surpresa da minha revelação e começa a se arrastar para fora da cama.

— Está bem. Vou aceitar os presentes, mas com uma condição.

Levanto uma sobrancelha, aguardando. Ela se levanta, ficando na minha frente, deliciosamente nua. Porra. Meus olhos derivam para o sul.

— Qual? — pergunto, meu olhar cravado em sua bocetinha rosada, toda delicada. Rosno de tesão.

— Usarei apenas um cartão. Os outros vou doar para a caridade, tudo bem? — eu pisco e arrasto meu olhar de volta para o seu rosto, procurando um indício de brincadeira. Não há. Está falando sério.

— Tudo bem. Vou pedir ao gerente que aumente o limite do seu para um milhão. — digo categoricamente. Ela estreita os olhos, insatisfeita.

— O limite de quinhentos mil já é obsceno para mim, Heitor. — retruca e eu não sei como me sinto. Está atuando ou essa é a sua personalidade de fato? Nunca vi uma mulher relutar tanto em aceitar dinheiro e presentes caros.

— Não abro mão. A minha esposa não vai andar por aí com um único cartão abaixo de um milhão. Está decidido, Sofia. — bato o martelo.

Ela coloca as mãos nos quadris, o que só acentua os peitinhos orgulhosos e empinados. Minha boca saliva, mas não me deixo distrair pela sua beleza tentadora.

— Tudo bem. — sucumbe por fim. — Aceitarei as joias porque já vi em

primeira-mão na Grécia como as mulheres desse meio podem ser umas cadelas cruéis. — eu rio um pouco. Deus, estou adorando essa discussão. Ela parece ter esquecido a nudez, está mais focada em me desafiar. Eu não estou reclamando, no entanto. — Vou ficar com o carro. Só há um pequeno problema: não tenho habilitação ainda.

— Fechado. — digo em tom satisfeito, lutando contra a vontade de puxá-la contra mim. Se ceder, terei que fodê-la antes de sair, tenho certeza. Ela resolve o meu dilema quando pega a camisola descartada sobre o criado-mudo e cobre o corpo perfeito. Eu gemo rudemente. Um arremedo de sorriso brinca em sua boca. Ela se transformou rapidamente em uma fêmea sedutora e sensual. — Ainda nessa semana vamos dar entrada no processo.

— Está bem. — diz baixinho, meio ofegante pela forma que estou olhando-a, comendo-a com os olhos. — Está indo trabalhar? — pergunta com voz rouca.

— Sim. Só estarei de volta à noite. — digo assumindo um tom mais sério. — Não era a minha intenção acordá-la, pode dormir um pouco mais, se quiser. Descanse.

Seu rosto fica vermelho quando boceja. Nós dois sabemos que está exausta por me tomar por horas a fio, sem nunca reclamar.

— Sim. Vou fazer xixi e volto para a cama. — diz, tentando se afastar. Um sorriso brinca em minha boca com a sua frase. Nesses momentos ela transparece exatamente a idade que tem. Seguro seu braço, me rendendo à necessidade de tocá-la. Ela levanta o rosto para o meu, arfando.

— Descanse, bebê. — murmuro, meu peito sendo estranhamente aquecido enquanto a mantenho perto de mim. — Podíamos jantar fora hoje. — eu me pego dizendo como um marido apaixonado que está protelando ficar longe da esposa. Seu rosto se ilumina. Deus, eu não sei o que é isso entre nós, mas é bom demais. É a coisa mais intensa e gostosa que já senti.

— Eu gostaria disso. — diz-me parecendo um tanto tímida. Acho que nem ela e nem eu estamos sabendo lidar com essa *coisa* intensa entre nós. — Vou visitar o meu pai no hospital à tarde. A que horas devo retornar?

Meus lábios contraem e me vejo provocando-a. É outra coisa que estou estranhando sobre mim. Tenho estado muito relaxado, até fazendo brincadeiras, coisa que nunca foi o meu forte. Tristan é o carismático da

família. Eu sou o frio e assustador. Todos que me conhecem sabem isso. Mas essa linda menina me aquece por dentro e é como se o gelo estivesse sendo derretido pouco a pouco.

— Admita, você gosta quando lhe digo o que fazer e quando fazer, menina. — sussurro bem perto da sua boca.

Ela ri, entendendo tudo.

— Em alguns contextos, sim, admito. — sua boca esperta me faz gemer guturalmente.

— Volte até as sete. — murmuro. — Quero-a deslumbrante. Vou levá-la ao melhor restaurante de frutos do mar de São Paulo.

Ela abre um amplo sorriso. Como um simples jantar pode arrancar tal reação? Sofia Guimarães me intriga.

— Amo frutos do mar. — diz suavemente.

— Eu sei, neném. — digo, tocando sua boca suculenta com o polegar. Eu me inclino e me permito dar um selinho apenas. Parece decepcionada quando me afasto e vou pegar minha pasta sobre uma das poltronas. Olho-a mais uma vez. — Até a noite.

Então eu saio de lá lutando com um pau duro e essa estranha sensação crescendo dentro de mim. Eu queria esmagar a minha boca na dela, beijá-la profundamente, empurrá-la de joelhos na cama e gozar naquela bocetinha viciante. Uma rapidinha. Porra. Bufo, inconformado. Quando esse desejo insano vai arrefecer? A essa altura já era para eu estar pelo menos um pouco entediado, querendo comer outra boceta, só que isso nem me passa pela cabeça. Meu pau quer apenas Sofia. Preciso recobrar algum controle sobre o meu corpo. Nunca fui refém de uma boceta e não vou começar agora.

Cerca de dez minutos depois, meu piloto está pousando no heliponto do prédio da HTL, na Avenida Paulista. Não quis perder tempo no trânsito hoje. Tenho muito para colocar em dia e cada minuto é sagrado. Quando desço do elevador no andar do meu escritório, Alberto está saindo do outro do lado. Um sorriso malicioso se abre em seu rosto e ele vem me abraçar, dando tapas em minhas costas.

— Bom dia, amigo! Ei, cara, você está bronzeado, hein? — alfineta. — Como foi a lua de mel, Heitor?

Bufo, me soltando e caminhando para a minha porta.

— Bom dia, Alberto. Por favor, não me venha com essa merda logo de manhã. — aceno para Luciana, que já está atrás da sua mesa, eficiente como sempre. — Bom dia, Luciana. — ela também está retornando hoje, pois estava acompanhando Alberto em suas duas semanas de férias também. Não perco a troca carregada entre eles quando olho de um para o outro. Entro em meu escritório e Alberto demora um pouco a entrar, provavelmente está assediando aminha funcionária. Descarado.

Quando enfim, entra, já estou me acomodando na cadeira atrás da minha mesa. Abro meu notebook e me preparo para o dia cheio. Pelo menos assim paro de pensar em uma certa ninfeta dormindo em minha cama. Meu vice-presidente é a primeira reunião do dia. Irá me colocar a par de tudo. Soube que o engenheiro de avião que estávamos aguardando ainda não deu as caras e não deu qualquer justificativa. É um americano, Logan Reed.

— As férias renderam, pelo visto. — indico com o queixo para fora da minha sala. Alberto sorri satisfeito e se senta à minha frente.

— Eu poderia dizer o mesmo, meu amigo. — diz, estreitando os olhos, avaliando-me. — Parece diferente. Mais leve... Você precisava mesmo de uns dias de descanso.

Um sorriso arrogante brinca em minha boca ao me lembrar da última semana. Sol, mar, Sofia. Depois, tudo de novo e de novo. Pigarreio e abro um dos relatórios que recebi ontem e ainda não tive tempo de checar.

— Você vai me contar ou vai ficar aí bancando o difícil? — ele zomba e eu levanto minha vista.

— Estou me entendendo melhor com Sofia. — digo sucinto.

Ele me analisa outra vez.

— Sem sarcasmo? — junta as sobrancelhas.

— O quê? — questiono.

— Você pronunciou o nome dela quase com suavidade agora, sem a ironia e raiva de antes. — esclarece e eu franzo a minha testa, percebendo que é verdade.

— Bem, eu disse que estamos nos dando melhor agora. — dou de ombros.

— Por quê? — pergunta, sem tirar os olhos dos meus. Advogados. Eu bufo.

— Você parece uma velha senhora fofoqueira, Alberto. — zombo. — Mas vou satisfazer a sua curiosidade. Decidi que vou recompensar a menina. Estava sendo injusto, obrigando-a a pagar por um erro que não foi dela. — meu amigo assobia baixo.

— Uau. Quem é você e o que fez com o meu amigo Heitor, o implacável homem de gelo?

Resmungo para sua chacota fora de hora.

— Quero que faça um novo contrato estipulando o que Sofia vai ganhar quando me der um herdeiro e nos separarmos. — digo-lhe e sua boca cai aberta com incredulidade. — Eu estava sendo muito injusto com ela.

— Ainda está sendo injusto, Heitor. Você a obrigou a ser a sua mulher. — ele me diz seriamente. — Quando teve essa epifania deu a ela a oportunidade de sair? Ofereceu-lhe a liberdade?

Eu ranjo os dentes apenas em ouvir tais palavras.

— Não. Sofia é minha. Não há negociação quanto a isso, Alberto. — rosno laconicamente. — Estou fazendo concessões, mas é tarde demais para deixá-la ir. Estamos de acordo com o novo arranjo. Ela será minha mulher de bom grado até me dar um filho.

Alberto fica em silêncio. Eu sinto um gosto amargo na boca porque ele está certo. Até nesse arranjo, ainda estou sendo um cretino sem coração ao usar a menina. Mas Sofia me quer também. Estamos muito atraídos um pelo outro. Sei que é nova, porém já é adulta. Alberto está me olhando como se eu estivesse molestando uma criança, no entanto.

— Quanto quer que estipule para ela quando sair do arranjo? — questiona, aceitando minha decisão.

— Uma quantia que a cubra para o resto da vida. — meu tom sai mais uma vez suave quando penso que nunca tinha viajado para a Europa. Nas roupas esfarrapadas que usava quando a encontrei em Nova Iorque. No seu sonho de viajar pelo mundo. Ela me disse isso uma noite, quando estávamos suados, emaranhados na cama na Grécia. Havíamos conversado sobre tudo e nada, e só fui confirmando a cada dia o quanto Sofia é profunda para sua

pouca idade. — Ela não vai trabalhar se não quiser. Poderá viajar, conhecer o mundo. — suspiro, meu corpo relaxando com as lembranças enchendo a minha mente. Eu acho que preciso encarar os fatos: aquela semana foi a mais incrível de toda a minha vida e sim, querendo ou não, foi a porra de uma lua de mel. — Vou dar o que ela quiser, Alberto.

— Você gosta dela. — murmura, me olhando como se nunca tivesse me visto antes. — Se não o conhecesse bem, diria que está apaixonado por essa menina, Heitor.

Meu corpo todo gela, choque me tomando com sua última sentença.

— O quê?! Claro que não! — nego veementemente, me irritando até. Rosno: — De onde diabos tirou essa conclusão? — algo passa em seus olhos castanhos e ele sorri um pouco, levantando as mãos em desculpas. — Não sou do tipo que se apaixona, me conhece muito bem. Não estou atrás de amor, Alberto. Sofia continua tendo apenas uma utilidade para mim.

Ele acena, ainda me olhando atento.

— Vou elaborar tudo e lhe mostro em breve. — diz com o profissionalismo de advogado.

Balanço a cabeça em anuência e mudo o tópico rapidamente.

— Por acaso tiveram notícias do tal Logan Reed? — pergunto com ironia. — Esse nome não é um prenúncio de responsabilidade. — resmungo.

— Não. — ele sorri da minha implicância. — E não julgue o cara por sua experiência pessoal com o seu pai. Quer você queira ou não, Logan Maxwell era um profissional top de linha.

Eu rosno para a sua defesa.

— Está certo. Ele só era um merda total como pai e marido.

Alberto abana a cabeça, o olhar repreensivo como se eu fosse um adolescente revoltado.

— Chega. Que tal falarmos das suas férias com a minha secretária agora, amigo? — eu o alfineto.

Ele se inclina para trás, o sorriso fácil tomando seu rosto, e passa a me contar como as coisas evoluíram entre eles.

— Estou apaixonado, meu amigo. — ele me diz sem nenhuma reserva.

Sem medo de parecer ridículo.

— Porra, em apenas duas semanas, cara? — pergunto sem conseguir compreender.

Não sou a pessoa mais indicada para falar de amor. Nunca amei nenhuma mulher. Nunca me permiti. Houve umas mais interessantes do que outras, contudo, nunca me tocaram além do sexo.

— O amor não segue um cronograma temporal, Heitor. — diz, seus olhos brilhando com um conhecimento que não sei identificar o que é. — Quando ele vem, não tem como desviar ou ignorar, cara.

Eu rio com deboche.

— Então, parabéns, eu acho. — digo e ele sorri amplamente para uma piada particular que não quer dividir comigo. Bastardo. Às vezes acho que se daria melhor com Tristan. Os dois são tão idiotas.

— Estará de folga amanhã. Luciana vai te deixar tomar uma bebida conosco? — caçoo. Ele resmunga e se levanta, ajeitando o terno.

— E Sofia? Será que ela vai soltar suas bolas o suficiente para isso, amigo?

— Pare com essa merda, cara. Vá trabalhar e fazer jus ao salário exorbitante que lhe pago. — aviso-o com um rosnado.

Ele me dá as costas, a risada zombeteira soando no escritório.

— Bom retorno, amigo. — diz antes de sair. Bufo e me ponho a ler o relatório financeiro.

Apaixonado... De jeito nenhum.

Sofia

— Como ele tem estado? — pergunto para a enfermeira do plantão. Ela me oferece um olhar pesaroso e eu não preciso de palavras. É o suficiente. Meu olhar volta para a figura inerte na cama. — Minha madrasta e meia-irmã têm vindo visitá-lo?

— Na mesma, querida. — a voz da mulher me alcança. Essa pelo menos mostra alguma empatia pelo doente terminal e sua família. Já vi alguns aqui que são mais frios que pedra de gelo. — Elas não têm vindo. — informa ainda mais pesarosa.

— Obrigada. — olho-a brevemente enquanto junta a roupa suja e sai do quarto. Acabou de fazer a higiene dele com a minha ajuda. Volto a encarar meu pai. Meu querido e controverso pai. Toco seu rosto magro e muito mais enrugado agora. Meus olhos ardem, um mau presságio tomando conta de mim. Quero acreditar que vai acordar em algum momento e vamos superar todas as nossas diferenças e seguir em frente. — Eu gostaria de saber como isso aconteceu, pai. — converso com ele como se pudesse me ouvir. — Soraia e Marcela acabaram com tudo o que passou a vida inteira juntando, você sabia? — digo com mágoa. Suspirando profundamente, murmuro: — Estou me dando bem com Heitor agora. Ele não vai me deixar desamparada quando tudo terminar. — minha voz corta ao pronunciar isso.

Há uma dor, um novo vazio dentro de mim quando penso que haverá um fim. Ficamos muito confortáveis um com o outro, principalmente nessa última semana. O que ele pensa a meu respeito agora? Será que para além do sexo, gosta pelo menos um pouco de mim?

— Pelo menos agora não me sinto tão suja como antes. Ele está me tratando melhor também, sem o sarcasmo que tanto detestava nele.

Sua boca contrai ligeiramente. Um ínfimo espasmo. Gostaria de ficar animada, no entanto, a enfermeira já me avisou que são espasmos musculares. Seu corpo está deitado há muito tempo nessa cama.

— Não sei o que está havendo, mas eu o quero muito. — continuo o atualizando sobre a minha vida. — Sei que começou errado, imoral até, só que agora é diferente. Arrisco a dizer que conquistei algum respeito da parte de Heitor. — apenas o silêncio perdura depois que paro de falar. Uma lágrima solitária cai pela minha face. — Estarei aqui quando acordar. Esse não é o fim, está me ouvindo? Não é.

Meu celular toca e meu coração salta com a perspectiva de ser Heitor. É Carla. Droga, eu murcho, decepcionada e envergonhada por me sentir assim ao ver o nome da minha melhor amiga. Tentei ligar para ela quando acordei, mas tocou até ir para a caixa postal.

— Ei, Car. — tento não deixar meu desapontamento aparecer em meu tom.

— Ei, Sof. — ela diz sem empolgação. — Como está, amiga? E o senhor feudal, ainda sendo insuportável? — a última vez que nos falamos eu estava

no meu segundo dia na Grécia, ainda muito irritada com Heitor.

Eu deixo a borda da cama e ando até a pequena janela, observando o movimento da avenida lá embaixo.

— Estou, hum, bem. — tropeço nas palavras. — E você, amiga? Já começaram os ensaios na Broadway?

Há um suspiro desanimado do outro lado e eu junto as sobrancelhas, estranhando seu baixo astral.

— Estou péssima, Sof. Rafael voltou a foder a puta da Cissa. — desabafa em tom choroso.

Ai, Deus. Meu peito comprime de pesar pela minha amiga. Nossa, ele não demorou nem um mês. Que cachorro!

— Sinto muito, Car. — digo baixinho. — Isso deve ser difícil...

Ela funga do outro lado.

— Sim, muito. Espero que nunca passe por isso, Sof, ver o homem que você ama com outra. — um suspiro trêmulo soa na linha. — Duas vezes. Eu os vi na cama, duas vezes. O jeito que ele a olhava, segurava... Ele nunca foi assim comigo.

Meus olhos se enchem de lágrimas solidárias. Ela é a irmã que nunca tive.

— Não fique assim, amiga. — sussurro. — Você merece ser amada por inteiro, ser a única. Sei que está doendo, só que foi melhor descobrir a verdadeira personalidade dele agora.

— Eu sei. — diz, tão triste que corta meu coração. — Ele a assumiu, Sof. A vadia deixou o Peter e roubou o meu namorado.

Quero dizer-lhe que ninguém rouba uma pessoa de outra. Não é o momento, embora. Ela precisa de apoio. Suspiro pesadamente.

— Eles se merecem, Car. Seja forte, amiga. Não os deixe vencê-la.

Ela chora alto do outro lado.

— Estou tentando, amiga... Eles já venceram. Eles me destruíram. — soluça. Consigo sentir a sua dor daqui. — Nunca vou esquecer isso.

— Você vai. — digo com ferocidade. — Vai sim, Car. Levante a cabeça e seja a melhor bailarina que o mundo já conheceu. — minha voz treme. —

Você vai brilhar tanto, que esses dois traíras não terão mais nenhuma importância, em breve. Acredite.

Ela chora ainda mais e eu fico aflita, lamentando estarmos tão distante.

— O-obrigada pela força. — soluça entrecortado. — Os ensaios começam amanhã e terei que vê-lo todos os dias, Sof. Será muito doloroso para mim.

Suspiro, olhando os pedestres e ciclistas indo em direção ao parque na frente do hospital.

— Pense que trabalhou duro para ser selecionada, Car, e bloqueie todo o resto. — sou especialista em bloquear o mundo exterior desde pequena. Com uma família como a minha, era isso ou enlouquecer. Eu me lembro de algo e retomo: — Fiquei sabendo que substituíram o ator principal por ninguém mais ninguém menos que Connor-gostoso-Milles! É isso mesmo? Você, sua cadela sortuda!

Uso um tom propositalmente entusiasmado para levantar um pouco a sua moral. Esse é o ator preferido dela de todos os tempos. Bem, meu também. Nós o acompanhamos e suspiramos por ele desde a sua primeira série, onde interpretou o filho adolescente do líder de uma gangue de motociclistas tatuados e fodões.

— Ai, meu Deus... — há uma leve reação nela, graças a Deus. — Meu rosto estará um caos amanhã. Vou ver o meu ídolo adolescente com a cara toda inchada de tanto chorar. — suspiro aliviada, seu tom parece um pouco menos arrasado agora.

— Faça compressas de água gelada e as outras garotas cairão mortas de inveja da sua tez impecável. — ouso brincar. Ela funga e ri. É fraco, mas já está valendo.

— Eu te amo, amiga. Obrigada.

Meus olhos ardem. Ela fez esse papel muitas vezes enquanto eu crescia sendo hostilizada pela minha meia-irmã vaca.

— Também te amo, Car. Queria estar aí perto para te dar colo e devorarmos um pote gigante de sorvete.

Faz-se um breve silêncio.

— Me fale sobre a última semana. Parece uma eternidade desde que falei

com a minha melhor amiga. — seu timbre soa uma nota mais animada.

— Heitor está me tratando melhor agora. — digo meio na defensiva. — Ele propôs um novo arranjo, onde não ficarei desamparada quando cumprir a minha parte...

— Quando lhe der o tão esperado herdeiro, você quer dizer. — ela diz com raiva.

É estranho pra caramba, mas eu me vejo querendo defender Heitor da sua ira.

— As coisas mudaram entre nós, Car. — digo, limpando a garganta. — Ele está me tratando sem o sarcasmo de antes.

Ela fica em silêncio e posso ouvir seu cérebro pensando.

— E o sexo? Por favor, me conte como tem sido. Estou curiosa para essa parte, confesso. — diz sorrindo alto, parecendo ela mesma. Eu rio um pouco, meu coração aliviando.

— As coisas só têm melhorado. Está cada dia mais intenso, voraz. — paro um pouco, meus seios formigando com imagens censuradas de nós dois na Grécia. — Ele é um homem muito... Muito...

— Gostoso? — oferece com provocação.

Rolo os olhos.

— Sim. Essa é uma boa definição, sua espertinha. — sua risada ressoa, me fazendo rir também.

— O que ele faz na cama, Sof? Heitor é um homem vivido, experiente... Deve fazer coisas mirabolantes para dar prazer a uma mulher.

Eu fico vermelha só de lembrar tudo que já fez comigo.

— Não me julgue, mas ele faz... Bem, ele gosta de sexo anal. — digo envergonhada.

Ouço uma ingestão aguda de ar.

— Meu Deus! Você fez sexo anal? Só tem duas semanas que deixou de ser virgem, amiga. — estala a língua. — Esse homem é um bruto!

Oh, ela não faz ideia... Um rubor sobe em minhas faces e uma quentura invade meu baixo ventre. Eu adoro.

— Não devia ter lhe contado. — resmungo. Ela ri.

— Bobagem. Sou sua melhor amiga, não ouse esconder algo assim de mim. — resmunga de volta. — Como foi? Aposto que dói pra caramba. Ugh!

Eu rio, gostando de distraí-la do seu caos emocional.

— A primeira vez é desconfortável, mas Heitor me fez sentir prazer mesmo assim...

— O quê?! Houve mais de uma vez? Meu Deus, está me saindo tão safadinha, amiga. — ri com vontade. — Seu marido é um bruto habilidoso. Menos mal.

Eu entro na sua onda curiosa e conto tudo que meu marido experiente faz comigo.

— Fico feliz que ele a esteja tratando melhor agora. — murmura. — Mas tome cuidado com essa calmaria toda, Sof. Não se apegue a ele, amiga. Heitor é um homem com uma bagagem infinitamente maior que a sua.

Meu coração sofre um baque com suas palavras e a verdade nelas. Mas é tarde demais para essa precaução. Eu já me apeguei. Estou caindo cada dia mais por aquele homem e não há nada que possa fazer para impedir.

— Eu não vou me apegar. — minto e volto a falar sobre Connor Milles e sua paixão adolescente pelo cara, basicamente para desviar o foco de mim, mas para deixá-la mais alegre também. Quando desligamos Car já está soando menos derrotada. Torço para que encontre logo um bom rapaz que a faça esquecer o cretino. Ela merece ser amada e respeitada. Toda mulher merece isso. Desligo o telefone e me despeço do meu pai. São seis e meia e preciso voltar para casa. Heitor vai me levar para jantar fora. Só de pensar a respeito, borboletas sobrevoam em meu estômago.

São oito e meia quando entramos no restaurante chique no Jardim Paulista. Heitor veio dirigindo, uma vez que sua casa se localiza aqui, nos Jardins. A viagem em um de seus luxuosos carros foi quase como se flutuássemos, enquanto o veículo deslizava pelas ruas do bairro abastado. O som incomparável do U2 tocava no sistema de som. Ele gosta de ouvir rock clássico e tem um gosto muito requintado. É algo um pouco destoante da sua personalidade fria. Gosto quando toma a iniciativa de escutar uma boa

música, sinto-o mais acessível nesses momentos. Parecíamos quase um casal normal indo para um jantar romântico. E me vejo desejando que o fôssemos. Estou usando um macacão verde de tecido fino, não me recordo o nome, mas parece derreter em meu corpo de tão delicado. É um modelo pantalona, de frente única. Heitor gostou pela forma como os olhos azul-gelo brilharam intensamente quando saí do closet. Ele também já estava pronto, delicioso em um terno escuro, sem gravata. Ficamos os dois nos olhando em silêncio apreciativo por alguns instantes, então se aproximou e eu derreti no chão quando pegou a minha cintura e me puxou contra seu corpo. Gemi de prazer, sentindo seu cheiro de macho privilegiado. Sem mais delongas, sua boca desceu na minha e eu o enlacei pelo pescoço, rendendo-me. Heitor tomou seu tempo, lambendo minha boca, a língua perversa pincelando a minha deliciosamente, os dentes mordiscando-me eroticamente, inflamando meu desejo. As mãos grandes e mornas acariciando minhas costas, descendo para a bunda, subindo de novo.

Quando me largou, meu sexo estava palpitando, a calcinha alagada. Estava ofegando e não me lembrava do meu próprio nome. Então só fiquei olhando-o como uma menina boba e deslumbrada. O canto de boca arrogante subiu e ele bateu com o indicador em meu nariz, parecendo divertido por me deixar toda excitada. Sim, é tarde demais para mim. Já me apeguei. Conjecturo, deixando os pensamentos de lado, enquanto uma hostess bem-apanhada nos recebe.

— Senhor e senhora Maxwell, que prazer recebê-los esta noite. — diz com um sorriso brilhante. — Vou levá-los até a sua mesa. Queiram me seguir, por favor. — a moça só falta fazer uma reverência. Nós a seguimos através do salão. Está lotado e percebo alguns olhares em nossa direção. A mão de Heitor está na parte baixa das minhas costas, o calor da sua pele direto na minha. Meu cabelo está preso em um rabo de cavalo sofisticado, então minhas costas estão completamente nuas. Não sei se é a roupa, eu, Heitor, fato é que mais olhares pousam em nós, me deixando desconfortável. Suspiro aliviada quando chegamos à mesa, perto do tronco da árvore frondosa. É impressionante como a arquitetura aproveitou os ramos, intrincando-os aqui e ali, deixando o ambiente requintado, porém com um toque rústico. Quando nos acomodamos, eu me ponho a observar tudo, maravilhada. Ele me trouxe para o Figueira Rubaiyat, um dos restaurantes mais frequentados pela elite paulistana. Eu já suspeitava de algo nesse nível. Basta olhar para esse homem

e verá que está acostumado com o que há de melhor. A lista de reserva daqui também é ingrata se você não é dono do mundo ou de metade dele, pelo menos. Zombo. Vi isso em um site especializado em restaurantes.

— Obrigado. — Heitor agradece a moça quando os cardápios são entregues e ela informa que nosso garçom logo virá tomar os pedidos. — Sugiro o Caixote Marinho. É delicioso. — diz, seus olhos encontrando e segurando os meus, o brilho intenso sob a iluminação branda. Eu pigarreio e abaixo os olhos para o meu cardápio.

— Ah, sim, parece uma boa. — digo, conferindo a composição: polvo, vieras, lula, camarões, cavaquinha, peixe, pitú e arroz. Estou salivando apenas vendo a ilustração.

— Vamos pedir, então. — sua voz tem uma borda divertida. Deve ser porque estou um pouco nervosa no ambiente e também pela forma como está me olhando, como se me quisesse me incluir no cardápio. Olho-o e o sorriso perverso brinca em sua boca de novo. O garçom chega e anota nossos pedidos, graças a Deus. Heitor diz que vamos beber o de sempre. O homem se vai e logo está de volta com uma *Dom Pérignon* em um balde com gelo. Tudo bem, então a crise financeira não chegou à HTL. Ironizo a bebida caríssima. Heitor nos serve em taças... Espera, em taças com o sobrenome Maxwell desenhado em letra cursiva e dourada. Uau! Caramba. Uau. — Sou cliente assíduo daqui. Tristan também. — dá de ombros, percebendo que estou chocada com tal tratamento. Bufo levemente. Claro que sim. Duvido que façam isso de forma indiscriminada. O nome disso é prestígio. Poder. Aceno e tomo um gole da bebida cara e, admito, deliciosa. As bolhas acariciam minha boca e garganta.

— Você descansou? — pergunta, tomando um gole da sua taça também, olhos treinados sobre mim.

— Sim. Dormi até as duas da tarde. — sorrio, meu rosto esquentando novamente. — Fui visitar meu pai depois e fiquei por lá até as seis e meia.

Seu rosto fica sério com a menção do meu pai. E me surpreende quando pergunta:

— Como ele está?

— Na mesma. — digo sem alento. Ficamos em silêncio e eu adiciono: — Gostaria de saber como tudo aconteceu. Não me conformo que seu destino

seja definhar naquela cama...

Simpatia relampeja em seu olhar. Ele assente, o maxilar tenso.

— Mesmo seu pai tendo me roubado, saiba que não fiquei feliz quando o tal acidente o deixou naquele estado, Sofia. — seu tom é sério, reservado.

— Sei que não, Heitor. — digo, olhando-o com firmeza. — Apenas Soraia sabe o que aconteceu lá, de fato.

— Desconfia dela? — pergunta, seu olhar estreitando astutamente.

— Gostaria de entender apenas. — dou de ombros, tentando despistar.

— Como é a sua relação com ela? — Heitor insiste.

Tomo mais um gole e digo calmamente:

— Não gosto de falar sobre a minha madrasta, se não se importa.

Seus olhos ficam mais desconfiados, mas acena em concordância.

— Amanhã vou pedir a Luciana que procure uma boa autoescola para iniciar suas aulas de direção. — muda o tema e eu agradeço-o. — Posso levá-la em um passeio nesse final de semana e fazê-la praticar um pouco, o que acha?

Há algo descarado brilhando em suas íris geladas com essa proposta. O que está planejando fazer comigo nesse passeio? Estou aprendendo a pescar coisas sutis aqui e ali em sua expressão. Heitor é quase sempre inescrutável, só mostra o que quer que os outros vejam. Nunca vi alguém tão no controle de si mesmo.

— Eu adoraria. — digo, um sorriso atrevido brincando em minha boca e murmuro o resto da frase: — Você dirige muito bem...

Ele ri, lento e perverso.

— Sim, bebê, eu *dirijo* muito bem... — meio que rosna, olhos fixos nos meus. Meu corpo todo entra em combustão, meu núcleo apertando de desejo, querendo-o insanamente.

Nossos pratos chegam, interrompendo nossos olhares luxuriosos. Caio de boca na refeição para escapar desse clima íntimo que está atropelando tudo e se estabelecendo entre nós. O tal Caixote Marinho é simplesmente divino! Eu me forço a comer devagar para evitar que alguém venha me retirar da mesa

por parecer uma porca sem modos. Heitor ri da minha gula e come tranquilamente, tão tranquilo que chega a ser pedante. Olho em volta e todos os ricaços estão comendo da mesma forma enfadonha. Um prato como esse merece gemidos e grunhidos de êxtase e eu os solto, baixinho. Mesmo assim, Heitor ouve e seus olhos inflamam, cravando em minha boca, observando-me comer. Os olhos gelados fumegam com promessas de prazer depravado para mais tarde. Ele pergunta quando vou ver a inscrição para o curso de graduação e eu sonho com uma realidade alternativa, onde o seu interesse por mim seria real. Digo que farei isso no decorrer da semana. Depois caímos em uma conversa fácil. A sobremesa é algo fora de série. Tomo água e me delicio com um pudim de leite.

Um conhecido de Heitor passa em nossa mesa, acompanhado da esposa, e nos cumprimenta. Ele me apresenta formalmente como sua mulher, embora todos já saibam pela explosão de fotos nossas nas ilhas gregas. O homem me cumprimenta com um sorriso simpático, a mulher me mede dos pés à cabeça e sorri também, só que isso não alcança os olhos. O casal se despede e ficamos sozinhos, tomando o resto do champanhe. Sinto minha nuca formigando, uma sensação inquietante, como se alguém estivesse me observando insistentemente.

— Eu vou ao banheiro. Já volto. — aviso-o, levantando-me. Ele o faz também como um cavalheiro.

Ando entre as mesas, ignorando os olhares curiosos. Mal alcanço a área dos lavabos e uma mão serpenteia em meu braço, puxando-me bruscamente para trás. Eu me viro e choque me toma ao dar de cara com Marcela. Então, era a vaca me observando lá fora. Puxo meu braço e avanço um pouco mais, me escondendo dos olhares curiosos atrás de uma coluna. Marcela ri, o sorriso feio cheio de maldade que esteve escondendo, está de volta. Os olhos correm por mim, inflamando com inveja e ódio.

— Como vai, *maninha?* — diz, me atirando adagas com o olhar. — Está aproveitando muito, não é? Eu me enganei achando que ia sofrer, mas não, você está gostando de ser a puta particular de Heitor. — diz com despeito óbvio. — Olhe só para essa roupa... — bufa. — Pode até estar vestida como uma princesa, querida, mas não passa da prostituta dele, não se esqueça disso.

Ofego com seu ataque direto. Ela desistiu de fingir, pelo jeito.

— Pare de me perseguir, você e sua mãe. — digo, tentando soar firme. Sei

que preciso enfrentá-las, me libertar desse domínio. É a hora.

— Você nos deve. Minha mãe te criou, sua putinha egoísta. — rosna.

Eu rio sem humor.

— Não me faça rir, Marcela. Soraia jamais ligou para mim. — retruco, enfrentando-a pela primeira vez. — Não lhes devo nada. A ganância de vocês as deixou assim. Acabaram com tudo que meu pai levou anos para construir.

— Papai era um fraco. — seu sorriso é frio, assustador. — Você puxou a ele.

Fecho meus punhos, irritada por ela falar assim dele, que a criou, deu amor, deu tudo que devia ter sido meu.

— Ele não morreu. — digo, minha voz tremendo.

— É hora de enfrentar a verdade, Sofia. Ele não vai acordar mais. Você está sozinha no mundo, querida. — diz com veneno e um ódio inexplicável escorrendo em sua expressão. Por que me odeia tanto? Nunca lhe fiz nada. — Heitor vai te comer até enjoar e depois te jogar fora como lixo usado. Você é nada, cadela. Nada!

Estou tremendo, querendo desesperadamente romper o controle que ela ainda tem sobre mim adquirido pelos anos de tortura. Puxo uma respiração profunda, juntando forças e me obrigo a enfrentá-la. Não posso mais viver assim, acuada.

— A prostituta aqui é você, Marcela. — digo firme, surpreendendo a mim mesma e a ela, que estreita os olhos. — Aquele lá na mesa não é um colega de trabalho do meu pai? — eu me recordo dele e da mulher em jantares que meu pai dava por insistência de Soraia, que adorava esbanjar em cardápios e bebidas caras nessas ocasiões. Eu permanecia pouco nesses eventos, porque me enojava a forma como a cadela apresentava sua filha como a princesa da casa e meu pai não fazia nada para me dar um espaço que era meu também. — Ele é casado.

— Você é tão tola, Sofia. Trepo com ele já tem um tempo, querida. — diz com um sorriso afetado. É uma vadia da pior espécie mesmo. — Lembra quando a esposa dele ficou grávida, há dois anos? Pois é, eu cheguei junto e ele cedeu depois de umas tentativas. Tadinho, tinha uma ideia antiquada de fidelidade, mas bastou um boquete em seu escritório e o bobo caiu na minha

rede.

— Você não sente remorso por destruir um casamento assim? A esposa dele sempre nos tratou bem. — digo com asco.

Ela gargalha.

— A tonta nunca vai saber. — diz com mais um sorriso odioso. — O idiota a ama. Só não consegue resistir a mim, porque vamos combinar, que homem resistiria, né? — ajusta o decote, empinando os peitos tão falsos quanto os de sua mãe. — Não quero destruir o casamento de ninguém, mas preciso de patrocínio. Minha mãe e eu estamos na miséria porque você, sua putinha ingrata, não quis nos incluir na sua nova vida de privilégios. — seus olhos brilham, demoníacos. — Poderia ter lhe ajudado a conseguir tirar o máximo de dinheiro desse casamento, mas agora parei de mendigar coisas para você. — ela me dá um sorriso maldoso e lambe os lábios vermelhos. — Em breve será o seu marido na minha rede. Vou tomar o seu lugar, sua horrorosa. Ele só te quis pela sua boceta virgem. Mas, acredite, a novidade passa rápido para homens sofisticados como Heitor. Em breve ele irá precisar de uma mulher que saiba realmente foder, e é aí que eu entro. — ela vai falando e avançando para mim. Vou me afastando até bater na parede, sem ter para onde ir.

— Ele não quis você porque enxergou a podridão que há aí dentro dessa carcaça bonita. — meu sangue esquenta, de raiva e, principalmente, ciúmes. A ideia dessa puta tocando, beijando Heitor, me deixa insana. — Você é uma puta barata. Aceite isso e pare de tentar parecer o que não é.

O tapa forte acerta minha face, me fazendo morder a língua. Dor e sangue fluindo em minha boca. Lágrimas quentes enchem meus olhos e eu choro, segurando meu rosto em brasa. Ela sorri como uma bruxa e pega meu cabelo, puxando-o com força.

— Isso, sua putinha ridícula, chore. — rosna na minha cara. — Vamos, chore mais. Eu sempre amei o som do seu choro. — eu soluço, minha bravata indo embora, me sentindo pequena, humilhada diante dela, como sempre. — Mudei de ideia, vai me dar dinheiro de agora em diante, está me entendendo? Vai me dar ou vou te dar uma surra toda semana, como nos velhos tempos... — eu choro, impotente, sem forças para me libertar. — A mamãe prefere fazer maldades sutis, eu não, eu gosto de te ensinar qual é o maldito lugar, sua feiosa! — ela range os dentes com tanto ódio e olha meu rosto em

chamas. — Oh, eu aconselho a cuidar disso quando chegar em casa, senhora Maxwell. — zomba.

— Que porra é essa? Tire as malditas mãos de cima dela! — surpresa me inunda com a voz profunda e familiar soando furiosa. Eu guincho quando Marcela é arrancada de perto de mim. Ela puxa meu cabelo no processo. Massageio meu couro cabeludo e meu rosto ao mesmo tempo, estupefata. Heitor está segurando a cobra, atirando a ela um olhar mortal.

— Heitor, oh, meu Deus, foi apenas uma discussão entre irmãs. — ela força um sorriso nervoso e me olha. — Diga a ele, irmãzinha, sabe que te amo, não é uma briga boba que vai abalar nossa relação. Eu...

— Cale a boca, garota. — Heitor rosna baixo e ela estremece, calando-se. Os olhos azul-gelo pousam em mim e sua mandíbula trinca, analisando meu estado. Minha bochecha está doendo muito. Ela me bateu com as costas da mão. Essa puta sempre gostou de me machucar. Os olhos dele fervem e então, pega os braços de Marcela rudemente, prendendo-os para trás.

— O que está fazendo? Solte-me! — ela exige, uma borda de pânico em sua voz. Isso me agrada.

Heitor lhe dá um empurrão, deixando-a na minha frente de novo, cara a cara. Só que dessa vez ela está com os braços presos. Eu o encaro. Ele está furioso. Isso aquece meu coração. Está tomando as minhas dores. Mais lágrimas fluem em meus olhos por ter alguém me defendendo pela primeira vez na minha vida.

— Devolva. — apenas essa palavra sai da boca de Heitor. Eu franzo o cenho, tentando compreender. — Vamos, Sofia. Bata na cadela. Agora. — rosna.

— Não! Você é louco? Não pode fazer isso. — Marcela entra em pânico verdadeiro agora.

— Cale a boca, sua puta. — range, parecendo ele mesmo querer dar uma surra nela. Está tão zangado assim por ela ter me agredido? — Vamos, Sofia. Agora!

Eu sei que é errado. Totalmente errado. Mas são anos de humilhação gritando em meu ouvido para serem vingados. Sou apenas humana no final das contas, então levanto a mão e vou para bater, aí me lembro de virar e lhe devolver na mesma moeda. As costas da minha mão se chocam contra a sua

face direita em uma pancada forte. Ela guincha e começa a chorar. Oh, não é tão bom quando se está desse lado, não é? Eu sacudo a mão, abalada. Essa foi a segunda vez que bati em alguém. Sempre fui pacífica, até demais. Tanto que essa vadia me fez de saco de pancadas enquanto crescíamos.

— Outro. — Heitor rosna.

— Ela só me deu um. — digo, querendo ir embora logo daqui. Essa situação é surreal.

— Tem certeza? — seu olhar é afiado no meu. — Você não vai mais aceitar esse tipo de tratamento, entende, Sofia? — ele parece com raiva de mim também por aguentar isso. — De ninguém. Se alguém lhe bate, você devolve a bofetada, mais forte. — meu Deus, onde ele aprendeu tal filosofia? — Vamos, bata nela. Essa garota precisa aprender qual é o seu maldito lugar. — oh, Deus, eu acho que ele ouviu tudo que a vaca estava rosnando na minha cara. — Vamos, caralho!

Não penso mais, só levanto a mão e dou mais dois tapas fortes, um em cada lado do rosto que fez minha vida miserável por muito tempo. Heitor a solta e a empurra. Marcela chora baixinho, o rosto uma bagunça. Seus olhos estão me fuzilando, prometendo todo tipo de retaliação, e eu engulo em seco.

— Olhe para mim, garota estúpida. — Heitor exige e ela estremece, levando os olhos maléficos para ele. — Se tocar na minha mulher de novo, vai se ver comigo, compreende? Não me importa se é sua meia-irmã. — ele está irado. — Irá para a cadeia se machucá-la de novo. Me diga se compreendeu. — rosna e ela acena vigorosamente com a cabeça. — Ótimo. Agora, suma daqui. — diz friamente.

Abraço a mim mesma, sentindo frio, vergonha, alegria por ele ter vindo em minha defesa. Eu choro mais e, no segundo seguinte, seu terno morno está sendo colocado sobre os meus ombros e seus braços estão à minha volta.

— Shh, eu estou aqui, neném. — sua voz tem um tom suave que nunca usou antes e eu me derreto contra seu corpo grande me envolvendo. Ouso dizer, me protegendo. Segura o meu queixo e levanta meu rosto suavemente para o seu. Nossos olhares se encontram. Os dele estão intensos, suaves, quentes, deslizando por cada centímetro do meu rosto. As pontas dos dedos tocam onde deve estar se formando um hematoma. — Eu nunca tive tanta vontade de bater em uma mulher antes. — diz ferozmente, mas o olhar ainda

tem aquela emoção indecifrável cintilando, me chamando em um nível profundo. — Vou cuidar de você. Ninguém vai machucá-la mais, prometo.

Eu juro que sinto meu coração parar. O sentimento que está se espalhando dentro de mim agora é algo diferente de tudo que já senti. Todo o meu corpo esfria, depois esquenta e então, meu coração parece que vai explodir pela intensidade da emoção. Ofego, lágrimas frescas se formando em meus olhos quando percebo, finalmente, o que é isso. É amor. Eu o amo. Eu me apaixonei por ele. Heitor possuiu não apenas o meu corpo, mas meu coração. Essa constatação me faz arfar, sem ar, perdida. É uma verdade esmagadora. O que será de mim agora, meu Deus? Eu amo o meu algoz.

— Proteja seu rosto no meu peito, bebê. Vamos para casa. — diz e me levanta delicadamente nos braços.

Meu coração canta em meio às lágrimas. Não posso evitar a esperança florescendo dentro de mim.



CAPÍTULO DEZ

Sofia

A viagem de volta para casa é tensa. Eu choro ainda mais, olhando a cidade pela janela. A recente descoberta me deixando mais frágil, exposta, perdida como nunca estive em minha vida. Eu o amo. Oh, meu Deus, amo um homem que me tomou contra a minha vontade e me fez sua. Embora Heitor esteja calado, posso sentir que ainda está com raiva pela forma como dirige, rápida e furiosa. Por quê? Será que significo algo para ele? Será que gosta pelo menos um pouco de mim agora? Rogo silenciosamente que sim. Estou tão dispersa que não percebo o carro parando na garagem. Ele está rapidamente na minha porta, abrindo-a e me pegando no colo outra vez. Eu o abraço pelo pescoço e me deixo ser carregada pela casa adentro. Ainda está silencioso, mas seus lábios tocam suavemente a minha têmpora em um gesto que me derrete, meu coração doendo de amor e esperança de que esse homem tão complexo e reservado possa vir a me amar um dia.

Sobe as escadas como se eu não pesasse nada e pouco depois estamos entrando em seu quarto. Ele me leva até o banheiro e me deposita sentada na bancada da pia. Volta ao quarto por uns instantes e logo reaparece com uma pequena trouxa na mão direita. Ainda sem dizer uma palavra, segura delicadamente a minha nuca e pressiona o pacote de gelo contra a minha bochecha esquerda. Arde e eu sibilo com a picada. Os olhos glaciais fervem.

— A vadia devia ter um anel para deixá-la ferida assim. — grunhe, rangendo os dentes.

Ela sempre gostou de me ferir. Mais lágrimas queimam em meus olhos e desvio o olhar do dele.

— Não. Olhe para mim, bebê. — sua voz sai mais suave, me fazendo encará-lo de novo. Meu coração está saltando desgovernado com a sua proximidade e a forma como está cuidando de mim. O jeito que está me olhando, como se eu importasse para ele. Seu polegar sobe um pouco, deslizando suavemente em meu queixo, olhos presos aos meus. — Me conte. Por que aquela garota a trata assim?

Eu pisco, as lágrimas descendo em meu rosto.

— Ela me odiou desde o dia em que meu pai a trouxe junto com sua mãe para as nossas vidas. — digo baixinho, derrotada. — Não sei a razão. Eu

nunca fiz nada ruim que justificasse esse ódio.

Vejo um lampejo de empatia em seus olhos azuis gelados.

— E seu pai, sua madrasta? Nunca perceberam nada disso?

— Meu pai sempre esteve cego de amor por Soraia e acabou adotando Marcela como sua filha. — um soluço dolorido deixa meu peito. — Soraia nunca foi abertamente cruel comigo, mas sabia que a sua filha me maltratava e nunca a repreendeu. — puxo uma respiração trêmula. — Meu pai, ele só queria desesperadamente agradar sua nova esposa e...

— Deixou sua filha verdadeira de lado. — Heitor completa no tom raivoso novamente.

Eu apenas aceno. Foi exatamente isso que meu pai fez.

— Enfim, não há uma razão para Marcela me odiar. Ela sempre o fez gratuitamente. — digo com voz apática.

Seu olhar fica mais intenso no meu e seu polegar sobe mais, acariciando minha face direita.

— Você não tem mesmo ideia, não é? — murmura, sua voz profunda e seu toque carinhoso, fazendo borboletas sobrevoarem em meu estômago. — E isso só a faz mais adorável, neném. — diz em uma voz reverente. — Ela sente inveja, Sofia. Sabe que não chega a seus pés.

Suas palavras me surpreendem e eu abro a boca, chocada. O que ele está dizendo? Abano a cabeça.

— Não. Ela é muito mais bonita...

— Quem disse isso? Ela? — ele bufa. — É mentira. A cadela quis que acreditasse nisso porque é má e invejosa. — retira o gelo e examina minha bochecha.

Aproveito para admirar cada pequeno detalhe do rosto másculo perto do meu. Sua respiração é lenta e constante, batendo em meu rosto. Minha boca saliva, ansiando pelo seu gosto. Quero tocá-lo, mas mantenho minhas mãos apoiadas na bancada. O calor do seu corpo vem em ondas para o meu. Ele está entre as minhas pernas, a virilha quase roçando em meu centro. Minha respiração vai alterando à medida em que o olho, desejando-o tanto que dói.

— Só mais um pouquinho para evitar que isso deixe marcas. — sua voz

engrossada me faz levar meus olhos para os dele e eu ofego com a expressão predadora nas piscinas glaciais. Ele pressiona o gelo mais uma vez, o canto de boca perverso se inclina com a percepção de que estou ficando excitada com seus cuidados. Descarta o pacote de gelo derretendo alguns instantes depois e a água escorre pelo meu rosto, descendo pelo pescoço, fazendo um caminho para baixo, entre os seios. Gemo, meus bicos ficando duros. — Não vai mais abaixar a cabeça para aquela garota. Se você abaixa sempre a cabeça, nunca vai adquirir respeito, Sofia. — diz com rudeza, mas seus dedos são gentis quando toca a pele dormente onde fui agredida. — Duvido que ela seja burra o suficiente para chegar perto de você outra vez, mas se fizer isso e eu não estiver por perto, enfrente-a. Não há outra forma de conquistar respeito, bebê.

Aceno, olhando-o embevecida.

— Obrigada. — sussurro com a voz rouca, arfante. — Para você deve ser fácil, provavelmente nasceu assim, durão. — digo com leve divertimento.

Heitor fica em silêncio, o maxilar um pouco tenso, os olhos escurecendo por um momento.

— Não, eu não nasci assim. — é tudo que diz e puxa a minha cintura, colando nossas pelves. Ofego, sentindo seu pau muito duro encostando em meu clitóris. Ele estava afetado também por estar perto de mim. A mão livre segura minha nuca e eu gemo baixinho. Sempre faz isso antes de me beijar. Minha boca se enche d'água, expectante. O sorriso cínico que tanto me abala brinca em sua boca.

— Eu não sei ser durona. Mas vou tentar. — mio, lutando para não esfregar meu centro em seu pau.

— Tente. Nunca apanhe desse jeito de novo. — torna a dizer ferozmente. Então um flash de diversão cintila nas piscinas azuis glaciais. — Comigo você não parece ter papas na língua. — rosna, aproximando a boca da minha. — Me desafiou desde o primeiro momento. Me prometa que não vai mais deixar ninguém levar a melhor sobre você.

Um sorriso brinca em minha boca. Ele tem razão. Sempre o enfrentei. Acho que pela situação imoral em que me jogou. Estendo as mãos, tocando-o finalmente, segurando seus ombros largos sobre o terno caro. Estou mole em seus braços, apaixonada, encantada que tenha se levantado em minha defesa.

Pela minha vez em minha vida, tenho alguém me defendendo. Ele não tem ideia do que isso significa para mim.

— Prometo. — sussurro, muito abalada com esse novo sentimento pulsando dentro de mim. Tenho que me policiar para não ficar olhando-o embasbacada. Heitor é experiente, vai perceber que estou apaixonada se não tomar cuidado. — Vou aprender a ser forte. — sorrio devagar, querendo aliviar um pouco o clima, então solto: — Não sei o que me dá com você... Antes de você eu não tinha enfrentado ninguém. Acho que se deve ao fato da sua proposta totalmente imoral.

Seu sorriso perverso se alarga e ele sussurra contra a minha boca:

— Sim, eu sei que a forma como a tomei foi imoral. Você sentiu tesão por mim desde o primeiro encontro, porém. — lambe meus lábios e minha vagina pulsa sem controle. — Em sua inexperiência, achava que me desafiando iria me fazer deixá-la em paz. — seus olhos ficam mais penetrantes, invadindo a minha alma. Ofego, excitada, deliciada. — Não sabia que quanto mais se recusava a ser minha, mais louco para possuí-la eu ficava. — roça os lábios nos meus e me morde com a pressão perversa e deliciosa que me deixa pingando e latejando para ele. Com mais um meio sorriso arrogante, sua boca mergulha na minha e eu suspiro, êxtase puro se espalhando em cada célula do meu corpo. Eu me colo a ele e abro a boca, recebendo sua língua sofregamente. Heitor geme rouco, a mão descendo, apertando minha bunda. Nós nos beijamos com abandono, nos esfregando, cheios de tesão. Sua boca experiente me devora com força no primeiro momento, bebendo-me com posse como eu a ele. Depois de um tempo, diminui o ritmo, sugando e mordiscando minha língua devagar, sensualmente.

— Eu quero você. — as palavras escapam da minha boca direto para a sua.

Ele ri. Então se afasta um pouco. Fico pendurada nele, querendo desesperadamente que arranque minhas roupas e me tome aqui, em cima da pia.

— Eu também. — murmura asperamente, o polegar tocando minha boca inchada do seu beijo devastador. — No entanto, tenho sido um idiota ganancioso. Estive por duas semanas inteiras em cima de você. — seu olhar e tom de voz assumem aquela suavidade que estou amando ver nele esta noite. — Vou deixá-la descansar e se recuperar do *jet lag.*

— Estou bem...

— Não, não está. — ele me corta com firmeza, segurando minha nuca, a boca ainda bem perto da minha. Deus, eu amo esse jeito que me pega, dominante, todo macho. — Esteve bocejando todo o jantar. Vá para a cama. — sussurra, dando mais um beijo em minha boca. — O museu da HTL irá reabrir depois de amanhã. Estou sem sono, vou aproveitar e trabalhar no meu discurso.

Suspiro em derrota. Ele está certo. Ainda estou sentindo os efeitos do fuso. A viagem da Grécia até aqui é muito longa, mesmo voando em jato particular.

— Meu sono foi embora. — murmuro sem me dar por vencida. — Posso ajudá-lo com o discurso? — franzo o cenho e indago: — Não tem uma RP ou algo do gênero para cuidar disso para você?

Seus olhos estreitam e ele sorri. É o sorriso satisfeito que dá sempre que faço um comentário esperto.

— Sim, há vários RPs na empresa, uma exclusiva para a presidência, aliás. Porém, gosto de escrever meus pronunciamentos. Ela apenas aprova. — diz baixinho, sugando meu lábio inferior. — Minha neném quer me ajudar com o discurso?

Eu derreto quando usa esse termo. É tão gostoso, íntimo. Só que no momento, seu tom sugere que não está acreditando que posso realmente ajudá-lo. Rolo os olhos. Ele é tão pedante às vezes.

— Está duvidando da minha capacidade? Fui a oradora da minha turma, para a sua informação. — digo do alto da minha experiência de oradora do Ensino Médio. — Eu escrevi meu discurso.

Ele ri profundamente, fazendo meu coração saltar. Que homem lindo, meu Senhor. O clima está mais leve agora, sedutor. Os olhos azul-gelo ficam quentes, grudados nos meus, intensos.

— Vamos ver o que sabe fazer, bebê. — sussurra contra a minha boca. Meu núcleo aperta com seu tom e olhar penetrante. — Vou buscar meu notebook no escritório e volto para cá.

Aceno, lamentando ter que tirar meus braços do seu pescoço.

— Vou mudar para algo mais confortável. — digo, soltando-o. Sua mão

aperta minha bunda suavemente e ele se vai, me deixando fria sem seu corpo quente junto ao meu. Seus olhos se estreitam um pouco.

— Você está bem mesmo? — pergunta com suavidade.

— Sim. — murmuro, olhando-o embevecida, meu policiamento escorregando. — Obrigada. Ninguém nunca tomou as minhas dores antes...

Seu maxilar trinca e os olhos azuis glaciais queimam fugazmente.

— Você tem a mim agora. — diz e meu coração perde uma batida. Oh meu Deus, o que ele está dizendo? Ele deixa o banheiro sem olhar para trás e meus olhos se enchem de lágrimas. Faça-o me amar, Deus, por favor. Por favor, faça-o me amar. Peço fervorosamente.

Eu escovo os dentes e troco o macacão para um baby-doll de cetim branco-gelo. Não demora muito e Heitor está de volta no quarto. Seus olhos correm por mim, apreciativos, me deixando quente. Ele me deseja. Não há como negar o jeito que me olha. Isso tem que ser um bom começo, não é? Como Calista fez com Dimitri, vou me dedicar a ganhar o coração do meu marido. Esse casamento pode durar, acabo de perceber e vou lutar com todas as minhas forças para que isso aconteça. Heitor suavizou comigo, me respeita pelo menos um pouco agora. Posso fazê-lo se apaixonar por mim? Deus, espero que sim. Ele vai me amar e nunca mais serei sozinha.

— Vou me trocar também. Só um minuto. — diz, colocando sua pasta sobre a cama. Aceno e ele some no banheiro.

Eu me instalo na cama, recostada aos travesseiros e o aguardo. Instantes depois, ele me faz babar quando reaparece usando apenas a calça do pijama, o abdome e peitoral firmes clamando pela minha língua. Minha boca saliva enquanto o devoro sem nenhuma vergonha. Ouço sua risada baixa, pedante, e arrasto meus olhos para os seus. Ele é tão... Tão homem, sua expressão fechada, os olhos sérios, quase duros, me fazem muito excitada. Nunca vou entender a razão disso. Fui atraída pelo seu jeito frio e duro desde o começo. A expressão em seus olhos traz um aviso para as pessoas não se aproximarem demais. Qualquer garota em sã consciência sairia correndo, mas não eu. Eu não vou a lugar nenhum. Achei meu lugar no mundo e é ao lado dele, o homem que tomou meu corpo e coração. Ele pega seu notebook e vem para o seu lado da cama, recostando-se perto de mim. Eu me seguro para não suspirar sonhadora. Parecemos um casal de verdade. Ainda estou em êxtase

por ter ordenado à Rosa que trouxesse minhas coisas para seu quarto. Ele me quer por perto. Está bem, sei que nesse momento é pelo sexo, mas vou virar esse jogo.

— Deve introduzir piadas em meio às suas falas. — murmuro depois de alguns minutos, vendo seus dedos voarem sobre o teclado do note. Concordamos que ele digitaria e eu iria dando sugestões. — Vai dar mais leveza para o ouvinte.

Ele me olha de lado, uma ruga no meio de testa.

— É essa a sua ajuda, neném? Está me confundindo com um algum humorista fodido de *stand-up comedy*?

Eu rio alto com a sua recusa veemente.

— Aqui, nesse trecho. — aponto para a tela onde ele menciona a história da empresa. — Pode introduzir algum fato engraçado sobre seu pai, ou tio, os fundadores da HTL.

Toda a diversão vai embora do seu rosto.

— Não há nada remotamente engraçado sobre Logan Maxwell. — cospe com o olhar frio que conheço bem. — Tio Natan segue o mesmo padrão.

Engulo em seco, me arrependendo imediatamente por ter trazido seu pai para a conversa. Está claro para mim que tiveram problemas.

— Sinto muito. — digo baixinho, tocando seu antebraço. Ele fica tenso com meu toque. Deus, que homem complicado. — Pode falar sobre algum acontecimento divertido desde quando assumiu a empresa. — tento desesperadamente recuperar o clima leve de antes. — Nos primeiros meses, anos, não cometeu nenhuma barbeiragem? — provoco-o abertamente. — Vamos, mesmo um fodão como Heitor Maxwell deve ter algumas passagens legais para contar.

A expressão severa relaxa um pouco e os cantos da boca firme tremulam ligeiramente.

— Você é péssima em discursos, Sofia. — zomba, mas há a centelha provocativa em seu tom e olhar. — Tenho pena do resto da classe se a escolheram como oradora.

Eu estreito meus olhos nele, fingindo-me de ofendida.

— Tão pedante, senhor Maxwell. — rolo os olhos. — Tudo bem, prossiga com seu discurso rígido como se estivesse em um funeral. Eu não vou mais ajudar.

A risada baixa me pega de surpresa e seus dedos voltam a digitar, abrindo um parêntese onde apontei.

— Tudo bem, você venceu. — murmura. — Mas não vou falar de minhas *barbeiragens*...

— Então houve mesmo algumas, hein? — rio satisfeita. — Quem diria...

Ele me prega no lugar com seu olhar glacial.

— Você quer me fazer de idiota na frente dos convidados? — pergunta e não sei se está ofendido ou apenas me provocando. Sua expressão é muito bem guardada.

— Homens... — bufo, fazendo-o semicerrar os olhos. — Pode contar como se fosse outra pessoa, um executivo de outra empresa, quem sabe... — seus olhos se iluminam com minha sugestão e um meio sorriso brinca em sua boca. — Ouvi seus discursos na Grécia. Não me leve a mal, você foi maravilhoso, pontual, só que é muito sério. A reabertura de um museu merece um discurso mais alegre.

Ele me encara insistentemente e meu coração dá uma cambalhota no peito pela expressão orgulhosa nos olhos azul-gelo.

— Continuo achando que se daria bem demais na advocacia. — sussurra, o rosto se aproximando do meu. — Vai me ajudar com os discursos de agora em diante. Está interessada em uma vaga de assistente pessoal?

Eu rio, sentindo meu rosto corar pela sua aceitação.

— Obrigada, mas não sei se daria conta de trabalhar para um CEO tão exigente. — eu me surpreendo com meu tom provocante.

Ele ri, aquele som profundo que amo. Seu rosto todo relaxa, ficando deslumbrante.

— Não posso contestar isso. — sussurra. — Mas tenho a impressão de que aprenderia rapidinho a atender as minhas exigências, bebê. — há uma sugestão perversa em seu tom e nos olhos azuis intensos.

— Ainda estamos falando sobre trabalho? — minha voz sai um tanto

rouca.

Um lento e pervertido sorriso se espalha no rosto severo e bonito.

— Ah, essa sua boquinha argumentativa, neném... — rosna, tocando o indicador em meu nariz. Ele gosta de fazer isso. — Observe se está no tom certo, não quero parecer um pateta na cerimônia. — resmunga, os dedos voltando a voarem sobre o teclado. Caímos em um silêncio cúmplice, íntimo, enquanto digita. Heitor tem um raciocínio muito rápido, percebo e suspiro como uma mocinha de filmes antigos, vendo como encaixou duas histórias divertidas sobre aviação.

— São sobre você? — pergunto, segurando um bocejo, o cansaço batendo com força.

— Informação confidencial. — ri baixinho, salvando o texto e fechando o note em seguida. Ele se inclina, colocando-o sobre o criado-mudo junto com a pasta. Eu me estico, me deitando, o bocejo voltando e saindo em um barulho escandaloso. Meus olhos estão pesando e ouço sua risada profunda. A cama macia, aconchegante e o som do seu sorriso me fazem sentir tão bem. — Parece que alguém está de fato cansada. — ouço-o murmurar e então os braços fortes estão me puxando gentilmente, mas com firmeza, para o seu peito. Meus olhos abrem, meu coração saltando forte. Ele nunca dorme comigo assim, se não tivermos fazendo sexo. Ele nunca...

— O que está fazendo? — pergunto tão baixinho, com medo de tirar conclusões apressadas.

Seus olhos prendem os meus e sua boca desce na minha em vez de me responder com palavras. É apenas um breve selinho, mas meus olhos lacrimejam pelo súbito gesto de carinho. Seus braços me puxam mais e eu gemo, derretendo nele, me esparramando em seu peito, querendo-o tão desesperadamente. Isso tudo estava aqui dentro de mim antes? Por que agora cada gesto dele parece enorme, mexendo mil vezes mais com as minhas emoções? Isso é o amor? Você ansiar, desejar o toque da pessoa amada com tanta força que parece que vai morrer se não for correspondida? É assustador precisar de outra pessoa assim.

— Durma. Descanse para mim. — roça a boca na minha, me fazendo pulsar em todas as partes, querendo-o gananciosamente, mesmo estando cansada. Seu olhar fica um tom mais suave e ele sussurra: — Boa noite, bebê.

— Boa noite, Heitor. — murmuro não cabendo em mim de felicidade por dormir em seus braços sem sexo envolvido. Eu me aconchego mais, deslizando a mão pelo peitoral sólido. É bom demais poder tocá-lo livremente.

Apoio a cabeça em seu peito e fecho os olhos, um sorriso curvando meus lábios. O frio e duro Heitor Maxwell pode ser gentil. Seu coração pode ser tocado. Suspiro sonhadora antes do sono me arrebatar.

Um mês depois...

Heitor

O salão inteiro irrompe em aplausos e sons animados. Um sorriso completo se espalha em meu rosto. Mesclar conteúdo mais leve e divertido em meus discursos foi uma sacada e tanto de Sofia. A menina é muito esperta para o seu próprio bem. Estamos em um evento beneficente de uma das instituições de caridade apoiadas por minha avó. Todo ano ela intima Tristan e eu a comparecermos. Dona Magnólia proferiu algumas palavras de abertura, convidando o público abastado a abrirem suas carteiras e colaborarem com a instituição e voltou ao seu lugar na mesa central. O discurso acaba sobrando para mim, uma vez que meu irmão odeia formalidades. Por falar nele, ainda não deu as caras por aqui. O jantar de gala está acontecendo no Club Athletico Paulistano, um dos mais tradicionais de São Paulo. Os Camargo são sócios desde a sua fundação e minha avó se orgulha de ser um membro atuante. Eu desço do palco e ando em linha reta para Sofia, que está sorrindo lindamente e aplaudindo ao lado de dona Magnólia.

As duas desenvolveram uma relação próxima em uma rapidez que me surpreendeu. A festa de apresentação de Sofia como minha esposa foi há duas semanas, e foi um sucesso. Minha avó sempre soube dar uma festa com estilo, os nomes mais influentes da sociedade paulistana estavam presentes. Sofia brilhou naquela noite sob a sua orientação e tem brilhando desde então em cada evento que precisamos aparecer como casal. E têm sido muitos. Chovem convites para os mais variados eventos desde a sua apresentação. Chá das cinco, almoços, jantares, etc. Todos querem conhecer de perto a mulher que conquistou o solteirão convicto.

Diminuo a passada, tomando meu tempo em admirá-la, que usa um longo negro de alças finíssimas, ajustado ao corpo delicioso, a saia se alargando no

estilo rabo de sereia. Ela ganhou uns dois ou três quilos, uma vez que não precisa seguir mais uma dieta rigorosa por causa do balé. Suas curvas, que já me deixavam louco, agora... Porra, vivo babando atrás da menina. E o sexo... Deus, o sexo é algo inexplicável, não há nenhum parâmetro, porque antes dela nunca senti tal nível de prazer. É viciante. Ela aprendeu rápido e está desabrochando em uma mulher segura, sensual. Faz tudo que me agrada na cama, me enlouquece, tão sedenta quanto eu. Continuo apreciando-a com encantamento, não me importando em parecer tolo. A cabeleira castanha e longa está solta, mas perfeitamente domada, a franja longa caindo sedutoramente sobre o lado direito do rosto. Seu sorriso vai morrendo à medida que eu chego mais perto. Minha fome interminável por ela deve estar estampada em meu rosto. Ela está usando o colar de esmeraldas que a presenteei antes de sairmos de casa. Percebi que aprecia quando eu mesmo escolho seus presentes e tenho feito muito isso desde que nos entendemos e passamos a conviver bem nesse novo arranjo.

Paro à sua frente. Minha avó está falando algo, me forçando a desviar os olhos de Sofia.

— Oh, Heitor, querido, esse foi um belo discurso. — seus olhos estão brilhantes, radiantes. Está linda e elegante como sempre. Inclina-se e me dá um beijo afetuoso no rosto. Ainda fico um pouco tenso com o contato, nada tão preocupante como antes, no entanto. Minha convivência com Sofia tem me ajudado com isso, tenho que reconhecer. Gosto de tocá-la, abraçá-la, beijá-la, inclusive fora do sexo, o que é uma aberração em se tratando de mim. Enfim, o fato é que tenho me sentido mais à vontade sobre demonstrações de afeto com minha avó e Tristan também. — Não me lembro de vê-lo tão à vontade no palco... Tão solto...

Sua expressão fica mais concentrada e parece que vai acrescentar mais alguma coisa. No entanto, ela apenas sorri. O sorriso misterioso de Dona Magnólia.

— Obrigado, vovó. — digo, beijando sua bochecha. Seus olhos brilham satisfeitos, ela também está percebendo a mudança em mim. — Adoraria levar todo o crédito, mas Sofia tem me dado uns toques para melhorar meus discursos.

O sorriso da minha avó se alarga e ela olha para Sofia.

— Minha neta é inteligente, isso eu já sabia. — diz, me fazendo rir e Sofia

ficar vermelha. Alguns membros da mesa riem também, sequiosos para participarem da nossa conversa.

— Oh, não, vovó Mag, Heitor é quem escreve tudo, eu apenas sugeri mais leveza. — Sofia dá de ombros. — Só isso.

— E modesta também. — minha avó murmura com adoração para a menina que ganhou seu coração. — Agora pare de ser lento e leve a sua mulher para dançar, menino.

Mais risos na mesa. Os olhos verdes de Sofia vêm para os meus e eu sorrio levemente, estendendo a mão. Conduzo-a para o centro do salão. Posso sentir os muitos olhares sobre cada movimento nosso e me sinto orgulhoso, arrogante mesmo por ela ser minha. Enlaço sua cintura fina e a puxo para mim, colando o corpo delicado ao meu. Nós dois gememos baixinho com o encaixe perfeito. Ela arfa, levantando as mãos para o meu peitoral, o rosto vindo para perto do meu. Meu pau gosta disso, ficando duro. Sofia sente a minha animação e um sorriso sedutor brinca na boca carnuda pintada de vermelho-escuro. Mal posso esperar para ter esses lábios enrolados em meu pau, manchando-o desse batom luxurioso. Minha mão livre acaricia suas costas nuas e sobe para a nuca, então nós dançamos o jazz sensual.

— Parabéns, você está ficando bom nisso... — sussurra, lambendo o lábio inferior. Eu rosno, seguindo o movimento da sua língua. O risinho de menina safada curva sua boca, sabendo o que está fazendo.

— Obrigado. Minha esposa é uma ótima oradora. — minha voz sai áspera. Ela ri gostosamente. — Agora, se não se comportar, vou te arrastar para alguma sala vazia e te comer com força, como fiz na sua festa de apresentação. — geme com as minhas palavras chulas. Aposto que as memórias daquela noite estão em sua cabecinha linda bem agora. Ela me tentou até que não me contive, arrastando-a para o jardim da minha avó e a comi por trás, prensando-a contra uma pilastra. É, eu sei que foi louco, inconsequente. Nunca fiz essas extravagâncias antes, no entanto, foi gostoso demais fodê-la no jardim enquanto a festa rolava na casa. O risco de sermos apanhados tornou a experiência memorável. Gozei tão intensamente que fiquei a festa inteira drenado de energia. — Vai ficar andando estranho o resto da festa. Sabe que amo meter bem fundo em você, sem pena. Quer isso, neném?

— Sabe que sim. — choraminga, roçando-se discretamente em meu pau.

— Amo tomá-lo todo. — sussurra como uma deusa sensual. Ela sabe que me enlouquece de tesão e aprendeu a jogar com isso. — Ai, droga, estou no meu período... — Lamenta-se.

Eu rosno, meu sangue inflamado, todo alojado no sul. Porra, é verdade, seu ciclo desceu hoje de manhã. Senti um misto de desapontamento e alegria quando me disse. Por um lado, quero meu filho o quanto antes, porém, quero desfrutar dela o máximo de tempo possível antes de encerrarmos o nosso arranjo. Gosto de saber que é minha, apenas eu possuo esse corpo até então intocado antes de mim. Já me peguei querendo sugerir que tomasse a pílula para ficarmos mais tempo juntos. Sacudo a cabeça, espantando o pensamento. É loucura, puro deslumbramento da minha parte. Temos um arranjo, isso é tudo que temos. Preciso me lembrar disso e manter o foco.

— Sente cólicas, algum incômodo? — murmuro, esfregando meus lábios nos seus.

— Não. Só fico um pouco estressada. — diz, dando de ombros.

— Bem, então não é realmente um empecilho. — digo com safadeza pingando em meu tom. — Vou beijar, lamber cada centímetro dessa pele linda. — choraminga com minha promessa safada. — Prometo deixar a minha neném bem relaxada. Mas dadas as circunstâncias, isso pode ser meio sujo... Melhor fazer em casa. — ela geme em lamento e ri em seguida, acenando.

— Concordo. — sussurra.

Continuamos dançando e nos provocando. A forma como nos encaixamos, a rapidez com que construímos essa intimidade e, arrisco dizer, cumplicidade, é ainda incompreensível para mim. Nunca deixei nenhuma mulher chegar tão perto quanto Sofia está agora. Mas, porra, eu gosto disso. A simples ideia de que isso aqui terá um fim faz meu peito apertar. Talvez eu deva falar com ela sobre a pílula. Mais tempo com ela. Eu me recuso a analisar a razão de eu estar tão tocado por essa menina a ponto de querer mais tempo juntos. Só sei que continuo querendo-a com loucura. Assustadoramente mais do que antes.

— Vou pedir o helicóptero. — murmuro, mantendo-a bem colada a mim. — Assim você não fica mais estressada.

Seus olhos cintilam. Puro prazer tomando suas faces bonitas. Ficamos nos olhando, o resto do salão esquecido.

— Deve ser tão chato ser um CEO influente, não é? — diz com um risinho provocante.

Eu sorrio. Profundamente. Aquele brilho nos olhos de pedras preciosas se intensifica. Meu coração fica todo quente enquanto a encaro fixamente. Se eu estivesse à procura de amor, se eu quisesse sossegar com uma mulher só, eu a escolheria. Sem dúvidas, ela me completa de todas as formas possíveis. Eu poderia amá-la algum dia? Reformulando, eu poderia *amar* algum dia? Pergunto-me sem nem ao menos piscar. Sou tão ganancioso com ela que se piscar posso perder algo, um ínfimo detalhe em sua expressão. Então, não pisco, apenas a olho mais e mais, nunca me cansando.

— É tedioso... — eu brinco. — Estou cuidando de você e de mim também, uma vez que já ouvi coisas tenebrosas sobre a temível TPM. — digo, tentando aliviar o clima e quebrar esse feitiço que parece descer sobre mim sempre a tenho em meus braços.

Sofia sorri, entrando no jogo.

— Não chega a ser TPM, apenas uma leve irritação pela mudança hormonal. — diz baixinho, enquanto balançamos nos acordes finais da terceira música.

Eu aceno. Adoro o jeito que fala. Parece tão madura para a sua idade. Ela lê muito, já percebi. De vez em quando se tranca na biblioteca e a encontro adormecida no divã com um livro aberto ao lado. Certamente vem daí essa sua habilidade em conversar sobre os mais variados assuntos, mesmo tendo apenas a escola básica. Isso me encantou desde a Grécia, e minha admiração só aumentou desde então. Ela irá se inscrever para a faculdade de dança no próximo mês com aulas previstas para o começo do ano. Nossa. Já estamos no final do ano. Franzo o cenho com a constatação. Eu giro-a duas vezes e meu coração salta ao ver os movimentos elegantes de bailarina, o jeito refinado com que praticamente flutua para longe e depois de volta para mim. Nossos olhares se prendem em mais um momento íntimo, preenchido com algo potente que está ameaçando me esmagar. Beijo-a delicadamente na boca e enlaço sua cintura, afastando-a um pouco.

— O jantar será servido em breve. Melhor voltarmos para a mesa. — digo-lhe, começando a nos guiar de volta.

Chegamos à mesa e avisto Tristan conversando com a nossa avó,

provavelmente se desculpando pelo atraso. Meu irmão é terrível com eventos formais. Sua cabeça escura gira em nossa direção e seu rosto se ilumina com um largo sorriso. Ele se levanta para nos cumprimentar.

— Ei, mano. — vem me dar um abraço fraternal. Tem uma semana que não nos víamos. Ele está voltando para as rotas internacionais no próximo mês. A comissária de bordo que estava tentando arruinar sua carreira não levou o processo adiante. Alberto desenterrou um vídeo da garota fazendo sexo com dois pilotos da concorrência no ano passado. Ele é um filho da puta esperto, tenho que lhe dar todo crédito. Achei que a vadia iria nos extorquir e ainda prejudicar Tristan. — Você parece... — ele se afasta para me dar um olhar. — Bem, H. Muito bem, na verdade.

— Ei, T. — bato em seu ombro, mantendo-o perto, não querendo me livrar logo do contato. Ele tem percebido isso também. Ele se inclina e sem a menor cerimônia me dá um beijo no rosto. Eu tenho que dizer que seu gesto me deixa emocionado. Porra, meu irmãozinho e seu jeito expansivo. Limpo a garganta. — Sim, estou bem. E você? Animado para retomar suas preciosas rotas internacionais? — brinco.

Algo passa em seus olhos negros. Mas ele sorri, acenando, e dirige sua atenção para Sofia.

— Bonitinha. — ele a envolve em um abraço caloroso. Sofia sorri. Ela gosta da interação com Tristan. Eu tento não ficar enciumado com a facilidade com que os dois estreitaram laços nesse curto período em que a menina entrou em nossas vidas. — Senti saudades suas.

Eu rolo os olhos.

— T, você estava fazendo falta. — devolve com uma risadinha suave. — Onde esteve essa semana?

Meu irmão lhe oferece um sorriso arrogante.

— Colocando a HTL em marcha, querida. — ele pisca. — Eu sou o Maxwell que coloca tudo em prática, você sabe. — sussurra em tom de segredo. — Seu marido aí fica com a parte realmente chata da coisa. Quando quiser se divertir um pouco venha voar comigo.

Eu rosno para a sua besteira. O idiota está sempre no modo conquistador barato.

— Meu irmão não tem problemas com autoestima, como pode ver, Sofia. — digo, puxando-a de volta para mim. Isso não passa despercebido a T, que sorri maliciosamente. — Eu fico com a parte que realmente faz tudo acontecer, irmãozinho. — rebato.

Ele gargalha com vontade.

— Bem, vamos deixar que Sofia escolha qual irmão é mais emocionante. — o bastardo pisca de novo.

— Cresça, T. — zombo e ele sorri com sua irreverência habitual, o rosto suavizando.

— É bom ver você, irmão mais velho. — diz com afeto.

Eu resmungo, amolecendo com ele, mesmo contra a minha vontade.

— É bom ver você também. — digo sucintamente.

Nós nos acomodamos à mesa e ele passa a contar como foi a sua semana para a nossa avó, que olha para ele com adoração. Sofia o informa que já está providenciando a inscrição para a faculdade e T a ouve com interesse. Os olhos escuros se iluminam e o flerte deixa seu rosto. Em seu lugar fica apenas uma expressão quase fraternal.

— Você pode escolher a carreira que quiser, bonitinha. — diz a Sofia em um raro momento de seriedade. — É muito inteligente. — franze a testa em concentração. — Eu acho que fora minha avó, você é única mulher com quem tenho conversas profundas.

Sofia ri gostosamente da admissão do meu irmão paquerador. Dona Magnólia meneia a cabeça, murmurando:

— Você já está na idade de sossegar, querido. — diz-lhe suavemente.

Tristan quase se engasga com o uísque que está bebendo.

— Vovó, não! Pelo amor de Deus... — ele faz levianamente o sinal da cruz. — Estou bem assim, amém.

Nossa avó torce o nariz, mas ri da irreverência do neto, como sempre.

— Menino bobo. Tudo tem seu tempo. — os olhos castanhos dela se voltam para mim.

Gostaria de poder lhe dizer que não posso ser usado como exemplo. Não é

aconselhável diante do seu estado permanente de encantamento por Sofia. O jantar é servido em seguida e nos envolvemos em conversas com o restante da mesa composta por alguns dos representantes do dinheiro tradicional de São Paulo. Em algum momento, alguém traz a causa da noite e passamos a discutir sobre a importância do engajamento em causas sociais. Alguns são contra, acham que o governo é quem precisa se preocupar em desenvolver políticas que ajudem a amenizar tais problemas.

— Em um país grande como o nosso, geograficamente falando, não podemos ficar esperando apenas a boa vontade do governo. — Sofia solta e todos na mesa voltam suas cabeças para ela. — O empresariado deveria promover mais eventos como esse em prol de outras causas como o incentivo da Arte para as camadas menos favorecidas. A dança, por exemplo, seria uma ótima aposta para crianças e adolescentes de comunidades pobres.

Todos estão boquiabertos. Menos eu, que já conheço sua cabecinha inteligente e sua boquinha argumentativa. Um sorriso de puro orgulho tremula em minha boca.

— Com todo o respeito, você sabe do que está falando, menina?

Gustavo Medeiros, CEO de uma grande empresa de telefonia e amigo antigo de minha avó, a desafia. Ele tem fama de ser um filho da puta governando seu império com mão de ferro. Rio furtivamente. Exatamente como eu. Não gosto da forma quase desrespeitosa com que pronunciou *menina* no final da frase, no entanto.

— Os pobres desse país não querem ter acesso à cultura elitizada, Sofia. — o homem torna com seu tom complacente de quem viveu muitas décadas a mais que ela. — Prova disso é a música de gosto duvidoso que atende pelo nome de funk ter se tornado cada vez mais popular. — ele torce o nariz com esnobismo.

Posso sentir Sofia fervendo com esse comentário preconceituoso do Medeiros.

— A dança, a música, a arte em geral, são pouco incentivadas pelo poder público. — Sofia diz em uma voz segura e com um toque de petulância. — Vou mais longe, senhor Medeiros. — seus olhos verdes endurecem sobre o homem. — O senhor e a sua empresa já tentaram desenvolver algum projeto que levasse a *cultura elitizada* para as massas? — ela faz aspas em cultura

elitizada. A mesa fica em silêncio e ela olha cada um dos empresários. — Há mesmo tal cultura elitizada? Ou leva esse nome porque apenas os privilegiados têm acesso a ela? — ouço a risada baixa e também orgulhosa de Tristan. — Aproveitando o ensejo da noite, o que os senhores estão fazendo para ajudar a popularizar a arte em nosso país? Ou talvez seja mais cômodo apenas sentar aqui com suas bebidas e comidas caras e criticar a falta de cultura do povo brasileiro. — porra, eu quase engasgo com a minha bebida. Ela está linda defendendo seus ideais. Repito o que já lhe disse, se daria bem demais no ramo jurídico. — As camadas populares não têm cultura? Sim, eles têm a sua própria cultura, seu próprio modo de vida. É acertado dizer, porém, que eles não valorizam a tal cultura elitizada porque historicamente sempre ficaram à margem.

O silêncio é sepulcral quando termina seu discurso apaixonado e desafiador. Medeiros está atordoado, para dizer o mínimo.

— Desculpe-me se fui grosseira em algum momento, por favor. — Sofia parece cair em si, seu rosto ficando lindamente rosa. — Eu me empolguei. Senhor Medeiros, queira me desculpar se...

Ele estende a mão, calando-a e ri, abanando a cabeça.

— Fique tranquila. Meu couro é grosso, minha jovem. Quisera eu que meus netos tivessem tanta atitude assim. — seus olhos astutos vêm para mim. — Você escolheu bem sua esposa, Heitor.

Não posso evitar o sentimento de orgulho e, acima de tudo, posse se espalhando em minhas veias. Eu apenas aceno e levanto meu copo para ele em um brinde mudo.

— Eu gostaria de ouvir mais sobre suas ideias, Sofia. — o rosto enrugado de Gustavo assume um ar de genuíno interesse. — Uma iniciativa sobre dança para os jovens menos favorecidos, entendi bem a sua proposta?

O rosto de Sofia se ilumina ao ver que o velho não se ofendeu com seus arroubos.

— A arte em geral, senhor. Mas, sim, a dança é algo que posso falar com mais propriedade, uma vez que ela tem sido um componente importante na minha vida.

— Porra, H, por que você teve que vê-la primeiro, cara? — Tristan exclama bem-humorado e a mesa ri com ele.

Eu rolo os olhos. Então algo apita em minha mente. É isso! A HTL tem inúmeros projetos sociais, inclusive uma fundação própria para angariar fundos para esse fim. Contudo, não temos nada relacionado à arte ou dança, especificamente. Pego a mão de Sofia em cima da mesa e ela vira a cabeça, os olhos verdes encontrando os meus.

— Vai me desculpar, Medeiros, mas esse projeto será da HTL. — digo com arrogância e possessividade sobre a mulher e o projeto. Os olhos de Sofia ampliam, sua boquinha vermelha entreabrindo em surpresa. — Vou colocá-la em contato com a nossa fundação, Sofia. Pode compartilhar suas ideias e nós faremos acontecer, bebê.

Tenho a impressão de ouvir alguns suspiros femininos na mesa.

— Heitor... — murmura com voz emocionada. Os olhos são duas pedras preciosas cintilando calorosamente para mim. Ela se inclina, o rosto ficando bem perto do meu, e sussurra quase tocando a minha boca: — Isso é tão gentil... Obrigada. Estou meio perdida sem o balé no meu dia a dia.

— Eu sei, neném. Estive pensando em algo. — levanto a mão livre, tocando o rosto perfeito. Ela sorri, um tipo de sorriso doce cheio de querer e algo mais que não me arrisco ir a fundo nesse momento.

— O quê? — pergunta baixinho. Estamos isolando o restante da mesa, nosso foco apenas no outro.

— Se quiser pode remodelar um dos quartos no andar de cima... — junta as sobrancelhas em confusão. — para fazer um estúdio de dança. Pode treinar em casa mesmo, o que acha? — seus olhos se enchem de lágrimas e ela ofega. Eu pensei que estava emocionada antes com meu apoio às suas ideias. Não, está emocionada agora. Isso faz algo dentro do meu peito. Gosto de saber que *eu* coloquei essa expressão em seu rosto. Gosto mais do que devia diante da nossa real situação.

— Heitor... É perfeito. — sua voz sai levemente embargada. Estende a mão delicada e toca meu rosto, me fazendo gemer baixo quando desliza os dedos pela minha barba aparada. Seus olhos transbordam de lágrimas. Ela meio que sorri e chora ao mesmo tempo, e é a coisa mais bonita que já na vida. — Um estúdio só para mim? — diz entre lágrimas. Sorrio, meu coração quente, amolecido por essa menina, então limpo suas faces delicadamente. Há sussurros e suspiros claros na mesa agora. Eu sei o que deve parecer: um

casal extremamente apaixonado. — Não me ache uma boba, por favor, é só que isso é... — engasga. Rio levemente, continuando minha tarefa de limpar seu rosto, meus olhos intensos nos seus. Ela toca os lábios deliciosos nos meus em um beijo suave, reverente, antes de completar: — Significa muito para mim. Obrigada.

Meu coração fica ainda mais aquecido. Mas apenas aceno. Meu sorriso sumindo para não fazer uma cena maior na mesa.

— Ótimo. Meu arquiteto cuidará disso ainda nessa semana. — digo no tom de comando que costumo usar.

Ela entende que não aprecio demonstrações públicas de afeto, então acena de volta e se recompõe. Minha avó toca em meu antebraço e eu a olho. Ela está com uma expressão que só posso descrever como realizada em seu rosto bem maquiado.

— Ela te faz feliz, filho. — conspira só para os meus ouvidos. Eu fico tenso com a sua percepção. Olho a menina-mulher ao meu lado e meu coração expande.

Sim, ela faz. Volto a encarar a minha avó e me limito a dar-lhe um aceno quase imperceptível. Não aprecio me sentir assim, de certa forma vulnerável pelos sentimentos que estou desenvolvendo por minha inocente e jovem esposa. Mas talvez seja um bom momento para reconhecer isso. Sofia está alcançando uma parte minha que nunca deixei acessível para ninguém.



CAPÍTULO ONZE

Duas semanas depois... Aeroporto de Guarulhos...

Heitor

Saímos do hangar[9] da HTL e andamos pelo asfalto a céu aberto em direção à primeira aeronave imponente prestes a ser batizada.[10] A brisa suave do entardecer nos envolve. Minha mão está entrelaçada com a de Sofia, enquanto observamos os caminhões do Corpo de Bombeiros se posicionarem. Quatro Boeings estão enfileirados aguardando a ação. Dois modelos 767 e dois 777 comprados para atender o aumento das frequências das rotas internacionais. Estávamos operando em vinte e três frequências semanais, mas graças ao cuidadoso planejamento estratégico, vamos fechar esse ano em melhores condições do que no anterior. Começaremos o ano fungando no pescoço da LATAM.[11] Rio, gostando muito desse prospecto. A pequena multidão se aglomera em nossos lados. Assessores de imprensa da empresa, meu vice-presidente, alguns gerentes, Alberto, e executivos da *Star Aliance* que estão nos visitando, quiseram prestigiar o momento.

Os caminhões se alinham e em seguida grandes jatos d'água são atirados em cima do avião de cada lado, formando um arco elegante, a chuva banhando a aeronave. Palmas e exclamações entusiasmadas ecoam ao redor.

— Que lindo! — Sofia exclama, me fazendo virar a cabeça para olhá-la. Um sorriso de deslumbramento está curvando os lábios grossos. — Não sabia que os aviões podiam ser batizados. — diz baixinho, o rosto sendo tingido de rosa. Ela não gosta de parecer ignorante sobre um assunto.

— Sim, há várias ocasiões que pedem batismo. Aquisição de frota, inauguração de rotas, último voo de um comandante, encerramento das atividades de uma companhia... — sorrio do seu rosto encabulado. — é uma tradição mundial na aviação.

Ela ouve atentamente, sempre ávida por conhecimento. Ouço o estampido das bebidas sendo abertas.

— É lindo. Obrigada por me convidar. — murmura, os belos olhos verdes refletindo os últimos raios de sol.

— Meu prazer. — digo, abaixando meu rosto, minha boca ficando perto da sua. Não gosto de demonstrações públicas de afeto, mas a menina me

seduz, minhas mãos têm vontade própria perto dela. Beijo seus lábios levemente e ela sorri, os olhos brilhando para mim. Meus lábios se curvam sutilmente. Ela é meu vício. Não vejo essa atração poderosa entre nós arrefecendo tão cedo. — Tristan só vai pousar dentro de duas horas devido a um atraso no aeroporto de Manaus. — sussurro, meu tom e olhar cheios de segundas intenções. Combinamos de jantar com meu irmão após o batismo. — Você quer conhecer meu escritório lá em cima? Podemos nos divertir um pouco enquanto o aguardamos. — inclino meu queixo para o segundo andar do hangar.

Ela ri toda sensual e lambe os lábios com provocação clara.

— Talvez... — finge ponderar sobre o assunto. —, sempre tive curiosidade sobre os aeroportos. Você vai me dar uma aula, ou algo assim, senhor CEO da aviação?

Porra. Eu rosno baixo e mordo seu lábio inferior com um pouco de pressão, pouco me importando com quem está vendo. Ela me enlouquece.

— Você é a única que vai *dar* lá em cima, menina. — digo com rudeza e ela geme baixinho.

Rio perversamente e beijo a ponta do seu narizinho atrevido. Meu olhar sobe e encontro Vera na ponta direita, perto de seu pai. Eles chegaram de Buenos Aires na semana passada e fizeram questão de comparecer hoje. Estou em reuniões com Javier sobre os rumos da nossa parceria e ela está apenas acompanhando-o, como sempre fez na falta de ter algo para se ocupar, como um trabalho, por exemplo. Sorri, os olhos castanhos bem maquiados segurando os meus, os lábios vermelhos curvando em uma promessa silenciosa e sedutora. Inclino o queixo levemente em sua direção, voltando a minha atenção para os meus novos bebês.

As palmas continuam à medida em que os caminhões se dirigem para as próximas aeronaves, dando-lhes o mesmo tratamento. Um garçom chega até nós e pego duas taças de champanhe, entregando uma à Sofia. Há mais três garçons servindo os presentes e logo todos estão de posse de suas taças. Levanto a minha, sendo seguido por eles e bebo um grande gole. Já proferi o discurso dentro do hangar, onde o barulho do vento é gerenciável. Os assessores enviarão a matéria à Revista da HTL e outros canais midiáticos. Os convidados passam a se misturar após o fim do espetáculo, interagindo e comendo. Minha avó sempre insiste que devemos servir canapés

acompanhando a bebida nos batismos.

— Parabéns mais uma vez, cara! — Alberto chega do meu lado esquerdo. Seu olhar pousa em Sofia e em nossas mãos unidas. Um sorriso brinca em sua boca.

— Obrigado, amigo. — digo-lhe amistosamente. — Tarde estupenda essa!

Aquele sorriso misterioso curva sua boca outra vez e ele acena.

— Linda, de fato. — concorda e acrescenta em tom mais baixo, conspiratório: — Está batizando uma nova frota, enquanto a sua ex-concorrente está passando por problemas com a ANAC.[12]

— Não brinca, ANAC? — assovio, um sorriso irônico se escancarando em meu rosto. — Como ficou sabendo disso?

Alberto ri com a arrogância que já conheço bem quando se trata de sua competência profissional.

— Digamos que frequento alguns círculos privilegiados no mundo jurídico... — pisca, vangloriando-se.

Eu resmungo.

— Desde que suas fontes sejam seguras, cara.

— Elas são. — seu rosto fica sério e sua voz abaixa ainda mais. — Há boatos de falência, inclusive.

— Porra, perfeito! — digo, virando minha taça.

Sofia parece horrorizada com a minha reação.

— Meu Deus, você está feliz com a desgraça alheia?

Eu a encaro, presunçoso.

— Estou muito triste, bebê. — rola os olhos com a minha cara nada convincente. — Não dá para perceber?

Ela meneia a cabeça e ri descontraidamente, o som penetrando em mim, deixando meu peito leve. Porra, eu estou tão encrencado aqui...

— Tudo bem. Seu mérito em tirar o segundo lugar da concorrente deve ser celebrado. — murmura, tomando um gole da sua taça.

— Sofia tem razão, Heitor. Mérito seu, amigo. — Alberto levanta sua taça

e Sofia e eu brindamos com ele. O garçom passa para no reabastecer e continuamos conversando amenidades. — Como está o projeto de dança para os meninos carentes? Heitor me contou sobre a sua ideia, parece uma ótima forma de abater impostos futuros... — meu amigo tenta incluir Sofia na conversa um tempo depois. Alberto é mais um membro do fã clube da menina nos dias de hoje.

— Está mais do que explicado a razão de vocês dois serem amigos. — ela bufa em desagrado.

Alberto ri, dando de ombros.

— Desculpe. Sou um advogado, sempre verei as coisas pelo lado prático primeiro. — com um sorriso conciliador, acrescenta: — É claro que o impacto social tem sua relevância também.

— Menos mal. — Sofia sorri satisfeita.

— Ela seria uma excelente advogada, Heitor. — Alberto diz, não pela primeira vez.

Eu rio como um pavão mostrando suas penas.

— Eu sei. — digo com orgulho na voz. — Mas a dança é a sua paixão. Não dá para ir contra isso.

Sofia está me dando um olhar suave nesse momento. As obras para adaptação do seu estúdio lá em casa começam na próxima semana. Ela está em êxtase, parecendo uma criança ganhando o presente dos sonhos.

— Eu entendo, amigo. Não dá para lutar contra o que nos toca profundamente. — a voz de Alberto me faz encará-lo, estreitando meus olhos. — A paixão sempre irá vencer.

Ele está todo metido a romântico depois que começou a namorar seriamente Luciana.

— Com licença, senhor Maxwell, se incomoda em tirar algumas fotos perto das aeronaves e nos dizer algumas palavras finais para a matéria? — uma das assessoras de imprensa, uma loira bonita, nos interrompe.

— Absolutamente. — concordo e sussurro para Sofia. — Eu já volto. Fique com Alberto um instante.

Ela acena e Alberto sorri baixinho, me lembrando de Tristan e suas

besteiras. Eu me afasto com a moça e a equipe em direção aos aviões. Fazemos uma sequência de fotos e complemento o discurso inicial, lembrando que a HTL está na cola da LATAM no ranking das companhias aéreas operando no Brasil. Isso será de grande ajuda para fundamentar bem os alicerces para a *Ocean Aliance*. Vamos ser sinceros, ninguém quer ser parceiro de um perdedor. Todos querem entrar para o time que está vencendo, simples assim. Muito em breve estarei celebrando o primeiro lugar, estou trabalhando duramente para isso.

Quando encerramos, a equipe me agradece e eu me viro de frente para as aeronaves, admirando um pouco mais a minha aquisição. Estamos em uma crescente empolgante, ao contrário de muitas empresas que estão fechando as portas ou se mantendo a muito custo. Meu pai me disse, na única vez em que me trouxe para ver um batismo, que seríamos a número um no Brasil. Tristan e eu estávamos tão eufóricos naquele dia. Minha mente viaja para longe, acessando as imagens velhas e borradas. Eu tinha dez e ele seis. Naquele período eu já estava descobrindo que nosso pai não era o mais amoroso e nossa mãe, por tabela, não tinha qualquer instinto maternal, no entanto, ainda queria o amor deles. Eu sonhava com a atenção deles. Uma atenção que nunca veio. Meu coração endurece com as lembranças dolorosas e indesejadas. Por que diabos estou pensando neles agora? Eu me recrimino ao me virar e paro, dando de cara com Vera.

— Oi. — ela ronrona, parando bem perto de mim. Seu vestido bege tem um decote enorme, deixando boa parte dos peitos à mostra. Vera é uma mulher cruamente sensual, segura do seu poder de atração. Sempre gostei disso nela, só que agora, nem tanto. Parece um tanto forçada. — Parabéns! Você deixou a concorrente comendo poeira. — sorri adicionando mais charme. — Ou passando por uma grande turbulência.

Confiro o grupo de pessoas discretamente, notando que Sofia está sorrindo de algo que Alberto está dizendo.

— Obrigado, Vera. — digo enfiando minhas mãos nos bolsos da calça do terno de três peças. O vento sopra mais frio, com o sol quase todo escondido agora.

— Eu aluguei um flat em Vila Nova Conceição. — diz e eu franzo o cenho para a informação. — Pretendo passar uma temporada em terras tupiniquins. Vou receber alguns amigos para uma pequena reunião de casa

nova nesse fim de semana. — diz baixinho: — Venha festejar comigo.

Estende as mãos, apoiando-as em meu peito.

— Seja bem-vinda. — digo calmamente, segurando seus pulsos e retirando suas mãos de cima de mim. — Verei com Sofia. Talvez passemos por lá.

Seus olhos ficam um pouco afiados com a menção à Sofia.

— Ah, sim, claro. — volta a sorrir sedutora, movimentando o cabelo loiro longo sobre os ombros. — Como vai a vida de casado, *mi cariño?* A menina ainda está lhe satisfazendo?

Eu bufo, não gostando do rumo da conversa.

— Sofia é o nome dela, e sim, a vida de casado tem estado muito bem, obrigado. — digo com firmeza. Ela sorri mais amplo e a mão do cabelo desce pelo pescoço, as unhas vermelhas bem-feitas brincando no vale entre os peitos volumosos. Abro um sorriso cínico, reconhecendo suas artimanhas. A mulher é muito safada, gostosa. Essa foi a razão de eu mantê-la esquentando minha cama por tanto tempo.

— Sinto falta de nós, *mi amor*. — sussurra, os olhos me convidando para fodê-la. — Quem está atendendo sua necessidade por variedade? Cibele? Odeio aquela oferecida. É ela? Outra mais nova? — torce o nariz. — Você parece ter desenvolvido um gosto para as novinhas recentemente.

— Apenas Sofia. — digo-lhe sucinto. — Ela tem me mantido satisfeito.

Ela bufa com desagrado.

— Uau, isso sim é surpreendente. — diz em tom baixo. — Heitor Maxwell, o homem mais viril e insaciável que já conheci, se contentando apenas com uma mulher? — faz um beicinho manhoso. — Está me punindo porque não aceitei continuar o nosso caso quando me propôs? *Perdóname, cariño.* Estou aqui agora, tome de volta o que é seu.

Porra. Vera é uma das mulheres mais lindas com quem já estive. Meu pau gosta dela, sempre gostou. Ele devia estar muito animado com a oferta, só que não está. Minha atenção ainda está em Sofia. Decidi que não vou comer outras enquanto estiver com ela. Surpreendentemente, nenhuma mulher me atraiu nesse tempo em que estamos juntos.

— Estou satisfeito com Sofia. — repito.

Vera me encara e um sorriso sensual se abre lentamente em sua boca.

— Por enquanto. — ronrona. — Conheço você e seu apetite sexual. Não vai demorar a sentir falta de nossas fodas...

Eu rosno com sua insistência.

— Vamos parar com as previsões, Vera. Me desculpe, mas a minha mulher está aguardando o meu retorno.

Ela segura o meu antebraço quando vou passar por ela e aproxima o rosto do meu.

— Ela é muito jovem, Heitor. Além disso, não lhe acrescenta em nada. Veio de uma família pobre. É uma ninguém. Sabe que em nosso meio os casamentos são como alianças. Use-a, se está tão encantado pela boceta jovem, use-a até enjoar e mande-a embora. — as palavras cruéis deixando seus lábios me fazem sentir raiva. Talvez porque fazendo um exame de consciência, era assim que eu pensava não muito tempo atrás. — Pegue o herdeiro que precisa e se livre do incômodo depois, querido.

— Insultá-la não é o caminho, Vera. — digo friamente, me desvencilhando dela sem fazer uma cena.

Seu rosto cai um pouco e ela acena, parecendo arrependida.

— Por favor, me encontre nessa semana para um almoço, pelo menos. — implora, sua pose sedutora caindo. — Apenas almoçar, nada mais, prometo. Pelos velhos tempos.

— Eu não acredito que seja uma boa ideia. — recuso.

Seus olhos se enchem de decepção. Ela engole, parecendo nervosa.

— Está bem. Eu vou esperar por você, *mi amor*. — sussurra, os olhos presos aos meus, me analisando astutamente. — A não ser que... — balança a cabeça como que não acreditando no pensamento. — Não, você não está pensando em permanecer casado com ela, está?

O quê?! Minha expressão horrorizada deve ter transparecido, porque ela sorri satisfeita.

— Sabe por que Ramon não está acompanhando o meu pai nessa viagem? — pergunta, parecendo revigorada. Ramon é o vice-presidente de Javier.

— Não faço ideia. — digo com leve impaciência, sem entender o seu jogo.

Ela me dá um sorriso de sabichona.

— Ele foi corneado pela esposa e a vadia está levando quase tudo dele em um divórcio desleal.

— E daí? — pergunto sem empatia. Não é como se eu e o fodido Ramon fôssemos melhores amigos. Foda-se.

— Está cometendo o mesmo erro, Heitor. As *novinhas* servem para uma foda divertida para que homens como você se sintam revigorados. Não servem para serem tomadas como esposas. Está *encantado* demais por essa menina. Tenho visto tudo sobre vocês na imprensa e hoje, vendo a forma como está olhando para ela... — ela para, o semblante magoado. — Vamos analisar isso a longo prazo, *mi cariño.* — murmura. — Daqui a dez anos você estará às portas dos cinquenta. Sofia estará apenas com vinte e oito anos, ainda esplendorosamente jovem e bela. Os homens a desejarão e não se iluda, tentarão levá-la para a cama, como fizeram com a esposa do nosso velho amigo Ramon.

Porra, sim. Agora percebo o que está dizendo. A esposa de Ramon era muito mais jovem do que ele. Jovem e muito bonita. Eu me recordo de que os homens ficavam mesmo de olho nela nos jantares e eventos que participamos juntos.

— Ela pode resistir a uma, duas, três cantadas, mas uma hora vai ceder porque seu marido já não será tão viril como era no começo... — meus punhos crispam de raiva inexplicável. — Não se mostre para ela. Essa garota está deixando-o fraco. Onde está o homem forte que sempre me encantou? — sua voz vai se tornando mais persuasiva. — Use-a e descarte-a como havia planejado. Não dê brechas para essa espertinha se dar bem. Já pensou se ela fingir estar apaixonada por você e depois levar metade da sua fortuna? As mulheres aprendem sobre como dobrar um homem muito cedo, *mi amor.* Se eu fosse você estaria precavido, com os dois olhos bem abertos. Essa menina não é nenhuma tola. É esperta, inteligente. Estou preocupada pela forma como está mexendo com você. Nunca o vi tão bobo perto de uma mulher antes.

Caralho. Quero dizer que cale a sua maldita boca. Que porra está dizendo? Meu estômago torce com a sua previsão impiedosa do meu futuro com Sofia.

Um ciúme doentio revolve minhas entranhas, quero matar esses homens sem rosto que tentarão tomá-la de mim.

— Consegue vislumbrar agora, Heitor? Vamos, você é um homem inteligente. Sofia é jovem demais, querido. É perfeita para diversão, nada mais. Precisa deixá-la ir tão logo lhe dê o herdeiro.

— Foda-se você e suas previsões do caralho! — rosno, muito puto. Talvez porque tudo que disse tenha um fundo de verdade. Sofia é sim muito jovem para um relacionamento a longo prazo.

— Me aceite de volta e vou ajudá-lo a se livrar desse encanto bobo pela menina. — sua voz é como um canto da sereia e me toca de novo, dessa vez, na minha braguilha, os dedos se insinuando para baixo. Diz baixinho, toda sedutora: — Estou morrendo de saudade do seu pau...

— Interrompo alguma coisa?

A voz fria de Sofia me faz suspirar aliviado e eu empurro a mão errante de Vera outra vez. Sofia vem para junto de mim, enfiando o braço no meu. Seu corpo está tenso, posso sentir.

— Não interrompe nada, querida. — Vera abre um de seus sorrisos de socialite artificial. — Como tem passado, Sofia?

— Muito bem, e a senhora? — Sofia responde e eu quero sorrir com a carranca tomando o rosto de Vera.

— Esplendorosamente bem. Vou ficar uma temporada por aqui e talvez possamos estreitar um pouco os laços. — diz em uma voz jovial, alegre, como se realmente quisesse fazer uma nova amiga. — O que acha de almoçarmos juntas qualquer dia desses, queridinha?

Sinto mais tensão exalando de Sofia.

— Claro, por que não? — a voz exageradamente doce de Sofia me faz franzir as sobrancelhas, encarando-a. — Seja bem-vinda em meu país, *senhora.*

Frisa bem o termo e as narinas de Vera tremulam outra vez. Certo. Essa conversa não é nada amigável em tudo. Uma está provocando a outra veladamente. Sofia vira o rosto para o meu.

— Alberto quer discutir algo com você. — diz com uma expressão

guardada que não consigo identificar. — Eu gostaria de falar algo com... Vera, não é? — ela diz com o rosto impassível.

— Sim, Vera. — a outra diz com leve desgosto.

— Vá, Heitor. Alberto está esperando. — Sofia insiste.

— Não demore. — digo e me movo para Alberto, mesmo achando a sua postura muito estranha.

— Não vou. — garante com um breve sorriso e sua atenção é levada para Vera, que tem uma ruga no meio da testa, provavelmente curiosa também.

Sofia

Heitor se afasta e meu olhar vai para a piranha classuda na minha frente. Ela o olha, devorando-o sem qualquer cerimônia enquanto se distancia. Meu corpo todo está tremendo, cheio de adrenalina, raiva, ciúme. A mulher não tem o menor decoro, ficou dando em cima dele sem se importar de estar em público. Sem se importar de eu estar vendo tudo. Cadela. Aperto a taça de champanhe reabastecida entre meus dedos. Não esqueci da forma arrogante e desleal com que me perseguiu e encurralou naquele banheiro na Grécia. Ela me machucou. De repente, a represa está transbordando dentro de mim, o conselho que Heitor me deu na noite em que a vaca da minha meia-irmã me agrediu vindo com tudo em minha mente. *Se alguém lhe bate, você devolve a bofetada, mais forte.* Pare de ser patética, Sofia. Pare de deixar todo mundo se dar bem em cima de você, sua tola. Repito para mim mesma, enquanto a fulmino com meu olhar. Ela volta a me encarar e toda a simpatia que usou na presença de Heitor evapora. Seu rosto bonito fica feio pela expressão de ódio tomando-a.

— O que você quer, sua ratinha? — zomba friamente. — Quer outra contusão? Será que não apertei com força suficiente em nosso último encontro?

Sinto medo, tenho que admitir. Ela é mais corpulenta. Porém, minha raiva e ciúme estão me dando força para enfrentá-la. Tamanho não é motivo para ser covarde, que o diga o emblemático Davi, não é? Eu fico de costas para o grupo, evitando que alguém veja o que estou prestes a fazer.

— Que tal isso, sua piranha? — rosno, minha voz um pouco trêmula pela adrenalina. Estou apreciando parar de ser tola e me defender ao menos uma vez, então eu faço algo que nunca julguei que faria na minha vida. Jogo todo

o conteúdo da taça em sua cara esnobe de vadia. Ela ofega, os olhos arregalando em choque. — Eu ouvi a forma patética com que mendigou a atenção de um homem casado. Você não passa de uma prostituta.

— O quê?! Sua, sua... — passa as mãos pelo rosto e em boa parte do cabelo encharcado pela bebida. Parece tão incrédula que tive coragem para peitá-la, que não consegue dizer mais nada.

Ela estava dizendo que sente falta do pau dele. Nunca tive a violência em mim, mas isso me deixou ensandecida, querendo bater nela por assediá-lo assim.

— É guerra que você quer? — rosna baixo só para os meus ouvidos. — É o que terá de agora em diante, sua putinha insossa. — seus olhos ficam mortais quando sibila: — Sabia que ele quer retomar o nosso caso?

Sinto minhas pernas fracas, uma onda de náusea me atinge, me deixando um pouco tonta. Um sorriso feio e frio curva sua boca.

— Acho que a novidade está passando, no final das contas. Ele me convidou para passar uma temporada por aqui, *mi querida*.

— É mentira. — minha voz não sai tão confiante quanto gostaria.

Seu sorriso amplia acidamente ao perceber isso.

— Oh, sim, queridinha. Estou aqui para tomar de volta o que é meu. — seu tom vai ficando mais duro, ameaçador, embora esteja falando baixo para não chamar a atenção. — Seu tempo está correndo, Sofia. Tic, tac, tic, tac...

Eu ofego com o olhar de pura maldade que está me dando.

— Não é verdade. Ele, ele...

— Ele o quê? — sibila bem perto de mim. — Desenvolveu sentimentos por você em tão pouco tempo? Caia na real, olhe para si mesma... — bufa em desdém, me olhando como eu fosse nada. — É magricela, insossa. Agora olhe bem para mim, meu amor. É com isso que Heitor está acostumado, uma mulher de verdade. — meus olhos ardem contra a minha vontade. — Acha mesmo que irá conseguir mantê-lo entretido por mais tempo? Garotinha boba.

Oh, Deus, ele é homem no final das contas. A mulher pode ser uma puta miserável, mas é linda de morrer. Será que Heitor ainda sente tesão por ela?

Meu peito dói apenas por pensar sobre isso. Meu Senhor, como pude me apaixonar tão rápido por ele? Eu já o amo tanto. Sei que é pouco tempo, porém sinto como se o conhecesse a minha vida inteira. Quando ele me olha, eu me sinto dele. E quero ser dele, para sempre. Não me importa como tudo começou, só quero continuar sendo sua. Não voltamos a conversar sobre o seu aviso infame de *pular a cerca*, no entanto. Logo no começo ele me disse que se sentisse tesão por alguma mulher iria foder com ela. Rogo fervorosamente para que essa puta esteja blefando. Eu não suportaria se Heitor me dissesse que está retomando seu caso com essa mulher horrível. Oh, meu Deus, não deixe que isso aconteça. Eu imploro, medo real me invadindo.

— Você já perdeu, querida. É nada mais que uma ratinha assustada. — ela debocha ao ver meu pânico estampado em minha cara.

Obrigando-me a ser forte a todo custo, eu piso mais perto dela, me esticando toda, meu rosto ficando bem próximo do seu.

— Eu acho que não. Você está blefando. — digo friamente. Ela sobe as sobrancelhas, surpresa por eu não sair correndo. Isso me fortalece e continuo, injetando o tom certo de confiança e desprezo: — Está cacarejando demais à minha volta, o que significa que a ratinha, a menina boba aqui não é tão insignificante quanto quer eu acredite. — seus olhos saem faíscas para mim agora e eu rio com deboche. É, eu acho que estou gostando desse negócio de revidar. Uma sensação boa e revigorante se espalha em meu corpo. Talvez tenha a ver com as duas taças de champanhe que ingeri, mas não importa, a sensação é boa demais. — Acertei um nervo, não foi? Heitor me diria se quisesse comer uma de suas *antigas* putas. — eu friso o termo antigas, porque ela começou a me insultar com a questão da idade. — Temos um canal de comunicação aberto. É realmente triste ver mulheres agindo dessa forma, tão sem respeito próprio. — cuspo com nojo. — É deprimente. *Você* é deprimente.

— Você não tem cacife para me peitar, garota sonsa. — diz entre dentes. — Por enquanto, basta saber que Heitor estará de volta à minha cama muito em breve. Ele nunca resistiu a mim. Espere e verá.

Eu rosno em sua cara.

— Não se eu puder evitar. Ele não irá para você.

Um brilho de diversão sombria toma seu rosto.

— Eu aceito o desafio, queridinha.

— Garanto que não serei tão civilizada se a vir assediando o meu marido de novo. — digo em um rompante que não sei de onde vem. Talvez seja o ciúme irracional inflamando minhas veias, me fazendo querer bater na cara dessa cadela até desfigurá-la para que não pareça mais tão bonita.

— Você está tão à vontade com o termo *meu marido*, não é? — zomba, os olhos ficando frios. — Vou rir muito da sua cara de sonsa quando tomá-lo de você. É uma questão de honra agora.

Sua ameaça é tão pungente, que meu íntimo estremece. Abro a boca para replicar quando um braço forte enrola em minha cintura. Eu derreto, sentindo o cheiro sutil e sofisticado do meu marido. Estendo a mão, tocando seu peitoral amplo, me permitindo tripudiar sobre a outra por um momento. *Morra de inveja, querida!* Digo-lhe com meu olhar. Vera parece pronta para me matar agora.

— Algum problema aqui? — a voz um tanto áspera de Heitor me faz olhar para ele. Ele está encarando-a com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Não. Nenhum, meu querido. — ela diz, a máscara amigável descendo no rosto dissimulado outra vez. — Apenas conhecendo melhor a sua adorável esposa.

Puta!

Ele assente um tanto ressabiado.

— Seus cabelos estão molhados? — inquire, olhando seu estado depois de levar champanhe na cara. Heitor traz os olhos azul-gelo para os meus com uma pergunta lá.

— Eu, ah, tropecei e derramei meu champanhe nela, acidentalmente. — digo rapidamente. Um arremedo de sorriso cínico curva os cantos da sua boca e o efeito em minha libido é imediato.

— Venha se despedir do pessoal. Estamos encerrando aqui. — sussurra, seus olhos me dizendo que quer partir para a sua proposta indecente no andar dos escritórios. — Queira nos dar licença, Vera. — ele a olha brevemente, então nos leva de volta ao pequeno grupo. Meu coração se enche de esperança com a forma possessiva com que está me segurando. Olho a minha

rival por cima do ombro. Ela está espumando pela boca, olhos fuzilando-me. Sorrio-lhe vitoriosa. *Sim, morra de inveja, sua vadia!*

Alguns minutos depois, quando nos despedimos do último retardatário, Heitor me conduz para uma escada em espiral. Andamos por um corredor ladeado de portas. Na última, há a inscrição: Heitor Maxwell Presidente. Ele empurra a porta e me impulsiona para dentro. É uma sala grande. As luzes suaves se acendem e eu ando devagar, apreciando a decoração masculina. É muito menor do que a sua sala na sede da empresa, na Av. Paulista, embora. Há alguns estofados do lado direito, formando uma sala de estar aconchegante com direito a uma tevê grande e *home teather*. À frente, há uma mesa enorme perto da parede de vidro, oferecendo a vista em um ângulo de sessenta graus da pista de pouso movimentada. Avanço até bem perto, olhando para baixo, os aviões pousando, decolando. Lindo!

— Bela vista! — digo com reverência às luzes da grande São Paulo ao longe. Já escureceu completamente.

— Sim, espetacular. — sua voz está em meu ouvido e seus braços enrolam em minha cintura, puxando minhas costas contra seu corpo. Eu ronrono, meu corpo relaxando no dele. Seus lábios quentes sugam meu lóbulo e estremeço, meu núcleo pulsando com luxúria, minha vagina molhando. — Quer ouvir música? Isso não será uma rapidinha, bebê. Temos muito tempo... — murmura asperamente, suas mãos acariciando meu torso, correndo pelos lados, delineando minha cintura.

— Sim, U2, por favor. — mio e ele sorri baixinho.

— Minha menina tem bom gosto para música. — geme rouco, esfregando a ereção potente em minha bunda, cavando entre as bochechas através do tecido fino do meu vestido pink escuro. É um modelo de mangas longas, mas a saia é bem acima do joelho e esvoaçante. É jovem, me apaixonei imediatamente quando o vi. É exclusivo também, da coleção que Heitor mandou trazer de Nova Iorque semana passada. Ele tem me enchido de presentes no último mês e não há nada que possa fazer. Ele simplesmente não aceita *não* como resposta. — Eu aprecio isso, neném. Muito. — sussurra em meu ouvido e se vai, me deixando trêmula e arquejante, sentindo falta do seu corpo junto ao meu. Continuo olhando a pista e a movimentação do aeroporto que nunca dorme lá embaixo. Em instantes, o som distinto de *With or Without you* soa no recinto. Rio, feliz, meu coração cheio de esperança de um

futuro com ele. Suas mãos logo estão de volta, acariciando meus ombros, afastando as mangas do vestido. Fecho os olhos e gemo ao sentir os lábios deliciosos depositando beijos suaves e chupadas leves em meu pescoço. — Tire o vestido para mim, bebê. Está tão linda nele, mas é ainda mais perfeita sem nada. — sussurra, me causando arrepios e morde perversamente na junção do ombro e pescoço.

Eu choramingo, minha vagina latejando, alagando precariamente. Ofego quando segura meus seios e os sova do jeito gostoso e meio rude que tanto me excita. Grito quando puxa os bicos. Estão mais sensíveis ultimamente, não sei bem a razão. Eu me obrigo a jogar toda a preocupação com a promessa sombria da vaca para o fundo da mente e me permito desfrutar do homem que amo. Decidida a fazer o que for preciso para mantê-lo assim, me querendo com tanta intensidade, eu giro em seus braços e me distancio dois passos. Seus olhos fervem nos meus, intensos, lindos, com fome e eu me congratulo. Ele é meu. Não dela, nem de qualquer outra. Apenas meu. Vou me certificar disso. Levo as mãos para trás e abaixo o zíper devagar, meus olhos nunca deixando os seus. Puxo as mangas pelos ombros e com um rosnado alto, os olhos azuis deixam os meus para ver o meu corpo. Ganhei três quilos nesses dois meses e minhas curvas mudaram visivelmente. Estou mais *gostosa*, devo reconhecer. Um bundão, coxão que nunca tive, e até os seios aumentaram um pouco. Heitor apreciou as mudanças, e como apreciou... Está cada vez mais insaciável. Sua fome por mim parece ter surpreendentemente aumentado em vez de diminuir e é isso que me mantém esperançosa. Sei que posso fazê-lo me amar. Com o tempo o amor virá para ele também, rogo diariamente.

O tecido macio escorrega para o chão e seus olhos praticamente me incineram. Vou além e desço a calcinha preta pelas coxas. Minha vagina pinga, sucos escorrendo entre os lábios, meus seios tesos, duros, inchados. Despir-me na sua frente me excita demais. Ajo como uma mulher sexy, tenho me aventurado algumas vezes nesse pouco tempo juntos. Ele gosta quando tomo a iniciativa e é o que vou fazer agora. Puxo-o pela gravata e os cantos dos lábios se erguem em um misto de depravação e cinismo, que são a sua marca. Suas mãos não contam história, agarram minha bunda nua e amassam a carne com vontade.

— Menina... — rosna, moendo o pau espesso em mim. — Sempre ansiosa para tomar meu pau... — eu mio, levantando meu rosto, minha boca

procurando a sua e chupo seu lábio superior, rolando minha língua provocantemente.

Seguro sua nuca com a mão livre e empurro a língua em sua boca. Ele geme longo e rouco, abrindo minha bunda, os dedos massageando meu ânus e indo mais abaixo, pegando os lábios vaginais melados. Gemo, lamentosa e aprofundo o beijo, tomando a dianteira, tentando mostrar desesperadamente que posso ser a mulher que precisa. Eu posso. Ele me segura com firmeza, seu toque é tão possessivo que me faz ainda mais molhada. Nós nos lambemos, sugamos, mordemos suavemente, depois com mais pressão. Minha boca e língua doem pela fome com que passa a me devorar. As mãos passando por todo o meu corpo, gemidos e rosnados guturais deixando seus lábios para os meus. Pego as lapelas do seu terno e vou escorregando pelos ombros fortes. Ele me ajuda, sem desgrudarmos nossas bocas um só instante. Desfaço o nó da gravata e a retiro, jogando em cima da pilha de roupas sobre a mesa gigantesca. Suas mãos sobem para meus seios e os junta, então sua boca deixa a minha e em seguida, eu gemo alto, os lábios quentes em meus bicos e aureolas. Primeiro lambe os mamilos vagarosamente, fazendo pulsos de calor líquido inundar minha vagina. Arfo, gemo em abandono e ele ri, engolindo grande parte da carne, sugando com voracidade. O topo das minhas coxas fica todo escorregadio e junto as pernas, meu clitóris gritando por atenção...

— Heitor... — choramingo seu nome em mendicância e ele rosna, sabendo o que estou pedindo, então escorrega uma mão pelo meu ventre até encontrar meus lábios gotejantes. Seu olhar sobe para o meu e o prende, enquanto vai empurrando dois dedos grossos em minha vulva. — Ahh, sim, sim... — gemo sem pudor e ele sorri perverso, passando a me foder com golpes bem fundos. Eu me ponho a abrir os botões do seu colete e em seguida da camisa. Minha boca saliva vendo o peitoral e abdome firmes. Ele não é exageradamente musculoso, mas é todo definido, tonificado. É perfeitamente proporcional. Delicioso. Acaricio seu peito e abdome, e logo minha boca está espalhando beijos molhados em seu torso. Mordo-o no peito e ele ruge roucamente, metendo os dedos com mais força, o polegar encontrando finalmente meu clitóris e o esfregando com pressão. Arrepios me tomam, as ondas quentes e luxuriosas aumentando em minha barriga, se espalhando para baixo. Resfolego, sugando o bico do seu peito e desço uma mão pela barriga sarada até a braguilha. Abro o zíper da calça e enfio a mão por dentro da boxer,

agarrando gananciosamente o pau longo e espesso. Eu o puxo para fora e o massageio para cima e para baixo. Seu corpo estremece contra o meu. Heitor rosna, geme.

— Menina gananciosa... — grunhe, rindo rudemente, curvando os dedos em meu canal e os arrasta, massageando meu ponto G. — Goza para mim. Vamos, goze, Sofia. Agora! — e eu me desfaço, gozando, gritando alto, jorrando sem controle em seus dedos, tremores lascivos varrendo meu corpo. Suor fino brota em minha pele e eu arquejo, minha vagina pulsando satisfeita, mas ainda gananciosa, desejosa por tudo que está por vir. Heitor continua me fodendo até os últimos espasmos, olhos azuis penetrantes fixos nos meus. Eu me seguro em seus ombros e tento regularizar minha respiração. Respiro fundo uma, duas vezes e surpreendendo-o ao ficar de joelhos na sua frente sem desviar meus olhos dos seus. Ele rosna e não perde tempo, abrindo o cinto, o botão da calça e em seguida puxa o pau completamente para fora, esfregando-o no meu rosto. — Oh, minha neném quer mamar... — diz indulgente e eu volto a latejar miseravelmente. Sim, muito gananciosa, ele tem razão. Seguro seu eixo com uma mão e pego seus testículos com a outra, massageando-os devagar. Eu me inclino e deslizo a língua em cada bola, em seguida, chupo uma e outra. Heitor uiva e pega meu cabelo, juntando-o no alto da cabeça. Empurra a ponta do pau em minha boca. — Chupa logo esse pau, porra. — range impaciente, rude.

Eu rio um pouco e lambo o pré-sêmen da cabeça gorda, lambendo-o docemente. Ele puxa meu cabelo mais firme para mostrar seu ponto e eu engulo a cabeça, esticando os lábios, descendo ao redor do eixo grosso, deixando-o ir até a minha garganta. Puxo a respiração pelo nariz como me ensinou e passo a cuidar dele com dedicação, lambendo as veias pronunciadas, mamando todo o eixo com vontade. Heitor geme em uma rouquidão linda, máscula e empurra o máximo que consigo levar, me fazendo engasgar levemente. Puxa de volta e enfia de novo, fodendo minha boca. Seus olhos estão selvagens sobre meu rosto, indo para os seios, correndo pela minha pele nua.

— Sofia... Ahh, assim, bebê, chupa meu pau... — ruge. Meus olhos estão nadando em lágrimas pelo esforço em levar o máximo de seu volume. Quero agradá-lo desesperadamente. — me faça gozar assim... Depois vou comer a bocetinha e o cuzinho também. — diz com voz zombadora, com devassidão latente. Já não me envergonha mais seus modos chulos no sexo. Excita-me

seu palavreado baixo, para ser sincera. Balanço a cabeça, gemendo, completamente entalada com seu eixo grosso na boca. Eu o chupo cada vez mais forte, massageando as bolas. Ele rosna e come a minha boca sem dó. Seu eixo engrossa mais, todo babado. Mamo-o todo, lágrimas banhando meu rosto, meu sexo pulsando pelo prazer em chupá-lo, em ouvir os gemidos rudes de aprovação. — Eu vou gozar! — range, mantendo minha cabeça parada, enquanto soca com firmeza até a minha garganta. Sinto-o estremecendo e um rosnado animalesco deixa sua boca, então ele jorra em minha boca. Eu choramingo, engolindo os jorros quentes com gula. — Isso, neném, bebe a minha porra... — Heitor ri malvado e puxa para fora, continuando a gozar em meus seios, rugindo asperamente. Arqueio as costas, oferecendo-me sem reservas à depravação do meu lindo marido.

Nossas respirações estão alteradas, quase sobrepondo-se à música. Ele passa a mão direita em meu tórax, espalhando o sêmen em minha pele, os olhos azuis fixos nos meus, tão intensos, possessivos, que me faz arfar. Ele traz a mão suja para a minha boca e eu lambo-a toda, meus olhos presos aos seus.

— Menina... — geme com lascívia, o pau ainda duro em sua mão esquerda. — Você foi feita para mim, porra. — range baixinho e me puxa para cima, nossos corpos se grudando, moldando-se perfeitamente um no outro. Ele me beija com tanta paixão que meu coração salta no peito. Estou toda quente, excitada de novo, querendo-o dentro de mim com desespero. — Vou meter em você contra a parede de vidro. — rosna, mordendo minha boca. Eu mio, latejando sem controle, meu clitóris pulsando. — Já pensou alguém dentro desses aviões passando e se assustando ao olhar nessa direção, Sofia? — choramingo e ele ri, me virando de costas contra seu peito. Morde minha orelha e me empurra suavemente para a parede. Eu ando, nua, apenas nos saltos. Geme alto, másculo, atrás de mim. Imagino que esteja se masturbando e me olhando, ainda com fome por mim como eu por ele. Coloco as mãos sobre o vidro frio e me arqueio, empinando a bunda. As luzes estão baixas aqui dentro, mas ainda dá para quem passar e olhar com atenção, perceber o que estou deixando-o fazer comigo aqui. — Já pensou, bebê? Eles verão você aqui, toda linda, tomando o meu pau. Me verão comendo a minha putinha safadinha...

— Heitor... — choramingo, meus líquidos escorrendo pelas coxas. Olho por cima do ombro. Ele ri áspero e se livra da calça e sapatos, então está

sobre mim. As mãos grandes seguram minha bunda, abrindo-a e enfia o rosto em minhas dobras. Sinto seu nariz deslizando entre meus lábios melados, em seguida a língua dura, cavando os sucos. Estremeço, gemendo alto, sua boca é maravilhosa. Um dedo pressiona meu feixe de nervos, enquanto me chupa com força, mordisca meus lábios, virilha. Grito desavergonhada, esfregando-me em sua cara. Heitor ri arrogante e enfia dois dedos em minha vulva, levando a língua para o meu ânus. Lambe o meu buraco com vontade. É tão sujo, tão sexy. Ele sabe todas as formas de agradar uma mulher no sexo. Ele me fode com os dedos e continua lambendo, chupando minha bunda e ânus. Estou pingando, arquejando pelo prazer devasso. Ele ama sexo anal e me fez gostar também, para a minha total surpresa. Fazemos com frequência desde a primeira vez. Arfo ao sentir os dedos indo da vagina para minha bunda, forçando passagem. Relaxo, deixando-o meter devagar. Arde um pouco, mas entram até o fundo. Continua massageando meu montículo inchado e fodendo minha bunda com os dedos. Quando estou arquejando, meu corpo todo mudando para o segundo orgasmo, ele se vai. Antes que possa protestar, está segurando meus quadris e metendo em minha vulva em um golpe duro, rasgando-me até o fundo. — Ahhhh! Heitor... — grito, estremecendo violentamente, arrepios me tomando por inteiro. Estou pingando, latejando à sua volta. Minhas paredes apertadas e cremosas o sugam para dentro com pura ganância.

— Sofia... Ohh, porra, bebê... — ele geme longo e duro, parecendo em agonia, retirando-se e voltando a meter profundamente em mim. — Minha menina perfeita... Que gostoso te comer. — estocada funda. Eu grito, choro, estremecendo, fora de controle. Passa a me comer com força, bruto, do jeito que amo demais. — Amo sentir essa bocetinha voraz me chupando até as bolas para dentro. — ri perversamente, mordendo meu ombro. — Me enlouquece... Porra, como amo meter em você!

Meu coração incha de esperança. Não pode ser só sexo. Ele me quer para além disso, eu sei. Eu sinto. Lágrimas enchem meus olhos, enquanto olho as luzes da cidade e os aviões na pista. Um levanta voo e eu o olho, enquanto Heitor me come com golpes cada vez mais fortes. Estou arquejando, minhas entranhas em chamas, o gozo querendo vir de novo. Ele me puxa pelo cabelo, a boca perversa vindo para meu pescoço em uma mordida dura. Convulsiono, mas sai da minha vulva antes de eu gozar. Lamento, me sentindo oca. Heitor ri pachorrento e volta a enfiar tudo, até o talo.

— Droga! Você é tão gostoso... — balbucio, rebolando em seu pau.

Ele apenas ri no meu ouvido, sugando o lóbulo e raspando os dentes. Estou suspensa, louca para gozar, no entanto, seu ritmo é lento agora. Enfia tudo, girando o quadril, esfregando minhas paredes malvadamente, as mãos sobem para meus seios e enchem neles, puxando-os com pressão. Ele me come assim, amassando meus seios até estarmos suados, gemendo tão alto que o aeroporto inteiro deve estar nos ouvindo.

— Que delícia... — puxa para fora e mete uma, duas, três vezes até o cabo e sai de novo.

— Não! Por favor... — mendigo. Ele ri baixo, letal e morde meu ombro direito. Estou toda marcada já, mas não me importo.

— Vai gozar com meu pau todo atolado nesse cuzinho apertado, Sofia. — rosna e o sinto esfregando a ponta espessa em meu pequeno anel. Gemo, relaxando, ansiosa para que me dê outro orgasmo. Ele segura meus ombros pela frente e me penetra devagar, mas firmemente, só parando quando chega ao punho. Eu grito, pulsando, viciada no prazer proibido, perverso, sujo. Dói, arde ainda, embora já esteja acostumada a tomá-lo todo, ele é grande e grosso, então não é fácil a primeira penetração. Puxa e enfia tudo mais uma vez. Eu gemo, pendendo minha cabeça em seu ombro e ele ruge em aprovação, passando a me comer com estocadas mais fortes e profundas. Estou choramingando, enquanto rosna como um animal, me comendo sem trégua. Nossos corpos suados deslizando um no outro. — Sofia... Ohhh, Sofia... — ele está quase lá pelo tom e os tremores vindo do corpo grande. — Vou encher esse rabo lindo de porra, bebê! — arquejo, deixando-o socar tudo, sem dó. Cada estocada me tira do chão pela violência dos golpes. Arfo com uma mão grande segurando meu pescoço pela frente. A outra desce para a minha vagina, encontrando meu clitóris latejante e o manipula habilmente. — Minha puta... — geme rouco em meu ouvido, metendo em mim freneticamente. — Amo comer esse cu gostoso, porra!

E eu amo você. Meus olhos queimam com lágrimas frescas e eu gozo, soluçando de prazer e amor por esse homem. *Eu te amo, te amo. Por favor, me ame de volta.* Repito em silêncio desesperado. Tenho que manter as palavras para mim, por enquanto. Ainda não tenho a coragem para dizê-las em voz alta. Não, ainda não é o momento. Heitor me gira, me debruçando sobre a mesa ampla e me come com voracidade. Ofego, meu corpo ainda

espiralando no orgasmo intenso. Então ele urra e esporra em meu canal castigado. Seu corpo estremece e o meu em conjunto, ondulando juntos. Ele me segura apertado, despejando tudo dentro de mim. Sua pelve colando em minha bunda, suas bolas batendo em meus lábios vaginais. Os golpes vão suavizando até parar todo enterrado. Ficamos respirando pesadamente por alguns instantes. Ele trilha beijos suaves em minhas costas e se retira do meu corpo com cuidado. Seu celular toca em algum lugar dentro da pilha de roupas no canto da mesa. Ouço sua risada relaxada e fecho os olhos, apreciando o som, desejando poder lhe dizer como me sinto a seu respeito. Mas não posso. Ainda não.

— T? — atende o aparelho quando o localiza. Eu me levanto da mesa, gemendo no processo. Os olhos azul-gelo se fixam nos meus e ele sorri levemente, deixando-o ainda mais deslumbrante. — Está bem. Sim, melhor dormir por aí mesmo, irmão. — rola os olhos. — Sim, darei um beijo nela, até porque ela é a *minha* mulher, caso não tenha percebido.

Um sorriso bobo repuxa meus lábios com a forma possessiva com que ele fala isso. Ele se despede do irmão e se recosta à borda da mesa, me puxando pela cintura, colando nossas frentes. Enlaço-o pelo pescoço e nossos rostos ficam bem próximos, nossas bocas respirando uma na outra. Olhos fixos um no outro.

— Deliciosa... — sussurra antes de mergulhar a boca na minha. Nós nos beijamos com lassidão gostosa por alguns instantes. — T ainda está preso em Manaus por causa de uma tempestade. — diz entre beijos. — Você quer jantar aqui mesmo? Podemos pedir em um dos restaurantes VIPs lá debaixo. Depois peço o helicóptero e vamos direto para casa. — sorri diabolicamente. — Namorar mais um pouco...

— Você está me acostumando mal. — murmuro com o peito aquecido pela forma como cuida de mim agora. Isso tem que significar alguma coisa, não é? Talvez ele já me ame e não saiba ainda. — Faça como quiser.

— Não. — seu olhos glaciais estão quentes sobre mim. Suas mãos mornas passeando em minhas costas preguiçosamente. — O que *você* quer, neném? Peça e eu faço. — ele murmura na minha boca e eu estou nas nuvens.

Rio bobamente. *Você. Eu quero você, para sempre.* Digo-lhe com meus olhos, uma vez que não posso usar as palavras.

— A comida do restaurante vip deve ser horrível... E meu Deus, os passeios de helicópteros são tediosos. — rolo os olhos com desdém dissimulado e ele ri. O som é lindo, profundo, fazendo meu íntimo aquecer.

— Ah, essa boquinha, bebê... — diz com leveza e seus lábios mergulham nos meus com mais paixão dessa vez. Eu me derreto, pedindo silenciosamente a Deus que ele abra seu coração para mim. Que possa perceber que há um futuro para nós, juntos.



CAPÍTULO DOZE

Duas semanas depois... São Paulo, Brasil.

Sofia

Ouço Heitor abrindo a porta e então me empurra suavemente para dentro. Uma mão grande está cobrindo meus olhos e a outra segurando a minha cintura. Eu rio, ondas de amor explodindo em meu peito.

— Pronta? — sua voz tem um toque de diversão bem no meu ouvido.

— Você sabe que sim. Pare com o suspense, por favor. — reclamo com um sorriso de criança recebendo seu presente de Natal antecipado.

— Eu imaginei que sim, pequena bailarina. — murmura, dando um beijo suave em meu pescoço e enfim, retira a mão dos meus olhos. O amplo cômodo está reluzindo em todas as superfícies. Meu coração salta com força, vertiginosamente. Meus olhos se enchem de lágrimas de pura felicidade. É o estúdio mais bonito e requintado em que já pus os olhos, então caio em prantos. Não sei o que está havendo comigo, ultimamente até filmes de comédia me fazem chorar. Meu Deus! Eu rio entre lágrimas. Seus braços enrolam em minha cintura e ele fuça minha nuca, deslizando o nariz com suavidade.

— Isso significa que você gostou? — sussurra ternamente em meu ouvido.

Engasgo. Eu acho que ele me ama. Tenho sentido isso em cada olhar, cada toque, cada palavra que trocamos no último mês. Heitor Maxwell me ama. Uma felicidade sem tamanho se espalha em meu íntimo. Viro meu rosto para o seu e lhe dou um breve beijo na boca.

— Eu amei. — olho-o apaixonada, louca para lhe dizer as três palavras. — Eu amo tanto, Heitor... — minha coragem me abandona no último momento. Os olhos glaciais cintilam, quentes e fixos nos meus. Minha voz sai emocionada, não consigo evitar, quando completo: — Obrigada. Não sei nem o que lhe dizer ou fazer para agradecer.

Um sorriso lindo e completo se abre em sua boca.

— Posso pensar em várias coisas que pode fazer para me retribuir, bebê. — sua voz é sedutora e perversa ao mesmo tempo. — Mas, no momento, você poderia dançar para mim? Estou louco para ver a minha pequena

bailarina em seu elemento.

Eu rio, parecendo uma menina boba. Quer que eu dance para ele. Um homem frio, duro como Heitor Maxwell, quer me ver dançando balé, uma dança considerada tediosa para a maioria dos homens. Sim, eu sei que tenho tocado seu coração. Sinto isso.

— Podemos providenciar isso, senhor Maxwell. — ronrono e me desvencilho dele, andando em direção à enorme parede espelhada na lateral onde há uma barra de exercícios. A parede do fundo é toda de vidro, como na biblioteca e outros cômodos desse lado da mansão. Um estofado branco em forma de L com almofadas vermelhas e amarelas dá um toque alegre à sobriedade do ambiente clássico. Um divã em couro negro e sofisticado está bem do lado da vidraça. Tem uma vista encantadora para o lago também, onde cisnes brancos e negros estão deslizando nas águas plácidas nesse exato momento. Parece uma moldura contra o pôr do sol. Suspiro, limpando meu rosto. Uau! É perfeito! Heitor não me deixou entrar aqui enquanto a equipe estava reformando, queria que fosse uma surpresa. E está sendo. Só na escola de Nova Iorque vi um estúdio tão moderno e equipado. — Tudo ficou lindo demais. — digo, olhando-o por cima do ombro. — Você exagerou, no entanto. Era só um espaço para eu me exercitar e não virar uma baleia rapidamente, dado o ritmo com que estou engordando longe dos treinos.

Ele ri, a risada profunda fazendo coisas más comigo e minha libido. Enfia as mãos nos bolsos e anda para mim, todo elegante em uma camiseta gola polo preta e calça jeans escura. Fica lindo com cores escuras. Como pode ser tão intimidante e lindo ao mesmo tempo? Deus, estou tão apaixonada por esse homem. Babo nele, não escondendo como o desejo. Seu olhar fica mais intenso, penetrante, então ele para na minha frente. A dor da excitação começa a latejar entre minhas coxas.

— Você está sendo dramática. Os quilos recém-adquiridos lhe deram mais curvas. — sussurra em um tom perigosamente suave. — Está linda, gostosa demais. — o sorriso cínico e perverso curva sua boca. — Eu e meu pau aprovamos a mudança, mas você já sabe disso, não é, neném?

Meu Senhor... Meu centro pulsa descontrolado.

— O que quero dizer é que uma simples sala me serviria...

— Não. Eu quis lhe dar o melhor, Sofia. — diz em tom mais sério, seus

olhos prendendo os meus de forma hipnotizante. Mais lágrimas inundam meus olhos.

— Desculpe, não estou desfazendo da sua intenção. — murmuro envergonhada. — Eu apenas me contentaria com menos...

Suas mãos grandes seguram minha cintura e me puxa para ele. Eu gemo, tocando seu peitoral sólido.

— Nunca se contente com menos, bebê. — murmura, aproximando o rosto másculo e duramente perfeito do meu. — Em nenhum aspecto da sua vida. Sempre exija a excelência.

Eu rio levemente. É praticamente impossível tirá-lo do modo CEO.

— Obrigada. — é tudo que consigo murmurar de volta.

— Vamos fazer um igual para você atender suas crianças carentes lá na fundação. — sua mão sobe, tocando minha face direita e eu derreto.

— Obrigada por isso também. — sinto uma lágrima descendo pela face. Seus olhos suavizam, me fitando tão intensamente que perco o fôlego. Seu polegar pega a lágrima com delicadeza. — Desculpe, não sei o que está havendo comigo. Deve me achar tão boba. — sorrio tremulamente.

— Não, neném. — nega baixinho e esfrega a boca na minha. Esse gesto tanto me excita quanto me toca. É íntimo e um pouco doce também. Um gemido necessitado me escapa e ele ri. Outra coisa que tenho percebido, minha libido está completamente descontrolada. Quero sexo o tempo todo. É quase vergonhoso o estado em que fico quando Heitor me dá um simples olhar. Se me toca então, me transformo em uma poça derretida. — Sua ideia de levar uma perspectiva de vida para crianças pobres é linda. — seus olhos ficam mais quentes, me fitando com intensidade antes de sussurrara: — *Você* é linda. E está ainda mais bonita nesse último mês, com os quilinhos que ganhou. — lambe a minha boca e ri de novo quando gemo em lamento. Pronto. Já sou aquela poça que mencionei acima.

— Você é um mentiroso... Estou ficando barriguda. — reclamo e ele amplia o sorriso, me dando um beijo leve na boca. Eu me recordo de outro surpreendente motivo para agradecê-lo. — Obrigada por me deixar organizar o jantar de Natal aqui. — sussurro. Ele nunca teve uma ceia de Natal aqui, pelo que Rosa e vovó Mag me disseram. T achou a ideia o máximo quando contei a ele na semana passada e até se ofereceu para me ajudar a escolher a

maior árvore de Natal já vista. Palavras dele. Eu o adoro. Desde o primeiro contato, o irmão de Heitor tem sido nada além de gentil comigo. Certo, ele é muito paquerador e galanteador também. Faz isso apenas para provocar Heitor, no entanto.

— Eu fui voto vencido. — o tom meio ríspido de Heitor me traz de volta do devaneio. — Para mim o Natal é uma data como qualquer outra.

Sentindo-me mais próxima dele, decido arriscar uma pergunta pessoal.

— O Natal é uma data muito especial, Heitor. Seus pais não celebravam a data com você e Tristan enquanto cresciam? — minha pergunta é apenas um sussurro. Ele me ouve e isso fica claro na forma como seu corpo fica rígido imediatamente. Seus olhos vão ficando gelados, outro sinal de que esse é um tópico proibido ainda. Suas narinas inflam sutilmente. Seu olhar nunca desvia do meu. É intimidante, mas não recuo, me mantenho firme. Preciso entender por que o homem que amo é assim, tão duro, cínico. Heitor me encara por um longo tempo.

— Não celebrávamos nada juntos, Sofia. — seu tom é duro, afiado. — Nunca tive amor por parte daqueles que me trouxeram a este mundo. — seu tom suaviza, porém tem um toque de amargura. — Não se pode entender algo com o qual não se está familiarizado. As poucas ceias de Natal que meu irmão e eu participamos foram com a nossa avó. Desista de me entender, neném. Eu não gosto dessa data. Talvez isso me faça um homem ruim, no entanto, é a verdade.

— Eu sinto muito. — murmuro, acariciando sua nuca para relaxá-lo. — Porém, permita-me discordar. Acredito na teoria de que o ser humano é puro de nascimento, o meio é que o corrompe. — pontuo. — Você mesmo admite nunca ter sentido amor da parte de seus pais. Se o tivesse sentido, seria um homem diferente agora. O meio, ou a relação fria com seus pais colaboraram para corromper a sua personalidade...

Seus lábios tremulam levemente, seus olhos voltando a brilhar. Heitor adora quando, segundo ele, uso minha *boca argumentativa.*

— Minha personalidade *boa?* — meneia a cabeça, seu tom ainda um pouco afiado quando dá ênfase na última palavra. Sorri um pouco. — *Rousseau?*[13] Nada mal, bebê.

— Eu faço o que posso. — digo com falsa soberba e ele ri profundamente.

Era esse o meu objetivo, trazer o Heitor suave que venho tendo vislumbres cada vez mais frequentes.

— Eu sou mais adepto da escola de *Schopenhauer*.[14] — cita em voz solene: — *O mundo é a minha representação. O mundo é nada mais que a minha vontade.* — diz com a arrogância do filósofo.

Abano a cabeça.

— *Schopenhauer* é cínico e um tanto sombrio. — acuso.

Ele me fita daquela forma penetrante só dele.

— Exatamente como eu, Sofia. — um arrepio me percorre pela forma como diz isso. Ele não é assim. Só não teve amor dos pais e isso o deixou amargo. Ele pode mudar.

— Sobre aquela dança... — digo, ainda na tentativa de aliviar suas declarações cínicas. Seu semblante suaviza e um sorriso volta a brincar em sua boca.

— Vai mesmo dançar para mim? — sua voz abaixa, suave, porém perversa.

— Apenas uma dança? Talvez eu possa agradecer adequadamente pelo seu presente incrível... — ronrono na minha melhor voz sexy. — O que você quer? Peça e eu farei.

— Menina atrevida... — segura meus quadris e mói a ereção crescente em mim. — Já quer o meu pau? Se transformou em uma putinha insaciável ultimamente... — eu mio, esfregando-me nele desavergonhada, e seus olhos gelados vão esquentando, luxúria tomando conta de tudo. — Dance para mim e depois vou te comer aqui, dar o que a minha neném está precisando... — ri cinicamente. — A ocasião pede mesmo um batismo... — rosna e se inclina, mordendo e sugando a ponta da minha orelha. Minha calcinha fica toda pegajosa, meu núcleo pulsando, palpitando gananciosamente. — Livre-se das roupas e... — para abruptamente, os olhos adquirindo uma expressão predadora e um sorriso de lobo mau curva sua boca. — Pensando bem, vamos deixar as coisas mais interessantes... Tire a roupa e coloque as sapatilhas. Apenas elas, nada mais. — sussurra com rudeza no meu ouvido.

— O-o que... — balbucio, recusando-me a entender a sua proposta depravada. — Quer que dance nua?

— Sim, Sofia. Qual a graça de ter uma dança privada, se você vai ficar vestida? — seu tom é arrogante.

— Sou uma bailarina clássica, não uma stripper, senhor Maxwell. — resmungo.

Ele ri com vontade. Meu peito incha de amor ao vê-lo descontraído assim.

— Ah, como amo essa sua boquinha esperta. — sussurra. — Você disse para eu pedir, bebê. É isso que quero, você dançando para mim. Nua.

— Mas...

— Sem mas. — coloca o indicador sobre os meus lábios. — Naquele armário tem tudo que vai precisar para os seus treinos. Para hoje, basta colocar as sapatilhas. — acrescenta com uma cara de safado que faz a minha vagina latejar. Seu pedido, embora ultrajante, me deixa ainda mais molhada e desejosa.

— Você não joga limpo. — reclamo.

— Não, eu não jogo, Sofia. Isso não é segredo para ninguém. — diz, prendendo meu olhar. — Vamos. Fique nua e comece a me agradecer apropriadamente, pequena bailarina.

Há um desafio debochado em seu tom e um gemido lamentoso deixa minha garganta. Aceno, meu coração correndo descompassado pela lascívia inflamando minhas veias. Ele ri, vendo em meu rosto que ganhou a discussão e se afasta. Eu ando até o armário embutido no canto da parede lateral e abro as duas portas. Ofego ao ver as roupas, os tutus, as sapatilhas. Tudo da melhor qualidade. Coisa que nunca tive enquanto sonhava em dançar profissionalmente nos palcos do mundo. Meus olhos se enchem de lágrimas pela perda do meu sonho antigo. Ainda vai doer por um tempo. Ou talvez essa perda sempre vá me acompanhar. Pondero. Respiro fundo e jogo a tristeza para longe. É um momento de alegria. Meu marido, um homem antes completamente insensível, fez algo lindo e doce para mim. Como esse homem pode continuar dizendo que não sabe o que é o amor? Não percebe que o amor é isso que estamos vivendo?

Enchendo-me de coragem, eu me dispo, pois não há closet para me esconder. O depravado quer me ver dançando nua, então não vale o esforço em me esconder agora. Ele que veja tudo desde já. Retiro o shortinho jeans curto, em seguida a regata simples de algodão, sentindo minha pele arrepiar.

Sei que está me devorando, sinto o peso dos seus olhos em mim. Ouço sua respiração mais alterada quando desço a calcinha pelas pernas, ficando completamente nua. Querendo provocá-lo, eu me abaixo com a desculpa de calçar as sapatilhas, lhe dando a visão da minha bunda e vagina nuas.

— Menina, não provoque... — ele rosna. Eu rio baixinho e terminando de ajustar as sapatilhas, fico ereta. Eu me concentro no espelho da porta do armário e faço um coque com todo o capricho que a minha primeira professora me ensinou. Eu me viro e levanto a cabeça, a coluna esticada na postura clássica do balé. Minha pele arrepia pela forma como seus olhos fervem, correndo por cada curva minha. Meus seios pesam, os mamilos endurecendo, doendo para sentir sua boca sobre eles. Minha vagina pulsa, o creme grosso umedecendo meus lábios. É tão hedonista e perverso o que está pedindo que eu faça, e talvez por isso mesmo está me deixando tão ligada. Ando graciosamente, passando longe dele e ouço seu sorriso zombeteiro. Vejo-o indo se acomodar em uma poltrona solitária no outro canto da sala, cruzando as pernas, olhos grudados em cada movimento meu. Sua postura é expectante, como se tivesse comprado entradas para um grande espetáculo. Vou para o sistema de som, selecionando a pasta de Ana Carolina. Adoro treinar ouvindo suas músicas. A introdução de *É Isso Aí,* com participação de Seu Jorge, invade o recinto e eu me dirijo para o centro do piso de assoalho escuro, mesclando passos nas pontas dos pés com passos normais. Faço os principais exercícios de alongamento, embora não tenha treinado balé, ainda me alongo diariamente e ando na esteira, na academia de Heitor.

Fecho os olhos e puxo uma respiração profunda, como sempre fazia antes de uma apresentação pública. Permito a bailarina ir assumindo, deixando a dança fluir em minha corrente sanguínea. Abro os olhos e faço uma saudação, me inclinando para Heitor. Ele se debruça para a frente, colocando os cotovelos sobre os joelhos, me comendo com os olhos. Há tesão claro, mas há outra emoção cintilando nas íris glaciais que não consigo identificar. Ele parece deslumbrado. Motivada pela aprovação em seu rosto, jogo a modéstia para longe e me mostro, como o patinho feio se transformando no lindo cisne do clássico infantil. Eu corro em círculo, dando pequenas piruetas para aquecer. Paro, realizando um *tendu*[15], em seguida, pequenos giros. Aproveito todo o amplo espaço, amando como o piso é perfeito, permitindo os movimentos mais difíceis, sem derrapagem. Deixo a música penetrar em mim e em certo momento eu me esqueço até da presença do homem me

observando dançar nua. Impulsionada pela atmosfera única, ignoro o tornozelo ruim e me lanço em um *jeté*[16]. Voo alto, perfeito e rio, feliz como não estive em muito tempo. Há a leve picada de dor quando aterrisso no pé direito, mas estou tão empolgada que não ligo, realizo mais dois *jetés* pequenos. Palmas soam altas no grande salão e eu rio mais, meus olhos ardendo com lágrimas felizes. Vejo Heitor se levantando da poltrona, vindo para perto da parede espelhada. Seus olhos estão intensos, uma mistura de luxúria e arrisco dizer, ternura, está marcando o rosto bonito.

Eu não vou parar de te olhar. Não me canso de olhar... Os dois cantores formidáveis entoam o refrão. Mantenho contato visual enquanto faço os últimos movimentos cuidadosamente executados. Estou suada pelo esforço. Estou muito fora de forma. Sorrio e paro na ponta dos pés, me curvando novamente na mesura de despedida. A música encerra junto comigo e relaxo, apoiando os pés completamente no chão. Mais palmas. Nunca o vi tão deslumbrado sobre algo. Isso me deixa tonta de felicidade. Heitor vem para mim, devagar, deixando o olhar passear sobre meu corpo nu e suado. Meu peito sobe em respirações pesadas. Para à minha frente e me puxa pela cintura. Estou ofegante e não apenas pelo esforço físico. Minhas coxas estão pegajosas pelo líquido escorrendo entre meus lábios. Dançar nua para ele, consciente de que estava me olhando, cobiçando, me deixou cheia de tesão.

— Nunca vi nada tão bonito em minha vida. — murmura, pura admiração em seu tom e olhar. Meu coração canta, se enchendo de esperança. — Linda. Linda demais. — rosna e se inclina, mordendo minha boca. Eu pingo, latejo. Começa a puxar sua camiseta pela cabeça, com impaciência. Eu o ajudo com gestos apressados também. Nem parece que acordei com ele dentro de mim hoje de manhã. Que ficamos horas na cama, namorando sem pressa. É sábado e ele tem parado de trabalhar nos finais de semana. Fazia muito isso no começo, mas consegui fazê-lo relaxar quando está em casa e deixar o trabalho para a empresa. Tem funcionado bem. Quando está nu, o membro avantajado, orgulhosamente duro, me faz lamber os lábios, minha boca enchendo de saliva. Ele ri malvado e me empurra contra a parede de espelho, uma mão vindo entre minhas pernas. — Essa boceta está sempre tão pronta para mim, bebê... — ruge, esfregando meus lábios vaginais e clitóris em uma fricção gostosa. Sem mais delongas, ele levanta a minha perna direita bem alto, enrolando em sua cintura, me obrigando a ficar na ponta do pé esquerdo. Um sorriso perverso curva os cantos da sua boca, sabendo o quanto a posição

exige flexibilidade. Ele se alinha em minha vulva e enfiando o braço livre pelas minhas costas, segura meu ombro com força. Arquejo, subjugada na posição, segurando-me em seus ombros largos, seus olhos permanecem fixos nos meus e ele mete o pau longo e grosso em mim. Choramingo, meu corpo convulsionando pelo prazer de senti-lo me esticando até o fundo. Penetra-me com firmeza, só parando quando nossas pélvis se colam, unidas. Nossos sexos pulsando juntos, famintos um pelo outro. A sensação de plenitude é tão grande, que quero gritar o quanto o amo. Em vez disso, apenas gemo, chamo seu nome.

— Heitor... — respiro entrecortado. *Meu amor.* Acrescento em pensamentos.

— Sofia... Minha neném... — geme roucamente, sua boca vindo para a minha, então eu o recebo vorazmente. Nós nos beijamos com sofreguidão, nossas línguas se entrelaçando, se lambendo em um entra e sai devasso. Ele puxa quase tudo e volta a meter profundamente, me arreganhando, me abrindo em um golpe forte, gostoso demais. Não consigo me mexer da cintura para baixo, presa à parede, enquanto passa a enfiar em mim, mais e mais, a força das estocadas aumentando, junto com meus gemidos e seus rosnados. Minhas unhas deslizam em seus ombros e eu gemo em sua boca, tomando-o todo, colado, apertado, delicioso. O gozo vem forte, voraz, sem aviso, labaredas líquidas encharcando a minha vagina. Grito, estremecendo e ele rosna, sua boca deixando a minha, indo para o pescoço, onde chupa perversamente. Todo o tempo me comendo com força, aumentando os tremores do meu orgasmo. — Me abrace com a outra perna. Quero você debaixo de mim agora. — grunhe e faço o que orienta. Minhas pernas ainda estão tremendo quando o abraço bem apertado.

Ele me carrega, atravessando o cômodo e nos deitando no divã. Gemo, sentindo seu peso me esmagando, seu pau escorregando ainda mais para dentro de mim, as bolas coladas em minha bunda de tão profundo que está. Heitor rosna e desfaz meu coque, espalhando meu cabelo pelo couro negro. Sua expressão é dura, linda, encantada. Ele me segura pela nuca e enfia o outro braço por baixo da minha bunda. Nossos olhares se fixam e ele volta a se movimentar, agora mais devagar, olhando bem dentro dos meus olhos como se quisesse desnudar minha alma. Fico hipnotizada, minhas mãos passeando suavemente pelos ombros duros, costas amplas. Sua boca viaja pelo meu rosto até o ouvido e o suga, mordisca, metendo até o cabo dentro de

mim. Ele não fala nada, apenas grunhe, rosna, geme, nossos corpos suados deslizando um no outro, na dança tão antiga quanto o mundo. Arreganho mais minhas coxas e ele ruge em aprovação, descendo a boca, mordendo meu pescoço do jeito rude que sabe que gosto. Logo os lábios quentes estão em meu seio direito, chupando duro. Eu me arqueio toda, minha excitação sendo reconstruída rapidamente. Ele alterna entre um e outro seio, lambendo e mordendo os mamilos sensíveis.

Olho de lado, descobrindo que há um espelho na parede do canto. Choramingo lascivamente vendo a nossa imagem refletida lá. O corpo grande e duro em cima do meu, seus músculos flexionando em cada vez que mete em mim. Heitor deve ter percebido onde está minha atenção, pois vira o rosto para o mesmo lado e ri arrogante.

— Levante as pernas para os meus ombros, vou te dar uma bela visão. — grunhe, já pegando meus tornozelos e colocando-os na posição. Minha bunda levanta do divã e eu gemo alto a vê-lo puxar o pau longo e grosso de dentro de mim. Volta lentamente, me deixando apreciar e choramingar com cada centímetro dele me preenchendo. Fico fascinada vendo-o entrar e sair. Dentro e fora. Minha vulva muito pequena para seu grande volume, mesmo assim, tomo-o todo, pulsando com uma gula sem fim. Ele ruge alto e vai aumentando o ritmo, batendo em mim com força, me tirando o fôlego.

— Está vendo meu pau grande e grosso arrombando sua pequena boceta, menina? — sua voz é rude. — Gosta disso, não é? Gosta de ser a minha puta?

Meu corpo todo convulsiona, prazer depravado percorrendo minhas veias com suas palavras vulgares. Sinto minha vagina toda alagada. Ele sente também, rindo cínico, presunçoso.

— Ahh, sim... — lamento, entorpecida de tanto tesão por esse homem. — Eu amo. Amo muito... Me dê tudo. Preciso de você todo dentro de mim...

Heitor rosna alto e animalesco, e se enfia até não poder mais em meu canal estreito. Ele me fode sem pena, sem restrição, me comendo bruta e deliciosamente.

— Você foi feita para mim, Sofia! — diz com a voz áspera e volto a olhá-lo. Sua boca vem para perto da minha. — Me pertence. É minha, minha!

— Sim! Sim... Sou sua... — digo embargada, tão apaixonada que meu peito dói. *Te amo tanto. Nunca me deixe. Por favor, veja, sinta o meu amor.*

Imploro silenciosamente.

— Sofia... — ele geme parecendo em agonia contra a minha boca, me comendo sem dó. Nós dois estamos nos perdendo, arquejando. Suas estocadas fazem um barulho ritmado no ambiente, rivalizando com a música *Tempestade* de Ana Carolina. — Droga, menina, você toma meu pau tão profundo... Minha putinha fode tão gostoso... — rosna, metendo mais e mais. — Goza comigo. Vamos, goze comigo que eu vou encher essa bocetinha gostosa de porra! Agora! — urra, estremecendo e esporrando dentro de mim, então eu quebro, gozando também, recebendo os jorros do seu esperma quente. Minhas paredes estão doloridas, ardendo pela minha ganância em tomá-lo todo. Misericordiosamente ele retira as minhas pernas dormentes dos seus ombros e continua entrando fundo, despejando tudo, rosnando alto, o rosto todo corado. Ficamos os dois gozando e nos olhando fixamente, extasiados.

Seus movimentos param depois de um tempo e permanecemos grudados, ofegantes, nocauteados por tanta paixão. Eu acho que cochilo, porque me sobressalto com ele saindo de mim. Gemo, abrindo os olhos, meio grogue. Um sorriso arrogante e lindo se abre em sua boca.

— Seu treino foi muito puxado, pequena bailarina? — pergunta com a ironia perversa em dia.

— Estou um pouco fora de forma. — defendo-me. — Não sei por quê, mas estou com tanto sono. Posso tirar um cochilo antes de sua avó e T chegarem para o jantar? — um bocejo me escapa e rio, desconcertada. Ele me pega nos braços. — O que está fazendo?

— Levando você para descansar um pouco em nosso quarto. Eles ainda vão demorar. — eu rio, apoiando a cabeça em seu peito, esquecendo que estamos andando pelo corredor, nus. Tudo porque ele disse *nosso* quarto.

— Pensei que as *novinhas* fossem mais resistentes. — zomba quando me deposita sobre a cama macia alguns instantes depois. Eu me aconchego, me embrulhando com o edredom finíssimo, bocejando de novo. Realmente não sei por que estou tão sonolenta nesses dias.

— E eu pensei que os *coroas* conseguissem apenas uma ereção por semana... — rebato, já fechando meus olhos. Heitor bufa.

— É bom estar preparada, porque sou um fervoroso apreciador do balé a

partir de hoje. — sua risada é baixa e sacana. Em seguida os lábios macios tocam os meus em um beijo suave. — Descanse, neném. Eu chamo quando eles chegarem.

Meu coração canta e eu flutuo para o sono com um sorriso sonhador. Sim, eu acho que ele me ama.

Duas semanas depois...

Heitor

Eu olho a enorme árvore de Natal no canto da minha sala e sorrio. Para mim, é uma data como qualquer outra, mas Sofia não pensa assim. Não, ela tem me enchido os ouvidos sobre a importância de as famílias celebrarem juntas esse dia especial. Semana passada tive que ir com Tristan procurar a tal árvore perfeita, ou a minha avó iria me amaldiçoar pelo resto da vida. É essa a influência que Sofia tem sobre dona Magnólia e meu irmão galanteador, agora. Os dois fazem tudo que ela quer. Um sorriso irônico repuxa minha boca, me dando conta de que eu também estou enredado, fazendo tudo que a menina quer, e, às vezes, até me antecipo, tentando adivinhar o que deseja para poder lhe dar. Ela, surpreendentemente, não pede nada. Ah, minto, ela me pediu que investigasse melhor sobre as circunstâncias em que seu pai sofreu o acidente a cavalo. Está desconfiada da madrasta, embora não me fale abertamente. Levo meu copo de uísque à boca e o som inconfundível da sua risada me faz virar a cabeça automaticamente na direção, procurando por ela. Meu coração frio aquece quando a vejo, sorrindo de algo que Luciana está lhe dizendo. Estão conversando com a minha avó em um dos estofados amplos do outro lado da sala.

— Quem diria, Heitor Maxwell de bom grado em uma ceia natalina... — viro de lado, bufando para a provocação de Alberto. Ele resolveu dar uma passada por aqui com a namorada, antes da ceia com sua família.

— Não tenho nada a ver com isso, cara. Você me conhece bem. — defendo-me. — É coisa de Sofia.

Ele ri e dá um tapa fraternal em meu ombro.

— Ela te faz bem, meu amigo. — diz com seriedade. Meus olhos voltam para ela como que puxados por uma espécie de imã invisível. Sua cabeça gira e nossos olhares se encontram. Seu sorriso doce amplia, apenas para mim. Está linda demais esta noite em um macacão vermelho, a cintura fina

marcada por um cinto dourado. Está se transformando em um mulherão, com curvas de fazer qualquer homem virar a cabeça quando ela passa. Fico louco de ciúme nos eventos em que participamos. Depois das palavras venenosas de Vera, fiquei paranoico, observando se vai dar mole para algum filho da puta mais jovem do que eu. Eu me obrigo a deixar as minhas neuras recentes de lado e aprecio cada detalhe dela. O cabelo está preso em uma trança longa, pendendo sobre as costas. Há algo diferente nela. Tenho a observado muito nesses dias. Está radiante, como se sua pele estivesse reluzindo, os olhos verdes mais brilhantes. A risada baixa de Alberto soa, me tirando do transe. Meu amigo me encara, parece querer dizer mais alguma coisa, em vez disso, toma um gole do seu uísque apenas.

— Sim, eu acho que posso admitir isso. — dou de ombros. Não vou começar a falar sobre sentimentos agora. Nunca irei chegar em tal estágio.

— O novo contrato está pronto. Quando vai mostrar a ela? — pergunta e eu rio um pouco. Alberto é tão parecido comigo. Difícil sair da pele do advogado, mesmo nas folgas.

— Depois do ano novo. — digo, saboreando mais um gole da minha bebida. — Será que ela vai gostar?

Alberto bufa.

— Será rica, muito rica. — aponta, enrugando a testa. — Que mulher não gostaria disso, amigo?

Abano a cabeça.

— Sofia não é como as outras. — eu me vejo defendendo-a imediatamente e franzo o cenho.

Um sorriso filho da puta se abre no rosto de Alberto. Resmungo e antes que solte alguma pérola de sabedoria, T chega até nós, vindo do corredor. Na certa estava na cozinha, cumprimentando Rosa. Meu irmão adora manter seu fã-clube entretido. Ironizo.

— Fizemos um belo trabalho, hein, H? — empurra seu ombro no meu, indicando a árvore, que mais parece uma seringueira na minha sala.

Está toda decorada, cheia de presentes que Sofia e dona Magnólia supervisionaram enquanto nós dois pendurávamos tudo. A contragosto, eu me vi apreciando a forma como nos sentamos e trabalhamos em equipe ao

redor da coisa enorme e fomos dando-lhe vida. Se fosse por mim, pagava alguém para entregar tudo pronto. Mas entendi um pouco do que Sofia estava falando, o verdadeiro sentido da celebração em família é construir juntos. Ela estava tão empolgada, como uma criança, os olhos bonitos cintilando. Desconfio que também não tenha tido muitos natais felizes em uma família como a sua, e por essa desconfiança, acabei cedendo e deixando a árvore exatamente do jeito que pediu. Valeu a pena ver o seu sorriso emocionado quando acabamos o serviço e ela testou o pisca-pisca iluminando a árvore em um caleidoscópio de cores vibrantes.

— Sim, nós fizemos, mano. — balanço a cabeça, anuindo. — Como foi voltar às suas preciosas rotas internacionais? — pergunto e ele torce o nariz, bebericando um copo de uísque também. Ele retomou os voos internacionais há dois dias. Franzo o cenho porque não parece tão feliz quanto achei que estaria. — O que há, T? Pensei que estaria soltando rojões por seu *castigo* ter acabado.

— Estou animado por voltar ao meu lugar, mano, claro. — ele me olha de lado, a boca curvando em um sorriso travesso. — É que deixei algo inacabado em Tocantins, se é que me entende... — balança as sobrancelhas maliciosamente. — Sei que você me proibiu de ir para as comissárias de bordo. Mas nada me foi dito sobre pilotos...

— Tristan, cara, você está indo para os pilotos agora? Não sabia que tinha mudado de time... — Alberto entra na conversa, provocando meu irmão.

Isso me arranca uma risada. Tristan bufa, desviando o olhar escuro para o nosso amigo.

— Rá, rá, rá. Desista de tentar fazer piadas, *Albie*. — ri com sua irreverência quando Alberto fecha a cara pelo apelido que detesta. T completa em tom condescendente: — Você não tem o menor talento para isso, cara.

— Um rabo de saia. — bufo, parando sua discussão boba. — Deve ser especial para ainda estar se lembrando dela, mano. — zombo. Meu irmão muda de mulher com a mesma frequência com que muda suas roupas.

T rola os olhos, mas ri do seu jeito sacana, aceitando que é um mulherengo incorrigível.

— Eu não peguei essa, mano. Aí reside o problema. — diz com um toque de frustração. — As mulheres não resistem a mim, nunca. — sua declaração

arrogante faz Alberto e eu bufarmos. — Mas essa me escapou nas muitas tentativas que fiz. É tão irritante, dona de si. Quero bater em sua bunda e, em seguida, transar com ela até que não tenha forças para me afrontar mais.

Eu rio. Parece que essa garota conseguiu mexer com meu irmão.

— Bem, *Dom Juan de Marco,* porque essa resistiu, você está com o ego abalado, é isso? — eu o alfineto.

— Sim. É meu ego falando? Claro. — admite sem vergonha alguma. — Mas há também o tesão louco que essa tigresa me fez sentir.

— Novidade. Você vive com tesão. — resmungo.

— Estou falando sério, H. Essa é uma coisa... — geme como se tivesse vendo a mulher na sua frente agora. — É uma morena deliciosa. Linda, geniosa. Só vou sossegar quando a tiver embaixo de mim... — mais um sorriso filho da puta curva sua boca. — ou por cima, vocês sabem, sou totalmente a favor dessa onda de empoderamento feminino... — ele me dá a piscada que é a sua marca de safadeza.

Eu não consigo segurar a gargalhada. Ele não tem jeito. É um cafajeste assumido. Meneio a cabeça e rimos juntos.

— Cara, esse não é o verdadeiro sentido do *empoderamento feminino.* — Alberto contesta.

— Vamos, *Albie,* você é um advogado, sabe que as coisas estão aí para serem interpretadas do modo que melhor nos convém... — Tristan dá de ombros, oferecendo-lhe uma de suas piscadas marotas.

Alberto resmunga, tendo que concordar. T é o tipo de cara inteligente demais para ser pretencioso sobre isso. Seu cérebro privilegiado geralmente fica escondido sob a sua irreverência.

— Voltando ao assunto... — limpa a garganta. — vou retomar as palestras na nossa escola de pilotos a partir da próxima semana.

Isso me faz franzir a testa. Surpresa me toma.

— Você não saiu porque queria se dedicar exclusivamente às rotas internacionais? — inquiro, começando a ficar intrigado.

— Hum, sobre isso, estou disposto a ceder algumas das minhas rotas para Cristiano Rangel. Ele é um palhaço completo, mas é um bom piloto. — diz o

nome do seu maior concorrente com uma voz forçada, parecendo uma criança birrenta.

— Irmão, agora você tem a minha atenção. — digo, incrédulo. — Por que está cedendo para o Cristiano? E o mais importante, por que quer retomar sua participação na escola preparatória de pilotos? — estreito meus olhos sobre o meu irmãozinho, sabendo que reside aí o *x* da questão. Tristan não cederia assim, de graça.

— A minha tigresa tocantinense é uma pilota e está apenas esperando uma oportunidade para alçar voos mais altos. É aí que entro, irmão. Vou lhe fazer uma proposta irrecusável... — diz com um sorriso de quem acabou de inventar a roda. — vou trazê-la para São Paulo. Você sabe, tirá-la da sua zona de conforto. Vamos ver se consegue resistir a mim em meu território.

Tudo bem, parece que a garota realmente fez um número em meu irmão.

— Uau! Ela parece uma garota inteligente. — Alberto assobia.

— Porque é uma pilota? — Tristan inquire.

— Não, porque não caiu no seu bico doce. — Alberto ri alto e meu irmão lhe oferece uma carranca.

Decido ir junto na zoação e endosso:

— As coisas estão tão ruins assim, irmãozinho? Desde quando precisa ter tanto trabalho para transar?

Ele bufa e resmunga com desdém:

— Fala o homem que tomou uma menina inocente como pagamento de uma dívida.

Suas palavras são como um tapa em meu rosto. Porra! Ele bateu com força agora.

— Certo. Eu acho que é hora de ir. Minha família está me esperando. — Alberto intervém diplomaticamente. Eu o olho depois de fuzilar meu irmão linguarudo. — Feliz Natal, Heitor! — diz e me bate nos ombros.

Eu sorrio, sentindo-me diferente, uma alegria estranha pulsando dentro do peito. Eu o puxo para um abraço de verdade.

— Feliz Natal, meu amigo! — devolvo. É provavelmente a primeira vez que digo a frase com um significado real. Quando me afasto, Alberto tem um

sorriso surpreso e meio pateta no rosto. Eu devo ser o pior amigo do mundo. Não me lembro de ter lhe dado um abraço sem ser forçado em todos os anos que nos conhecemos. — Estenda meus cumprimentos para a sua família. — emendo.

Ele me dá mais um tapa amigável nas costas e cumprimenta Tristan da mesma maneira, os dois riem, esquecendo por um momento sua birra um com o outro. Ele faz contato visual com Luciana e ela se levanta junto com a minha avó e Sofia, se dirigindo até nós.

— Já estamos de saída, querida. Se despeça. — nunca ouvi tanta suavidade na voz de Alberto quando puxa a namorada pela cintura, mantendo-a bem perto dele.

Eu iria debochar do meu amigo. Isso, se meu olhar não estivesse em Sofia, chamando-a para perto de mim, sem palavras. Ela vem e entra em meu abraço, sua mão delicada repousando em meu peito, um gesto íntimo e carinhoso. Parecemos um casal de verdade recebendo amigos. Viro a cabeça de lado, fitando-a com fascínio. Um sorriso suave curva a boca carnuda pintada de vermelho, da cor do macacão sexy de um ombro só.

— Foi um prazer vê-lo essa noite, senhor Maxwell. — Luciana diz, me fazendo olhá-la. Estende a mão, meio encabulada. Ela ainda não está à vontade ao me encontrar fora do ambiente de trabalho. Aceito sua mão em um aperto firme.

— Apenas Heitor, Luciana. Não faz mais sentido tal formalidade se vamos frequentar os mesmos círculos. — peço em tom ameno e ela parece surpresa, mas acena um tanto relutante.

— Está certo... Heitor. — diz com estranheza, e rimos todos em volta. — Obrigada. — olha para os outros. — Tristan, senhora Magnólia. — minha avó e T a cumprimentam de volta. — Sofia. Feliz Natal!

— Feliz Natal! — devolvemos em uníssono.

Alberto e Luciana nos deixam em seguida. Tristan abraça a minha avó, beijando seu cabelo cinza. Ela se derrete, olhando-o com adoração antes de arrastar os olhos amorosos para Sofia.

— Obrigada por juntar meus meninos hoje, querida. — diz com os olhos mais brilhantes. — Eles andaram me negligenciando nos natais dos últimos anos. — seu tom emocionado me faz sentir mal por só perceber agora que era

importante para ela estarmos juntos. Tristan também nunca ligou se a sua escala de voos caísse no Natal. Nós dois somos bem filhos de nossos pais. Constatar isso me deixa com um gosto amargo na boca. Temos sido tão egoístas com a nossa avó como foram conosco. Preciso reparar isso.

— Desculpe, vovó. Vamos celebrar todos os anos a partir de agora. — digo e ela me encara, surpresa estampada em seu rosto. — Aqui em casa, na de T, ou na sua. A senhora pode escolher.

Ela ofega levemente, os olhos enchendo de lágrimas. Ela se desvencilha de Tristan, vindo para mim e eu a acolho em um abraço amoroso, como nunca mais havia lhe dado na idade adulta. Fecho os olhos brevemente, gostando desse reencontro, então beijo sua têmpora carinhosamente antes de me afastar.

— Ah, querido... — diz embargada, lágrimas descendo em suas faces agora. Sorrio-lhe e limpo seu rosto com cuidado. — Eu gostaria muito disso.

— Então, temos um acordo, dona Magnólia. — digo, lutando contra a queimação em meus olhos. Eu não me lembro da última vez que chorei. Meu cérebro parece que apagou tais registros quando decidi que nada podia me atingir se eu não deixasse. Ela me beija na bochecha, limpando o batom depois.

— Eu rezo para que no próximo ano estejamos todos juntos. — o jeito que me olha, sugere que sabe mais do que lhe contei sobre meu relacionamento com Sofia. — E que Deus nos conceda uma criança para alegrar essa casa.

Meu olhar procura o de Sofia imediatamente. Ela sorri, mas isso sai meio tenso. Minha avó está deixando-a sem jeito com suas previsões para o futuro.

— Eu acho que a senhora anda apressada demais, dona Magnólia. — T sorri, puxando Sofia pelos ombros e beijando sua bochecha. Por mais que eu tenha ciúme, sei que meu irmão nutre um carinho verdadeiro por ela. — Talvez seja melhor Sofia opinar sobre isso, não é, bonitinha?

Ele propõe e Sofia me olha mais uma vez, pânico em seus olhos. Não sei o que está tentando transmitir, mas há algo lá. Um apelo silencioso que não compreendo.

— Vamos deixar a vida seguir seu curso, T. — ela murmura e quebra nosso olhar, fitando Tristan com um sorriso forçado. Já a conheço bem. Sei quando algo a está incomodando.

— Alguém já disse como está maravilhosa hoje, bonitinha? — ele usa seu tom galanteador, me olhando de esguelha. O rosto de Sofia se ilumina e ela solta uma risadinha mais espontânea.

— Sim. *Eu* disse. — resmungo e nossa avó sorri ricamente.

— Você é impossível. — Sofia diz ainda rindo para T.

Antes que meu irmão diga mais alguma coisa, os fogos espocam no céu de São Paulo e a claridade vem através das portas de vidro.

— Abram um champanhe, queridos! Rápido! — minha avó exclama, sua voz eufórica como não via em anos.

Vou até a mesa ricamente posta com os frios e as bebidas, com Tristan na minha cola. Estouro um champanhe e ele alinha as taças. Sirvo quatro, cada um pega duas e voltamos para as mulheres, que agora estão no limiar das portas abertas, entretidas olhando para fora. Os fogos multicoloridos sobem e explodem no céu, a imagem refletindo na superfície escura do lago. Entregamos as taças a elas e brindamos em conjunto. Puxo as costas de Sofia contra meu peito e ficamos assim, admirando os fogos e tomando a bebida. Apenas nós quatro, um tanto solitário, talvez. Mas não gostaria de estar em outro lugar, ou com quaisquer outras pessoas. Eu posso entender um pouco da tão falada *magia* do Natal nesse momento.

A ceia foi animada com Tristan contando sobre suas aventuras no Norte do Brasil. Eu acho que as rotas domésticas não foram tão ruins assim para ele, afinal. O tempo inteiro senti Sofia um tanto reservada. Ela ficou assim depois dos comentários de dona Magnólia. Eram quase duas da madrugada quando acompanhamos os dois até o carro de Tristan. Ele avisou que ia dormir na casa da nossa avó. Acho que meu irmão também foi tocado pelo espírito natalino.

— Você está bem? — pergunto a Sofia quando entramos de volta na sala.

— Sim. Por que pergunta? — ela me olha de lado e eu a giro para a minha frente. Meus braços enrolando em sua cintura, um gesto involuntário, natural, sempre que estou perto dela nos dias de hoje. O som ainda está ligado na rádio que minha avó insistiu em sintonizar para ouvir as músicas natalinas. A programação mudou para pop nacional, pelo visto.

— Esteve meio quieta. Pensei que estaria mais alegre. — digo, levantando seu queixo, forçando-a a me encarar. — Há algo lhe incomodando. O que é?

Uma sombra passa ligeiramente nos olhos verdes. Ela pisca e sorri em seguida, os braços rodeando meu pescoço, o corpo sensual colando ao meu.

— Não é nada. Foi tudo perfeito. Apenas gostaria que meu pai estivesse aqui, comigo. — diz com uma voz pequena.

Claro. Está sentindo a falta do pai. Gostaria de poder lhe dizer que o homem vai acordar um dia, no entanto, não sei se isso irá acontecer. Os médicos não estão otimistas no caso dele. Sofia o visita quase que diariamente. Não entendo por que é tão devotada a um pai que praticamente a abandonou à própria sorte. Um homem que a entregou covardemente nas minhas mãos para se livrar da cadeia. Um clarão vem da parede de vidro e logo depois gotas pesadas batem contra a vidraça. Sofia sorri, o rosto se transformando. Ela gosta da chuva. No domingo passado, quando caiu uma chuva do nada no meio da tarde, ela me arrastou com roupa e tudo para fora. Foi uma coisa bizarra e refrescante ao mesmo tempo. Eu acho que nunca tinha tomado banho de chuva em toda a minha vida. Depois me senti um idiota com as roupas encharcadas e fiquei espirrando por dois dias, entretanto, direi que valeu a pena se me perguntarem a respeito.

— Obrigada. Nunca tive uma noite de Natal assim. — confessa o que eu já desconfiava. O radialista anuncia Ivete Sangalo, em *Se Eu Não Te Amasse Tanto Assim.* Os olhos verdes cintilam e um sorriso doce e um pouco ansioso desliza em seu rosto. — Heitor?

— Sim, bebê?

Fica em silêncio, apenas me olhando. Ivete canta a letra bonita enquanto nos encaramos.

Meu coração, sem direção
Voando só por voar
Sem saber onde chegar
Sonhando em te encontrar

E as estrelas
Que hoje eu descobri
No seu olhar
As estrelas vão me guiar

— Dança comigo? — murmura por fim. Sorrio levemente, trazendo-a mais para perto e a embalo na melodia suave. Lá fora a chuva é torrencial,

contrastando com a atmosfera pacífica e aconchegante daqui de dentro. Pela visão periférica vejo a árvore gigante piscando e meu coração se enche de algo que não sei o que é, só sei que é bom. Muito bom. Encosto minha testa na sua, tendo consciência de que é tudo por causa dela, dessa menina-mulher em meus braços.

— Eu também não. — murmuro bem perto de sua boca.

— Também não, o quê? — ofega, seus dedos delicados afagando minha nuca.

— Nunca tive um Natal assim. — admito baixinho. Ela ouve pela empatia que vejo nos olhos bonitos. — Obrigado.

Eu ganho mais um sorriso suave.

— Disponha. — diz baixinho, olhos cintilando para mim. — Feliz Natal!

Uma felicidade, uma paz inexplicável se espalha dentro de mim.

— Feliz Natal, neném! — seguro sua nuca e abaixo a minha boca na dela, desistindo de tentar desvendar o que está havendo comigo. O refrão parece estar ecoando dentro de mim enquanto nos beijamos.

Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão

Algo mudou entre nós. Não vou me debruçar sobre isso esta noite, porém. Esta noite eu só quero isso aqui: sentir.



CAPÍTULO TREZE

Uma semana depois...

Heitor

Levantamos nossas taças e entramos na contagem regressiva...

— 5, 4, 3, 2, 1! Feliz Ano Novo! — a mesa grita entusiasmada para os fogos explodindo no céu de São Paulo.

Mantenho meu braço enrolado na cintura de Sofia. Ela está com o sorriso mais radiante para mim, as luzes dos fogos refletindo nos incríveis olhos verdes. Esqueço do resto da mesa e me perco nela. Apenas nela. É linda demais.

— Feliz Ano Novo, bebê! — murmuro perto da sua boca.

— Feliz Ano Novo, Heitor! — sua voz está meio emocionada.

Sem me importar com mais nada, tomo sua boca, beijando-a com paixão na frente de todos. Ouço assovios e sorrisos, provavelmente de Tristan e nossa avó, que estão perto de nós. Estamos no Jardim Paulista, em um clube de festas exclusivo que alugamos para o tradicional baile de fim de ano da empresa. É um evento apreciado e muito esperado pelos nossos funcionários, e desde que assumi a presidência da HTL, tenho me esforçado para torná-lo cada vez melhor. Chupo a língua macia em minha boca vorazmente. Sofia choraminga, apalpando meu ombro, segurando minha nuca com a mão livre e se rende à minha fome. Nós nos beijamos, praticamente fodendo a boca um do outro, sob os sons de risos, fogos e felicitações para o ano que se inicia. Quando arranco minha boca da sua, rio como um adolescente que se comportou mal e ela faz o mesmo.

— Deliciosa... Isso vai me dar sorte, garantir um bom... — meio que rosno, mordendo seu lábio inferior. — um excelente ano.

Seus olhos cintilam de uma forma hipnotizante. Está usando um vestido branco, lembrando o que usou na Grécia, parecendo uma deusa, imponente. Seu corpo está ficando cada vez mais maduro, com curvas deliciosas, voluptuosas. Os peitinhos redondos e firmes estão maiores, suculentos. A cinturinha bem fina e os quadris alargando na bundinha linda e arrebitada. Ela tem desabrochado em uma linda e estonteante mulher desde quando a fiz minha, há quase três meses. Estou cada vez mais louco por ela. Fascinado.

Sofia tomou minha cabeça e meu corpo de tal forma, que me assusta a velocidade com que me viciei nela.

— Você acredita em Deus? — sussurra, a voz ainda cheia de emoção.

Franzo a testa. Que raio de pergunta é essa?

— Eu acho que sim. — dou de ombros.

Ela rola os olhos.

— Não há meio termo. Só há uma resposta: sim, ou não. — diz com sua astúcia e atrevimento em dia.

Eu rio, tocando minha taça na sua.

— Sim, eu acredito. — digo e percebo que sim, é verdade. Eu acredito em Deus, embora não seja exatamente íntimo Dele.

Isso a agrada, seu sorriso suave ampliando.

— Então, será um ano excelente. Basta confiar Nele. — diz com uma convicção inocente. Um leve sorriso toca a minha boca pela forma simples, honesta e direta com que trata sua crença.

— Eu acredito no trabalho duro, Sofia. — digo com um toque do meu cinismo habitual.

Ela acena, esses olhos magníficos parecem estar travando outro tipo de conversa comigo. Uma mais íntima. Uma que me mantém aquecido por dentro, tocado de uma forma que nunca me permiti antes dela.

— Sim, claro, no entanto, a colheita é muito mais abundante quando entregamos tudo nas mãos capazes de Deus.

Eu a encaro ainda com o sorriso brincando na boca. Não contente em fazer me render ao Natal, ela vai continuar me convertendo, pelo visto.

— Não sabia que era uma beata fervorosa. — brinco.

Ela ri, meneando a cabeça.

— Eu não sou. Frequento a igreja esporadicamente, mas converso com Deus todos os dias. — ela me olha com interesse aguçado. — Já conversou com Deus alguma vez, Heitor?

Uh. Tema profundo para os primeiros minutos do ano novo.

— Eu acho que não. — dizer isso em voz alta me faz sentir um imbecil completo. Acho que todos já conversaram com Deus em algum momento de suas vidas, não? Seu rostinho lindo cai um pouco. Eu sei o que pensa sobre mim: pobre menino rico. Todo fodido emocionalmente, cínico sobre todos os aspectos da vida. — Talvez, quando era criança... — dou de ombros. — Não consigo me lembrar exatamente de uma ocasião específica. — ela permanece em silêncio, me analisando com esses olhos expressivos, e eu vou amolecendo, baixando a guarda de novo. — Você conversou com Ele agora? Um pedido especial para o ano que se inicia, talvez?

Seu rosto relaxa e ela sorri.

— Sim. Eu fiz um pedido muito especial. — murmura com ar de menina sonhadora.

— E acha que isso *cairá do céu*, sem nenhum esforço? — não resisto a uma provocação.

Ela me dá um tapa leve no ombro.

— Pare de brincar com coisa séria. — ela me repreende e eu apenas sorrio, fitando-a bobamente. Sofia sempre me encanta quando defende suas convicções. — Não. Eu estou trabalhando para obter o meu pedido atendido. — seus olhos seguram os meus com intensidade e ela sussurra: — Porque eu o desejo com todo o meu coração.

Talvez tenha pedido pelo restabelecimento da saúde do pai. Pondero. Nesse momento, olhando para seu rosto perfeito ainda carregando traços de menina, estou tentado a pedir a Deus que a atenda em seu pedido. Subo a mão da sua cintura pelas costas, aproveitando para acariciá-la no processo, até chegar ao rosto bem maquiado. Seu cabelo está solto, caindo como uma cortina de seda, perfumado. Traço a face esquerda com delicadeza, tudo nela me fascina, me seduz, me amolece. Sim, espero que Deus lhe conceda o que quer que tenha pedido.

— Você é surpreendente, neném. — digo em uma voz tão terna, que não reconheço, e a admissão pula para fora sem o meu consentimento: — Você me faz tão bem.

Ela arfa, os olhos brilhando como joias sob as luzes dos fogos no terraço ricamente decorado. Sua mão vem para o meu rosto em um toque delicado. Leva um tempo para me responder em um sussurro rouco:

— Idem, Heitor Maxwell.

Sorrio arrebatado, e a beijo de novo, ignorando o resto da mesa, o resto do mundo.

O jantar é servido alguns minutos depois, quando passa a algazarra dos fogos e felicitações. Esse ano vieram muitos funcionários de outros estados, percebo, meus olhos correndo pelas mesas dispostas tanto dentro do salão, quanto aqui fora, no terraço. Temos uma banda e um DJ para animar noite adentro. Pelas minhas contas, tinha uns dois anos que Tristan e eu não comparecíamos ao baile, enviávamos nosso vice-presidente para nos representar. Muitas vezes preferimos curtir fora do país acompanhados de belas mulheres. Meus olhos param na mesa à nossa direita, onde Vera está com seu pai. Ele me avisou que viria passar a virada no Brasil e tive que convidar os dois em nome da etiqueta, uma vez que é meu antigo parceiro de negócios. Ela levanta a sua taça em um brinde mudo e sorri sedutoramente antes de tomar um gole do champanhe. A mulher continua se insinuando, mandando mensagens, convites descarados para mim desde que chegou no começo do mês. Semana passada inventou de me fazer uma visita surpresa na sede da empresa, na Paulista. Em uma infeliz coincidência, havia combinado de jantar fora com Sofia e ela chegou bem no momento em que estava escoltando a visita indesejada para fora da minha sala. Sofia não perguntou nada a respeito, mas senti seu olhar acusador durante todo o jantar. Só voltou a sorrir para mim quando chegamos em casa e eu adorei seu corpo, mostrando sem palavras que é ela quem está em minha cabeça. Só ela.

Aceno educadamente para Vera e volto a atenção para algo que Tristan está dizendo. Minha avó está se vangloriando para um casal sobre o projeto de Sofia com as crianças carentes que está começando a tomar forma.

Depois da sobremesa, dona Magnólia sequestra Sofia para apresentar aos Albuquerque, que chegaram de uma longa temporada na Europa. Reabasteço meu corpo de uísque e aproveito para fazer a social. T faz o mesmo e me segue para o outro lado do terraço. Alguns casais estão dançando no amplo espaço aberto perto do palco. Abro um sorriso cordial e cumprimento cada pessoa que vejo pela frente.

— Você está diferente, irmão. — Tristan diz quando alcançamos o parapeito, as luzes da cidade em uma vastidão vários metros abaixo. Alguns fogos solitários ainda estão espocando aqui e ali no céu escuro da metrópole.

— Diferente como? — pergunto, tomando um pequeno gole do meu copo, olhando-o de soslaio. Seus olhos escuros seguram os meus.

— Feliz, eu diria. Parou com suas besteiras de não demonstração de afeto, públicas ou não. — seus olhos se iluminam. — A bonitinha te fez um bem danado, mano.

Um sorriso suave toca a minha boca e eu aceno. Ele continua a me encarar, agora um pouco mais sério.

— Você a ama, não é? — ele me encara, parecendo contente e apreensivo ao mesmo tempo. — Se apaixonou por ela.

Eu engasgo. O quê?! Amor?! Não, não... Claro que não. Aprecio muito estar com ela. Gosto de saber que é minha, só minha. Temos construído algo bom desde que propomos a nos dar bem tanto na cama quanto fora dela. Mas estou apaixonado? Não. Claro que não! De onde diabos meu irmão tirou essa ideia mais ridícula? Não sou do tipo que se permite cair de amores. Sou pragmático e cínico demais para isso. Não me agrada que estejam pensando que me apaixonei, que sou vulnerável de alguma forma. Talvez seja a hora de tomar as rédeas dessa situação novamente.

— Amor nunca esteve em meus planos, T, sabe disso, irmão. — digo um tanto seco. — Além disso, Sofia é muito jovem para um relacionamento a longo prazo. O que farei com uma menina de dezoito anos como esposa?

Seus olhos estreitam e uma expressão zangada se espalha em seu rosto. Toma um gole da sua bebida.

— Espero que não faça nenhuma cagada e venha se arrepender depois, H. Ela é boa para você, irmão. Aceite isso. A idade não foi um problema quando a levou para sua cama, foi? — ele me diz ferozmente.

— Ela sempre soube desde o começo que a nossa relação não seria permanente. — retruco com veemência. Parece leviano dizer isso, porém, é nada além da verdade.

Ele bufa.

— Besteira, H. Te conheço bem e sei que deve estar pirando aí dentro dessa cabeça dura porque a deixou se aproximar demais. — resmungo. Ele sabe me ler tão bem. — Só para constar, ficarei do lado dela se você machucá-la. Eu vou... — seu olhar desvia para algo atrás de mim, e sua voz

some, um brilho de surpresa e depois de pura luxúria, preenchendo as íris escuras. Meio que rosna baixo, toda a ameaça em defesa de Sofia sendo esquecida. — Porra, ela está aqui. — geme rudemente, seu tom mudando para sacana quando completa: — Jesus... Eu juro, irmão, a água de Tocantins precisa ser estudada...

Eu viro a cabeça e vejo uma morena escultural em um vestido amarelo. Ela está gesticulando para um cara, que a segue até a balaustrada a alguns passos de nós. É muito bonita, devo reconhecer. O cabelo cacheado e volumoso parece tão mal-humorado quanto seus gestos e palavras para o sujeito. Então o cara pega seu braço, puxando-a de supetão. Que diabos é isso? Antes que eu tenha sequer tempo de pensar, Tristan está avançando, passando por mim como um raio. Eu sigo atrás dele, preparado para evitar uma cena.

— Eu disse que não estou interessada em dançar. Você é surdo, idiota? — a voz irritada da morena sai em um rosnado quando chegamos até eles.

— Solte-a, ou vou jogá-lo desse parapeito, babaca! — Tristan empurra o homem, que larga a moça, caindo de bunda no chão. Os olhos do infeliz estão vermelhos e desfocados. Está bêbado. — Se for nosso funcionário considere-se demitido, porra! — meu irmão continua irritado. E me mantenho calado, intrigado com a sua reação à beldade nortense. Logo, dois seguranças estão sobre o cara, levantando-o, prontos para recolher o lixo.

— Recolha seus dados pessoais. — eu os instruo antes de eles o arrastarem das nossas vistas. Irá para o olho da rua se realmente for um dos nossos. Não dá para admitir tal comportamento.

— Você está bem? — Tristan pergunta à moça e ela rola os olhos, sua mão segurando um copo de uísque. Meus olhos arregalam um pouco. Sim, uísque, não champanhe como as outras damas do baile.

— Eu estava prestes a esmagar as bolas do cretino, para a sua informação. — reclama, os olhos meio esverdeados se fixando em meu irmão e os dois travam uma conversa silenciosa, carregada de tensão. Os olhares se devorando enquanto eu fico de espectador. Ela possui uma beleza um tanto exótica, bem diferente dos padrões de T. Meu irmão está acostumado com as mais belas mulheres fazendo fila atrás dele e o safado se orgulha de *traçar* todas. Palavras dele.

— De nada. — ele zomba e acrescenta com um sorriso malicioso: — Eu sabia que não ia resistir e viria atrás de mim, tigresa. — seu sorriso se alarga com o bufo que recebe como resposta. — Também senti saudade, querida.

— Não me lembro de dizer que senti sua falta, *riquinho.* — a morena rebate, os olhos faiscando.

— Ah, você fere meus sentimentos, querida. — seu tom safado não parece nem um pouco ferido, no entanto. — Eu a salvei do assédio daquele bêbado, o mínimo que mereço é um agradecimento à altura... — ele deixa o olhar passear pelo seu corpo cheio de curvas, sem nenhuma cerimônia.

— O que você chama de agradecimento à altura? — ela enruga o nariz.

Tristan sorri lentamente.

— Sexo de ano novo seria uma boa pedida, você sabe, para dar sorte. — pisca com safadeza e ela revira os olhos, tomando uma dose da bebida forte.

— Você não tem vergonha?

— Eu não, nem um pouco. — ele diz com naturalidade. — Você devia experimentar. Pelo seu nível de estresse, aposto que não tem transado com frequência...

— Eu não estou tão na seca assim, *querido.* — ela zomba.

Meus lábios tremulam com a troca um tanto divertida dos dois. Eu me sinto um *voyeur.* Posso entender o apelo nesse momento. T está atraído pelo desafio. A risada do meu irmão soa alta, com gosto. Sim, o idiota está adorando o desafio.

— Ah, tigresa, eu adoro uma garota difícil. — a voz dele abaixa perigosamente. — Você me deixou duro, porra.

Tudo bem. Eu acho que a brincadeira acabou e ele vai partir para a matança. Hora de ir procurar Sofia.

— Tenho certeza de que aquela modelo pernuda que o está acompanhando esta noite cuidará desse incômodo. — ela cospe, parecendo com nojo dele.

— Merda. — ouço T resmungar sob sua respiração e correr os olhos pelo salão, à procura da sua acompanhante da noite. — Amanhã, então? Vamos, querida, não seja tão ciumenta.

Eu quase engasgo ao tomar a minha bebida. Deus, meu irmão tem uma

cara de pau sem tamanho.

— No que depender de mim, vai morrer seco — ela rosna e só então seus olhos vem para mim, como se me notasse apenas agora. Talvez meu irmão tenha alguma chance, afinal, ela ficou submersa nele esse tempo todo. Ninguém desperdiça tanta energia com alguém que não lhe afeta. —, senhor Maxwell... Oh, meu Deus! Eu...

— Apenas Heitor, por favor. — estendo a mão, cordialmente. — E você é?

— Pietra. — diz, seu rosto ruborizando, provavelmente por vergonha da malcriação com Tristan, um Maxwell, o dono da festa e seu chefe, pelo que ele me contou a seu respeito. — Pietra da Silva Ferraço.

— Ferraço? — repito o sobrenome familiar. Eu me recordo de um dos nossos pilotos aposentados vivendo em Tocantins. — Algum parentesco com Pietro Ferraço?

Seus olhos se iluminam.

— Sim, ele é meu pai e vai ficar feliz com a lembrança. — diz com amabilidade, tão diferente do tratamento dispensado ao paquerador do meu irmão.

— Ele está aqui hoje? — pergunto.

— Sim, está com a minha mãe e irmãos em uma das mesas perto do palco.

É a minha deixa para sair logo daqui.

— Vou procurar por Sofia e iremos cumprimentá-los, T. — aviso-o e ele acena. — Foi um prazer, Pietra. — acrescento, já começando a me afastar.

— Só vou fazer mais um pedido. — ouço a voz de T às minhas costas.

— Qual? — ela indaga.

— Não arranhe muito as minhas costas quando eu tiver te comendo, minhas bolas vão estar tão profundas em sua boceta, que você vai chorar de prazer. — sua risada é muito sacana. — Eu tenho pele sensível, querida...

— Vai se foder, seu galinha!

A resposta malcriada da garota se perde no burburinho à nossa volta. Porra! Um sorriso arrogante de cumplicidade masculina repuxa a minha boca.

Sim, meu irmãozinho vai definitivamente para a matança.

Eu ando pelo terraço, correndo o olhar pelo amplo espaço à procura de minha avó e Sofia. Eu as vejo no lado oposto, ainda perto da mesa dos Albuquerque. Meu cenho franze ao ver Sofia rindo de algo que Felipe, o caçula da família e playboy assumido, está lhe dizendo. Ele está no final dos vinte e ainda não faz nada da vida a não ser torrar o dinheiro da família. Eu paro, observando a interação dos dois. Minha avó está perto, conversando com a avó do babaca. Meu sangue esquenta, ciúme feral me invadindo. Sou homem, sei bem o que todos eles pensam quando olham para a minha jovem e bela mulher. É o que eu penso: trepar, montá-la com força, por horas, de várias maneiras. Estou mudando o passo para ir tirá-la de perto do fodido desprezível, quando uma mão feminina segura meu antebraço. O perfume conhecido se infiltra em minhas narinas. Vera.

— Não, *mi cariño.* — sussurra em meu ouvido. — Não vá até lá fazer uma cena. Você é Heitor Maxwell, está bem acima disso.

Sua voz sedutora me faz olhar de lado, seu rosto está bem perto. Ela está muito bonita hoje. Merda. Ela sempre está. Talvez eu devesse voltar a comer essa cadela fogosa. Isso iria me colocar de volta no controle das minhas emoções. Acabaria com esse monopólio ridículo de Sofia sobre o meu pau. Olho-a, analisando os prós e os contras. Infelizmente meu pau não dá nenhum sinal de vida com a sua proximidade. Estarei fodido se não tomar uma providência urgente. É hora de colocar o pé no freio ou as coisas vão desandar de vez.

— Venha me visitar amanhã. Me deixe provar que ainda posso satisfazê-lo na cama, *mi amor.* — ronrona.

— Não sei se é uma boa ideia...

Ela ri como uma hiena vendo meu vacilo.

— É uma excelente ideia. Se deixou enfeitiçar pela menina porque não está tendo sexo de qualidade com outra... — sua voz é carregada de sensualidade. — Olhe para ela. Olhe bem para Felipe Albuquerque. — meu sangue ferve ao ver o idiota colocando uma mecha de cabelo de Sofia atrás da orelha. É um gesto íntimo e ela o permitiu, porra! — Por quanto tempo acha que Sofia vai resistir aos avanços de outros homens, Heitor? Não estou dizendo para parar de fodê-la, já que está claro que você aprecia a boceta

jovem. — ela zomba. — Mas você é Heitor Maxwell, pode ter quantas mulheres quiser, *mi querido.* Por que está sendo fiel a uma menina sem eira nem beira? Tome de volta as rédeas ou essa pirralha vai dominá-lo de vez. Todos em nosso círculo estão comentando que ela o transformou em um fraco.

Eu rosno.

— Isso não é verdade. Quem diabos está dizendo isso? — pergunto friamente.

Vera me dá mais um sorriso de hiena.

— Muita gente. Se não quer ser visto como fraco, pare de agir como um. — os olhos castanhos estão determinados nos meus. — Essa menina é esperta demais, uma boa bisca envolvendo você dessa forma. As mulheres aprendem rápido, *mi amor.* Não me espantaria se o próximo passo da espertinha fosse declarar amor eterno a você. — diz com deboche.

Eu franzo o cenho, a ideia me assustando pra caralho.

— Não. Ela não faria isso. Nosso acordo não envolve amor.

Ela sorri, satisfeita com a minha resposta.

— Exatamente. Não se deixe enganar por uma pirralha que já percebeu que o sexo é uma boa moeda de troca com os homens. — sorri sensualmente. — Sem ofensas, querido, mas vocês são muito burros quando seus paus se encantam por uma boceta. — abro a boca para replicar, mas ela coloca o indicador sobre os meus lábios, calando-me. — Esteja atento a cada passo dessa menina. É um dos homens mais ricos do Brasil e da América Latina, não pode se dar ao luxo de cair na armadilha de uma amadora. Veja Ramon... *Pobre hombre...*

— Solte o meu braço, Vera. — rosno, de repente muito puto com Sofia e seu poder indesejado sobre mim. Deixei me dominar completamente por uma garota de dezoito anos, porra! Uma menina inexperiente em tudo, mas que está me dando uma surra bem dada de boceta e eu, como um pateta fodido, adorando cada momento. Onde diabos estava minha cabeça? Não sou esse homem patético, fraco. Não. Isso vai acabar a partir de hoje. Encaro Vera com desprezo, sentindo raiva dela também por me fazer perceber que estava sendo ridículo, babando pela menina. Sofia deve estar muito contente consigo mesma por ter virado o jogo, me fazendo seu capacho. Tenho andado como

um idiota, sempre louco por ela, tentando adivinhar cada desejo seu para que eu possa satisfazer. Estou tão enfeitiçado que nem olho para outras mulheres com desejo. Tem sido apenas ela, tudo tem sido sobre ela e minha loucura por essa menina. Meu humor, que estava leve no começo da noite, azeda completamente. Eu rosno com frieza: — Quando quiser te comer de novo, eu te procuro. Pare de me cercar, porra.

Ela arregala os olhos e retira a mão de cima de mim. Porém, deve perceber que suas palavras surtiram o efeito desejado.

— Sim, me procure a qualquer hora que quiser e eu vou ajudá-lo a tomar o controle de volta, *mi cariño.* — sussurra com um sorriso sexy e se vai.

Eu crispo os punhos, meus olhos colados em Sofia do outro lado. Ela permanece lá, sem receio de eu vê-la dando mole para outro homem. Ciúme me corrói por dentro e fico irritado por ter dado esse tipo de poder a uma mulher. O que diabos eu estava pensando em me permitir brincar de casinha feliz esse tempo todo? Eu não quero amor. Nunca quis. Olhando-a friamente, eu giro nos calcanhares e me afasto na direção oposta. É hora de pegar o controle de volta. Vera tem razão, sou Heitor Maxwell, nenhuma mulher me dominou antes. Deixei essa coisa com Sofia ir longe demais. E hora de voltar a agir como eu mesmo.

Sofia

Heitor entra em casa na minha frente. Esteve calado, sisudo, a partir do momento em que entramos no carro. Na verdade, quando o encontrei depois que me livrei do assédio um tanto descarado de Felipe, o herdeiro dos Albuquerque, percebi que algo não estava certo. Ele estava na mesa, conversando sobre seu assunto preferido – negócios – em plena noite de ano novo. Eu me lembrei dos nossos primeiros dias na Grécia, quando me ignorava deliberadamente. Pouco conversamos e não demorou muito, me chamou para vir embora. Subo a escada atrás dele, em silêncio, sentindo em meu íntimo que algo está, sim, errado. Heitor estava radiante no começo da noite, na queima de fogos. Até me beijou apaixonadamente, em público, coisa que não gosta de fazer. O que pode ter acontecido para deixá-lo chateado? Eu me pergunto, tentando descobrir uma brecha para abordá-lo.

— Algo o chateou lá na festa? — eu me atrevo a perguntar quando entramos no quarto e ele vai direto para o pequeno bar na sala de estar suntuosa. Jogo minha carteira sobre um dos estofados. Ele leva um tempo,

arrancando o smoking branco e eu paro perto dos sofás, admirando os ombros largos e os movimentos enfezados, porém graciosos, com que se livra da peça, gravata borboleta e passa para dentro da bancada. — Heitor? — insisto em tom suave quando não vem nenhuma resposta. Ele suspira alto e despeja seu uísque doze anos com gestos irritados no copo. Sai de trás do balcão e anda para as portas da varanda, parando no limiar, imponente. Mesmo tudo nele gritando tensão, não posso deixar de contemplar o porte altivo. Eu amo tanto esse homem, meu Deus. Assusta-me a forma como esse sentimento vem se agigantando dentro de mim a cada dia que passo com ele. Se ele me deixar, vai me destruir. Meus olhos ardem com tal pensamento e me forço a não perder a compostura.

— Não foi nada. Vá dormir, Sofia. — seu tom é um tanto seco, me sobressaltando.

Esse Heitor fazia tempo que não dava as caras. Nos últimos dois meses, nosso relacionamento foi ficando cada dia mais caloroso. Fez coisas lindas e doces para mim. Mesmo mantendo sua personalidade forte e cínica, me fez sentir especial em muitos momentos. Ele não é um homem fácil de lidar. Cresceu sem o amor dos pais e isso o transformou em uma pessoa de coração endurecido, sem fé nas outras pessoas. Contudo, sei que existe bondade nele. Tive muitos vislumbres de sua alma gentil, embora não seja tão explícito com emoções e sentimentos. Eu me recuso a deixar a nossa relação regredir ao tratamento gélido do começo. Ando devagar, como se estivesse em um campo minado até chegar em suas costas. Ele fica tenso quando me sente por perto. Espalmo suas costas amplas, amando os músculos duros e a forma como estremecem sob o meu toque. Eu me estico e chego mais perto, meus saltos me deixam apenas poucos centímetros mais baixa. Deslizo minha boca e nariz em seu pescoço, me inebriando com seu cheiro másculo.

— Não quero dormir agora... — mordisco sua pele e ele faz um som ameaçador em sua garganta. Um rosnado, rugido gutural. — Quero você, dentro de mim. Foi assim que planejei passar essa noite. — enchendo-me de coragem, giro para a sua frente e levo as mãos para minha nuca, abrindo o fecho do vestido frente única. Heitor rosna, as narinas fremindo quando deixo o tecido deslizar pelo meu corpo até as minhas sandálias prateadas. Ele adora meu corpo, nunca fez segredo disso e estou indo descaradamente me aproveitar disso agora.

— Eu disse para ir dormir, porra. — sua voz é rude, mas os olhos azuis

estão cravados em meus seios. Eles estão maiores, mais cheios, os mamilos pontudos. Heitor lambe os lábios, e encorajada pela sua reação, pego sua mão livre, trazendo-a para o meu seio direito. Ele geme, rangendo os dentes e agarra a carne, enchendo a mão com vontade. Sovando com a rudeza gostosa que me cativou desde o começo. — Você não consegue mais ficar sem o meu pau, não é, menina?

Seu tom zombador também me remete ao começo. Não tem o toque de brincadeira e provocação que adquiriu ultimamente. Não deixo isso me incomodar, porém. Algo o chateou e eu vou cuidar do meu marido, do meu amor, até trazer o *meu* Heitor de volta.

— Sim, toque-me, querido... — choramingo, meu sexo molhando, latejando, sedento por ele. *Toque-me, meu amor. Eu te amo, não consegue ver isso?* Suplico em pensamentos. — Tome-me. — digo-lhe, arquejando, meus olhos presos aos dele. Os olhos azul-gelo estão quentes nos meus, fome crua estampada em seu rosto duro. — Me foda o quanto quiser. Sabe que sou sua.

— Porra! — ruge baixo e toma o restante da bebida toda em um gole. Em seguida, eu salto com o barulho do copo estilhaçando no chão da varanda. Então ele está me puxando bruscamente para os seus braços e eu resfolego, me pendurando nele, nossas bocas se encontrando avidamente. — Eu vou te montar pelo resto da noite, neném. — grunhe contra a minha boca, me pegando pela bunda, fazendo eu me enrolar em sua cintura, então anda de volta pelo quarto, em direção à cama. — Vou te comer toda, até me fartar.

E ele o faz. Nos perdemos em luxúria até o amanhecer. Eu me dou inteira para ele, tentando desesperadamente trazer de volta o que estávamos construindo.

Três semanas depois...

Sim, algo aconteceu com Heitor na noite do Ano Novo. Algo aconteceu e o fez regredir na forma que estava me tratando. Partiu logo no dia seguinte em uma série de viagens pelo Brasil, visitando os escritórios da HTL. Tenho certeza de que está me evitando. Claro que há funcionários de sobra para fazer essas visitas. Heitor é o CEO, não sou idiota de achar que sua presença é necessária em vistorias assim. Havia me prometido que passaríamos uma semana em qualquer lugar do mundo que eu escolhesse. E agora não me convidou nem mesmo para ir junto nas viagens da empresa. Quando aparece

entre uma viagem e outra, passa correndo aqui em casa. Não fizemos mais amor também e isso é o que mais tem me incomodado. Ele é muito vigoroso. São três semanas. O medo de que esteja buscando prazer com as muitas mulheres que vivem atrás dele tem me corroído impiedosamente. Nossa relação está esfriando e não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Ele está fazendo isso premeditadamente? Está me deixando?

Suspiro com desolação e fecho o livro que estive lendo no divã da biblioteca. Para piorar, Magnólia viajou para a Itália depois do Ano Novo, ela tem amigos na região da Toscana e só volta no final dessa semana. Tirando as duas visitas de T na semana passada, não tenho visto ninguém. Estou isolada nessa casa enorme. Rosa me olha com uma expressão de pena cada vez que vem me dar um recado de Heitor. Sim, ele me ligou rapidamente apenas uma ou duas vezes nesse meio-tempo, em sua maioria seus recados são através de Rosa. Ele está chegando hoje da viagem a Curitiba e meu coração já está trovejando no peito em expectativa. Deus, estou com tanta saudade. Meus olhos lacrimejam e faço uma prece silenciosa para que me toque hoje. Estou morrendo para sentir seus beijos, seu corpo no meu, me fazendo sua da forma intensa com que sempre me tomou. Pego meu telefone na intenção de ligar para Carla. Quando nos falamos pela última vez, há dois dias, minha amiga estava muito irritada com Connor Milles, o astro que está contracenando com ela na peça da Broadway. De acordo com ela, o cara é um cuzão total. Palavras dela.

Estou começando a discar quando uma chamada de número desconhecido atravessa o visor. Espero um momento e coloco para gravar a ligação. Tenho feito isso com as ligações de Soraia. Alberto me orientou a fazer isso quando contei a Heitor que ela continuava me ligando. Em algum momento irá servir.

— Alô. — atendo.

Depois de um momento irritante de silêncio, a voz odiosamente conhecida soa em meu ouvido:

— Olá, Sofia. Tem andado muito sumida ultimamente, *chica*... — o tom de chacota da puta argentina é nítido. Ela tem me atormentado frequentemente com mensagens ofensivas e seu sentimento de posse doentio sobre Heitor. Não sei como conseguiu meu número. Fiz bem em gravar. Isso irá me servir também. Vou mostrar a ele. — Muito solitária também, suponho? O que eu lhe disse, querida? A novidade passou. Sempre passa.

— Você não tem mais nada para fazer? Pare de me importunar, sua louca! — ranjo os dentes, raiva e um ciúme absurdo me queimando por dentro. Odeio essa mulher.

— Essa irritação toda tem um motivo, não é? — desdenha. — Sua boceta jovem já perdeu o encanto, querida? Que peninha... — seu tom é vitorioso agora. — Heitor sempre volta para mim. Sempre. É um homem saudável, vigoroso, por isso nunca me importei de ele comer putas por fora. Ele sempre passeia, fode as vadias insignificantes como você, mas sabe que *eu* sou a mulher para o seu futuro. Sabe quem o está acompanhando na última semana? Eu. Sim, sua ratinha, ele me chamou.

Não! Oh, Deus... Eu gemo audivelmente, bile subindo à minha garganta, meu coração batendo com força.

— Retomamos nosso caso. Não tem ideia de como estava ansioso para me foder de novo. — há tanta maldade em sua voz, que começo a me sentir doente. — Não tem ideia de como foi gostoso tê-lo de volta dentro de mim, sabendo que você está aí, sozinha, mofando, jogada às traças, sua putinha infeliz!

Não! Não é verdade.

— Está mentindo! — digo, me sentindo fraca, meu corpo todo trêmulo.

Uma gargalhada debochada soa do outro lado. Minhas mãos estão geladas, suadas, pavor se espalhando em meu íntimo. Não. Ele não faria isso. Oh, meu Deus, não com essa mulher desprezível. Eu não suportaria vê-lo com ela. Não suportaria. Engasgo, lágrimas turvando minha visão apenas por imaginar algo tão terrível.

— Não, não estou. Seu tempo acabou, sua insossa. — rosna duramente. Posso sentir o seu ódio. — Seu breve reinado chegou ao fim. Heitor é meu!

— Não. — gemo, dor aguda me invadindo.

— Sim. Tome vergonha nessa cara e vá embora daí, pirralha! — sibila como uma serpente venenosa. Não entendo porque tanta raiva se ela está com ele. A não ser que... Ela esteja mentindo, blefando para me atormentar, como sempre fez desde que me viu pela primeira vez. — Vá embora! Ele não te quer mais. Tenha um pouco de amor próprio, garota.

Mais raiva ferve dentro de mim, suprimindo o medo de que a vaca esteja

com o meu marido. Então, eu replico:

— Todos esses conselhos servem para você! — berro, me descontrolando assustadoramente. — Tome vergonha nessa sua cara de puta oferecida. Você não está com o meu marido. Não, não, se estivesse não estaria usando ainda esse tom tão despeitado. Aposto que ele te dispensou de novo, por isso veio me atacar.

— Vou acabar com você, sua ordinariazinha. — sua ameaça é baixa, me dá medo. Mas eu me mantenho firme.

— Bem, isso confirma tudo. — zombo friamente. — Você não passa de uma vaca velha desprezível, desesperada pela atenção de um homem casado.

— Vai se arrepender de ter cruzado o meu caminho, ratinha. — seu tom é tão sinistro que um arrepio desagradável percorre a minha coluna. — Vamos ver quem vai rir por último.

Com essa última ameaça, a linha fica muda. Meu Deus. Eu gemo, me sentindo cansada dos embates com essa vadia. Vou ter que deixar Heitor a par disso. Suspiro, sentindo meu coração dolorido porque talvez ele não se importe mais. Não é como se estivéssemos nos tempos áureos.

Saio da biblioteca e subo para o nosso quarto. Mesmo com receio de como irá me tratar quando chegar, eu tomo um longo e relaxante banho de espuma e me preparo para recebê-lo. Ele se atrasa, então eu janto sozinha e espero acordada até que o cansaço me vence e vou para a cama.

Sinto algo suave passando em meu rosto, me puxando do sono leve. Gemo, abrindo os olhos e meu coração dá um solavanco ao dar de cara com os olhos azul-gelo bem próximos, me olhando intensamente. É uma expressão crua, selvagem, de fome, tesão, mas há indiscutivelmente algo mais suave lá no fundo.

— Heitor... — sussurro seu nome como uma prece que foi atendida. Ele acabou de sair do banho, pois o cabelo ainda está úmido. Seu cheiro fresco enche minhas narinas e eu arquejo, desejosa, tudo em mim implorando por sua atenção.

— Oi. — sua voz sai engrossada, os olhos lindos presos aos meus. — O tempo estava ruim para voar. — diz como se justificando pelo atraso. Seus dedos tocam a minha boca e eu arfo, entreabrindo os lábios. Seus olhos inflamam sobre mim. — Senti sua falta.

Eu engasgo, meus olhos ardendo com lágrimas de alívio, alegria. Nem tudo está perdido. Ele ainda me quer.

— Eu também. — murmuro com a voz entrecortada.

Heitor não sorri com sua arrogância normal. Não, ele ainda parece um tanto reservado, em conflito, alguma coisa ainda o perturba. Sem mais palavras, ele se livra do roupão negro e se junta a mim na cama. As mãos urgentes me despindo da camisola preta e sexy que usei para ele. Eu gemo, molhando e pulsando descontroladamente quando fecha as mãos em meus seios e logo a boca quente está sugando os dois, mamando vigorosamente. Há uma urgência nele e em mim que não havia antes. Em instantes ele está vindo para cima de mim e me penetrando até o fundo em um golpe longo e duro. Eu choro, lágrimas de êxtase derramando pelas laterais dos olhos. Heitor urra guturalmente, trazendo o rosto para bem perto do meu e ele me olha de forma intensa, enquanto me come com força. Seguro seus ombros e me rendo, declarando-me em silêncio como tenho feito desde que descobri que o amo. *Eu te amo. Te amo, meu querido. Me deixe ser sua para sempre. Não me deixe nunca, eu não vou suportar.* Digo tudo isso com meus olhos, que estão ardendo, enchendo com novas lágrimas de júbilo.

— Por que me fez te querer tanto assim, menina? — ele parece meio zangado por me querer. Eu o puxo mais para mim, me dando, deixando-o me possuir por completo.

Sua boca ávida toma a minha e não falamos mais por algum tempo, apenas nos devorando sem trégua. Heitor parece atormentado, não querendo sair de dentro de mim. Faminto, exigente, me subjugando com sua pegada bruta, mas deliciosa. Comeu minha vagina pelo que pareceu horas, gozou em minha boca e por último, comeu minha bunda, minhas pernas ancoradas em seus ombros, enquanto metia até o punho dentro de mim. Gozou urrando, rugindo alto, massageando meu clitóris e eu me perdi, gozando também pela quarta ou quinta vez na noite. Ele soca mais uma vez, bem fundo, e para, enfiando o rosto em meu pescoço. Respiramos agudamente, os tremores perversos vibrando em ondas em nossos corpos suados, gastos. Eu o abraço com força pelos ombros, querendo mantê-lo assim, dentro de mim. Para sempre. Seu rosto levanta para o meu e meu coração derrete com a beleza crua, quase selvagem desse homem. O homem que amo desesperadamente.

— Eu quis isso a cada maldito dia, bebê. — sua voz e expressão são

parecidas com o que me acostumei a ver ultimamente. — Estava enlouquecendo sem ter você.

Eu ofego, um soluço me escapando. Meu peito ficando apertado, o amor transbordando, gritando para sair. Talvez tenha chegado o momento de lhe dizer como me sinto. Decidindo não me esconder mais, eu decido dar o famoso salto de fé, rezando para que ele não me deixe cair.

— Eu amo você, Heitor. — minha voz sai emocionada, embargada. — Eu te amo muito... — mais lágrimas ardem em meus olhos, enquanto afago sua nuca. — Muito...

Heitor parece parar de respirar. Percebo o erro cometido quando o corpo relaxado vai ficando rígido em cima do meu, os olhos antes quentes se estreitam, gelo deslizando lentamente de volta no lugar. Garras geladas seguram minha coluna pela expressão tomando seu rosto. Ele meio que bufa, um som zombeteiro, e sai de mim com brusquidão.

— Ama?! Que porra é essa, Sofia?

Oh, meu Deus... Não...

— E-eu... — gaguejo.

— Acha que sou algum tolo? — sua voz é fria, me transportando novamente para o início do nosso relacionamento. — Você ama um homem que está te usando para o sexo? Pensei que fosse mais inteligente, menina. — suas palavras são como chicotes na minha pele. Eu ofego, meu corpo todo ficando gelado. Puxo o lençol, me cobrindo do seu escrutínio zombador. — Eu lhe disse desde o começo que nunca quis amor. Não preciso de amor. Amor... — bufa com desdém.

— E-eu não entendo... — digo, mais lágrimas turvando meus olhos. Dessa vez de dor. A alegria por tê-lo de volta sendo brutalmente suplantada. — Você suavizou comigo, senti sua mudança nesses três meses. Sei que toquei seu coração, eu sei... — minha voz falha, uma dor diferente de tudo que já senti se instalando dentro de mim.

— Só viu o que lhe permiti ver, Sofia. Estava cansado de lutar com você e tive que rever a minha estratégia. — seus olhos azuis glaciais seguram os meus e o que vejo lá me assusta. O homem duro e frio está de volta. Ou, de acordo com sua admissão, nunca foi embora, ele só se escondeu para poder me foder sem brigas. — Gostei de possuir você, menina. Eu lhe disse isso

também. Todas as concessões que fiz foram para ter acesso ao seu corpo, sem dramas. Se acha que pode me enredar com essa besteira de amor, está redondamente enganada. Sou um homem vivido, Sofia. Gosto de foder, sem compromissos maiores. É deliciosa e me satisfaz na cama? Sim. Porém não estou disposto a mudar minhas convicções por sua causa. — seu olhar fica ainda mais frio e duro no meu, desferindo um golpe atrás do outro em meu coração tolo. — Ou talvez você seja mesmo muito esperta e está querendo garantir o posto de senhora Maxwell permanentemente, uma vez que percebeu como me agrada na cama.

— Não... Não é isso. Por favor, pare. — meu peito dói, minha voz pequena, humilhada. — Eu pensei que você... Me amasse.

Ele torce os lábios ironicamente.

— É sexo, Sofia. — sua voz é plana, sem qualquer emoção. — Nós nos damos muito bem na cama, só isso. Os homens tendem a ficarem mansos em volta de uma boceta gostosa. As coisas precisam mudar a partir de agora. — eu pisco, meu corpo todo dormente, sinto frio, enjoo, tontura. — Você vai voltar para o seu quarto. Não quero mais equívocos. Temos um arranjo no qual nos tratamos bem e fodemos, sem pressão de nenhuma das partes. Você concordou com isso na Grécia.

Suas palavras me atingem impiedosamente. No primeiro momento, fico paralisada, sem acreditar no fluxo de sentenças dolorosas jorrando sobre mim. Então eu me obrigo a escorregar para a borda da cama, enrolando o lençol à minha volta. Vergonha e atordoamento estão me cercando. Uma onda de náusea sobe à minha garganta, me deixando tonta quando fico de pé. Fecho os olhos por um instante, buscando equilíbrio. Deve ser meu período que está para chegar. Nos últimos meses, esses desconfortos têm aparecido em meu ciclo. Abro os olhos, controlando a ânsia de vômito, e me forço a encará-lo. Seus olhos são lagos gelados e há uma determinação feroz quando diz em tom baixo a frase que me rasga por dentro:

— Eu acho que esse é um bom momento para dizer que vou voltar a encontrar outras mulheres.

Oh, meu Deus! Fico sem ar, lutando para respirar. Meu peito dói, arde, enquanto o que disse afunda em mim. Sinto mais frio, um frio de gelar os ossos, meus olhos transbordando com mais lágrimas dolorosas, cheias de decepção. Como fomos de estar nos amando para isso? O que aconteceu para

fazê-lo voltar a me tratar de forma tão cruel? Para onde foi seu olhar caloroso? Esse é o Heitor frio e insensível que tanto odiei no começo. Sinto o sangue sendo drenado do meu rosto. Limpo meu rosto com uma mão trêmula. Pisco freneticamente para evitar que mais lágrimas caiam, tentando manter ainda uma ínfima partícula de dignidade. Gemo de dor e desolação. Ele vai foder outras mulheres. Nada mudou. Apenas eu, na minha inocência, achei que seria capaz de fazer um homem frio como Heitor, sentir algo por mim. Ainda sou a sua incubadora. Apenas um corpo jovem para ele usar e se esbaldar até se cansar. Puxo uma respiração profunda, meu peito dilacerado, de acordo com seu aviso, ele já se cansou.

— Se você tocar outra mulher, jamais irá me ter de novo, Heitor. — minha voz é apenas um coaxar, quebrada.

Ele ri de novo, cinicamente.

— Acha mesmo que pode me dar ultimatos?

— Estou lhe dizendo a verdade. Se tocar outra mulher, nunca irei te perdoar. — seus olhos ampliam um pouco, então, estreitam. — Nunca.

Os olhos glaciais prendem os meus duramente e ele rosna:

— Eu não preciso do seu perdão.

Suas palavras tem um tom definitivo, me sufocando. Eu perco a batalha e as lágrimas queimam minhas faces, descendo mais abundantes, humilhantes. Eu acho que esse é o fim. Levo a mão à boca para conter o vômito subindo e saio correndo do seu quarto.



CAPÍTULO QUATORZE

Sofia

Só dá tempo de entrar no meu quarto e correr para o banheiro, me debruçando sobre o vaso. Coloco todo o jantar para fora em um longo acesso de vômito. Oh, meu Deus, o que é isso? Nessa semana os sintomas de mal-estar têm se intensificado. Depois de um tempo, não tem mais nada para colocar para fora, mesmo assim, a ânsia não passa, me sufocando. Eu limpo a boca com o lençol e me arrasto, encostando-me à parede. Fecho os olhos e puxo respirações profundas, forçando meu ritmo cardíaco a baixar. Milagrosamente as náuseas vão cedendo e um suspiro doloroso deixa a minha boca, lágrimas quentes toldando a minha visão, meu coração voltando a doer horrivelmente. O que vai ser de mim agora? Estou sozinha de novo. Foi tudo um sonho de menina boba. Ele nunca me quis para além do sexo. Como pude me enganar tanto? Havia mesmo suavidade nele antes da mudança brusca do Ano Novo ou foi tudo fruto da minha mente de menina apaixonada? Eu choro até não haver mais nenhuma lágrima sentada no chão frio do banheiro.

Eventualmente me forço a levantar, escovar os dentes e me arrastar para a cama. Nunca tive tanto medo do amanhecer como agora. Eu fico repassando cada momento desde que os olhos de Heitor Maxwell caíram sobre mim, arruinando a minha vida. Raiva de tudo, de todos, me domina. Raiva do meu pai por ter sido um fraco, sempre manipulado por Soraia e Marcela, me colocando nessa situação. Raiva de Heitor por ter cismado comigo. Raiva de mim por ter me apaixonado por um homem cruel e frio achando que poderia tocar seu coração de alguma forma. É assim que adormeço em meio à raiva, dor, desilusão e medo do futuro.

Dois dias depois...

Heitor não dormiu em casa ontem. Não nos falamos desde a discussão na noite em que chegou e pisoteou meu coração. É sábado, não tem expediente na HTL. Onde está? Com outras mulheres? Não consigo evitar a dor aguda no peito ao cogitar isso. Eu o amo tanto que dói quase fisicamente saber que não sente o mesmo, que nem sequer considerou tentar me amar. Ele não quer amor. Apenas gosta da nossa química na cama. Passo os dias andando inquieta pela casa, vagando como um fantasma, ou registrando meu coração partido em meu diário. À tarde, estou sentada perto da janela, escrevendo no meu único confidente, de vez em quando levantando a vista para o lago. Essa

imagem sempre me arrebata. Sempre quis fazer um piquenique na grama verdejante que o cerca, no entanto, sei que não faz o gênero de Heitor. Meu coração aperta, as palavras duras e frias dele ainda muito frescas em minha mente. Rosa entra no quarto, me forçando e ir até a cozinha fazer um lanche.

— Não pode ficar aqui trancada, senhora. Vai ficar doente desse jeito. — sua voz é cheia de empatia e um carinho que me aquece um pouco por dentro.

Eu me deixo vencer e desço com ela para a cozinha. Ontem não consegui comer. Hoje nada desceu também. O lanche é leve, graças a Deus, apenas chá com torradas. Suspiro aliviada quando a náusea não vem, agradecida pela comida parar em meu estômago. Meu período chegou ontem e nas duas últimas vezes tenho sentido esses sintomas estranhos, o que está piorando meu caos emocional no momento. Rosa se mantém por perto, me dando olhares longos um tanto investigativos, como se estivesse procurando algo que não sei o que é.

— O senhor Maxwell está chegando. — ela anuncia, olhando através das janelas da cozinha para o grande pátio. Meu coração tolo salta sem controle. Heitor. — O mais novo, querida. — ela se corrige com um sorriso fraco de desculpas.

Eu murcho. Meu Deus, sofrer de amor não correspondido dói demais. Empurro o prato vazio na bancada da ilha. Não demora muito e T está entrando diretamente pelos fundos. Ele não é de cerimônias, é uma das coisas que adoro nele. Tão diferente do irmão frio. Penso magoada.

— Ei, Rosa! — diz alegremente e a mulher o cumprimenta com um grande sorriso. Ele pisca e se vira em minha direção. — Querida, cheguei! — ri largamente, abrindo os braços como sempre faz para mim. Eu pulo do banco e vou, abraçando-o com desespero. Seus braços se fecham à minha volta e eu soluço, não conseguindo manter meu caos sob controle. Seu corpo fica tenso. — Ei, bonitinha... O que está havendo? — a empolgação cede à preocupação em seu tom.

Eu fungo, reunindo forças para lhe contar, mas não posso. Não vou conseguir dizer tudo, afinal, é seu irmão do outro lado dessa equação.

— Nada. — soluço, meu rosto enfiado em seu peito. — Não é nada...

— Besteira, Sofia. — ele grunhe, se afastando um pouco, pegando meu

queixo e obrigando-me a encará-lo. Os olhos escuros geralmente brincalhões estão sérios, sondando meu rosto. — H? Isso tem a ver com meu irmão? — quero negar, mas ele vê a confirmação em meu semblante. — Tentei ligar para ele, mas seu celular está desligado. — torce o rosto bonito em desagrado.

— Seu irmão e eu não estamos bem, T. — é tudo que consigo dizer.

Entendimento surge em seu rosto. Sempre desconfiei de que T soubesse da natureza do meu relacionamento com Heitor. Os dois são muito próximos. Apenas Magnólia penso que não saiba. Ela não compactuaria com algo tão imoral por parte de seu neto. Eu acho.

— Vamos para um lugar mais reservado. Precisamos conversar, bonitinha. — é a primeira vez que ouço esse tom em sua voz.

Ele me leva para a biblioteca. Nós nos sentamos no divã, meu lugar favorito no recinto. T me lança um olhar meio ressabiado e limpa a garganta.

— Eu acho que sei o que está havendo com meu irmão mais velho. — rola os olhos, parecendo um pouco como ele mesmo. Então volta a ficar sério, o cenho franzido. — Antes de mais nada, quero que saiba que você pode vir a mim para qualquer coisa que precisar. — meu coração dá um salto com suas palavras e a forma carinhosa como as diz. Vou sentir falta dele e desse jeito irreverente quando eu for embora. Embora. Suspiro sem esperança. Embora para onde? — Qualquer coisa. Promete que vai me ligar se precisar de algo?

Apenas aceno, muito tocada com seu cuidado. Sua mão grande vem para o meu rosto e limpa uma lágrima que eu nem percebi que estava descendo. Deus, estou tão patética nesses dias. Por que continuo chorando como uma torneira quebrada?

— Você foi a melhor coisa que aconteceu na vida do meu irmão, Sofia. — diz ainda mais sério. — Mas receio que o idiota cabeça-dura esteja lutando para aceitar isso. Heitor não é uma pessoa dada a arroubos sentimentais, já sabe disso. — meio que zomba e eu bufo em concordância. — Você mudou isso nele, porém. Nunca vi H tão solto, leve, ele estava até sorrindo mais nesses últimos meses.

— É, eu também cometi o erro de acreditar nisso, T. — digo com infelicidade na voz.

Ele acena, seu maxilar ficando tenso.

— Eu vou procurar por ele e ver o que posso fazer, bonitinha. — seus olhos me sondam mais aguçados. — Você está bem? Está pálida e com olheiras.

— Obrigada. — torço o nariz para sua última observação. Ele ri levemente e me puxa para perto. Meu coração aperta quanto o olho e digo baixinho: — Ele me disse que não quer amor.

— Eu sei. — T murmura com tristeza também. — Mas eu tenho esse pressentimento insistente desde que o vi com você a primeira vez... — eu o olho, curiosa, e ele diz baixinho, como uma confissão. — Em breve essa casa estará bem movimentada, árvores de natal enormes todos os anos e muitos moleques correndo para lá e para cá, testando a paciência e rabugice do meu irmão mais velho. — eu rio levemente, mesmo que meu coração esteja despedaçado e sem esperança. Acho que está me dizendo isso apenas para levantar a minha moral. Ele é lindo em todos os sentidos. — Não desista do meu irmão ainda. Eu sei que você o tocou profundamente.

Oh, meu Deus, eu quero tanto acreditar nele. Tanto.

— Obrigada por isso, por ser meu amigo. — digo embargada. — Eu acho que te amo.

Ele sorri, o charme irreverente assumindo.

— É o meu carma, as garotas não conseguem resistir a mim. — pisca e eu rio, meneando a cabeça.

— Estou falando sério, T.

— Eu também. — rebate e rimos mais uma vez. Beija afetuosamente minha bochecha e eu afundo nele, tentando extrair alguma força. — Tudo vai ficar bem, bonitinha.

Murmura e eu rezo para que esteja certo. Que tudo volte a ficar bem. T vai embora algum tempo depois, prometendo encontrar Heitor e enviá-lo para casa. Depois que ele se foi, suas palavras permaneceram martelando em minha cabeça. E se Heitor está mesmo relutando em aceitar que o afeto mais do que esperava? A esperança volta a florescer em meu íntimo. E se eu não imaginei tudo que vi nele nesses últimos meses? Ele não está acostumado a ser amado e, principalmente, se permitir amar de volta. Seus pais fizeram um estrago e tanto no emocional dele. Suas palavras duras e sua reação brutal à minha declaração também me atormentam. Ele não reagiu bem, mas, agora,

pensando com mais calma, consigo compreender suas razões. Com ânimo renovado, eu ligo em seu celular, disposta a implorar por uma chance para conversarmos. Disposta a esperar pelo seu amor. Disposta a relevar suas palavras cruéis. O aparelho está realmente desligado, percebo frustrada.

Já passa das cinco da tarde e nenhum sinal dele ou de Tristan. Continuo tentando o celular e vai direto para a caixa postal. Estou novamente em meu quarto quando Rosa entra, anunciando que Soraia está na guarita exigindo me ver. Com um suspiro exasperado, decido que é hora de enfrentar a megera e dizer tudo que está engasgado em minha garganta há muito tempo. Digo para deixarem a vaca entrar e desço em seguida.

— Sofia, obrigada por me receber, filha. — a voz irritantemente falsa de minha madrasta me saúda quando viro a esquina para antessala onde instruí Rosa a acomodá-la.

— Não sou sua filha, Soraia. — bufo impaciente. — É hora de parar com esse maldito teatro.

Ela se encolhe um pouco, os olhos estreitando. Está alinhada, bem vestida como sempre. Não parece que está passando por dificuldades financeiras. A não ser que esteja vendendo o corpo, reformado pela muitas plásticas, para sustentar o estilo de vida, como sua filha prostituta.

— Ouça, eu soube o que Marcela fez com você da última vez e não concordo, para que fique claro. — defende-se e eu rolo os olhos, cruzando os braços, olhando-a de frente e não vacilando em nenhum momento.

— Você sempre soube que ela me hostilizava e nunca fez nada a respeito. Me poupe de fingimentos, não sou mais aquela menina tola. — rosno, verdadeiramente irritada. Parece que o universo resolveu jogar todas as merdas sobre mim de uma vez só. — O que você quer? Diga e saia. Eu não quero ter mais nenhum contato com você e sua filha.

Soraia me avalia com algo brilhando lá no fundo das íris castanhas. Então abre a sua bolsa e retira algo de dentro, me sobressaltando um pouco. Nunca se sabe o que pode vir de víboras como essa mulher. Eu a odeio por ter roubado o meu pai, a única pessoa que eu tinha no mundo.

— Tudo bem, compreendo sua mágoa de mim e de Marcela perfeitamente. — diz em uma voz quase pesarosa. — Não fomos boas para você.

— Tampouco para o meu pai. — rebato, rangendo os dentes. — Você e

sua filha o manipularam. Ele era uma marionete fazendo todas as suas vontades.

Ela suspira, parecendo cansada.

— Não vim para brigar. Insisti em ser recebida porque descobri recentemente um novo imóvel que seu pai mantinha em seu nome. — ela me estende uma chave.

— Um imóvel em meu nome? — franzo o cenho, aturdida. Meu pai nunca colocou nada em meu nome. Não consigo evitar a mágoa.

— Sim, seu nome. É um flat na Vila Nova Conceição, muito bem localizado. — diz com aquela centelha de algo que não sei o que é em seus olhos. — Está com tempo agora? Posso levá-la lá. Há uma corretora nos esperando no apartamento. Tomei a liberdade de entrar em contato com a melhor. Ela já tem duas propostas excelentes para o imóvel.

Estreito meus olhos sobre a mulher, tentando descobrir o que está tramando.

— Por que essa gentileza toda, Soraia?

Ela parece um tanto acanhada, coisa que nunca foi.

— Estamos na miséria, sabe disso. — sua voz é cheia de mágoa agora, como se tivesse algum direito de se sentir assim depois de tudo o que fizeram comigo. — Marcela está vendendo o corpo para velhos horrorosos porque eles pagam mais. Os mais novos só querem comer e nada de pagar bem. Minha filha é linda, não merecia estar se submetendo a isso. — ugh! Estremeço com sua revelação do destino da outra víbora. O jeito que está me olhando agora parece que está me culpando pela filha ter se transformando em uma prostituta. — O banco está cobrando a hipoteca da casa. Não há mais nada para nós. Nada. — continua me olhando como se eu fosse a culpada.

— Vocês pediram por isso com a sua ganância sem fim. — digo com raiva. — Meu pai nos dava uma vida muito boa com tudo que podíamos querer, mas não, você e Marcela sempre queriam mais.

Soraia suspira exasperada.

— Tudo bem, tudo bem. Não vim para brigar. Estou aqui para pedir que venda o imóvel e nos dê uma parte. — muda o tom. Vejo até mesmo lágrimas em seus olhos. Talvez tenha aprimorado suas técnicas de teatro. Zombo.

Então é isso que a está movendo, interesse, olho grande para cima da única coisa que aparentemente meu pai me deixou. — Você não precisa do imóvel. Tem Heitor. — meu rosto cai com a menção dele e a ela percebe meu vacilo. — Está tudo bem entre vocês, não é? — sonda. — Eu não ia comentar nada, mas vi algumas fotos dele nessa semana acompanhado de Vera Fernandez... — meu coração sofre um baque, minhas pernas começando a tremer. Ele estava mesmo com ela em Curitiba? — As más línguas estão dizendo que os dois retomaram o caso de anos. Não dá para querer fidelidade de um homem como Heitor Maxwell, não é? — não. Não. Eu fico um pouco tonta e me seguro no canto do aparador mais próximo. — Você está bem? Parece pálida...

— Estou bem. — eu me forço a transmitir uma força que estou longe de sentir.

— Posso ir com você. Não vai levar muito tempo. — ela persuade. — Essa corretora está com a agenda cheia, por isso precisa ir vê-la agora.

— Irei com meu segurança. — digo, não confiando em estar sozinha em sua companhia.

Soraia dá um tipo de sorriso que faz uma sensação desconfortável passar pela minha pele.

— Claro. Você vai amar o que te espera lá. — com mais um sorriso estranho, ela me entrega a chave e se vai.

Cerca de trinta minutos depois estamos estacionando na frente do prédio luxuoso. Debati comigo mesma se viria aqui. Acabei cedendo, porque a minha situação não é das melhores e posso precisar desse lugar para ficar se as coisas entre mim e Heitor não se ajeitarem. *Heitor. Meu amor.* As palavras venenosas de Soraia agora estão rivalizando com o otimismo de Tristan sobre os sentimentos do seu irmão por mim. Procurei nos jornais e sites de fofoca por fotos recentes de Heitor e encontrei algumas. Sim, há duas em que aparece do lado daquela mulher oferecida. Entretanto, o pai dela também estava junto. Tenho tentando me convencer de que era um evento de negócios, não um encontro de amantes. Instruo o segurança a ficar no térreo enquanto tomo o elevador para o vigésimo andar.

Estou nervosa, no entanto, não sei identificar a fonte do meu mal-estar, só sei que estou com uma sensação incômoda dentro de mim. Saio do elevador e

ando pelo corredor, parando em frente à porta do apartamento. Pego a chave na minha bolsa para abrir, mas quando toco a maçaneta, ela gira facilmente. Está aberta. Franzo a testa, aquela sensação estranha se intensificando em meu íntimo. Soraia disse que a corretora estaria aqui. Lembro-me e relaxo. A mulher deve ter uma cópia da chave. Entro e sou recebida por um hall luxuoso todo decorado com quadros e vasos de flores frescas. Volto a ficar intrigada. Existe algum inquilino morando aqui? Então eu ouço sussurros. Diminuo meu passo, a situação ficando muito estranha. Um gemido masculino vem em seguida e eu gelo, meu coração correndo tão rápido que sinto vertigem. Eu conheço esse gemido. Conheço bem demais. Se a minha suspeita está correta, o que estou prestes a ver vai me rasgar em pedaços. Eu me seguro à parede e vou andando, minhas pernas voltando a tremer, tudo em mim se revolvendo de medo do que vou ver quando virar a esquina para o que deve ser uma sala.

— Heitor, *Si, mi cariño.*

Vem a voz odiosamente conhecida também e eu entro na sala, meus olhos confirmando que sim, é ele. Oh, meu Deus! O ar me falta e o chão parece estar se abrindo sob os meus pés. Meu coração dói tanto, parando, e eu tenho medo de ele nunca voltar a bater outra vez. É tanta dor. Eu ofego, me sentindo esmagada. O homem para quem entreguei meu corpo, alma, coração, o homem para quem entreguei tudo, está sentado no amplo estofado, ainda todo vestido, com a vadia nua e de joelhos aos pés dele. Ela está... Meu peito dói demais. Ela está chupando o seu pau freneticamente, o barulho de sucção ressonando no ambiente. Ele segura a cabeça da vaca e grunhe alto, empurrando-se todo na boca da puta, olhos fechados, sussurrando algo que não entendo bem. Minhas faces são queimadas por grossas lágrimas quentes, enquanto olho a cena, vômito vindo à minha garganta. Ela vira a cabeça e como se soubesse que estou aqui, os olhos maléficos cruzam com os meus e ali eu vejo a satisfação, a vitória estampada em seu rosto. Mesmo em meio ao meu estarrecimento, percebo que ela sabia que eu estaria aqui. Caí em uma armadilha. Soraia atuou brilhantemente para me empurrar até aqui para ver isso. Estou congelada, parada, sem ação, eu acho que nem mesmo estou respirando. Ela larga o pau dele e sobe para ele, tentando beijá-lo, todo o tempo me olhando e rindo triunfante, odiosa.

— Sem beijos, porra! — ele range, sua voz parecendo meio arrastada.

— Heitor... — eu choro o seu nome com tamanha dor, que um soluço do

fundo da minha alma me escapa e sua cabeça gira para mim também. Seus olhos ampliam e ele congela ao me ver. Quero morrer vendo-o ali, com outra mulher. — Oh, meu Deus...

— Sofia?! — sua voz tem uma urgência que nunca ouvi antes. Ele balança a cabeça como que para clarear os pensamentos. Uma espécie de pânico enche os olhos azul-gelo que parecem meio desfocados. Ele está embriagado? — Porra! Que diabos está fazendo aqui? — a puta tenta voltar a chupá-lo, mas ele a empurra e se levanta, meio cambaleante. Fecho os olhos, a cena dele guardando o pau dentro da calça ferindo a minha visão. Duvido que eu passe por outro momento tão doloroso e humilhante na minha vida. Agora entendo perfeitamente como Carla se sentiu ao flagrar o Rafael com a Cissa. Sei, com toda a certeza do mundo, que nunca vou esquecer a cena, isso queimará em minhas retinas para sempre.

— Sua prostituta armou para que eu viesse aqui e os visse, juntos. — eu choro, sentindo frio, meu coração ainda mais esmagado.

— Eu acho que é hora de ir embora, querida. Já viu tudo que precisava ver. — a mulher asquerosa veste um robe de seda preta, começando a andar em minha direção. — Heitor é meu de novo. Aceite a derrota, sua putinha feia.

— O quê?! Você ousou fazer isso, sua cadela? — soa a voz irada de Heitor às suas costas, começando a vir em minha direção também.

— Eu vou te dar uma surra como a sua meia-irmã fazia. Lembra, sua ratinha? — sorri, parecendo uma bruxa, e eu tenho a confirmação de que ela procurou a ajuda das duas víboras para me derrotar.

Soluço alto, minhas entranhas se revolvendo de ódio e repulsa por essa mulher. Eu choro, lágrimas de humilhação toldando minha visão. Por quê, meu Deus? Por que tive que amar um homem que está me destroçando de forma tão cruel? Heitor me reduziu a nada. Sou nada. Essa constatação me faz ter nojo de mim mesma por permitir que os outros me tratassem assim. Eu sou uma pessoa patética, digna de pena, por isso me tratam assim, porque eu deixo. Algo feroz inflama dentro de mim, uma ira mortal se espalhando como veneno em minha corrente sanguínea, me fazendo tremer descontroladamente. Vingança. Eu quero vingança! Contra essa puta miserável e contra ele! Com um grito agudo, eu agarro a alça da minha bolsa com firmeza e rodo com toda a força do meu braço, então acerto a cara da

prostituta em cheio. O material é de couro duro. Isso deve ter doído. Ela grita de dor, cambaleando para trás pelo impacto. Aproveito que está tonta e bato de novo, levando-a ao chão com um baque feio. Dominada por algo que é bem mais forte do que eu, monto-a no chão, pegando-a desprevenida e bato com a bolsa em sua cara com vontade. Quero machucá-la, feri-la de morte, como fez comigo.

— Sua puta ordinária! Toma, sua prostituta dos infernos! — eu choro, batendo mais e mais, descontrolada. Sua cara está sangrando por conta da minha fúria. Suas unhas arranham meus braços dolorosamente, mas isso só me deixa mais louca.

— Porra! Sofia, pare, bebê! — braços fortes me puxam a muito custo de cima da mulher. Ela parece atordoada, sangue escorrendo do nariz e boca quando eu a encaro, meu peito subindo e descendo.

— Como ousa me tocar? Vou acabar com você, sua putinha! — ela rosna, cuspindo sangue no tapete.

Eu me desvencilho de Heitor com um safanão forte, que o surpreende também, e encaro a minha oponente de igual para igual.

— Eu não tenho mais medo de você. — encaro Heitor, que está estupefato me olhando. — Nem de ninguém. A Sofia tola que todo mundo pisava, humilhava, morreu aqui. Cortesia de Heitor Maxwell. — minha voz falha, dói demasiado em todos os lugares. Acho que estou sentindo dores físicas mesmo. Dói demais olhar para ele depois do que acabo de ver – ele com sua puta. Deixando essa mulher horrível, dentre todas, tocá-lo. É verdade, eles retomaram o caso. Ele voltou para ela. Lágrimas enchem meus olhos, me cegando. Eu sinto como se estivesse morrendo. Arfo, puxando ar, em uma agonia sem fim. — Se existe justiça na Terra, você irá pagar por tudo que fez comigo. — minha voz treme, esmagada, e por um instante parece que vejo tristeza nos olhos de Heitor. Ele abre a boca para falar, mas eu o corto. — Nunca vou te perdoar por me usar, brincar com a minha vida dessa forma... — as lágrimas caem incessantemente e sinto um jorro quente em minha vagina, molhando minha calcinha, junto com um dor lancinante em meu baixo ventre. Ofego, minha visão ficando borrada, tamanha a dor. — Eu te odeio. Te odeio com todas as minhas forças! — berro histericamente e seguro minha barriga, sentindo o líquido saindo. Olho para baixo e pânico me enche ao ver o sangue escorrendo em minhas coxas. Oh, meu Deus! O que é isso?

Heitor

Eu vejo Sofia se amparar à parede atrás dela, respirando com dificuldade, o rosto contorcido, parecendo sentir dor física. Meus olhos correm para suas mãos segurando o baixo ventre e são puxados mais para baixo, então congelo. Um pânico ainda maior desde que ela entrou e flagrou a cadela chupando meu pau me invade por inteiro. O líquido carmesim está descendo pelas suas pernas. Porra! O que foi que eu fiz com ela?

— Que sangue é esse? — eu avanço, meu tom alarmado, com o intuito claro de tomá-la nos braços.

— Não! Não chegue perto de mim! Não vai me tocar com suas mãos sujas da sua puta! — seus olhos estão vidrados, sua voz histérica. O que vejo nas íris verdes faz um arrepio gelado percorrer meu corpo. As pedras preciosas que tanto aprecio estão opacas, sem vida, me encarando nesse momento. Lágrimas silenciosas continuam banhando suas faces. Há tantas emoções transparecendo em seu rosto: desprezo, ódio, repulsa, decepção, mágoa, dor e uma espécie de resignação quando arqueja e murmura, parecendo tão quebrada. — Você venceu, Heitor. Espero que a sua dívida esteja paga porque eu não tenho mais nada para lhe dar. Você tomou tudo. Tudo. — porra! Meu peito dói horrivelmente ao testemunhar sua dor e desilusão, sua voz rasgada. — Eu me enganei tanto a seu respeito. Tanto. Apesar de tudo, pensei que havia bondade em você... — engasgo, um caroço se formando em minha garganta. — Eu te amei tanto, Heitor. Jamais saberá o quanto.

Suas palavras acertam meu coração em cheio. Sinto uma dor profunda, diferente de tudo que já senti na minha vida miserável. E nesse momento, vendo-a sofrendo, sangrando na minha frente, percebo que ela me amava mesmo. Era verdade quando me confessou há dois dias. E eu a rechacei. Pisei em cima do seu jovem e esperançoso coração.

— Estou saindo da sua vida agora. Não precisa mais se preocupar com a menina tola declarando seu amor para você. — soluça entrecortado, seu corpo todo tremendo.

Oh, meu Deus, eu cometi o maior erro da minha maldita vida. Não sou nada diferente dos meus pais. Sou um monstro. Eu destruí essa menina inocente.

— Por favor, me deixe segurá-la, você precisa ir para um hospital, esse

sangramento não é normal! — a histeria passa para mim, sem saber o que fazer com as mãos, uma vez que não me deixa tocá-la.

— Não. Nunca mais quero sentir o seu toque. — sua voz é um esgar cheio de dor.

Minha embriaguez está indo embora rapidamente e em seu lugar o nojo de mim mesmo toma conta por ter feito isso com ela. Por tê-la quebrado assim. Ela se encolhe contra a parede, o rosto torcido de dor e sinto como se algo se partisse dentro de mim, uma casca protetora sendo retirada, me deixando exposto, nu e cru diante dela.

— Bebê... — ofego, não sabendo lidar com esse sentimento de perda esmagando meu peito. — Me perdoe... Eu te machuquei... — não responde, seus olhos rolam e se fecham. Ela perdeu os sentidos e eu grito alto, desespero sem tamanho me fazendo tremer. Saco meu celular e chamo meu motorista que está na garagem do prédio. — Ela está desmaiada! Venha rápido! Está sangrando, precisa de um médico, rápido! — eu berro, chegando até ela e finalmente pegando-a em meus braços.

— Essa garota está fingindo, Heitor! Não está vendo isso?

A voz venenosa de Vera me faz olhá-la. Um ódio absurdo dela e de mim mesmo me toma. Eu me sinto um verme ao recordar de ter cedido ao jogo de sedução da mulher maldita na boate que estava bebendo desde cedo com alguns executivos. Ela chegou como se tivesse um radar para me localizar e ficou na minha cola. Eu bebi como se não houvesse amanhã, como tenho feito muito nesses dias, tentando negar o que sinto por Sofia. Na tentativa de esquecê-la, na minha total estupidez, topei vir até o apartamento de Vera.

— Vá para o inferno, cadela! Sua voz está me irritando profundamente. — rosno friamente e ela se encolhe. — Vai me pagar pelo que fez, esteja certa disso!

Eu saio com Sofia nos braços e encontro Armando, meu motorista, saindo do elevador. Ele me ajuda a carregá-la até o carro e seguimos em disparada para o hospital mais próximo. Ligo para Tristan, deixando-o a par do que está acontecendo. Havia milhões de ligações e mensagens de voz do meu irmão quando liguei meu celular, preocupado, querendo saber o que houve comigo e Sofia. Passo todo o percurso segurando-a junto de mim, falando com ela, que continua desfalecida. Entro no hospital como um louco com ela nos

braços, bradando para alguém ajudá-la. Uma maca é providenciada rapidamente, médicos e enfermeiras cercando-a quando eu a acomodo.

— Ela está sangrando! Parece uma hemorragia, cuidem dela, rápido! — eu clamo.

— O senhor é o que da paciente? — um dos homens me pergunta, enquanto empurram a maca pelo corredor.

— Marido. Ela é minha esposa. — rosno, impaciente, seguindo do lado. Eles olham minhas roupas, franzem o cenho e eu gelo quando olho para mim mesmo. Minha calça e camisa estão sujas do sangue de Sofia. Ofego, desespero tomando cada célula do meu corpo. — Por favor, cuidem dela!

— A partir daqui não pode passar, senhor. — uma das moças me barra. — Vamos cuidar dela. Aguarde na recepção que retornaremos em breve, com boas notícias, espero.

Eles passam pelas portas e elas ficam balançando, me dando vislumbres de Sofia deitada na maca, pálida, vulnerável. O que ela tem? Enfio as mãos pelo cabelo e fico lá, parado, sem saber o que fazer pela primeira vez na minha vida. Eu me amparo à parede e encaro o teto. O que diabos eu fiz? Pergunto-me uma e outra vez. Meu coração está atormentado, doendo com a imagem dela destruída me dizendo que me amou tanto, que viu alguma bondade em mim. Como? Como pôde me amar? Nunca lhe dei motivos para isso. Não sou do tipo que ama. Desde o começo foi uma relação desigual, tomei tudo dela, sem nenhum remorso, sem nunca parar para pensar em seus sentimentos. Uma menina. Sofia é apenas uma menina e eu a tomei, usei do jeito que bem quis.

Um som angustiado deixa minha garganta. Foram três semanas de merda sem me permitir tocá-la, estar com ela. Estava agoniado, tentando a todo custo me convencer de que Sofia não tocou meu coração frio. Tentando provar a mim mesmo que podia seguir em frente e foder outras mulheres. Eu me deixei envenenar por Vera, aquela mulher maquiavélica planejou isso, me separar de Sofia. Eu soco a parede, meus dedos doendo como o inferno, mas não me importo. Eu fui manipulado pela puta, porra! Meu cérebro cheio de álcool achou uma boa ideia ir ao apartamento da vadia e fodê-la, dar o que ela tanto estava querendo. Porém, mesmo embriagado, Sofia não saía da minha cabeça. Era nela que estava pensando enquanto Vera me chupava. Era o seu nome que estava murmurando, desejando-a tão desesperadamente que tudo

em mim doía.

Eu a queria. Ainda quero tanto. Sinto falta do seu cheiro, seus olhos de pedras preciosas me olhando com adoração, seu sorriso, que foi se tornando tão doce para mim e eu não me dei conta disso. Sinto falta de tudo. Eu... Eu perco o fôlego quando a constatação me bate com força, sem dó. Eu a amo. Eu a amo! Oh, meu Deus! Eu pensei que não fosse capaz de amar, mas me apaixonei por ela! Fecho os olhos, minha respiração falhando ao recordar da minha reação, minhas palavras cruéis quando disse que me amava. Eu a machuquei muito... A cena que viu hoje... Respiro agudamente, emoções violentas e conflitantes me golpeando sem pena. Amor, pesar, vergonha e culpa caindo sobre mim. Preciso me explicar. Preciso lhe dizer como me sinto sobre ela. Ela precisa saber que a amo também. Que quero e preciso do seu amor. Estupidamente pensei que não precisava, mas preciso. Na verdade, a mera possibilidade de ficar sem ela me deixa doente. Aperto meus olhos com mais força e faço algo que há muito tempo não fazia, eu converso com Deus. Peço fervorosamente para que me ajude a convencê-la a me dar mais uma chance, porque não posso mais continuar mentindo para mim mesmo. Não posso perdê-la. Eu a amo. Deus, como não vi isso antes?

Não sei quanto tempo fico lá, em pé, perto das portas, até que uma mão segura meu ombro e um copo de café do Starbucks aparece à minha frente. Olho de lado, encontrando o rosto sério, o cenho franzido de T. Eu pego o copo em silêncio, retirando a tampa e dou um bom gole. Isso vai me ajudar a terminar de ficar sóbrio. Ele também está tomando um e permanecemos em um silêncio tácito.

— Alguma notícia? — pergunta depois de um tempo. A tensão em sua voz me diz que meu irmão não está feliz comigo.

— Ainda não. — respondo sucintamente.

— Você vai me contar porque sumiu do mapa desde ontem, irmão? — torna em tom ainda mais afiado. — Aproveite e me conte também por que diabos inventou viagens desnecessárias pelos escritórios da empresa nesse mês?

Suspiro, cansaço, vergonha me enchendo.

— Eu fui um tolo, irmão. — digo em tom tão derrotado quanto me sinto. — Eu deixei Vera me envenenar com suposições futuras e sombrias sobre o

meu relacionamento com Sofia.

Tristan bufa, tomando um gole do seu café.

— Está de brincadeira, H? Você deixou aquela puta oportunista te envenenar sobre Sofia?

Antes que possa responder a isso, um dos homens que a levou passa pela porta. Eu me empurro da parede, colocando-me em alerta imediatamente.

— Diga-me, por favor, como ela está? — minha voz é atada com apreensão. Ninguém sangra daquela forma de graça. — O que a minha esposa tem?

— Acalme-se, senhor... — o jovem médico me sonda.

— Heitor Maxwell. — digo meio ríspido, impaciente com a sua demora em me atualizar sobre o estado de Sofia.

Ele me oferece um aceno de cabeça, parecendo tenso.

— Conseguimos controlar o sangramento, senhor Heitor. O bebê ainda estava com os batimentos cardíacos perfeitos quando fizemos o ultrassom...

Eu sinto meu sangue gelando com sua revelação, a palavra BEBÊ se repetindo em minha mente.

— O senhor está dizendo... — balbucio, atordoado.

Ganho um quase sorriso do médico.

— Sua esposa está grávida de aproximadamente onze semanas, senhor.

Eu me recosto novamente à parede, as palavras penetrando em mim. Oh, Deus, ela está grávida? Vai ter o meu bebê? Meus olhos ardem ferozmente enquanto a alegria toma cada célula do meu corpo. *Sofia... Neném... Meu amor*. Chamo por ela como uma oração preciosa. Então eu faço outra coisa que não fazia há muito, muito tempo. Meus olhos turvam de lágrimas e eu não faço nada para impedi-las.

— Queira perdoar meu irmão, doutor. Acho que a gravidez é novidade para ele. — o braço de T passa por cima do meu ombro, dando-me conforto. — Tristan Maxwell. — ele se apresenta. — Podemos vê-la agora?

— Perfeitamente compreensível, senhor. — o médico desvia a atenção para T, mas volta a me olhar firmemente. — Estamos fazendo o possível para

salvar o feto, mas no momento não podemos dar garantias. Ela perdeu muito sangue e...

Suas palavras fazem meus ossos gelar. Meu filho está correndo risco? A alegria divide espaço com o medo agora.

— E o quê, doutor? — pergunto sem qualquer vergonha por meu rosto estar uma bagunça.

— Sua esposa tem passado por algum tipo de tensão? Tem tido esses sangramentos com frequência? São onze semanas, quase três meses de gestação, como não perceberam nada? — seu tom de voz parece acusador.

— Ela estava sangrando todo mês, no entanto, pensamos que fosse seus períodos... — digo em tom de defesa, mas me sentindo um idiota por não ter desconfiado das mudanças visíveis em seu corpo.

— E quanto à tensão? Aconteceu algo que possa tê-la contrariado, angustiado? Não há quaisquer indícios patológicos para esse princípio de aborto que sofreu hoje. Sua saúde física parece perfeita. — seu tom ainda é acusador. — Qualquer que seja a fonte da tensão, o senhor precisa eliminá-la a fim de preservar a saúde de sua esposa e do bebê.

Engulo em seco, acenando. Mais vergonha e culpa me inundam. Eu sou a fonte de toda tensão de Sofia. *Eu* sou o único culpado por ela estar aqui, correndo risco de perder meu filho, o filho que tanto desejei.

— Entendido, doutor. Obrigado. — eu me obrigo a dizer. — Posso ver a minha mulher agora?

— Sim. Ela está sendo levada para o apartamento. — diz em tom clínico. — Está dormindo pelo efeito da medicação. Uma enfermeira virá buscá-lo. Aconselho-o a não acordá-la. Ela precisa descansar para o seu corpo começar a se recuperar.

Aceno, me sentindo perdido. O médico se vai e um silêncio ensurdecedor se instala entre mim e T.

— Eu a amo. — digo em tom derrotado.

T não parece surpreso, apenas suspira pesadamente e dá um aperto em meu ombro.

— Eu sei, H. — é tudo que sai da sua boca.

— Ela está muito decepcionada comigo. Meu filho está correndo risco porque eu machuquei sua mãe. — engasgo, minha garganta entupindo com pesar. — Eu a machuquei tanto, porra!

— Tudo vai ficar bem, irmão. — sua voz está tensa, enquanto continua a me dar tapas fraternais no ombro. Eu quero desesperadamente acreditar nele.

Alguns minutos depois, uma enfermeira me leva até o quarto de Sofia. Eu entro devagar, o barulho do soro na intravenosa é o único som no ambiente. Quando alcanço o leito e tenho a visão completa do seu rosto, um ofego deixa a minha boca. Está tão pálida. Grandes círculos escuros embaixo dos olhos, os lábios carnudos estão brancos, entreabertos. Seu peito sobe e desce placidamente, mas seu rosto, mesmo relaxado no sono, parece sofrer. Sem poder me conter, toco seu rosto suavemente, meus dedos estão trementes. Ainda estou sob o efeito da descoberta recente. Eu a amo. Meu Deus, como não percebi isso antes? Não era só encantamento pela novidade. Era amor. Essa menina me tocou como ninguém conseguiu.

— Eu te amo, bebê. — sussurro quase só para mim para não perturbá-la. Lágrimas frescas voltando a arder em meus olhos. Meu peito transbordando desse sentimento novo e arrebatador. — Me perdoe por levar tanto tempo para perceber isso. — toco seu ventre, já levemente arredondado. Ela estava pensando que estava engordando pela falta do balé e eu, na minha total ignorância, não percebi nada também. — O nosso filho estava aqui esse tempo todo, neném. Tudo será diferente agora, eu prometo.

Ela geme baixinho e eu me obrigo a tirar as mãos, seguindo as ordens do médico. Fico olhando-a perdido, sem saber o que fazer a partir daqui, mas rezando para que ela consiga me perdoar porque não posso ficar sem ela. O tempo para negação já passou. Beijo-a suavemente nos lábios e saio, encontrando T do lado de fora.

— Vá para casa tomar um banho, irmão. — seu tom ainda é sério. — Você está cheirando a um barril de uísque. — aceno, tocando seu ombro em agradecimento mudo. — Vou vê-la e depois irei para casa também. O médico disse para deixá-la descansar.

— Não. Eu vou dormir com ela. — digo veemente. — Só vou em casa e volto. Fica com ela enquanto faço isso, T?

Ele acena, os olhos escuros suavizando um pouco, então entra no quarto.

Eu chego em casa e subo direto para o meu quarto. Tomo banho, escovo os dentes e mudo de roupa. Pego uma pasta, colocando uma muda de roupa sobressalente e saio pelo corredor. Paro na porta do quarto de Sofia. Talvez seja uma boa ideia levar umas camisolas para ela se sentir mais à vontade. Entro e ligo o interruptor, a luz banhando o recinto. Sou assaltado pelo seu cheiro inconfundível de flores, meus olhos correndo por todo o lugar, sequioso por tudo dela, uma urgência em meu peito que não estava aqui antes. Ou talvez eu apenas a tenha ignorado como fiz com todo o resto. Algo sobre o banco acolchoado da janela me chama a atenção. Ando até lá. É o seu diário, constato ao ver o pequeno caderno aberto sobre as almofadas. Sei que o que vou fazer é totalmente invasivo, mas não posso me parar. Pego o caderno grosso. Sou um bastardo sem respeito, sei disso, só que preciso saber o que ela escreveu sobre mim aqui.

Eu me sento e folheio, procurando as datas mais antigas. Então, a data exata do nosso primeiro encontro surge no topo de uma página, em negrito. Eu me ponho a ler tudo que a menina, prestes a completar dezessete anos, escreveu sobre o homem mais velho. Ela relata tudo, todas as emoções sentidas naquele breve encontro. Sei que sou um homem de boa aparência, no entanto, as palavras eloquentes, de puro fascínio com que Sofia me descreve, me faz sentir um maldito astro de cinema. Ela ficou muito abalada e excitada também, mas não compreendia a razão de reagir assim a mim. Eu vejo tudo, data por data, cada emoção, cada interação nossa depois que a trouxe de Nova Iorque. A noite de núpcias. Ela ainda não entendia porque gostou tanto de ser minha.

Nossa viagem à Grécia. Os primeiros dias, sua raiva pelos meus desmandos e frieza com ela. Então, gradativamente os relatos vão mudando de tom. Ela começa a descrever em detalhes como é fazer amor comigo. Meu peito aperta desconfortavelmente porque nunca usei esse termo, sempre foi foder. Ela está cada vez mais ansiosa para sentir o meu toque, meus beijos, me sentir dentro dela. Relata nossas conversas também. Sophia me acha um homem inteligente, tece elogios a mim e a forma como me dedico à empresa. Mas aponta que devo relaxar nos finais de semana e parar de me preocupar tanto. Um sorriso amargo repuxa minha boca. *Neném...* Ela se preocupando comigo, um bastardo que nunca parou para ver o que tinha bem ao seu lado. Na noite em que tomei suas dores contra sua meia-irmã, foi a noite em que ela descobriu que me amava. Meu coração salta, é como se ela tivesse me

contando tudo. Sofia está angustiada, com medo do futuro, mas ao mesmo tempo deslumbrada porque sou seu primeiro amor. Ela quer me agradar. Todos os dias ela vai fazer coisas sutis para que eu possa amá-la de volta.

Estou chorando novamente. Soluçando como aquele menino sonhando com o amor dos pais. Estou chorando por essa menina, sonhando com o meu amor. Eu, um fodido total que só a usou desde o começo. E então, Sofia me joga na lona quando começa a relatar suas suspeitas sobre os meus sentimentos:

Querido diário... Ele me ama. Sei que ama. Sinto isso cada vez que me olha com aqueles olhos glaciais. Sinto quando está dentro de mim. Sim, eu sei que tudo começou mal, mas vamos superar isso. Nós vamos.

Heitor vai me manter depois que eu lhe der o filho que deseja. Sei que vai. E nunca mais me sentirei sozinha. Encontrei o meu lugar, finalmente, e é com ele, o homem que amo com todo o meu coração. Ele não me deixará. Nunca mais serei sozinha. Eu o amo tanto. Não sei como chegamos até aqui, mas chegamos. O amor vencerá no final.

Meu peito dói absurdamente quando vejo os últimos relatos. Eles estão cheios de desilusão, incerteza. Seu otimismo em relação aos meus sentimentos foi embora. Minhas lágrimas caem, quentes, pesadas de culpa. Ela estava sofrendo tanto com o meu desprezo após o Ano Novo. A saudade que sente de mim é descrita de forma dolorosa em cada página. Estava com medo de eu procurar outras mulheres, Vera, especificamente. Diz que me ver com a vadia a destruiria. E foi o que fiz estúpida e egoisticamente.

Puxo o ar bruscamente, me sentindo tão mal, que pareço doente. Eu não sabia que era possível amar alguém com tanta profundidade, que você deseja poder tomar toda a sua dor para si mesmo. Que deseja protegê-la de tudo o que há de ruim. É isso que estou sentindo agora. E o que mais me corrói é ter a consciência de que eu sou o causador de toda a sua dor.

— Oh, bebê... — eu choro para o quarto vazio. — Eu te feri demais, não foi?



CAPÍTULO QUINZE

Heitor

Eu tomo um café preto na cantina perto do hospital e volto rapidamente para o meu posto. Passei a noite inteira sentado em uma poltrona perto do leito de Sofia, os olhos secos, meu coração pesado, enquanto velava o seu sono. A enfermeira de plantão passou algumas vezes para checá-la, sempre me oferecendo um sorriso solidário e me dizendo para dormir que minha esposa estava reagindo bem e logo iria para casa. Ela não sabia, não, ela não tinha ideia do que eu tinha feito com a menina deitada naquela cama. Que eu não era digno da sua pena.

Estou em um misto de ansiedade para que Sofia acorde, mas receoso de como irei encará-la depois de tudo. Não me julguem, mas vi o celular dela e ouvi as ligações gravadas, bem como as mensagens, e um ódio descomunal cresceu em mim por Vera e a maldita madrasta. As duas mulheres estavam importunando Sofia há algum tempo. Vera usa palavras tão ofensivas, que me faz sentir o pior dos homens por ter me deixado levar por suas tramoias. Ficou claro como água que a mulher me manipulou. Como puder ser tão burro? Não há desculpas para mim, sei disso, e por isso estou morrendo de remorso. No momento certo, as mulheres irão pagar por terem machucado Sofia. Vou me encarregar disso pessoalmente.

Ter lido as emoções de Sofia escancaradas, tão cruas, naquele diário também foi como um soco certeiro em meu intestino. Deus, como gostaria de poder voltar atrás e retirar cada palavra cruel proferida, cada ação egoísta direcionada a ela. Mas não posso. Não é assim que funciona. Somos os únicos responsáveis pelas nossas ações e chegou a hora de eu responder pelas minhas. Respiro fundo quando chego à porta e a empurro, o médico está lá, examinando-a. Entro, avançando devagar. Em um primeiro momento, penso que Sofia está dormindo ainda. Meu coração salta quando ela vira o rosto ao sentir a minha presença e nossos olhares se encontram. Um flash de dor passa nos olhos verdes e ela ofega baixinho, então vira o rosto para a parede, me dispensando sumariamente.

— Ainda está sentindo dor, senhora? — o médico inquire, tomando a sua pressão arterial.

— Não. — a voz dela é tão baixa, tão sem vida, que faz um arrepio frio

me percorrer.

— Isso é muito bom. — o doutor diz em uma voz entusiasmada, obviamente percebendo o estado catatônico da sua paciente. — O sangramento está bem fraco. Se continuar sem dores, poderá ir para casa amanhã.

— O que eu tenho? — sua pergunta ainda é baixa, ela nem mesmo se dá ao trabalho de encarar o médico. Pelo seu tom, parece que a resposta não é importante.

O homem me olha brevemente. Acho que pensou que ela sabia da gravidez. Também cheguei a pensar que sim, porém não há nada sobre o bebê no diário. Ela não sabia.

— Pensamos que já soubesse, afinal, são quase três meses... — a voz do homem suaviza um pouco. — Está grávida de aproximadamente onze semanas. Está carregando um bebê forte e um tanto teimoso, pela forma como resistiu ontem. — completa com leve diversão.

— Oh, meu Deus! — há pânico na voz dela e seu rosto vira de volta. Seus olhos cravam nos meus, uma expressão de ódio e desprezo vai se espalhando em suas feições pálidas. Seus olhos se fecham e inspira com força. — Meu Senhor... Estou grávida... — geme tremulamente.

O médico conclui a rotina de exames e franze o cenho ao ver lágrimas silenciosas escorrendo nas laterais do rosto de Sofia.

— Ele está reagindo bem, não se preocupe. — confunde as lágrimas dela com preocupação. — Tem fome? Vou pedir que tragam um desjejum leve. Sente enjoos?

— Sim. — Sofia abre os olhos, encarando o médico. — Estou sentindo muito enjoo. Nada para no meu estômago.

— Mais algum sintoma? — ele continua no tom ameno, anotando em sua prancheta.

— Tonturas, fraqueza, sono. — sua voz é pequena, cansada, me causando uma pontada no peito.

Constatar que tem passado por tudo isso sozinha faz com que eu me sinta como um verme rastejante. Eu a deixei sozinha, grávida do meu filho. Meus ombros curvam sob o peso da vergonha e remorso.

— Vou receitar medicação para os enjoos e a nossa nutricionista virá visitá-la para montar uma dieta que vai amenizar esses sintomas desagradáveis. Também vai precisar começar a tomar as vitaminas imediatamente. — ele continua, escrevendo tudo com rapidez. — E, claro, muito repouso. Elimine toda e qualquer fonte de estresse durante a gestação.

— Obrigada, doutor. — ela diz, seu rosto torcendo em uma tentativa fraca de sorriso, reconhecendo os esforços simpáticos do médico.

Ele nos deixa em seguida. Meu coração começa a bater freneticamente quando a porta se fecha, nos isolando aqui. Sofia me ignora nos primeiros instantes. Leva suas mãos para o ventre e as abre ali. Quero me aproximar e tocar sua barriga também. Tocá-la. Trazê-los para perto. Sentir as duas vidas preciosas para mim. Perdi esse direito, porém. Perdi porque fui um tolo, orgulhoso. Seus olhos vêm para o meus e nos encaramos por um longo momento. Vejo lá, nas íris verdes, que isso não será fácil. Nunca estive tão incerto e receoso sobre algo. Sofia continua me olhando, os olhos parecendo vazios, sem expressão.

— O que você faz aqui? — sua voz é apenas um fio, a mágoa aparecendo em seu rosto agora.

— Eu fui um tolo, bebê. — murmuro rouco, cheio de vergonha, minha voz tremendo, coisa que nunca me aconteceu na idade adulta. Sua postura e o jeito que está me olhando fazem um sentimento ruim de finitude, de que agora pode ser tarde demais, começar a revolver minhas entranhas. — Cometi um erro terrível. — admito e ela pisca, aquele flash de dor passando em seus olhos de novo. — Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida fodida, mas fui covarde demais para aceitar isso. — Sofia não diz nada. Apenas me olha de uma forma assustadoramente plácida, resignada. Não há nada em sua expressão, nenhuma centelha que me faça ter esperanças. — Estava enganado. Eu quero, preciso de amor. — seus olhos ampliam ligeiramente, choque e também suspeita estampando em seu rosto. — Preciso do *seu amor*.

— Saia. — pede tremulamente.

O sentimento de perda se intensifica. Minhas mãos estão suadas e frias. Ela está segurando uma espada sobre a minha cabeça nesse momento.

— Eu sei que o que fiz foi muito grave, mas estou aqui para pedir mais

uma chance. — minha voz vacila, meus olhos ardendo e então, deixo as palavras saírem finalmente, me libertando do meu cativeiro: — Eu te amo, bebê. — ela ofega, seus olhos se enchendo de lágrimas. Suas mãos continuam segurando nosso bebê e eu nunca me senti tão pequeno e insignificante em toda a minha vida. — Me perdoe, só depois que te machuquei que eu me permiti compreender e aceitar isso.

— Não. — abana a cabeça, lágrimas caindo em suas faces. Ela as limpa com uma mão, a outra ainda permanece em seu ventre. — Você não sabe o que é amar alguém, Heitor. Está me dizendo essas coisas porque estou grávida, precisando de repouso, sem estresse, como o médico orientou. Acha que pode vir aqui e me encher com essa conversa fiada?

— É a verdade, por favor. — digo exasperado, o desespero tomando conta de mim. — Eu te amo muito e quero reparar tudo de ruim que lhe fiz. Por favor, me deix...

— Eu sonhei tanto em ouvir essas palavras da sua boca. — sua voz denota uma tristeza tão profunda. Meus olhos queimam, ardem demais, lágrimas turvando minha visão. — Tinha certeza de que você me amava. Eu sonhava com o momento em que me diria isso. Meu Deus, eu te quis tanto, tanto. — sua dor é explícita, me fazendo respirar ruidosamente. — Mesmo depois que me abandonou após o Ano Novo, eu não parei de sonhar com você voltando e dizendo que me amava, que havia um futuro para nós, juntos. — um bufo descrente lhe escapa. Seus olhos sem vida perfuram os meus. — Consegue imaginar como me senti quando abri meu coração, te entreguei o meu amor e você o pisoteou de forma tão cruel?

Oh, Deus, eu a machuquei demais.

— Eu sei e sinto muito, bebê...

— Não ouse se dirigir a mim dessa forma! — range os dentes, uma expressão feroz invadindo seu rosto. — Nunca mais!

Eu fico tenso e sinto medo pelo bebê. Ela não pode se alterar dessa forma. Porra, o que foi eu fiz? O desespero me consome.

— Por favor, não fique nervosa. — tento moderar meu tom. — O bebê ainda está se recuperando.

Seus olhos brilham e ela arfa, então olha para baixo, para o ventre.

— Eu sinto muito, meu amor. — sussurra, soluçando baixinho. Quero ir até ela e abraçá-la, puxá-la para mim e nunca mais deixá-la desamparada. — A mamãe vai ser mais cuidadosa de agora em diante, prometo.

Meu peito dói absurdamente vendo a cena. Eles são meus. São meus, mas não posso estar perto deles agora.

— Eu deixei a minha relação fodida com meus pais me transformar em um monstro. Sei o quanto te machuquei. — minhas lágrimas rolam pelas faces e eu não faço nada para detê-las. Ela parece chocada e ressabiada quando arrasta os olhos para os meus e vê a minha situação. — Nunca me permiti sentir amor por ninguém, Sofia. Eu achava que não precisava. Mas estava enganado.

— Não. Você estava certo. — sua voz e expressão se tornam geladas. — Não precisa de amor. Precisa de sexo. — cospe, parecendo com nojo de mim. — E isso você tem em abundância, basta estalar os dedos. Há realmente pessoas assim, vazias, mortas por dentro. E você é uma delas. — dor toma seu semblante outra vez. — Eu te vi com a sua prostituta, Heitor. Nada que saia da sua boca agora vai apagar aquela imagem da minha cabeça. Eu disse que nunca te perdoaria se tocasse em outra mulher. — seu peito sobe com respirações rápidas. — Jamais chegará perto de mim de novo. Jamais darei poder para me machucarem dessa forma de novo. — há um determinismo feroz em seus olhos verdes enquanto me encara e diz isso, então meu sangue gela, meu coração começando a bater rápido, medo atroz do que mais vai sair da sua boca. — Acabou. Me deixe em paz.

— Eu sinto muito, bebê. Por favor, me dê outra chance. Eu não posso perder você!

Imploro, meu peito comprimido, dolorido demais. Ela abana a cabeça. Nós nos olhamos, enquanto as lágrimas banham nossas faces. Oh, Deus, é tarde demais? Eu a perdi?

— É tarde demais. Você já perdeu. — com uma voz assustadoramente baixa, ela ecoa meus pensamentos e me dá o golpe final: — Eu quero o divórcio, Heitor.

Eu sinto isso como se fosse um soco em meu plexo solar. Cambaleio um pouco, meu corpo todo está gelado, uma sensação horrível revolvendo meu intestino. As lágrimas caem livremente agora, enquanto meu coração dói e

dói.

— Não! Por favor, não faz assim... — perco completamente a compostura, enfiando minhas mãos pelo cabelo, puxando-o em desolação. — Eu te amo! Me perdoe por demorar tanto para enxergar. Não posso perder você. Está grávida do meu filho. — imploro sem me importar com o orgulho que um dia tanto prezei. — Por favor, não diga isso... Vamos tornar esse casamento real e esperar nosso filho, bebê. Podemos superar isso, podemos...

— Eu nunca vou superar, Heitor. — seu rosto é determinado, duro. — Sim, estou esperando o seu filho. Esse é o único elo que teremos daqui para frente.

— Não...

— Saia e não volte. Estar perto de você me faz mal. — sua voz vai subindo e ela se estica, apertando o botão na cabeceira do leito, chamando alguma enfermeira. — Se insistir em voltar aqui, irei à imprensa e abrirei o jogo sobre quem é o grande e *respeitável* CEO da HTL. Você vai me dar o divórcio e não vai brigar comigo pela guarda do bebê. — porra! Eu fico zonzo com tantos golpes vindo na minha direção, e muito mais com o ódio gelado cintilando nos olhos verdes. — Você está fora da minha vida.

— Por favor, não me peça para ir. Você não pode ficar sozinha...

— Pare com o teatro, você já havia me deixado sozinha. — seu tom continua baixo e isso é mais aterrorizante do que se estivesse gritando. — Eu sempre estive sozinha. Não é nenhuma novidade para mim. — a enfermeira entra no quarto e se apressa até a cama.

— Chamou, senhora? Está sentindo algum incômodo? — pergunta, solícita.

O olhar frio de Sofia continua no meu.

— Peça a esse senhor que se retire do meu quarto. Eu não o quero aqui.

— Mas, senhora, ele é seu mar...

— Ele não é nada meu. — diz friamente.

A moça parece chocada quando se vira para mim.

— Sinto muito, senhor, mas a paciente precisa de repouso absoluto...

— Eu sei. — digo, me sentindo esmagado.

— Há alguém para quem podemos ligar para lhe fazer companhia, senhora? — a enfermeira pergunta, enquanto checa o soro em sua intravenosa.

— Não. Eu não tenho ninguém. — Sofia murmura e uma lágrima solitária rola em sua bochecha. — Vá. — indica a porta, seu rosto mostrando um conflito de emoções.

— Sofia... — minha voz é baixa, cheia de pesar.

— Adeus, Heitor. — diz e se vira novamente para a parede, me tirando da sua vida não apenas com as palavras.

Estou entorpecido, incrédulo, me sentindo miserável. A enfermeira me encara, aguardando que eu saia. Um sentimento esmagador de perda faz cada parte de mim doer e eu me obrigo a sair em silêncio. Não posso causar mais danos do que já fiz. Sofia precisa de cuidados e repouso nesse momento. Fecho a porta e encosto a testa no batente, cerrando os olhos. Meu Deus, que dor horrível é essa? Foi assim que ela se sentiu quando rechacei sua declaração de amor? E mais tarde, quando me viu com a cadela asquerosa? Traindo-a? Respiro profunda e dolorosamente. Sim, eu a traí da forma mais vil. Eu me senti no direito de procurar outra mulher mesmo sendo casado. Está certo que não era um casamento convencional, mas estamos legalmente casados. Isso me faz igual a meu pai, um traidor, o homem que mais odeio na porra desse mundo. Ofego, remorso me corroendo, sem pena. Sim, eu mereço ser escorraçado da vida de Sofia. Tenho consciência disso, no entanto, me sinto morrendo aqui, jogado para o lado de fora. A expressão desolada em seu rosto quando disse que não tem ninguém, que sempre foi sozinha, esmagou meu coração.

Eu abro os olhos e ando cegamente até um banco próximo, me sentando. Respiro fundo e procuro pensar na situação com clareza, embora a razão tenha me abandonado há algum tempo. Limpo meu rosto, decidindo que vou ficar por aqui, tomando o cuidado para que ela não me veja, claro. Não vou abandoná-la nunca mais. Ela falou em divórcio. Sinto um baque por dentro apenas por me recordar. Não. Não, ela disse isso porque está de cabeça quente, muito magoada, e com razão. Nós vamos resolver tudo. Repito isso uma e outra vez para mim mesmo, como uma prece silenciosa.

Ligo para T em seguida. Ele só voa amanhã à noite. Quando conto o que houve e que Sofia não pode ficar sozinha, meu irmão avisa que já estava a

caminho. Passo o dia dessa forma, velando o quarto do lado de fora, enquanto T faz companhia para Sofia e flerta com toda enfermeira que vê na sua frente. Jesus. Ele não tem jeito. À tardinha, sou surpreendido pela chegada da nossa avó. Tristan revelou que ligou para ela ontem e a colocou a par de tudo. Dona Magnólia pegou o primeiro voo comercial da HTL, saindo de Cagliari nessa madrugada. Ela nem ao menos conversou comigo, entrou direto para ver Sofia. Quando deixou o quarto e me encarou, eu me senti ainda mais envergonhado. Seu rosto estava corado, olhos vermelhos e uma expressão decepcionada que nunca tinha visto nela. Ela me intimou para uma conversa, então arrumei uma sala vazia para ficarmos mais à vontade.

— Eu nunca soube onde eu errei com Fernanda. — ela diz, tristemente, depois de um tempo me encarando. Fernanda é a minha mãe. — Sua mãe cresceu com amor. Sempre dei tudo que estava ao meu alcance, tanto material quanto emocionalmente. — sua voz vacila um pouco e seus olhos voltam a se encher de lágrimas. Meu peito torce por vê-la tão abalada.

— Vovó...

— Não. — ela me corta, levantando a mão. — Você vai me ouvir, meu filho. — seu tom é meio seco, aumentando meu mal-estar. Ela sempre teve um sorriso doce, mesmo quando estava me dando broncas. — Gosto de me enganar que seu pai estragou a minha menina. — abana a cabeça. — Isso não é a verdade, no entanto. Fernanda foi quem ela escolheu ser nessa vida. Poderia ter sido uma mãe amorosa para seus meninos, em vez disso, foi uma socialite fútil, sempre correndo atrás do marido infiel até que isso a matou. — eu trinco os dentes. Ouvir essa merda não vai me fazer nenhum bem. Eu me mantenho calado em respeito à minha avó, porém. Seus olhos cravam nos meus com ferocidade misturada à tristeza. — Quando você me apresentou aquela linda menina há três meses, percebi que algo estava meio fora de lugar, não sou burra, só que nunca imaginei ser algo tão revoltante e indigno... — puxa uma respiração aguda. — É muito difícil para uma avó assimilar que seu neto querido usou e machucou uma menina inocente de tantas formas.

Eu exalo pesadamente. Passo as mãos pelo meu rosto, aceitando que sim, sou o monstro que escolhi ser. Como a minha mãe, escolhi ser isso.

— Eu sinto muito. — minha voz é áspera como lixa. Minha garganta apertada. — Sim, eu fiz tudo que Sofia deve ter te contado. — meus olhos

ardem absurdamente. — Como minha mãe, poderia ter sido um homem honrado, mas escolhi ser um monstro. Escolhi machucar aquela menina, a única mulher que tocou meu coração, só que nunca me permiti aceitar isso, até ontem... — seu rosto não suaviza em nada com meu relato. Eu a decepcionei demais. — Eu amo Sofia, vovó. Tenho consciência do mal que fiz a ela, mas quero uma chance de reparar. Eu posso...

— O que fez foi muito grave, filho. — ela balança a cabeça, desapontada. — Ela não quer vê-lo e eu estou plenamente de acordo. Vou levar a minha neta para a minha casa quando tiver alta.

— Não! Por favor, vovó, convença-a a voltar para casa, comigo. — eu rogo, exasperado.

Ela me olha com firmeza, sacudindo a cabeça em negação.

— Isso não é possível agora e você sabe disso, Heitor. — repreende. — Vou cuidar dela lá em casa. A pobrezinha pensa que está sozinha no mundo. — um soluço lhe escapa. — Ela não está. Tem a mim.

— Tem a mim também. — digo ferozmente.

Minha avó estreita os olhos, me encarando por um tempo.

— O tempo é o melhor remédio. Se afaste e deixe-a se recuperar junto com o meu bisneto. — agora ela é quem está feroz. — Eu quero pegá-lo nos braços, forte e saudável, daqui a seis meses.

— Eu a amo. — torno a falar como se só esse fato fosse o suficiente para trazer Sofia de volta.

— Não é assim que funciona, filho. — seus olhos me perfuram com repreensão. — Nenhuma mulher deve ver o seu homem como Sofia o viu, Heitor.

— Me diga o que fazer, por favor, eu não posso perdê-la. — imploro sem vergonha de parecer fraco diante da minha avó. Ela franze um pouco o cenho, me analisando com olhos astutos e sábios.

— No momento, deixe-a quieta. É disso que ela precisa para curar as feridas.

Sofia e o bebê responderam bem aos medicamentos e ela teve alta no dia seguinte. T e minha avó me avisaram para eu sair da porta do quarto, assim

ela não me veria. Acompanhei tudo de longe, Tristan empurrando-a na cadeira de rodas até o carro da minha avó, onde o motorista já os aguardava. Eu me senti um expectador na minha própria história, me escondendo entre as plantas do jardim da frente do hospital apenas para ter um vislumbre do rosto dela. E eu tive quando olhou T com carinho e lhe deu um beijo na bochecha. Meu peito doeu de ciúme. Ciúme porque ele está perto dela, ganhando seu carinho, enquanto eu fui empurrado para longe. Ao mesmo tempo, fico feliz por meu irmão e minha avó estarem com ela, assistindo-a em tudo que precisar. Está mais corada, percebo pela cor voltando à boca carnuda. Sofia diz mais alguma coisa para T. Ele ri e acena, então eles entram no carro com a minha avó.

Fico aqui, olhando a limusine sair do meio-fio e avançar pela avenida movimentada. O carro vai se distanciando, levando a mulher que amo com todo o meu coração para longe de mim. Meu coração aperta, doendo tanto, que me sufoca. Respiro agudamente, consciente de que mereço passar por essa merda. Isso não faz doer menos, embora. Com um suspiro resignado, pego a chave do meu bolso e começo a andar a passos largos para o meu carro no estacionamento. Dispensei o motorista agora à tarde porque quero visitar uma pessoa e depois, sei que não estarei pronto para voltar para a minha casa sabendo que Sofia se foi.

Cerca de quarenta minutos depois, estou tocando a campainha no apartamento de Vera. A temporada de caça às bruxas está aberta e não terei compaixão de ninguém. Todos que machucaram Sofia irão pagar junto comigo.

— Oh, Heitor! — seu rosto passa por uma transformação. Surpresa e apreensão nítidas, além das marcas arroxeadas em seu olho direito e nariz. Eu me alegro em ver que Sofia fez um bom número na cara da vadia, uma vez que não posso lhe dar esse tipo de lição. — Entre, *mi cariño.* — ela se afasta, me dando passagem.

Eu não digo nada, apenas passo para dentro e as imagens imediatamente me assaltam quando alcanço a sala, o sofá onde estive jogado com a vadia me chupando. Fecho os olhos brevemente, me amaldiçoando por causar uma dor tão profunda na mulher que amo. Minha avó tem toda razão, nenhuma mulher merece ver algo tão vil. Ando até o meio da sala e me viro. Vera está um tanto cautelosa, se mantendo a uma boa distância. É inteligente, já sabe que essa visita não é amigável.

— Você planejou tudo. — digo, olhando-a com desprezo. Vera amplia os olhos e começa a mexer no cabelo, um sinal de que está nervosa.

— Não fiz nada, *mi amor*. — ousa negar, tentando parecer casual.

Meus olhos estreitam sobre a mulher à minha frente. Observo-a dos pés à cabeça, tentando descobrir o que um dia me atraiu tanto. Odeio-a nesse momento. Mesmo sua beleza exterior me incomoda, porque não é real. Nada nela é.

— Você é uma puta ordinária, Vera. — digo friamente e ela ofega, vendo que sua máscara caiu. — Ouvi cada palavra ofensiva que falou para Sofia. Você a cercou desde o primeiro encontro na Grécia. — inspiro com força, crispando meus punhos. — Você a machucou lá, debaixo do meu nariz, e eu não percebi porque era egoísta demais para me preocupar com algo mais além de mim.

— Eu vi a forma como ela estava olhando para você! — explode, raiva tomando seu semblante. — A menina tola já estava se apaixonando por você. Eu não podia deixá-la ganhar. E você também estava todo olhares para cima da ratinha sonsa. — ri de forma afetada. — Eu a coloco no chinelo, sabe disso, Heitor.

Meu sangue ferve ao escutá-la repetir as ofensas.

— Sofia tinha razão quando disse na última ligação que você não passa de uma vaca velha e desprezível. — ela arfa, ódio puro invadindo suas feições, outrora bonitas. — Acrescento despeitada, invejosa, ridícula. — rosno. — Estava se roendo porque viu que ela me amava e eu estava, contrariando todas as apostas, retribuindo esse amor. Quis nos tornar tão miseráveis quanto você.

— Você não precisa de amor. — bufa. — Em nosso meio, as alianças são mais valiosas do que esse sentimento bobo. Nos damos bem na cama, o que mais podemos querer?

Eu franzo o cenho porque parece que estou ouvindo a mim mesmo falando essa merda para Sofia.

— Está enganada, Vera. — digo, abanando a cabeça. — *Eu* preciso de amor. Preciso do amor de Sofia. — acrescento para que não haja dúvidas. — Apenas o amor dela pode me salvar de morrer miserável, como você.

Ela empina o queixo, os olhos zombando de mim.

— Boa sorte com isso, querido. Ela não vai te perdoar. — sim, a vadia fez tudo de caso pensado para me foder regiamente. — E seja homem, pare de jogar toda a culpa em mim. *Você* quis vir aqui e me foder naquela noite!

— Sim, tem razão, eu sou o maior culpado. Pode ter certeza que tenho lamentado essa decisão a cada segundo desde então. — eu cuspo. — Eu não vou me estender mais. Vim apenas lhe dizer para arrumar suas coisas e voltar para a porra do seu país.

— O quê?! Não pode fazer isso. É muito influente, mas o Brasil não é seu, até onde sei, *mi cariño.*

O termo e o sotaque me irritam profundamente. Eu ranjo os dentes.

— Talvez esse seja o momento para deixá-la saber que já há uma passagem em seu nome no próximo voo da HTL para Buenos Aires. Conversei com seu pai ontem e ele me garantiu que vai mantê-la por lá. — ela está espumando pelas ventas agora. — As consequências, se Javier não controlá-la de agora em diante, serão desastrosas para a empresa de vocês, que já se encontra em uma situação complicada.

— Você não pode...

— Eu posso! Eu vou, porra! — digo, muito puto. — O contrato de negócios que tenho com seu pai não será renovado e estou pouco me importando se vão falir. Você não vai mais colocar os pés no meu país. Você não é digna de respirar o mesmo ar que Sofia. — minha voz vai inflamando a tal ponto, que estou gritando. — Você é nada! Nada, porra!

— Ela nunca irá te perdoar! — vocifera com uma expressão agourenta, de bruxa.

— Eu vou passar a vida tentando, se for preciso. — digo com ferocidade. — Espero sinceramente que vá para o inferno! Adeus, Vera.

Então eu saio de lá o mais rápido que consigo. Olhar para a mulher agora me faz mal.

Dois meses depois...

Sofia

Eu entro no quarto que vovó Mag me ofereceu desde que deixei o hospital,

há dois meses, e me sento no banco junto à janela. Pego meu diário, abandonado, antes de sair para o meu compromisso. Suspiro tremulamente, meus olhos ardendo, porém, secos. Já não tenho mais lágrimas. Apenas uma dor crônica que nunca sara dentro do peito. A imagem devastada, embora linda de Heitor, ainda permanece em minha mente. Acabo de voltar do escritório de Alberto. Assinamos o divórcio. Sou livre de novo. Eu devia estar feliz, não é? Contudo, não estou e isso me enfurece. Mostra que a menina tola ainda vive dentro de mim, em algum lugar. Encontrar Heitor depois de dois meses inteiros sem vê-lo não foi fácil. Na verdade, foi uma das coisas mais difíceis que já fiz na minha curta vida. Meu cérebro havia bloqueado as lembranças dele e de como é bonito, talvez para me proteger da dor.

Quando ele entrou no escritório e nossos olhares se encontraram, não pude me manter tão indiferente quanto gostaria. Meu coração saltou, apressado, tão forte que doeu. Minhas mãos ficaram suadas e frias. Meu corpo tremeu por inteiro, se agitando em reconhecimento à sua presença poderosamente masculina. Em reconhecimento ao único homem que amei e que me possuiu completamente. Os olhos azul-gelo se fixaram nos meus e ficamos ali, presos em uma espécie de feitiço desleal. Odeio ainda me sentir dessa forma por um homem que me machucou tanto. Depois de um tempo, seu olhar correu por mim, parando em meu ventre já bem estufado sob o macacão do meu novo guarda-roupa de grávida. Presente da sua avó. Ele puxou o ar com força e quanto voltou a me encarar, seus olhos estavam quentes, brilhantes. Odiosamente suaves e lindos. Suspiro, repassando cada momento.

— Sofia. — eu choraria, se ainda tivesse lágrimas, ao ouvir a voz profunda chamando meu nome depois de tanto tempo.

— Heitor. — disse com desprezo. Tive um bom professor. Pensei ter visto um flash doloroso em suas profundezas azuis glaciais. — Vamos terminar logo com isso.

Alberto estava observando a nossa interação com o cenho franzido quando o olhei, descartando o causador de toda a minha dor, decidida a não me deixar encantar pela sua casca bonita nunca mais. Alberto limpou a garganta, pegando os papéis e colocando-os sobre a ampla mesa. Como um cavalheiro, puxou uma cadeira para mim, indicando para Heitor se acomodar na outra.

— Como advogado, tenho que fazer a pergunta. — ele nos disse,

parecendo meio incomodado. — O divórcio é consensual?

— Sim.

— Não.

Eu e Heitor falamos ao mesmo tempo.

— Heitor... — a voz de Alberto foi tensa.

Com um longo suspiro, Heitor se sentou na cadeira e disse tão baixo que quase não ouvimos:

— Sim. Se é isso que a fará se sentir bem, então, sim.

Seu tom soou tão magoado, doído, mas não o olhei. Não, eu não podia mostrar fraqueza perto dele ou seria destruída novamente. Jamais lhe darei poder para me ferir de novo. Quero-o bem longe de mim. Então nos pusemos a assinar tudo em um silêncio sepulcral. Meu coração batia apressado, minhas mãos suavam. Agradeci formalmente a Alberto e me levantei, querendo ir embora o quanto antes. Precisava ficar longe daquele homem. Sim, podem me chamar de covarde, não me importo. Melhor me esconder do que passar vergonha em sua presença.

— Alberto, pode nos dar uns minutos a sós, por favor? — a voz de Heitor me sobressaltou.

— Não, eu não tenho nada para falar com esse senhor, Alberto. — disse em tom afiado, ainda não olhando para o meu recente ex-marido.

— Permita-me discordar, você está carregando o meu filho na barriga. — sua voz denotou uma raiva contida. — E me obrigou a assinar esse divórcio do caralho, mas não pode se negar a conversar comigo sobre o nosso bebê.

— Você me obrigou a casar. Nada mais do que justo... — eu cuspi friamente.

— Pode ao menos me dar a cortesia de me olhar nos olhos? — ele estalou. — Pare de me tratar como um monte de lixo.

— Eu, hum, vou sair um pouco. — Alberto interrompeu, parecendo sem jeito com nosso embate. — Heitor, mantenha a calma. — seu olhar preocupado veio para mim. — E você também. Isso não faz bem para o bebê. No entanto, Heitor tem razão, ele tem direitos como pai. — eu bufei. Claro que o *advogado do diabo* iria ficar do lado dele, não é? — Não me dê esse

olhar, Sofia. Sou amigo pessoal de Heitor praticamente a minha vida inteira, mas tenho um carinho especial por você também. Não pense que é divertido vê-los assim. — seu tom pareceu o de um diretor resolvendo brigas entre colegiais. — Para o resto de suas vidas, estarão unidos através desse filho em comum. Então, coloquem-no em primeiro lugar. É inevitável, precisam *conversar*. — frisou bem a última palavra.

Fechei os olhos brevemente. Sim, ele tinha razão. Estou carregando o filho de Heitor. Foi um choque descobrir isso justamente na iminência de um aborto. Estive tão feliz nos meses antes do Ano Novo, que não analisei com mais cuidado as mudanças em meu corpo. Minha menstruação estava vindo todo mês e isso atrapalhou também, embora o fluxo fosse bem fraco. O médico explicou que isso é normal. Os sangramentos intensos, como o que tive naquela maldita noite, é que são preocupantes. Quando acordei no hospital e vi Heitor por lá, eu só queria feri-lo, atingi-lo, como tinha feito comigo. Queria fazer com ele exatamente o que tinha planejado para mim, privá-lo do convívio com o herdeiro tão desejado por ele. Crueldade da minha parte? Talvez. Eu só não podia ficar perto do homem que pisou no meu coração. Será que ninguém entende como me sinto?

Apesar de tudo, acenei com a cabeça. Alberto deu um olhar de advertência para o amigo e saiu da sala. Permanecemos parados em nossos lugares. Perto, mas ao mesmo tempo tão distantes. Heitor enfiou as mãos nos bolsos da calça, o movimento me fazendo observar o caimento perfeito do terno cinza de três peças. A cor acentuava seus olhos azul-gelo, deixando-os ainda mais penetrantes. Está mais magro, percebi naquele momento. E a expressão sempre dura e cínica, estava ausente dos olhos magníficos. Eles estavam suaves enquanto me olhava também em silêncio. Já me deixei enganar por aquela expressão antes. Ingenuamente pensei que havia algo bom nele e vejam só onde isso me trouxe.

Enfrentei-o, levantando meu queixo. Queria me afastar para o outro lado da sala, só que não iria lhe dar o gostinho de saber como ainda me afeta. Deus, quando irá parar de doer? Quanto tempo é o suficiente para curar um coração partido? Ele me machucou tanto, por que meu corpo ainda reage assim ao seu? Meu cérebro ordena que sinta nojo, repulsa por ele. Meu coração dói, magoado. Mas meu corpo, oh, Deus... Os hormônios da gravidez não me deixam esquecer tudo que vivi em sua cama, em seus braços.

— Como você está? — sua voz foi uma nota mais baixa e rouca, íntima.

Seu olhar foi para o meu ventre. — Como vocês estão? — reformulou.

— Bem. — coloquei, protetoramente, a mão sobre a minha barriga protuberante. — Estamos muito bem.

Seus olhos levantaram para os meus e me prenderam da forma perturbadora que sempre fez desde o nosso primeiro encontro.

— Posso tocá-lo? — sussurrou, estendendo a mão, mas ainda esperando meu consentimento. Seus olhos cintilando com alguma emoção que era estranha para mim. — Por favor, me deixe sentir o nosso menino. Tem sido uma tortura me manter longe, Sofia, mas estou fazendo tudo que pediu para o bem de vocês dois.

Queria mandá-lo ir para o inferno com sua atuação. A Globo está perdendo um grande ator para suas novelas. Ironizei-o. A mágoa ainda pungente em mim me dizia que não, ele não tinha direito de tocar o bebê. Não tem nenhum direito sobre nenhum de nós. Porém, não é assim. Alberto tem razão. Mesmo com as minhas entranhas se revolvendo ante a ideia dele me tocando, coloquei nosso filho em primeiro lugar e acenei em concordância. Ele podia tocar-me ali. Depois, seria bem difícil me encontrar disponível de novo. Pensei maldosamente.

Heitor exalou fortemente como se esperasse a minha negativa. Então chegou mais perto e sua mão grande tocou meu ventre. Meu corpo todo estremeceu visivelmente, minha pele formigou, contra todo o bom senso, apreciando o toque familiar. Apertei meus lábios com força, evitando emitir algum som indigno. Ele arfou, um sorriso se abrindo em sua boca, olhos presos em meu ventre. Suspirei agradecida por seu foco estar todo no bebê, não vendo minha reação vergonhosa à sua proximidade. Chocando-me completamente, Heitor se moveu com agilidade, ficando de joelhos na minha frente, as duas mãos segurando meu ventre. Seu olhar era de pura adoração, fazendo algo torcer no meu peito. Era evidente a sua alegria por eu deixá-lo chegar perto depois de tanto tempo. Nas duas consultas do pré-natal, fui acompanhada por Magnólia e T, que surpreendentemente tem estado o tempo todo por perto. Em nenhum momento eu o permiti chegar perto de mim nesse período. Longe dos olhos, longe do coração. O provérbio é a mais pura verdade. Eu estava indo muito bem, até hoje.

— Você já consegue senti-lo? — perguntou, as mãos firmes acariciando-me, calor penetrando através do tecido fino. Amaldiçoei meus hormônios

descontrolados quando meus seios pesaram, os mamilos endurecendo. Minha vagina apertou, as paredes molhando e pulsando com dolorosa saudade.

— Sim. — minha voz saiu meio ríspida, tentando mascarar a minha reação ridícula ao seu toque. Seu olhar subiu para o meu e ele me olhou em silêncio. Por um momento, tive medo de ele tripudiar sobre como ainda me afeta. Para a minha surpresa, seus olhos continuaram suaves, sem ironia.

— Sim? Me conte como foi. — perguntou, voltando a olhar minha barriga, sua expressão deslumbrada.

— Foi há um mês. Tinha acabado de sair do banho e ele chutou aqui. — coloquei minha mão no local, na lateral da barriga. Sua mão cobriu a minha e eu segurei a respiração. — Ele tem mexido com cada vez mais frequência. — acrescentei, tentando a todo custo soar natural, puxando minha mão do contato com a sua.

— Ei, filhão! — murmurou, inclinando a boca bem perto da minha barriga, o hálito quente fazendo coisas perversas com a minha libido louca. — Consegue me ouvir? Sou o seu pai... — tive a impressão que sua voz embargou um pouco. Continuou massageando o local, respirando com força. Eu me mantive firme até que o nosso bebê resolveu interagir com seu pai e mexeu. — Oh, meu Deus! Ele mexeu! — Heitor exclamou, os olhos levantando para os meus. Eles estavam cheios de lágrimas não derramadas e eu engoli em seco, a cena me incomodando mais do que eu gostaria. E ele se pôs a conversar com o nosso filho, enquanto os tremores e pequenos chutes se estenderam. Meus olhos arderam e eu os fechei por um tempo, buscando controle. — ... fique firme aí dentro, e cuide da mamãe para mim. O papai não pode estar sempre por perto...

— O papai *escolheu* não estar por perto. — rebati com amargura, suas palavras me tirando do ridículo momento de fraqueza.

Heitor me olhou, mágoa passando em seu rosto rapidamente, então engoliu em seco. Sem aviso, ele beijou a minha barriga. Deus, era para eu achar seu toque repugnante depois de tudo que testemunhei. Ele continuou beijando-me, ou a nosso filho, não sei. Fiquei confusa. Precisava empurrá-lo para longe de mim. Eu me obriguei a revisitar a cena dele com a prostituta. Asco e revolta preencheram meu íntimo e, com determinação, fiz exatamente isso, me desvencilhei das suas mãos e toques mentirosos. Ele pareceu desolado, ombros caindo quando me encarou, lá no chão, ainda ajoelhado.

Com gestos elegantes, ele se ergueu e ajeitou o terno.

— Estou indo embora. — avisei e ele segurou meu pulso quando tentei passar por ele. Nossos corpos ficaram colados, juntos, como há muito tempo não ficavam. — Me solte.

— Olhe para mim, bebê. — pediu em um sussurro.

— Já disse para não me chamar mais assim! — retruquei, levantando meu rosto e dessa vez arfei, quando nossas bocas ficaram muito próximas. Os olhos azul-gelo se fixaram nos meus com um misto de suavidade e ferocidade queimando lá no fundo.

— Neném... — seu tom foi de agonia. Os olhos brilhando muito. — Eu te amo tanto. Sei que mereço seu castigo, mas estou morrendo a cada dia que passo longe de você.

Meu coração saltou, doendo, sangrando ao ouvi-lo dizer aquilo. Deus, parecia tão real. Seu tom sofrido, o olhar me implorando para acreditar nele. Não cansa de brincar comigo? Eu me perguntei, consternada.

— Me deixe ir. Acabamos de nos divorciar. — rangi os dentes. — Acabou, Heitor.

— Não. Esse não é o nosso fim. — negou veemente, olhos determinados nos meus. — Você será minha de novo, bebê. Vamos nos casar outra vez e nunca mais serei tolo de te perder.

— Nunca! — rosnei, empurrando-o. Sua boca estava muito próxima da minha e o odiei absurdamente por me fazer desejá-lo mesmo depois de ter me destruído. — Nunca serei sua de novo.

— Será. Vou esperar por você, não importa quanto tempo passe, estarei bem aqui. — rosnou, os lábios respirando nos meus. Tentando-me covardemente.

Odeio-o! Odeio-me!

— Vai morrer esperando. — devolvi o mais friamente possível.

— Oh, desculpem... — a voz constrangida de Alberto veio da porta.

Aproveitei para empurrar Heitor e ele cedeu, lançando um olhar mortal para o amigo. Então voltou a me olhar.

— Quando a verei de novo? — perguntou, parecendo desesperado ao me

ver me preparando para sair. — Por favor, almoce, jante comigo nessa semana. Me castigue de outra forma, mas me deixe estar perto de você e do nosso filho. Estou implorando, bebê...

— Não vamos fingir que estamos em bons termos. — eu cuspo com frieza. — Nós não estamos. Nunca mais estaremos.

Ele pareceu sentir dor física com as minhas palavras.

— Eu te amo, bebê. — sua voz carregava tanto desespero, que se eu ainda me permitisse ser a menina tola, acreditaria. — Por favor, acredite em mim. Me deixe mostrar isso.

— Adeus, Heitor. — eu disse sem me dignar a olhá-lo e saí o mais rápido que pude.

— Eu sinto muito, amigo. — a voz pesarosa de Alberto me alcançou antes de eu fechar a porta.

Suspiro novamente, voltando da lembrança dolorosa. Ele está sendo ainda mais cruel ao querer que eu acredite nesse amor repentino que diz sentir por mim agora. Não, não mais. Sacudo a cabeça e termino de registrar nosso conturbado reencontro no diário, fechando-o. Olho para o jardim bem cuidado da mansão de Magnólia. Ela tem cuidado de mim com tanto carinho, que me faz sentir mal pela forma como estou agindo com seu neto. Um movimento na porta do quarto me faz olhar de lado. É ela.

— Posso entrar? — pergunta, pondo a cabeça cinza para dentro.

— Sim, por favor. — digo, meu tom saindo um pouco estridente, forçado.

Ela entra e vem cautelosamente se sentar na outra ponta do banco. É uma mulher muito fina, dessas damas da alta sociedade, sabe? Sempre bem vestida, não importa a hora do dia. Hoje, traja um vestido bege de linho e um conjunto de colar e brincos de pérolas, delicado e elegante.

— Você está bem, querida? — pergunta com suavidade.

— Sim, vovó Mag. Estou bem. — meu tom novamente não convence ninguém.

Seus olhos castanhos amorosos transparecem todo o seu carinho genuíno por mim. Contudo, não engole a mentira.

— Não minta para mim, minha menina. — sua mão alcança a minha em

meu colo e a segura em apoio. Ela tem sido meu porto seguro desde aquela fatídica noite, há dois meses. Ela e T, com seu jeito irreverente, foram os responsáveis pela minha recuperação. Nos primeiros dias eu só queria me enrolar em uma bola e morrer. Aos poucos eles foram me tirando da concha na qual me refugiei e fui me fortalecendo a cada dia. Exalo profundamente. Até hoje, quando vi o causador de tudo e tremi nas bases, como a menina boba que sempre fui. Parece que ser tola está na minha essência. Zombo de mim.

Por falar em T, eu olho as flores lindas nos vasos de cristais em meu quarto. Elas chegam duas vezes ao dia, pela manhã e à tarde. São lindas e dos mais variados tipos. Jamais imaginei que fosse tão doce e atencioso, sensível até. Eu sempre quis receber flores. Achava lindo as cenas de filmes ou romances onde o mocinho faz esse gesto para sua amada. Está certo que T as está enviando como amigo, mas ainda assim, é muito bom acordar com uma nova remessa a cada dia.

Há também o show do U2, no final de semana, que meu cunhad... Interrompo meus pensamentos bruscamente, meu amigo, faz questão de me levar para conhecer a banda. Ficaremos em um camarote VIP e estou muito ansiosa para sábado, devo admitir. Sobretudo, porque T me prometeu que vai me levar nos bastidores para conhecer e cumprimentar a banda pessoalmente. Oh, meu Deus! Vou ver Bono Vox de perto! Tenho uma profunda admiração por ele, além de cantor e compositor excepcional, é também grande entusiasta das causas sociais. Meu coração aperta porque essa é uma das bandas preferidas de Heitor também. Oh, Deus, esse encontro de hoje mexeu muito comigo. Pensei que estava preparada, blindada contra ele, mas não. Ainda o amo, o quero com a mesma intensidade de antes, e exatamente por isso, não posso permiti-lo chegar perto de mim. Não posso fraquejar ou estarei pedindo para ser destroçada de novo. Heitor Maxwell não é digno da minha confiança. Nunca mais irá me enganar. Nunca.

— Desculpe, vovó. — murmuro com o coração pesado. — Eu ainda o amo. Pensei que não. Foram dois meses sem vê-lo. — minha voz embarga. — Não quero amá-lo. Não quero. Por que não consigo deixar de amá-lo? Por quê?

Ela ofega com o desespero claro em meu tom.

— Venha aqui, querida. — estende o braço e eu me deito de lado,

acomodando a minha cabeça em seu colo. Seus dedos gentis passam pelo meu cabelo. Nunca conheci nenhuma das minhas avós biológicas, mas penso que elas deviam ser assim, doces. Sua mão livre passa pelo meu braço, esfregando e então, desce para a minha barriga. Também gosta de sentir o nosso bebê, como ela própria o chama. — Não retenha nada dentro de você, ou isso fará mal ao nosso pequeno.

— Não estou ret...

— Sim, está, Sofia. — afirma. — Você parou de chorar muito cedo porque um senso distorcido de orgulho está lhe obrigando a ser forte o tempo todo. — seu tom não se altera e nem seus dedos param a carícia em meu cabelo. — Não viveu o luto comum no fim dos relacionamentos, tão necessário para o encerramento de um ciclo, querida. Você represou tudo aí dentro, e isso tudo explodiu quando viu meu neto hoje.

Uma exalação profunda deixa meus lábios, porque ela está certa. Eu me obriguei a não pensar nele imediatamente aos acontecimentos. Engavetei tudo relacionado a ele. Era isso ou não me recuperar, junto com meu filho.

— Eu escolhi o bem-estar do meu filho. Era preciso deixar Heitor ir ou eu não teria paz. — digo-lhe em tom ameno, mas cheio de desesperança.

Magnólia fica alguns instantes em silêncio.

— Entretanto, assinar o divórcio também não lhe deu paz, pelo que estou vendo. — aponta sabiamente.

— Não. — concordo simplesmente.

Mais silêncio.

— O tempo é o senhor de todas as coisas. — murmura delicadamente. — Chore, lamente, e um dia, quando menos esperar, a dor irá embora.

— E se não for? Se eu nunca parar de amá-lo? — pergunto tremulamente. Lágrimas, quentes estão se formando em meus olhos, rompendo o bloqueio que criei para me proteger.

Ela suspira baixinho.

— Então, é porque Heitor é o homem da sua vida.

Meu coração aperta. Lá no fundo, eu sei que se trata disso. Sinto em minhas entranhas que ele é o homem da minha vida. Nada que eu faça vai

arrancá-lo de dentro de mim. Só que eu não quero mais.

— Ele me traiu. — minha voz racha, lágrimas grossas deslizando em meu nariz, pingando em seu vestido caro. — Não há como esquecer isso. Não há.

— Eu sei, minha menina. — sua própria voz está tremente agora. — O que ele fez foi muito grave. Desculpe se vai chateá-la o que vou dizer, mas meu neto parece sincero quando diz que a ama, querida. Heitor nunca foi leviano em relação a sentimentos.

— Eu não consigo acreditar e o mais importante, não consigo perdoá-lo. — digo em tom pequeno. — Sinto muito, vovó.

— Shh, não. — ela me corta. — Irei apoiá-la em qualquer decisão que tomar. Sempre. Você estando com meu neto ou não, está me dando o bisneto que tanto desejei. — soluço, voltando a chorar, me permitindo sofrer para ter uma possibilidade de me curar de verdade. — Enquanto eu viver, terá a mim.

— Obrigada. Por tudo. — murmuro entrecortado. — A senhora terá a mim também.

Ela continua me dando carinho e eu caio no sono, me sentindo amada e cuidada pela primeira vez na minha vida.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Duas semanas depois...

Sofia

Meu celular toca em minha bolsa, enquanto a limusine desliza pelo trânsito caótico, rumo à fundação HTL, no Morumbi. Estou indo para a terceira reunião com a equipe que irá trabalhar comigo no projeto de dança clássica e contemporânea para crianças carentes. Eu me joguei de cabeça nesse projeto para não ter espaço de remoer a minha vida pessoal caótica. Visitei o estúdio na semana passada e meu coração doeu demais quando vi que é igual ao que Heitor mandou fazer para mim, em sua casa. É maior, mas a decoração é igual. Ele avisou que faria algo assim, só que agora a semelhança me fará lembrar dos momentos de paixão que tivemos naquele estúdio. Um período em que eu tinha certeza do seu amor. Um período em que parecíamos tão felizes. Meu Deus, eu fui tão inocente ao confundir desejo sexual com um sentimento mais profundo. A queda foi tão brusca, que nunca irei me recuperar dos ferimentos. Ofego, obrigando-me a parar de pensar *nele.* Atendo a chamada assim que vejo o nome de T na tela.

— Desculpe, bonitinha. — É tudo que ele diz, então ouço vozes sussurradas e em seguida a voz baixa e profunda soa, como que invocada pelos meus pensamentos erráticos.

— Sofia. Por favor, não desligue. — Heitor se apressa em pedir. — O que tenho para lhe dizer é importante. — Não digo nada. Todos os números ligados a ele estão bloqueados em meu telefone. Um misto de repulsa e alegria por ouvir sua voz me invade. Aperto os olhos fechados, meu coração batendo com força. Odeio-o por me fazer amá-lo dessa forma tão profunda, que por mais que tente, parece estar entranhada em mim, recusando-se a ir embora. Odeio-o! — O investigador particular que contratei para investigar Soraia cavou até conseguir encontrar o que você suspeitava. — diz cautelosamente.

Meu sangue gela, minha respiração falhando. Oh, meu Deus! Então aquela maldita estava mesmo por trás do acidente do meu pai? Desde aquela tarde em que atuou junto com a prostituta argentina para me destruir, tenho pensado em formas dolorosas de fazê-la pagar. Mas estou grávida e não posso colocar o meu filho em risco por causa daquela ordinária. Sua hora vai

chegar, no entanto.

— Você está bem? — a voz de Heitor vem urgente e preocupada através da linha. — Responda, por favor.

— Sim. Estou bem. — minto. Meu corpo todo está dormente de raiva. Quero acabar com ela. — Como? — pergunto em um fio de voz.

Ele faz um breve silêncio.

— O dono do haras e sua madrasta eram amantes. — diz, parecendo enojado.

Eu quase bufo com a sua hipocrisia. Até parece que é um homem decente. Ele havia retomado o caso com a puta muito antes de eu flagrá-los juntos.

— Como o investigador descobriu isso? — indago, rangendo os dentes.

— Ele foi paciente, se matriculou em aulas de equitação com horários fixos, três vezes por semana. — revela. — E se tornou, aos poucos, conhecido dos funcionários, então conversa vai e conversa vem, foi colhendo as provas. Um desses funcionários passou a sair com ele para beber depois do expediente e ao abusar do álcool, soltou a língua. Esse cara também se tornou amante de Soraia, pois a flagrou com o patrão e passou a cobrar favores sexuais para se manter calado. — meu estômago embrulha. Que puta ordinária! — O nosso investigador levou o bêbado para a casa e, vasculhando, encontrou fotos dela com o dono do haras. Fotos íntimas. — vou vomitar. — E outras fotos...

— Quais? — inquiro, meu coração saltando ainda mais rápido.

— Fotos de Soraia *preparando* os arreios do cavalo que o seu pai montou naquele dia... — um soluço estrangulado sai da minha boca. Foi ela mesmo! Oh, Deus! Ela queria matar o meu pai. — O funcionário desonesto registrou tudo com o intuito de lucrar ainda mais com isso. De acordo com o investigador, Soraia foi abandonada pelo primeiro amante, o dono do haras. Entretanto, o segundo, o funcionário, não largou o osso, passou a extorqui-la e continua usando-a para o sexo, sempre que tem vontade.

Então foi aí que ela torrou todas as economias de anos de trabalho do meu tolo pai. Encontrou alguém mais esperto em seu caminho. Meu íntimo se alegra por saber que não tem vivido um mar de rosas desde o acidente, sendo chantageada e usada por um simples empregado. Sei como é esnobe com os

pobres, deve ser horrível para ela ser fodida por esse pobretão esperto.

— Parece que ela também teve que ser a puta de um escroto, no final das contas. — cuspo com veneno.

Heitor inspira agudamente na linha. Faz-se um silêncio pesado depois disso. A carapuça lhe serve bem, não é? Zombo.

— Sim. Parece que sim. — finalmente concorda com a voz derrotada. — Ouça. A polícia está indo agora para a casa de Soraia. — meu coração dá uma guinada de pura felicidade. — Um juiz amigo meu e de Alberto, agilizou as coisas e emitiu um mandado. Ela será presa, Sofia.

Meus olhos transbordam e eu suspiro, ao menos esse ciclo está sendo encerrado. Aquela maldita terá, finalmente, o que merece. Então eu respiro fundo e me obrigo a reconhecer que *ele* foi quem me proporcionou essa vitória. Ironicamente está sendo responsável por um sorriso em meu rosto depois de ele próprio ter me arrancado a vontade de sorrir.

— Obrigada. — minha voz sai baixa, forçada. Ele sabe que a última coisa que quero no mundo é lhe dever um favor. — Agradeça a Alberto em meu nome também.

Eu o ouço respirando fundo do outro lado.

— Não por isso. — sua voz parece tão triste. — Eu faria qualquer coisa por você, neném. Qualquer coisa.

Inspiro com força. *Você não fez a coisa que eu mais precisava, Heitor. Você destruiu o que tínhamos.* Tenho vontade de retrucar, mas isso levaria a uma discussão, e, no momento, quero apenas saborear essa vitória.

— Eu vou desligar. — aviso com frieza.

— Onde você está? — pergunta em uma tentativa patética de esticar o assunto.

— Não é da sua conta. — cuspo.

— Estou perguntando porque eu a conheço bem e sei que está pensando em ir até Soraia. Isso não é bom para o bebê.

Eu ranjo os dentes para o seu tom amoroso.

— Eu vou lá e ninguém vai me impedir. — rosno com petulância. — Quero dizer na cara da vaca, exatamente o que penso dela.

Ele pragueja, parecendo irritado.

— Eu vou com você, então. — diz como se eu fosse aceitar.

— Vou sozinha, Heitor. Pare de agir como se eu fosse importante para você. — estalo com desprezo. — Fui apenas o seu banco de esperma. Pare de fingir!

Um longo suspiro vem em meu ouvido.

— T está indo para o apartamento esperar por você. — diz em uma voz desolada. — Bebê... — murmura angustiado e eu já imagino o que vem a seguir. — Me dê uma chance, por favor. Eu te am...

Encerro a ligação, endurecendo o meu coração para as palavras mentirosas que saem da boca desse homem. Peço ao motorista, que também é o meu segurança pessoal, para mudar a rota. Mantive o segurança por insistência de Magnólia. Ela alegou que estou grávida e que o bebê e eu precisamos de proteção. Mais ou menos vinte minutos depois, estacionamos na frente do prédio, em Moema. O lugar que chamei de lar enquanto crescia. Já tem um tempo que eu não vinha aqui, desde que fui para Nova Iorque, no começo do ano passado.

Fico no carro observando a movimentação, esperando os agentes chegarem. Quero vê-la algemada. Quero tripudiar em cima dela. Sei que não são bons sentimentos para cultivar por uma pessoa, mas não estou em um momento de me importar com o que é certo ou errado. Só quero vingança contra todos que me magoaram. Vou, pessoalmente, cuidar para que seja condenada. Tenho recursos, caso precise. Sou uma mulher rica agora. Com o coração todo destroçado, mas muito rica. O contrato inicial havia sido reformulado por Heitor e ele nunca me disse. Alberto me mostrou dois dias depois que assinamos o divórcio. Acho que queria me sensibilizar para voltar para o seu amigo traidor. Sem chance.

No primeiro momento, eu quis rasgar o documento e mandar Heitor enfiar seu precioso dinheiro naquela bunda cruel e arrogante dele. Contudo, Alberto me deu uma aula sobre direitos conjugais e que meu casamento com o filho da puta do seu amigo era legal, para todos os efeitos. Então, cá estou eu, podre de rica.

Fabuloso.

Não demora muito e eu percebo os agentes na entrada do prédio. Meus

olhos ardem e eu inspiro, procurando a calma necessária para ir lá e vingar o meu pai e a mim. Desço do carro e entro no prédio, seguida pelo meu segurança. Os homens estão ainda do lado de fora do apartamento quando saímos do elevador, a porta está aberta e uma Soraia branca como papel, do lado de dentro.

— Se não quer fazer as coisas pacificamente. — um deles puxa o mandado do bolso e o estende na cara de Soraia. —, a senhora está presa por tentativa de assassinato contra o senhor Marcos Lopes Guimarães, seu marido.

Ela ofega, levando a mão à boca e nesse momento me nota no corredor, seus olhos de víbora se alargam.

Um sorriso frio se abre em minha boca.

— Eu pensei que nunca veria esse dia. — minha voz sai trêmula, o choro preso em minha garganta. O que eu não daria para bater nessa sua cara de assassina. — Você vai ficar lá, trancafiada, por um longo tempo, sua maldita! Eu vou me encarregar disso!

Uma expressão de puro ódio cresce em suas feições modificadas cirurgicamente.

— Eu não apostaria tanto, querida. A justiça nesse país é uma piada. — zomba e os agentes resmungam, insatisfeitos.

— Algeme-a! — o que parece ser o chefe da operação, late para o segundo, que avança com um sorriso de escárnio.

— Marcela? — ela grita para dentro do apartamento, pânico enchendo seu rosto, enquanto seus braços são torcidos à sua frente e os pulsos contidos pela algema.

— O que diabos é isso?! — a piranha filha está com o queixo no chão quando entra no *living* e vê a situação da mãe. — Porra, mãe! Por que está algemada?

— Sua mãe está sendo presa por tentativa de homicídio, senhorita. — o homem que está segurando Soraia informa.

A expressão no rosto de Marcela não é de surpresa. A prostituta sabia. Claro que sabia. Eu me enfureço. As duas são farinha do mesmo saco. Malditas!

— Não vai dar em nada, querida. — Soraia tenta se manter firme, mas vejo o medo em seus olhos. — Eles não têm como provar isso.

— Na verdade, temos, senhora. — o chefe diz em tom satisfeito. — Seus amantes. — torce a boca sarcasticamente. — O dono do haras e o empregado da baia resolveram abrir a boca para livrar o deles da reta quando os procuramos. — Soraia ofega, pavor legítimo deixando-a pálida. Com um sorriso irônico, o agente completa: — Delação premiada, senhora, está em alta em nosso país ultimamente...

Soraia desvia o olhar para Marcela, que está franzindo a cara em desgosto.

— Filha, vou precisar de um bom advogado. Use o dinheiro que tem economizado...

— De jeito nenhum! Está louca? — Marcela corta sem a menor empatia pela situação da mãe.

— O quê?! — Soraia fica aturdida, enquanto olha a víbora filha.

— É isso que ouviu. Não vou gastar as minhas economias com advogados caros, quando pode muito bem usar um defensor público. — diz com descaso.

Meu Deus, até eu estou estarrecida. Ela está abandonando a mãe. Ouço um fungar e minha atenção recai para a minha madrasta. Vejo seus olhos cheios de lágrimas. Pela primeira vez, parece estar sentindo realmente alguma coisa. Suas faces são banhadas, olhando a filha, provavelmente se perguntando se é real tudo que ouviu.

— Você criou bem a outra víbora. — eu tripudio, meu tom cheio de veneno. — Vai pagar por tudo que fez ao meu pai e a mim.

Seus olhos lacrimosos e tomados pelo ódio voltam para mim e eu sinto-me mal. É um tipo de olhar maligno.

— Meu consolo é saber que ele não vai acordar nunca! — brada, colérica. — E que você, menina insuportável, não tem mais ninguém nesse mundo!

Estremeço com o impacto das sentenças, soando como uma maldição.

— Não. Você é a única que acaba de ficar sozinha no mundo. — rio ironicamente. — Com uma filha dessas, não precisa de inimigos. Bem feito! Está colhendo o que plantou. — rosno. — E, sim, meu pai vai se recuperar. E

quando isso acontecer, faço questão de te escrever uma carta contando como estamos felizes e juntos de novo. — meu ódio cresce a níveis altos. — Você terá, finalmente, o que merece, sua puta miserável!

— Marcela... Filha... — ela ainda tenta mais uma vez. Marcela solta um suspiro exasperado, como quem não vê a hora de se livrar do incômodo.

— Eu vou te visitar todos os dias e encontrar um bom defensor público. Prometo.

As palavras soam tão falsas quanto as duas mulheres horríveis. Soraia chora silenciosamente enquanto olha para a filha. Está claro que a filha a está abandonando. Os agentes saem com ela em silêncio. Marcela olha a cena até entrarem no elevador, nenhuma emoção é vista em seu semblante. Uau. Eu nunca esperaria por uma dessas. Nem a megera. Rio com uma satisfação sombria quando meus olhos encontram os derrotados de Soraia antes das portas se fecharem.

— Acha isso engraçado, sua putinha? — a voz baixa e cheia de ódio me faz arrastar o olhar para ela. É hora da minha querida meia-irmã ter a sua surpresa também.

— Sim, é hilário, patético, como vocês duas, putas desprezíveis. — rebato no mesmo tom. — Abandonar a própria mãe. Uau! Foi um golpe e tanto, até mesmo para você.

Rola os olhos.

— Uh, que medo! — finge um estremecimento debochado. — De onde veio essa coragem toda, Sofia? Ou será amargura? — seu sorriso é feio, maldoso, como sempre. — Oh, pobrezinha. Está grávida e sem o gostosão do Heitor. — debocha, os olhos ficando mais frios nos meus. — A ideia, o plano foi todo meu, sua tola. Claro que a idiota despeitada da Vera veio a calhar. Eu a procurei e me apresentei como sua meia-irmã e a coloquei a par de todas as suas fraquezas. Eu sabia que traição para você é algo imperdoável. Vi isso com seu primeiro namoradinho. — meu sangue gela, esquenta, minhas orelhas pegam fogo. Eu crispo meus punhos, uma fúria cega me inflamando. Queria estar sem barriga para dar a surra que essa cadela sempre merece. — Eu, eu! Foi tudo eu, querida! Eu sabia que você estava apaixonada por ele, via isso nas fotos que saíam na mídia. Sempre sorrindo, olhando-o com adoração. Sua tola! Na primeira oportunidade que teve, ele foi trepar com a

antiga amante. — seu tom vai inflamando mais, gostando de me hostilizar, como sempre.

Ela me destruiu. Essa puta dos infernos armou tudo para tirá-lo de mim, porque sabia que eu estava feliz pela primeira vez na minha vida. Seu sorriso alarga mais.

— Sabe, irmãzinha, em alguns momentos pensei que ele também estava caído por você. Mas, não. — ela gargalha horrendamente. — Olhe para você, meu Deus! Você é uma ratinha feia, sem graça. Achou mesmo que teria o seu "felizes para sempre", querida? — lágrimas turvam a minha visão. — Estou só deixando a poeira assentar e então, vou atrás de Heitor. Ele é apenas um homem, cedeu para a baranga argentina, por que não cederia para mim, que sou muito mais bonita que vocês duas juntas? É isso aí, maninha. Vou foder com o homem que você ama. Já o tirei de você, o próximo passo será trepar gostoso com el...

— Sua prostituta miserável! — um som animalesco sai da minha garganta e antes que eu perceba, soco a cara da infeliz. Um golpe duro em seu nariz, com toda a ira e força do meu braço. Ela cambaleia, se estatelando contra a parede, o sangue descendo imediatamente pelas narinas infladas. Seus olhos estão em choque. Até eu estou em choque. Então ela grita e avança para cima mim. Eu protejo instintivamente a minha barriga e Pedro, meu segurança, toma a minha frente, contendo-a a tempo.

— Eu vou te dar uma surra, sua horrorosa! — berra, se contorcendo para me alcançar. Pedro a esmaga contra a parede.

— O patrão me avisou sobre você. — ele rosna na cara dela. — Se não quiser que te segure para a patroa te dar uma surra, fique na sua, porra!

Ela ri doentiamente, a boca sangrenta.

— Já pensou, eu me tornando a próxima senhora Maxwell? Serei a madrasta desse monstrinho que está esperando. Oh, irmãzinha, não se preocupe, vou cuidar tão bem dele quanto cuidei de você.

Torno a crispar meus punhos. Estou tentada a pedir que Pedro a segure para eu dar uma surra. Deus, quero matar essa cadela! Tenho que pensar no meu bebê, no entanto.

— Quero-a fora do meu apartamento! — vocifero e ela para de lutar na hora, seus olhos me encarando com pânico. — Vai ter que usar as economias

que se recusou a dar à víbora da sua mãe, no final das contas. — zombo friamente. — Eu paguei a hipoteca junto ao banco. É meu. Tudo meu!

Ela engole audivelmente.

— Vai me jogar na rua? Eu não tenho para onde ir, sua maldita! — diz com raiva.

— Quem disse que me importo? Tem trinta minutos para arrumar as suas tralhas e cair fora. — cuspo, massageando minha mão. Ela limpa o nariz com as costas da mão. Se olhar matasse, eu estaria mortinha. Então eu tripudio, usando as mesmas palavras que usou na noite em que vi Heitor pela primeira vez e minha vida mudou. — Coitadinha... Que destino triste o seu, irmã. Veja só o que você se tornou... — olho-a dos pés à cabeça, com nojo. — Uma puta barata que trepa com qualquer um que te pague. — ela ofega, os olhos se enchendo de lágrimas. Não sei se de ódio, impotência ou algum resquício de vergonha, não sei. Só sei que gosto de vê-la assim, acabada. — Eu espero que volte para você cada maldade que fez comigo, sua puta de merda! Minhas preces foram atendidas, você está indo para o inferno! Saindo da minha vida! Para sempre!

Eu digo isso com tanta força, que fico zonza. Coloco uma mão na parede, respirando com dificuldade. Braços fortes e dolorosamente familiares me puxam para um peito sólido e cheiroso. Levanto meu rosto, meus olhos encontrando os olhos azul-gelo que tanto me assombram. De onde ele veio? Pergunto-me, atordoada.

— Bebê... — sua voz é cheia de preocupação. — Você não pode se alterar dessa forma. — eu me seguro nele, mas vou perdendo os sentidos e tudo fica escuro em seguida.

Entramos na sala de estar de Magnólia, estou oscilando na semiconsciência quando me colocam sobre um sofá. Eu me ajeito em uma posição sentada e forço meus olhos abertos.

— Ei, bonitinha. — a voz suave de T chama a minha atenção para o estofado à minha frente. Ele está lá, os olhos escuros adquirindo um brilho divertido. — Você está muito encrenqueira ultimamente. Estou vendo que terei de usar a minha autoridade de padrinho e proibi-la de deixar essa casa até que meu afilhado nasça.

Eu rio, meus olhos correndo ansiosamente pelo recinto.

— Ele já foi. — T informa.

— Quem? — finjo-me de tosca.

— O Batman. — zomba. — Não banque a espertinha comigo, Sofia. — seu rosto fica sério. — Ele sabia que iria deixá-la ainda mais nervosa se acordasse e o visse por perto.

Permaneço calada. O cheiro dele ainda está em meu nariz. Meu Deus, tudo em mim vibra quando chega perto, meus hormônios enlouquecidos de grávida o querem com desespero.

— Ele está sofrendo também, bonitinha. — murmura.

— Eu vou descansar um pouco. — eu me levanto, ignorando suas últimas palavras.

T faz o mesmo, me olhando com apreensão.

— Você está bem? Heitor chamou seu médico, já deve estar chegando.

Eu bufo. Não quero esse cuidado *dele*. Não quero nada que venha de Heitor-filhodaputa-Maxwell!

— Estou bem. A vertigem foi porque me exaltei muito. — digo e ele abre um meio sorriso. — Você está certo. Estou muito encrenqueira. Pendurei as luvas agora, prometo. — brinco. — Eu só precisava desse último acerto de contas. — digo, tocando minha barriga, pedindo desculpas silenciosas ao meu bebê por deixá-lo sob tensão.

T vem até mim e me beija afetuosamente na bochecha.

— Pode cancelar com o médico, por favor? — peço.

Meu médico é um moreno lindo de morrer, no final dos vinte. Para piorar, é solteiro e parece interessado em me conhecer para além do consultório, pelas indiretas que solta aqui e ali. Já sabe que estou separada do pai do bebê e vejo o interesse crescendo em cada vez que nos vemos. Meus Deus, os homens são tão sem-vergonhas! Não vê que estou grávida de outro? Péssimo momento para me envolver com alguém.

T acena e se vai. Sei para onde está indo agora. Vai tranquilizar o irmão quanto ao meu estado. T está em uma posição ingrata tendo que se manter imparcial, correndo de lá para cá, sem nunca emitir julgamentos. Eu o

agradeço por isso.

Subo para o meu quarto e preparo um longo e relaxante banho de banheira. Fico lá, ouvindo Ana Carolina e acariciando meu ventre pronunciado, cobrindo meu menino precioso de carinho. Eu falo com ele. Digo o quanto o amo e estou ansiosa para pegá-lo em meus braços, mas que espere lá dentro, firme e forte, até o momento certo de chegar. *Quem de Nós Dois* soa no volume baixo e eu fecho os olhos, deixando meu corpo relaxar.

Meu celular toca sobre a borda da banheira. Abro os olhos e o pego, vendo que é Carla. Tem dois dias que não falamos. Ela tem estado muito ocupada com o espetáculo. Além disso, estava tendo problemas com Connor Milles, o astro – muito gostoso – da peça. Palavras dela.

— Ei, Car. — digo, limpando a garganta.

— Ei, Sof. — sua voz é meio ressabiada. Conheço-a bem. Sei que algo aconteceu.

— O que houve, amiga? — pergunto. Ela suspira profundamente.

— Eu transei com o sr. Astro de Hollywood, amiga. — geme na linha. — Ele é um babaca total! Juro que não sei como aconteceu, Sof. Estávamos discutindo em seu camarim, quando percebi, estávamos nus, o cara estava em cima de mim, me fodendo, como o bruto que ele é... Meu Deus, eu sou uma vadia...

Uau! Isso é o que eu chamo de uma mudança brusca de cenário. Eu rio, não muito surpresa, para ser sincera. Desde que conheceu o Connor, minha amiga foi deixando de se lamentar sobre o traíra do Rafael. Nas últimas vezes que nos falamos, Car só mencionou Connor. Geralmente irritada por algo que ele fez, porém o cara tem ocupado a sua mente, verdade seja dita.

— Bem, amiga, não estou muito surpresa, para ser sincera. — digo, rindo baixinho.

— Como não, amiga? Ele é um idiota, um cuzão, um troglodita... — ela para e geme de forma indecente. — Ai, meu Deus, ele é tão gostoso...

Eu gargalho, mesmo em meu estado de infelicidade. Eu me deixo alegrar por ela. Se não for algo sério, pelo menos serviu para tirar o seu foco do ex traidor. Se eu não estivesse grávida, iria à caça também. O pensamento me faz rir de mim mesma. Sofia indo à caça, patético. Não suporto nem mesmo

outros homens me olhando com interesse. Heitor conseguiu me transformar nele. Perdi a fé nas pessoas. Meu médico novamente me invade os pensamentos. Eu franzo o cenho. Talvez... Talvez eu deva considerar ao menos uma amizade com ele. Ou talvez, eu seja a única vadia aqui, não Car. *Você está grávida, Sofia.* Repreendo-me. Nesse momento, não tenho nada a oferecer para ninguém. Estou amarga, ranzinza, querendo brigar com o mundo. Meus olhos voltam a arder com desesperança. Algum dia deixarei de amar aquele homem?

Continuo ouvindo o entusiasmo escancarado de Car sobre a noite de ontem. Acontece que depois da transa no camarim, Connor a levou para a cobertura dele em frente ao Central Park e lá as coisas esquentaram de vez, pelos relatos. Ela está empolgada como não a via em tempos. E um pouco confusa, porque Connor é um astro de Hollywood e vai voltar para LA logo depois da peça. Eu a aconselhei a viver isso, seja lá o que for. Quando desligamos, Carla está praticamente saltitando, dá para sentir a sua alegria daqui.

Eu volto a relaxar na banheira. *Encostar na Tua*, começa no sistema de som, me transportando para outra noite, em Nova Iorque, há seis meses. Meus olhos ardem, meu coração doendo ao recordar cada detalhe daquela noite e de todas as outras que se seguiram nos braços de Heitor. Tantos sentimentos conflitantes guerreando dentro de mim. Mas, no fim, eu me rendi ao mais poderoso de todos, o amor. Meu peito comprime, a dor que nunca vai embora pulsando sem pena. Fecho os olhos, minha mente traiçoeira trazendo a imagem dele de hoje. O rosto perfeito, aqueles olhos azuis gelados que foram a minha perdição desde o começo. Sua beleza dura, máscula. Soluço de dor, de amor, de saudade. Por que é tão difícil esquecer? Por quê? O coração deveria desligar no momento em que fosse ferido. Deveria bloquear o causador do dano para sempre. Mas não é assim que funciona, infelizmente. Ainda o quero tanto. Ainda o amo tanto.

Duas semanas depois...

Heitor

— Heitor... — ela sussurra com a voz doce, os olhos verdes cheios de amor para mim.

Meu peito incha. Deus, como é bom ouvi-la chamando o meu nome. Como é linda. Tão perfeita.

— Sofia... Neném... — seguro o seu rosto perfeito e me enterro nela, profundamente. — Meu amor... — eu choro, amando como seu corpo me recebe, sempre tão pronto, molhado, feito sob medida para mim.

Ela soluça, puro amor descendo em suas bochechas em forma de lágrimas.

— Sim, meu amor... — geme, segurando meu rosto também, nossas bocas bem perto, respirando uma na outra, enquanto me toma todo em sua boceta. — Eu estava com tanta saudade, Heitor...

— Eu também, bebê. — meus movimentos aceleram, metendo nela com força, o desespero começando a tomar conta de mim, porque no fundo da mente, sei que isso não é real. Ela não está realmente aqui. — Minha neném... Eu te amo tanto.

Então, do nada, ela vai sumindo debaixo de mim, como uma miragem.

— Não, não vá, por favor... — eu imploro, lágrimas quentes invadindo meus olhos. Tento agarrá-la, mantê-la comigo, mas é em vão. Ela some. Nem um segundo eu estava dentro dela, sentindo-a perfeita e quente à minha volta, e no outro, estou sozinho. — Sofia! Volte, bebê, por favor! Sofia!

Eu acordo, gritando por ela, meu coração batendo forte. A sensação, já tão conhecida e aterradora de perda, me castiga ao me deparar com a cama vazia e fria. Eu fico de lado no colchão, olhando para o espaço vazio onde ela costumava dormir. Estendo a mão, alcançando o seu travesseiro. Lágrimas silenciosas rolam pelo meu nariz. A dor é ainda mais angustiante, excruciante, por saber que a culpa é minha, de mais ninguém. Sonho com ela quase todos os dias desde que destruí a nossa vida juntos. Não sonho brigando, discutindo. Nunca. Eles são sempre como esses, nos amando, ela me olhando com aqueles olhos doces, me chamando. É alguma espécie de castigo do meu subconsciente, um constante lembrete do que tive em meus braços e estupidamente perdi.

Fecho os olhos, seu cheiro não está mais aqui no quarto ou na casa. Muito tempo se passou. Deus, muito tempo se passou desde que foi embora e me cortou sumariamente da sua vida. Ainda assim, posso sentir o delicado perfume de flores, sua pele suave na minha. Meu corpo todo encaixado no dela. Sei, com toda certeza, que nunca vou esquecer essas coisas. Nunca vou esquecer nada sobre ela. Cada pequeno detalhe estará gravado em minha mente, meu coração, meu corpo, minha alma. Para sempre.

— Sofia... — chamo em agonia, soluçando para o silêncio do quarto. — Eu amo você. Acredite, bebê. — rogo como se ela pudesse me ouvir.

E fico assim, chorando e lamentando tudo o que fiz. O aperto no peito é tão dolorido, que pensaria ser um infarto, isso se já não estivesse familiarizado com ele. É o remorso, a culpa, o amor, a saudade. Deus, tanta saudade. Olho o relógio sobre o criado-mudo – está marcando pouco mais das quatro da madrugada. Não vou conseguir dormir mais. O padrão tem se repetido. Só consigo adormecer bem tarde e depois de duas ou três doses de uísque. Às vezes, eu realmente me embriago para anestesiar a dor. Nunca senti nada parecido com isso. Nada me preparou para isso.

Limpo meu rosto e me levanto da cama. Está frio, então pego o edredom, jogando-o sobre os meus ombros e saio do quarto. Ando descalço, me arrastando pelo corredor como uma alma penada, até o estúdio que mandei fazer para ela. Entro, acendo apenas as luzes do fundo, perto da parede de vidro. Ando até o divã. É aqui que tenho passado o resto das noites. As fotos dela e do último ultrassom do nosso menino estão espalhadas sobre o couro negro. Rosa instruiu a equipe da limpeza a não tocar nessa parte quando vem limpar, sabe que é o meu santuário. Eu me sento e pego o ultrassom, orgulho e amor inchando em meu peito ao ver o meu filho lá. Está já todo formado, grande, forte, chupando o dedo. Perdi a conta de quantas vezes olhei essa foto desde que T a entregou para mim, na semana passada. A ideia de ter um filho, inicialmente, era apenas uma necessidade, perpetuação do meu nome e como tudo na minha vida, foi uma decisão fria, sem emoção. Mas isso caiu por terra quando me descobri apaixonado pela mãe dele, e quando vi o primeiro ultrassom. Quando ouvi a gravação das batidas do seu coraçãozinho, então me apaixonei por ele também, irremediavelmente.

— Eu sinto muito, filho. — murmuro, embargado. Fui reduzido a isso, falar sozinho como se ele ou sua mãe pudessem ouvir minhas lamentações. — O papai não pode estar perto de você ou de sua mãe, porque foi muito cruel com ela.

Eu ofego, pegando as fotos dela. Passo os dedos sobre seu rostinho meio arredondado pelos quilos extras que ganhou com a gravidez. Tirei essa na semana passada, quando estava saindo do consultório do seu médico, após a consulta mensal. Eu estava me esgueirando, como sempre, para ter pelo menos um ínfimo vislumbre dela. Usava um vestido floral, soltinho, a barriga protuberante, linda demais, fazendo eu me sentir um escroto do caralho por

tê-la ferido tanto.

Eu a tenho perseguido por toda a cidade. Minha avó e T sempre avisam quando vai sair e eu largo tudo para ir atrás. Essas têm sido as minhas únicas oportunidades de vê-la. De longe. Sempre de longe. Ela me excluiu de vez. Não tem acordo. Principalmente depois que assinei o divórcio. Suspiro, a derrota pesando em meus ombros. Sei que pensa que assinei por medo de ela contar toda a sordidez a que a submeti para a imprensa. Está enganada. Assinei porque a minha avó me pediu. Ela disse que aquele casamento começou errado e se eu quisesse uma chance de lutar por Sofia, devia lhe dar a liberdade. Ela precisava disso no momento, ser livre.

Eu não queria. Morri um pouco mais naquele dia. Foram dois longos meses sem conseguir chegar perto dela. Tremi dos pés à cabeça quando entrei no escritório de Alberto e a vi lá, linda, usando um macacão de grávida, deixando sua barriguinha bem evidente. Meu coração saltou com força e eu bebi dela, morto de sede. Ela também ficou abalada em minha presença. Isso me deixou um pouco esperançoso na ocasião. Uma esperança que se desfez nos dias que se seguiram. Sofia não cedeu um milímetro, desde então. Na verdade, se tornou ainda mais dura comigo.

— Deus, traga-a de volta para mim. — eu rogo com todo o meu coração. Tenho conversado muito com Deus nesses dias. — Prometo cuidar bem dela dessa vez.

Parece que tendemos a nos aproximar mais Dele em momentos ruins. Sinto vergonha em admitir que nunca fui muito adepto a esses tipos de conversas. Não achava importante. Na verdade, nem mesmo acreditava. A noite do Ano Novo me vem à mente. Minha conversa com Sofia e a forma como zombei da sua fé cega. Ela acredita que Deus nos concede tudo que pedimos se tivermos fé. Suspiro longamente, traçando os dedos pela barriga protuberante na foto. Eu devo estar sendo castigado porque nunca fui um bom homem. Que tipo de pessoa obriga um homem a entregar sua filha inocente em troca de uma dívida? Não uma boa pessoa, isso é certo. Eu me arrependo. Eu me arrependo de tudo. Inclusive fui visitar Marcos no hospital. Ele não podia me ouvir, mas pedi perdão a ele pelo mal que fiz a sua filha. Sei que não mereço o amor dela. Fui um canalha do começo ao fim. Brinquei deliberadamente com os sentimentos de uma menina que só teve a mim como referência de relacionamento. Nunca considerei que pudesse de fato se apaixonar por mim, seu primeiro homem. Como meu coração era frio, seco,

julguei-a da mesma forma.

— Eu estraguei tudo, neném, não foi? — murmuro, olhando a foto com pesar e adoração. — Daria tudo para ter você de volta. Daria tudo para voltar no tempo e não te machucar tanto, bebê. Daria tudo.

Mesmo sabendo que isso é patético pra caralho, continuo falando sozinho. Pelo menos me dá uma sensação de alívio. É como se confessando que fui escória total com ela, Deus vai se compadecer de mim em algum momento. Eu me deito de lado e seguro as fotos dela e do bebê junto ao meu peito. Olho através da parede de vidro. Ainda está escuro, algumas estrelas pontilhando o céu. Fico assim, mirando a noite, revivendo tudo que tive com ela. Tantos momentos bonitos. Fecho os olhos, as imagens dela dançando para mim nesse estúdio invadem minha mente. Nua, linda, altiva, como uma princesa. Meu corpo inflama, sedento por ela. Saudoso do seu cheiro, da textura da pele macia.

Vejo-a nitidamente em meus pensamentos. A forma reverente como dizia meu nome quando estava dentro dela. Parecia que havia algo mais a ser dito. Muito mais e ela completava com seus belos e expressivos olhos verdes. Meu Deus, como não enxerguei seu amor por mim? Como pude ignorar todos os sinais, as mudanças quando voltamos da Grécia. Como pude ignorar os *meus* sentimentos? Estava feliz com ela, como nunca estive em toda a minha vida. O Natal foi tão especial. A semana que se seguiu foi perfeita também. A última semana em que estive com ela, sem neuras. Era amor. Estávamos nos amando e em seguida, depois do Ano Novo, joguei tudo fora. Joguei-a fora cruelmente. Tudo ruiu porque me deixei envenenar por uma puta despeitada. Espero que Vera morra tão infeliz quanto me fez. Não sinto qualquer remorso por lhe desejar isso. Ela destruiu a única coisa bonita que aconteceu na minha maldita vida. Expulso-a dos pensamentos e volto a sonhar com a minha linda menina até os tons rosados do alvorecer surgirem no horizonte.

Meus olhos estão secos, cansados. Com um suspiro resignado, eu me levanto e me arrasto de volta para o quarto para me preparar para mais um dia de trabalho. Quando desço algum tempo depois, já pronto para sair, dou de cara com Rosa ao pé da escada.

— Bom dia, senhor. — ela me cumprimenta. Seu rosto transparece seu pesar, provavelmente ao ver a minha cara abatida.

— Bom dia, Rosa. Não vou tomar café. — digo, já me dirigindo para a

porta.

— Senhor, não pode continuar fazendo isso. — seu tom, meio receoso e preocupado, soa às minhas costas. — Vai ficar doente...

Ela está no meu pé sobre a minha alimentação, ou a falta dela. Suspeito que a minha avó tenha algo a ver com essa marcação cerrada.

— Vou comer algo na empresa. — digo por cima do ombro.

— Tudo bem. Vou ligar por volta das onze. — ela diz. — A patroinha está acordando cada vez mais tarde com o avanço da gestação.

Meu coração aquece pela forma carinhosa que usa para falar de Sofia. Tudo que mais quero é que ela volte a ser a *patroinha* dessa casa. Rosa tem sido a minha fiel espiã. Ela liga todos os dias, religiosamente, para a Sofia. Tenho lançado mão de toda e qualquer forma para ter acesso a ela. Foi através dessas ligações que fiquei sabendo quando começaram os desejos de grávida da minha neném. Foram muitos, até agora. Eu providenciei todos, sem exceção. Há dois dias ela comentou que estava salivando por um doce que comprava esporadicamente numa *delicatessen*, perto da sua escola de balé, em Nova Iorque. Imediatamente pedi a um dos nossos pilotos em escala na cidade e ele comprou o tal doce, colocando-o no primeiro voo da companhia para São Paulo. Ontem, Sofia ligou para Rosa após receber e se empanturrar com a guloseima. Fui descoberto. Ela pediu, relutantemente, que a minha governanta me agradecesse. Estou com medo de que pare de mencionar os desejos agora que sabe que era eu os atendendo. Fico contente em poder providenciar, mesmo que não possa lhe entregar em mãos. Eu me sinto útil cuidando dela e de nosso filho. Eu me sinto próximo, mesmo estando relegado a essa distância cruel que me impôs.

— Me chame imediatamente. Não importa se estarei em reunião com a rainha da Inglaterra, eu vou atender. — digo com firmeza e recebo um de seus sorrisos pesarosos de volta.

Entro em minha sala, na sede da HTL, alguns minutos depois. Vim de helicóptero porque minha paciência anda bem curta e não suporto o trânsito caótico a essa hora da manhã. Luciana me segue para dentro, com um olhar receoso. Todos estão nas pontas dos pés para lidar comigo nos últimos tempos. Ando irritado, estressado, incomodado com tudo.

— Heitor, Alberto estava tentando falar com você ainda há pouco. — diz, colocando umas pastas sobre a mesa. — Esses contratos precisam ser assinados com urgência.

Eu pego meu celular no bolso do terno e rosno. Está descarregado. Que porra está havendo comigo? Nunca deixo meu celular inacessível. Nunca.

— Droga, meu celular está descarregado. — digo, exasperado. — Obrigado, Luciana. — pego as pastas e franzo o cenho ao abrir a primeira e ver que já assinei esse contrato ontem. Abro a segunda, constatando a mesma coisa. — Já assinei isso ontem.

Luciana parece sem jeito agora.

— Sim. Mas assinou no lugar errado... — aponta com apreensão.

Eu olho para baixo e vejo que é isso mesmo. Assinei no espaço do locador em vez de locatário. Exalo profundamente e me recosto na cadeira, passando as mãos pelo rosto. Luciana está me dando o mesmo olhar de pena que recebi de Rosa ainda há pouco, quando volto a encará-la. Todos sabem a razão do meu atual estado miserável. Sofia. Antes que possa dizer algo, a porta se abre e Alberto entra, seguido de perto por T. Eu franzo o cenho. Meu irmão chegou de Dubai nessa madrugada. Ele aprecia dormir até o meio-dia depois desses voos. Sua cara não está nada satisfeita, provando exatamente esse ponto.

— Espero que seja realmente importante, *Albie*. — reclama, se empoleirando em uma das cadeiras na frente da mesa. — Cheguei às três da manhã, cara. Um homem precisa de repouso de vez em quando.

Alberto resmunga.

— Uh, desculpe, *bela adormecida.* — zomba, entrando na pilha de T. — E sim, é muito importante ou eu não me obrigaria a olhar para essa sua cara feia logo de manhã.

Tristan estreita os olhos e então os desvia para Luciana.

— Ei, querida, que maus modos os meus. Bom dia. Como você está? — seu tom é cheio de charme agora.

Alberto rosna.

— Cresça, Tristan.

— Bom dia, Tristan. — Luciana responde com um sorriso educado. — Estarei na minha mesa caso precise de mim, Heitor. — avisa e em seguida pede licença, se retirando da sala.

— O que é tudo isso, Alberto? — inquiro, franzindo o cenho. O início de uma dor de cabeça começa a me incomodar. Jesus Cristo, estou apenas começando o dia.

Alberto me encara e faz uma careta.

— Você está bem? — pergunta, seu tom uma nota mais suave.

— Você sabe a resposta para essa pergunta, amigo. — bufo. — Agora responda à minha.

Ele se acomoda na outra cadeira e coloca uma pasta, que só agora percebo que carregava, sobre a mesa.

— Lembra de Logan Reed? — pergunta, abrindo a pasta, apontando uma foto 3x4 do cara.

— Sim. O palhaço que foi selecionado para uma das nossas concorridas vagas de engenheiro aeronáutico e nos esnobou ao ligar um mês depois dizendo que “não estava mais interessado”. — rosno.

— Esse mesmo. — Alberto acena. Então assume a postura de advogado quando completa: — Ele está subindo agora, acompanhado de seu advogado, para uma reunião com vocês.

— Comigo também? — T resmunga. — Cara, há duas razões para eu nunca ter contestado H como CEO. A primeira, ele adora usar ternos. A segunda, e essa é a mais importante, posso ficar livre das reuniões tediosas. — torce a boca e debocha para Alberto: — Você acaba de entrar para a minha lista negra. Eu nem conheço esse cara, porra.

Estreito meus olhos sobre Alberto, algo me alertando de que não vou gostar do restante das informações.

— Por que ele está subindo com o advogado, certo de que vou atendê-lo sem hora marcada? — uma sensação ruim começa a se espalhar em meu íntimo. — E por que diabos está com essa cara, Alberto? Te conheço bem. Desembucha.

— Seu nome completo é Logan Reed... — faz uma pausa, seu olhar

desviando para T e voltando para mim. — Maxwell.

— Maxwell?! — T exclama. Eu estranho, mas permaneço calado. Que merda é essa? — Muita coincidência... — meu irmão continua, estreitando os olhos em Alberto. — Ou não, tendo por base a cara de dor de barriga que está fazendo agora.

Eu gosto cada vez menos dessa conversa. Maxwell é um sobrenome relativamente comum nos Estados Unidos. No entanto, tenho a impressão de que não se trata de uma coincidência.

— Minha paciência esgotou, Alberto. — ranjo os dentes.

Alberto me olha muito sério.

— Ele alega ser filho de Logan Maxwell, irmão de vocês, Heitor.

— Porra! — T volta a exclamar.

Eu ofego com o impacto da notícia. Sim, que porra é essa?

— Desde quando está a par disso? — pergunto nada satisfeito.

— Desde ontem à noite. — ele me diz com pesar. Ele esteve em minha casa ontem, provavelmente para me contar. Mas me encontrou embriagado, jogado na biblioteca. Cuidou de mim e me colocou na cama como um maldito bebê chorão. Eu me transformei nesse ser patético. É isso. — Tentei ligar hoje, mas o seu celular estava desligado.

Antes que diga mais alguma coisa, o interfone toca sobre a mesa. É Luciana informando que o bastardo está lá fora, com o advogado, solicitando uma audiência comigo. Aquele indício de dor de cabeça se transforma em dor latejante. Digo-lhe para deixá-los entrar e a tensão se instala até que a porta se abre e dois homens passam para dentro. Reconheço o tal Logan Reed da foto do currículo. Ele é moreno, alto, estrutura física bem construída. Usa uma jaqueta de couro preta, calça jeans surrada. Olhando rapidamente, se parece com T, porém a cara de poucos amigos quando seus olhos escuros encontram os meus dissipam essa semelhança. Eu torço a boca em desdém e o dispenso, encarando o outro homem. Esse está bem apanhado em um terno, carregando uma pasta na mão direita.

— Bom dia, senhores. — o homem usa o tom enganosamente simpático que Alberto sempre usa quando quer ludibriar alguém. Advogados. Quero bufar. — Sou Nelson Moraes, advogado do senhor Logan Reed Maxwell. —

pronuncia isso com certa satisfação. O desavisado deve estar achando que vai se esbaldar com o meu dinheiro e de Tristan. — Obrigado por nos receber, senhor Maxwell. — estende a mão e eu o encaro firmemente antes de lhe dar um aperto ainda mais firme.

Ele cumprimenta T e Alberto, e meus olhos vão para Logan. Ele já está olhando para mim também, olhos duros, cínicos. Ele não oferece a mão a nenhum de nós. Que filho da puta mal-educado! Nós nos enfrentamos silenciosamente até que Alberto sugere irmos para a sala conjugada, onde há uma mesa para pequenas reuniões. Seguimos para lá e nos acomodamos. T está estranhamente silencioso. Um olhar de relance em sua direção confirmo que, como eu, está analisando nosso pretenso irmão mais novo. Só que a sua expressão é muito mais amena do que a minha. Ele parece estar gostando da ideia.

— Sou Logan Maxwell, levo o mesmo nome de meu pai, o grande piloto americano que se tornou empresário de sucesso aqui, no Brasil. — o cara diz numa voz firme e profunda.

— O que mais você leu na biografia do meu velho? — eu zombo.

Logan me atira um olhar mortal, as mãos fechando em punhos sobre a mesa. Ele parece um bandidinho de quinta com essas roupas e atitude hostil.

— Minha mãe me disse que você — ele cospe para mim e olha para T. —, vocês dois impediram o meu pai de me reconhecer legitimamente. — seu rosto está marcado pela raiva. — Vocês o tiraram de mim enquanto eu crescia. Eu o vi umas três ou quatro vezes, tudo porque os idiotas mimados dos filhos legítimos não me queriam por perto!

Nesse ponto solto uma risada seca.

— Bem, está reclamando do quê? — cuspo ironicamente. — Você provavelmente viu o nosso *querido papai*, mais do que eu e o Tristan.

T bufa e cruza os braços, franzindo o cenho. Ele odeia falar sobre as falhas do nosso fodido pai.

— O que quer dizer com isso? — Logan franze a testa.

— Faremos os exames de DNA e depois voltamos a conversar. — digo, ignorando sua a pergunta. — Se for mesmo nosso irmão...

— Eu sou filho de Logan Maxwell, mas isso não significa que quero ser

irmão de vocês. — rebate secamente.

Porra! Quem esse filho da puta pensa que é? Logan abre um sorriso sarcástico e por um momento é quase como se me visse no espelho. Não somos parecidos fisicamente. Mas a sua expressão cínica me é bem familiar.

— Cara, pondere as palavras. — T grunhe. — Ou não será convidado para as movimentadas reuniões em família. — ironiza o nosso pretenso irmão.

O merdinha franze a testa para ele em claro desdém.

— E esse idiota deve ser Tristan.

Meu sangue ferve com seu desrespeito.

— Sim, esse é Tristan, *meu* irmão. — rosno. O encrenqueiro levanta uma sobrancelha desdenhosa e bufa. — E ele está certo. Meça suas palavras.

— Claro, *seu* irmão. — debocha. — Eu não faço nenhuma porra de questão, babaca. — range os dentes e eu arreganho os meus em sua direção.

— Aconselho-o a conter seu cliente, senhor Moraes. — falo friamente. — Essa reunião está encerrada! — rosno, me levantando e seguindo de volta para a minha sala.

Ouço uma risada debochada às minhas costas e me viro quando chego à minha mesa. Logan está vindo à frente, como um touro bravo vendo um pano vermelho.

— Você é sempre assim, *irmão?* — pergunta com sarcasmo acentuado. — Como está a sua esposa? Ela está grávida, não é? — o ódio é claro em seu semblante. Eu acho que esse babaca pensa mesmo que T e eu roubamos o nosso *amoroso* pai dele. — Oh, esqueci... Aquela coisinha linda o abandonou. É por isso que está tão zangado, poderoso Heitor Maxwell?

Eu fecho meus punhos e sem pensar, avanço em sua direção. Suas palavras torcem uma lâmina em meu intestino. Eu faço algo que nunca fiz em minha vida adulta, eu lhe dou um soco na boca. Sua cabeça é jogada para trás. Então ele me encara e sorri antes de me acertar um soco potente no olho. Porra! Dor irradia em minha face direita.

— Porra! Parem com essa merda! — T grita, se colocando entre nós, me abraçando pela cintura e me empurrando para longe do infeliz.

— Seu bastardo de merda! — olho-o através do meu olho, pulsando como

o inferno.

Ele sorri para mim, a boca sangrenta. Deus. Eu gemo. Tudo está desabando sobre a minha maldita cabeça.

— Vou querer todos os meus direitos, estejam avisados! — Logan brada de forma ameaçadora.

— Ei, ei, qual o seu problema, cara? — Tristan perde a paciência ainda do meu lado, encarando o bastardinho com raiva. — Baixe a bola, porra! Qual a sua idade? Quinze anos? Vamos resolver isso de forma civilizada.

Uh. Nesse momento ele se parece comigo quando lhe dou broncas.

— Eu acho melhor sairmos agora, senhor Maxwell. — Moraes toca o braço de Logan, parecendo receoso de chegar perto do cliente nesse momento. O bastardinho me oferece mais um sorriso irônico pelo tratamento proposital do seu advogado. Ele acena e se vira, sem despedidas, sem nada. Que babaca! — Entramos em contato em breve para tratar dos exames, senhores. — o homem patético avisa e vai atrás de Logan.

— Eu não queria socar o bastardo, porra. — desabo sobre a cadeira, correndo as mãos pelo rosto. Eu me sinto tão cansado.

— Eu vou pegar gelo para esse olho, Heitor. — Alberto grunhe e vai para o frigobar no canto oposto da sala.

— Se serve de consolo, até eu que não aprecio a violência gratuita queria socar o babaca. — T aperta meu ombro como se sentisse que preciso dele nesse momento. Depois de um tempo em silêncio, pergunta baixinho: — Acha mesmo que é nosso irmão?

— Sim, ele se parece com você. — digo. Eu herdei a cor da pele e olhos do nosso pai, mas T ficou com o formato do rosto, os trejeitos, o porte físico.

Ele bufa alto.

— De jeito nenhum, cara. Eu ainda continuo com o posto de irmão Maxwell mais bonito. Obrigado. — diz com sua falta de modéstia em dia.

Ele não perde a maldita piada. Alberto volta com uma trouxa de gelo e eu a pego, pressionando em meu olho. Sinto-o já inchando. Era só o que me faltava, porra!

— Estou falando sério, T. — rosno.

— Eu também, H. — tem a ousadia de piscar para mim.

Eu rio a contragosto. Só ele mesmo.

— Ele é um babaca cínico e irônico, essa parte se parece comigo. — ranjo.

Tristan dá uma risada, balançando a cabeça.

— Sim, talvez ele seja nosso irmão, no final das contas. Porra! Temos um irmão mais novo, H! — seu tom vai subindo com entusiasmo. — Caralho, e ele é um filho da puta revoltado. — assobia, rindo maliciosamente quando acrescenta: — O trocadilho não foi intencional.

Eu não tenho outra alternativa a não ser rir junto com o idiota. Nossas risadas morrem depois de uns instantes.

— O que acha disso, Alberto? — pergunto. Ele está muito calado.

— Eu acho que a história é verdadeira. Há o nome do seu pai no registro de Logan. — aponta a pasta sobre a mesa. — Dê uma olhada depois.

Exalo, cansado.

— O que vamos fazer, mano? — pergunta T com seriedade.

— Se ele tiver nosso sangue, vamos acolher o irritadinho. Isso é o que faremos, mano. — digo com firmeza. — Vamos corrigir a merda que o nosso velho fez com ele.

— Como pretende fazer? — seu semblante volta a se abrir num sorriso irreverente. —Cara, isso promete ser divertido.

Eu gemo. Não vejo nenhuma diversão. Em vez de um, terei dois irmãos mais novos, porra. Prevejo mais dor de cabeça para mim. Luciana chama pelo interfone avisando que o café da manhã chegou.

— Não encomendei nada. — rebato.

— Ah, fui eu, mano. Mande entrar, estou morrendo de fome. — T toma a dianteira. — E você vai me acompanhar. Nem tente arrumar desculpas. — intima.

Eu digo a Luciana que mande os funcionários entrarem. Pouco depois, Alberto se vai e me deixa sozinho com o meu irmão. Usamos a mesa da sala de reunião que estivemos antes. Eu me forço a tomar uma xícara de café preto e comer uma rosquinha amanteigada. Desconfio que minha a avó tenha

algo a ver com isso.

— Cara, você precisa parar com essa merda de não de se alimentar direito. — ele repreende quando paro. — Está ficando magro, perdendo massa muscular. — um olhar estanho atravessa seu rosto e ele franze o cenho.

— Conheço essa cara, irmão. O que está querendo me contar? Não há outra comissária maluca, não é? — zombo.

Ele rola os olhos, tomando sua caneca de café com leite e empurrando uma rosquinha inteira na boca. Limpa a garganta e me olha em seguida, quase com pena.

— Eu acho que a Sofia pode estar se relacionando de forma mais... como dizer... íntima com o seu médico.

O quê?! Eu gelo dos pés à cabeça. Porra! Como assim? Ela está colocando outro homem em meu lugar? Ainda está com o meu filho na barriga, caralho.

Oh, Deus, não. Não posso deixar isso acontecer.



CAPÍTULO DEZESSETE

Um mês depois...

Heitor

Eu faço mais uma sessão de levantamento de peso e saio da academia, no terceiro andar da minha casa. Estou pingando de suor e faminto. Entro no meu quarto, indo direto para o banheiro. Depois de uma ducha rápida, eu me visto e desço para a cozinha para procurar algo para comer. Já passa das dez da noite, mas tenho me obrigado a treinar. Desde o mês passado, quando T dividiu sua preocupação comigo de que Sofia podia estar se relacionando em um nível pessoal com seu médico, substituí o álcool pelo treinamento físico e voltei a me alimentar direito. Sem a menor vontade, mas era preciso. Ela, de fato, está ficando cada vez mais íntima do cara e, deixem-me dizer, o infeliz é jovem, vigoroso, bonitão mesmo, está no final dos fodidos vinte.

Enquanto eu estava ficando magro demais com a minha infrutífera greve de fome. Tristan, com sua boca grande, me chamou a atenção para o fato de que eu não seria um rival à altura se continuasse me matando aos poucos, como estava fazendo. Voltei com tudo para o treino impulsionado pelo ciúme e raiva do médico metido a conquistador. O tal até foi jantar duas vezes na casa da minha avó. Fiquei puto por minha avó ter aceitado o cara em sua casa. Eu me senti traído duplamente e o confrontei do lado de fora nas duas vezes, tentei fazer com que enxergasse o óbvio. Meu Deus, Sofia está grávida! Será que não tem vergonha de estar dando em cima de uma mulher grávida de outro homem? Não. Aparentemente não. Por que teria? Ela está ainda mais linda com sete meses de gestação. Está um mulherão.

Doeu a primeira vez que os vi saindo juntos da sua última consulta. Os dois sorridentes, jovens. Ela se livrou de T para ficar apenas com o idiota, embora continue dizendo que é apenas amizade. Eu queria ir lá e socar o espertalhão, mas me contive por causa do bem-estar dela e de nosso filho. A última vez que nos falamos foi no dia em que a mala da sua madrasta foi presa e a prostituta da sua meia-irmã, despejada. Deus, eu sinto falta dela. Sinto falta da sua voz, do timbre meio rouco. Do seu sorriso. Ela sente a minha falta? Será que pensa em mim, em tudo que vivemos?

São quatro meses longe. Quatro meses de saudade, solidão. Agora sei exatamente como se sentiu quando a deixei sozinha após o Ano Novo. Para

piorar, estou atormentado porque deixou esse cara se aproximar. Sofia não o deixaria se aproximar assim, de graça. Ela não é leviana com seus sentimentos. Será que já me esqueceu? Muito tempo se passou. Meu coração aperta dolorosamente com a mera suposição. Não. Eu não suportaria vê-la assumir um relacionamento com outro homem. Minha avó me garantiu que é apenas amizade quando a interroguei sobre o assunto. No entanto, sou homem e sei o que deve estar passando pela cabeça do infeliz. Ele quer a minha mulher. Eu gemo em desânimo quando me lembro que não é mais minha. Joguei nossa vida fora e estou pagando por esse erro a cada dia quando acordo sem ela. A cada noite que vou dormir sem ela.

Esquento a lasanha de frango que Rosa deixou preparada. Ela tem estado contente que voltei a me alimentar direito. Como uma porção generosa e, em seguida, lavo as vasilhas que usei. Meu celular toca quando estou deixando o cômodo. Fico intrigado ao ver o nome da minha avó. Ela não costuma ligar nesse horário. Meu coração dispara quando penso que pode ser algo com Sofia.

— Vovó? — atendo-a, apreensivo. Há um silêncio aterrorizante do outro lado e meu coração acelera mais. — Está me assustando. Aconteceu algo com Sofia e o bebê?

— Oi, querido. — sua voz está triste. — Não é nada com eles, graças a Deus. — nova pausa. — Foi Marcos, Heitor. Acabaram de ligar do hospital. Ele faleceu.

Eu paro, a notícia não me surpreendendo, mas impactando mesmo assim. Sofia não vai aceitar isso tão bem. Ela tinha esperanças de que o pai acordasse e se recuperasse em algum momento.

— Como ela está? — pergunto, passando uma mão pelo meu cabelo recém-cortado. Quero ir até lá, dar a ela o apoio que precisa, porém sei que não vai me querer por perto. Meu peito se enche de angústia.

— Está inconsolável. — minha avó parece devastada pelo sofrimento de Sofia. — Tristan acabou de aterrissar em Paris e... Bruno está em uma conferência em Londres. — eu bufo com essa última informação. Bruno é o tal médico filho da puta que quer roubá-la de mim.

— Sei que ela não me quer por perto, mas estou indo vê-la. — digo em tom decisivo. — Vou apenas mudar de roupa e já estarei aí. Vou ligar para o

hospital também e ver que providências tomar para o funeral.

— Faça isso, querido. Ela precisa de nós. — minha avó diz suavemente. — Até daqui a pouco.

Aproximadamente quarenta minutos depois, estou do lado de fora do quarto de Sofia. Dou duas batidas suaves na porta e minha avó a abre em instantes. Passo para dentro, um misto de sentimentos me golpeando. Alegria por estar tendo a chance de chegar perto dela, e também tristeza, pela sua perda.

— Ela está dormindo. — minha avó sussurra com pesar. — Eu dei a ela um chá calmante. Chorou até adormecer, a pobrezinha.

Dou um beijo em sua têmpora e minha atenção recai imediatamente sobre a cama, meus olhos procurando avidamente por ela.

— Eu não sei o que fazer agora que estou aqui. — murmuro, me sentindo perdido. — Não quero aborrecê-la com a minha presença.

Minha avó me olha, acenando levemente com a cabeça.

— Nesses momentos, as desavenças devem ficar em segundo plano, filho. Está fragilizada demais para lutar contra você. — diz baixinho. — Ela precisa de nós, todos nós.

Aceno, engolindo audivelmente. Ela me beija com ternura na bochecha e deixa o quarto em silêncio. Eu torno a buscar a cama, me movimentando devagar para lá. Meu coração canta à medida em que vou chegando perto. Oh, Deus, como é bom estar no mesmo recinto que ela. Está deitada de lado, vestida com uma camisola branca e larga, estendida sobre a barriga protuberante, onde o nosso filho cresce a olhos vistos. Paro bem perto da cama e meus olhos ardem com a visão da minha neném em dias. Está linda demais, o rosto e os lábios carnudos estão corados, mostrando que está saudável, bem cuidada, na gestação. Tenho muito o que agradecer à minha avó por cuidar tão bem dela, não permitir que continuasse se sentindo sozinha. Queria tanto poder acompanhar as mudanças em seu corpo no dia a dia. Queria tanto poder pegá-la no colo, conversar sobre cada pequena mudança, sentir nosso menino crescendo em seu ventre. Cuidar dela. Suspiro longamente, louco de amor. O coração pesado de tanta saudade. Eu me contentaria em apenas conversar com ela. Apenas isso.

Minhas mãos coçam para tocá-la, para sentir meu filho em seu ventre. Amor e possessividade me engolfam enquanto observo os dois. Eles são meus. Eu os amo tanto. Tanto. O que preciso fazer para ter o perdão dela, meu Deus? O quê? Faço qualquer coisa para tê-la de volta. Qualquer coisa. Eu me sento na poltrona do lado da cabeceira, cuidadosamente, para não a acordar e continuo olhando-a, bebendo sedento cada detalhe da figura linda e adormecida. As rosas que enviei hoje pela manhã e à tarde estão em vasos nos criados-mudos de cada lado da cama. Ela gosta de receber as flores. Minha avó contou que ela fica esperando esses momentos todos os dias. E me alegra que goste das minhas flores. Sim, sou eu quem as escolhe e as envia todos os dias, religiosamente. Sofia pensa que são de T e nenhum de nós a corrigiu. Ela precisava de motivos para sorrir e não as aceitaria se soubesse que vem de mim.

Não sei quanto tempo se passa, mas não me importo. Eu ficaria aqui para sempre, grato por estar respirando o mesmo ar que ela. Algum tempo depois, Sofia se remexe na cama e então seus incríveis olhos verdes se abrem, colidindo com os meus. Eu inalo levemente, em busca de ar. Meu coração falha uma batida ao ver as duas pedras preciosas focadas em mim depois de tanto tempo. Ela franze um pouco o cenho, os olhos indo de sonolentos a despertos num instante. Não falamos nada, apenas nos olhamos fixamente. Ela lambe os lábios gordos, me fazendo queimar de amor, desejo. Meu corpo inteiro está pulsando, gritando a sua falta. Gritando pelos longos meses sem tê-la. Sei muito bem que esse não é o momento, mas a proximidade, seu cheiro invadindo meus sentidos – seu cheiro real, não apenas imaginário – e vê-la tão de perto, me deixa duro. Tão duro que chega a ser doloroso. Eu a quero com uma necessidade absurda. Ela continua me encarando, não desviando o olhar. Limpo a garganta e murmuro para distrair minha mente do desejo feral inflamando minhas veias.

— Vovó me chamou. Eu sinto muito. — ela fica calada por algum tempo e tenho receio de que vá me expulsar. — Não me mande embora. Pode voltar a me odiar depois de amanhã. Por agora, me deixe ficar aqui, ao seu lado, por favor.

Vejo o conflito claro em seu rosto por alguns instantes. Contudo, para o meu alívio, ela me dá um aceno quase imperceptível. Um silêncio desconfortável recai sobre nós em seguida. Estamos perto, mas a conexão parece perdida. Se passou muito tempo. Meu peito comprime ao constatar

isso. Estamos nos perdendo. Já temos mais tempo separados do que o período em que ficamos juntos. O tempo é um inimigo implacável nesses casos.

— Você ficou triste quando seus pais morreram?

A pergunta me surpreende. Sua voz. Deus, sua voz... Fecho os olhos por um momento, saboreando-a. Sinto tanta falta dela. Eu a encaro novamente, tentando controlar minhas emoções porque ela está falando comigo. Está falando sem a hostilidade com que costuma me tratar.

— Sim, eu fiquei. — assumo, minha voz um pouco instável. — Senti pelos pais que deveriam ter sido e não pela morte em si. Consegue compreender?

Um lampejo de empatia passa em seus olhos.

— Acho que é assim que estou me sentindo também. — diz, novas lágrimas enchendo seus olhos. Sua mão esquerda escorrega para o ventre e ela o acaricia. Meu Deus, como quero tocá-la. Os dois. Engulo em seco, minhas mãos comichando. — Eu perdi meu pai há muito tempo, a morte apenas encerrou um ciclo. — soluça.

Eu aceno. Marcos foi um homem fraco, patético e pagou caro pelas escolhas que fez. Mas, quem sou eu para julgar? Também estou pagando pelas minhas.

— Preciso providenciar o funeral. — continua numa voz pequena.

— Eu já cuidei de tudo, neném. — murmuro e sua expressão se fecha um pouco com o termo carinhoso. Quero me socar por aborrecê-la. Acrescento: — Não se preocupe com nada mais. Você e o bebê não podem se sobrecarregar.

— Você não tem nenhuma obrigação comigo. — murmura embargada.

— Eu quis fazer. Não me custou nada. — digo com suavidade.

Novo silêncio. Ela me olha insistentemente, enquanto duas lágrimas rolam em suas faces.

— Obrigada. — diz baixinho. Então parece se sobressaltar e um quase sorriso curva sua boca. — Ele está mexendo. — sussurra. E, para a minha total surpresa, convida: — Toque-o, eu acho que está sentindo a presença do seu pai.

Meu coração aquece e estendo a mão, ávido para sentir meu menino e a mãe dele numa tacada só. Eu quase gemo de satisfação quando toco a pele quente e esticada através do tecido fino.

— Aqui. — ela pega a minha mão, colocando-a exatamente sobre o nosso menino cheio de energia.

Eu rio, meus olhos ardendo de emoção. Espalmo a barriga e me atrevo a colocar a outra mão, sentindo o nosso filho plenamente. Sua barriga está enorme. Felicidade sem tamanho se espalha dentro de mim, enquanto acaricio os dois amores da minha vida.

— Obrigado. — minha voz sai rouca, emocionada, ainda muito surpreso por ela estar baixando as armas, ao menos esta noite. Eu me inclino e começo a conversar com o nosso menino. — Oi, filho. Eu não sei se você se lembra de mim... Sou o seu pai. — parece mentira, mas ele fica ainda mais elétrico lá dentro, e meus olhos transbordam. — Você se lembra? — murmuro, não cabendo em mim de felicidade. — Garoto esperto.

Eu passo a conversar com ele, perguntando como está lá dentro. Se ele tem cuidado e protegido a sua mãe para mim.

— Ele gosta da sua voz. — Sofia sussurra e meus olhos vão para os seus. Nós nos fitamos em silêncio, apenas compartilhando esse momento de cumplicidade com nosso filho. — Você vai amá-lo, não vai? Prometa que nunca vai deixá-lo se sentir indesejado, fora de lugar. — sua voz treme.

Meu peito torce ao ver o seu tormento. O reflexo do meu próprio. Nós dois tivemos pais de merda.

— Eu já o amo, Sofia. — digo-lhe com ternura. *Amo vocês dois, bebê. Vocês são tudo que mais amo nessa vida.* Completo com meu olhar. — No começo, eu o via apenas como a perpetuação do meu nome, admito. Mas a partir do momento em que soube que ele estava aqui dentro... — olho-a bem dentro dos olhos. —, que nós dois geramos uma vida... — continuo esfregando sua barriga, me deliciando com a sensação de tocá-la. Ela ofega levemente. —, e depois, quando vi o primeiro ultrassom, eu o amei.

Ela assente. Seu rosto parece resignado agora.

— Eu andei pensando... — murmura.

— Sobre o quê? — pergunto suavemente, com medo de quebrar esse

momento.

— Isso já não é mais sobre nós, Heitor. — funga um pouco. — Quero que nosso filho cresça tendo a certeza do amor do pai. — meu peito aperta, porque sua angústia está clara. Ela está abalada não só pela morte do pai, mas pelos anos que foi negligenciada pelo homem idiota. — Eu quero que ele seja amado. Por favor, prometa-me...

Sua voz falha e os soluços assumem. Eu não me seguro e toco seu rosto. Meus olhos ardem, tudo em mim gritando para tomá-la em meus braços, confortá-la. Não tenho mais esse direito, porém. Na verdade, nunca tive. Tudo que tive dela foi usurpado. Seu amor foi a única coisa que me deu livremente e eu rechacei.

— Shh, ele terá essa certeza, bebê. — murmuro, embargado, deslizando os dedos, reverentemente, pela face molhada. — Agora fique calma, pelo bem do nosso menino. Tudo vai melhorar. — nossos olhares permanecem fixos. — Eu prometo. — sussurro, querendo dizer muito mais. Tudo que está no meu coração, mas esse não é o momento para isso. Ela só precisa do meu apoio por agora, e é isso que farei. Serei o que ela precisar que eu seja.

— Nós precisamos conversar sobre o bebê. — diz, entrecortado. — Eu estava tão envenenada pela raiva, que me esqueci que o nosso menino vai precisar de nós dois.

Meu coração falha uma batida, minha mente tentando processar o que está me dizendo. Oh, Deus, ela vai voltar para mim?

— Mesmo não estando mais juntos, vamos fazer tudo que estiver ao nosso alcance para fazê-lo feliz, não vamos? — pergunta, e o baque da decepção é doloroso demais.

Não. Ela não está voltando para mim. Eu arfo, a dor da desilusão me castigando.

— Sim, neném. — murmuro, mesmo morrendo por dentro para não contrariá-la. — Nós vamos fazer o nosso menino feliz, eu prometo.

No dia seguinte acontece o funeral. Fiquei estarrecido por não haver mais ninguém além de mim, Sofia, minha avó, Alberto e Lígia. T não conseguiu voltar de Paris a tempo devido a uma nevasca que interditou os aeroportos de

grande parte da Europa. O tal Bruno ficou preso também, isso não me entristeceu nem um pouco, devo dizer. Espero que o filho da puta fique por lá bastante tempo.

O padre encerra o sermão fúnebre, ressaltando o valor da vida e que a morte não é o fim, mas o começo de outra vida. Sofia está amparada em mim. Não está chorando mais, apenas uma expressão triste em seu rosto bonito. Essa situação a fragilizou tanto, que não está rechaçando a minha proximidade. Eu a abracei quando chegamos e viu o caixão. Ela chorou com o rosto enterrado em meu peito e eu a segurei, me sentindo um bastardo por estar me aproveitando desse momento difícil para tê-la junto a mim. Tanto tempo sem senti-la assim, junto de mim. Deus, tempo demais. Minha avó está do outro lado, segurando sua mão esquerda.

— Podem me dar um tempo para me despedir dele? — pede com sua voz rouca de lágrimas.

Assinto. Eu e minha avó nos afastamos, dando-lhe privacidade. Meus olhos continuam atentos sobre ela, no entanto. Sofia toca o caixão e vejo seus lábios se movimentarem, enquanto sussurra as palavras de despedida.

Pouco depois, o caixão é baixado para a cova e eu chego até ela novamente, amparando-a. Seu corpo está tremendo, pequenos soluços deixando sua boca. Ela geme, parecendo sentir dor física, e eu puxo um pouco para trás para olhar seu rosto.

— Vamos para casa. — murmuro ao ver os funcionários isolando o caixão com concreto. — Você e o bebê precisam descansar.

Mais um gemido dolorido sai da sua boca e, em seguida, suas mãos cravam em meus bíceps, com força. Seu rosto sendo tomado por uma espécie de pânico.

— Oh, meu Deus! Eu acho que a minha bolsa acaba de estourar! — suas palavras alarmadas fazem o sangue gelar em minhas veias.

Eu me afasto um pouco e vejo o líquido claro escorrendo em suas pernas.

— Oh, Deus! Não é muito cedo? — meu tom imita o dela, enquanto eu a levanto nos braços, olhando minha avó e os outros. — A bolsa de Sofia estourou! Tenho que levá-la para o hospital!

Todos emitem exclamações chocadas e nos seguem na direção do

estacionamento.

Duas horas depois, estou do lado dela, na sala de parto, segurando sua mão, dando-lhe forças. Sei que preferiria T ao seu lado nesse momento, mas o destino quis que fosse eu a estar aqui, porque ela estava certa ontem à noite, isso não é mais sobre nós. É sobre o nosso menino, e ele será a criança mais feliz nesse mundo, no que depender de mim.

— Vamos, Sofia, empurre um pouco mais. Estamos perto. — o médico que substituiu Bruno instrui, concentrando na tarefa.

Ela geme baixo, apertando minha mão com força. Meus olhos estão cheios de lágrimas ao ver a sua força, sua coragem. Meu coração está doendo, apertado, testemunhando a dor e esforço dela. Seu rosto suado, exaurido, o cabelo grudados à cabeça, pelo suor. Eu me sinto o pior homem do mundo por ter feito isso com ela de forma tão egoísta. Praticamente uma criança dando à luz a outra.

— Me perdoe, por favor, me perdoe. — eu não seguro mais a culpa pelo seu sofrimento. Pergunto angustiado para o médico: — Tem certeza de que ela consegue dar à luz dessa forma? Está sofrendo muito. — meu desespero o faz levantar a vista para mim.

— Ela tem condições, senhor. Foi preparada para isso. É desejo dela ter parto natural. — ele me diz em tom tranquilizador. — A cabeça está vindo! Vamos, Sofia! Só mais um pouco!

Isso me deixa num tumulto de emoções. Meu filho está vindo!

— Vamos, bebê. Nosso menino precisa da sua força agora. — eu me inclino, ousando tocar em seu rosto banhado de suor. Seus incríveis olhos verdes seguram os meus, se enchendo de lágrimas e um gemido longo sai do fundo da garganta. Então eu ouço o médico elogiá-la e em seguida, puxa o pequeno corpo para fora do abrigo materno. Eu choro alto, emoções esmagadoras me golpeando. Ela foi tão malditamente forte e corajosa. Não gritou ou fez escândalo em momento algum. — Me perdoe. — balbucio, inconsolável. Continuamos nos olhando, os dois chorando e logo, outro choro soa na sala.

Meus olhos deixam os dela para encontrar a vida que geramos juntos. A equipe cuida dele imediatamente, e o traz para mim, em seguida. Seguro a pequenina trouxa em meus braços, mais lágrimas me cegando. Meu filho. O

filho que gerei com a mais bela e corajosa mulher que eu jamais poderia encontrar. Eu engasgo, meus olhos correndo por cada detalhe dele. O rostinho corado, os olhinhos piscando, tentando se acostumar aqui fora, a boquinha trêmula, escancarada em choro. Ele parece forte para sete meses. O narizinho é o de sua mãe. Eu rio e choro, um sentimento tão poderoso preenchendo-me completamente, me jogando na lona. É o meu filho.

— Traga-o para mim. — a voz fraca de Sofia me faz olhá-la.

Eu me aproximo e mostro o rostinho dele bem perto do dela. Ela chora mais, sussurrando emocionada.

— Bem-vindo, pequeno Theo! Bem-vindo, meu amor.

Ela me deixou opinar sobre o nome ontem à noite e fiquei emocionado demais. Ela me disse que estava em dúvida entre Arthur e Theo, mas com uma inclinação para esse último. O primeiro, por ser um nome forte, de rei, o segundo – e essa foi a razão que me nocauteou – é que a origem do nome Theo vem *Théos,* Deus em grego. Nosso menino foi concebido na Grécia e minha menina inteligente quis fazer menção a isso. Eu o coloco com cuidado em cima da sua caixa torácica. Ela o segura e eu nunca vi imagem mais linda. Meu coração dói, transbordando de amor. Por ele, por ela. Deus, preciso encontrar uma forma de ela me perdoar. Não posso viver sem eles. Não posso.

— Vamos cuidar de mãe e filho agora, senhor. — o médico avisa com um sorriso cordial. — Seu bebê é forte. Vamos analisar quanto tempo ficará na incubadora para ganhar peso. Acredito que em poucos dias poderão levá-lo para casa. — aceno e meus olhos vão para eles de novo. Não quero deixá-los nem por um minuto, mas preciso deixar a equipe fazer o seu trabalho. — Dentro de uma hora eles poderão receber visitas. De longe, para o bebê. Para a mãe, procurem deixá-la descansar. — o médico acrescenta.

Essa é a minha deixa para sair da sala. Meus olhos estão grudados nos dela. O bebê faz pequenos grunhidos quando uma enfermeira o pega da mãe. Estou sufocando de tanta vontade de me inclinar e beijar Sofia. Porém, não tenho mais esse direito e saber disso me mata por dentro.

— Você foi tão corajosa, bebê. — engulo em seco, mais lágrimas ardendo em meus olhos. Estou olhando a mulher da minha vida depois de dar à luz ao meu filho, e eu não posso sequer abraçá-la. — Vou avisar aos outros que tudo

correu bem. — digo, embargado.

— Obrigada. — ela sussurra e eu aceno, saindo de lá o mais rápido possível.

Eu ando pelo corredor e me recosto à parede, fechando os olhos, tentando controlar minhas emoções. Peço perdão a ela uma e outra vez, silenciosamente. É só uma menina. Poderia estar vivendo a sua vida, sem preocupações ou responsabilidades. Mas, não, eu, na minha total insensatez, me senti no direito de alterar a vida dessa menina para sempre. Meus ombros sacodem com pesar. É um misto de emoções. Estou feliz com a chegada do meu filho, mas envergonhado por ter forçado Sofia a isso, e eu a amo demais. Consigo me colocar em seu lugar agora. Consigo sentir a sua dor. Eu fungo, limpando meu rosto e me preparo para ir até minha avó, Alberto e Lígia, que estão aguardando na recepção. Então eu estaco ao dar de cara com a pessoa menos provável de encontrar por aqui: Logan.

Sim, ficou comprovado que ele é mesmo um Maxwell. Só que o bastardo orgulhoso não quer nenhum contato comigo ou T. Nós o convidamos para um jantar, há duas semanas, e o idiota aceitou, porém não compareceu. Ele nos deixou esperando como dois bobalhões. Não contente, concedeu uma entrevista para uma emissora sensacionalista e culpou a mim e T, especialmente a mim, por nosso pai nunca tê-lo reconhecido. Eu fiquei puto. Detesto exposições irresponsáveis na mídia. T, por outro lado, está muito animado por termos um irmão mais novo, não se importando se é um babaca de marca maior. Eu? Nem tanto. Não estou com cabeça para lidar com um merdinha revoltado. Já tenho coisas demais me tirando o sono.

Nós nos encaramos em um silêncio tenso. Limpo meu rosto, esperando ver algum tipo de provocação em seu rosto cínico, mas ele está sério, franzindo o cenho.

— Sua mulher e filho estão bem? — pergunta, parecendo desconfortável.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, confuso.

Um canto da sua boca se levanta em ironia.

— Tristan me ligou e pediu que viesse. — revela, me chocando pra caralho. T? Como? Quando? — Nós nos encontramos para uma bebida na semana passada. — adiciona ao ver minha confusão.

— Ah, você resolveu dar o ar da graça dessa vez? — alfineto-o.

Ele meio que sorri, e, de novo, ironia tomando seu semblante.

— Ele praticamente me forçou, uma vez que foi até o meu apartamento — grunhe. — e me contou algumas coisas...

— O que, por exemplo? — sondo-o, ainda não baixando a guarda.

Seu rosto torce um pouco.

— Que nosso pai não era quem eu cresci acreditando que era. — rosna baixo. — Eu pensei que Logan Maxwell era o típico herói americano.

Eu bufo.

— Ele estava bem longe disso, posso garantir. — digo em tom duro.

Logan acena, seu rosto duro também.

— Então, sua mulher e filho estão bem? — torna a perguntar. — meu irmão quer fotos do seu afilhado e...

— Então agora ele é *seu* irmão? — pergunto, meio ciumento por eles terem se aproximado, me deixando de fora da equação.

Um sorriso amplo se abre na boca do idiota. Ele parece gostar de me provocar. Irmãos mais novos... Eu quero rosnar. Um silêncio tenso cai sobre nós. Nenhum dos dois querendo ceder. Ele realmente se parece comigo nesse aspecto.

— Ele parece um cara legal. — diz, dando de ombros.

— Ele é. — concordo. — Eu? Nem tanto. — ironizo-me.

Vejo um raio de diversão em seus olhos escuros, e Logan tira as mãos de dentro da jaqueta de couro. Fico ainda mais chocado quando estende a direita para mim.

— Começamos com o pé esquerdo. — parece tão sem jeito quanto eu. — Cresci sozinho. Também não sou a pessoa mais sociável.

— Jura? — zombo, aceitando sua mão num aperto firme. Acho que vejo o arremedo de um sorriso irônico. Porra, muito parecido comigo o moleque. — Sim, eu acho que começamos com o pé esquerdo.

Ele puxa a mão rapidamente, me lembrando mais uma vez de mim mesmo a não muito tempo atrás, odiando contato humano. Enfia as duas novamente

dentro da jaqueta.

— Sofia e o bebê estão sendo cuidados, em breve poderão receber visitas. — informo, enfiando as mãos nos bolsos também. — Poderá tirar as fotos de Theo e enviar a T.

Ele acena.

— Quer conhecer a minha avó nesse meio tempo? — pergunto, apontando o corredor à nossa frente.

— Por que iria querer conhecê-la? — ele faz uma careta.

Esse bastardo vai dar trabalho. Quero grunhir.

— Não sei... Talvez porque faça parte da boa educação? — zombo.

Ele bufa.

— Não sei se percebeu, mas nasci e cresci em Detroit, cara. — sorri arrogante. — Educação não é o nosso cartão de visita.

Eu rolo os olhos. Alberto cavou tudo sobre Logan logo que o nosso parentesco se confirmou. Um gênio indomável, primeiro da classe em todos os anos de escola e universidade. Sempre revoltado, andou se metendo com o lado errado da cidade na adolescência e começo da idade adulta, o que lhe rendeu dois anos trancafiado. Meu irmão mais novo é um fodido ex-presidiário. É mole ou quer mais?

— Bem, está no Brasil agora. — resmungo.

O idiota dá uma risada pachorrenta, levantando uma sobrancelha irônica.

— Sem ofensas, mas eu vejo os noticiários... — zomba. —, e educação também não é prioridade por aqui...

Porra! Não tenho argumentos contra isso.

— Tudo bem, vamos conhecer a sua avó. — diz como se estivesse indo para a forca. — Avise a ela que não sou uma pessoa muito sociável...

— Não creio que vá precisar. — debocho, começando a andar e ele emparelha comigo. — Você tem escrito babaca em letras garrafais em sua testa, irmão.

Ouço sua risada baixa. Não o olho. No entanto, meus próprios lábios estão tremulando. Talvez o bastardinho não seja um caso perdido, afinal. Quando

viramos a esquina, minha avó se levanta e vem até mim, aflita.

— Eles estão bem, vovó. Nosso menino nasceu forte, berrando a plenos pulmões. — meu peito volta a se encher de orgulho e amor incondicional.

— Oh, filho, graças a Deus! — murmura com olhos lacrimosos. Eu a beijo na têmpora.

— Você?!

— Você?!

Eu me viro e vejo Logan e Lígia se encarando, estupefatos.

— Vocês já se conhecem? — Alberto franze o cenho para a irmã, que está pálida. Isso me intriga de imediato. Nunca vi Lígia parecer vulnerável em momento algum desde que a conheço, e isso tem muito tempo. A garota sempre foi uma pentelha do caralho.

— Sim.

— Não.

Logan e Lígia respondem respectivamente. Eu olho meu irmão mais novo, cada vez mais confuso. Algo perverso cintila nos olhos escuros e sua boca se curva no arremedo de sorriso cínico.

— A *dama* tem razão, eu me confundi, nunca nos vimos antes. — diz baixo. Tenho a impressão de que a palavra dama foi pronunciada com sarcasmo.

— Eu vou buscar mais café, mano. — ela diz para Alberto e se caminha pelo corredor como se o diabo estivesse em seu encalço.

O que foi isso? De onde eles se conhecem?

Sofia

— Você foi maravilhosa, neném. — ele sussurra, os olhos azul-gelo me encarando, suaves, enquanto as pontas dos dedos deslizam em minha face. Eu derreto, meu coração aquecendo, ficando todo mole de tanto amor pelo meu lindo marido. — O pequeno Theo é forte e saudável, mesmo sendo apressado e vindo dois meses antes.

Eu rio, felicidade sem tamanho descendo sobre mim.

— Heitor... Meu amor.... — murmuro, embargada. — Obrigada por estar

ao meu lado o tempo todo.

Ele sorri e se inclina, a boca morna tomando a minha em um beijo delicado. Sem línguas, apenas nossos lábios se acariciando devagar. Ele se afasta apenas um pouco, os olhos ainda fixos nos meus, os dedos acariciando meu cabelo com pura reverência.

— Não há outro lugar em que eu queira estar, bebê. — murmura. Eu consigo ver a emoção em seus belos olhos azuis, brilhantes de lágrimas. — Eu te amo tanto. — diz suavemente. — Você me fez um homem completo, Sofia.

— Eu te amo. — sussurro, sentindo meu peito transbordar de tanto amor por ele, por nosso menino.

No entanto, algo me alerta que isso aqui não é real. É o meu subconsciente me pregando uma peça cruel.

— Minha menina perfeita... — Heitor dá um sorriso lindo que tira o meu fôlego e então começa a sumir.

— Não. — eu choro, chamando-o. — Heitor... Heitor...

Acordo, sobressaltada. Meu coração acelerado, lágrimas escorrendo em minhas faces. Gemo em desolação ao ver o teto branco do hospital. Era só um sonho. Como meu subconsciente pode ser tão cruel ao me fazer sonhar com o tipo de vida que nunca terei? Heitor não me ama. Sonhar com isso é doloroso demais. Inalo o ar, ainda posso sentir o seu cheiro. Ainda consigo sentir sua carícia em meu rosto e cabelo. Meu Deus, posso sentir o gosto da sua boca na minha. Parecia tão real.

Eu viro a cabeça e olho o quarto espaçoso, encontrando vovó Mag sentada no amplo sofá. Ela me oferece um sorriso misterioso quando nossos olhares se encontram. Será que chamei por seu neto em voz alta? Recrimino-me. Ela se levanta e vem para perto da cama. Corro os olhos pelo quarto, meus olhos arregalando. Há flores de todos os tipos, por todos os lugares! Uau! Quem fez...

— Heitor fez isso? — pergunto.

— Sim, querida. — acena, seus olhos castanhos ternos para mim. — Como está se sentindo?

Sorrio para ela. Escolhi parto natural por ser a maneira mais rápida de me

curar depois. Sabia que seria doloroso, mas me preparei para isso e não me arrependo. Até porque, a dor é uma velha conhecida minha. Tudo valeu a pena quando peguei meu menino nos braços.

— Bem dolorida, mas feliz por meu Theo ter nascido bem, embora apressado. — digo com o sentimento de amor incondicional tomando conta de mim.

Ela acena e se debruça, beijando minha testa.

— Você foi muito forte, minha menina. Estamos tão orgulhosos de você. — não perco a inflexão do *estamos.* Talvez esteja pensando que por ter eu baixado a guarda para Heitor nesses dias, vamos voltar às boas.

— Heitor e eu não vamos voltar, vovó Mag. — decido ser direta.

Vejo tristeza cintilando em seus olhos, mas ela a esconde rapidamente.

— Eu sei, querida. — aquiesce e muda o assunto. — Tristan avisou que consegue decolar dentro de duas horas. Deve chegar aqui amanhã bem cedo.

Balanço a cabeça. Isso é bom. Era ele quem estaria comigo na sala de parto. Porém, os últimos acontecimentos mudaram o curso das coisas. Nós insistimos em fazer planos, quando é Deus quem controla o resultado. Deixar Heitor chegar perto de mim não é o que quero. Isso me machuca demais, entretanto, preciso colocar o meu filho em primeiro lugar de agora em diante, e ele vai precisar do pai presente em sua vida. Deus foi misericordioso comigo ao transformar um dia triste em um feliz, me dando motivos para comemorar. Estava me sentindo miserável, realmente sozinha no mundo. Então Deus enviou meu menino mais cedo para mudar isso. Agradeço-o silenciosamente.

— E o Bruno? — pergunto, só agora me lembrando de que o meu médico e amigo também estaria comigo nesse momento, mas ficou preso em Londres.

— Ele também avisou que deve conseguir embarcar hoje. — Magnólia diz, tentando não transparecer seu desagrado por eu estar me relacionando com Bruno. Entretanto, ela e T nunca me julgaram por não dar outra chance a Heitor. Sou muito grata a eles por isso.

Bruno é um cara bom, estudioso, com uma carreira já bem estruturada. Tenho rogado ao meu coração tolo que pare de amar quem não merece e

perceba o homem que tem cuidado de mim com tanta gentileza desde que me descobri grávida.

Talvez um dia. Suspiro longamente. Talvez um dia...

— Quero ver Theo. O que eles disseram sobre amamentar? — pergunto para mudar o tema. Seu rosto se ilumina.

— Heitor já está voltando com o seu café da manhã, então iremos ver o nosso menino apressado.

— Voltando? Ele estava aqui? — questiono.

— Sim. Ele saiu agora a pouco, quando cheguei. Não queria deixá-la sozinha. — revela. Ele esteve aqui enquanto eu dormia. Isso mexe comigo mesmo contra a minha vontade. Explica o cheiro dele ainda presente no quarto. — Está se dividindo entre a ala neonatal e você desde ontem.

Antes que eu possa lhe responder, a porta se abre e meu coração salta com a visão dele entrando com uma cesta enorme nas mãos. Meu Deus, ele está odiosamente mais bonito nesses dias. Eu acho que a tática de passar muito tempo sem vê-lo teve efeito inverso em mim. Lamento a minha sorte. Não quero, mas meus olhos não desgrudam da sua figura imponente. Parece estar mais... Musculoso, vigoroso, não sei. O cabelo está cortado bem baixo e ele fez a barba também. Um cuidado por causa da pele delicada de Theo, provavelmente.

— Bom dia. — sua voz me faz arrastar meu olhar errante para o seu. — Como se sente? — seu tom abaixa uma nota, os olhos cintilando, penetrantes nos meus.

— Bom dia. — limpo a garganta e Magnólia ajusta o leito para uma posição sentada. — Me recuperando.

Ele acena ligeiramente com a cabeça e apoia a cesta na poltrona. Pega uma bandeja e começa a sorti-la com tanta comida, que daria para alimentar um batalhão. Queijo branco, melão, leite, pão integral.

— Onde conseguiu isso? — pergunto, percebendo que ele driblou a direção do hospital.

Heitor traz a bandeja, abrindo os apoiadores de cada lado dos meus quadris. Eu prendo a respiração ao sentir seu perfume másculo.

— Rosa fez questão de preparar o cardápio que a sua nutricionista montou. — explica, terminando de encaixar a bandeja. — Eu tive uma conversa com o diretor do hospital e chegamos a um acordo.

Por *acordo,* leia-se: o diretor é um puxa-saco e quis agradar Heitor Maxwell. Eu zombo. No entanto, preciso reconhecer, isso foi atencioso. Então eu pondero, ele provavelmente está pensando na saúde e desenvolvimento do nosso filho, uma vez que providenciou tudo para estimular a produção de leite materno.

— Obrigada. Agradeça a ela também, por favor. — tenho que a usar da boa educação.

Heitor se afasta um pouco e enfia as mãos nos bolsos da calça jeans. Ele parece um pouco apreensivo, sua postura muito diferente do Heitor arrogante e cínico que conheci.

— Não por isso. Ela virá mais tarde ver você e Theo.

Aceno.

— Estou ansiosa para vê-lo. — murmuro, meu peito se enchendo de amor. — Será que vou conseguir amamentá-lo?

— Tome o seu café primeiro. — seu tom suaviza. — A julgar pela forma como o pequeno estava sugando a mão lá no berçário, não vai ter dificuldades com a amamentação.

Um sorriso se abre em meu rosto. Os olhos azul-gelo brilham mais e ele sorri. Meu coração tropeça enquanto nos olhamos. Esse é o mesmo sorriso do sonho. Doce, terno... Lindo. Decidida a não dar esse mole, eu olho para vovó Mag. Ela tem uma expressão quase sonhadora, o olhar indo e vindo entre mim e Heitor. Ainda está tendo ideias, pelo visto. Tomo meu café em silêncio, ouvindo Heitor mencionar para a avó que está tirando uns dias de folga para ajudar com o bebê. Uau. Quem diria... Debocho.

Aproximadamente trinta minutos depois, Heitor para a cadeira de rodas em que esteve me conduzindo, na porta da UTI neonatal. Meus olhos correm pelas incubadoras, ansiosos pelo meu menino. Heitor me ajuda a levantar e me ampara, enquanto uma enfermeira vem nos auxiliar, disponibilizando aventais e máscaras para nós dois. Em seguida, fazemos a higiene das mãos. Só então, somos liberados para entrar no recinto. Ele me ampara e andamos devagar. Cada passo que dou é incômodo pra caramba. Eu seguro um

gemido, mas acho que Heitor percebe a minha situação mesmo assim.

— Segure em meus ombros. Eu vou levá-la no colo. — murmura com uma misto de tensão e ternura. — Você deve estar muito dolorida. Não pode fazer esforço.

Não gosto dessa proximidade, porém, meu canal castigado está gritando por alívio. Aceno e ele me levanta nos braços fortes, com cuidado. Sim, ele está mais musculoso. Constato, para o meu desgosto. Dá para sentir os músculos duros e mais amplos do peitoral e ombros duros. Tento manter a compostura e finjo que seu cheiro, seu corpo tão próximo do meu não me afeta, no entanto. Ele me deposita com a mesma suavidade sobre uma poltrona e meus olhos já estão sobre o pequeno corpo dentro da incubadora. Ele está elétrico, mexendo braços e pernas. Eu rio, meus olhos se enchendo de lágrimas enquanto o olho. A enfermeira o retira de lá e Heitor se afasta um pouco, sentando-se na poltrona de frente. Eu acho que o ambiente é montado para a presença constante dos pais.

— Theo é um menino forte, senhora. — a moça me diz, rindo com jovialidade ao me entregar o pequeno pacote. — Está um pouco abaixo do peso, o que é normal nesses casos. Mas a sua saúde está bem e esperamos que fique ainda mais forte dentro de uma ou duas semanas.

Assinto, sem olhá-la. Minha atenção toda está sobre ele, o meu lindo menino.

— Ei, meu amor. — murmuro, minha voz embargando. Toco sua cabecinha e a penugem rala. Ele abre um pouco os olhinhos de cor ainda indefinida, percebo. Enfia o punho na boca, fazendo um barulho suave de sucção. Ouço o riso baixo, cheio de orgulho de Heitor. — Será que posso amamentá-lo? — questiono à enfermeira. Eu me preparei para esse momento durante os últimos meses.

— Claro! Deve. — ela assente com euforia. — Vou ajudá-la. — diz com presteza e começa a descer a alça da minha camisola. Fico tensa quando meu seio direito é desnudo na presença de Heitor. Sei que o momento não é nada propício para fantasias sexuais. Além disso, devo estar parecendo um espantalho. Ai, Deus. Por que quero estar bonita para ele? Foda-se, Heitor Maxwell! Recrimino-me.

Ela segura a cabecinha de Theo enquanto eu introduzo o bico do meu seio

na boquinha delicada. Então a sensação mais mágica do mundo me toma quando ele começa a sugar devagar.

— Oh, meu Deus... — eu choro, meu coração repleto de amor por esse menininho. — Ele está mamando. — digo e levanto a vista, meus olhos encontrando Heitor fitando-nos. Ele engole audivelmente, os olhos muito brilhantes enquanto observa o nosso filho se alimentando de mim, pela primeira vez. É uma expressão terna e ao mesmo tempo feroz, de posse.

— Ele é forte. Puxou à mãe. — sua voz é cheia de emoção e orgulho. — Posso? — pergunta, levantando o celular na mão?

Minha vontade é dizer não, mas decido continuar com a bandeira branca por Theo. Ele merece o amor de ambos os pais. Não importa quão cretino seu pai tenha sido com sua mãe, ele terá tudo. Volto a olhá-lo e acaricio sua cabecinha. Ouço vários flashes, só que não olho para cima em nenhum momento. Continuo conversando baixinho com meu bebê.

— Isso, meu precioso menino. Fique cada vez mais forte para a mamãe. — sussurro. Mudo-o com cuidado para o outro seio e Theo continua sugando. — Pequeno guloso. — rio feliz.

Quando olho para cima, Heitor está me encarando, sua expressão suave, quase deslumbrada. Pensaria isso, se eu não o conhecesse bem.

— Como é a sensação? Li que pode incomodar a primeira mamada... — murmura, parecendo meio sem jeito. Franzo o cenho. Ele leu? — Eu li inúmeros artigos sobre bebês e suas fases de desenvolvimento. — responde à minha pergunta silenciosa. — Quero poder ajudar no que for preciso com o nosso filho. — engulo em seco, surpresa por ele estar dizendo isso. Nunca imaginei Heitor Maxwell, o grande CEO, querendo ajudar mesmo, colocar a mão na massa, nos cuidados com seu herdeiro. — Você vai me deixar fazer isso? Estar perto, dividir o trabalho nesses primeiros meses? — abro a boca, mas ele continua: — As mães precisam de descanso nesses primeiros meses, pois carregaram o bebê por muito tempo na barriga. Quando eles nascem é a hora dos pais entrarem em ação.

Eu quero rir com a forma como diz isso, como se estivesse repetindo exatamente as palavras de algum artigo de revista especializada em pais de primeira viagem.

— Você leu isso também?

Há um leve tremular em sua boca e seus olhos brilham. Quase posso imaginar o que vai dizer.

— Sempre argumentativa... — sussurra, olhos presos aos meus, mexendo comigo de uma forma que não deveria. Não somos mais marido e mulher. Somos pais de Theo. É tudo que somos agora. Só falta meu coração tolo se convencer disso. — Sim, eu li. Acumulei muita teoria e estou ansioso para testá-las na prática.

— Também estou ansiosa. — revelo, minha mão acariciando a cabecinha macia involuntariamente.

— Nós vamos nos sair bem. — diz baixinho, os olhos parecendo me dizer muito mais.

— Há um leve incômodo na primeira sugada. — eu respondo sua pergunta para quebrar esse clima estranho e íntimo querendo se estabelecer entre nós. Minha guarda permanecerá bem levantada em relação a isso. — Depois a sensação é indescritível. Ele está se alimentando de mim. — completo, deslumbrada.

Heitor acena. Seu rosto fica meio tenso enquanto me observa.

— Você se ressente de mim por forçá-la a ter o meu filho?

Detecto amargura em seu tom e olhar.

— Não. — digo do fundo da minha alma. — No começo, sim. Mas depois que soube que ele estava dentro de mim, eu só o amei incondicionalmente. — continuo olhando-o dentro dos olhos. — Theo é o meu menino amado, não importa como foi gerado. É meu filho.

Heitor me olha por um longo momento, algo cintilando em seus olhos azuis penetrantes. Então balança levemente a cabeça em concordância. Theo para de mamar e eu guardo o seio, meu rosto corando porque consigo sentir o olhar de seu pai queimando em cima de mim.

— Me deixe colocá-lo para arrotar. — pede, me surpreendendo mais uma vez. Olha aí... Ele se levanta e vem pegar o bebê. Fico boba com o jeito cuidadoso e habilidoso com que pega Theo. — Eu posso ter feito um curso prático também... — completa, aconchegando nosso pequeno contra o peito, passando a bater levemente em suas costinhas.

— Você *pode ter feito* ou fez? — questiono, levantando uma sobrancelha.

Estou completamente atordoada com sua habilidade.

O indício de sorriso arrogante, que tanto mexia comigo no passado, tremula levemente em sua boca.

— Eu fiz. — murmura, os olhos azul-gelo segurando os meus. — Vou ser um pai presente na vida de Theo, Sofia. — diz como se estivesse me desafiando a discordar.

Assinto. A cena deles dois, juntos, me toca profundamente. Tenho a impressão de que Theo será um mini Heitor. Percebi mais traços do pai do que meus. Tirando o nariz, o resto é todo Heitor. Pelo que vi dos olhos, acho que ficarão da cor dos do pai também.

— Não estamos mais ligados como marido e mulher, Heitor. — seu rosto cai um pouco quando digo isso. — Mas sempre seremos os pais de Theo. Eu não vou colocar obstáculos quanto a isso.

— Obrigado, bebê. — ele sussurra. Theo dá um pequeno arroto.

— Já lhe pedi para não me chamar assim. — repreendo-o.

— Desculpe. — ele não parece arrependido, no entanto. — Vou tentar me policiar mais, prometo.

Eu amoleço vendo-o segurar nosso filho.

— Prometa que vai colocá-lo sempre em primeiro lugar, mesmo que se case de novo e forme outra família...

— Eu nunca vou me casar de novo, Sofia. — ele em corta, parecendo irritado com as minhas palavras. — Não com outra mulher...

Eu engulo em seco.

— Não há mais relacionamento homem-mulher entre nós, Heitor. Somos os pais de Theo. Apenas isso. — rebato rapidamente.

Heitor suspira longamente, uma centelha magoada passando em seus olhos.

— Isso não faz o que sinto por você ir embora, Sofia. — murmura, com desolação. — Eu amo você, quer aceite ou não.

Eu meio que bufo.

— Você está dizendo isso por causa de Theo ou pela decepção que causou

à sua avó. — resmungo e suspiro, cansada. — Não vou discutir isso com você. Esse assunto para mim está morto e enterrado. Tudo o que me importa agora é o meu filho.



CAPÍTULO DEZOITO

Sofia

Os dias foram passando numa velocidade vertiginosa. Theo teve alta depois de duas semanas do parto e Heitor tem estado presente a maior parte do tempo. Nas primeiras semanas, ele tirou mesmo folga do trabalho e sua ajuda foi, de fato, muito bem-vinda. Ele tem dormido num dos quartos perto do meu e de Theo. Contratou uma cuidadora, técnica em enfermagem, para nos auxiliar nesses primeiros meses também. Foi graças a isso que não perdi muito sono, reclamação frequente das mães de primeira viagem. Heitor realmente se preparou para cuidar do nosso bebê e cada vez que o vejo fazendo isso, sinto um misto de alegria e tristeza. Alegria por constatar que consegue amar o nosso menino, e tristeza porque me pego fantasiando em muitos momentos que ainda somos um casal feliz com a chegada do nosso primogênito. Mas, não, não somos mais nada um do outro, e isso dói.

Ainda dói demais.

Theo fez um mês na semana passada. Rosa fez questão de trazer um bolo e cantamos os parabéns. T veio acompanhado de uma morena um tanto exótica chamada Pietra. Uma moça que conheceu no Norte quando foi designado para as rotas domésticas. Parece que ele a está orientando na escola de pilotos da HTL. Não sei o que há entre eles, mas dá para sentir uma energia sexual abrasadora entre os dois. Alberto e Lígia também vieram. Agora o que me chocou de verdade foi a presença de Logan, o irmão mais novo que Heitor e T descobriram recentemente. Senti um clima estranho e misterioso entre ele e Lígia também.

Parece que preciso me inteirar das novidades. Logan é um belo exemplar masculino, a exemplo dos irmãos, só que tem uma cara fechada, como se tivesse irritado com o mundo. É meio assustador, no entanto um pouco da sua casca dura caiu quando perguntei se queria segurar seu sobrinho. Ele o pegou meio sem jeito, mas seu rosto suavizou visivelmente enquanto olhava meu pequeno rechonchudo.

Theo recuperou o peso e tamanho completamente nesse mês, graças a Deus e ao acompanhamento rigoroso da equipe de profissionais trabalhando junto com seu pediatra. Magnólia esteve com um sorriso de orelha a orelha por nos ver juntos. Sei que ainda nutre esperanças de que eu e Heitor nos

acertemos em algum momento. Tenho deixado claro a cada oportunidade que a trégua é por causa de Theo. Não quero que o meu filho cresça sem o amor e carinho do pai. Se para isso tenho que ficar perto do homem que pisou sem pena no meu coração, eu ficarei.

Confiro o relógio mais uma vez e tento não parecer que estou contando os minutos para voltar para Theo. Bruno sorri do outro lado da mesa. Ele me convidou para jantar, uma vez que estive praticamente dentro de casa o tempo todo nesse último mês. Meu resguardo acabou e me sinto mulher de novo. Meu corpo está muito mais voluptuoso, os seios grandes pelo leite acumulado. Nunca estive tão “gostosona”. Eu rio um pouco com esse pensamento nada modesto.

— Você não precisa disfarçar, Sofia. — ele ri, limpando a boca ao terminar seu prato. — Eu só queria a sua companhia hoje e, claro, fazê-la sair um pouco de casa.

— Eu sei. Obrigada por isso. — murmuro. — É que essa é a primeira vez que saio à noite e deixo o Theo.

Seus olhos escuros seguram os meus.

— O senhor Maxwell está lá, não está? — detecto um leve desagrado em sua voz.

Bruno não está gostando de Heitor socado lá dentro da casa de Magnólia o tempo todo. Contudo, nunca me disse abertamente, até porque não somos nada além de amigos. Por enquanto. Ele é lindo. Um morenaço de arrasar corações. Bem, isso se o meu já não estivesse ocupado e se recusando a ser esvaziado. Zombo. Gostaria de sentir as borboletas voando no estômago, as mãos suando e ficando frias quando o vejo, mas não sinto nada disso. Não vou negar que é muito agradável de olhar, no entanto. Talvez com o tempo eu vá sentir todas essas coisas se der a ele uma chance.

— Sim, Heitor está lá. Ele está se esforçando para me ajudar com Theo. — não sei porque sinto esse desejo de defendê-lo.

Quando estava saindo mais cedo, eu o encontrei na sala conversando com Magnólia. Parecia ter acabado de chegar da empresa. Seu olhar queimou no meu, então desceu pelo meu corpo, me deixando quente e incomodada. O tesão entre nós voltou com tudo nesses dias em que estamos mais perto. Eu queimo por ele, dia após dia. Agora que meu resguardo acabou, a situação

piorou, minha libido está enlouquecida. As borboletas voando, as mãos frias e suadas, tudo isso sinto com ele. Basta seus olhos azuis glaciais e penetrantes encontrarem os meus. O mundo é mesmo tão injusto. Lamento-me.

Meu núcleo pulsa e aperta cada vez que chega perto de mim. Meu corpo grita pelo seu. Faz tanto tempo que o senti dentro de mim. Parece que foi em outro tempo, outra vida. Ele me encarou, não disfarçando o interesse em minhas curvas sob o macacão preto. Fiz até uma maquiagem, coisa que não fazia muito desde os últimos meses de gravidez. Ficamos nos olhando em silêncio por um tempo, até algo estalar e seu semblante fechar.

— Indo para algum lugar? — inquiriu com a voz mais rouca e profunda, suspeita preenchendo os olhos azul-gelo.

— Vou jantar com Bruno. — respondi em tom de desafio.

Vi raiva cintilando em suas íris. Heitor engoliu em seco.

— E Theo? Será que pensou nele quando aceitou esse convite?

Sua insinuação me irritou de imediato.

— Eu vou fingir que não ouvi isso. Não venha me acusar de estar deixando meu filho sozinho para cair na noite. — rangi os dentes.

— Mas é exatamente isso que está fazendo. — rosnou e Magnólia segurou seu braço, mandando uma mensagem silenciosa para acalmá-lo. — Não vou permitir que saia e deixe o meu filho para trás.

Minha boca escancarou. Raiva inflamando minhas veias. Eu odeio quando é arrogante, todo senhor feudal. Odeio principalmente porque me excita sobremaneira. Oh, Deus, eu sou doente por aquele homem. Nada explica esse sentimento louco, intenso, que nunca vai embora.

— Sou uma mulher livre, querido. — cerrei os dentes, encarando-o firmemente. — Vou sair quando e com quem eu quiser. Você não tem nada a ver com isso, Heitor Maxwell. — rosnei baixo.

Vi um lampejo cintilando nas piscinas glaciais, tornando-as aquecidas: luxúria. Ele gosta quando eu o enfrento. Sempre foi assim. Rosnou baixo e gutural de volta. Eu fiquei vergonhosamente molhada, minhas paredes latejando e gritando seu nome. Humilhante.

— Heitor, acalme-se. — a voz apaziguadora de Magnólia nos tirou do nosso embate. — Theo estará bem cuidado e Sofia não vai demorar muito. Pare de ser bobo, menino.

— Você está namorando esse cara? — ele rosnou ainda me fuzilando com seus olhos lindos e raivosos. — Se dê o respeito, porra! Você mal acabou de parir o meu filho!

Que cretino! Minhas narinas inflaram e eu queria bater no idiota arrogante. Eu avancei, enfiando meu indicador em seu peito duro.

— Fique fora da minha vida! — rebati muito irritada. E excitada. Estava ofegando e acho que ele também. Droga de atração traiçoeira. — Eu não estou namorando com ele. — vi um lampejo de satisfação em seu semblante. — *Ainda.* Mas estou pensando seriamente em aceitar seu pedido.

Seu maxilar trincou e os olhos gelados ficaram aquecidos, furiosos.

— Eu a proíbo! Está me ouvido, Sofia? — rugiu como uma fera.

Eu me afastei, minhas pernas um pouco moles, meus seios arrepiados. Seu olhar estreitou ligeiramente e aquele arremedo de sorriso arrogante surgiu. Ele sentiu minha excitação. Levantei o queixo em desafio, recusando-me a parecer fraca diante dele.

— Quem pensa que é para me proibir de alguma coisa? Eu vou esperar por Bruno lá fora. — cuspi com desprezo. Olhei para Magnólia, dispensando-o. — Vovó me ligue se Theo precisar de alguma coisa e eu volto imediatamente.

Ela estava com um sorriso secreto brincando na boca, provavelmente vendo mais nessa discussão do que deveria.

— Vá se divertir, querida. — disse com sua calma invejável. — Não se preocupe. Nosso menino estará bem cuidado. — deu um aperto no braço de Heitor. — Vamos, querido, Sofia merece uma folga. Ainda mais agora que seu resguardo acabou... — ela me ofereceu uma piscada cúmplice. — Eu me recordo da sensação, nos sentimos mulheres de novo...

Heitor ampliou os olhos como se só agora se desse conta de que meu resguardo se foi. Seu maxilar cerrou e os olhos queimaram em cima de mim mais uma vez, fome e luxúria escancaradas em seu semblante. Ele parecia a ponto de avançar e me devorar em dois tempos. Meu Senhor...

— Sofia? Você ouviu o que acabei de dizer?

— H-hã? — balbucio, voltando da lembrança indesejada, então tomo um gole d'água para acalmar meu corpo em ebulição.

Os olhos castanhos de Bruno ficam mais atentos nos meus.

— Eu disse que recebi uma proposta de trabalho excelente no Rio de Janeiro. — repete, seu tom e olhar me cobrando a resposta que estou lhe devendo. Ele me pediu em namoro logo que voltou de Londres e encontrou Heitor bem instalado à minha volta e de nosso filho.

Até então, Bruno aparentava muito tranquilo em esperar o meu tempo, mas deve ter se sentido ameaçado pela presença constante do pai do meu filho em minha vida. Homens...

— Sim? Que maravilha! — eu coloco mais empolgação para me redimir por estar pensando em Heitor no meio do nosso jantar. Sou uma vadia total. Eu me recrimino. — Você vai aceitar?

Sua mão viaja pela mesa, vindo encontrar a minha. Eu o deixo entrelaçar nossos dedos. Seu toque não é ruim. Não me causa o frisson que Heitor... Eu bufo mentalmente. Lá vem o cretino invadindo minha mente de novo. Resumindo, eu gosto do toque de Bruno. É suave e firme ao mesmo tempo. Talvez seja mesmo uma questão de dar uma chance. Pondero.

— É uma oportunidade que não se deve recusar. — murmura, olhos fixos nos meus. — Serei diretor de um dos maiores hospitais do estado, Sofia. Não tenho nem trinta ainda. Consegue imaginar o que significa para mim?

Sorrio, orgulhosa por ele ter conseguido algo dessa magnitude.

— Você vai aceitar. — vejo isso em seu semblante.

Seus olhos ficam intensos me encarando insistentemente.

— Sim e eu gostaria de ter você e o pequeno Theo comigo nessa nova empreitada.

Eu engasgo. Ele definitivamente está com pressa agora.

— Bruno... — digo completamente estarrecida que esteja me fazendo uma proposta tão séria como essa. — Está me pedindo para ir viver no Rio, com você?

Ele abre um meio sorriso charmoso. Uau. Realmente bonito.

— Muito rápido? — pergunta, a covinha tentadora piscando em sua bochecha esquerda. Ele sabe que é arrasador para o público feminino e está jogando com isso. — Você pode ter sua própria casa, no começo. Vamos levar as coisas devagar, namorar, nos conhecermos melhor e depois... — seu olhar segura o meu. — Quem sabe aceite ser a minha esposa.

Jesus Maria José! Eu engulo em seco. Caramba! Ele ri mais amplo, vendo meu espanto.

— Quero ser o homem que vai cuidar de você. — ai, meu Deus, ele é tão fofo. Pena que seu temperamento doce não me excita em nada. — Quero ser o pai de Theo.

Sua última sentença me faz franzir o cenho, a bolha estourando. Isso está errado.

— Theo já tem um pai, Bruno. — aponto, me sentindo inexplicavelmente na obrigação de defender o território de Heitor, pelo menos nesse aspecto.

Seu rosto pacífico torce um pouco, o maxilar cerrando.

— Aquele homem não merece a sua defesa, Sofia. — incomoda-me a forma como está falando agora. Não sei por quê. — Não merece você, nem Theo.

Me irrita ouvir isso e me irrita ainda mais estar tomando as dores de Heitor.

— Ainda assim, ele é o pai de Theo e tem cuidado e amado nosso filho desde o segundo em que o pegou no colo a primeira vez. — digo meio ríspida.

Bruno estreita um pouco os olhos, então sua expressão suaviza e ele acena levemente. Leva minha mão até seus lábios e a beija.

— Tem razão. — diz em tom conciliador. — Estou com ciúmes dele, é isso. Você não queria vê-lo nem pintado e, de repente, o cara está enfiado dentro da sua casa, perto de você o tempo todo.

— Perto de Theo. — corrijo-o. — Conversamos e estamos fazendo tudo para que nosso filho tenha o amor dos pais, independentemente de como as coisas terminaram entre nós. — meu tom ameniza também.

Bruno continua depositando beijos suaves em minha mão.

— Sim, eu entendo, mas isso não diminui o sentimento de que perdi terreno desde o nascimento de Theo.

Bem, isso não deixa de ser verdade. Heitor cobre todas as frentes, não deixando nada para Bruno fazer. Deve ser isso também que o está incomodando. Antes eu o chamava constantemente para me ajudar com algo quando T não estava disponível. Agora, tudo que quero é feito imediatamente por Heitor ou por alguém a mando dele.

— Não se sinta assim. Heitor é o pai do meu filho, apenas isso. — mesmo para mim minha sentença sai fraca.

— Você ainda o ama. Eu sei disso. — ele murmura e eu não tenho coragem para negar. Não quero enganá-lo. Ele é um cara incrível, merece a minha sinceridade. — Precisa de novos ares, Sofia. Não vai conseguir se desligar do seu ex-marido completamente se ficar aqui nessa cidade, na casa da avó dele.

Suas palavras me acertam em cheio. Ele tem razão. Eu já estava pensando em comprar um apartamento ou uma casa para mim, só que aqui mesmo, em São Paulo. Não quero privar meu menino do convívio com o pai. Farei qualquer coisa para a felicidade do meu Theo.

— Eu acho que essa proposta veio a calhar para nós dois. — sua voz sedutora me puxa de volta. — Me deixe cuidar e amar você, Sofia.

Ai, droga. Eu deveria estar pulando de alegria, não é?

— Por favor, Bruno, me dê mais um tempo... — peço, tomando mais um gole muito bem-vindo de água. — Eu praticamente acabei de dar à luz ao filho de outro homem. Vamos com calma... Quando irá para o Rio?

Seu rosto fica um pouco triste.

— Tenho vinte dias para dar uma resposta e trinta para me mudar.

Uau. Muito rápido.

— Prometo lhe dar uma resposta antes desse tempo. — digo, me sentindo confusa demais.

Ele é um bom partido, gosta de mim e do meu filho. Terei que ponderar sobre todas essas coisas de agora em diante. Sou uma mãe solteira. Tenho lido algumas coisas sobre como é complicado para mães solteiras

encontrarem bons homens que apreciem e respeitem também seus filhos. Além disso, senti na pele como é ser criada por alguém que não tem o seu sangue e não faz questão de criar nenhum vínculo emocional para substituir esse fator. Já ouvi casos de padrastos e madrastas que são verdadeiros pais e mães para seus enteados, no entanto. Quero isso para o meu bebê. Quero um homem que me ame e a ele também.

Por outro lado, também quero estudar, crescer intelectualmente. Nunca foi meu objetivo ser a "esposa" de alguém apenas. Acho isso deprimente. É a minha chance de construir uma vida para mim. Se Bruno entender e aceitar que não serei sua esposa num futuro tão próximo, talvez tenhamos alguma chance.

Quando ele para seu carro na frente da casa de Magnólia, ainda não são nem onze. É cedo, eu sei, mas não quis me demorar mais depois da sobremesa, e ele entendeu perfeitamente e me trouxe de volta. Estou louca para ver meu menino e meus seios estão enormes de tanto leite acumulado. Ele me ajuda a descer do carro e me acompanha até o pé da escadaria frontal. Seus modos cavalheirescos me encantaram desde o começo. Novamente, eu devo ter algum problema sério por não estar ainda caidinha por esse deus moreno.

— Obrigado por hoje. — sussurra, os dedos acariciando minha face, ajeitando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Seu olhar deriva para a casa, então volta para o meu e me choca quando abaixa a cabeça, os lábios mornos tocando os meus. Eu me seguro em seus ombros, tomada pela surpresa, minha boca abrindo e Bruno, até agora cavalheiresco e comportado Bruno, chupa o meu lábio inferior, prolongando o selinho alguns instantes a mais. Seus olhos estão brilhantes e intensos quando se afasta, respirando com dificuldade. Está excitado visivelmente e isso me deixa sem jeito. Com Heitor era fácil ser sedutora, havia uma familiaridade entre nós... Havia... Ah, Deus, não havia nada entre vocês, Sofia. Pare de ser burra. Eu me dou uma bronca severa. — Você é especial, Sofia. — Bruno murmura e me dá mais um beijo terno no canto da boca. — Boa noite, linda.

Eu rio como uma menina boba, acenando quando entra no carro e dá a partida, saindo pela estrada de blocos que corta o jardim. Subo direto para o meu quarto em seguida. Tomo uma ducha rápida, vestindo uma camisola verde-água acetinada e penhoar combinando, então corro para o quarto de Theo, meus seios já vazando leite.

Encontro a porta aberta e diminuo os passos, parando no limiar. A cena à minha frente sempre me causa impacto. Heitor está em pé, perto da janela, usando apenas a calça do pijama, segurando nosso filho contra o peito nu. Está de perfil, o que me permite ver o rostinho de Theo adormecido, virado em minha direção. Mesmo com a pouca idade, dá para perceber no deleite de sua expressão que ele sabe que é seu pai quem o está ninando com tanto cuidado e amor. Heitor está balançando-o devagar, sussurrando algo. O som está ligado baixinho, tocando U2. Nosso pequeno gosta da banda porque era um dos artistas que ouvia muito quando estava em minha barriga. Heitor o beija delicadamente na cabecinha, bem cabeluda agora. O carinho em sua expressão faz meu peito apertar dolorosamente, lágrimas inundando meus olhos. Eu os observo arrebatada, apaixonada. Pelos dois. A fantasia de que os dois são meus, volta com tudo em minha mente.

Eles são meus. Minhas entranhas sangram, gritando isso. Eu os amo. Amo tanto. Quero os dois para mim, com tanto desespero que me tira o fôlego. Oh, Deus, por que isso não vai embora? Por que não consigo deixar esse homem no passado, onde é o seu lugar? Ele me traiu e o fará de novo se não parar de ser boba e cair na sua conversa mole de que agora me ama. Homens assim, poderosos, que podem ter tudo o que quiser, dificilmente se importam com sentimentos. Eles traem. Não podem ser tocados. Aprendi da pior maneira. Foi uma dura lição, mas foi assimilada com sucesso.

Sentindo minha presença, Heitor vira a cabeça e nossos olhares se encontram. O olhar antes suave, se enche de mágoa, frustração. Está ainda chateado por eu ter saído com Bruno, pelo visto. Então seu olhar desce pelo meu corpo, sua mandíbula trincando quando vê meus seios.

— Porra... — ele grunhe e eu olho para baixo, vendo com horror, o tecido fino da camisola colado em meus seios pelo leite vazando. Os bicos e auréolas estão bem visíveis. Meu rosto esquenta de vergonha. Eu fecho o penhoar sobre meus seios de atriz pornô e caminho para dentro, tentando ignorar seu olhar incendiário sobre cada centímetro da minha pele exposta.

Chego perto deles, seu cheiro másculo e sua energia pulsante golpeando-me sem piedade. Os olhos azuis continuam cravados nos meus, selvagens, cheios de desejo mal contido. Antes ainda o velava, talvez porque sabia que eu estava de resguardo. Agora parece que a represa está prestes a estourar pelo olhar de fome crua que está me dando. Eu sinto isso quase como uma carícia física. Não, uma pegada forte, como é a característica dele, fogoso,

viril, todo macho... Imagens dele em cima de mim, possuindo o meu corpo vorazmente, penetrando-me fundo, me comendo com força enquanto me prendia com esses olhos azuis lindos e hipnotizantes, preenchem minha cabeça.

— Ele deu trabalho? — pergunto, mortificada pela minha voz sair tremente. Umidade desce em minha vagina e eu latejo tão forte que ofego.

— Não. Mas também não quis a mamadeira. — sua voz sai rouca, baixa, fazendo minhas paredes encharcarem ainda mais. Meus seios ficam mais doloridos, agora por outra razão, além do leite pesando.

— Me dê ele. Meus seios estão muito cheios... — murmuro e Heitor rosna, as narinas inflando. Sua expressão é feral, me assustando e excitando na mesma medida. Parece que está a ponto de arrancar as minhas roupas. Minha nossa... Pego meu bebê e não há como evitar tocar a pele dura do abdômen tanquinho de seu pai. Sim, ele está ainda mais duro e musculoso nesses últimos meses. O cabelo cortado mais baixo o deixa com aparência mais jovem, todo viril, ainda mais bonito do que antes. Eu me pergunto a razão dessa mudança. Será que está tendo um novo caso? Ciúme e raiva feroz me golpeiam. Heitor é um homem muito vigoroso sexualmente, é claro que está comendo alguma piranha por aí.

Filho da puta! Prostituto! Xingo-o mentalmente. Ai, meu Deus, como sou patética. Eu não me importo com ele. Não me importo! Repito uma e outra vez para convencer o meu coração tolo e o meu corpo sem-vergonha a pararem de querê-lo. Eu me sento na poltrona perto do berço e acomodo Theo em meu colo, inalo sua cabecinha, me deliciando com o cheirinho de bebê. Esse é o meu verdadeiro amor. Preciso parar de deixar Heitor me abalar ou nunca seguirei em frente. Retiro meu seio direito da camisola e rio quando, mesmo com os olhinhos fechados, Theo o ataca avidamente. Outra risada me faz olhar para cima, encontrando os olhos azul-gelo.

— Por isso o malandrinho refutou a mamadeira... — sussurra rudemente, o olhar penetrante caindo para o meu seio desnudo. — Entendo meu filho... — eu o olho também, gananciosa e desavergonhadamente. O peito largo, o abdômen trincado, as linhas em “V” entrando no cós baixo da calça do pijama. Eu coro, evitando um gemido quando vejo o volume bem delineado da ereção maciça. Meus hormônios pós-resguardo enlouquecem, querendo-o dentro de mim com um desespero tão pungente que tenho que desviar a vista.

— Você voltou cedo... — diz ainda com voz engrossada.

— Sim. Eu não conseguia me concentrar em nada além da necessidade de voltar para o meu menino. — murmuro, olhando deslumbrada para o pequeno guloso se alimentando de mim.

Há um silêncio tenso depois disso. Não quero olhar para cima. Não quero que veja o quanto ainda eu o desejo. O quanto ainda o amo, apesar da minha luta para superá-lo. Vai tripudiar sobre mim com seu cinismo, como sempre.

— Eu fui um imbecil mais cedo. — sua voz é séria e isso me faz olhá-lo, mesmo não querendo. Nossos olhares se prendem e ele sussurra: — Me desculpe.

Every Breaking Wave começa a tocar. O olho em silêncio por um instante.

— Está desculpado. — murmuro de volta.

Novo silêncio.

— Você aceitou o pedido dele? — sua voz tem uma nota de tristeza que mexe comigo, mesmo não querendo.

Olho-o, querendo mentir só para perturbá-lo. Então decido não ir por esse lado e ser sincera.

— Não. Mas estou inclinada a aceitar.

Vejo um misto de alívio, dor e irritação, cintilando nos olhos azuis.

— Ele a beijou ainda há pouco... — rosna, mostrando que seu temperamento está por um fio esta noite.

Eu amplio um pouco os olhos, entendendo tudo. Bruno deve tê-lo visto na janela, por isso me beijou na boca, coisa que nunca tinha feito antes. Homens... Tenho vontade de bufar. Mudo Theo para o seio esquerdo e ele volta a sugar com avidez.

— Não vai dizer nada? — instiga. Posso sentir sua raiva fervendo por baixo do bom comportamento.

— O que quer que eu diga, Heitor? — eu o encaro, levantando uma sobrancelha desafiadora.

Ele abre a boca para falar, mas desiste, fechando-a numa linha fina. Ficamos em silêncio até que Theo esvazia os dois seios. Eu o faço arrotar e

em seguida o coloco no berço. Ele faz aquela carinha feliz, própria dos bebês em sua idade quando foram bem alimentados pela mamãe. Toco seu rostinho, cabelos macios e me debruço, beijando sua cabecinha perfumada. Meu coração se enche do mais puro amor enquanto o olho. Cubro-o com a manta e me afasto, me virando para sair.

Dou de cara com o peito nu de Heitor. Não o ouvi chegando tão perto. Eu ofego pela proximidade forçada. Um misto de tesão e raiva por ele estar ainda mais bonito e viril do que antes. Odeio ainda amá-lo, querê-lo tanto. Mesmo sabendo que vai me destroçar se deixá-lo chegar muito perto, continuo como a tola mariposa querendo desesperadamente a luz. Ele não me toca, mas não precisa. Seus intensos olhos azuis seguram os meus, não me deixando escapar. Seu olhar sempre teve esse poder aterrador sobre mim, o baque é sempre o mesmo, profundo, mexendo com tudo dentro de mim. Estou incendiando, queimando, ofegando, nossos rostos bem próximos, meus seios roçando em seu peitoral amplo. O desejo é denso, voraz, me deixando dopada. Meu corpo vibra, descontrolado, alucinado, reconhecendo-o como seu único dono. Seu cheiro me embriaga e minha boca saliva para sentir o gosto dele. Fecho meus punhos para me impedir de tocá-lo. É uma guerra entre a razão e a emoção. O meu corpo inteiro grita por ele.

— Você continua sendo minha. — diz baixo e áspero, ele está puto e não está mais conseguindo segurar sua arrogância natural. — Pare de tentar encontrar nele o que só vai sentir comigo. — seu tom vai ficando mais urgente, magoado, irritado. Eu tento me afastar, mas, me segura pela nuca e cintura, me colando a ele, me fazendo choramingar ao sentir seu pau duro esfregando em mim. Um sorriso zombador inclina sua boca. — Isso entre nós é único, não vai encontrar em nenhuma porra de lugar, muito menos com aquele filho da puta. Acha que ele é capaz de te fazer gozar como eu faço?

— Fazia! Odeio você! — eu ranjo os dentes, esmurrando seus ombros duros.

Puxa meus cabelos e rosna contra a minha boca, seu hálito me provocando. Os olhos ferozes nos meus.

— Odeia nada! Você odeia ainda me querer, isso sim. — ruge. — Nunca vai esquecer como é ser minha, minha boca na sua, meu pau enterrado em sua boceta, em seu corpo...Tomando o que é meu. Sempre será meu. — eu o esmurro com mais força, mas, ele só aumenta seu domínio sobre mim e com

um rosnado animalesco mergulha a boca na minha.

— Oh, meu Deus! Me desculpem, senhor, senhora... — o barulho da porta e a voz da babá quebra o momento. Odeio a forma como meu corpo pulsa com apenas um ínfimo gosto da sua boca na minha. Aproveito para me livrar do domínio indesejado e correr em direção à porta, que a moça tornou a fechar, mortificada. Meu coração está batendo descompassado, tudo em mim latejando por ele.

— Não deixe aquele filho da puta te tocar só para me atingir. Você me pertence, porra! — Heitor rosna me encarando com fome. — Vai me destruir se outro homem a tiver como eu tive.

— Como me destruiu ver outra mulher te tocando, como eu tocava. — retruco, irritada, magoada também, meus olhos enchendo de lágrimas com a lembrança da sua traição.

Toda vez aquela imagem é como um punhal afiado perfurando meu coração.

Dor preenche sua expressão e ele passa as mãos pelo rosto, parecendo cansado desse embate.

— Eu sei, bebê. Eu era um ser humano desprezível. — sussurra com pesar. — Por favor, não me castigue mais, neném. — suplica, olhos fixos e desvairados nos meus. — Eu amo você. Preciso de você, do seu amor, ou vou morrer. Eu te amo, porra!

Meu Deus, eu quero tanto acreditar nele e nesse desespero. Ouvi-lo me chamando com esses termos carinhosos, dizendo coisas tão extremas, faz meu coração doer, pulsar, saltar. Tudo junto. Tanto amor. Tanto querer. Mas também há a mágoa e a dor absurda que me causou guerreando dentro de mim. Eu nunca mais confiaria nele.

— Você me traiu, Heitor. Nada pode mudar esse fato. — coaxo dolorosamente e avanço para a porta antes de fraquejar e lhe dar munição para me destruir de novo.

Duas semanas depois...

Heitor

Eu olho mais uma vez à minha volta. O som agitado tocando alto na casa noturna. É o meu aniversário hoje. Trinta e oito anos. Minha avó queria fazer

uma de suas festas de gala, mas eu não quis. Entretanto, não consegui me livrar das artimanhas de T, que me arrastou para uma das casas noturnas em que é sócio para comemorarmos esta noite. Ele me garantiu que convidou Sofia também, no entanto, estou receoso de que ela não venha. Embora estejamos mais próximos desde o nascimento de Theo, ainda me trata com frieza velada. Só me deixou chegar perto por causa do nosso filho. A morte de Marcos a afetou, fragilizando-a, fazendo-a passar por cima do seu orgulho e mágoa, enxergando que Theo precisa de mim também. Dou graças a Deus por isso, porque não sei como seria se não pudesse pegar o meu menino nos braços sempre que eu quisesse.

Um pequeno sorriso orgulhoso se abre em minha boca ao pensar no meu filho. Eu me preparei para recebê-lo, cuidar dele em todos os sentidos, sem essa frescura de que homem não troca fraldas, não dá banho e etc. Isso surpreendeu a Sofia. Positivamente. Vejo em seu rosto, cada vez que a ajudo nessas tarefas, que ganhei pontos. Não fiz para agradá-la, no entanto. Fiz cursos para poder me aproximar e criar um vínculo forte com meu filho desde o seu nascimento. A exemplo de Sofia, tive um pai de merda. No que depender de mim, Theo irá sentir o meu amor todos os dias, o tempo todo. Não vou negar, porém, que tenho usado cada momento com ele para mostrar à sua mãe que sou um novo homem. Que ainda sou louco por ela. Que sempre serei completamente apaixonado, desvairado por ela. Só ela. Vivo desesperado pela sua atenção, para que perceba que pode confiar em mim de novo. Só que não tem sido fácil. Sofia se mantém firme em sua resolução de não acreditar no meu amor. Na verdade, nem mesmo aceita conversar sobre a nossa situação. Para ela, está tudo resolvido, encerrado. Nos divorciamos, não há mais nenhuma ligação homem-mulher entre nós.

Mas há. Nossa ligação, nossa conexão ainda está viva, pulsando entre nós a cada momento em que chegamos perto. Cada vez que nossos olhares se encontram, falam coisas que ela não quer verbalizar porque fui um cretino, um covarde, e a afastei de mim. O tempo em que ficamos longe só colaborou para inflamar a química sempre potente que experimentamos desde o primeiro encontro. Pelo menos da minha parte. Eu a observo como um leão faminto. Ela está ainda mais linda depois que deu à luz ao nosso filho. Embora sua aparência seja jovem, carregando certa inocência, a menina se foi e em seu lugar nasceu uma mulher estonteante. Seu corpo adquiriu curvas assassinas e sua boa forma voltou, mas os quadris estão mais largos,

destacando a cintura fina. Os peitinhos, antes pequenos, agora estão mais cheios, derramando sobre os decotes, deliciosos. Só falto gozar na calça toda vez que a vejo amamentando Theo. Sei que parece pervertido, mas é a minha saudade dela. A falta dilacerante que sinto dela, do seu corpo, seu cheiro, sua pele na minha. Estou definhando sem ela, morrendo lentamente.

Eu a estou perdendo e esse sentimento tem se intensificado desconfortavelmente nesses dias.

Enquanto não me deixava chegar perto e não havia ameaça masculina, eu estava relativamente tranquilo. Só que agora a ameaça é real. Muito real. Pensei que fosse morrer pela dor absurda em meu coração quando Sofia me disse que aceitou o pedido de namoro do fodido médico, há dois dias. Ela se sentiu assim quando na minha total arrogância eu a avisei que ia encontrar outras mulheres? Eu era uma desculpa patética de homem, porra. Eu a machuquei demais. E como uma vingança, tudo está voltando contra mim, para que sinta na pele como eu a feri.

Para piorar, fiquei sabendo pela minha avó que o tal Bruno recebeu uma proposta de trabalho irrecusável no Rio e vai se mudar dentro de duas semanas. Não tenho um bom pressentimento sobre isso. Eu não suportaria se Sofia decidisse se mudar com o talzinho, levando meu filho junto. Não, não. Isso me destruiria. Abano a cabeça para afastar esses pensamentos de agouro.

Tem que haver algo que eu possa fazer para que ela me perdoe. Tem que ter e preciso descobrir logo ou vou perder a mulher que amo. Tomo um longo gole do meu uísque e olho de soslaio para T e o marrento do Logan, no meu lado direito.

Nosso irmão mais novo está nos permitindo chegar perto aos poucos. T é quem tem facilitado tudo com seu jeito naturalmente divertido, e isso quebrou um pouco da resistência do marrentinho. Olho meus dois irmãos e uma sensação boa se espalha em meu peito. Estou há tanto tempo mergulhado na dor de estar sem a mulher da minha vida, que não houve espaço para receber bem o meu irmão. Ele tem o meu sangue. Deus, ganhei mais um irmão. Olho-o, querendo conhecê-lo melhor, desenvolver o mesmo vínculo forte e fraternal que tenho com T. Essa estranheza inicial vai ser vencida com o tempo, vou me empenhar em fazê-lo se sentir em casa aqui no Brasil. O sangue vai falar mais alto, tenho certeza.

— Por que está me olhando assim, cara? — Logan resmunga, me olhando

de lado, seu copo a meio caminho da boca. — Quer uma foto para pendurar em sua cabeceira?

Bastardo! Eu rosno e T dá uma risada profunda. Ele adora um embate.

— Eu tenho fotos melhores para esse fim, babaca. — retruco e vejo um arremedo de sorriso em sua cara de poucos amigos.

Faço uma nota mental para me aproximar mais dele e descobrir por que parece pronto para explodir o mundo na maior parte do tempo.

— Aposto que tem, irmão mais velho. — seu tom é malicioso quando levanta o copo para mim em um brinde mudo.

— Obrigado por ter vindo. — digo, meu tom suavizando um pouco.

Seu meio sorriso provocador se abre.

— Eu não tinha nada mais interessante para esta noite. — dá de ombros.

— L, vamos, irmão, você está magoando os sentimentos de H, cara. — T intervém, mas há o conhecido sorriso irreverente em seu rosto.

Logan franze o cenho um pouco. Parece que essa é a primeira vez que T abrevia seu nome pelo visto.

— L? Não, cara, isso é muito fresco. — faz uma careta.

Tristan ri, passando o braço por cima dos ombros do nosso irmão. Logan o olha de esguelha.

— HTL. — pronuncia as siglas devagar. — Você não sabe da história? — levanta as sobrancelhas. — O nosso pai e nosso tio Nathan fundaram a companhia, que no começo se chamava LN Linhas Aéreas. Mas, como é de conhecimento de todos, eles brigaram e desfizeram a sociedade, então o tio Nathan voltou para os Estados Unidos. H e eu já éramos nascidos, então papai mudou a sigla para HTL: Heitor, Tristan e Logan. — diz, tocando seu copo no de Logan. — A sigla continua fazendo sentido, irmãozinho. — sorri, tomando um gole do seu uísque.

— Ainda assim não quero ser chamado de L. — o marrento resmunga.

T gargalha.

— Tarde demais, L. — diz com sua costumeira provocação, me arrancando uma risada.

Eu acho que vamos ficar bem. Estendo meu copo, convidando-os a brindarem comigo. Eles o fazem em silêncio. Estamos recostados à balaustrada da ala Vip, de onde dá para acompanhar tudo que acontece alguns degraus abaixo, na pista de dança lotada para uma quarta-feira.

— Você vai assumir o cargo que lhe ofereci? — indago a Logan. Apesar de ter berrado em nosso primeiro encontro que iria querer a sua parte na herança, ele não parece muito interessado em grana, tenho observado. É tão fechado quanto uma ostra, mas é um engenheiro aeronáutico de primeira linha. Além disso, comentou comigo e T que tem trabalhado em um projeto de um avião desde a adolescência. De acordo com ele, será duas vezes mais econômico que os tradicionais em uso. Estou ansioso para ver o tal projeto. Isso pode colocar a HTL sob os holofotes do mundo da aviação. O mundo inteiro. — Sobre o seu projeto, Alberto vai lhe dar todo o amparo legal para...

— Alberto não. — seus olhos escuros seguram os meus com uma expressão indecifrável. — Eu quero Lígia.

Eu franzo o cenho para a ferocidade com que pronuncia isso. A suspeita de que os dois já se conheciam de algum lugar volta a se infiltrar em mim.

— De onde a conhece? — pergunto, curioso.

Seus olhos cintilam fugazmente em algo parecido com malícia.

— Do hospital. Aquela foi a primeira vez que vi a patricinha metida. — zomba.

Está mentindo descaradamente. Mas de onde eles se conhecem? Agora fiquei com a pulga atrás da orelha. Muito estranho.

— Cara, pode abrir o jogo. — T bufa. — Somos homens, porra. Por acaso comeu a irmãzinha de *Albie* antes de saber quem ela era?

Logan ri com sua cara cínica e rebate Tristan:

— E você, já comeu a sua comissária aspirante a piloto? — levanta uma sobrancelha arrogante.

Tristan geme, virando o copo. Acho que isso é um não. Ele conseguiu que a tal Pietra viesse para São Paulo, há duas semanas. Ingressou em nossa escola de pilotos, tendo-o como instrutor. Meu irmãozinho é engenhoso quando está atrás de um rabo de saia. Mas, para ser sincero, nunca o vi trabalhar tanto parar conseguir comer uma garota. Talvez o fator desafio o

esteja estimulando.

— Porra, quando eu pegar aquela potranca arredia... — ele rosna e dá uma risada sacana.

Eu rio, meus olhos caindo para a escada, e então meu coração para. Sofia está subindo os degraus para cá, mas não está sozinha. Eu ranjo os dentes, fúria me tomando ao ver o fodido médico com a mão apoiada na parte baixa de suas costas. Ele não tem esse direito! Quero ir até ele e arrancar a porra do seu braço fora. Oh, Deus, isso dói demais. Ver os dois, jovens, bonitos, é como um soco potente em meus rins. Estou morrendo de ciúme, amor, dor, impotência. Ela nunca irá me perdoar? Essa é a pergunta que me persegue nesses quase nove meses, desde que eu fodi tudo, destruindo a nossa vida juntos.

Seis meses. Meu Deus, tanto tempo.

Eles avançam em nossa direção e mesmo morrendo por dentro, meus olhos a buscam com uma fome que me devora vivo. Está linda em um vestido tomara que caia verde, curto e esvoaçante. As pernas lindas delgadas, tonificadas pelos anos de balé me tentando além da conta, sobre sandálias de tiras pretas. O cabelo longo, que agora usa desfiado, forma camadas volumosas, jogado para um lado, quase cobrindo o olho direito, deixando-a sensual demais. Meu olhar procura o dela e uma pequena centelha de esperança brota em meu íntimo porque também está me devorando, como fiz com ela. Os olhos verdes correm por minha calça jeans escura, subindo pela minha camiseta azul-marinho de mangas longas. Eu me congratulo pelas horas extras que tenho passado na academia tentando estar à altura dela. Tentando desesperadamente atrair sua atenção de volta para mim.

Por fim, nossos olhares se encontram e se prendem, então meu coração salta descompassado, gritando o amor imenso que sinto por ela. Tudo some em volta, meus olhos apenas nela e os dela sobre mim. E eu a amo e a quero mais a cada segundo que passa. Uma agonia sem fim, uma saudade tão grande que me deixa doente. Uma dor insuportável por vê-la no braço de outro. Olho-a, e olho-a sem me preocupar com o imbecil ao seu lado. Em meu coração ela é minha. Sempre vai ser.

— Bonitinha! — ouço a voz animada de T recepcionando-a. Mas meus olhos continuam nela.

Ouço a movimentação deles se cumprimentando. O babaca falando com meus irmãos e então eles param em minha frente.

— Heitor. — quase fecho os olhos e gemo em deleite ao ouvi-la chamar o meu nome. Sua voz está um pouco tensa, talvez pelo fato de eu estar comendo-a com os olhos na frente do seu namorado. Ou o fato de que ela também não é imune a mim como se esforça para que eu acredite. — Feliz aniversário! — diz, parecendo sem jeito, estendendo a mão.

— Sofia... — minha voz sai baixa, engrossada de tesão, posse, amor, e também raiva por ela ter vindo na porra do meu aniversário com outro a tiracolo. Eu engarrafo tudo isso e pego a mão delicada, o contato fazendo meu corpo inteiro vibrar e meu pau engrossar dentro do jeans. Qualquer ínfimo contato hoje em dia me deixa a ponto de bala, porque nós mal nos tocamos em nove meses. Eu tenho tido um comportamento exemplar. Jamais me forçando sobre as suas vontades. Já basta minha covardia e arrogância em tomar tudo dela desde o começo. Mas talvez seja a hora de ser um pouco mais agressivo e demarcar território. Sem me preocupar com mais nada, eu a puxo para o meu corpo e aproveito a sua surpresa para abraçá-la bem apertado, gostoso, fazendo-a sentir meu pau duro bem agasalhado entre nós. Ela arfa, o hálito vindo em meu pescoço e eu rosno baixo, tudo em mim gritando para jogá-la sobre o meu ombro e levá-la para uma sala privada onde possa meter meu pau todo nela, tão profundo que não vamos saber quem é quem, matar essa fome visceral por ela, pelo corpo do qual venho sendo privado por nove meses do caralho! — Obrigado por ter vindo, bebê. — sussurro asperamente em seu ouvido e a sinto estremecer, arfando baixinho, então ela se afasta e eu sou obrigado a soltá-la.

— Senhor Maxwell. — detecto certa provocação na voz do fodido médico, quando puxa a minha menina para junto de si, os olhos duros nos meus. — Espero que seja uma noite feliz.

Ele não me estende a mão, o que eu agradeço, porque nesse momento eu quebraria seus malditos ossos.

— Também espero uma noite excelente, rapaz. — e meu olhar volta para Sofia. Acabo de decidir que ela não sai daqui com esse imbecil. Vai para casa comigo. Nem que para isso eu tenha que sair na porrada com ele. Meu Deus, a que ponto cheguei. Será que está transando com ele? Deixou outro homem tocar no que é meu? Me sinto morrendo apenas pensando a respeito. Não,

não. Debato-me internamente, em agonia. — Me acompanha até o bar? Quero discutir um assunto com você? — decido parar de vez com minha atuação de bom moço. Tudo tem limite, porra. Esse infeliz veio com a minha mulher para o meu fodido aniversário. Que tipo de homem faz isso? Os olhos dele estreitam um pouco, desconfiados.

— Que assunto? — a voz de Sofia denota sua apreensão em me deixar sozinho com seu querido médico.

Eu a encaro, levantando uma sobrancelha irônica. Ela arfa levemente e meu olhar se torna mais perverso. *Sim, neném, você ainda me quer. Aceite logo essa merda e pare de tentar me substituir por esse infeliz.*

— Assunto de homens, bebê. — digo condescendente, me congratulando pela irritação que vejo nas íris verdes. É meio fodido, mas, o clima de animosidade sempre nos encheu de tesão. Isso não mudou pelo que estou vendo. Isso nunca vai mudar porque ela é minha.

— Tudo bem, querida. — o idiota diz e eu o olho, segurando um rosnado, ao ver que está de fato me provocando, esfregando sua intimidade com a minha mulher na minha cara.

Eu me viro em direção ao bar no canto da ampla área vip, sem conferir se o imbecil está me acompanhando. Ele está. Somos homens. Não quer mostrar fraqueza diante de Sofia. Não me sento nos bancos vazios, me mantenho de pé, levantando um dedo para o garçom, pedindo que reabasteça meu copo de uísque. Bruno não demora a chegar do meu lado direito. O garçom providencia minha bebida e eu tomo um gole, meus movimentos lentos, metódicos, deixando-o apenas com o meu silêncio por enquanto.

— Então, o senhor vai falar em algum momento? — seu tom é desafiador, até mesmo arrogante, percebo. Percebo e não gosto. Me viro para ele e só para deixá-lo ainda mais desconfortável, permaneço mais um pouco em silêncio, olhando-o com meu sarcasmo em dia.

— Ela é minha. — por fim, rosno baixo, meu olhar duro no seu. — Me pertence.

Ele parece chocado a princípio, depois, me oferece um sorriso irônico também. Tudo bem, parece que o franguinho tem bolas no final das contas.

— Sofia não é um objeto, é uma pessoa, senhor Maxwell. — ele coloca aquela inflexão zombadora novamente em meu nome. — É uma jovem

mulher linda que merece ser tratada com amor e respeito, coisa que o senhor claramente não fez, por isso a perdeu.

Porra! Suas palavras me acertam em cheio porque são a pura verdade.

— Foda-se! Isso foi antes. Sou outro homem agora. — digo-lhe friamente. — Mas, não dá para mostrar isso a ela com você por perto o tempo todo, como um bobalhão apaixonado. — zombo. — Procure outra para dar o bote. Essa é minha.

— Meu Deus, o senhor é muito mais arrogante do que pensei. — fecha a cara.

Eu o ignoro.

— Vamos, rapaz, veja pelo lado bom, tudo que estou fazendo é poupando-o...

— Poupando-me? — seu tom vai ficando afiado.

Eu rio, cínico.

— Ela me ama. Está magoada, mas, é a mim que Sofia quer. — digo baixo, meus olhos nunca desviando dos seus. — Está te usando para me deixar com ciúmes. Apenas isso. Você me parece um cara inteligente. — atiço-o. — Então, deixa de ser trouxa e vai cantar de galo em outra freguesia. Sofia é minha. De todas as formas que conseguir imaginar, ela é minha. — rosno com mais ferocidade dessa vez.

— Eu acho que não, senhor. — cospe. — Só está se roendo de ciúmes porque sabe, ela não vai resistir para sempre. — me oferece um risinho de merda. — Serei o homem dela, em todos os sentidos, em breve.

Porra! Eu vejo tudo vermelho agora. Ergo as mãos com um destino certo, sua garganta, mas, alguém se coloca entre nós.

— Eu acho que pode querer pensar melhor sobre essa merda, Heitor. — Logan rosna, me empurrando um pouco para trás. Sua atenção está no idiota fodido quando torna a rosnar: — Meu irmão tem uma imagem a zelar, eu porém, não me importo muito com a minha. — ele tem a ousadia de piscar cinicamente para Bruno, que resmunga e ajeita o terno, nos deixando em seguida.

Eu viro meu copo em uma longa golada.

— Uh, cara, isso foi tenso. — Logan diz, franzindo o cenho para mim. Ele parece... Preocupado comigo. — Você está bem, irmão?

Sim, meu irmãozinho não é um caso completamente perdido. Sua preocupação aquece um pouco meu coração pisoteado.

— É fodido pra caralho, mas, eu mereço, irmão. — resmungo, virando todo o conteúdo do meu copo, o líquido desce rasgando a minha garganta. — Tudo que Sofia está fazendo para mim é o reflexo de como a tratei no passado. — exalo, meus olhos voltando a buscar o casal, agora indo para a pista de dança. — No dia em que se declarou para mim, além de jogar seu amor de volta em seu rosto, fui ainda mais cretino e lhe disse que ia ver outras mulheres. — Logan faz uma careta.

— Eu a traí.

— Porra, você fodeu tudo mesmo, cara. — diz com desgosto.

— Eu não sabia o que era o amor. — defendo-me. — Achei que estava me protegendo ao ser envenenado por uma vadia do meu passado. — ranjo os dentes.

A próxima hora, passei acompanhando cada passo de Sofia e do imbecil pelos vários ambientes da boate. Em alguns momentos, ela também me olhou como se soubesse que a estava observando. Algumas mulheres conhecidas apareceram, tentando puxar assunto, mas eu as dispensava logo, angustiado, com medo que Sofia pudesse pensar que estava interessado em alguma. Eu não estou. Nunca mais estarei. Ela me arruinou para todas as outras desde o primeiro toque.

Em dado momento, os dois retornam, mas em vez de seguir com Sofia até nós, Bruno a beija e sai apressado, descendo as escadas. Para onde ele foi?

— Bruno teve uma emergência no hospital. — ela informa quando nos alcança. — Também estou indo. Vou tomar um táxi.

Obrigado, porra! Eu quero atirar meu punho no ar. Nem precisei mexer meus pauzinhos...

— Meu motorista está aqui. — ofereço e seus olhos lindos se prendem aos meus. — Acho que estou pronto para ir também. Pode vir comigo.

— Tudo bem. Obrigada. — concorda depois de uns instantes pensando.

Deixamos o camarote sob os olhares nada sutis e encorajadores de meus irmãos. Eu a ajudo a entrar na limusine. A divisória sobe imediatamente após meu motorista a cumprimentar com um sorriso enorme no rosto. Todos os meus funcionários a idolatram. Ela conquistou a todos no pouco período em que viveu comigo. Sempre os tratou com afeto e respeito. Meu Deus, como pude ser tão burro de perdê-la? Como? O sistema de som está ligado numa rádio local, tocando baladas românticas. Não sentei ao seu lado. Sentei-me à sua frente para poder olhar e babar em cada detalhe dela. James Blunt está falando sobre erros em *Same Mistake.* A letra parece feita para mim, porra. Nos olhamos insistentemente, aqui dentro os disfarces nos abandonaram, restando apenas um homem e uma mulher que ainda se querem, não importa quanto tempo passe.

A viagem é tão rápida, que me sobressalto quando o carro para e Sofia se apressa para fora, sem me dizer nem uma maldita palavra. Fuja enquanto pode, neném. Zombo. Eu subo para o meu quarto provisório e tomo uma ducha rápida, vestindo a calça do meu pijama. Então vou para o quarto de Theo, sabendo que a encontrarei lá também. Seus peitos estavam enormes, quase pulando do vestido de tão cheios. Caralho, eu aperto a cabeça do meu pau para conter o tesão animal ameaçando suplantar a minha razão.

Quando alcanço a porta do quarto do nosso pequeno, Sofia já está lá, olhando-o no berço. Entro devagar, me deleitando com a visão dela numa camisola de cetim creme. Não usa penhoar hoje e isso me deixa ainda mais louco. Dá para ver o contorno dos seios duros, cheios, bicudos através do tecido fino. Meu pau baba, sofrendo espasmos. Ela quer me enlouquecer de tanto desejo? Quando chego do outro lado do berço, vejo que Theo está dormindo profundamente.

— A babá acabou de lhe dar a mamadeira achando que eu ia demorar. — Sofia murmura, tocando o rostinho adormecido do nosso filho e se debruça, cheirando, beijando a cabecinha cabeluda antes negra, agora mudando para um cobre escuro. Meu menino puxou a mim, inclusive na cor dos olhos. Eu rosno baixo quando meu olhar sobe, encontrando os peitos fartos totalmente à mostra devido a posição curvada de Sofia.

— Estão incomodando muito? — minha voz sai embrutecida e ela se ergue, me privando da visão deliciosa.

— O quê? — sussurra, lambendo os lábios. Estreito os olhos sobre ela,

percebendo que está corada, a respiração alterada. Está excitada também por estar perto de mim.

O ar está denso, grosso entre nós. Uma represa de desejo está prestes a ser rompida e vai nos arrastar, dada a força da contenção de longos meses.

— Seus seios... — digo lentamente, meu olhar preso no dela dizendo mil coisas perversas que quero fazer com ela nesse momento. — Estão doloridos, não é, neném? — pergunto baixo, meus instintos de predador assumindo com força total.

— Sim. — sua voz é apenas um coaxar. Suas pálpebras estão pesando, enquanto ofega cada vez mais alto.

Deus, eu a quero tanto. Todo o meu corpo vibra de tesão reprimido. Contorno o berço, deslizando meus dedos pela madeira maciça da borda, devagar, meus olhos fixos nela, devorando-a sem qualquer disfarce. Sofia vai afastando-se para trás até se encostar à parede, sua aparência sôfrega, os olhos verdes me dizendo silenciosamente o que não tem coragem de verbalizar: que ela me quer. Então eu vou. E me coloco à sua frente e ponho as mãos na parede ao lado da sua cabeça, prendendo-a. Encosto meu corpo no seu, meu pau doendo de tão duro. Ela choraminga, sentindo-me contra sua barriga. Nossos rostos se aproximam, meu coração está batendo desvairado contra a minha caixa torácica. Nossas bocas ofegam bem perto, nossos hálitos se misturando.

— Bebê... — eu engasgo de tanta saudade, sentindo seu cheiro inebriante de flores e também da sua excitação. Tanto tempo sem isso, sem poder chegar perto assim. Eu cheiro seu rosto todo, rosnando, esfregando meu pau nela. Enfio as mãos em seu cabelo da nuca e puxo-o firmemente, angulando seu rosto, meus olhos perfurando os dela. — Isso aqui nunca vai acabar, Sofia. — digo contra a sua boca. — Nem o tempo, nem ninguém pode nos fazer esquecer como é estarmos nos braços um do outro. Você é minha e eu sou seu. Isso nunca vai mudar. Nunca, porra. — então eu mergulho minha boca no oásis da sua, morto de sede.

Gememos longamente, os dois engasgando em um som desesperado, alucinado, quando nossas línguas saem, se enroscando com tanta saudade que dói fisicamente. Suas mãos delicadas, suadas e frias, seguram em meus ombros e eu deliro ao sentir o seu toque de novo. É um beijo ansioso, desvairado, nossos dentes se chocam, nos mordemos, lambemos, gemendo,

grunhindo, as mãos tateando o corpo do outro, tentando tocar o máximo possível em tempo recorde, porque o tempo de privação foi enorme, sofrido. Fazemos barulhos feios de prazer, animalescos.

Seguro sua bunda com uma mão puxando-a ainda mais para mim, e permaneço apertando sua nuca, comendo sua boca com tanta fome que não me importo de estar sendo rude. Sugo sua língua com força, mordendo-a. Sofia lamenta sofregamente, passando a moer contra o meu pau e eu solto um rugido feral girando a mão para a sua frente, cavando em sua boceta. Não conto história, esfregando os lábios melados por cima da calcinha. Ela está arquejando, pendurada em meus ombros. Não falamos nada, absolutamente nada, apenas nos devorando num desespero mútuo. Enfio a mão por dentro da calcinha e empurro um dedo em sua vulva, xingando mil palavrões quando sinto a fornalha apertada pingando em minha mão. Mordo sua boca sem delicadeza. Ela geme, chora, se dando de bom grado.

— Puxe as alças para baixo, neném. — ranjo, comendo-a até o fundo com o dedo. — Vou mamar em você, aliviar a dor desses peitinhos lindos. — Sofia choraminga com a minha proposta depravada, mas faz o que pedi. Estamos os dois além de qualquer razão. São longos e doloridos meses sem sentir isso. Rugindo como um animal, eu abocanho um, engolindo a auréola inteira, esfomeado, sugando o mamilo escurecido.

— Ahhh, Heitor... Oh, meu Deus... — lamenta, seu corpo todo convulsionando.

Eu exulto ao sentir o primeiro jorro do leite morno em minha boca. Seu leite, seus fluídos, agora meus, entrando em meu corpo, sua essência se misturando com a minha. Suas mãos seguram minha cabeça, arqueando-se, empurrando sua carne em minha boca. Rosno, mamando mais e mais. Sua cabeça pende contra a parede, a expressão de êxtase cru, devasso. Eu chupo com força, mamando gostoso, enquanto meto o dedo todo em sua bocetinha macia.

Estou a ponto de gozar sem nem mesmo um toque em meu pau. Como se ouvisse meu pensamento, Sofia apalpa meus músculos dos ombros, peitoral, parecendo fora de si por me tocar livremente, então escorrega uma mão entre nós, pegando meu pau por cima do pijama. O gemido que sai da sua garganta é de pura ganância. Eu rio, gemo, rosno contra sua carne, castigando, mordendo o mamilo. Sem preâmbulos, ela enfia a mão em minha calça e

puxa meu pau para fora, passando a esfregar meu eixo grosso para cima e para baixo, sem pena, com tanto desespero como estou comendo sua boceta e mamando nela.

— Você é minha. Nada pode mudar isso, Sofia. Nada! Ouviu? — rosno, mudando para o outro seio, duro, teso de tanto leite, e chupo, me entregando de corpo e alma nesse momento de loucura e desejo reprimido.

Acrescento mais um dedo em sua bocetinha e entra tão apertado, me deixando ainda mais louco para levantar sua bunda e empalá-la em meu pau, sem dó, comê-la bruto e fundo como sempre me deixou fazer. Esfrego seu clitóris com o polegar e ela solta um ganido, arquejando. Nossos olhares se encontram e ficamos assim, nos devorando, enquanto trabalhamos freneticamente para o prazer do outro. Eu retiro os dedos de dentro dela e espalho os líquidos em meu pau, gemendo rouco. Volto a enfiar os dedos profundamente nela, comendo-a punitivamente. Ela faz o mesmo comigo, apertando meu eixo, brincando com minhas bolas do jeito que sabe que gosto. Prazer descomunal começa a percorrer a minha coluna, meu corpo estremecendo e eu rosno, alucinado, embriagado, mamando nela com mais força, o leite descendo abundante em minha garganta. Seus olhos mudam, ficando anuviados, a respiração errática, suas paredes estrangulando meus dedos. Ela geme o meu nome e então goza lindamente. Meu coração, meu corpo e minha alma estão prostrados aos pés dela. Eu urro alto, sem o menor decoro e esporro em sua mão, o prazer tão arrebatador que chega a doer minhas bolas, enquanto despejo tudo, todo o desejo de longos meses.

Nossas bocas se encontram de novo e nos beijamos apaixonados, sôfregos, as respirações alteradas, ainda gemendo. Quando os últimos tremores espiralam em nós, eu retiro meus dedos de sua quentura e ela solta meu pau. Paro o beijo, meus olhos abrindo direto para os dela. Ficamos assim, parados, nos olhando. A princípio seu rosto está leve, a expressão saciada que conheci tão bem. Sempre fica linda depois do gozo, parecendo uma menina, mas com a sensualidade de uma mulher. Então eu vejo com horror a mudança em sua expressão. Empalidece, como se só agora se desse conta do que acabamos de fazer. Lágrimas começam a encher seus olhos e ela geme um som diferente dos que ouvi ainda há pouco. Esse é um som de pesar e arrependimento, e isso faz meu corpo ficar em alerta, o prazer pós-coito sendo substituído pela apreensão.

— Por favor, não se arrependa disso, bebê. — suplico, encostando minha

testa na dela. — Me dê uma chance. Apenas uma chance e eu vou provar que estou falando a verdade quando digo que te amo.

As lágrimas rolam pelas suas faces e eu me odeio por estar fazendo-a chorar de novo.

— Não. — abana a cabeça. — Isso nunca deveria ter acontecido. Eu...

— Você me quer. — digo não com arrogância, mas de maneira firme. — Como eu ainda te quero. Como sempre vou querer.

— Me solte, por favor. — sua voz é apenas um fio. Parece inconformada por ter se rendido a mim. — Por favor, se afaste.

— Eu te amo, bebê. — digo embargado, meus olhos ardendo com o pavor de ver que voltamos para a estaca zero. Foi apenas um interlúdio. Meu coração aperta enquanto a vejo chorar.

— Não era para ser, Heitor. Tudo começou de forma errada, não tinha como terminar bem. — diz e me empurra. Dessa vez eu me afasto, tudo em mim voltando a morrer agora que já não tenho o seu toque.

— Não. — abano a cabeça. — No seu diário você dizia que íamos conseguir, que o amor ia vencer no final.

Seus olhos ficam ainda mais lacrimosos.

— Eram devaneios de uma menina tola. — soluça. — Sonhos de uma menina que amou demais e nunca foi correspondida.

Meu peito aperta absurdamente com seu tom e expressão derrotada, de finitude. Respiro fundo, medo atroz enchendo-me por completo. Talvez nem o tempo, nem o fato de termos um filho em comum, irá fazê-la me perdoar. Me rasga por dentro conjecturar isso, mas já se passou muito tempo e sua mágoa permanece a mesma. Só deixou que me aproximasse por causa de Theo.

— Você foi, é e sempre será amada por mim.

Ela me encara, limpando o rosto.

— Acreditei que você me amava uma vez e isso me destruiu. — a expressão determinada tomando seu rosto me deixa em agonia. — Jamais irei amar e me entregar tão profundamente de novo. Nem com você, nem com ninguém. — funga, os olhos tristes, diferentes do êxtase de momentos antes.

Ela está tremendo na minha frente, parecendo tão frágil e tão dura ao mesmo tempo. — Isso não está dando certo, Heitor. — diz, me fazendo franzir o cenho. — Não posso mais ficar tão perto de você. — gelo começa a entrar em minhas veias, um aperto horrível tomando meu coração. — Bruno está indo para o Rio e acabo de decidir que vou com ele.

Oh, meu Deus! Não. Não. Não. Eu fico lá parado, olhando-a, tentando a todo custo me convencer de que ouvi errado. Ela não acabou de dizer isso.

— Não. — é a única palavra que sai num ofego sofrido da minha boca.

— Sempre será o pai de Theo e eu nunca vou colocar obstáculos para as suas visitas, garanto. — ela continua, as lágrimas surgindo e caindo no rosto bonito e tão amado por mim. — Isso entre nós terminou definitivamente, Heitor. Eu vou embora.

Eu gemo, sufocando, agonizando, ferido de morte, enquanto ela deixa o quarto.



CAPÍTULO DEZENOVE

Uma semana depois...

Heitor

Eu levanto meu filho do berço e ele se derrete em sorrisos para mim. Já me conhece pelo vínculo forte que criei com ele desde o seu nascimento, há dois meses. Está enorme, rechonchudo, nem parece ter nascido de sete meses.

— Ei, meninão! Você já está de banho tomado, hein? Não esperou pelo papai? — ele ri, enfiando o punho na boca e indicando que está pronto para a mamada matinal. — Seu pequeno guloso. A mamãe já deve estar vindo buscá-lo. — seu sorriso vira uma risadinha, como se entendesse a notícia e a apreciasse. Sorrio também, todo bobo. Eu o aconchego contra o peito e vou para a sacada tomar um pouco do ar da manhã. Olho o belo jardim da minha avó, quando chego à balaustrada.

Theo está animado, fazendo pequenos barulhos infantis. Beijo sua cabecinha e fico assim, sentindo-o junto a mim. Meu coração está destroçado, uma dor que nunca vai embora porque sei que em breve não vou poder vê-lo todos os dias. Esses momentos de pai e filho, que cultivei com ele desde o dia em que nasceu, estão prestes a serem quebrados. Quando Sofia me disse que ia embora com Bruno para o Rio na semana passada, eu enlouqueci. Saí completamente da linha, chegando ao ponto de ir até a casa do infeliz e lhe dar uma surra. Bem, na verdade, saímos na porrada, ele me acertou alguns socos, mas, no cômputo geral, sua cara de galã de novela da porra da Globo ficou muito mais danificada do que a minha.

O resultado do meu descontrole é que Sofia não está mais falando comigo. Nossos encontros no quarto de Theo, os momentos em que parecíamos mais próximos compartilhando o amor pelo filho que geramos juntos, foram abortados. Ela pega o bebê e o amamenta em seu quarto agora, me ignorando como fez durante a gravidez. Eu morro um pouco mais a cada dia que passa. Ontem, T me informou que ela está comprando um tríplex no Leblon. Está falando sério mesmo, vai embora. Está me cortando da sua vida, indo para longe com o meu filho. Meu Deus, então é isso? Vou perder a mulher da minha vida? Não há nada que eu possa fazer? Pergunto para o céu, angustiado.

Um movimento do meu lado me faz virar a cabeça. É minha avó. Ela sorri

amorosamente para mim e em seguida para o seu adorado bisneto, então nos beija na bochecha.

— Bom dia, filho. — diz suavemente e pega Theo de mim. — E você, mini Heitor? Conte para a bisa como passou a noite, meu amor.

Ele ri para ela, os olhos azul-gelo encarando-a com interesse, voltando a fazer os sons de euforia infantil. Mesmo com tão pouca idade, já gosta da atenção que recebe de todos nós. T está tão babão quanto eu, até mesmo o marrento do Logan tem, surpreendentemente, aparecido para ver o sobrinho com frequência. Eu enfio as mãos nos bolsos e suspiro, olhando ao longe, sem realmente ver nada.

— Bom dia, senhora, senhor. — eu não me viro ao ouvir a voz da babá. — A senhora Sofia pediu para levar Theo para amamentá-lo.

Minha avó o entrega e dá um longo suspiro, que fala da sua tristeza com essa situação.

— Ela vai mesmo embora, vovó. — minha voz sai dolorida. — Eu vou morrer sem ela, sem poder ver o meu filho todo dia.

Ela toca o meu braço suavemente, me fazendo olhá-la de lado.

— Ela perdeu a fé em você, filho. — ela me diz com pesar. — Eu gostaria de lhe garantir que tudo vai se resolver entre vocês, mas não tenho essa certeza. Infelizmente.

Porra. Ouvir isso só afunda ainda mais o punhal em meu coração.

— Está me dizendo que não importa o que eu faça ela nunca irá me perdoar? — minha voz é tão miserável que seu olhar de pena se intensifica. — Eu perdi a mulher que amo para sempre?

— Oh, querido... — ela me faz virar para ela e segura meu rosto, amorosamente. — Sinto muito. Não queria soar tão definitiva. — ela se inclina e beija minha bochecha como fazia quando eu era criança e estava chateado por algum motivo. — Se quer mesmo a opinião desta velha senhora, você deve fazer algo que Sofia jamais esperaria de você, filho. Surpreenda-a.

Ela diz, seu tom sério e triste. Eu franzo o cenho, analisando suas palavras com atenção. Surpreendê-la? Sim, parece uma excelente ideia. Mas como? Pergunto-me ainda angustiado.

— Sim, mas como? Eu sinto que se a deixar partir agora, estarei perdendo-a para sempre. — murmuro desolado.

Seus olhos castanhos estão brilhantes de lágrimas.

— Estou tão triste com o rumo que as coisas tomaram entre vocês, querido. — diz com voz embargada. — Mas Sofia está nitidamente com medo de aceitá-lo de volta e você fazê-la sofrer de novo.

— Nunca, vovó! Nunca! — eu rebato ferozmente.

Acena.

— Eu sei. Tenho visto seu sofrimento. — murmura com empatia. — Mas ela não sabe disso, meu filho. Você não viu aquela menina e o estado em que chegou aqui... — limpa os olhos antes de as lágrimas caírem. — Estava destruída. Não tem ideia de como foi vê-la se deitar na cama e não querer se levantar para nada. — sua voz embarga um pouco. — Sofia te amou gratuitamente, filho. Te amou mesmo quando as circunstâncias eram desfavoráveis e a forma como você lidou com as coisas foi brutal para ela.

Eu exalo pesadamente, meus ombros cedendo sob o peso da culpa e remorso. Eles nunca me deixarão.

— Eu sei. Eu a machuquei muito. — digo com um nó na garganta. — Não a culpo por não conseguir mais acreditar em mim.

Ficamos em silêncio por um tempo.

— Você deve deixá-la viver, Heitor. — torna a falar e eu a encaro de novo. — Sofia é ainda muito jovem. Não viveu quase nada da vida... Deixe-a ir, querido.

Meu peito dói absurdamente. Eu não posso deixá-la ir. Nunca.

— Não. — abano a cabeça, magoado com a minha avó por me pedir isso. — Ela vai me esquecer de vez, não entende, vovó? Ela vai... — meus olhos turvam e eu engasgo, a ideia de Sofia me apagar da sua vida dilacerando-me sem dó. — Meu Deus, eu a amo tanto.

Seus olhos estão cheios de pesar e angústia por me ver assim.

— Eu sei, querido. Eu sei. — esfrega meu braço. — Mas, dadas as circunstâncias, talvez seja melhor recuar como homem.

— Como assim? — franzo o cenho.

— Deixe-a ir por agora. Depois, com o tempo, vá se aproximando de novo, faça-a perceber que pode continuar contando com você mesmo que não estejam mais juntos.

— Eu vou morrer ao saber que outro homem a está tocando. — digo, dilacerado.

Mais uma vez ela acena.

— Não é a situação mais agradável, eu sei. Contudo, precisa estar perto para ganhar a confiança dela outra vez. — abana a cabeça e completa em tom mais firme: — Sofia precisa de apoio e compreensão, querido. Não é o momento para ficar batendo no peito como um homem das cavernas, tentando interferir na vida dela. Foi justamente esse tipo de atitude que o fez magoá-la. Seja inteligente e aprenda com seus erros, Heitor.

— Isso dói demais. — reclamo.

— Sim, filho. Ver a pessoa que você ama com outra deve ser uma dor difícil de assimilar, ou esquecer. — murmura, deixando claro que ainda não esqueceu a forma covarde com que traí Sofia. — Vai precisar engolir seu orgulho de homem e esperar por ela, pelo tempo dela. — eu aperto meus lábios, meu coração cheio de angústia e um ciúme descomunal. Minha vontade é de prendê-la em minha casa e nunca mais deixá-la sair. Oh, Deus, estou tão fodido. Respiro lentamente. — Eu rezo para que vocês encontrem o caminho de volta um para o outro, filho. Mas, nesse momento, Sofia precisa se sentir livre, dona das suas decisões, coisa que nunca teve naquela família horrorosa em que cresceu. E, mais tarde, você chegou, obrigando-a a entregar tudo...

Eu fico envergonhado pela enésima vez. Nunca me perdoarei pela forma como a tratei desde o começo. Talvez esse seja o meu castigo, perdê-la porque não cuidei dela como merecia. E é nesse momento que uma espécie de aceitação desce sobre mim. Minha avó tem razão, é hora de deixá-la livre. Não sei o que será de mim sem Sofia, sem meu filho por perto todos os dias, mas preciso libertá-la. Ela ainda se sente presa por causa da minha pressão constante para que me dê outra chance. Meus olhos se enchem de lágrimas, tudo dentro de mim se revolvendo contra essa decisão. Ela é a mulher da minha vida. Ofego. Ela é a minha vida. Como se abre mão da sua única chance de ser feliz? Como posso abrir mão da coisa mais bonita e perfeita que me aconteceu? Mas isso não é mais sobre mim e minhas vontades. É hora

de fazer a coisa certa.

— Eu vou deixá-la livre. — digo engasgado, sentindo uma ferida aberta em meu peito.

Uma semana depois...

Eu olho através da janela do Bentley Mulsanne. O trânsito está relativamente calmo na Rodovia Presidente Dutra. Renan, meu chefe da segurança, é quem está dirigindo hoje. O som está ligado numa rádio local num volume baixo. Ele não puxou assunto, deve ter visto que não estou em um bom momento. O céu está cinza, nuvens carregadas se aproximando devagar. Um dia triste, um espelho das minhas emoções. Estou a caminho do aeroporto de Guarulhos. Sofia e Theo estão indo embora daqui a pouco. Passei boa parte da manhã com meu filho e, à tarde, me tranquei no escritório da Paulista com a desculpa de trabalhar, porém não consegui fazer nada. Nada além de pensar em Sofia, em Theo e na vida que sonhei que teríamos juntos. Agora tudo está escapando por entre os meus dedos.

Foram os piores dias da minha vida. Antes ela estava magoada comigo, mas estava aqui, na mesma cidade, sendo cuidada pela minha avó e T. Agora está me deixando de vez. Deixando a todos nós para trás, se desvinculando. Desde que tive que concordar com a minha avó na semana passada, eu não vivi, passei pelos dias. Sinto em meu íntimo que esse é o fim. Minha avó deve ter percebido também, uma vez que está mais perto de Sofia, que ela não vai me perdoar. Que não importa o que eu faça, nunca será minha de novo. Por isso ela me pediu para deixá-la ir. Esse pensamento me sufoca de tão doloroso, no entanto, é hora de tentar ser racional. Muito tempo se passou. Nosso amor ficou para trás. Naqueles breves meses em que vivemos juntos. Sinto um baque por dentro e meus olhos marejam, enquanto olho para o céu tempestuoso. Imagens dela preenchem a minha cabeça. A menina linda esbarrando em mim em sua casa, em nosso primeiro encontro, me encantando, arrebatando tão completamente.

Um som angustiado escapa da minha boca, enquanto seus olhos de pedras preciosas riem para mim. James Arthur é anunciado pelo locutor e a letra de *Safe Inside* soa em meus ouvidos. Eu não conheço a música, mas os primeiros versos me cativam.

Me lembro de quando você era toda minha

Observei você mudando diante dos meus olhos...

Eu continuo sonhando com a minha menina, a transformação que sofreu nesse último ano passando como um filme na minha mente. Nossos primeiros embates. Seus posicionamentos firmes ao defender suas convicções. Um sorriso orgulhoso e melancólico brinca em minha boca. Meus olhos ardendo, meu peito comprimido. *Minha neném...* O rosto inocente ganhando ares de mulher, o corpo amadurecendo. Fecho os olhos, pendendo a cabeça contra o vidro da janela.

Agora eu não sou mais a mão que você segura.

Já que você está partindo...

Cada evento em que ela me acompanhou, linda, parecendo uma princesa. A felicidade que tivemos até o Natal. Eu revivo tudo, cada momento. O sentimento de finitude é tão pungente que me faz estremecer. Nunca mais terei aquele olhar, aquele sorriso doce. É justo. Sofia nunca foi minha. Não de direito. Eu usurpei tudo dela, tirei-lhe o direito de escolha. Não satisfeito, eu a traí quando tinha o seu amor. Meus pecados não são dignos de remissão. É tarde demais. Estou morrendo com essa percepção, porém preciso enfrentar a realidade. É tarde demais.

Você vai me ligar para dizer que está bem?

Por que eu me preocupo com você a noite toda.

Não repita os meus erros...

Serei um amigo para ela de agora em diante. Vou cuidar dela e de Theo, fazer tudo ao meu alcance para mantê-los sempre seguros. Mas vou fazer o que me pediu desde que nosso filho nasceu: ser apenas o pai de Theo. Perdi a chance de ser o homem dela. Joguei tudo fora. É culpa minha, e apenas minha que meu filho nunca terá os pais juntos.

É hora de deixar ir? Agora que você está mais velha.

Não me deixe dessa maneira

Eu não vou dormir até que você esteja sã e salva

Todo mundo tem que encontrar o seu próprio caminho

E tenho certeza que as coisas vão dar certo

Eu queria que isso fosse verdade...

Sim, como eu queria que isso fosse verdade. Abro os olhos e pego meu celular, vendo a proteção de tela. É uma foto dela segurando Theo, na casa da minha avó. Tirei em um dos nossos encontros compartilhados com nosso pequeno. Aqueles momentos fizeram a esperança crescer em mim. Foram dois meses de proximidade. Acreditei que seríamos uma família, que iria me perdoar. Eu sonhei que me casaria com ela de novo. Dessa vez lhe dando a cerimônia digna que não teve na primeira vez. Deus, eu tinha uma certeza... Algo me dizia em meu interior que ainda me amava, ainda me queria, para eu continuar insistindo. Ela deve ter sentido essa mesma decepção, essa sensação aterradora quando acreditou que eu a amava e pisei em seu coração.

Se você cometer os mesmos erros

Eu vou te amar de qualquer maneira

Tudo que sei é que eu não posso viver sem você...

— Chegamos, senhor. — a voz de Renan me desperta do meu sonho. É tudo que é agora, um sonho. Apenas um sonho distante.

Ele estaciona e seguimos para o terminal 2, onde a HTL opera em voos domésticos junto com a GOL. Ando a passos largos, meu coração pesado, preciso vê-la antes de libertá-la de uma vez por todas. Preciso me despedir dela e do meu filho, e me preparar para as longas noites de solidão. Terei que voltar para a minha casa agora. Meio que me alojei na cada da minha avó para dar todo o apoio com Theo e também porque estava cheio de esperanças de um final diferente desse que estou prestes a vivenciar.

Entramos no terminal, atravesso o saguão moderno e sigo para a escada rolante. Alguns transeuntes me olham mais atentamente, talvez me reconhecendo. Renan se mantém a uma boa distância de mim para não dar bandeira. Saio da escada, meu olhar correndo pelos portões de embarque. Meu coração dá um solavanco quando os vejo. Meu passo diminui, minhas mãos estão suando, frias, meu corpo todo começando a tremer. A iminência do encerramento me deixa doente. Vejo minha avó e T perto dela. Não vejo o tal Bruno nas redondezas e agradeço a Deus por isso. Vou me despedir e ir embora. Não preciso ver a vitória estampada no rosto do homem que está levando minha família para longe de mim. Sofia está segurando Theo nos braços. Usa um vestidinho verde, solto, o longo cabelo preso num rabo de cavalo deixando-a com a aparência de menina, mas, o bebê nos braços, dizendo ao mundo que é uma mulher agora. Seu sorriso se abre com algo que

T está dizendo e se inclina, beijando a cabecinha de Theo, seu olhar cheio do mais puro amor para ele. Sinto um misto de inveja e alegria com a cena. Inveja porque sei que nunca mais terei esse olhar e sorrisos doces. Alegria porque ao menos o meu filho terá o amor dela.

Seu olhar levanta e encontra o meu. Vejo a mudança em seu rosto, a mesma resignação que me tomou há uma semana. Não vejo mais raiva, porém. Há uma calma, aceitação em seu semblante. Ela, mais do que ninguém, sabe que esse é o fim. É mesmo tarde demais. Vejo tudo em seu rosto. Tudo que me neguei a ver porque estava consumido pelo desejo de tê-la de volta. Minha avó tem razão, ela perdeu a fé em mim como homem. É isso, nem todas as histórias de amor tem um final feliz. Essa aqui é a vida real. Cometemos erros e pagamos por eles. Continuamos nos olhando fixamente, enquanto vou me aproximando, até que paro à sua frente.

— Eu pensei que não viesse... — sua voz está um pouco trêmula e ela aconchega nosso filho mais perto.

Meus olhos voltam a se encher de lágrimas enquanto a olho em silêncio. Engulo em seco. Quero absorver tudo, cada pequeno detalhe dela, deles, para acessar quando estiver sozinho. Pelo resto da minha vida miserável.

— Eu tinha que vir. — murmuro.

— Por quê? — pergunta. Vejo-a travando uma batalha, mas seus olhos ficam lacrimosos também. — Já dissemos tudo...

— Porque eu precisava ver você. Meu filho... E porque te amo. — sussurro dolorosamente. — Eu te amo tanto. — exala alto, os olhos lindos brilhando. — Desde quando te perdi, há uma dor aqui dentro que não para. — seguro meu peito, encarando-a através das lágrimas ameaçando cair. — Me perdoe, bebê. Eu te machuquei muito. Demorou, mas estou aceitando que não era para ser. Estou te deixando livre, Sofia. Estou abrindo mão de você como homem. Seremos apenas os pais de Theo, como é a sua vontade. — minhas faces estão banhadas. Ouço sons angustiados e surpresos vindo de minha avó e T. Limpo as lágrimas com mãos trementes. Sofia apenas me olha, o rosto marcado pela incredulidade. — Só percebi que tinha ido além da conta quando te empurrei para longe. Só percebi quando já era tarde demais. Não há um só dia em que não me arrependa de tudo de ruim que te fiz. Todos os dias meu coração sangra por ter perdido você, o que estávamos construindo juntos. — percebo, pela visão periférica, as pessoas parando em seu caminho

e olhando, com curiosidade, a cena. — Me perdoe, eu estive tão errado. Deixei minha experiência fodida de vida nublar meus sentimentos por você. — há exclamações e murmúrios a nossa volta, mas não paro, me mostro para ela, como nunca antes. Estou nu, completamente vulnerável à sua frente. — Eu estava morto quando te encontrei e você me trouxe de volta à vida. — ela pisca, os olhos ameaçando transbordarem, mas ainda não diz nada. — E agora estou morrendo de novo, com você e nosso menino indo para longe de mim.

Sofia ofega, segurando Theo junto ao corpo. Ele está fazendo pequenos sons de bebê, sua mãozinha batendo em meu peito, alheio à tensão entre seus pais. Silêncio angustiante se segue, até que percebo que ela não vai dizer nada. É assim que vamos terminar.

— Eu sei que não mereço, mas, por favor, tente me ver como um amigo, pelo menos. — minha voz está rachada, desolada. — Quero continuar sendo um pai presente para o nosso filho. Quero lhe dar todo amor que não tive enquanto crescia. — Sofia aperta os lábios e seu rosto torce com dor. Então, acena levemente, concordando. — Eu vou te amar para sempre. — sussurro com desespero. Ela me olha, parecendo com raiva e tocada ao mesmo tempo. Duas lágrimas grossas rolam em minhas faces. — Meu coração sempre será seu, mesmo que nunca mais estejamos juntos.

Eu me inclino e beijo a cabecinha do meu filho, seu cheirinho de bebê me deixando ainda mais destruído. Não vou poder vê-lo diariamente, vai crescer longe de mim. Não consigo mais segurar, eu choro alto, atraindo cada vez mais atenção para nós. Eu puxo os dois para mim, não querendo soltá-los nunca. Beijo a têmpora de Sofia, que está fungando, soluçando também.

— Seja feliz, bebê. — murmuro quando me afasto para olhá-la uma última vez, morrendo por dentro. — Me perdoe por ter te ferido tanto. — então eu me obrigo a largá-los e me viro, abrindo caminho entre as pessoas, as lágrimas me cegando. Todos me olham com rostos chocados e pesarosos, e eu aperto o passo, precisando sair daqui, procurar algum lugar para chorar sozinho.

— Chefe, pedi a um dos funcionários do hangar para vir buscá-lo na saída norte. — Renan avisa, percebendo que estou a ponto de desmoronar aqui. Agradeço-o por me salvar do vexame de andar pelo aeroporto inteiro no estado em que me encontro. Ofereço-lhe um aceno, meu maxilar apertado a

ponto de rachar.

Desço a escada novamente, lutando comigo mesmo para não olhar para trás, rumo para a área restrita aos funcionários.

Dez minutos depois, eu entro no meu escritório em nosso hangar. As lembranças me assaltam impiedosamente. Tivemos momentos especiais nessa sala. Eu fui tão feliz. Ela me fez tão feliz aqui. Três meses apenas. Três meses que vou lembrar para o resto da minha vida. Ando até a parede de vidro e observo a movimentação da pista de decolagem lá embaixo. Eu choro, meus ombros sacudindo com a dor excruciante. Choro aqui, sozinho, escondido, me sentindo pequeno e insignificante, como aquele menino rechaçado pelos pais há tempos atrás. Meu coração bombeia forte e dolorosamente. O sentimento de solidão é aterrador. É a pior sensação que já senti. Eu a perdi. Oh, meu Deus, eu a perdi! Os sentimentos estão todos aflorados agora, a ficha caindo. É real. Ela me deixou, definitivamente.

Não sei quanto tempo fico aqui, remoendo, revivendo, lamentando por tudo. Em dado momento, volto dos pensamentos e vejo o avião da HTL com destino ao Rio taxiando na pista, se preparando para a decolagem.

— Sofia... — murmuro com dor, deslizando os dedos pela parede de vidro. O avião vai ganhando velocidade e, então, sobe, ganhando o céu de São Paulo. — Neném... — mais lágrimas punitivas turvam meus olhos, enquanto vejo a mulher da minha vida indo embora com meu filho. Eles são de outro agora. — Meu amor... — suspiro entrecortado. — Vou morrer sem você, sem vocês. — o avião é apenas um pequeno ponto no horizonte agora. A dor se torna insuportável e eu caio de joelhos no chão, gritando do fundo da minha alma: — Sofiaaaaaaaa!

Estou a caminho da morte. Como pude perdê-la? Pergunto-me, culpo-me, amaldiçoo-me. Levanto a vista e não há mais nada no horizonte. Ela se foi. Eles se foram.

— Eu vou te amar para sempre, bebê. — sussurro, pequenos soluços desolados continuam escapando de mim.

— Heitor...

A voz é apenas um sussurro às minhas costas e eu congelo. Oh, meu Deus! Meu coração dolorido salta, descompassado. Estou com medo de me virar e perceber que é só uma miragem, meu desespero me pregando peças,

zombando da minha miséria. Começo a pedir com fervor a Deus que ela seja real. Enchendo-me de coragem, eu me levanto devagar e me viro. Puxo o ar agudamente, meus olhos voltando a se encher de lágrimas. Ela está mesmo aqui, a poucos passos de mim. Seu rosto todo banhado de lágrimas, o olhar correndo por todo o meu rosto, sua expressão tão atormentada e sofrida quanto a minha. Seus ombros tremem enquanto nos olhamos, apenas as lágrimas descendo e nossos arquejos soando na sala silenciosa.

— Você está chorando. — ela soluça.

— Você também. — sussurro de volta.

— Por que não consigo deixar de te amar? — chora mais, seus ombros tremendo. — Por quê? Por que te amo tanto?

Exalo, meu coração a ponto de explodir no peito. Ela ainda me ama? Voltou para mim? Oh, Deus, vou passar o resto da vida agradecendo. Eu me aproximo devagar, ainda sem acreditar nisso. Não a mereço, mas passarei todos os meus dias tentando ser o homem que ela precisa e o pai que nosso filho merece.

— Eu pensei que você... Como? — balbucio, minha voz embargada.

— E-eu não consegui... — gagueja, a voz trêmula. — Não consegui... — engasga. — Sou uma tola por não conseguir parar de te amar? — pergunta, parecendo tão destruída quanto eu estou. — Me diga, eu ainda sou tola por te amar tanto assim?

Eu respiro com força, a vontade de puxá-la para meus braços e nunca mais deixá-la sair me esmagando.

— Não, bebê. Eu sou o único tolo aqui. — embargo, emoção crua me enchendo. Ela voltou para mim. Estendo a mão trêmula, tocando seu rosto emocionado. — Oh, Deus, você é mesmo real. — choro, sem qualquer vergonha. — Eu te amo tanto, bebê. — engasgo. — Acredite em mim, por favor. — e então eu a puxo pela cintura, soluçando alto, as lágrimas voltando a cair incessantemente. Encosto minha testa na sua e choramos os dois. Minha doce menina voltou para mim. Ela voltou. Obrigado, meu Deus!

Ontem...

Sofia

Dobro um macacãozinho de Theo, colocando-o na pilha de roupas dele

sobre a cama. Tive que renovar seu enxoval nessa semana, pois meu menino está crescendo e ganhando peso rapidamente. Uma batida soa na porta e, em seguida, a babá entra no quarto com ele a tiracolo, como se tivesse ouvindo meus pensamentos. É muito esperto e ainda não tem nem três meses. Seu sorriso banguela se abre para mim porque já sabe que sou depósito de leite ambulante. Eu me sento na poltrona perto da cama e ela me entrega meu pequeno, entusiasmado. Quando seus olhos azul-gelo me encaram é sempre um misto de emoções. Deus, ele é tão parecido com seu pai. Meu coração aperta, meus olhos ardendo. Amanhã estamos indo embora para longe dele. Eu devia estar mais feliz. Estou arrancando-o da minha vida de uma vez por todas. Suspiro, colocando o seio direito para fora, que Theo o pega com avidez.

A moça pede licença, me dando privacidade com o meu bebê. Toco seu cabelo cor de cobre, outro lembrete de Heitor. Meus olhos ficam turvos, a dor crônica ardendo em meu peito. Nunca irei esquecê-lo. Nunca. Sei, no fundo do meu ser, que nunca mais amarei outro homem dessa maneira, com esse desespero e intensidade. Nosso tempo juntos foi tão breve. Breve demais. Mais lágrimas traiçoeiras enchem meus olhos. Mesmo não querendo, sei que vou guardar aqueles dias, principalmente os bons, para sempre. Foi uma semana difícil demais essa última. Nosso fim está se aproximando. Eu me obriguei a tomar providências na noite do seu aniversário quando partiu para cima de mim, me seduzindo facilmente. Isso provou que não sou tão forte perto dele quanto pensei. Ele é quem me poupou esse tempo todo não forçando a barra antes. Constatar isso me fez sentir fraca, humilhada, e me recuso a ser fraca de novo.

Minha cabeça fervilhou nesses últimos dias, não vou dizer que não sinto vontade de mandar a cautela às favas e lhe dar outra chance. Eu sinto. Contudo, se voltasse para ele eu viveria com medo de que ele se cansasse de mim e decidisse ir para outras mulheres. Só estou me resguardando de mais sofrimento no futuro. Que garantias posso ter de que Heitor realmente mudou? Que ele realmente sente amor por mim agora? Quem me garante que não está querendo uma família apenas para deixar sua avó feliz, uma vez que a desapontou muito. Seria apenas conveniência, como fui desde o começo para ele. Não, é muito difícil acreditar que exista amor da sua parte quando me disse tantas vezes que nunca quis isso. Eu não suportaria ser ferida daquela forma outra vez. Por mais que o ame – e, Deus, eu amo com todo o

meu coração – não posso me colocar nessa posição vulnerável de novo.

Carla é a favor de eu dar mais uma chance a ele, traidora. Ela é romântica demais e acredita na mudança de Heitor. Quando lhe contei como ele me ajudou a cuidar de Theo desde o nascimento, minha melhor amiga virou a casaca total. Outra que está levantando a bandeira de Heitor para Presidente – ironizo – é Calista. Nós nos falamos ontem e ela acha que estou me precipitando ao seguir Bruno para o Rio. A mulher tem uma certeza irritante de que o Heitor e eu vamos voltar. Não sei de onde tirou tal ideia. Há casos em que só o amor não é o suficiente. Nunca conseguiria confiar nele outra vez. Não consigo esquecer a dor que me causou.

A porta se abre e Magnólia coloca a cabeça para dentro. Eu a convido a entrar com um pequeno sorriso. Ela vem, parecendo um pouco cautelosa, para perto e se senta aos pés da cama. Seu olhar cai para as coisinhas de Theo e vejo a tristeza tomando seu semblante. Eu me sinto mal por estar levando seu bisneto para longe. Ela cuidou com tanto carinho de nós dois. Mas é preciso para me dar um encerramento.

— Precisa de ajuda com algo, querida? — sua voz é tão pequena, fazendo meu mal-estar se intensificar.

— Não, vovó, obrigada. — digo com suavidade. Meus olhos se enchendo de lágrimas, um nó se formando na minha garganta.

Um silêncio cai sobre nós.

— Eu quero que saiba que estarei aqui para vocês dois, Sofia. — ela diz e eu a olho, acenando levemente.

— Eu sei. — engulo em seco. — Obrigada. Estamos indo para o Rio. — tento sorrir, só que meu sorriso sai rachado. — É tão perto...

Ela abre um sorriso compreensivo, porém triste.

— Sim, querida. Nos veremos com frequência. — repete, seus olhos castanhos me sondando. Troco meu menino para o outro seio. Ela sorri, olhando-o amorosa, e seu olhar volta para o meu. — Será um golpe duro para nós. Todos nós. Nos acostumamos a estar com Theo todos os dias.

Eu ofego, meus olhos ardendo mais. Ela incluiu Heitor sutilmente em sua demanda. Sim, ele pode ter todos os defeitos, mas tem se mostrado um pai incrível para o nosso menino. A culpa por levar Theo para longe deles me faz

desviar o olhar. Ela vê tudo dentro de mim, não adianta mentir.

— Você ainda o ama. — não é uma pergunta. — Isso transparece em seu rosto toda vez que olha para ele. — sua afirmação é dolorosa, porque sabe que a minha decisão está tomada.

— Sim. — admito, voltando a encará-la, meus olhos turvos de lágrimas. — Meu amor nunca foi o problema... Ele é o homem da minha vida, sinto isso em cada fibra do meu ser.

Ela limpa as lágrimas com cuidado, seus gestos muito elegantes, no entanto, as mãos estão mostrando sua emoção.

— Mas é tarde para nós, vovó. — murmuro com pesar. — Tarde demais.

— Eu sei, minha menina. Você foi muito ferida. É natural que tenha se armado contra ele... — seus olhos amorosos e desolados fitam os meus. — Vá. Conheça o mundo, viva. Tome as suas próprias decisões. — minhas lágrimas descem pelas faces. Lamento tanto por ter que deixá-la. Deixar T, meu querido amigo. Eu os amo tanto. Soluço baixinho. — Mas, se em algum momento perceber que consegue dar outra chance ao seu grande amor, então faça, não pense muito, apenas volte para ele, para nós.

— Eu não confio mais nele. — balbucio. — Quais garantias teria se voltasse, se tentasse...

Ela assente, os olhos compreensivos e dóceis.

— Não há garantias no amor, Sofia. Não há garantias em nenhum aspecto da vida humana, querida. — murmura com sabedoria. — Viver é fazer apostas o tempo todo. Você é quem tem que decidir se vale a pena o risco.

Eu aperto os lábios e balanço a cabeça.

— Preciso partir para ser dona de mim. — puxo uma respiração ruidosa. — Preciso ao menos tentar curar o meu coração. Isso não será possível aqui, perto dele.

— Eu sei. — diz com voz emocionada. — Só que esse tipo de amor... — seu olhar segura o meu firmemente. — Pessoas passam por essa vida sem nunca sentir o que vocês dois sentem pelo outro, filha. — abro a boca para falar, mas ela me cala com um gesto. — Eu sei o quanto meu neto a machucou, mas abra os olhos e se permita enxergar o amor de Heitor, Sofia. Ele te ama. É real, verdadeiro. — eu choro mais. — Os relacionamentos não

são lineares. Algumas pessoas têm uma alma naturalmente gentil e amorosa, sem lapidação. — um sorriso delicado ilumina seu rosto e ela acrescenta baixinho: — Como o meu Humberto. — é o avô de Heitor. Ele a deixou viúva aos quarenta e quatro anos. Jovem ainda, porém Magnólia nunca mais se casou ou se relacionou com outro homem. — E há aquelas que precisam ser lapidadas, e são forjadas pela dor, e, muitas vezes, pelos erros. Esse é o meu Heitor.

— Sinto muito. — murmuro.

— Não, querida. Não se desculpe. — ela chega para perto, sua mão tomando a minha. — Seja fiel ao seu coração. Há decisões que precisam ser tomadas com o coração, minha menina.

— Obrigada, por tudo. — eu murmuro, meu peito apertado, mas aprecio seu carinho e compreensão.

Hoje... Aeroporto de Guarulhos...

— Eu sei que não mereço, mas, por favor, tente me ver como um amigo, pelo menos. — Heitor parece completamente desolado. Roguei a Deus para que ele não viesse porque sabia que seria doloroso demais. Quando o avistei vindo em minha direção, tão devastadoramente bonito em seu terno de três peças, parecendo também tão perdido, tão sofrido, eu só quis me encolher e chorar por mim, por nós, pela vida que nunca teremos juntos. — Quero continuar sendo um pai presente para o nosso filho. Quero lhe dar todo amor que não tive enquanto crescia. — tento me manter inalterada a todo custo. Mas é tão difícil. Meus Deus, por que ele veio até aqui? Desde ontem as minhas emoções estão em frangalhos. A conversa com Magnólia mexeu comigo profundamente. — Eu vou te amar para sempre. — sussurra, os olhos azuis glaciais cheios de tristeza. Alguém pode fingir algo assim? Pergunto-me com raiva, tocada, mexida, mesmo contra a minha vontade. Duas lágrimas grossas rolam pelas suas faces. — Meu coração sempre será seu, mesmo que nunca mais estejamos juntos.

Ele se debruça, beijando a cabecinha de Theo. Tocar nosso filho parece quebrar qualquer contenção e Heitor chora alto, atraindo cada vez mais atenção para nós. Oh, Deus, ele está chorando... Na frente de todo mundo. O homem frio está chorando, tremendo na minha frente. Ele puxa a mim e Theo para seus braços, dá para sentir o seu desespero agora. Minhas lágrimas descem também e eu soluço, inalando seu cheiro pela última vez, morrendo,

sangrando por dentro. *Meu coração sempre será seu também.* Digo-lhe em pensamentos. Fecho os olhos ao sentir seus lábios mornos em minha têmpora. Outro soluço me escapa. Esse mais pungente, tão dolorido. É o nosso fim.

— Seja feliz, bebê. — murmura, se afastando o suficiente para nossos olhares se cruzarem uma última vez. Ele parece destruído e isso me faz mal. Era isso que eu queria, não era? Machucá-lo como fui machucada? Resfolego, meu coração saltando, doendo tanto que fico momentaneamente sem ar. Mas o seu sofrimento me machuca também. O amor imenso que sempre irei sentir por ele me impede de ficar feliz com a sua dor. Emoções intensas e controversas me assaltam enquanto vejo o homem que amo além do que consigo explicar, desmoronar diante de mim. — Me perdoe por ter te ferido tanto. — sussurra com a voz áspera de lágrimas, então a sua expressão fica mais desesperada e ele nos solta, se afastando a passos largos. Há muita gente curiosa, parada, nos observando e eu choro baixinho, vendo o homem da minha vida me deixando livre, como lhe pedi tantas vezes. Ele me deixou livre. Ele desistiu de mim.

Braços me envolvem nos dois lados. Magnólia e T. Eles não dizem nada, apenas me seguram. Eu não disfarço mais, choro, soluçando, sentindo cada parte de mim doer. Ele desistiu de mim. *Heitor*... Chamo-o em silêncio, tudo em mim se rebelando contra a ideia de deixá-lo de vez. Pela primeira vez, eu o vi colocando minha vontade acima da sua.

— Vamos, querida? — a voz de Bruno me sobressalta.

Ele tinha ido comprar remédio para as cólicas que Theo vem sentindo nos últimos dias. A culpa me inunda por estar aqui chorando por outro homem. Magnólia e T me soltam. Bruno tira Theo dos meus braços. Eu enxugo meu rosto, meu coração está em conflito agora. No entanto, não posso me permitir fraquejar. Heitor e Sofia será uma lembrança de agora em diante. Ele viverá em minhas lembranças. Enchendo-me de determinação, eu me viro para a vovó Mag. Ela me olha com tristeza e me abraça.

— Essa velha senhora te ama. — murmura, me fazendo soluçar. — Cuide-se, minha menina. — ela se afasta um pouco, seus olhos encontrando os meus, e sussurra: — Lembre-se: há decisões que precisam ser tomadas com o coração.

Aceno, engasgada.

— Eu também amo a senhora. Obrigada por cuidar de mim e do meu menino. — murmuro.

Ela me beija na bochecha e dá a vez para T. Essa é uma das poucas vezes que o vejo sério. Ele me puxa num abraço de urso e beija minha cabeça.

— Bonitinha, eu odeio despedidas. — resmunga no meu ouvido, me fazendo rir um pouco. Então ele também se afasta, seus olhos escuros se fixando nos meus, como se quisesse me passar algo sem palavras. — Eu estarei bem aqui, se precisar. — aceno, emocionada com sua amizade.

— Obrigada. — sussurro, tocando seu rosto bonito e o beijo na bochecha. — Você é bem-vindo para nos visitar a qualquer hora.

Ele sorri e beija minha testa.

— Eu estarei bem aqui para você. — repete.

Bruno troca palavras cordiais com eles, em seguida segura a minha mão e nos dirigimos para o embarque. Passamos pelo detector de metais e entramos na plataforma móvel que leva direto à aeronave. Faço tudo no piloto automático. Minha mente volta para a sala de embarque, os olhos azul-gelo vívidos, como se estivesse aqui, na minha frente, a expressão de puro desespero de Heitor. Suas palavras. Sua declaração de amor. Seus pedidos de perdão. Seu choro em público. Eu sei o quanto preza a sua privacidade, mas abriu mão disso hoje, por mim. Os sentimentos estão me sufocando e eu olho de lado, através das paredes de vidro da plataforma. Ofego, vendo o hangar da HTL ao norte do enorme pátio do aeroporto. Meu coração dói tanto, que cambaleio um pouco, meus olhos voltando a se encher de lágrimas. Oh, meu Deus, por que o amo tanto? Não posso entregar meu coração de novo. Não posso. Eu não... *Há decisões que precisam ser tomadas com o coração, querida.* As palavras amorosas de Magnólia voltam em minha mente. Ele está dizendo a verdade? Heitor realmente me ama? Percebo, pela primeira vez em seis meses, que quero acreditar nisso. Quero desesperadamente que ele me ame. Ainda quero o seu amor. Meus passos diminuem, a porta do avião a poucos metros de nós. *Não há garantias no amor.* Magnólia torna a soprar em meu ouvido. *Viver é fazer apostas...*

Meu corpo todo treme, minhas lágrimas transbordam, descendo pelas faces, e eu paro. Se eu entrar nesse avião será o fim. Oh, Deus, eu não consigo ir. Não consigo deixar o amor da minha vida para trás. Uma miríade

de emoções me toma. Medo, amor, saudade. Perdão. Eu amo tanto aquele homem. Sim, vou apostar de novo, dar outro salto de fé. Dessa vez espero que ele me segure, porque não conseguirei me recuperar de outra queda. Um soluço alto me escapa com essa decisão. Eu sou dele. Nunca deixei de ser dele. Nunca.

— O que... — a sentença de Bruno morre, e quando eu o encaro, ele está me olhando, parado na porta do avião. Quando vê que não o acompanhei, volta, saindo do caminho dos outros passageiros. Nós nos encaramos em silêncio por alguns instantes.

— Eu não posso... — choro, sem controle, com vergonha por tê-lo iludido quando meu coração não estava livre. Nunca estaria livre. — Pensei que poderia, mas não posso. Me desculpe.

Ele engole audivelmente, seu maxilar trincando, o olhar sério no meu. Os passageiros passam por nós, olhando-nos com curiosidade. Bruno suspira lentamente.

— Vá para ele. — seu tom é derrotado, porém firme. — Eu estava tentando pegar algo que não me pertence. — respira com resignação. — O jeito que vocês se olham é... meu Deus... O jeito que olha para ele é como se não houvesse mais ninguém no mundo. — eu me espanto. Eu olho para Heitor dessa forma? — E ele te olha com a mesma intensidade, ou mais. Vi isso na festa de aniversário dele. Na ocasião eu quis fazê-lo sentir ciúmes. Mas cada vez que seus olhares se cruzavam, eu via tudo. — Bruno se cala e eu choro mais. — Vá para ele. Vocês são dele, não meus. Eu estou aceitando isso.

— Me perdoe. — minhas lágrimas caem livremente e ele me entrega Theo, que está balbuciando alheio à nossa mudança de planos. — Mas você está certo. Eu lutei demais contra esse amor. Não posso mais ignorar o que o meu coração pede. — ele acena, me dando um pequeno sorriso triste. — Você é um cara especial, Bruno. Obrigada por seu carinho, por ser meu amigo, antes de tudo. Eu... Eu... — balbucio, sem saber o que mais dizer.

— Vá, Sofia. — diz com olhos brilhantes, ajeitando a bolsa de Theo em meu ombro. — Seja feliz. — ele olha para Theo, que dá uma risadinha de volta. — Sejam felizes. — ele se inclina e beija a nós dois, então caminha para dentro do avião.

Eu olho para o meu menino, minhas lágrimas caindo abundantemente. Meu coração batendo forte.

— Vamos voltar para o papai, meu amor. — murmuro, beijando sua cabecinha. — Nós somos dele, a mamãe não vai mais negar isso.

Theo ri alto, como se entendesse tudo. Seus lindos olhos azuis iguais aos de seu pai me fazem chorar mais. *Heitor... Meu amor.* Meu peito aperta com a dolorosa expectativa e eu dou meia-volta para a sala de embarque.

Meu cenho franze quando vejo T e Magnólia exatamente onde os deixei. Então compreendo o que quis dizer com *estarei bem aqui, se precisar.* Ele abre um sorrisão e vovó Mag leva as mãos à boca, recomeçando a chorar.

— Essa é a minha garota! — T se apressa, tomando Theo em seus braços. — Meu afilhado vai passar algum tempo comigo. — sorri com seu charme em dia. — Você e H podem levar o tempo que quiserem... Uh, se reconciliando... — ele pisca e Magnólia ri entre lágrimas. — Renan irá levá-la até o meu irmão. — eu olho para o lado e vejo Renan vindo até nós com passos decididos, não disfarçando um meio sorriso.

— Vá, minha menina! — vovó Mag diz com a voz embargada. — Nós vamos cuidar de Theo.

Cerca de dez minutos depois eu paro do lado de fora do escritório de Heitor. Renan disse que ele está ali dentro. Minhas mãos estão trêmulas, suadas, meu coração retumbando no peito, me deixando tonta. Antes que perca a coragem, giro a maçaneta e empurro suavemente a porta. Corro os olhos pela sala e o vejo inclinado contra a parede de vidro, olhando para a pista de pouso. Minhas pernas estão bambas, ainda bem que estou usando sandálias rasteiras. Eu ando em silêncio para perto, meus olhos correndo gananciosos por todo ele, o homem que me tem completamente. As lágrimas descem sem controle agora.

— Sofia... — ouço-o me chamar, a dor tão latente em seu tom, enquanto desliza os dedos pela parede de vidro. Vejo o avião da HTL ganhando o céu. Ele acredita que embarquei. — Neném... — meus Deus... Ele está destruído. Meu corpo estremece e eu continuo observando-o, chocada, profundamente tocada. — Meu amor... — suspira entrecortado. — Vou morrer sem você, sem vocês. — o avião vai ficando cada vez mais alto, apenas um ponto longínquo, e Heitor emite um som de profunda dor, caindo de joelhos no

chão. — Sofiaaaaaaa!

Eu ofego alto e, nesse momento, testemunhando a sua dor aqui, escondido de todo mundo, é como se uma cortina saísse da minha frente, desobstruindo a minha visão. Ele me ama. Eu fico sem ar, querendo-o tanto. Amando-o ainda mais. Oh, meu Deus! Ele realmente me ama! O misto de sentimentos volta a me golpear sem dó. Ele me ama.

— Eu vou te amar para sempre, bebê. — sussurra, emitindo pequenos soluços quebrados e eu não posso mais ficar aqui só observando-o, como uma covarde. Limpando a garganta, eu o chamo baixinho, minha própria voz cheia de dor por testemunhar o estado em que o deixei.

— Heitor...

Ele consegue me ouvir porque congela. Ouço-o inalando o ar. Demora um pouco para se levantar e se virar para mim. Meu coração aperta dolorosamente quando vejo seu rosto todo banhado de lágrimas, sua expressão de derrota, torturada. Ele não parece acreditar que estou aqui no primeiro momento. Permanecemos em silêncio, apenas nos olhando com soluços doloridos escapando de nossas bocas.

— Você está chorando. — eu digo entre soluços.

— Você também. — ele me diz de volta.

— Por que não consigo deixar de te amar? — é a segunda coisa que sai da minha boca. — Por quê? Por que te amo tanto?

Vejo a esperança invadir seu semblante e mais lágrimas encherem seus belos olhos. Ele começa a vir em minha direção, tão bonito que meu coração gagueja. Mesmo estando uma bagunça, ainda é o homem mais devastadoramente bonito que já vi. Na verdade, ele está mil vezes mais bonito agora, se mostrando sem disfarces para mim.

— Eu pensei que você... Como? — suas palavras saem embargadas.

— E-eu não consegui... — gaguejo, tremendo muito. — Não consegui... — engasgo. — Sou uma tola por não conseguir parar de te amar? — pergunto, ainda querendo garantias porque não vou suportar ser ferida de novo. — Eu pensei que ia morrer se entrasse naquele avião. Eu pensei que podia, mas não posso te deixar, não posso. — choro alto. — Me diga, eu ainda sou tola por te amar tanto assim?

Ele inala o ar bruscamente com as minhas palavras atropeladas e a declaração contida nelas.

— Não, bebê. Eu sou o único tolo aqui. — ele para bem perto de mim e estende a mão trêmula, tocando meu rosto. — Oh, Deus, você é mesmo real. — murmura, seus lindos olhos azuis um misto de emoções. — Eu te amo tanto, Sofia. — engasga. — Acredite em mim, neném. — e eu acredito. Eu empurro todas as dúvidas, a mágoa e a dor para longe. Ele me puxa pela cintura, soluçando alto, as lágrimas grossas, sentidas, voltando a cair incessantemente. Sua testa desce na minha e eu o abraço pelos ombros, puxando-o com o mesmo desespero para mim. Nós nos agarramos, nossos olhares fixos, e choramos. Choramos por tudo, pelo tempo perdido. Mas, principalmente, pela dor que causamos um ao outro.

— Heitor... — arquejo, tocando seu rosto também. — Meu amor... — ele chora mais com as minhas palavras, seus ombros sacudindo. — Eu acredito. Eu acredito. — repito.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, apenas nos segurando perto, nos sentindo, encontrando o caminho de volta para o outro. Tanto tempo, meu Deus. Tanto tempo. Nós balançamos, um embalando o outro até nossos soluços irem diminuindo, nossas emoções ficando mais controladas.

— Meu coração, meu corpo, minha alma são seus. — sussurra asperamente, sua boca se aproximando da minha. Eu limpo suas lágrimas e ele limpa as minhas. — Para sempre. Nunca mais vou te ferir. Prefiro morrer a te machucar de novo.

Oh, meu Deus... Meus olhos turvam novamente. Seus olhos suaves, seu amor transparecendo em seu rosto me nocauteiam. Foi uma longa e dolorosa jornada.

— Eu te machuquei também. — sussurro, conseguindo enxergar agora, lamentando ter sido tão cruel com ele. — Eu estava tão magoada, Heitor. Me perdoe. — corro meus dedos trêmulos pelo rosto perfeito que tanto amo. Os olhos azul-gelo continuam transbordando. — Eu te amo tanto. Nunca quis isso entre nós. Eu só queria te amar, sem brigas, sem dívida, sem mágoas, sem dor. — ele respira tremulamente, seus dedos suaves em meu rosto. Nossas bocas respiram uma na outra. — Eu só queria o seu amor. Eu sempre vou querer o seu amor. — embargo, chorando de novo.

— E você o tem, bebê. — sua mão desliza do meu rosto para a minha nuca. — Sempre o terá. — sussurra contra a minha boca.

Então ele me beija. É o nosso primeiro beijo de amor e é perfeito. Nossas bocas se encontram apaixonadas, mas tomando o nosso tempo. É lento, gostoso, um reencontro que pensei que nunca teria. Heitor chupa a minha língua devagar e a mão da minha cintura me puxa para mais perto, abrindo-a na parte baixa das minhas costas, colando-me ao seu corpo poderoso. Nossas lágrimas se misturam enquanto nos beijamos numa entrega total. Arfo, deslizando as mãos pelos ombros fortes, correndo meus dedos em seu cabelo curto e macio. Sinto-o começando a endurecer contra meu ventre e sua boca vai ficando mais exigente na minha. Ele me morde com suavidade erótica e geme roucamente, a mão agarrando a minha bunda.

— Heitor... — digo com voz embargada contra seus lábios.

— Sim, bebê. Me chame assim de novo, por favor. — ele geme, abrindo os olhos diretamente para os meus. — Eu sonhei tanto com isso, porra. Esse tom, essa cadência, me perseguiram em cada noite que deitei na minha cama sem você.

Eu choro, emocionada. Há fome em sua expressão, mas agora há também uma ternura, que na minha mágoa, não me permitiu ver em seus olhos.

— Heitor... — torno a murmurar seu nome. Ele meio que grunhe, os olhos cintilando ferozmente, a luxúria tomando as rédeas. Ofego, o tesão latente, escandaloso, sempre presente entre nós, nos engolfando impiedosamente. Levo minhas mãos para o zíper do meu vestido e o desço, meus olhos presos aos dele. — Estou lhe entregando tudo de novo. Cada partícula do meu ser pertence a você. — ele puxa uma respiração ruidosa, meio que rosnando. — Me tome de volta. Tudo de mim, meu amor.

Heitor emite um som que é um misto de júbilo, dor, amor, reverência, quando o vestido cai no chão. Eu me livro rapidamente do sutiã e ele range os dentes, vendo meus seios cheios, pesados de leite. Desço a calcinha lentamente pelas pernas. Seus olhos brilham predatoriamente, então ele me toca, finalmente, as mãos passeando pelo meu ventre, subindo pelos seios, amassando-os, puxando os mamilos. Eu gemo alto, sem vergonha. Minhas paredes encharcam, ficando lisas, prontas para tomá-lo. Sua carícia sobe pelo pescoço e ele me puxa pelo cabelo da nuca, aproximando nossos corpos outra vez.

— Deus, bebê, a fome que estou por você... — rosna bem perto da minha

boca. — Já tem tanto tempo para mim... — suas mãos estão tremendo, a emoção permeando seu rosto. — Não toquei outra mulher depois que... Depois...

Ele se cala, apertando a mandíbula. Eu ofego, meu coração cantando com sua revelação. Eu acredito. Estou olhando-o nos olhos e vejo que está dizendo a verdade. Não esteve com ninguém durante o tempo em que ficamos separados. Meus olhos se enchem de lágrimas pela enésima vez. Eu fui tão injusta com ele, achando que seu cuidado com a aparência era por causa de outra mulher. Ele fez isso para mim, talvez tentando competir com Bruno. Deve ter se sentido tão ameaçado. Lamento por ter deixado a mágoa me cegar e feri-lo tanto.

— Eu amo você. — choro, colocando meu coração nos olhos. — Também não estive com ninguém. Continuo sendo apenas sua. Só sua.

Seus olhos glaciais denotam surpresa, alívio, e depois cintilam com lágrimas frescas. Oh, Deus, somos uma bagunça aqui.

— Porra, eu estava tão atormentado com isso. Eu quis matar aquele imbecil... — rosna. — Por outro lado, não podia culpá-la. Eu a amaria do mesmo jeito, bebê. — murmura com adoração em seu tom e olhar. — Mas saber que continua sendo apenas minha me joga na lona. — ele parece tão emocionado, seu polegar insinua em minha boca e eu o sugo, atrevida. Ele geme, um som masculino, transbordando de desejo, o olhar penetrante no meu. Começo a despi-lo do terno, tomando a iniciativa de vez. Ele rosna mais, me ajudando com cada peça até que está completamente nu na minha frente. Seguro seu pau, choramingando ao sentir o eixo longo e grosso, adorando sentir a carne dura e quente pulsando em minha palma. Meu núcleo lateja, os líquidos escorrendo entre meus lábios, deixando-me pegajosa. Ele range, puxando minha mão para longe. — Droga, menina, não faça isso ou vou gozar antes de entrar em sua boceta. — sua boca morna cai para meu pescoço e ele suga, morde com pressão, descendo para o ombro, deixando-me insana de tanto desejo.

Eu me seguro em seus ombros e arqueio-me, meu corpo todo convulsiona quando lambe um mamilo depois o outro. Fica assim, brincando comigo, me fazendo ganir, pulsos de calor devasso incendiando meu baixo ventre.

— Estão doendo? — grunhe contra meu seio direito, mordiscando o bico.

— Sim... — murmuro. Eu tenho muito leite, graças a Deus. Ele sorri baixinho, voltando a ser o Heitor depravado, dominante, viril, pervertido no sexo, que conheço tão bem.

— Eu vou mamar bem gostoso e aliviar a minha neném... — sussurra e engole meu seio quase todo. Chupa com firmeza e a sensação do líquido saindo para a sua boca, meus fluídos indo para o corpo dele, me deixa tonta, dopada de prazer.

— Oh, Deus... Sim, amor... — seguro sua cabeça e me dou sem qualquer pudor. — Mama em mim. — ele rosna e passa a sugar com mais força, rolando a língua no mamilo, fazendo-me pulsar tanto que esfrego as coxas pegajosas uma na outra. Uma mão serpenteia pelo meu ventre já totalmente reto e recuperado da gestação. Eu choro quando cava minha vagina com posse, reconquistando território. Heitor grunhe contra meu peito e morde o bico ao mesmo tempo em que mete um dedo grosso em meu canal liso. Seu polegar encontra meu clitóris e ele me fode com o dedo bem fundo. Arde um pouco devido ao tempo que fiquei sem sexo.

— Porra, essa bocetinha está tão apertada... Vai estrangular o meu pau, bebê. — resmunga e passa para o outro seio, lambendo eroticamente o bico antes de cair de boca, quase comendo meu seio. Ele parece fora de si, esfomeado por mim. Mama com força, o barulho da sucção enchendo o cômodo de depravação. Parece tão... Tão devasso, meu homem tomando o meu leite. Mas é tão excitante. Quando morde o bico com certa pressão e esfrega meu montículo sem dó, eu quebro, gritando e gozando escandalosamente. Heitor rosna e me come até os espasmos passarem. Retira seus dedos de mim e, em seguida, seus braços descem pelas minhas costas até alcançar a bunda e me levanta. Eu o abraço com as pernas trêmulas. Sua boca invade a minha em um beijo urgente. Ele me devora com fome, suas mãos amassando, se infiltrando em minha racha traseira. Eu me esfrego em seu pau enorme, chupando sua língua. Ele solta um som feral, vibrando direto em minha boca. — Preciso estar dentro de você agora. Está protegida? — grunhe, não parando o ataque a meus lábios, queixo, descendo para o pescoço em mordidas e chupadas esfomeadas.

— Sim, estou protegida. — eu me rendo, choramingando, deixando-o me marcar.

— Vou ser cuidadoso, bebê. — promete, mas seu tom é engrossado, rude pelo tesão. Ele me deposita no amplo sofá de couro negro.

Pega meu pé esquerdo e com lentidão sexy retira a sandália. Beija-o todo, o contato dos lábios mornos com a minha pele me fazendo arquejar. Ele ri e faz o mesmo com o outro pé. Deus, ele está lindo, em pé, soberbamente belo e nu. Pronto para me fazer dele de novo. Eu pulso, latejo, desesperada para

tê-lo dentro de mim. Ele deve ver isso estampado em meu rosto, porque aquele canto de boca perverso sobe, me fazendo arfar.

— Eu preciso lamber você toda primeiro. — diz asperamente, se debruçando sobre mim, colocando as mãos apoiadas dos lados da minha cabeça no estofado. Com o olhar fixo no meu, sua boca perversa abaixa e ele dá uma mordida deliciosa e um pouco dolorida na carne macia do meu seio. Eu grito, arqueando-me lamentosa. Então ele faz o que disse que faria, me lambe toda, deixando uma mordida e chupão gostoso aqui e ali. Meu corpo deve estar todo marcado já, porém não me importo. Pingos de chuva batem forte contra a vidraça.

Lá fora começa a cair um temporal. Eu olho de lado para as paredes de vidro, a chuva sempre me deslumbra. Seu corpo grande e cheiroso serpenteia no meu, se arrastando para baixo e apalpa entre as minhas coxas, cavando a minha vagina com a possessividade que amo demais. Meu olhar volta para o seu e eu gemo alto ao sentir seu hálito quente em minhas dobras. Seus dedos arreganham meus lábios e eu grito em lamento quando me lambe lentamente, enfiando a língua em minha vulva, girando-a lá dentro. Ele faz isso com lentidão no começo, apenas me torturando, me deixando na borda, sem fazer pressão para eu gozar. Um dedo esfregando a minha pequena protuberância, enquanto enfia a língua em mim cada vez mais fundo, rosnando, gemendo rouco. Enfia dois dedos em minha vulva e grunhe, passando a me foder devagar, mas firme, me preparando para tomá-lo todo. Estou quase lá. Ofego, minha respiração errática, e ele puxa os dedos, deixando apenas as pontas, massageando meu ponto G, os olhos azul-gelo prendendo-me perversamente.

— Ahh, Heitor... — balbucio, meu corpo todo se preparando para o orgasmo. — Por favor, amor... Preciso de você todo dentro de mim... Me dê isso.

Ele rosna, os olhos selvagens, cheios de tesão descontrolado, então se arrasta para cima de mim.

— Minha neném quer o meu pau todo? — sussurra com depravação. Estremecemos, gemendo rudemente, desvairados, quando seu corpo desce em cima do meu, nossas peles se tocando. Apoiado nos antebraços, ele se alinha em minha entrada. Eu ofego, esperando, ansiando pelo seu pau. — Abra bem as pernas para mim, bebê. — murmura em minha boca e eu choramingo de boca aberta, arreganhando-me toda, então ele vai metendo a cabeça larga. Eu me seguro em seus ombros amplos e duros, tremendo, morrendo para sentir de novo a sensação perfeita dele dentro de mim. Ele entra colado, apertado,

ardendo um pouco, e eu ofego, choramingando de prazer perverso. — Assim, meu amor, abra essa bocetinha para o meu pau. Ela é minha. Vou meter tudo, como a minha menina perfeita gosta.

— Oh, sim, sim... — eu choro, pendurada em seus ombros e ele empurra tudo, até o cabo, enchendo-me toda. Eu grito alto, escandalosa, palpitando, chupando-o gananciosa para dentro de mim, como sempre fiz.

— Sofia... — ele geme longamente, rangendo os dentes, parando uns segundos para eu me acostumar com seu grande volume. — Eu te amo, bebê... — grunhe com um desespero pungente, e suas mãos seguram cada lado do meu rosto, então eu o abraço com as pernas.

— Eu também te amo. Muito, muito. — digo de volta com o mesmo desespero.

Ele mói, esfregando minhas paredes sensualmente. Nossos olhares fixos, respirando na boca um do outro, inebriados, embriagados de amor. A chuva se torna mais forte, castigando a vidraça, trovões e raios cortando o céu. Heitor rosna e puxa quase tudo, voltando lentamente, me enchendo até o fundo. Faz isso duas, três vezes, me comendo devagar, sem pressa, embora sua expressão seja feroz. Imagino que queira bater em mim com força e profundo, do jeito bruto que tanto aprecia. Arqueio as costas, meus calcanhares puxando-o pela bunda dura, incitando-o a me tomar do jeito que sei que está louco para fazer. Ele ri e ganha impulso, passando a meter furiosamente agora. Não há nada parecido com isso em todo o mundo, sei disso em minhas entranhas. Jamais sentiria isso com ninguém mais. Ele me come com força, socando até o punho, rasgando sem dó, e eu amo. Sua boca viaja para o meu ouvido e ele suga o lóbulo, mordiscando-o em seguida, seu eixo longo e grosso sendo enterrado vorazmente em minha vulva cremosa.

— Assim, meu amor... Deliciosa... Vamos, toma mais, bebê. Que saudade de comer essa bocetinha apertada... Saudade de gozar gostoso com a minha menina... — geme, metendo mais e mais em mim.

Arquejo, perdida, soterrada com tantos sentimentos me golpeando. Luxúria voraz, paixão, felicidade sem tamanho e o amor. Deus, tanto, tanto amor pelo meu lindo homem complicado. Eu iria definhar e morrer aos poucos longe dele. Como não percebi isso antes? Como deixei a raiva e a mágoa me cegarem assim? Perdemos tanto tempo.

Heitor parece perceber o meu tumulto de emoções porque abaixa a boca na minha. Seus lábios se abrem nos meus num gemido animalesco, esfomeado. Nós nos agarramos como se quiséssemos nos fundir para sempre,

e eu o deixo me comer do jeito que quiser. Gememos, rosnamos, urramos na boca um do outro. Seus olhos perfuram os meus de novo enquanto seu pau entra e sai de mim bruscamente, fazendo um barulho alto na sala. Ele me olha firmemente, enquanto me come e por fim abaixa a cabeça, pegando um mamilo entre os dentes. Ofego, minhas entranhas sendo invadidas pela quentura deliciosa, ameaçando devastar tudo. Minha respiração fica rasa enquanto ele me fode sem dó e chupa meu seio, mamando perversamente. Eu me penduro nele e me arreganho, arquejando, meu corpo todo começando a sofrer espasmos até o gozo explodir, violento, no fundo do meu ventre.

— Ahhhhh! Heitor... Oh, meu Deus... — choro, alucinada de tanto prazer, meu corpo estremecendo, sendo brutalmente devastado pelo orgasmo poderoso. Ele passa os braços por baixo das minhas costas e puxa meus ombros, dessa forma a penetração é mais profunda. Não perde tempo, empurrando-se até não poder mais, urrando, completamente fora de controle. O suor está brotando em nossas peles mesmo com o ar condicionado. Rosnados ferais deixam sua boca direto na minha, seu pau me rasgando sem pena, e ele começa a gozar, me enchendo de esperma quente.

— Sofia! Porra, Sofia... — geme o meu nome roucamente, metendo e gozando jatos fortes, me alagando toda. Oh, Deus, eu tinha esquecido com é perfeita essa sensação: ele gozando dentro de mim. — Que gostoso, bebê... Te amo tanto, tanto...

— Também te amo. — balbucio, meu corpo arrepiando, meu orgasmo prolongando com os jatos quentes me inundando. Nós nos agarramos, gozando e gozando, alucinados.

Ambos precisávamos disso. Do prazer inenarrável que sentimos um com o outro. Espiralamos, espasmos de prazer rolando por nós, todo o tempo nos olhamos dentro dos olhos, decididos a não perdermos nada no rosto um do outro. Tanto tempo perdido, tanta saudade, tanta dor e mágoa mantendo-nos longe. Quando os últimos tremores passam, permanecemos na mesma posição, grudados, ele profundamente enterrado em mim. Nossa respiração ainda está irregular, nossas bocas ofegando uma na outra. Heitor nos vira de lado, escorregando devagar para fora e eu ofego em lamento. Ele sorri, mas não diz nada. Ficamos assim, agarradinhos, nos tocando com reverência agora que o desejo carnal foi momentaneamente aplacado. Seus lábios tomam os meus num beijo lento, delicioso, enquanto as mãos grandes acariciam minhas costas, cintura. Depois de um tempo, ele arranca a boca da minha e crava seus olhos azuis nos meus.

— Está chovendo. — murmuro, tocando seu rosto, adorando a textura da barba bem aparada. Meu coração estava doendo de tanta saudade.

Ele ri baixinho e roça o nariz no meu. Eu estava esperando estranheza entre nós após a loucura do sexo apaixonado. Mas não, o que vejo em seus olhos é amor e a suavidade com que me tratou desde que o deixei, há nove meses. Só que eu estava magoada demais para acreditar nele. Mas é real. Vejo tudo agora. Ainda há o toque de arrogância natural de Heitor Maxwell lá nas profundezas azuis, no entanto, a ternura também é evidente. Ele não está se escondendo mais.

— Esse temporal todo deve ser porque você voltou para mim. — diz, me fazendo rir também. Seus olhos ficam intensos nos meus e ele sussurra: — Obrigado, bebê. Você nunca irá se arrepender de me dar outra chance.

— Eu quero voltar para nossa casa ainda hoje. — digo, vejo a surpresa e depois a emoção tomar o seu rosto.

— Eu estava aqui pensando numa maneira de sugerir isso sem parecer apressado. — diz com um meio sorriso na boca firme. — Estava me preparando para o poder dessa boquinha argumentativa. — seu tom é cheio de provocação.

Meneio a cabeça, rindo também porque eu realmente gosto de um embate.

— Perdemos muito tempo, Heitor. — sussurro com pesar. A culpa foi minha por ter deixado o rancor me envenenar. — Eu tenho tanta saudade de lá. — meus olhos ardem.

— Eu também senti sua falta lá, bebê. Terrivelmente. — murmura, acariciando meu rosto. — Por falar nisso, onde está Theo?

— Com a vovó Mag e T. Eles sabiam, de alguma forma, que eu não ia conseguir embarcar. — murmuro. Ele acena.

— Vou chamar o helicóptero tão logo o temporal passe. Vamos pegá-lo onde estiver e seguir para a nossa casa. — seus olhos brilham muito. — Nós três. Eu sonhei tanto com isso, neném.

— Eu também, amor. — aceno, sendo tomada pela emoção novamente. — Há outra coisa, eu quero me casar no mesmo dia em que nos casamos a primeira vez. — exijo.

Heitor amplia os olhos em nova surpresa, então aquele perverso canto de boca sobe, fazendo coisas más comigo.

— Esse era outro tema que eu pensei que iria me dar trabalho. — diz baixinho e me rola de costas, seu corpo vindo para cima do meu de novo.

— Está decepcionado por não termos nenhum embate agora? — ronrono,

deslizando as mãos pelas costas amplas e ombros. Os olhos azul-gelo brilham e ele sorri, o amplo e raro sorriso que sempre amei em seu rosto.

— Nunca. Se dependesse de mim, casaria com você amanhã. — diz, seu olhar suave correndo por todo o meu rosto. — Mas três meses me dará tempo para organizar a cerimônia que a mulher da minha vida merece.

Eu engasgo, meus olhos se enchendo de lágrimas. Dessa vez de pura felicidade.

— Heitor... Meu amor... — sussurro no tom que ele gosta de ouvir.

— Eu amo você, Sofia. — sua voz treme um pouco, os olhos lindos cintilando para mim.

— Eu também te amo. — digo de volta. — Nunca deixei de querer, de amar você. Todos os dias nesses longos meses, eu te amei, Heitor.

Ele encosta a testa na minha, sua respiração alterada.

— Eu prometo te fazer feliz todos os dias a partir de hoje. — seus lábios sugam delicadamente os meus e me faz abrir mais as pernas, seu corpo se encaixando no meu. Ele está duro de novo. Sua boca morna cai para o meu pescoço, sugando, acendendo mais uma vez o meu desejo insano por ele. — Viverei para amar, cuidar de você, de Theo e de quantos mais gerarmos juntos. — ofego quando sinto-o chupando um seio e depois o outro. Alterna, lambendo delicada e eroticamente os mamilos. Latejo, pingo, olhando-o lânguida. Heitor se ajusta em minha entrada. — Viverei para atender cada um dos seus desejos, bebê. — então ele entra em mim, gemendo longamente.

E nós nos amamos sem pressa, enquanto a chuva cai lá fora.

O tempo de tristeza e angústia ficou para trás.

Pela primeira vez na minha curta vida, estou a caminho de ter uma família.

De ser feliz.



CAPÍTULO VINTE

Heitor

Ela geme, rouca, arqueando-se para trás, suas paredes me estrangulando, me fazendo uivar, rosnar, e então goza sussurrando o meu nome uma e outra vez. Linda demais. Continua cavalgando gostoso no meu pau. Eu ranjo, segurando os peitinhos perfeitos, sovando a carne firme, deliciosa. Impulsiono meu quadril, encontrando-a de baixo para cima. Não satisfeito com a profundidade, enrolo um braço em sua cintura fina e levanto-a, empalando-a bruscamente, esticando seu pequeno canal em estocadas duras e profundas. Estamos os dois molhados de suor, meu corpo estremece todo, já satisfeito pelas horas ininterruptas que estamos trancados aqui, no escritório, nos devorando, mas ainda faminto, desesperado de tanto desejo e amor pela minha menina. Ela vem para mim, o rosto bem perto do meu, a boca entreaberta, emitindo pequenos ganidos. Eu empurro até as bolas em sua pequena boceta apertada e gozo também. Um gemido, baixo e longo, que drena as minhas energias, sai da minha boca.

Seu corpo amolece em cima do meu, os braços me rodeando pelo pescoço. Eu a abraço bem apertado contra mim e ficamos assim, gemendo baixinho, deliciados, acabados de tanto gozar. Nas últimas horas, nós rolamos pelo carpete, eu a comi em pé, contra a parede, em cima da minha mesa e, por último, já com as minhas pernas bambas, sentei na minha cadeira executiva e ela me montou, as pernas escarranchadas nos braços, engolindo meu eixo até o cabo. Suspiro, correndo minhas mãos preguiçosamente pelas costas macias e suadas.

— Eu estava morrendo de saudade disso... — murmuro com a voz áspera. Seus olhos verdes estão lânguidos, seu rosto rosado, a expressão saciada. — Esse nível de entrega. A sensação inigualável, perfeita, que é estar dentro de você. — suas mãos vem delicadamente para cada lado do meu rosto e aquele olhar doce, que tanto senti falta nesses longos nove meses, está de volta. Meu coração amolece por completo. Ainda não acredito que estamos assim. Que a minha menina perfeita voltou para mim.

— Alguém me disse uma vez, bem irritado, que isso aqui é único. — ela sussurra com um misto de ternura e atrevimento, referindo-se à minha cena de ciúme quando o tal médico teve a ousadia de beijá-la na frente da casa da minha avó. O filho da puta olhou para cima e me viu na janela e, então, ele a

beijou. Eu queria matá-lo por tocá-la, mas estava tão fodido que não tinha como reclamar direitos sobre ela. — Ele estava certo. É único, é nosso. Não há sensação mais perfeita do que você dentro de mim.

Porra, vou virar um completo capacho dela. Já vi tudo. No entanto, não consigo parar o sorriso bobo curvando minha boca. Deus, eu a amo demais.

— Bebê... — meu tom é baixo e terno. Toco seu rosto, afastando o cabelo suado da sua testa. — Eu vou colocar o mundo a seus pés. Vou mimar tanto você.

Seu rosto se ilumina, fazendo valer a pena o esforço para arroubos românticos. Vou ter que me reinventar, porque nunca mais quero sentir esse desespero que experimentei hoje. O medo aterrador de ficar sem ela definitivamente. De morrer sem nunca mais sentir o seu amor.

— Eu vou amar tudo que você fizer para mim. — murmura, acariciando a minha barba.

Eu gemo, rendido. Porém não resisto a um aviso arrogante.

— E vou judiar de você na cama também, não se iluda, menina. — eu a provoco, sugando seu lábio inferior. Ela geme e pulsa, ainda empalada em mim. — Meu amor por você não tem nada a ver com a forma como gosto de te foder.

— Eu não vou reclamar, porque, como bem sabe, seu jeito duro, cínico, arrogante, me excitou desde o começo... — choraminga e se ergue, saindo de mim, meu pau flácido tombando, momentaneamente abatido pela maratona de sexo de ferver os miolos. Um grunhido sai da minha boca quando vejo minha porra escorrendo entre os lábios vermelhos e inchados da bocetinha que comi sem pena. Eu a ajudo a se ajeitar de lado sobre o meu colo. A chuva ainda cai lá fora, agora mais fina. Eu a aconchego mais contra o meu peito e ela levanta o rosto para o meu, a mão traçando padrões preguiçosos em meu peito e ombro. — Quero a sua suavidade sim, eu sonhei muito com isso, você me olhando com amor, ternura. — sussurra com emoção. — Mas também aprecio o sexo duro, depravado. — um meio sorriso travesso curva sua boca. — Adoro quando é todo malvadão.

Eu rio alto. Uma risada profunda e gostosa como há muito não dava. Tudo em mim está leve. Falta espaço para tanta felicidade. Ela é minha de novo.

— Malvadão? — eu me abaixo, roçando o nariz no seu. — Gosto do

aumentativo. Combina com meus atributos masculinos.

— Tão convencido. — ri baixinho e seus olhos ficam mais sérios quando murmura: — Precisamos buscar o nosso menino.

— Sim, e para isso você precisa se vestir, do contrário, não vou parar de te foder. — solto um grunhido, dando um tapa leve em sua bunda, agora bem maior e mais suculenta.

Ela ri ao se levantar. Eu rosno, mesmo abatido, gosto da visão. Ficou linda demais depois da gestação. Babo em seu corpo delicioso sem qualquer vergonha, agora podendo observar cada detalhe sem o tesão louco de seis meses rasgando minhas bolas. Eu me levanto também e a pego nos braços. Ela solta um gritinho surpreso, feliz, e me abraça pelo pescoço. Entre beijos e suspiros, nos guio para o banheiro para tirarmos o suor e o cheiro de sexo impregnado em nós.

Em menos de uma hora estamos estacionando em nossa garagem. Fomos de helicóptero até a casa da minha avó e pegamos nosso menino. Dona Magnólia não cabia em si de felicidade quando chegamos e Sofia anunciou que ela e Theo estavam vindo comigo para casa. Renan levou o carro para lá e nos trouxe. Theo é muito pequeno ainda para voar de helicóptero. Aproveitei para babar em cima da minha mulher e filho durante todo o trajeto. Pela primeira vez estávamos juntos, no mesmo banco, lado a lado. Theo estava acordado quando chegamos, provavelmente esperando pela mãe para alimentá-lo, o pequeno guloso, e ela o fez. Esses momentos me arrebataram desde o primeiro dia – vê-la amamentando o meu filho. Sofia me surpreendeu nesse ponto. É tão jovem, poderia ser vaidosa e se negar a amamentar por questões estéticas. Mas não, parecia ansiosa para alimentar nosso bebê no seio tão logo deu à luz. Minha menina perfeita. Ela me deu um menino forte e saudável, mesmo vindo antes do tempo. Minha linda mulher. Meu peito falta explodir de tanto amor e orgulho. Os olhos verdes levantaram para os meus e Sofia sorriu, emoção gritando em seu rosto bonito. Sim, meu coração corre o risco de explodir.

Entramos na casa, ela carregando Theo, e, eu, as muitas sacolas do bebê, enquanto Renan se encarregava das suas malas recuperadas no aeroporto antes do avião decolar. Quando entramos em nosso quarto, vou direto para a porta de ligação com o quarto que mandei redecorar para o nosso filho. Ela

nunca mais esteve aqui, não viu tudo que fiz para receber nosso menino. Eu a instigo a entrar e Sofia ofega, passando para dentro do enorme cômodo ricamente decorado.

— Uau! — exclama, avançando pelo recinto e para perto do carpete emborrachado e multicolorido. Há uma variedade de brinquedos de todos os tamanhos, formas e cores. Eu entro também, colocando as coisas de Theo sobre um dos sofás amarelos. Ando devagar para perto deles. Meu coração derretendo de tanto amor. Olho-os com amor e uma possessividade feroz vibra em cada fibra do meu ser. Eles são meus, porra! Finalmente estão onde pertencem. — Está vendo tudo isso, meu amor? — a voz suave e amorosa de sua mãe faz o meu menino rir, os olhinhos espertos, tão pequenino, mas já idolatrando-a. — O papai fez para você. É tudo tão lindo, não é, filho? — seus belos olhos verdes me encaram de lado e sussurra: — Lindo como o seu papai. — embarga um pouco e eu encurto a distância entre nós, abraçando os dois, meus olhos ardendo pela emoção de finalmente tê-los aqui. Os dois para mim.

— Eu amo vocês, bebê. — sussurro, beijando sua têmpora. Ela levanta o rosto para o meu e eu desço a boca na sua em um beijo suave. Em seguida, beijo a cabecinha de Theo, que está balbuciando, indicando que vai dar trabalho para voltar a adormecer. Parece que o meu menino sabe que esta noite é diferente. Que seu pai e sua mãe estão juntos de verdade, não apenas ocupando o mesmo recinto por amor a ele. Somos uma família. — Vou cobrir os dois de amor todos os dias, a cada momento, pelo resto da minha vida. Nunca irá se arrepender de voltar para mim.

Ela acena, os olhos de pedras preciosas declarando seu amor muito antes das palavras.

— Eu amo tanto você. — sussurra. — Vocês. — engasga um pouco. — Tenho uma família de verdade agora.

— Sinto muito que Deus não tenha atendido o seu desejo de Ano Novo. — murmuro, deslizando meus dedos pela face perfeita. — Sei o quanto esperava pela recuperação de seu pai.

Seus olhos ficam ainda mais brilhantes.

— Ele atendeu. Eu queria muito a recuperação do meu pai e pedia isso todos os dias. Mas, no Ano Novo, pedi algo diferente... — murmura, seu

olhar apaixonado no meu. — Eu pedi você, Heitor. Eu pedi o seu amor.

Porra. Meu coração salta de felicidade, porém aperta dolorosamente ao relembrar tudo que sucedeu depois daquela noite. Tanta dor.

— Meu amor... — minha voz suaviza, emoção crua voltando a me acometer. — Eu sei que tudo que fiz ainda estará em sua mente por um tempo. Gostaria de poder voltar atrás e não te ferir tanto, mas não posso. — meu tom é sentido. — Tudo que posso fazer é te dar o meu amor. E ele é imenso, bebê. Imenso. — respiro com aspereza. — Eu vou te fazer tão feliz, que um dia as lembranças ruins terão que ir embora porque não haverá mais espaço para elas.

Ela acena, os olhos doces cheios de lágrimas. Essas são felizes, está claro em todo o rosto bonito.

— Eu acredito em você, amor. — murmura.

Eu aceno e tiro Theo dos seus braços. Ele vem sorrindo, agitando os bracinhos e pernas rechonchudas.

— Vamos brincar com o papai e sua mamãe, meninão? — sorrio, inspirando seu cheirinho gostoso de bebê. — Você viu isso, filho? A mamãe voltou para o papai. — ele fica ainda mais animado, me fazendo babar, rir, amando-o tanto, tanto. Quando olho de lado, Sofia está nos olhando com tanto amor, que meu peito derrete.

— Tão parecidos. — sussurra com suavidade. — Eu sonhei tanto com isso. Vocês dois sendo meus.

Porra, ela vai me transformar num fodido maricas. Eu a puxo pela cintura e ela vem, sorrindo, chorando, a coisa mais linda que já vi na minha vida. Mantenho os dois no círculo dos meus braços.

— Nós somos seus, amor. — digo baixinho, minha boca bem próxima da sua. — Sempre seremos.

Brincamos com o nosso pequeno por algum tempo, apresentando-lhe os chocalhos e outros brinquedos novos. Em determinado momento, ele sucumbe e eu o levo para o berço. Rosa manteve esse quarto limpo e em condições de receber seu dono. Ela também tinha esperanças de ver Theo ocupando-o em breve. Vai ficar contente amanhã, quando chegar e vir sua *patroinha* de volta. Ajusto a babá eletrônica fixada na estante perto do berço

e pego a outra. Comprei modelos com câmera, assim fica mais fácil e seguro monitorar o pequeno em seu sono.

Fechamos a porta do quarto de Theo e seguimos para o nosso. Ela se vira para mim e eu enrolo meus braços em sua cintura, não podendo ficar sem tocá-la nem mais um segundo. Um pequeno sorriso curva sua boquinha carnuda e suas mãos espalmam meu peito sobre a camisa branca. Não voltei a vestir o terno completo depois do banho rápido no escritório. Seus olhos correm por mim, parecendo maravilhados, enquanto me apalpa.

— Você está tão bonito... — sussurra e meu pau, mesmo abatido, sofre um espasmo dentro da calça. — Mais forte, sexy... — ela lambe os lábios e eu rosno. — Mais viril, todo macho... Eu amo esses novos músculos...

Caralho.

— Você me fez pegar pesado na academia depois que deu bola para aquele galã de novela das nove. — bufo, sarcástico.

Sofia não segura uma risadinha. Deus, eu estava morrendo de saudade disso, dessa intimidade gostosa que só senti com ela, apenas com ela. Essa menina nasceu para ser minha, para me mostrar que mesmo um bastardo cínico de coração frio como eu, precisa de amor.

— Eu não agi bem com ele, Heitor. — murmura, seu rosto caindo um pouco, envergonhada. — Bruno é cara bom, foi gentil comigo todo o tempo.

— Eu sei aonde ele queria ir com tanta gentileza... — ranjo.

Ela ri de novo, meneando a cabeça.

— Amor, você está sendo injusto. — ela me abraça pelo pescoço, seu corpo delicioso se colando ao meu. — Ele foi o único que se deu mal nessa história. Tinha esperanças...

— Foda-se ele e suas malditas esperanças! Porra, bebê, vamos mudar de assunto. — solto um grunhido. — Odeio esse tema. Odeio saber que outro homem esteve com as malditas mãos sobre você.

Ela rola os olhos bonitos.

— Meu Deus, Heitor, está sendo irracional. Não tive nada mais íntimo com ele...

— Eu sei. Mas ele te tocou. — rosno, insatisfeito. Ainda estou chateado

como o inferno sobre o assunto. Suspiro alto, tentando controlar o meu ciúme e possessividade. — Está bem. Estou sendo um idiota.

— Eu tenho que concordar. — murmura, provocando-me. Torno a rosnar.

— A vida segue, neném. O tal médico vai encontrar sua cara metade algum dia. — então resmungo, não escondendo minha ironia. — Se parar de tentar roubar as mulheres alheias, claro. Você me pertence. — digo ferozmente.

— Mmm, eu amo quando diz isso... — geme, os olhos verdes acendendo com humor e malícia.

Enfio uma mão em seu cabelo da nuca e mordo sua boca. Ela choraminga. O tesão está voltando de novo.

— Eu vou te alimentar primeiro. — desço a boca pelo seu pescoço, chupando a pele, já marcada com minha fome de antes. Vou até seu ouvido e rosno perverso. — Depois é a sua vez de me alimentar. Vou te comer inteira... — ela geme de forma indecente, o corpo estremecendo. Rio, sacana. — Vai ser difícil me tirar de cima de você pelos próximos dias, meses...

— Você vai acabar comigo... — sussurra, a menina sexy, safada voltando a dar as caras. Ela estava assumindo sua personalidade sensual quando nos separamos e me alegra que não tenha ficado nenhum clima estranho entre nós depois de tanto tempo sem nos tocar, sem nos amar. — Me alimente primeiro, então. Eu vou precisar de muita energia para dar conta do meu malvadão.

Eu rio e rosno ao mesmo tempo. Porra, vamos morrer de tanto foder pelos próximos dias.

— Rosa deve ter deixado algo pronto. — digo, abaixando a cabeça, sugando seu lábio inferior. — Se ela soubesse do desfecho de hoje, teria cozinhado um banquete para você.

— Eu senti falta dela. — seu rosto suaviza. — De tudo, todos os funcionários. Sempre me senti estranhamente em casa aqui.

Sua admissão faz meu coração cantar de alegria.

— Era para ser. — digo baixinho, meus olhos presos aos seus. — Começou errado, mas de alguma forma era certo. Eu só fui feliz nessa casa quando você chegou. — confesso e seus olhos se iluminam. — Você trouxe

luz, alegria, amor. — minha voz embarga um pouco. — Você trouxe a vida para mim, neném.

— Heitor... — sussurra com emoção. Ela me coloca de joelhos quando pronuncia meu nome dessa forma.

— Você tem carta branca para mudar qualquer coisa que não esteja do seu agrado. — continuo na minha empolgação de querer tudo em uma noite. Estou parecendo um adolescente sem controle.

— Sério? — seus olhos ficam excitados. — Eu sempre quis colorir mais as paredes... —admite, parecendo acanhada. — Colocar fotos nossas espalhadas pelos cômodos... — hesita um pouco, obviamente porque aqui há pouquíssimas fotos.

Escondo um sorriso. Quando ela vir o que fiz em seu estúdio... Mas isso pode esperar até amanhã.

— Carta branca, amor. Aqui nunca foi um lar. Estou contando com você para transformá-lo em um. — reforço e ela sorri, animada com o trabalho.

Deixamos o quarto e seguimos pelo corredor, meus braços em volta dela, suas costas contra meu peito. Enfio o nariz em seu cabelo, eu não posso me parar. Estou ganancioso demais, querendo me fundir a ela porque estive por muito tempo morrendo de fome e de sede pela minha neném.

Encontro o escondidinho de camarão que Rosa deixou preparado sobre o fogão. Ainda está morno, então eu o coloco no micro-ondas para terminar de aquecer, enquanto Sofia prepara uma salada rápida. Nos meses em que viveu aqui, pouco estivemos na cozinha fazendo essas coisas corriqueiras de casal. Eu me recosto à bancada de granito e fico observando-a, deslumbrado, suas mãos delicadas cortando tomate e rasgando folhas de alface. Está linda com o vestidinho solto e o cabelo preso num coque frouxo. Não éramos um casal. Nos dávamos perfeitamente bem na cama, mas fora dela eu ainda mantinha certa distância. Meu Deus, como fui tolo. Ando devagar até ela e enrolo meus braços em sua cintura. Ela dá uma risadinha e eu esfrego meu nariz em sua nuca, mordendo-a suavemente depois.

— Amor, você prometeu me alimentar primeiro... — seu protesto sai num gemido, pendendo a cabeça para o lado e me dando acesso ao pescoço. Eu chupo, lambo, mordisco, outro tipo de fome tomando conta de mim.

— Sim. Mas não tenho culpa se a minha neném está ainda mais gostosa...

— rosno, moendo meu pau já pronto para mais um round em sua bunda. Sofia geme em lamento. — Essa bunda... Porra, está indecente de tão linda... — ranjo. — que saudade de encher esse rabinho gostoso e apertado com a minha porra...

Ela mia, estremecendo, entregue, minhas mãos passeando pelo ventre reto com uma direção certa, então o apito do micro-ondas soa.

— Caralho. — eu resmungo e Sofia ri baixinho.

Eu rio também. Logo estamos os dois rindo gostosamente. Eu me obrigo a pegar a comida, e, em seguida, sirvo duas porções e preencho dois copos com água. Ela não pode ingerir álcool, vou me abster de uma taça de vinho também. Nós nos sentamos nos bancos, lado a lado e comemos em silêncio nos olhando e sorrindo como dois adolescentes deslumbrados com o primeiro amor. Na verdade, é isso mesmo. Somos o primeiro amor um do outro. Correção: seremos o único amor um do outro. Para sempre.

Quinze dias depois...

Subo os degraus da escada para a área Vip, meu braço firmemente enrolado na cintura da minha mulher, então avisto T e L perto do bar. Sim, T não deu refresco para o nosso irmãozinho marrento e continuou chamando-o por L, embora o bastardo torça o nariz para isso toda vez, e foi exatamente para provocá-lo que passei a tratá-lo assim também. Tristan está inaugurando mais uma casa noturna em sociedade com um cantor famoso. Meu irmão é bem entrosado no meio artístico por conta da sua vida boêmia. Ele insistiu para que eu viesse com Sofia e não pensei duas vezes. Há um mês, quando estivemos em outra casa noturna para comemorar o meu aniversário, tive que engolir Sofia acompanhada pelo fodido médico. A maldita imprensa sensacionalista sentia um prazer doentio em publicar fotos dela com ele. Aquela merda era como esfregar sal nas minhas feridas. Ficava enfurecido, querendo processar todo mundo, e Alberto sempre me fazia cair na real. Não éramos mais nada um do outro. Agora, estou indo à forra. A imprensa está enlouquecida para tirar fotos minhas e de Sofia, juntos de novo, mas tenho dificultado. Eles estão acampados na frente da nossa casa como cães famintos, salivando por uma foto nossa com Theo, a família reunida, mas estou lhes negando isso.

Por quê? Porque eu posso. Porque sou Heitor Maxwell e ninguém tira sarro da minha cara, porra. Esta noite, porém, sei que muitas fotos

clandestinas irão vazar para a mídia e estou tranquilo em relação a isso. Vou parar de punir a imprensa. A verdade é que estou ansioso para mostrar para o país inteiro que ela é minha, que *eu*, apenas *eu*, sou o seu legítimo dono.

— H, bonitinha! — T nos recebe com empolgação quando alcançamos o bar.

— T. — Sofia sorri ao abraçá-lo com afeto, recebendo um beijo na cabeça. — Espero que não tenha nem um show inadequado... Não quero meu marido...

— Marido, hein? Ainda falta mais de dois meses, controle essa possessividade, irmãzinha. — ele a provoca, os olhos escuros cheios de malícia.

Sofia ri e o beija na bochecha.

— Sim, *meu* marido. — ela faz o meu peito inchar de amor quando torna a enfatizar. — E não desconverse, eu sei muito bem o que rola nessas baladas de ricaços. — torce o narizinho bonito, fazendo o sorriso irreverente de T ampliar. Eu também rio baixinho. — Não ouse rir de mim, Heitor Maxwell. — ela me olha, levantando uma sobrancelha bem-feita. Linda.

— Uh, parece que as bolas de Heitor estão presas em nó bem apertado, Tristan. — Logan entra na zoação, fazendo T gargalhar. Então leva sua atenção para Sofia. — Sofia, bom ver você. — ele a cumprimenta, ainda sem jeito perto da cunhada, mesmo que ela tenha se esforçado para deixá-lo à vontade.

— Bom ver você também, Logan. — ela lhe oferece um sorriso suave e vai para meu irmão arredio, beijando-o na bochecha. Logan parece pronto para correr nesse momento. Teremos um longo caminho com ele, pelo visto. Ainda estou tentando entender a sua personalidade arisca e a razão desta, porque sei, por experiência própria, que deve haver algo por trás disso.

— Ei, irmãos. — cumprimento-os, dando abraços rápidos em cada um e rosno: — Um conselho? Cuidem das suas próprias malditas bolas.

Eles caem na risada. Sofia volta para o meu braço e eu a puxo para a minha frente, adorando sentir sua bunda contra o meu pau. Está magnífica em um curto e justo vestido azul-marinho, de mangas longas e um decote ousado nas costas. Rosnei mais cedo quando saiu do closet usando-o, enciumado, sabendo que ia fazer muitos marmanjos virarem a cabeça por aqui. No

entanto, em meio à possessividade absurda, vem o orgulho masculino de saber que é toda minha.

Estou completamente louco, viciado em suas novas formas. Sua bunda está deliciosa demais, ainda mais empinada, durinha, generosa. Os seios maiores também contribuíram para deixar sua cintura, que já era bem fina, ainda mais estreita. Ela é toda mulher agora. Minha. Cada centímetro perfeito é meu.

— Mano, você furou conosco nas duas vezes que o chamamos para tomar uma bebida nessas duas semanas. — T ainda alfineta.

— Vocês vão sobreviver, irmãos. — zombo.

— Eu apostei com L que você não viria hoje. — revela ainda no modo provocador.

Logan ri do seu jeito irônico.

— Eu disse que você viria, irmão. — o idiota ri mais. — Uma vez que o convite foi estendido a Sofia também...

Eu rolo os olhos, bufando. Irmãos mais novos... Peço uísque para mim ao barman e uma taça de espumante sem álcool para Sofia. A pediatra a liberou para tomar uma taça de vinho ou champanhe em eventos, enquanto estiver amamentando. Entretanto, Sofia diz que Theo é muito novinho ainda e não vai ingerir nada que possa lhe fazer mal. Ela me deixa tão orgulhoso quando faz coisas assim. É uma mãe maravilhosa, mesmo com tão pouca idade. Tomamos nossas bebidas e conversamos ao redor do bar, observando o movimento lá embaixo, na pista de dança, do nosso lado direito. No esquerdo, há um bar requintado e rodeado de gente. Mais à frente, seguranças guardam as portas de um elevador que dá acesso para o terceiro piso. Pelo que T me falou, lá a coisa pode ficar um tanto... Intensa, se é que me entendem.

Nosso camarote vai lotando com a nata paulistana, conhecidos e parceiros de negócios vem nos cumprimentar, alguns acompanhados das esposas ou namoradas. Outros, percebo com escárnio, estão com suas amantes. Isso me incomoda, me enfurece mesmo. Antes, pouco me importava quando via algo assim, me envergonho em admitir. Meu Deus, eu era um ser humano desprezível. Sofia me salvou de uma existência vazia e fria. Odeio dizer isso, mas, em nosso meio, cenas como essas são banais. E não deveria. Traição é

algo abominável, essa lição foi bem dolorosa para mim e para a mulher que amo. Eu a aperto mais contra mim e beijo o topo da sua cabeça, grato por ela ter me dado outra chance. Sofia vira o rosto para mim, os olhos brilhando como duas joias no jogo de luzes do ambiente.

— Eu quero dançar com você mais tarde. — murmura. Mesmo com o barulho, eu ouço porque sua boca vermelha está praticamente encostada à minha. — Eu queria tanto isso naquela noite, no seu aniversário. — confessa.

— Eu queria muito mais do que dançar com você naquela noite, bebê... — rosno e ela ri, um tipo de sorriso misterioso e travesso. O que está aprontando? Eu mordo seu lábio inferior colocando um pouco de pressão. Ela ofega e eu rio, sacana. — Vamos dançar, sim. Vamos fazer tudo que a minha menina perfeita quiser. — minha voz sai rude, áspera, e ela geme baixinho.

— Não. Hoje eu quero fazer tudo que o meu amor quiser. — ronrona com uma voz sexy, os olhos lindos me deixando doido, arrebatado de desejo e amor.

Ela adora bancar a mulher fatal nesses dias. Eu? Caralho, eu amo quando faz isso. Tomo um gole do meu copo e levo minha boca para seu ouvido, rosnando baixo:

— Menina... Não reclame se eu arrastar essa sua bunda linda para um canto escuro e te comer aqui mesmo... — ela choraminga, esfregando a bunda gostosa em meu pau sutilmente. Porra, que safadinha. — É isso que você quer? Trepar comigo aqui? — eu a instigo, meu tom perverso. Sofia é muito jovem, é natural ter certas curiosidades. Eu vou satisfazer todas, cada uma delas. Nessas duas semanas quase não saímos, ficamos matando a saudade um do outro, cuidando do nosso filho e fodendo como coelhos. Trabalhei alguns dias em casa para poder ficar mais tempo com eles, inclusive. Mas precisamos retomar a nossa agenda de eventos gradativamente, até porque, estou louco para mostrar à sociedade paulistana que ela é minha, que estamos firmes e fortes. Ninguém pode tirá-la de mim e, tampouco, pode me tirar dela. — Isso é tão mundano, bebê... Era isso que queria naquela noite também? Minha neném queria o meu pau? Vamos, diga, talvez tenha sorte hoje... — rio, satisfeito com a forma como seu corpo estremece com essa possibilidade. — Assuma que queria tomá-lo todo, bem fundo nessa bocetinha pequena e gulosa.

Sofia resfolega, as pupilas engolindo quase todo o verde em seus olhos.

Fica linda demais excitada.

— Sim, eu queria tanto, amor. — confessa num choramingo.

— Meu Deus! Vocês sabem que ainda estamos bem aqui, não é? — a voz divertida de T me faz rosnar e depois rio, dando um beijo suave na boca da minha mulher.

Antes que eu lhe dê a réplica, duas modelos conhecidas se aproximam do nosso círculo, cercando meus irmãos. Os safados abrem sorrisos cheios de dentes, recepcionando-as. Quero dizer, T abre um sorriso, Logan mantém sua cara de poucos amigos.

— T, você ficou de ligar já tem um tempo... — a loira cantarola, estendendo-lhe a mão, que meu irmão mulherengo pega e beija num floreio.

— Oh, imperdoável da minha parte... — ele acrescenta mais charme ao sorriso sem-vergonha. — O fluxo de trabalho tem me impedido, querida. Sou um homem muito ocupado.

Quem vê a cena até pensa. Seguro meu som de desdém. Não sei como as mulheres conseguem engolir essa merda. A morena se joga para cima de Logan, que franze a cara, não facilitando o flerte. Na verdade, sua boca curva num meio sorriso irônico, zombador. Mas a garota parece gostar do jeito marrento do bastardo.

— Olá, boa noite. — a voz feminina já familiar nos faz olhar para as recém-chegadas. É Pietra, a garota que está dando um tempo difícil para o meu irmãozinho, e outra moça, uma morena pequena, que nos cumprimenta também, parecendo meio fora de lugar.

— Pietra? — a voz de Tristan tem surpresa e uma nota inconfundível de prazer.

— Eu só queria cumprimentá-lo. O lugar é incrível. — a garota diz, seus olhos esverdeados desviando para a loira ao lado do meu irmão. — Pode continuar fazendo o que faz de melhor... — rola os olhos com desprezo. T solta a mão da modelo imediatamente ao se dar conta de que ainda estava segurando-a.

— Ah, tigresa, mantenha o seu ciúme sob controle, por favor. — ele a provoca, um sorriso malicioso se abrindo em seu rosto. — Sou livre, bicho solto...

— Será que você sabe que ele troca de mulher como troca de roupas, querida? — ela se dirige à loira. — Eu ficaria longe, se fosse você.

— Opa! Assim vou achar que está apaixonada por mim. — ele diz, descarado.

Eu seguro um riso, percebendo que Sofia está fazendo a mesma coisa. Meu irmão não tem jeito mesmo.

Sofia

Eu rio levemente com a chegada de Pietra, flagrando T em ação. Esses dois são diversão garantida quando estão no mesmo espaço. A conversa do meu cunhado se torna abertamente sexual, ainda mais provocadora quando está com a moça. Heitor acha que T pode estar mais envolvido do que quer admitir. Eu não consigo formular uma opinião ainda. Só os vi juntos duas vezes. Uma no aniversário de um mês de Theo e a outra na semana passada, quando fui visitar Heitor no escritório da Paulista. No entanto, gostei dela, parece uma moça simples, trabalhadora, com muitos sonhos para realizar.

Heitor esfrega o nariz na lateral do meu pescoço e suga a pele devagar, deixando os dentes rasparem. Oh, Deus... Estremeço, a boca quente fazendo coisas perversas comigo. Meu corpo ainda está zumbindo de tesão pelas palavras sacanas que estava rosnando em meu ouvido. Minhas paredes estão pulsando e molhadas, o topo das minhas coxas melado, uma vez que... Bem, não estou usando calcinha. Eu sei, é muito ousado e por isso mesmo quis fazer. Estou pegando minha confiança feminina de volta nesses dias. Quis fazer isso para surpreender meu marido. E, claro, para mim também. Eu me sinto poderosa ao explorar a minha sexualidade.

Nesses quinze dias em que voltamos a viver juntos, temos ficado praticamente em casa o tempo todo, mergulhados em nossa própria bolha feliz. Nós cuidamos do nosso bebê e nos enfiamos na cama, fazendo amor por horas ininterruptas, reconstruindo a nossa intimidade. Eu me sinto mulher de novo. Plena, fazendo as pazes com a minha veia sensual. Heitor me fez gostar de sexo duro, depravado, desde o começo. Adoro fazer amor com ele, claro que sim, mas amo quando me pega mais forte, zomba de mim, é desdenhoso, cínico. Ele me deixa insana de tanto tesão. Parecemos ainda mais famintos, loucos de amor e luxúria ultimamente. Eu acho que é porque sabemos como dói ficar sem o outro e não queremos isso nunca mais.

— Nos seus sonhos, riquinho. — a voz afiada de Pietra me faz voltar a atenção para a peleja à minha frente.

Tristan sorri. Seu sorriso é abertamente safado, sexual, encarando-a intensamente.

— Boa noite, Heitor. — ela o dispensa, voltando os olhos para Heitor e depois para mim. — Sofia, que bom vê-la. — encara Logan. — Logan, bom ver você também.

— Boa noite, Pietra. — Heitor a cumprimenta com um sorriso amistoso.

— Olá, Pietra. — Logan responde com seu jeito taciturno.

— Bom ver você também, Pietra. Adorei o seu vestido. — adiciono. É um modelo vermelho tomara que caia, colado ao corpo.

— E eu o seu. — ela sorri amplamente. — Meu Deus! Eu mataria para ter essa cintura!

Eu rio levemente pelo elogio acalorado. Ela tem um jeito alegre e expansivo, próprio do povo do Norte e Nordeste. Sim, realmente gosto dela. Talvez seja isso que atraiu a atenção de T, além do fato de ela ser linda, claro. Possui uma beleza exótica, bem diferente das modelos magérrimas que vivem atrás dele.

— Eu confesso que pensei que não viesse. Estou surpreso. — T retoma a conversa, seus olhos passeando pela sua presa com uma fome evidente.

— Surpreso? Por quê? — ela franze o cenho.

Os lábios dele se curvam, os olhos escuros brilhando diabolicamente e, nesse momento, percebo uma leve semelhança com Heitor. É algo sutil, mas está lá. É a arrogância nata dos Maxwell, pondero.

— Oh, você sabe, querida. — sua voz é complacente e isso parece irritá-la.

— Não, eu não sei, ilumine-me, Tristan. — ela zomba.

— Isso está ficando um tanto cansativo, não acha? — ele torna a falar sendo propositalmente obtuso.

Ela se enfeza, mas T parece estar se divertindo ao tirá-la do sério.

— O quê? — Pietra usa um tom entediado.

Ele toma um gole do seu uísque, encarando-a por cima do copo.

— Fingir que não está louca de tesão por mim. — diz presunçosamente. Uau. Minha boca escancara. Eu já presenciei alguns embates dos dois, mas parece que meu cunhado decidiu ser mais agressivo esta noite. — Você pode me ter, tigresa. Se pedir com jeitinho, claro. — ele pisca com uma cara de safado e eu não seguro uma expressão ainda mais surpresa dessa vez.

Caramba! Heitor sorri contra o meu pescoço, e Logan bufa, disfarçando com uma tossida. Eu sempre soube que T era um tremendo galinha e não pode ser levado a sério quando o assunto é um *rabo de saia*, como diz Heitor.

— Meu Deus, seu ego é tão grande que nem tenho parâmetro para comparar. — Pietra zomba com um sorriso desdenhoso.

— Amor, você não viu nada. Posso lhe dar algo realmente grande como parâmetro... — T insinua descaradamente, os olhos devorando-a.

Eu engasgo com a troca carregada de tensão sexual. Heitor e Logan estão sorrindo baixinho. A atração entre os dois é tão óbvia para quem está de fora. Minha curiosidade acaba de ficar mais aguçada. Será que ele vai conseguir dobrá-la em algum momento? Ela mostra ter aversão ao tipo galinha, mas não é tão imune ao charme dele quanto quer parecer.

— Eu passo, *amor*. — ela o imita com deboche.

— A verdade é que você não vai conseguir lidar comigo, pantera. — ele continua provocando-a. Eu quero rir com esses adjetivos criativos que usa com a moça. — Eu só me envolvo com mulheres independentes, donas de si, e você se importa muito com a opinião alheia, presa às convenções sociais.

— Eu não sou quadrada. Tenho uma mente bem aberta, para a sua informação, riquinho. — ela se defende e mais uma vez nós rimos deles. — O fato de não querer ir para cama com você não me faz uma puritana. — rosna. — Eu gosto de sexo. Gosto muito. Só não vou fazer com você!

Jesus Maria José! Tristan parece apreciar ainda mais essa reação acalorada dela.

— Ah, Pietra, nós dois sabemos que se eu realmente me esforçasse a teria assim, querida. — ele estala os dedos, o que a faz rosnar. Eu fico com receio pela integridade física dele pela forma como Pietra o está fulminando.

— Leia meus lábios: eu não vou transar com você, seu, seu... Putão! — ela

range os dentes e eu abro a boca em exclamação de novo. Meu Senhor.

Tristan ri, gargalha, na verdade, o que só a irrita mais.

— Me ligue, querido. — a loira estende a mão, colocando no peito dele, e se inclina, sussurrando algo provavelmente indecoroso em seu ouvido. Ele ri mais, o olhar nunca deixando Pietra. A modelo vai embora, sendo seguida pela outra, que não obteve tanta atenção da parte de Logan.

— Hum, onde estávamos mesmo? — ele volta a incitar Pietra.

Ela o fulmina, bufando com desprezo.

— Você não tem um pingo de vergonha, Tristan Maxwell. — estala.

— Não, eu não tenho. — ele tem a ousadia de piscar de novo. — Mas você me quer mesmo assim. Tesão não é algo que vai embora simplesmente, tigresa. — seu tom é baixo, insinuante. — Nós vamos ter sexo, querida. Muito sexo, anote essa porra aí.

Ela rola os olhos, bufando em desdém e os dois travam os olhares numa batalha silenciosa. A tensão sexual pode ser sentida a quilômetros.

— Eu vou dançar. Hoje vim para me divertir, não para ficar de papo furado com pilotos galinhas. — ela atira, enlaçando o braço da amiga, e nos olha brevemente. — Foi um prazer encontrá-los, Heitor, Sofia, Logan. Até mais. — e se vai por entre a pequena multidão do camarote.

Tenho a impressão de ouvir um gemido masculino, provavelmente vindo de T.

— Cara, eu acho que você não pega essa aí. — Logan diz em tom divertido. Ele é menos assustador quando se permite interagir com os irmãos.

— Sabe que esse jogo de gato e rato me agrada, irmão. Estou cansado das coisas muito fáceis... — T abre um sorriso misterioso, cheio de malícia, e vira o restante da sua bebida. — Vai ser muito mais gostoso quando eu fod... — ele olha para mim, cortando a palavra grosseira, e pisca com charme. — Quando eu a tiver como quero... Mas, vamos para a mesa, que hoje sou o anfitrião e a noite é só uma criança! — ri do seu jeito irreverente, indicando uma mesa de canto perto das grades, de onde podemos ter a visão completa da pista de dança lá embaixo.

Quando chegamos lá, Heitor se acomoda no banco de couro do lado da

parede e me puxa sem cerimônias para seu colo. Meu coração aquece e eu derreto, me ajeitando sobre ele, seu cheiro másculo e amadeirado me cercando. Estou explodindo de tanta felicidade por estar aqui, com ele, nos tocando, nos amando livremente. Um braço possessivo enrola em minha cintura e desliza os lábios quentes nas minhas costas nuas, beijando, sugando levemente. Estremeço, jorros de excitação encharcando minha vagina nua. Eu me pergunto quando irá perceber a minha ousadia. Um garçom coloca dois baldes de bebidas sobre a nossa mesa. Logan e T permanecem de pé, perto da grade. T está esquadrinhando a pista de dança, provavelmente procurando Pietra. Pressinto que essa história deles vai render.

— Vê aquele corredor ali? — Heitor diz em meu ouvido. Eu giro a cabeça para a direção que está indicando. É perto do bar, do outro lado do camarote. — Há suítes na parte de trás. Em todas as casas noturnas em que meu irmãozinho pervertido é sócio, há essas comodidades, você sabe... — sua voz pinga sacanagem enquanto morde meu lóbulo. —, para os clientes que encontram uma gostosa e não querem perder tempo... — eu faço uma carranca para esse comentário. Ele ri, profundo, gostoso, lindo. —, e, claro, para os homens que como eu, que são completamente loucos de tesão pela sua mulher e não conseguem ficar muito tempo sem fodê-la. — eu gemo e seu sorriso se espalha, lento, perverso. Sua mão sobe um pouco, o polegar tocando meu mamilo por cima do vestido. A iluminação nessa parte é bem precária e ele está descaradamente se aproveitando disso. Jogo meu cabelo para frente, sobre os seios, dando a ele cobertura para me apalpar e ele ri mais, a expressão cínica me deixando toda molhada. Ofego, sentindo seu pau pulsando contra minha bunda. Sua boca morna continua sugando, mordiscando minha orelha, enquanto o polegar passa insistente em meu seio, incendiando-me.

— Você vai me levar para uma dessas suítes convenientes? — ronrono e ele morde a lateral do meu pescoço, a mão descendo para o meu ventre com um destino certo.

— Amigo, contenha a empolgação aí! — eu viro o pescoço ao ouvir a voz divertida de Alberto. Ele está acompanhado de Luciana, que sorri levemente. Heitor rosna, a mão voltando para a zona respeitável da minha cintura.

— Alberto. — Heitor o cumprimenta com um sorriso arrogantemente masculino. — Luciana. — outro casal avança, chegando até a mesa – Lígia e o namorado, Gonçalo Almeida, um promotor renomado e pedante até dizer

chega, de acordo com Heitor. Nunca os havia visto juntos. Na verdade, vi Lígia muito pouco desde que entrei na vida de Heitor. Ela é muito na dela, pelo que tenho percebido até agora. — Lígia, Gonçalo — ele completa, a inflexão no último nome deixando claro que não é um fã. —, juntem-se a nós, sentem-se.

— Olá! — digo, enlaçando meu marido pelo pescoço. Nem ele nem eu queremos levantar em nome da boa educação. Eu acho que nossos amigos entendem pelos sorrisos em seus rostos. — Que bom que vieram. Venham, sentem-se.

As mulheres vêm até mim, me dando beijinhos rápidos e os homens, apertam as mãos também. T vem para perto, incorporando o bom anfitrião, agradecendo a presença e, claro, provocando Alberto, como de costume. Logan não vem. Continua encostado ao parapeito, tomando seu uísque. Levanta o queixo ligeiramente em cumprimento a cada um e quando seu olhar encontra Lígia, um arremedo de sorriso cínico curva os cantos da boca. Os olhos escuros de meu cunhado cintilam com uma emoção intensa. Eles têm algo. Heitor está desconfiado desde o dia em que Theo nasceu e presenciou o que os dois disseram ser o primeiro encontro deles. No entanto, depois que os vi no aniversário de um mês de Theo, senti uma energia carregada demais entre eles. T também está provocando o irmão para ver se consegue arrancar algo dele. Em vão. Logan é fechado como uma ostra. Para a minha total surpresa, ele é gentil e atencioso com Theo nas vezes em que o encontra. Acho que o Maxwell mais novo tem uma história sofrida. Espero que se sinta à vontade para se abrir com os irmãos algum dia.

— O que você quer beber, meu amor? — a voz com um toque de impaciência de Gonçalo quebra o olhar carregado entre Lígia e Logan. Ela pisca e abre um sorriso para o namorado. É um sorriso pedante, esnobe. Ambos são da alta sociedade. Lígia é uma moça muito bonita. Vinte e sete anos, bem-sucedida. Sua aparência é sempre bem alinhada, usa o cabelo liso e escuro num requintado corte Chanel, partido no meio. Os olhos cor de avelã são poços reservados. Franzo o cenho, observando-a mais detidamente. Parece metódica demais, comportada demais.

— Um Dry Martini, querido. — responde com a confiança que sempre vi em sua voz.

Ouço um bufo, seguido de uma risada pachorrenta e arrasto meu olhar de

volta para Logan. Ele vira o copo e segue para o bar. Heitor já está imerso numa conversa com Alberto e eu observo mais ao meu redor. A boate é tão ou mais chique do que a outra em que estivemos no aniversário de Heitor. Acontece que T é um empresário sério, embora não pareça. Ele gosta de investir no ramo do entretenimento e com essa já são quatro casas noturnas que entra como sócio. Bebo mais espumante sem álcool e converso com Luciana pelos próximos minutos. Ela e Alberto ficaram noivos uma semana antes de Heitor e eu nos acertarmos. Ela está radiante, ostentando um anel lindo na mão esquerda. Eu voltei a usar a minha aliança. Heitor... Ele nunca tirou a dele. Eu fui tão cega e vingativa que não vi todos os sinais da mudança nele. Suspiro. Mas tudo passou. Ele é meu de novo e eu sou dele, isso é o mais importante. A cerimônia, daqui a dois meses e meio, será apenas para oficializar tudo.

Converso com Lígia também, enquanto Gonçalo se pavoneia sobre um caso difícil que irá a julgamento na próxima semana. Ele é um homem bonito, na casa dos trinta, loiro, olhos castanhos com uma permanente expressão esnobe. Eles não formam um casal harmonioso, no entanto. A interação entre eles é fria, para dizer o mínimo. Fora as mãos entrelaçadas, não há outro sinal de carinho. Como sempre acontece, meu assunto recai sobre o meu bebê.

— Theo é um bebê lindo e forte, nem parece de sete meses. — ela diz e essa parece a frase mais verdadeira que saiu da sua boca até agora. — Parabéns.

E com esses comentários, Lígia acaba de me ganhar. Não tem nada mais prazeroso para uma mãe do que ouvir elogios sobre seus filhos.

— Obrigada. Sim, meu menininho é perfeito. — eu rio em seguida da minha corujice. — Nos visite mais vezes. — convido.

— Eu vou. Obrigada. — ela sorri genuinamente, então olha na direção do bar e seus olhos ampliam, a expressão descontraída indo embora. Eu sigo seu olhar e vejo Logan prensando uma morena contra a parede, os dois envolvidos num beijo, praticamente fazendo sexo para quem quiser ver. Meu olhar volta para Lígia. Vejo raiva e... Dor passando no rosto bonito. Ela cerra os dentes, os olhos mostrando enfim alguma emoção. — Eu vou ao toalete. — avisa e praticamente corre da mesa.

Uau. Bem, eu acho que essa é a confirmação de que há algo entre ela e o

marrento do Logan. Alberto e Luciana anunciam que vão dançar. Gonçalo se levanta, indo atrás de Lígia. Logan não está mais se atracando com a morena quando eu o procuro. Ele não está à vista. Estou quebrando a cabeça com esse mistério, quando Heitor me puxa mais firmemente contra ele, ajeitando minha bunda em seu colo, o pau duro se alojando entre minhas bochechas, e mói gostoso, apertando minha cintura. Eu arfo e ele ri baixinho, a boca perversa mordendo meu ombro. Aproveitando que ficamos sozinhos, a mão escorrega pelo meu ventre e apalpa entre minhas coxas, pegando minha vagina nua em cheio. Ele rosna guturalmente ao sentir a minha carne molhada.

— Porra... — range, os dedos deslizando entre meus lábios. Quero virar de frente e montá-lo, mas seria muita ousadia. Olhando em volta, mantendo uma cara de pôquer, ele empurra um dedo grosso em minha vulva. Eu choramingo e pego minha taça, tomando um gole, fingindo uma casualidade que estou longe de sentir. — Que safadinha você é... — ele zomba no meu ouvido, movimentando o dedo dentro e fora, bem devagar, para não chamar atenção para nós. — Gostosa... — morde meu pescoço e me dá um tapa na bunda antes de puxar o dedo, me deixando louca para gozar. — Vamos para a suíte. Vou comer minha putinha até me fartar, só depois iremos embora.

— Oh, Deus... — eu gemo, pingando, latejando com a sensualidade do momento e suas palavras chulas. Amo quando me chama de sua putinha. Não me julguem, mas amo tudo que esse homem faz comigo.

Nós nos levantamos e Heitor me conduz para o corredor que me apontou antes. Anda comigo à sua frente, os braços enrolados em minha cintura, deixando claro a sua propriedade para o resto do mundo, e eu amo isso. Ele me excita demais com esse jeito possessivo dele. Na verdade, o mero fato de estar aqui, com ele, já me deixa muito excitada. Eu queria isso, sair em programas de casais normais, além dos eventos pedantes da nata paulistana que ele precisa participar por ser quem é. Quando chegamos no canto parcamente iluminado, Heitor retira um cartão do bolso e abre a porta. Estreito meus olhos, percebendo que já havia planejado tudo. Ele me impulsiona para dentro e meus olhos correm ávidos pelo ambiente luxuoso. Uma luz vermelha bruxuleante sai de arandelas em pontos estratégicos nas paredes. O espaço é ricamente decorado com sofás de couro preto e vermelho. Uma cama no centro e o detalhe mais hedonista é que há uma parede de vidro, nos dando a visão de vários ambientes da boate, e outra

mostrando as luzes de São Paulo a perder de vista. O som é ligado, os acordes da guitarra do Deep Purple em *Perfect Strangers,* soam em volume agradável. A suíte deve possuir isolamento acústico, observo que não ouvimos barulho de fora. Os vidros da parede lateral escurecem, ficando foscos. Uau.

— Agora ninguém pode nos ver. — sua voz soa no meu ouvido, me causando arrepios de excitação. — O som está bom, ou prefere outra coisa? — sussurra, depositando beijos e sugadas gostosas em meu pescoço, os braços puxando minhas costas contra seu peito.

— A música é perfeita, inesquecível para mim. — gemo, enquanto suas mãos delineiam minha cintura, subindo e descendo em minhas laterais. Ele sempre adorou meu corpo, e agora que estou mais voluptuosa, parece gostar ainda mais. — Ela tocava quando você me fez sua... — ele me gira em seus braços e eu o abraço pelo pescoço. — E me arruinou para todos os outros.

— Perfeitos estranhos que estavam destinados a se encontrar. — murmura, os olhos azul-gelo brilhando na semiescuridão, mexendo com tudo dentro de mim. — Porque se pertenciam. — completa, me olhando com tanto amor, adoração. Eu arfo, meus olhos lacrimejando.

— Eu te amo. — sussurro com todo o meu coração.

— Eu te amo mais, bebê. — sopra asperamente, descendo a boca na minha. Eu o recebo, sôfrega, nossas línguas se entrelaçando num beijo quente, cheio de querer, tesão, amor. Começamos a dançar, nos beijando de olhos abertos, nossas bocas mergulhando uma na outra, recuando, nossas línguas se lambendo lentamente em pinceladas eróticas. Eu o olho tão apaixonado, que meu coração amolece. Ele está lindo esta noite, usando uma camisa preta de botão e mangas compridas arregaçadas nos antebraços. Um jeans escuro e sapatos italianos. Minhas mãos correm pelos ombros amplos, amando como seus músculos estão mais duros, maiores. Sua aparência, que já era esmagadoramente viril para minha pobre libido, agora está simplesmente soberba.

Eu ofego, sentindo a música pulsante, me embriagando nele, meu amor, meu homem. Ele chupa a minha língua com força, as mãos grandes acariciando minhas costas nuas e caem para a minha bunda, me puxando mais, alinhando nossos sexos. Estamos em nosso próprio ritmo lento e sensual, nos esfregando gostoso. Nossos olhares travados. Heitor apalpa

minhas bochechas, agora mais carnudas e me puxa rudemente, me fazendo ficar na ponta dos pés e mói a coluna grossa e dura de sua ereção em meu centro. Eu pulso, pingando de tanto tesão, querendo-o todo dentro de mim. Nossas bocas ofegam uma na outra e ele suga meu lábio inferior, mordendo-o, lambendo-o. Eu choramingo, me pendurando em seus ombros, entregue, desejosa. Suas mãos descem mais, pegando a bainha do vestido curto, subindo-a, agarrando minhas coxas e logo a bunda nua.

— Porra, quando senti você nua, eu queria puxar meu pau para fora e meter bem fundo em sua boceta lá na mesa... — rosna, as mãos se dividindo, uma cavando em minha vagina e a outra em minha racha traseira. — Imaginou, Sofia? Todos em volta e eu comendo a minha neném, gozando gostoso, minha porra escorrendo em suas coxas depois...

— Ahh, Heitor... — eu gemo com a sua descrição indecente, estremecendo quando mete dois dedos em minha vulva, enquanto circula meu ânus com a outra mão.

— Tire o vestido para mim. — sua voz está tensa, rude.

Eu choramingo e puxo o vestido por cima da cabeça, jogando-o no chão. O modelo tem bojo, então não estou usando sutiã também. Fico apenas em meus *Jimmy Choo* pretos de saltos extravagantes. Eu me sinto muito bem explorando minha sexualidade com ele, o homem que me ensinou tudo. Um tapa cai em minha nádega direita. Eu gemo e serpenteio meu corpo no dele, me esticando toda, lambendo sua boca. Heitor ruge e traz uma mão para minha nuca, puxando o cabelo do jeito que adora fazer. Minha vagina pulsa, o melado grosso encharcando minhas paredes. Arfo, esperando mais um beijo e ele sorri, o sorriso perverso que me enlouquece, os dedos cavando mais fundo dentro de mim num vai e vem delicioso, o polegar passando sobre o meu clitóris. Sua boca viaja para o meu ouvido, onde lambe a ponta da orelha e a morde depois. Meu corpo estremece, esfrego meus seios tesos, pesados de leite, em seu peitoral.

— Junte os peitinhos e dê para eu mamar, neném. — rosna e eu gemo em antecipação. Ele mamando em mim é devasso, gostoso demais. Eu seguro meus seios cheios e arqueio as costas, oferecendo-me. Heitor abaixa a cabeça e ampara a minha nuca, forçando-me a arquear mais, quase dolorosamente, e passa a lamber os bicos, doce e lentamente, fazendo pulsar mais entre as minhas pernas. Choramingo e ele ri baixinho, malvado, então a boca quente

suga os dois mamilos de uma vez, abocanhando-os. É difícil sair o líquido assim e ele larga o outro, mantendo um na boca, chupando com firmeza ao engolir a auréola toda. — Aperte a carne, ordenhe o leite para a minha boca. — eu gemo, lamentosa, e aperto o seio enquanto ele suga e engole audivelmente o meu líquido materno até esvaziar. Heitor rosna e abocanha o outro, já dolorido, precisando ser esvaziado também. Os dedos aceleram, comendo-me com força, bem fundo. Resfolego, todo o meu corpo arrepiando, o calor escaldante vibrando em meu baixo ventre. Heitor chupa com ganância, rolando a língua no mamilo, mordendo-o perversamente, então explodo, gozando e gemendo alto. Meu líquido molhando a sua mão toda.

— Vá sentar no recamier e abra bem as pernas. — puxa os dedos do meu interior. Eu ainda estou sofrendo os espasmos. — Quero ver essa bocetinha gulosa ansiando pelo meu pau. — ele me empurra suavemente. Eu me viro de costas e ouço seu rosnado, de certo vendo a minha bunda. Ele está completamente tarado pela minha bunda. Rio, andando sensualmente, dando-lhe um show. Quando chego ao móvel de couro vermelho, apoio as mãos e me inclino, abrindo as pernas e empinando bem a bunda. — Sofia, não me provoque... — range e eu rio mais, girando com graça para me sentar no estofado antes de puxar as pernas para apoiá-las na borda do móvel. Fico toda arreganhada para ele, sem nenhum pudor. Heitor rosna, arrancado a camisa grosseiramente, os olhos lindos e perversos correndo por cada centímetro do meu corpo e indo parar na minha vagina toda aberta para ele. — É minha putinha, menina... — ruge, vindo para mim devagar.

Meus olhos correm pelo peitoral e abdome definidos e descem mais, encontrando o pau longo e grosso saltando para fora da calça. Ele se livra da calça e dos sapatos e para à minha frente, todo macho, os olhos glaciais fumegantes ao me devorar. Eu me arrepio toda, meu creme escorrendo entre os lábios. Ele segura o eixo e aproxima a ponta do meu rosto.

— Sua vez de mamar, bebê. — diz com a rudeza que amo. Eu gemo e me inclino, beijando a cabeça avantajada. Escorrego os pés para o chão, mantendo-me ainda toda aberta para ele, e seguro seu eixo grosso pela base com a mão direita. Masturbo-o devagar, enquanto lambo a ponta e depois ele todo. Heitor geme, rouco, as mãos juntando meu cabelo no alto da cabeça. Olho-o o tempo todo, enquanto banho seu belo pau com a minha língua, dando leves sugadas na cabeça. — Droga, que boquinha gostosa, amor. — apesar do termo carinhoso, puxa meu cabelo e eu gemo, pingando com seu

tratamento rude. Rindo baixinho, eu abro a boca e levo o máximo que consigo até a minha garganta. Ele ruge, grunhe, geme, ainda puxando meu cabelo, e passa a foder minha boca com firmeza. Seus olhos fervem observando-me chupá-lo, meus lábios esticados ao máximo ao redor do eixo espesso. Lágrimas surgem em meus olhos pelo esforço em levar seu membro avantajado, mas não me importo. Eu mamo pra valer, sugando, deixando os dentes rasparem um pouco. Sinto-o estremecendo, o pau inchando mais em minha garganta. — Ahhh, porra, eu vou gozar! — avisa, metendo fundo. Eu massageio seus testículos com a pressão certa e chupo com força para acelerar seu gozo. Ele urra e o primeiro jorro do sêmen quente explode em minha boca. — Sofia... Assim, ohhhh... Toma o leitinho, neném... Bebe a minha porra. Não deixe nenhuma gota... — os olhos azul-gelo me fixam, semicerrados, prazer claro em seu rosto másculo, enquanto despeja seu gozo em mim.

Eu choramingo com suas palavras depravadas. É tão imoral, só que é tão sexy. Eu tomo tudo, cada gota, com ganância, até deixá-lo limpo. Com o sorriso perverso que me mata de tesão, ele me empurra e eu caio para trás, meu torso na cama e a bunda sobre o recamier. Heitor vem para cima de mim, arreganhando minhas coxas, e abocanha minha vagina, com fome. Meu corpo estremece todo, sentindo a delícia da boca morna, chupando meus lábios juntos, depois separados, rodando a língua sobre o meu montículo inchado. Rosnando alto, ele pega meus quadris e os leva de encontro ao seu rosto e me come com a mesma ganância com que eu o estava chupando. Eu choramingo, gemo e grito desamparada, enfiando as mãos em seu cabelo macio e rebolo em sua boca. Ele ruge mais, esfregando o rosto todo na minha carne molhada. Enfia a língua dura em minha vulva, lambe tudo e desce mais, lambendo meu ânus. Meus olhos reviram com o prazer devasso. Enfia dois dedos em minha vulva e continua lambendo, chupando meu buraquinho. Em seguida, leva os dedos da vagina para o meu pequeno buraco. Enfia um e eu relaxo, deixando-o meter todo, fundo. Os lábios voltam para o meu clitóris e o chupa com força, acrescentando mais um dedo em meu ânus, me alargando sem pena. Meu corpo todo vibra, um novo orgasmo começando a se formar em meu ventre, fogo me varrendo por dentro.

— Heitor... — eu choro seu nome, o gozo na iminência de vir. Ele ri e se retira de mim, me fazendo choramingar. — Eu quero você.

Ele ri mais, os olhos glaciais zombando de mim. Puxa meus sapatos e me

empurra grosseiramente para o centro da cama. Eu grito quando ele me vira de bruços e monta em minha bunda. Há um espelho na cabeceira da cama e posso ver o tesão, a luxúria crua em seu rosto quando abre as minhas bochechas e vê meu ânus. Ele se abaixa e me lambe de novo, me fazendo contorcer de prazer, minhas unhas cravando nos lençóis, então me bate nos dois lados e passa a chupar e mordiscar meus globos.

— Junte bem as pernas, bebê. — ele se debruça sobre as minhas costas, afastando meu cabelo para o lado e suga a minha nuca bem gostoso. Tremores perversos me assaltam quando faço o que orienta, e ele se alinha em minha vulva. Seus olhos prendem os meus no espelho e ele mete o pau todo, embainhando-se sem dó.

— Ai, ohh... Heitor... — eu choro, palpitando à sua volta. Suas mãos cobrem as minhas e ele puxa quase tudo, voltando com força, rasgando meu canal, fundo, bruto, como ele gosta, como *eu* amo.

— Que gostosa, menina... Eu morro por essa bocetinha apertada. — rosna, mordendo meus ombros e pescoço, o quadril trabalhando no meu, estocando com firmeza e fundo dentro de mim. Essa posição é deliciosamente dolorosa, entra apertado demais, grosso. — Amo arrombar essa boceta... — eu emito ganidos altos, entrecortados, o orgasmo vindo com força. Ele não para, me come com voracidade, metendo profundamente. Suas mãos enfiam debaixo de mim e pegam meus seios, sovando, apertando os mamilos, e eu me empino para levar tudo, absolutamente tudo dele. Ele rosna, aprovando minha ganância e me arreganha sem dó em uma, duas estocadas brutais e eu berro, gozando tão forte que minhas vistas escurecem.

— Oh, Deus... Que gostoso... — balbucio, meu rosto enterrado nos travesseiros. Ele não alivia, continua me comendo muito depois dos meus tremores passarem. Seus lábios mornos depositam beijos suaves em minhas costas e seu ritmo diminui até parar. Gemendo baixo, ele se retira e abre a minha bunda, encostando a cabeça gorda em meu orifício. Ofego, a lascívia voltando em minhas veias quando percebo que vai me tomar inteira essa noite.

— Sim, bebê, vou te comer todinha... — range, massageando meu ânus com a ponta grossa ao mesmo tempo em que vai empurrando em mim. Resfolego ao sentir a cabeça passando pelo meu anel. Ele sabe o jeito certo de ir enfiando para não doer tanto, mesmo assim arde, porque é bem

avantajado. Vejo pelo espelho as coxas poderosas me montando de cada lado, a expressão feroz de prazer sujo à medida que vai metendo em mim. Arfo, estremecendo, sentindo o grande volume entrando e me sodomizando. Ele puxa um pouco para fora e fica assim, num vai e vem delicioso. Eu me remexo precariamente embaixo dele, dominada. Não satisfeito, ele arreganha bem a minha bunda e olha meu ânus engolindo-o. Grunhindo alto, ele mete tudo numa estocada perversa, funda. Eu grito, alucinada, a picada de dor e prazer se misturando, inflamando minhas veias. Ele se inclina e puxa meu cabelo da nuca, obrigando-me a arquear para trás, então passa a estocar devagar em meu canal, comendo-me tão gostoso, que meus dedos dos pés enrolam e mais jorros de excitação inundam a minha vagina. Combinando a suavidade das estocadas com o puxão firme em meu cabelo, e eu deliro, empinando-me mais, convidando-o a ser mais bruto.

Ele me puxa para trás sem sair de mim e se senta na beira do colchão, minhas costas em sua frente, minhas coxas arreganhadas sobre as suas. Continua puxando firme meu cabelo e estoca fundo, metendo de baixo para cima. Já estamos suados, ofegando, ganindo, perdidos na nossa luxúria. Apoio as mãos em suas coxas e ele ruge, porque a posição o faz entrar até o cabo. Sua mão livre vem para o meio das minhas coxas e cava a minha vagina, então enfia dois dedos bem fundo. Eu gemo, jogando a cabeça para trás, me dando toda para ele. Heitor solta o meu cabelo e pega meus seios, a boca vindo com avidez para o meu pescoço. Eu pendo a cabeça em seu ombro, sobrecarregada, molhada, arfante, alucinada de tanto tesão. Amassa meus seios e, sem aviso, retira os dedos da minha vulva, dando um tapa no clitóris. Eu berro de dor e luxúria, mas o prazer inconfundível que esse homem me proporciona é muito maior, então eu me aproximo de outro orgasmo. Rindo e gemendo roucamente em meu ouvido, Heitor se levanta comigo empalada nele. Com meus pés sem tocar no chão, ele caminha comigo assim até chegar à parede que oferece a vista da cidade.

— Olhe para você, neném.... — sussurra rudemente em meu ouvido, e assim eu o faço. Encaro meu reflexo e arquejo com a mulher me olhando de volta. Ela está descabelada, corada, os olhos enevoados de tanto desejo, lascívia. Mas, ao mesmo tempo, nunca me achei tão bonita ao dar prazer ao meu homem. Meus olhos encontram os dele na vidraça. Suas mãos passeiam pelo meu corpo todo, coxas, cintura, seios, vagina, apertando, pegando com posse, seu olhar preso ao meu. — Vamos, toma o meu pau todo nesse

cuzinho apertado e gostoso... — segura meus quadris e empurra com força, me tirando o fôlego. Choramingo, arranhando o vidro, arqueando-me para levá-lo todo, rebolando em seu pau, e Heitor me come com fúria. Arreganhando-me sem pena, tão grosso, grande, castigando-me. Sua mão encontra meu sexo novamente, esfrega meus lábios vaginais e depois o meu montinho. — Ahh, porra! Sofia... Goza comigo, bebê... — sinto-o mais animal, engrossando dentro de mim, me comendo fundo, gemendo rouco. A massagem no clitóris se torna intensa e eu resfolego, meu corpo tremendo todo, então nós dois urramos ao mesmo tempo. Seu esperma quente me inunda e eu desabo, minhas pernas cedendo enquanto o gozo varre meu corpo em perversas ondas escaldantes.

Heitor me firma e continua metendo em mim até despejar a última gota, cheirando meu cabelo, seus lábios sugando minha orelha, sua respiração e gemidos ruidosos em meu ouvido, as mãos passeando pelo meu corpo de novo, gananciosas. Suor cobre a nossa pele e eu abro os olhos e vejo a cidade, me sentindo poderosa ao ser devorada, mas, acima de tudo, amada pelo homem da minha vida. Ele geme em meu ouvido e ri um pouco, ofegante, lindo. Pega meu queixo e vira o meu rosto para o seu, e contrariando sua posse feroz, sua boca toma a minha num beijo suave. É delicioso, os lábios mornos chupando os meus, minha língua. Seguro sua cabeça por trás e o beijo de volta, gemendo baixinho, saciada, uma lassidão gostosa tomando conta de mim.

— Minha menina perfeita... — sussurra contra a minha boca, os olhos azul-gelo se abrindo direto para os meus. Meu coração canta com suas palavras e expressão amorosa, agora que a paixão carnal arrefeceu. — Você nasceu para ser minha.

— Sim, amor, e você para ser meu. — murmuro de volta. Ele ri, a risada profunda e deliciosa que me deixa ainda mais apaixonada.

— Sim, bebê. — roça a boca na minha, ternamente. — Eu esperei por você a minha vida inteira. Esperei pelo seu amor.

— Heitor... — eu digo o seu nome com meu coração mole e olhos marejados.

Com mais um beijo suave, ele sai de mim com cuidado e me levanta nos braços, nos levando para o banheiro no lado oposto da suíte.

— Vou cuidar da minha neném agora. — diz numa mistura terna e indulgente. — Eu vou querer você de novo daqui a pouco.

— Eu também. — digo, rindo, jogando meus braços em seu pescoço, lembrando do primeiro momento em que fui atrevida assim ao dizer o que o queria. Foi na Grécia, naquelas duas semanas mágicas. Lá eu me apaixonei perdidamente por ele, mesmo achando-o um déspota. Um senhor feudal. Lindo. Delicioso. Isso me faz rir mais.

— Que sorriso é esse? — pergunta, estreitando os olhos azuis nos meus. Entramos no banheiro luxuoso e ele me escorrega para o chão. Eu continuo pendurada em seus ombros e ele ri, os braços se fechando em minha cintura. Suspiro com nossos corpos colados ao senti-lo todo másculo contra mim. Ele sussurra bem perto da minha boca: — Conte-me, amor.

— Eu quero passar uma parte da nossa lua de mel na Grécia. — digo, tocando seu rosto ainda corado. — Foi lá que eu me apaixonei por você, mesmo você sendo um ditador. — rolo os olhos.

Ele ri de novo profundamente. Deus, eu amo esse som, a expressão em seu rosto quando ri assim. Eu o amo tanto. Tanto. Meus olhos devem estar lhe dizendo isso, porque sua expressão suaviza ainda mais.

— Eu acho que foi lá que me apaixonei por você também. — diz, me dando um beijo leve. — Embora eu tenha ficado fascinado por você e essa boquinha atrevida desde o primeiro encontro e a forma como me desafiou. — é a minha vez de rir. — Sim, podemos passar pela Grécia e depois seguimos para a sua surpresa... — diz enigmaticamente. Ele está adorando me deixar curiosa quanto à nossa lua de mel. Antes que possa protestar, ele me levanta pela bunda e liga o chuveiro, me fazendo gritar quando o fluxo de água cai sobre nós.

— Amor! — eu rio alto. Ele também ri e ficamos assim, parecendo dois bobos, rindo e nos beijando embaixo do jato de água. Mais um suspiro me deixa. Eu posso me acostumar com isso: ser feliz.



CAPÍTULO VINTE E UM

Dois meses depois...

Sofia

Eu saio do elevador privativo, direto na antessala da presidência. Theo sorri, mostrando o dentinho superior que ganhou semana passada, e meu coração derrete. Meu menino é a cópia fiel do pai e eu os amo mais que tudo nesse mundo. Ele está todo arrumado com um macacão azul-escuro para a sessão de fotos que vamos fazer para a revista Caras. Já fizemos algumas lá em casa ontem, e a revista quer algo no ambiente de trabalho do grande CEO da aviação para complementar a matéria. Heitor parou de boicotar a imprensa e temos nos mostrado mais no último mês. Aproveitei a onda de abertura e propus darmos uma repaginada no catálogo de Natal da HTL. Os catálogos dos anos anteriores eram de Heitor, sério demais, em sua sala, e T, um pouco mais descontraído, perto da frota da empresa – tudo muito mecânico e sem graça. Sugeri que fizéssemos diferente esse ano com uma publicação na revista da HTL. Sugeri ainda que Heitor, T e Logan tirassem fotos oficiais com a equipe de São Paulo e instruíssem as equipes espalhadas pelo Brasil a fazerem o mesmo para uma edição especial de Natal. Heitor aprovou a ideia imediatamente, ele sabe que amo essa época do ano. E esse Natal será ainda mais especial, porque estamos juntos de novo e agora temos o nosso lindo menino para coroar tudo. Theo ri alto de novo.

— Isso tudo é por que vamos ver o seu papai, meu amor? Diz para a mamãe. — eu beijo sua bochecha rosada e sua risadinha ressoa na sala. Ele está enorme e pesado aos cinco meses, então eu o acomodo melhor em meus braços.

— Quer que eu o segure, senhora? — Joana, uma das babás, oferece solícita ao ver a minha luta com o rechonchudo.

— Está tudo bem. A mamãe ainda dá conta de segurar esse meninão. — respondo ao mesmo tempo gracejando com ele, que ri e balbucia, os olhinhos azul-gelo me encarando com adoração. — Bebê mais lindo da mamãe. — continuo corujando.

— Vou aguardar aqui, senhora Maxwell. Se precisar de mim é só chamar. — a voz de Renan me faz olhar para ele. Ele nos trouxe até a empresa, uma vez que Heitor só confia em transportar Theo com o seu chefe da segurança.

Ele é tão protetor.

— Obrigada, Renan. Nós vamos voltar com Heitor. — agradeço-o e ele acena, entregando a bolsa e o bebê conforto de Theo para Joana.

Luciana nos vê e sorri, levantando-se da sua mesa e vindo ao nosso encontro.

— Oi, Sofia. Ei, garotão! — ela se inclina e beija a cabecinha ruiva. Ele se desmancha em risos, intensificando os balbucios. Eu acho que meu menino puxou a animação de T, mas espero que não seja mulherengo como seu tio e padrinho quando crescer. Rio com esse pensamento.

— Oi, Luciana. — cumprimento-a, trocando um beijo rápido de lado. — Estamos muito atrasados? Heitor me ligou *trocentas* vezes enquanto estava no trânsito. — rio, conspiratória, sobre o cuidado excessivo do meu marido comigo e Theo quando saímos de casa.

Ela me devolve um sorriso compreensivo, uma vez que trabalha com ele há muito tempo, sabe exatamente como é Heitor Maxwell.

— O fotógrafo acabou de chegar. E, sim, Heitor está naquele humor, além do almoço chato com os executivos americanos, teve uma reunião longa esta tarde. — informa, indo para a porta e abrindo-a, sem me anunciar. Eu e Theo temos acesso ilimitado por aqui.

— Eles chegaram, Heitor. — Luciana avisa com um sorriso na voz.

Heitor estava conversando com o fotógrafo da revista. Sua cabeça gira para nós e eu vejo a transformação acontecendo em seu rosto antes sisudo. Os olhos azul-gelo cintilam, fitando a mim e nosso filho. Um meio sorriso brinca em sua boca e ele abandona o homem, vindo para nós.

— Estarei em minha mesa se precisarem de algo. — Luciana torna a falar, fechando a porta.

Eu avanço também, tomando meu tempo para babar no meu marido alinhado em um de seus ternos sofisticados de três peças. Tão imponente, o CEO fodão em seu ambiente natural. Lindo demais. Esse é cinza-escuro com uma gravata vermelha, dando-lhe um toque descontraído. Eu o ajudei a se vestir quando saiu de casa está manhã. Essa é uma das muitas coisas que estou amando em nossa nova vida juntos – a intimidade e cumplicidade que voltou a crescer entre nós como se nunca tivéssemos ficado longe por tanto

tempo. Nós fazemos coisas de casais normais agora, como ajudar o outro a se vestir, preparar refeições juntos, tomar banho de piscina quando ele chega estressado do trabalho. Heitor até mesmo preparou um piquenique na beira do lago no domingo passado, como sempre sonhei. Ele, eu e nosso bebê, ao cair da tarde, como numa dessas cenas clássicas de romance florzinha. Tenho certeza que Rosa lhe contou sobre essa minha vontade, como fazia com os meus desejos de grávida. Ah, e as flores continuam chegando, todos os dias, religiosamente pela manhã e à tarde. Ele tem sido perfeito. Foram quase três meses de muito amor desde que nos acertamos. Heitor me ama, não tenho mais nenhuma dúvida.

Entretanto, nem tudo foram flores nesse meio tempo. Acreditam que a vaca argentina ressurgiu das profundezas do inferno, há duas semanas, numa entrevista exclusiva a uma famosa revista sensacionalista? A puta insinuava que o caso com Heitor nunca tinha acabado e que ele só voltou comigo por causa do herdeiro que lhe dei. Ela descreveu em detalhes toda a sua relação com ele em páginas e mais páginas. Gostaria de dizer que isso não me abalou, mas estaria mentindo. Isso me abalou muito. Odeio aquela mulher com todas as minhas forças e a imagem dela com ele, naquela fatídica noite, voltou com tudo em minha cabeça, deixando meus sentimentos uma bagunça. Heitor virou uma fera, processou tanto a revista como a vadia, entregando todas as gravações das ligações que ela tinha feito me hostilizando no passado para a polícia. Inclusive a acusou formalmente de causar o princípio de aborto que sofri. Resultado: ela está legalmente impedida de vir ao Brasil. Heitor ficou desesperado, com medo de eu o deixar de novo porque, embora eu negasse, tudo que envolve aquela maldita mulher me deixa abalada. Acabei deixando-o inseguro, mesmo sem querer.

Ele argumentou que Vera estava lançando uma cortina de fumaça para ofuscar a falência da empresa de seu pai, cuja notícia já estava espalhada pela América Latina. Sim, ele estava certo, mas sou humana e esse tipo de coisa mexe com a gente, sim. Porém, nas conversas com Carla e Calista, levei broncas que me fizeram cair na real. As duas ficaram em êxtase quando eu e Heitor voltamos e não querem nem saber de nada que macule a imagem de homem perfeito que elas têm dele agora. Estou ansiosa para rever minhas queridas amigas no meu casamento, na próxima semana. Enfim, as duas me fizeram parar de dar ibope para aquela mulher horrível. Carla me chamou de cadela cega e volúvel. Pode isso? Ela virou completamente a casaca para o

time de Heitor. E Calista me disse para parar de ser tola, que meu marido é um dos homens mais influentes no ramo da aviação não só no Brasil, mas no mundo, portanto, pode ter a mulher que quiser, só quer a mim e já provou isso. Isso me fez entender que era exatamente a reação que a vadia queria – me desestabilizar, fazer de mim e Heitor infelizes de novo. Eu refleti, ergui a cabeça e decidi deixar a puta onde ela pertence: no passado. Nunca mais terá poder para mexer comigo e minhas emoções. Nunca mais me fará duvidar do amor que meu marido tem demonstrado todos os dias, incansavelmente, por mim e a família que estamos construindo juntos.

Eu volto do recuo mental e encontro Heitor me olhando de cima a baixo, fazendo uma leitura lenta do meu corpo. Também estou vestida para a ocasião usando um vestido verde floresta justo no busto e cintura, e saia mais ampla, alguns centímetros acima dos joelhos. Sandálias douradas de tiras que sobem pelas minhas panturrilhas dão o toque sensual ao modelo comportado do vestido. Ele aprova meu traje pela forma como aquele canto de boca perverso inclina sutilmente e seu olhar sobe devagar para o meu. Meu corpo inteiro cantarola com esse olhar. Eu amo os seus olhos, a tonalidade de azul única, a expressão às vezes gelada, às vezes quente, dependendo do seu humor. Nesse momento, eles estão quentes, penetrantes nos meus. Estou um pouco ofegante quando para à minha frente, tanto pelo esforço em carregar Theo, quanto pelo olhar sexual que seu pai está me dando. Ele sabe o quanto mexe comigo e gosta disso. Ele sempre gostou. Meu malvadão lindo. Eu também deixo meus olhos falarem por mim.

— Bebê... Vocês demoraram. — reclama, mas sua voz é apenas um sussurro, os olhos lindos me devorando como eu a ele.

— Desculpe, amor. O trânsito estava ruim. — murmuro de volta.

Theo grita, ri, agita os bracinhos, querendo o pai. Heitor gargalha, todo lindo, e me dá um beijo delicado na boca, a mão grande segurando minha cintura por um momento. Com um sorriso suave, mas de puro orgulho, pega o pequeno agitador dos meus braços e sua atenção é toda do filho agora.

— Papai estava preocupado com você e sua mamãe soltos pela cidade, sem ele por perto. — diz com voz amorosa, levantando Theo acima da sua cabeça, e a clássica algazarra está formada. Nosso menino ri, agita pernas e braços, amando a atenção do pai. — Você cuidou dela, filhão? — Theo solta risadinhas eufóricas. — Sim? Você é mesmo um meninão esperto, não é? É o

orgulho do papai.

E meu coração derrete por completo olhando-os embevecida. Eu sempre vou amar vê-los juntos. Heitor é o melhor pai que eu poderia querer para os meus filhos. Não há mais o menor resquício do homem frio que conheci no passado. É um novo homem. Um pai maravilhoso, que cuida mesmo do nosso pequeno, dando banho, trocando fraldas sujas, cantando canções de ninar. É o homem que amo com todo o meu coração. Nada e nem ninguém vai me fazer deixá-lo. Nunca. Ele me olha de lado e seu sorriso amplia, gostando de me ver babando neles dois. Eles são meus. Meu peito aquece e meus olhos marejam de tanto amor pelos dois homens da minha vida.

— Vamos tirar logo as fotos para eu poder curtir a minha mulher e meu filho. — ele sussurra, se inclinando e me dando mais um beijo na boca. — Odeio quando a correria não me deixa ir almoçar com vocês, amor.

— Eu sei que tem estado ocupado com tudo que aconteceu, amor. Está tudo bem. — murmuro, tocando seu rosto e barba bem aparada.

As coisas não foram flores mesmo... Apenas três dias depois da matéria da vaca argentina, ainda passamos um susto sem tamanho com T. O avião que ele pilotava sofreu uma pane e ele teve que fazer um pouso forçado no mar, a poucos quilômetros do Aeroporto Santos Dumont, no Rio. Foi um alvoroço na imprensa brasileira e mundial. Isso também contribuiu para eu deixasse a puta desprezível amargar no esquecimento e dar atenção ao que realmente me importa, a minha família.

Como resultado daquele incidente, Heitor tem estado muito tenso, porque quando um avião cai é sempre algo preocupante para a empresa, que tem que se desdobrar para mostrar que ainda é seguro voar em suas aeronaves. Mas, graças a Deus, não houve vítimas fatais e a HTL está prestando toda a assistência aos passageiros daquele voo e suas famílias.

— São ossos do ofício. — ele exala. — Graças a Deus não aconteceu nada grave com o meu irmão, a tripulação e os passageiros. Eu juro, ganhei alguns cabelos brancos, bebê.

— Sim, graças a Deus. — sussurro. — Não há nenhum cabelo branco aí. Mas, quando tiver, tenho certeza de que isso o deixará ainda mais sexy, charmoso... — digo com um meio sorriso provocativo, bem baixinho, apenas para ele.

Seus olhos se iluminam com humor e um toque de safadeza.

— Vamos logo com as fotos antes que eu diga coisas indecorosas para a minha mulher na frente de estranhos. — diz no mesmo tom só para os meus ouvidos.

Eu rio e ele me enlaça pela cintura, nos virando para o rapaz, que tem um sorriso no rosto, de certo apreciando a cena. Nós posamos pelos próximos trinta minutos. Heitor sentado em sua cadeira, imponente, mas segurando Theo em seu colo, quebrando um pouco da pose de CEO durão, e eu sentada no braço da cadeira, minhas mãos possessivamente sobre os dois. Tiramos algumas em pé, contra a parede de vidro. Outras na ampla sala de estar. Joana pegou Theo em determinado momento e o fotógrafo tirou uma sequência apenas Heitor e eu.

Após a sessão, o fotógrafo nos deixou, agradecendo em nome da revista. Em seguida, Joana foi enviada para casa em um táxi. Heitor gosta de privacidade comigo e Theo sempre que estamos juntos. Avisou que estava esperando alguns e-mails para encerrar o expediente e, enquanto isso, corujou nosso pequeno até que ele começou a dar sinais de cansaço, os olhinhos pesando e logo adormeceu no colo do pai. Heitor o coloca com cuidado no bebê conforto sobre o sofá, se senta na outra ponta do estofado e se estica, os músculos ondulando sob a camisa branca. Ele retirou o terno e o colete para brincar com Theo. Eu dou a volta, ficando por trás do encosto do sofá e passo a massagear os ombros amplos. Ele geme rouco, lembrando os gemidos que dá quando está dentro de mim.

— Porra, que gostoso, neném. — murmura, enquanto solto os nós de tensão um a um. — Hoje foi puxado. — resmunga e eu me inclino, me debruçando sobre ele, minha boca encontrando a sua num beijo invertido.

Ele geme mais, lindo, másculo e sem aviso, pega meus braços e me puxa por cima do encosto do sofá, me fazendo cair sobre o seu colo, me arrancando um gritinho de surpresa. Então me pega, abrindo minhas coxas, me fazendo escarranchá-lo. Nossos olhares se encontram e se prendem, quentes, cheios de amor e desejo. Minhas mãos passeiam pelos seus ombros, indo para a nuca, onde continuo massageando.

— Eu quis adiantar bem as coisas no escritório hoje, porque amanhã vou tirar o dia de folga. — esfrega a boca na minha e o gesto sempre me deixa mole e excitada. Eu amo quando faz isso.

— Sim? Heitor Maxwell tirando um dia inteiro de folga? — eu finjo-me de desentendida. Amanhã completo dezenove anos. Ele está fazendo suspense sobre as comemorações para o meu aniversário. Ele e vovó Mag.

Suspiro. Dezenove anos. Parece que foi ontem, estava fazendo dezoito e com o peso de ter que ser entregue a um homem frio e assustador. Em contrapartida, o homem mais devastadoramente bonito e sexy em que já havia posto os olhos. Seu rosto suaviza e ele acaricia minha face levemente com as pontas dos dedos. Sua expressão denota tanto fascínio quando me toca, que me sinto como uma obra de arte valiosa toda vez.

— Sim, bebê, só para você. — sussurra, mordiscando de leve meu lábio inferior, o superior, a boca toda. Isso faz pulsos de calor descerem em meu sexo, umedecendo minha calcinha. — Eu quero beijar a minha mulher adequadamente agora. — geme rouco e mergulha a boca na minha, seus lábios são suaves, porém firmes. A língua desliza, lambendo minha boca em pinceladas sensuais, fazendo-me gemer baixinho, minhas mãos voltando a passear pelos ombros, peitoral sólido. Sinto-o ficando duro, pressionando meu centro. Acaricia minhas costas e sobe uma mão para a minha nuca, enfiando em meu cabelo e eu me torno uma massa sôfrega em seus braços, para variar. Aprofundo o beijo, entrelaçando minha língua na sua e ele geme profundamente, a outra mão descendo para a minha bunda, apertando-me contra sua ereção potente. Nós rimos e nos lambemos devagar, moendo, namorando gostoso.

— O que você vai querer, bebê? — murmura entre beijos, a mão voltando a subir pelas costas numa carícia suave. — Peça e será seu.

— Eu só quero você, nosso filho, nossa família, juntos. — digo baixinho.

Ele ri profundo, gostoso. Sua expressão é cheia de fascínio quando sussurra:

— Minha menina é tão fácil de agradar.

O som de alerta de e-mails vem do seu celular. Ele faz uma cara de desculpas e confere as correspondências. Enquanto isso, corro meus dedos pelo seu cabelo curto, descendo pelos ombros, voltando a massageá-los, amando ver seu rosto sério, compenetrado de CEO fodão. Alguns minutos depois, ele exala e guarda o celular no bolso da calça.

— Pronto. Agora posso ir para casa relaxar. — diz com um meio sorriso

brincando na boca.

— Relaxar? — pergunto baixinho.

O brilho cínico e perverso toma as íris azuis e suas mãos descem, agarrando minha bunda em cheio.

— Sim. Ficar de molho na banheira... Com a minha neném cavalgando bem gostoso no meu pau. — ele rosna baixo, mordendo a minha boca de novo, e eu mio, latejando sem vergonha. — Essa é a minha ideia perfeita de relaxamento, amor.

Eu rio, depositando beijos suaves em seu rosto bonito.

— Totalmente de acordo. — ronrono. — Vou cuidar do meu CEO durão, meu malvadão sexy... — sussurro e ele ri perversamente, as mãos subindo pelas minhas costas, descendo para a bunda de novo, indo e voltando numa carícia deliciosa, nossos olhares fixos, falando sacanagens, mas também do amor que sentimos um pelo outro. — Vou deixá-lo bem relaxado, amor, prometo.

— Porra, eu tenho tanta sorte... — rosna com um sorriso malvado. — Quero gozar em você inteira.

— Sim, você tem. E sim, você pode... — digo sem nenhuma modéstia e nós dois rimos antes de ele mergulhar a boca na minha, mais uma vez.

Uma semana depois...

Os estilistas contratados para cuidar de mim terminam de ajeitar meu véu e a delicada tiara de lírios sobre a minha cabeça. A cerimônia será na beira do lago. Depois que Heitor descobriu minhas ideias românticas sobre o lugar, sugeriu que fizéssemos a celebração na ampla faixa de grama que circunda a água. Eu ainda não vi nada da decoração, pois estive o dia inteiro sendo cuidada e preparada para esse momento. T, e até mesmo Logan, acabaram de deixar o quarto. Passaram para me desejar boa sorte. Tudo bem que Logan apenas tropeçou em algumas palavras, verdade seja dita. Ele é péssimo em demonstrar sentimentos, bem parecido com Heitor quando o conheci. Valeu a intenção, no entanto. Meu cunhado tem se esforçado para se encaixar na família. Depois do incidente com T, os irmãos ficaram muito mais próximos, tenho percebido. Porém, Theo é o único que não tem problemas em arrancar sorrisos do tio marrento, sempre. A estilista me libera para finalmente conferir seu trabalho no espelho e eu arfo, inalando o ar com força diante da

garota aqui, me encarando de volta. Meus olhos ardem, emoção me tomando por inteiro. Estou pronta para me casar com o meu lindo homem complicado. De novo. Só que dessa vez nossos juramentos serão verdadeiros. Ele está se entregando para mim, sem reservas, e eu a ele. Seremos um do outro para sempre.

Foi uma longa e espinhosa jornada, mas chegou o momento da menina maltratada, que cresceu sem amor, encontrar de vez a felicidade. Um soluço me escapa, não contendo meus nervos. Há mais fungados atrás de mim. Vovó Mag, Carla e Calista estão aqui comigo, no amplo closet. Eu me movo, olhando o modelo do vestido princesa com um caimento perfeito. É tomara que caia com um casaquinho de renda delicada e mangas compridas, todo bordado com pequeninas rosas brancas e vermelhas. A saia é ampla, com uma cauda que rivaliza com os quase três metros do véu. As mesmas rosinhas estão espalhadas pela saia de seda e tafetá finíssimos. Eu me apaixonei por esse modelo quando os estilistas me mostraram. Meu cabelo está preso em um coque baixo e sofisticado, o franjão assentado para o lado direito. Tenho a aparência que sempre sonhei em me casar. Era assim, exatamente assim que queria caminhar para o homem da minha vida. De repente, a lembrança do meu pai me invade. Meu peito aperta por ele não poder viver esse momento comigo. Busco a imagem dele jovem, bonito, saudável, rindo para mim, me amando, antes de ser totalmente corrompido pelas víboras. É essa imagem que quero conservar em minha mente. Fecho os olhos e converso com ele em silêncio. *Eu sinto muito, pai. Sinto que seu fim tenha sido tão triste. Vou guardar comigo apenas as boas memórias e juro a você que serei feliz. Sei que, apesar de tudo, o senhor queria a minha felicidade. E a minha felicidade está lá fora, com o homem que amo e o fruto do nosso amor.*

— Você está tão linda, Sof. — Car murmura com voz chorosa, me fazendo abrir os olhos. Ela está deslumbrante num longo amarelo, combinando com sua tez de Pocahontas. — Ai, amiga, acho que vou chorar.

Eu rio um pouco porque ela não vai, já está chorando, na verdade. Vem até mim e me abraça com delicadeza. Eu luto contra as lágrimas, meu coração cheio de amor pela minha melhor amiga. Ela chegou há dois dias e deu para matar um pouco da saudade que sinto, mas ainda é insuficiente. Está emocionada porque é a madrinha de Theo e o evento de hoje é duplo, meu pequeno será batizado daqui a pouco, na mesma cerimônia em que eu e seu pai iremos nos entregar um ao outro diante de Deus. Emoção dupla, tornando

esse dia ainda mais especial.

— Obrigada, Car. — digo, me afastando um pouco, mas ainda a segurando. —, por tudo. Por ser a minha amiga desde a pré-escola e por me amar a cada dia desde então. — ela resmunga, chorando mais, e enxuga os olhos com cuidado. — Eu te amo tanto, amiga.

— Ai, meu Deus, amiga, você é uma cadela por me fazer chorar assim. — reclama, chorando, rindo, fazendo Calista e vovó Mag rirem também, entre as fungadas. — Eu também te amo tanto, Sof. Mesmo morando distante, seremos amigas até ficarmos velhinhas. — murmura com o rosto bonito marcado pela comoção. — E nossos filhos também terão esse mesmo vínculo. Não vamos deixar isso se perder. Virei visitá-la com frequência, e Heitor me prometeu que a levará para temporadas em Nova Iorque, basta você pedir. — ela se inclina e sussurra no meu ouvido: — Cá para nós, amiga, não seja modesta... Sabe que deu uma chave de coxas bem dada naquele malvadão, né?

Meu Senhor! Eu rio, meneando a cabeça. Ela é demais.

— Sim, ele me prometeu que iremos lhe visitar sempre que eu quiser. — digo com uma nota de orgulho feminino por ter esse tipo de poder sobre o meu homem. Car sorri, me dando uma piscadinha cúmplice.

— Amiga, com todo o respeito, que homão da porra! — sorri com provocação clara e eu faço uma carranca de brincadeira.

— O seu astro de Hollywood também não fica atrás. Não venha babar em cima do meu homem. — reclamo. Isso faz mais risos ecoarem no recinto.

Seu rosto se transforma por completo e ela suspira, parecendo uma adolescente.

— Sim, o meu homem é perfeito. — murmura com ar sonhador: — Espero estar desse lado aí em breve.

Connor Milles assumiu publicamente o relacionamento com Car há um mês e inclusive ele está lá embaixo – ela o trouxe para me apresentar. Meu Senhor, o homem é um deus pessoalmente. Claro que não chega aos pés do meu Heitor, ainda assim, reconheço, é lindo. Estou muito feliz que a minha amiga se livrou de vez do traíra do Rafael. O idiota engravidou Cissa e largou a garota, querendo voltar com Car ao dizer que havia cometido um erro, que sempre a amou. Pode uma marmota dessas? Ainda bem que a minha amiga já

estava envolvida com Connor e não deu ouvidos para o sem noção do ex. No entanto, nem tudo foram flores para Car e Connor também. Eles tiveram alguns problemas com uma assessora inescrupulosa que o impediu de assumir o namoro no começo, mas tudo se resolveu, graças a Deus! Minha amiga merece ser feliz com um cara que a coloca acima de tudo, e esse parece ser o caso. Espero que ele saiba valorizá-la e amá-la como merece.

— Estará, Car. — digo-lhe com carinho. — Tudo virá no momento certo, amiga.

Ela acena e seu rosto suaviza. Murmura mais uma vez com emoção:

— Estou tão feliz por você. — sua voz embarga. — Você encontrou o amor, Sof. Parecia tudo tão feio no começo, não é? Mas aquele homem lá embaixo te ama de verdade. — meus olhos se enchem de lágrimas com suas palavras. Eu acredito. Eu tenho sentido o amor de Heitor todos os dias. Dessa vez é pra valer. Nada e nem ninguém vai nos separar. — Meu Deus, e você ainda tem aquele menininho lindo! É muita fofura num bebê só, amiga, é demais para essa pobre dinda. — sorrimos em meio às lágrimas ameaçando transbordar. — Seja feliz, Sof. Você merece o melhor junto com seu marido e filho.

Eu engasgo, minha garganta fechada de emoção.

— E aí está a razão para eu te amar tanto. — digo com a voz entrecortada. — Obrigada, Car. Você também já encontrou o amor. Você também merece e terá o melhor.

Nós nos abraçamos mais uma vez e ela se afasta, dando a vez para Calista.

— Oh, minha criança, olhe só para você... Que linda mulher você se transformou. — a mulher elegante está emocionada também. Toma minhas mãos trêmulas nas suas. Está linda em um longo azul-celeste. — Eu sempre soube que você seria a única a entrar no coração daquele teimoso lá fora. — eu rio. Sim, ela nunca duvidou que iríamos resolver nossas diferenças. — Estou tão feliz, querida. — sua voz abaixa e ela toca meu rosto delicadamente. — Continue sendo sábia, construa uma relação de confiança acima de tudo com o seu marido. Seja tudo que ele precisar, mulher, melhor amiga e, claro, amante... — sorri, mostrando sua experiência. — Homens como Heitor costumam ser leais quando amam. Eu vivo isso com meu Dimitri há trinta anos. — ela me dá um abraço afetuoso e se afasta,

procurando meus olhos. — Chegou a hora de deixar todo o resto para trás. É o momento de ser feliz, Sofia.

— Eu sei. Obrigada, Calista. — murmuro, meu coração enlevado por ver seu carinho comigo. — Agradeço por ter se importado comigo logo de cara, mesmo sem me conhecer. — ela limpa discretamente as lágrimas antes que caiam. — E pelos conselhos tão necessários. Foram suas palavras na Grécia que me fizeram assumir outra postura diante de tudo que estava passando. Obrigada por ser minha amiga.

Ela funga e me abraça mais uma vez, então se afasta. Vovó Mag está muito emocionada quando vem para perto. Porém é uma grande dama e mantém a postura. Está usando um vestido de seda verde água, com um chapéu elegantíssimo no mesmo tom.

— Tão linda, a minha menina. — suas mãos enluvadas seguram meus ombros e ela as desliza pelos braços, suas lágrimas ameaçando cair. Eu arfo, meu coração se enchendo de amor por ela, a pessoa mais doce e generosa que conheci. Puxo uma respiração necessária, vendo que terei que fazer retoques na maquiagem, mesmo sendo à prova d'água. Suas mãos trêmulas seguram meu rosto de cada lado e sorri em meio às lágrimas. — Só peço a Deus que mantenha você e o meu Heitor sempre juntos, se amando, se respeitando. E que me deem mais bisnetos. Eu não vou durar para sempre.

Eu rio, acenando. Quero ter mais dois filhos, pelo menos. Entretanto, quero estudar primeiro, trabalhar com o projeto que iniciei na HTL, fazê-lo crescer e se tornar referência no Brasil. Quero fazer algo que faça me sentir bem como pessoa. Meu marido é um bilionário, porém nunca me apeteceu ser apenas a esposa de alguém. Quero crescer, ter algo produtivo por mim mesma. Heitor conhece meus planos e apoia. Então os irmãos de Theo vão esperar mais um pouco.

— Obrigada, vovó. — sussurro, emocionada. — Seus bisnetos virão no momento certo. E pare de fazer charme, a senhora é forte como uma rocha. — ela sorri. Eu limpo seus olhos bem maquiados com carinho e sua expressão amolece. — Eu amo a senhora. Prometo fazer o seu neto muito feliz, todos os dias da minha vida.

— Ah, querida. Eu amo você também. — ela chora mais. — Minha menina especial. Você foi um sopro de vida não só para meu neto, mas para esta família.

Suas palavras me tocam profundamente. Eu a abraço e fungamos juntas.

— Chegou a hora, Sofia. — a voz da organizadora do casamento vem da porta do closet.

Meu coração salta no peito, enquanto a equipe me cerca de novo, conferindo minha maquiagem e vestido. Car me entrega o buquê de flores do campo e deixamos o quarto. Saímos pela porta lateral direto para o jardim, evitando a escadaria da frente da casa. Eu ofego quando vejo uma charrete toda ornamentada com flores, um arco lindo sobre o banco. Ai, meu Deus, meu malvadão fofo sendo romântico. Meus olhos voltam a se encher de lágrimas e tomo meu lugar no assento com a ajuda do condutor bem alinhado num fraque escuro. Os cavalos começam a trotar levemente e eu suspiro, me sentindo uma princesa de conto de fadas quando entramos pela estrada de blocos que corta o jardim, em direção à margem do lago. É uma visão de romances, sem dúvida. Os últimos raios do sol refletem nas águas calmas, grande parte da grama verdinha está ocupada por cadeiras brancas, todas ocupadas. Tudo vai ficando mais claro à medida que nos aproximamos. Há uma enorme tenda montada mais à frente, e a pista de dança em assoalho foi montada suspensa, sobre a superfície do lago. Lindo demais. Muito além do que sonhei. Alguns instantes depois, a condução para e T está a postos para me receber. Ele está deslumbrante num terno escuro. Fiquei surpresa quando foi mais cedo ao meu quarto, aliás, Logan também estava elegantíssimo em um terno. Eles não devem estar muito contentes, os dois odeiam trajes formais. T estende a mão e me ajuda a descer.

— Uau. — assobia baixo, então beija minha mão. O gesto é carinhoso, vai além do galanteio próprio dele, percebo. — Você está um nocaute, bonitinha.

— Obrigada, T. — murmuro, meu coração trovejando, querendo ir imediatamente ao encontro de Heitor e Theo.

— Não, eu que agradeço, Sofia. — ele diz num momento sério. — Obrigado por amar o meu irmão. E, claro, por fazer de nós uma família de verdade.

Eu arfo, meus olhos turvando com suas palavras. Ai, Deus, até meu cunhado irreverente está emocional hoje. Eu me inclino, beijando-o na bochecha.

— Obrigada você por me aceitar como a sua família. — digo com todo

meu carinho por ele. — Agora, por favor, me leve logo para o seu irmão. — sorrio tremulamente.

T inspira, seus olhos escuros bonitos estão mais brilhantes também. Então sorri de lado, voltando a ser ele mesmo, e me oferece o braço.

— Vamos dar um ataque cardíaco para o grande CEO, bonitinha. — ele pisca do seu jeito agitador.

Eu rio, mas minha boca está tremendo de tanto nervoso. Enlaço seu braço e viramos de frente para o tapete vermelho, e a cena diante de mim me faz arfar, meus olhos enchendo de lágrimas e transbordando. Heitor está lá, no altar, todo lindo e imponente trajando um terno escuro com o nosso filho nos braços. Mesmo à distância, sinto o impacto dos olhos azul-gelo. Eu soluço quando nossos olhares se encontram. *Heitor... Meu amor...* Eu chamo-o em silêncio, chorando, impactada, apaixonada. Seus olhos azuis estão brilhantes, vívidos, e correm por mim inteira, com amor, mas também com desejo e posse. O cabelo ruivo está mais curtos e penteado para trás, o que deixa seus olhos ainda mais penetrantes. Theo está trajando um terninho branco feito sob medida para os seus cinco meses. Minhas faces são banhadas enquanto eu admiro meus dois lindos homens me esperando. Heitor percebe que estou chorando pela forma que seu olhar e rosto suaviza ainda mais. *Eu te amo. Amo vocês.* Digo-lhe com meu olhar, tomada pela emoção. Os convidados se levantam e a marcha nupcial começa ao som de violinos.

Minhas pernas tremem sobre as sandálias de salto alto, minhas mãos ficando ainda mais suadas e frias, mas eu me obrigo a andar buscando todo amparo em T. Os olhos de Heitor nunca deixam os meus enquanto avanço pelo tapete vermelho. Arquejo, as lágrimas caindo incessantemente em minhas faces. Eu sabia que ia me emocionar, só não imaginei que me descontrolaria assim. Minhas pernas tremem muito, a emoção do momento me engolfando sem dó. Inalo rudemente, sabendo que é inútil tentar me controlar, então decido parar de tentar reprimir tudo que estou sentindo e só ando. Ando para ele. Dessa vez por minha escolha, porque ser dele é tudo que mais quero nesse mundo. Quando chegamos ao altar, os olhos azuis ficam mais intensos e quentes nos meus. Eu arfo baixinho, completamente arrebatada, como na primeira que me cravou com esses olhos, há dois anos. Meu menino sorri, se jogando para mim, quebrando um pouco o poder de seu pai sobre sua mãe. Eu rio em meio às lágrimas e me inclino, beijando sua cabecinha cor de cobre. Em seguida, Logan está tirando-o dos braços de

Heitor. O pequeno começa uma birra, mas logo é aplacado pelo tio.

Toda a atenção de Heitor volta para mim. Meu coração retumba contra as costelas quando se aproxima e T me entrega a ele. Car pega meu buquê e eu continuo presa no feitiço dos belos olhos azul-gelo que estão brilhantes de lágrimas não derramadas. Meu coração derrete quando leva a minha mão à boca e seus lábios mornos depositam um beijo suave no dorso. Seu braço livre me puxa pela cintura e ele aproxima o rosto do meu, ficando separados apenas pelo véu fino.

— Eu te amo. — sussurra com voz áspera de emoção. — Não existem palavras para descrever a intensidade do que me fez sentir quando começou a andar para mim. — sua mão está tremente quando levanta o véu e limpa delicadamente o meu rosto. — Vê-la andando em minha direção por escolha sua me fez o mais feliz dos homens. — ouço murmúrios e exclamações surpresas entre os mais próximos. Eu deslizo minhas mãos trementes pelos seus ombros e o olho, inebriada. Seus olhos ficam mais intensos e ele murmura as palavras que me fazem chorar mais: — Você me amou. Você me salvou, bebê.

— Heitor... Meu amor... — eu inalo o ar com força, me inclinando e colando meus lábios nos seus, sem me importar com o decoro. Sinto suas lágrimas caindo, se misturando com as minhas. — Eu vou te fazer feliz todos os dias da minha vida.

— Eu vou te amar todos os dias da minha vida. — ele me diz de volta numa mistura suave e feroz.

Ele me dá mais um beijo breve, seus olhos lindos confirmando tudo que está me prometendo. Então nos viramos para o altar e o padre sorri, iniciando a cerimônia. Meu coração está quase explodindo no peito de tanta alegria. Eu não consigo tirar os olhos do homem ao meu lado e nem ele de mim. Eu pertenço a ele, de corpo, alma e coração. Tudo começou tão errado... Uma dívida sendo cobrada... Meus olhos se enchem de novas lágrimas e eu choro outra vez. Lágrimas de esperança. Lágrimas de felicidade. Lágrimas de amor. Olhando para trás, vejo que éramos duas almas perdidas, infelizes, sem amor. Nós nos amamos e salvamos mutuamente. Ele também me amou. Ele também me salvou. E eu vou amá-lo para sempre. Tudo em mim pertence a ele.

Heitor

Eu giro com ela em meus braços, meu coração quente, derretido, vendo a comoção no rosto bonito. Sofia chorou desde o momento em que me viu com Theo a esperando no altar, até a cerimônia terminar. Tentei me segurar, mas também perdi a batalha em muitos momentos, não me importando que me vissem chorando. Ela tem esse poder sobre mim e não me importo que todos saibam. Ela é a única. Eu a amo demais. Roço a boca na sua, enquanto a letra de *Certain Things* de James Arthur ressoa na voz do cantor contratado para o evento. Ela escolheu o repertório para esta noite e eu aprovei. Está linda demais, absolutamente magnífica. Minha menina perfeita. Minha mulher. Não consegui tirar os olhos dela em nenhum momento durante a cerimônia. Os olhos verdes estão brilhantes, embevecidos nos meus, como devo estar encarando-a também. Nossos rostos estão bem próximos, as bocas respirando perto, nossos corpos bem aconchegados.

Ela é minha oficialmente. Dessa vez para sempre. Só houve outro momento em toda a minha vida que me nocauteou dessa forma, o nascimento do nosso filho. A cerimônia dupla foi emocionante. Achamos que hoje seria o dia perfeito para batizar nosso menino, uma vez que Carla, a melhor amiga de Sofia e madrinha de Theo, mora fora do país. O sol já se pôs, mas o cenário ainda é bonito. A pista de dança foi montada suspensa sobre as águas. Minha neném adora esse lago e eu não medi esforços para fazer esse dia perfeito para ela. Minha avó também adorou a ideia e sendo uma romântica incorrigível, tem estado eufórica com os preparativos desde que Sofia e eu nos acertamos.

— Eu amo você, Sra. Maxwell. — digo em sua boca, puxando-a mais, colando nossas pélvis, precisando senti-la através das camadas dos tecidos. Amor, veneração e o desejo intenso que nunca arrefece em nós está transbordando agora. Ela arfa, os olhos ficando mais brilhantes, as mãos delicadas passeando pelos meus ombros e nuca.

— Também amo você, Sr. Maxwell. — sussurra roucamente, denotando seu amor e o mesmo desejo que me inflama meu corpo. — Amo levar o seu sobrenome. Amo ser sua. — Deus, ela acaba comigo quando diz coisas assim. — Amo demais.

— Eu também amo ser seu, bebê. — seguro a parte baixa das suas costas, mantendo-a bem colada a mim, e seguro sua nuca com a outra. — Para sempre seu. Todo seu. — rosno baixo, esfregando meu pau nela discretamente, nossos olhares quentes e apaixonados fixos um no outro.

Mordisco seu lábio inferior e ela choraminga, então eu me aposso da sua boca num beijo lento apenas para atiçar nosso tesão. Ela geme e puxa meu cabelo da nuca, sugando minha língua com a mesma fome que me consome. Ouço palmas isoladas e rio. Sofia também. Temos uma ideia de quem está aplaudindo – T, meu irmão nada discreto. Rimos, cúmplices, felizes.

— Gostosa... — rosno contra sua boca, aproveitando os movimentos da dança para moer meu pau duro em sua frente.

— Amor, a recepção está apenas começando... — ela ri, mas está ofegando, o corpo estremecendo contra o meu. — Pare de me assediar, você sabe que nunca fui boa em resistir a seus avanços...

— Porra, eu sei. — rio perverso, lambendo sua boca, sabendo que preciso parar, mas mal podendo me controlar. — Também não tenho um bom histórico nesse sentindo. Sou doido de tesão pela minha neném.

Sofia ri, gostando de ouvir isso. Os olhos de pedras preciosas me fitam com tanto amor, tanto querer, que me faz completamente louco, possessivo. Ela me pertence. Esperei longos e frios trinta e sete anos para encontrá-la. Nunca mais serei tolo de perdê-la de novo. Vou amar essa menina até o fim dos meus dias.

— Mais tarde, meu malvadão sexy... — murmura com uma carinha safada que me faz rosnar como um animal privado da fêmea. — Meu CEO fodão terá carta branca... — lambe os lábios gordos pintados de um batom clarinho. — Pode fazer tudo, absolutamente tudo com a sua neném...

— Caralho... — eu ranjo, me segurando para não dar um tapa em sua bunda deliciosa por me deixar ainda mais duro. — Sou completamente louco por você, bebê. — sussurro com a voz áspera de tesão.

— E eu por você, meu amor. — ela me diz de volta. E ficamos dançando, nos olhando enquanto os versos da música infiltram em nós.

Algo sobre você

É como um vício

Me acertou com o seu melhor golpe, querida

Num arroubo que até eu desconheço, eu a levanto, tirando seus pés do chão, e rodopio com ela. Sofia arregala os olhos, surpresa, então a expressão mais linda toma seu rosto levemente maquiado e ela gargalha, jogando a

cabeça para trás. Meu Deus, como é linda! Meu coração aquece, meus olhos ardendo com tanto amor no meu peito. Aplausos ecoam vindo da margem, e eu não tenho nenhuma dúvida, sou o homem mais feliz da Terra. Eu tenho o amor dela.

E há certas coisas que eu adoro

E há certas coisas que eu ignoro

Mas estou certo de que eu sou eu

Certo de que eu sou seu

Certo de que eu sou seu

A letra é perfeita para mim, para nós. Sofia tem um gosto formidável para música. Essa é só mais uma das muitas coisas que amo nela. Quando a música acaba, mais aplausos soam para nós. Eu a coloco no chão e pego sua mão esquerda, depositando um beijo reverente sobre sua aliança e o anel de diamantes que lhe entreguei em seu aniversário na semana passada. Eu a enlaço pela cintura e tomamos a passarela para a grama, de volta à terra firme.

Somos recebidos pela minha avó, T e Logan. Theo está eufórico no braço de T. Alberto, Luciana e Lígia estão por perto também. Somos cumprimentados pelos convidados e a banda recomeça a tocar. A pista é preenchida aos poucos com novos casais. Em dado momento, Theo se joga para cima de Sofia, que o pega, rindo e brincando com ele. O pequeno se desmancha e mesmo não tendo muito tempo que tomou uma mamadeira, as mãozinhas do pequeno possessivo vão para os seios da mãe, arrancando risadas do nosso círculo.

— Oh, nada disso, seu meninão guloso. — Sofia ri lindamente e eu olho os dois com o peito inchado de tanto orgulho, amor e posse. — Mais tarde a mamãe vai levá-lo para o quarto e alimentá-lo, está bem? — ele dá uma risadinha eufórica e salta nos braços dela. Está enorme e olha que só tem cinco meses. Mas, também, Sofia o alimenta quase exclusivamente no peito. Ele só toma mamadeira quando precisamos nos ausentar de casa sem levá-lo.

— Vem aqui com o papai, você está pesado demais para sua mãe, garotão. — ele abre o sorriso banguela, estendendo os braços para mim. Eu o pego, jogando-o para o alto, fazendo a brincadeira que ele tanto gosta. Sua

risadinha e balbucios ressoam no ambiente. O fotógrafo oficial aproveita para registrar o momento descontraído. T também está registrando em seu celular e Logan... Bem, Logan está apenas observando com um sorriso pateta brincando na boca. Ele adora Theo e vice-versa. O fotógrafo chama Sofia para fazer umas fotos só das mulheres e ela se afasta com a minha avó e as outras, seguindo para a faixa de grama que encontra o jardim. Um garçom passa em nosso grupo e eu e os outros pegamos copos de uísque.

— Parabéns, amigo! Estou muito feliz por você e Sofia. — Alberto ergue seu copo. Eu o acompanho junto com T e L. — E, claro, por esse garotão, que agora tem os pais juntos para babar em cima dele. — ele bagunça a cabeleira ruiva de Theo, que sorri de volta. — Ele é uma criança muito sociável, não é? Impressionante.

— Obrigado, meu amigo. — agradeço-o amistosamente.

— Meu afilhado puxou a mim nesse quesito, *Albie.* — T se pavoneia e se inclina, beijando os cachos de cobre de meu pequeno. — O padrinho vai lhe ensinar tudo sobre como conquistar as meninas, campeão! — meu irmão mulherengo sorri e meu filho sorri de volta com toda a inocência. Eu rolo os olhos.

— Pare de tentar corromper o meu filho, cara. — bufo. Theo boceja e enfia o punho na boca. Ele dorme assim, sugando o punho. Esse agito todo está cobrando seu preço do meu pequeno. Eu o aconchego mais em meu peito, sua cabecinha encosta em meu ombro e eu balanço com ele. T confere o celular. Percebi que tem feito muito isso hoje. Só então me dou conta de uma coisa: a ausência de Pietra. Eles estão envolvidos em um arranjo de sexo casual, pelo que meu irmão me falou. Sim, T finalmente conseguiu enredar a moça em sua conversa, há dois meses. — Onde está Pietra? Pensei que ela viesse com você.

Seu rosto franze, os olhos escuros ficando sérios, e ele toma um grande gole do seu uísque.

— Ela voltou para Tocantins, H. — bufa.

— Sério? Mas, por quê? — pergunto, tomando um gole da minha bebida também.

— Uh, ela me flagrou em uma situação digamos... Comprometedora... — diz, passando a mão livre pelo cabelo. Ele não parece bem, só agora percebo a sombra em seu rosto.

— Com outra mulher? — pergunto, já sabendo a resposta.

— Sim. — cerra os dentes. — Era para ser só sexo casual. — ele parece zangado, mas não sei com quem. Talvez consigo mesmo. — Era para ser descomplicado. Eu disse a ela muitas vezes que sou bicho solto. Foi muito bom, mas era só sexo entre nós.

Porra! Eu conheço esse discurso fodido. Ironizo. E me causou tanta dor e à mulher que amo, caralho.

— Você se apaixonou por ela, irmão? — pergunto a queima-roupa. Seus olhos arregalam muito e parece até que nasceu outra cabeça em mim pela forma como está me olhando.

— Que porra de pergunta é essa, cara? — resmunga, seu humor azedando de vez.

— Uma pergunta razoável dada a maneira como você está ranzinza pela partida de Pietra. — aponto. — Se você tem sentimentos por ela, não cometa os mesmos erros que eu, mano. Vá atrás dela e resolva as coisas...

— Meu Deus, você parece a vovó dizendo que já está na hora de eu sossegar. — zomba.

Theo ressona e sua cabecinha pende de vez sobre o meu ombro. Eu o agasalho, passando o outro braço pelas suas costinhas para sustentá-lo melhor sobre o meu peito.

— Eu vou buscar minha noiva para uma dança. Com licença, senhores. — Alberto diz em tom brincalhão e escapa pela tangente.

— Eu não estou à procura de sossegar, H. — T abaixa um pouco o tom por causa de Theo. — Não quero amor. Gosto demais da minha vida do jeito que está, sem complicações. — pondera um instante, então volta a endurecer sua determinação em seguida. — Foi melhor ela ter ido. O que tínhamos ia acabar em algum momento. — eu aceno. — Hoje é dia de alegria, irmão. —

retoma, tentando voltar a sua velha irreverência. Porém, eu o conheço bem demais e vejo que está mexido por aquela garota. Só espero que não faça muitas besteiras antes de admitir isso. — Seja feliz e faça a bonitinha feliz, H.

Eu relaxo um pouco.

— Obrigado, mano. Eu vou amá-la para o resto da minha vida. — digo sem medo, sem vergonha de mostrar meus sentimentos. — E, sim, viverei para fazê-la feliz, tenha certeza disso.

Uma das babás aparece do meu lado, percebendo que Theo está dormindo, e se oferece para levá-lo e acomodá-lo na casa. Beijo o cabelo macio do meu filho e o entrego a ela. T está com uma expressão suave no rosto quando volto a fitá-lo. Vem para mim e sem cerimônias me puxa para um abraço fraterno. Eu o abraço apertado, dando leves tapas em suas costas.

— Você encontrou uma mulher especial, mano. Estou tão feliz por você, por vocês. — reafirma. Meu olhar sobe e encontra o de Logan, que está com o cenho franzido, observando a nossa troca. Eu não sei o que há na sua história, mas quero saber. Quero ser mais do que apenas o seu irmão pelo sangue, quero ser seu amigo. Quando T fez o pouso forçado no mar, ele se juntou a mim na equipe de resgate. Aquele episódio foi assustador pra caralho. Eu estava fora de mim, preocupado com a segurança de nosso irmão e foi Logan quem esteve ao meu lado, me dando a força para não pensar em cenários ruins. Surpreendentemente.

Tristan agiu como o piloto excepcional que é e ajudou todos os passageiros a saírem da aeronave. Pietra era uma das comissárias de bordo. Os dois mantiveram a calma e foram fundamentais para que nada mais grave acontecesse à tripulação e aos passageiros. No entanto, quando T mergulhou a última vez para buscar uma criança, cuja mãe estava histérica, ele demorou muito vir à tona. Meu peito fica angustiado só em relembrar aquele momento. Ele não subia e, então, eu e Logan nos jogamos no oceano atrás dele. Foram os momentos mais angustiantes que já vivi, mas conseguimos encontrá-lo dentro do avião afundando. Nós o ajudamos a subir com a menina desacordada, que foi reanimada pela equipe médica tão logo chegamos ao barco do socorro. Aquela experiência foi traumatizante, porém nos aproximou mais como irmãos. Os três. Meu pai pode ter sido um ser humano

de merda, mas nos deixou mais um irmão. Estendo a mão para ele, meu peito se enchendo do mesmo sentimento fraternal que sinto por T. Logan parece tão perdido nos olhando. Eu penso que não virá, mas ele vem devagar, o rosto tenso, fechado, mas vem. E eu o puxo, abraçando os dois, mantendo-os bem perto. Meu Deus, estou ficando velho. Ironizo-me. Meus olhos ardem com a emoção de poder abraçá-los. Apenas isso, abraçar meus irmãos livremente, sem qualquer medo bobo de parecer fraco diante dos outros.

Tristan ri e beija meu rosto, em seguida o de Logan. Ele é o mais tranquilo em demonstrar suas emoções desde pequeno. Eu olho de lado e vejo Sofia nos olhando, um sorriso suave no rosto bonito. Ela, a minha menina linda, é a responsável por essa mudança em mim. Se tivéssemos descoberto L há um ano, eu teria sido um péssimo irmão. Sim, porque eu não tinha nada de bom em mim para dar a ninguém. Até mesmo com T, que esteve sempre comigo, ainda me policiava. Mas ela... Eu a encaro com o coração inchado de amor e gratidão. Ela me fez um homem melhor. Sofia acena levemente e desvia o olhar para nos dar privacidade. Eu me afasto um pouco, mas ainda os mantendo perto, meus braços sobre seus ombros.

— Estaremos sempre ligados pelo sangue, irmãos. — digo, limpando a garganta. Ainda não é fácil falar de sentimentos com alguém que não seja a minha menina. Aos poucos, estou chegando lá. — Sermos amigos, essa é uma decisão nossa. — olho um e outro. — Minha relação com T já é sólida por convivermos desde o nascimento. Mas quero isso com você também, L. — Logan parece surpreso por eu o estar chamando pelo apelido sem provocação em meu tom. Ele parece gostar disso, percebo. — Quero ser mais do que um irmão mais velho. Quero que saiba que pode contar comigo para qualquer coisa. — eu o encaro firmemente para que não reste nenhuma dúvida. — Sempre. Você é o meu irmão, tem o meu sangue, mas o amor... — eu olho um e outro novamente. — O amor, irmãos, é maior que o sangue. O amor é escolha nossa.

— Porra, H. — T ri meio incrédulo, posso ver sua dificuldade em processar tudo que falei. Eu nunca lhe disse que o amava. Não assim, abertamente. Como alguém pode passar trinta e oito anos sem dizer para seu único irmão, até então, que o ama? Sinto-me envergonhado. E é ele quem toma a minha frente, tornando as palavras mais fáceis: — Eu te amo, mano. — olha para Logan, que está com o rosto impassível, mas uma tormenta em

seus olhos escuros. — E amo você também, esquentadinho.

Logan bufa.

— Eu amo você também, T. — digo com a garganta um pouco presa pelo tempo que segurei isso. Vale a pena quando vejo o rosto do meu irmão se iluminando. — Porra, metade do meu cabelo branco devo a você, mas te amo, mano. Eu sinto muito por nunca ter dito isso.

— Pare de drama, H. Nossa genética é boa pra caralho. Não há nenhum cabelo branco aí. — ele ri do seu jeito irreverente e seu rosto torna a suavizar. — Não se preocupe, mano. Eu sempre soube. — seus olhos negros estão brilhantes e os meus voltam a arder. — As atitudes falam mais que as palavras. Você cuidou de mim, sempre esteve lá quando precisei, mesmo que não fosse muito eloquente com as palavras, e eu sou muito grato por tê-lo como irmão mais velho.

Porra. Eu engasgo, acenando. Ele está sendo generoso comigo.

— Também sou muito grato por tê-lo como irmão, T. — murmuro.

Olho para Logan, que mesmo se mantendo inescrutável, parece tocado de alguma forma.

— Você chegou em um período conturbado... Porém, para a sua sorte, meu coração já tinha sido tocado...

— Por Sofia. — ele completa e eu aceno. Limpa a garganta. — Você tem uma bonita família, irmão. Seja feliz e faça a sua mulher e filho felizes.

— Obrigado, irmão. — digo-lhe em tom instável pela emoção. — T tem razão quando diz que as atitudes contam muito. Porém, as palavras são tão importantes quanto. Eu quase perdi a coisa mais bonita que aconteceu na minha vida por orgulho, arrogância. Se eu tivesse reconhecido o meu amor por Sofia antes, não teria feito tantas merdas, teria evitado muita dor para nós dois. — Limpo a garganta. Porra, isso é difícil. Quando T fala, parece tão fácil. — Eu te amo, irmão mais novo. Quero que saiba que tem um lugar não só na empresa, mas no seio da minha família.

Ele está completamente em choque agora. Seu maxilar cerra e os olhos

escuros ficam tempestuosos. Está claramente lutando contra as emoções.

— Caras... — olha entre mim e Tristan, o cenho franzido e bufa. — Eu não tive a evolução de H ainda... — eu me congratulo porque ele usou o apelido. O marrento jamais o havia usado antes. — Talvez nunca tenha...

— Você não precisa dizer nada se não quiser, mano. — Tristan oferece um sorriso compreensivo.

— Sim, você não precisa. — endosso.

— Eu preciso. — Logan continua pouco à vontade. Eu sei bem como se sente. — Não vim para o Brasil para confraternizar. — admite. — Minha intenção era fazer a vida de vocês dois bem difícil... — zomba, torcendo a boca em depreciação a si mesmo. — Cresci acreditando que meu pai não me reconheceu, não deu amor por causa de vocês.

— Nosso pai só era capaz de amar a si mesmo, irmão. — digo em tom apertado.

— Sim, agora eu sei. — ele anui, raiva contida em seu semblante. — Tenho que reconhecer, vocês são bem diferentes do que imaginei. — seus olhos escuros vão para T e voltam para mim. — Eu gosto disso. Me desculpem se não devolvo as declarações de coração pra coração. — o idiota zomba. T e eu bufamos. — Não cresci ouvindo esse tipo de coisa. — meu peito aperta com suas últimas palavras. Sinto T ficando rígido também ao meu lado. Eu acho que de nós três, ele foi o mais danificado pelas ações fodidas do nosso pai. — De onde eu venho, não fazemos declarações de amor, irmãos. — seu rosto escurece como se acessasse lembranças sombrias. — Mas posso dizer agora, mesmo com pouco tempo de convívio, que sou grato por ter tido a oportunidade de desfazer o engano.

— Sim, maninho, nós também te amamos. — T decidi descontrair. Eu rio e Logan rosna.

— Vocês ainda são dois babacas riquinhos. Mas são grandes caras também. — ele completa, entrando na provocação de T.

— Cara, não demore a se livrar do pau enfiado nessa sua maldita bunda.

— T o incita e o marrento sorri, um sorriso amplo. Raro. Muito raro.

Eu os solto e ergo meu copo. Eles me seguem e bebemos em silêncio. E meus olhos voltam a procurar ansiosamente pela minha mulher. Ela está conversando com Lígia. Sofia tem estreitado os laços com a garota nos últimos meses, o que me intrigou, porque a irmãzinha de Alberto não é lá muito sociável. Pelo menos não comigo.

— Onde está o namorado pé no saco da patricinha? — a pergunta jocosa de Logan me faz encará-lo. Ele está com os olhos grudados em Lígia.

— De acordo com Sofia, ela terminou com aquele filho da puta pedante no começo da semana. — eu ofereço a informação e vejo o rosto de meu irmão evasivo passar por uma transformação clara.

— Porra! — pragueja quase inaudível, fechando os olhos por um momento. Fico intrigado com a expressão de culpa em sua cara. — Por isso ela foi até... Porra, porra! — repete.

— Importa-se de elaborar, irmãozinho? — T especula, levantando uma sobrancelha divertida.

Logan abre os olhos e parece atormentado agora.

— Ela foi até mim... — pragueja de novo. — Eu fui um babaca tão fodido, porra!

— Uh, seja mais específico, L. Você é sempre um babaca, irmão. — T continua pegando no pé de Logan.

— Vai se foder, cara! — Logan range os dentes e vira o resto do seu uísque. — Aposto cem pratas como vai subir num avião para Tocantins tão logo saia daqui. — alfineta.

— O quê?! Cara, você está louco! — T se enfeza e vira seu copo também. Uh. Interessante. — Sou Tristan Maxwell, jamais me deixei domar por uma boceta. — zomba. — Está obviamente irritado porque, pela sua cara de bunda, fez uma merda grande e a Lígia não vai mais... — ele ri malicioso. — Você sabe, irmão, todo mundo já sacou que esteve comendo a garota desde que chegou.

Logan ri, uma risada pachorrenta, cínica, como a minha quando quero ser um filho da puta.

— Eu não sou exclusivo de ninguém, irmão. Boceta é o que não me falta.

— Bem, bem, somos Maxwell, não se pode negar. — eu bufo sarcasticamente. Encaro um e outro. — Espero que saiam de seus malditos estados de negação e resolvam suas merdas, irmãos. — eles rolam os olhos, suas posturas confirmando minhas palavras. — Eu vou buscar a minha mulher agora, esse é o nosso dia, não vou passá-lo com dois marmanjos resmungões.

Ouço-os rindo às minhas costas quando avanço pelo gramado em busca dela. Sofia me vê e vem me encontrar no meio do caminho. Está com uma taça de champanhe na mão. Abriu uma exceção apenas hoje. Eu a enlaço pela cintura e desço minha boca na dela no meio da pequena multidão de convidados. Meu pau volta a se animar agora que a tenho de volta em meus braços.

— Eu quero comer você... — gemo grosseiramente em sua boca, sugando o lábio inferior. Ela ofega, os olhos magníficos ficando imediatamente enevoados de tesão.

— Aposto que quer... — abre um risinho de putinha safada. Porra. Estamos em público. Repito isso uma e outra vez para me conter. — Ainda é cedo, amor. Pare de me tentar. — eu rio contra sua boca parecendo um garoto bobo com a primeira namorada.

Minha avó vem até nós, provavelmente percebendo que estamos a ponto de fugir a qualquer momento. Rio como um adolescente inconsequente, e dona Magnólia meneia a cabeça. Ela está linda, elegante como sempre. Ela me disse tantas coisas bonitas quando passou mais cedo no quarto de hóspedes onde me arrumei. Eu tive muita sorte em tê-la na minha vida. Se não fosse pelo amor da minha avó, eu teria me perdido ainda mais. Crescido ainda mais fodido. Eu a amo. E lhe disse isso também, depois de anos sem falar. Ela chorou copiosamente e eu acabei sucumbindo também.

Rodamos com ela pelas mesas, conversamos, festejamos. Todo o tempo meu corpo sedento, desejoso pela minha neném, antecipando o momento de

estarmos a sós, despi-la do vestido. Tomar posse oficialmente de tudo que me pertence. Concordamos em ficar três dias sem sexo para intensificar as coisas esta noite. Minha avó nos policia, dizendo que não é de bom tom os noivos abandonarem a festa muito cedo. Cronometro duas horas e, depois disso, estou com vontade de enforcar qualquer um que venha puxar assunto. Então pego Sofia pelo braço e a arrasto em direção à charrete. Boa educação tem limite, porra.

Alguns minutos depois, entro com ela nos braços em casa e sigo o caminho de velas vermelhas em formato de coração, salpicado de pétalas de rosas. Meu coração aquece, feliz, quando seus olhos verdes brilham, o rosto ficando suave vendo meu esforço romântico no caminho se estendendo à escada e sumindo no andar de cima. Concordamos também de não ir para um hotel, visto que Theo é ainda muito novinho e ligado à mãe. Eu tive que me virar para deixar a nossa suíte com cara de núpcias. Fiz tudo eu mesmo para tornar especial para ela. Os estilistas a prepararam em seu antigo quarto, o que facilitou meu trabalho. Eu a escorrego pelo meu corpo até seus pés tocarem o chão, mas minhas mãos continuam em sua cintura, seus olhos cintilam lindamente na penumbra, correndo pelo quarto. Espalhei velas e pétalas por todo o chão do quarto, sobre os lençóis brancos da cama, na sacada e na banheira também.

— Heitor... — sussurra, voltando a pousar esses olhos de pedras preciosas sobre mim. Eu me sinto como uma espécie de super-herói quando me chama assim, me olhando com adoração clara em seu rostinho perfeito.

— Isso significa que você gostou, neném? — pergunto, correndo meus dedos pela face delicada.

— Eu amei. — sua voz está meio embargada. — Obrigada. Tudo está perfeito. — espalma meus ombros. — E ainda estamos perto do nosso menino.

Meu Deus, eu a amo tanto. Exalo alto e a puxo pela nuca, aproximando nossos rostos e mordo sua boca, suavemente.

— Eu e Theo somos tão sortudos em tê-la. — digo com pura reverência em meu tom. — Teremos algumas noites só para nós na lua de mel, porém. As babás já estão avisadas. — desço a mão da cintura para sua bunda firme e

levo minha boca para o seu ouvido, sussurrando perversamente: — Estou com saudade de montar você sem me preocupar com nada. Lembra como foi na Grécia, bebê?

Seus belos olhos se iluminam.

— Sim. Eu quero isso também. — choraminga e eu mordo seu lóbulo, lambendo a ponta da orelha em seguida. Ela geme, estremecendo. — Vou agradar o meu maridinho lindo, prometo. — ronrona. Porra. Meu pau dá uma guinada, duro, babando dentro da calça. Nossa vida sexual é muito ativa, sempre foi, desde o começo. Ficar três dias sem gozar nela tendo-a por perto é no mínimo cruel. — Me ajude a abrir o vestido, amor. Preciso me preparar para você.

Pede e eu rosno, girando-a de costas para mim. Ela já se livrou do casaquinho e véu. A primeira coisa que faço é desfazer seu coque, massageando o couro cabeludo delicadamente. Sofia geme quando enfio os dedos e corro pelas madeixas até as pontas caindo no meio das costas. Tomo meu tempo. Sem pressa, afasto o cabelo por cima do ombro direito e deslizo minhas mãos em sua cintura, subindo, descendo. Sorrio baixinho quando mordisco sua nuca e ela convulsiona em meus braços. Beijando, sugando delicadamente seu pescoço e ombro, meus dedos começam a trabalhar nos botões do vestido. E, porra, eles são muitos. Continuo mordendo-a, sugando a pele macia até abrir o último botão. Ela me olha por cima do ombro e sorri, sedutora, misteriosa, então se afasta, indo para o closet. Reorganizo meu pau dentro da calça e vou até o sistema de som, colocando a pasta com as mesmas músicas que ela selecionou para dançarmos na recepção. Retiro meu terno, a gravata e abro os botões da minha camisa, puxando-a de dentro da calça. Eu me livro dos sapatos e vou até a garrafa de champanhe que descansa no balde de gelo sobre o recamier. Há travessas com frios e frutas também. Um sorriso de predador curva a minha boca. Nós vamos precisar mais tarde...

Abro a garrafa e sirvo duas taças, me viro e minha boca cai aberta. Minha neném está lá na entrada do closet, uma mão apoiada no batente e a outra girando uma espécie de cordão do penhoar branco, transparente, sexy pra caralho, que está usando. Nada de camisola por baixo, não, ela quer me dar a porra de um ataque cardíaco, com certeza. Meus lábios sobem nos cantos e eu levanto uma sobrancelha arrogante, meus olhos esfomeados correndo por

cada centímetro lindo dela. O tecido é muito transparente, está praticamente nua, os peitos cheios, empinados. Não usa calcinha, a bocetinha toda lisa, minha boca saliva e eu rosno vendo os lábios delicados, implorando pela minha boca. Está usando também uma meia branca indo até o meio das coxas perfeitas. Ana Carolina está cantando *Encostar na Tua* e ela sorri, vindo finalmente para mim. Deus do céu... Eu solto um grunhido. Linda. Deliciosa demais. Ela para na minha frente e eu lhe entrego a sua bebida. Brindamos em silêncio, e tomamos um gole, nossos olhares conversando por cima das taças.

Não conseguindo mais me conter, eu enrolo um braço possessivo em sua cinturinha, colando o corpo gostoso e seminu no meu. Então nós dançamos, nossos corpos juntinhos. Ela pega minha nuca e eu abaixo a boca na sua, esfregando, sugando os lábios gordos e convidativos, lambendo devagar. Sofia geme, me lambendo também, descendo pelo meu queixo, mordiscando, sugando meu pescoço. Eu encho a mão em sua bunda suculenta e amasso a carne com vontade. Sua boquinha desce em beijos suaves pelo meu peitoral e eu solto um rugido rouco quando suga meu mamilo, puxando-o delicadamente entre os dentes. Fazendo malabarismos, eu pego sua taça e deposito junto com a minha sobre a bandeja no recamier. Então eu parto para a matança. Pego seu cabelo da nuca e puxo-o, forçando-a a arquear as costas. Rio malvado ao ver os peitos pontudos através da renda do penhoar.

Os olhos verdes ficam ainda mais ardentes e ela lambe os lábios obscenamente, incendiando meu corpo. Rosno, subjugando-a pelo cabelo e desço a outra mão pelo ventre reto, cavando entre as coxas. Sofia geme, estremece. Eu sondo, massageando os lábios melados, indo e vindo, o polegar tocando o clitóris de leve. Ofega, os dedos cravados em meus bíceps, enquanto respira entrecortado. Eu rio e empurro dois dedos dentro dela. Ela choraminga e afasta mais a coxas para me dar todo acesso. Eu a como sem pressa, metendo devagar, bem fundo e voltando, esfregando suas paredes. Com mais um sorriso perverso, eu abaixo a boca sobre seus montes perfeitos e lambo os mamilos por cima do tecido. Minha neném geme em lamento, o som lindo de pura necessidade, e eu passo a sugar o esquerdo, com força, mordendo-o antes de passar para o outro. Estremecendo de prazer, ela puxa as abas da parca vestimenta para os lados, desnudando os peitinhos lindos e eu rosno, passando a mamar com força.

Ela mia, esfregando o quadril em meu pau, em seguida, escorrega a mão pelo meu abdome até encontrar minha ereção dolorida. Sofia a esfrega por cima da calça, depois abre rapidamente o meu cinto, a calça e enfia a mão em minha boxer, agarrando gananciosamente minha carne inchada. Eu ranjo e mamo no outro seio, comendo sua bocetinha apertada ainda sem pressa. Sofia choraminga, contorcendo-se. Eu rio, sabendo o que ela quer, mas agora não é a hora. Puxo meus dedos para fora e os enfio em sua boca. Ela suga com avidez, olhos famintos nos meus. Dou um tapa em sua bunda e arranco o penhoar indecente de cima dela sem muita delicadeza. Ela arfa, os peitos pesados, subindo e descendo. Eu encho as mãos neles, sovando a carne firme, e desço pela cintura, os quadris, meu pau babando de tanto tesão nela. Eu morro para estar dentro dela. Rosno, uma mão segurando sua cintura e a outra voltando para sua nuca, e juntando o cabelo em punho, dou um puxão. Resfolega, juntando as coxas. Eu a encaro assim, bem de perto, fascinado e loucamente excitado. Beijo seu queixo e levo minha boca para seu ouvido, onde mordisco o lóbulo, sugando-o depois. Sofia geme alto, lamentoso. Eu rio, arrogante, perverso, sabendo exatamente como a minha menina aprecia esse jogo.

— Vem foder gostoso com o seu marido, bebê. — eu a levanto pela bunda e ela não perde tempo, enrolando as pernas ao meu redor. Deslizo os dedos em sua bunda, encontrando a racha traseira, mordo sua boca, enquanto massageio seu cuzinho delicioso. — Eu vou gozar em você inteira hoje... — digo num grunhido rouco e ela geme, arqueando-se lindamente. Eu me inclino e mordo um mamilo. Ela grita, miando em seguida. Volto a mamar, dessa vez delicadamente. Sofia rebola em cima do meu pau, esfregando-se, provavelmente buscando a liberação que ainda não lhe dei. Eu rio baixinho e ando com ela até a cama, depositando-a devagar no centro. É uma imagem magnífica ela no meio das pétalas de rosas. Meu coração canta de tanto amor, luxúria, completa loucura por essa menina. Arranco minha calça grosseiramente e subo de joelhos na cama. Ela abre as coxas e eu rosno com a cena. As meias sensuais parando no meio das coxas e as sandálias prateadas de saltos altíssimos. Seguro meu pau pela base e seus olhos vem com ganância para ele. Eu me masturbo, lenta e perversamente e ela choraminga.

— Eu quero você, amor. Vem para dentro de mim, por favor... — sua voz é muito rouca, lamentosa. Sem dizer uma palavra, arrasto as mãos em suas pernas, amando a textura das meias eróticas do caralho, então arreganho

ainda mais suas coxas. Eu uivo ao ver a sua bocetinha nua, toda melada, o líquido escorrendo para o cuzinho. Eu me abaixo e, gemendo, beijo seu monte, descendo e esfregando minha boca na carne molhada. Ela me segura pelos ombros e fecha os olhos, enquanto a chupo e lambo devagar. Sofia lamenta-se de novo quando subo, depositando beijo e chupadas leves pela barriguinha perfeita. Egoisticamente, nessa noite quero que goze apenas com o meu pau dentro dela. Dedica-me aos peitos cheios novamente. Eles são meu playground nesse período de amamentação. Chupo com força, uma mão enfiando entre suas coxas, pegando sua carne molhada possessivamente.

Não podendo mais me conter, puxo a mão e me deito entre suas coxas. Meu corpo grande subjugando seu corpo pequeno e delicado. Eu a encaro bem de perto e pego meu pau, esfregando a cabeça em suas dobras, batendo com força sobre o clitóris. Sofia, arfa, choraminga, geme com minha tortura, chamando-me para entrar nela uma e outra vez. Eu me alinho em sua vulva e pego suas mãos, levantando-as acima da sua cabeça, entrelaçando nossos dedos. Estamos os dois ofegantes, estou suando de tanta vontade de rasgar sua boceta bem fundo, então, eu vou. Eu meto tudo num golpe firme até o fundo, minhas bolas batendo em sua bunda.

— Ahh! Heitor... — estremece, sua carne palpitando à minha volta.

— Sofia, neném... — eu urro de prazer e desço minha boca na dela, que me recebe sôfrega e ansiosamente, a língua macia e gostosa lambendo a minha. Nos chupamos, lambemos, rosnando. Ela me abraça com as pernas, facilitando o ângulo. Eu puxo para fora e volto numa estocada dura, perversa, grunhindo ensandecido em sua boca. Eu a devoro com minha boca e meu pau, batendo nela com força, amando o fato de não ter gozado antes, suas paredes muito famintas, chupando-me sem dó para dentro. Continuo com as mãos entrelaçadas nas suas, prendendo-a sobre o colchão, e a monto ferozmente. Nosso beijo vai ficando mais e mais intenso, apaixonado demais, alucinado. Ofega, rebolando precariamente embaixo de mim, tomando meu eixo grande e grosso como a menina gulosa que ela é. — Assim, bebê, toma esse pau grande... Sabe que amo arrombar essa bocetinha apertada.

— Oh, Deus, sim, amor... Sim, sim... — chora, tomando-me até o punho.

— Minha menina perfeita... — rosno asperamente, todo atolado em seu calor. — Amor, que gostoso... Porra, que delícia de boceta... — saio quase todo e volto a meter profundamente. Solto suas mãos e enfio um braço por

baixo de sua bunda, outro puxando seu ombro direito, então uivo, passando a bater nela mais e mais, comendo-a com voracidade. Nós nos beijamos de olhos abertos, nossos olhares quentes um no outro. Meus impulsos são firmes e longos, fodendo-a sem trégua. Ela se pendura em meus ombros e me deixa meter do jeito que eu quiser. Chupo sua língua com força e em seguida arranco meus lábios dos seus e fico apenas olhando-a de perto, bem dentro dos olhos, a boca ofegando na sua, socando meu pau bem fundo, amando ver a emoção crua em seu rosto. Eu faço isso com ela. Apenas eu. — Você me pertence. Sempre será minha. — rosno em sua boca. Ela estremece contra mim, suas paredes tremulando, a respiração ficando entrecortada, então eu vejo com fascinação quando o gozo a toma. Ela berra, suas unhas correndo pelas minhas costas, puxando-me mais e mais para dentro dela, arreganhando-se toda para receber minhas estocadas duras e profundas.

— Sim, eu pertenço a você... — sufoca entre espasmos. — Sempre serei sua, meu amor. Sempre. — ela chora, lágrimas de amor e êxtase escorrendo pelos cantos dos olhos, o som de pele estalando é uma disputa com *Certain Things* tocando agora. — Goze em mim, por favor. Eu quero sentir você me enchendo...

Porra! É o meu fim, bato nela sem dó, perseguindo meu clímax. Enfio a mão em seu cabelo da nuca e a monto animalesco, rugindo, rosnando, então o gozo vem, devastando tudo dentro de mim, minhas bolas pesam, doem. Eu esporro no fundo da sua boceta, urrando alto, enfiando meu rosto em seu pescoço, mordendo, sugando sua pele, esfomeado, descontrolado. Eu ondulo, socando fundo, despejando tudo nela. Sofia chora mais, arqueja, soluça. Nós nos agarramos com desespero sôfrego, consumando, começando oficialmente uma nova vida juntos. Eu a beijo, ofegante, gemendo rouco e ela também. Os tremores vão cessando, nossas peles estão suadas, grudadas, mas permanecemos agarrados sem nos importar com mais nada, nossas respirações pesadas na boca do outro, ligados muito além do físico. Seus olhos lindos e lânguidos riem para mim. Eu beijo a ponta do seu nariz, saio com cuidado de dentro dela e me afasto, livrando-a das sandálias e meias sexy. Ela ri mais, saciada, mas ainda sensual. Eu rosno, dando um tapa leve em sua bunda indecente, e me deito novamente do seu lado e a puxo para o meu peito. Ela ronrona, beijando meu peito e levanta o rosto para o meu. Enrolo um braço em sua cintura e beijo sua testa.

— Meu marido. — ela sussurra, os olhos incríveis me adorando e eu

amoleço completamente.

— Minha mulher. — murmuro de volta, a outra mão fazendo carinho nas costas esguias e suadas. — Oficialmente juntos. Você está feliz, bebê?

Seus olhos amolecem mais e ela coloca a perna por cima de mim. Eu gosto da forma possessiva como faz isso.

— Sim, amor. Muito. — murmura, a mão delicada vindo para a minha face. — Obrigada por ter me tomado como pagamento da dívida. — eu rio baixinho com a sua provocação. Graças a Deus agora podemos fazer piada sobre *A Dívida*. — Obrigada por me dar uma família de verdade.

— Não. Eu sou o único que tem que agradecer aqui. — eu coloco uma mecha suada de cabelo atrás da sua orelha. — Você me deu amor, me fez enxergar o valor da família. — eu a beijo delicadamente nos lábios e sussurro: — Você me deu a vida. Você é a minha vida, neném.

Seus olhos se enchem de lágrimas e isso sempre mexe profundamente comigo.

— Eu te amo tanto. — sussurra com o coração nos olhos. — Prometo te amar até o fim dos meus dias, Heitor Maxwell.

Eu respiro agudamente, tudo em mim tomado por ela. Cada pequena partícula do meu ser pertence à menina em meus braços.

— Eu também te amo, bebê. — respiro agudamente, tudo em mim tomado por ela. — Prometo te amar até o fim dos meus dias, Sofia Maxwell. — murmuro de volta com todo o meu coração, corpo e alma. Nossos olhos permanecem fixos, se adorando, dizendo mais do que nossas bocas. Então eu desço minha boca na sua e a beijo delicadamente, selando nossas promessas. Delicio-me com seu gosto incomparável, sabendo que sim, vou amar essa menina-mulher até o fim dos meus dias. Eu não vivi antes dela, apenas vaguei pelo mundo. Ela me fez voltar a ter fé no amor, nas pessoas, acreditar em Deus, me fez acreditar que existem almas gêmeas. Tenho absoluta certeza de que se vivesse mil vidas, em todas eu a encontraria e a amaria. Eu pertenço a ela. O que sinto por ela está muito além do amor. Sofia é a minha vida.



EPÍLOGO

Quatro anos depois...

Sofia

Eu desço a escada para a nossa sala e paro no último degrau, a cena diante de mim sempre me faz parar, olhar e olhar como uma boba. Apaixonada, arrebatada. Heitor está no canto da sala, perto da parede de vidro. Deus, como amo vê-los juntos. Ele e nossos filhos ao redor da árvore de Natal gigante. Sim, nossos filhos. Quando Theo fez dois anos, eu engravidei acidentalmente da nossa caçulinha, Giulia. Eu me recosto ao corrimão e babo neles, aproveitando que não me viram ainda. Amor e possessividade pulsam em meu íntimo. Theo está em pé, entregando os enfeites para Heitor. Meu menino tem o rostinho cheio de orgulho por estar ajudando o pai. Giulia está em pé ao redor também, só que em vez de ajudar, está pegando enfeites aqui e ali e os enfiando na boca. Eu rio da minha linda rechonchuda.

— Ei, não, princesinha. — Heitor ri, o som profundo, feliz, invadindo meu corpo, tocando direto no coração. Ele toma uma bola pequena das mãos da nossa menina e lhe dá uma maior para evitar que se engasgue. Em seguida ele se inclina, beijando a massa de cabelo castanho. Ela é a minha cópia, como Theo é a dele. Meus lindos e amados filhos. Meus filhos e o homem da minha vida. Meus olhos se enchem de lágrimas ao vê-los interagindo, as três pessoas que mais amo nesse mundo. Quem diria que aquele homem tão frio se tornaria esse pai e marido amoroso? Meu amor. Meu lindo homem complicado. Não me canso de olhar para ele. Nunca. Está arrebatadoramente bonito e sexy aos quarenta e dois anos. Sempre será o homem mais bonito do mundo para mim. Sempre. E a forma como tem se dedicado a mim e nossos filhos me faz amá-lo, admirá-lo cada dia um pouco mais. Heitor Maxwell me deu tudo, absolutamente tudo que uma mulher pode sonhar. Tudo o que é realmente importante nessa vida, esse homem me deu.

Meus olhos vagam por ele, cheios de amor e paixão, como foi desde o primeiro momento em que o vi todos aqueles anos atrás. Está usando uma calça de moletom e uma camiseta azul-escura. Eu o amo tanto. Eu devo ter suspirado ou pronunciado isso em voz alta, porque ele vira o rosto e os olhos azul-gelo colidem diretamente com os meus. Sorrio-lhe, sendo pega em flagrante. Seus olhos ficam mais penetrantes. Eu amo como a tonalidade muda quando olha para mim. Tem um brilho diferente. Esse olhar é meu.

Apenas para mim. Ele percebe que estou à beira das lágrimas babando sobre eles, a minha linda família. Seu olhar suaviza.

— Ei, pessoal, olha só quem desceu para nos ajudar! A mamãe! — diz em tom animado e logo meus bebês estão virando para mim, gritando com euforia.

— Mamãe!

— Vem, mamãe!

Giulia e Theo me chamam. E eu vou, com o coração todo mole pelos meus meninos. Heitor termina de prender uma bola no galho mais alto e se volta para mim quando chego até eles. Eu o puxo pela nuca, dando-lhe um beijo suave na boca. Ele enrola um braço imediatamente em minha cintura, sorrindo contra meus lábios.

— Você está ficando bom nisso, Sr. Maxwell. — sussurro, provocando-o. Seus olhos cintilam com o brilho perverso que adoro. — Quem diria que o CEO durão da HTL iria pegar gosto por montar árvores de Natal, hein?

Seu indicador sobe para o meu rosto, delineando minha face e sua expressão enternece.

— O CEO durão teve a sorte de encontrar um anjo pelo caminho. — murmura e meus olhos voltam a arder. — Um lindo anjo que o faria rever alguns conceitos.

— Amor... — eu digo, emocionada, e me estico, dando mais um beijo reverente em sua boca.

— Mamãe, vem ajudar! — Theo puxa a barra do meu short.

— *Azudar*, mamãe! — Giulia endossa, fazendo-nos rir dos nossos pequenos.

— Eu amo você. — sussurro contra a sua boca. — Amo tudo que me deu. Amo cada dia mais, não há limites para tudo que me faz sentir. Como isso é possível? Como consegue me fazer te amar mais a cada novo dia?

Os olhos azuis ficam muito brilhantes, selvagens de emoção.

— Bebê... — exala asperamente. — Deve ser porque sabe que meu amor por você não tem limites também. — sua voz fica uma nota mais suave quando murmura: — Diga que sabe que você é o mundo todo para mim.

Você e os filhos que me deu são o meu patrimônio mais valioso, neném. Não é o dinheiro, não é o prestígio social. — ai, Deus, ele me joga na lona quando fica assim, todo romântico. — São vocês.

— Amor, você sempre me faz chorar... — eu fungo e ele ri, o sorriso lindo que amo tanto. Nossos meninos ficam mais impacientes puxando nossas roupas, exigindo atenção, então nos afastamos, rindo cúmplices.

— Pronto! A mamãe é toda dos meninos dela agora. — eu digo, me abaixando e beijando as cabeleiras cor de cobre e castanha. Giulia está com um ano e oito meses, ainda tem o cheirinho de bebê que amo demais.

Roço meu nariz com cada um deles e eles riem, as risadinhas lindas me arrebatando, a exemplo de seu pai. Sou tão babona, apaixonada pela minha família. Eu e Heitor completamos quatro anos de casados no mês passado. Quatro anos. Seis anos desde que o vi pela primeira vez. Suspiro nostálgica. Como o tempo passa rápido. Tanta coisa aconteceu. Esses foram anos muito especiais, os mais felizes em toda a minha curta vida. Sei que é a mesma coisa para Heitor. Ambos vivemos por muito tempo carentes de amor e, por isso, temos vivido e nos amado intensamente. Nós nos fortalecemos como casal, nos tornando referência na sociedade paulistana. A mídia adora publicar fotos nossas sozinhos ou com os meninos. Eu amo tudo que construímos juntos. Porém, embora eu ame demais ser a sua mulher, a mãe dos seus filhos, fiquei feliz também com outras conquistas nesse meio tempo. Meu lindo marido tem sido o meu maior incentivador, me apoiando em todos os meus projetos. Fiz faculdade de Dança e me formei com louvor em junho deste ano, mesmo fazendo malabarismos com Giulia ainda pequena. Não abro mão do meu tempo com os meus bebês. Heitor também tem primado por isso, o nosso tempo em família. Tem reduzido sua carga de trabalho e delegado mais para seu vice-presidente. Eu amo quando tira folga e me surpreende com viagens para algum destino romântico. Às vezes levamos os meninos e em outras vamos apenas nós dois, para nos curtirmos como casal.

Voltando às minhas conquistas fora do campo pessoal, o projeto da HTL, levando o balé para crianças carentes das comunidades da região metropolitana de São Paulo, ganhou projeção não só nacional, mas atraiu o interesse de organizações não governamentais na América Latina e outras partes do mundo também. Eu sei que o nome HTL é forte e é o catalisador dos interesses, mas não me importo, pelo contrário, uso esse poder e influência para conseguir parcerias. Desde o ano passado, os nossos

professores e alunos têm viajado para se apresentarem pelo mundo. No decorrer dos anos, fomos introduzindo outros estilos de dança e aumentando o raio de atuação. O número de crianças e jovens que ingressam no projeto cresce a olhos vistos. No final do ano, receberemos a visita de representantes da Unicef, junto com outra visita ilustre, o Príncipe Damien Di Castellani, de Ardócia, uma ilha localizada ao Sul da Itália. Eu não cabia em mim de felicidade quando a princesa Ella e seu marido, o príncipe Mike, me procuraram na fundação. Ela assistiu a uma apresentação dos meus meninos no Teatro Municipal quando passou rapidamente pela cidade em agosto e quis saber mais sobre o projeto. Dois meses depois, recebemos a ligação do Palácio de Ardócia, era o assessor do príncipe Damien, informando que ele estaria em São Paulo a negócios no final do ano e gostaria de conhecer o projeto social que a sua irmã tanto elogiou. Meu Senhor, tomara que eu não desmaie e faça um papelão na presença da realeza.

Eu pesquisei e descobri a Fundação Príncipes Di Castellani, que tem inclusive um Nobel da Paz. É mole? Eles atuam fortemente nas questões humanitárias em países pobres. Pelo que o assessor do príncipe informou, estão querendo diversificar as suas frentes e como fomos recomendados pela princesa, acho que temos grandes chances de parceria. A rainha e mãe deles é brasileira, então temos dupla chance. Ah, desculpem, mas tenho que mencionar isso também, no próximo mês, Heitor e eu seremos homenageados na festa de gala do governador do estado. A fundação criada pela HTL, há mais de dez anos, desenvolve um lindo trabalho em outras frentes como a prevenção e combate ao câncer, por exemplo. Heitor mudou muito nesse aspecto também. Antes ele apenas observava os números para poder mencionar em seus discursos, hoje tira um tempo e visita as instalações, conversa com os funcionários, as pessoas beneficiadas pelas ações. Dá palestras para os adolescentes nos vários projetos da fundação. Meu peito racha de orgulho dele quando me convida para irmos visitar alguma instituição. Quando eu o vejo interagindo, tão diferente do homem duro e frio de antes.

Eu suspiro, voltando à minha tarefa. Giulia está enrolada em uma das guirlandas vermelhas, enquanto Theo tenta colocar um enfeite num galho alto demais para ele. Heitor o levanta e o pequeno consegue prender a caixinha, rindo lindamente para o pai. Desenrolo a minha pequena e coloco a guirlanda em volta dos galhos mais baixos, deixando os mais altos para Heitor. Não há

nada que eu ame mais do que isso, esses momentos com eles. Temos feito todos os anos, religiosamente. Cresci privada de muita coisa. Quero que meus filhos cresçam dando valor a esses momentos em família, a importância do Natal e o seu significado: a união, o amor. Enquanto crescia, as duas víboras nunca me deixaram participar da montagem da árvore. Eu ficava observando tudo, escondida e chorando, geralmente depois de ter sido hostilizada por Marcela.

Estremeço ao lembrar das duas mulheres horríveis. Não gosto de lembrar que um dia convivi com elas. Há três anos e meio, Soraia teve o fim que mereceu, foi condenada a dezoito anos de prisão, uma vez que meu pai faleceu, então foi julgada por assassinato e não tentativa. Quanto a Marcela, não se dignou nem mesmo a comparecer no julgamento da víbora-mãe. Passei muito tempo sem vê-la, graças a Deus ela saiu do meu caminho. No entanto, uma noite, voltando de um evento com Heitor no começo do ano, ao passar pela Augusta na esquina com a Paulista, eu a vi. Estava se prostituindo na rua, acompanhada de mais duas garotas. Abaixei o vidro traseiro da limusine e olhei para fora, chocada com a sua aparência. Ela virou a cabeça e seu olhar encontrou o meu. Era ela mesma, muito magra, o cabelo maltratado, em nada lembrava a menina bonita e vaidosa que cresceu comigo. A menina que teve tudo do bom e do melhor e o amor do meu pai, e ainda assim, compactuou covardemente com a sua morte. Que fim triste o dela. Acredito na justiça dos homens, mas acredito, sobretudo, na justiça divina. Nós colhemos exatamente aquilo que plantamos aqui na Terra. Voltei a subir o vidro e Heitor me puxou para o seu colo. A menina maltratada venceu. Ela encontrou o amor. Eu me sobressalto, percebendo Heitor me chamando.

— Você não quer colocar a estrela? — ele pergunta com uma cara de safado, apontando a escada. Estreito meus olhos, sabendo a razão da sua proposta, estou com um short curto e folgado, ele vai ver tudo.

— Claro. — eu digo docemente, pegando a estrela da sua mão e me dirijo para a escada, passando bem perto dele, esfregando meu traseiro em sua virilha. Ele rosna e eu rio, me pondo a subir devagar, dando o show que meu pervertido marido queria. Arrebito bem a minha bunda e coloco a estrela no topo da enorme árvore. Ouço-o puxando uma respiração afiada, então eu o olho por cima do ombro. — Ficou bom, amor? — ronrono.

Seus olhos estão fervendo no meu traseiro e vejo-o ajustando a virilha discretamente. Então seu olhar malvado sobe para o meu.

— Perfeita... — sua voz é só um rosnado e sei que está se segurando para não falar palavrão perto dos nossos pequenos papagaios. Eles repetem tudo que falamos hoje em dia.

Eu rio e balanço um pouco mais a bunda antes de descer cada degrau sensualmente. Eu dou um gritinho assustado quando chego ao chão e mãos grandes puxam minhas costas para a sua frente. Ele está deliciosamente duro contra a minha bunda.

— Amor, comporte-se. — eu rio, adorando esse jogo que nunca fica velho entre nós. Nossa vida sexual continua intensa. Meu marido é vigoroso por natureza e ainda potencializa esse vigor com a alimentação certa e o treino na academia. O resultado é que ando babando atrás dele o tempo todo. Ele ri baixo, perverso, em meu ouvido, esfregando a ereção em mim, aproveitando a distração dos pequenos com a árvore. Choramingo: — Vamos dar banho nos meninos ainda...

— Sim. — ele beija e morde meu pescoço malvadamente. — Depois vou dar banho na minha neném... — seu tom pinga sacanagem e eu mordo o lábio para conter um gemido. Ele sorri mais, adorando me deixar pingando. — Vem, bebê, vamos testar o pisca-pisca.

Ele se vai e como o pai babão que é, deixa Theo ligar um interruptor e Giulia o outro. As luzes piscam e os pequenos gritam, batendo palmas. Eu bato palmas junto com eles também. Amo essa parte, é como se tudo ganhasse vida junto com a árvore, uma energia boa vibra à nossa volta. Dá para sentir. É quase palpável. Heitor levanta Giulia nos braços e ela joga os bracinhos em volta do pescoço do pai. Eu pego a mãozinha de Theo, seus olhinhos azul-gelo levantam para mim e eu sorrio para ele. Heitor passa o braço livre em minha cintura, me puxando para perto e ficamos assim, os quatro admirando a árvore. Um suspiro feliz deixa meus lábios.

— Você consegue sentir isso? — murmuro, virando meu rosto para o seu. Ele acena, a boca descendo na minha num beijo suave.

— Vem, vamos cuidar desses pequenos montadores de árvore. — ele brinca, piscando para Theo, que sorri de volta.

E nós subimos a escada com os nossos pequenos conversando animados. Eles vão demorar a dormir, pelo que conheço deles. O banho que meu marido me prometeu vai demorar...

Um mês depois...

Eu saio para a sacada do nosso quarto e o encontro perto do parapeito. Está ao telefone, distraído, então aproveito para apreciar o belo exemplar masculino que é o meu marido. Está usando um smoking negro, o cabelo penteado para trás. Heitor tem uma presença poderosa. Qualquer um que olha para ele, sente isso, o poder que emana dele. É algo nato. Não é forçado ou forjado. É dele. Seguro minha carteira e minha estola de pele preta e ando devagar ao seu encontro. Estou usando um Valentino vermelho de cetim tão delicado que o tecido derrete em meu corpo. É um longo tomara que caia, moldando minhas curvas com sensualidade e classe ao mesmo tempo. Meu cabelo está jogado para o lado direito sobre o ombro, uma presilha de diamantes presa do lado esquerdo, mantendo o penteado. Ele encerra a ligação e seu olhar sobe, encontrando-me a alguns passos dele. Não me intimido e continuo cobiçando a forma perfeita como seus ombros largos preenchem o smoking. Caminho devagar, o salto dos sapatos no mesmo tom do vestido sendo o único som no ambiente. Os olhos azul-glacial vão esquentando à medida em que passeiam pelo meu corpo. Seu olhar me faz sentir a mulher mais bonita do mundo. Eu sei que estou longe de ser, mas meu marido me faz sentir assim toda vez que me olha. E é perfeito. Toda mulher deve ser olhada assim pelo seu homem.

Quando nossos olhares se encontram, aquele canto de boca soberbo inclina e ele começa a vir para mim. Eu paro e bebo da sua elegância, de certo modo dura, viril, esmagadora. Sua cara de malvado sempre me deixou molhada e arquejante. Estamos indo para a noite de premiação dos destaques do ano, onde seremos homenageados por nosso trabalho social. Em eventos como esse, meu marido é sempre comido com os olhos pelas pistoleiras de plantão. Mas ele nunca me dá motivos para sentir ciúme. Sempre vamos a eventos públicos juntos. Quando um não pode ir, o outro não comparece também. Não é falta de confiança, apenas preferimos assim, sempre aparecermos juntos. Ele para à minha frente, bem perto, os olhos quentes, lindos sobre mim. O cabelo está brilhando, ainda úmido. Seu cheiro delicioso e másculo me envolve e eu me derreto em uma poça. Sempre impactada por sua presença dominante e seus olhos azuis hipnotizantes.

— Linda. — sussurra, um braço enrolando em minha cintura e me puxando com suavidade para si. — Eu nunca vou me acostumar com tanta

perfeição, eu juro, bebê. — seu olhar tem um brilho faminto, mas sua voz é suave, enrouquecida.

Meu corpo inteiro fica inebriado nele, suas palavras, seus olhos magníficos, seu cheiro. Suspiro de puro prazer e apoio a mão livre em seu peitoral, deslizando-a pelo ombro.

— Eu estava pensando a mesma coisa quando saí e o vi, amor. — murmuro, meu tom permeado de adoração.

Um sorriso lindo curva sua boca e o brilho intensifica nos olhos azuis, então abaixa a cabeça, sua boca pairando sobre a minha. Ele me olha bem de perto, parecendo deslumbrado, como eu devo estar também.

— Sim, neném? — sussurra na minha boca, sexy, safado.

— Você sabe que sim. — eu mio.

Heitor rosna baixo e segura minha nuca, então seus lábios tomam os meus. Sua língua invade a minha boca, lambendo devagar. É um beijo lento, sensual e eu arquejo, meus seios pesando, meu núcleo começando a pulsar. Ainda bem que meu batom é de longa duração. Aprendi a usar esses, porque não gosto de me privar dos beijos de meu marido. E, só para constar, ele sabe beijar. O jeito que me pega, todo macho e possessivo, sempre me faz enrolar os dedos dos pés de tanto prazer. Eu aprofundo o beijo, entrelaçando a língua na sua e ele geme roucamente, o som lindo que inflama tudo dentro de mim. Estou já empolgada, mas separa nossas bocas e sorri quando choramingo.

— Tenho algo para você, amor. — diz baixinho e enfia uma mão no bolso da calça. Meu coração canta.

Heitor adora me mimar. E eu tenho que rebolar para retribuir a altura também. Em seu último aniversário, eu dei a ele um Rolex de ouro cravejado de diamantes, depois o levei para a ópera e encerramos a noite numa das casas noturnas pervertidas de T. Temos frequentado muitas delas, tanto aqui quanto no Rio. Ele puxa algo brilhante do bolso e eu ofego ao ver o delicado colar de ouro com um grande diamante vermelho em formato de coração como pingente. É lindo. O tamanho da pedra é amortecido pela corrente delicada. Seus presentes todos tem um toque pessoal. Ele sabe exatamente o que vai me agradar.

— É tão lindo, amor. — digo embevecida, tocando a pedra em sua palma.

— Vire-se, bebê. — murmura e eu faço o que pede. Ele prende o colar com delicadeza e, depois, as mãos grandes passeiam pelos meus ombros nus. Minha pele arrepia quando sinto seu hálito quente em minha nuca. — Está tentadora, deliciosa demais nesse vestido... Mereço outro prêmio se não comer você na limusine a caminho da maldita festa... — ri perverso e morde a minha carne. Estremeço, gemendo, uma quentura deliciosa se espalhando em meu baixo ventre, indo para o meu núcleo, umedecendo minha calcinha.

— Eu vou fazer algo para meu malvadão lindo quando chegarmos, prometo. — eu digo, atiçando-o.

Ele ruge, as mãos descendo, delineando meu torso inteiro, cintura, seios, barriga. Adoro sentir o quanto me deseja, o quanto o afeto também.

— Porra, como amo o seu corpo, neném... — sussurra com aspereza, continuando a sua exploração devassa. Gemo, respirando entrecortado, cada centímetro da minha pele incendiando com seu toque. Ondas de prazer me engolfam. Ele ri baixinho, pressionando-se contra as minhas costas. — Minha putinha... — rosna baixo, indulgente, correndo o nariz pelo meu ombro, e um braço possessivo enrola em minha cintura, a mão abrindo em meu ventre e me puxando para sentir seu pau bem desperto em minha bunda. Lábios deliciosamente perversos sugam a minha pele, deslizando até o pescoço, onde mordisca suavemente. Choramingo, minha calcinha completamente alagada agora. — É bom que esse *algo* envolva você de quatro, me deixando meter bem fundo, duro, nessa bocetinha apertada... — grunhe, mordendo minha nuca de novo e eu gemo, latejando miseravelmente. Ouço seu sorriso cínico e zombador bem no meu ouvido, e estou a ponto de implorar para ele me foder na limusine, o que, aliás, meu marido pervertido já fez algumas vezes. Ai, eu adoro...

Heitor me gira para ele e eu o enlaço pelo pescoço com o braço livre. Nossos olhares se encontram, quentes e apaixonados. Não sei se alguém pode morrer de felicidade, mas, se puder, sou uma forte candidata, porque esse homem me faz delirantemente feliz.

— Talvez... — eu continuo brincando com fogo. Aquele canto de boca arrogante que diz “bebê, eu sei que você é louca por mim” sobe de novo, e eu sou um caso perdido.

Seus dedos vêm para o meu rosto e ele acaricia o contorno, a luxúria cedendo a uma expressão mais terna.

— Minha menina perfeita... — murmura, dando um selinho na minha boca. — Precisamos sair para a sua noite. Estou tão orgulhoso de você, bebê. — a cadência amorosa e reverente em seu tom sempre me emociona. Meu coração aquece, transbordando de amor por ele. Sorrio para ele, acariciando seu cabelo macio da nuca.

— E eu de você, amor. — minha voz sai embargada. Deus, sou tão chorona. Principalmente com as coisas relacionadas a ele. Heitor é um homem intimidante para os outros, mas deu seu coração para mim. Esse lindo e complexo homem se deu sem nenhuma reserva para mim. Ele se doa todos os dias para mim e nossos filhos. — Eu e nossos meninos temos tanta sorte por ter você. — ele respira agudamente, os incríveis olhos azuis ficando mais brilhantes nos meus, os dedos acariciando meu rosto. — Nunca pensei que fosse possível amar alguém tanto assim. Que houvesse esse nível de felicidade. Você veio e me deu tudo isso. Eu te amo tanto, Heitor Maxwell.

— Minha menina linda... — sussurra com emoção na voz e semblante. — Eu amo você demais, Sofia Maxwell. — geme rouco, feroz, então sua boca desce na minha e nós nos beijamos apaixonados. Meu corpo inteiro cantando, cada pequena parte de mim em júbilo porque pertenço a ele, o homem que amo mais que tudo. O homem que me deu tudo.

Véspera de Natal...

Heitor

Eu paro na entrada do closet e sorrio, me recostando ao batente, admirando a minha neném terminar de se arrumar. Ela está simplesmente magnífica em um macacão verde-escuro, destacando suas curvas tentadoramente indecentes. Nossos olhares se encontram através do espelho e meu peito incha quando abre o sorriso doce que é só meu. Ela é plenamente mulher agora, depois das duas gestações. Sim, a minha menina perfeita me deu a alegria de ser pai de novo, dessa vez de uma menininha linda, que me tem fazendo todos os seus gostos, exatamente como sua mãe. Eu ando devagar para dentro, sentindo meu corpo responder à proximidade do seu. Quatro anos juntos, quatro anos de muito amor, paixão, devoção. Nossa vida sexual continua intensa, mesmo depois dos filhos. Eu sou irremediavelmente louco de tesão por ela e isso nunca vai mudar. Ela também tem a mesma fome por mim. Adoro as visitas surpresas que me faz no escritório, que geralmente termina com ela chupando ou montando o meu pau, me deixando

aliviar o estresse do trabalho.

Sofia levanta uma sobrancelha bem-feita para o sorriso pervertido curvando minha boca. Envolvo-a por trás, meus braços enrolando na pequena cintura. Eu gemo de puro prazer, sentindo seu cheiro delicado de flores.

— Amo você nesses macacões sexy, bebê. — sussurro áspero, lambendo a ponta da sua orelha. Ela arfa levemente e descansa a cabeça em meu ombro, os olhos de pedras preciosas cintilando sonhadores.

— E eu amo você em... — ela me oferece um sorriso atrevido e sussurra: — Qualquer coisa.

Porra. Eu rosno, puxando-a mais perto e esfrego minha ereção crescente em sua bunda suculenta. Desço a minha boca em beijos e mordidas suaves pela lateral do seu pescoço. Seu corpo convulsiona em meus braços. Rio arrogante e esfrego meu nariz em sua pele quente e macia, querendo mordê-la, comê-la inteira.

— Porra, eu quero gozar em você, amor... — rosno, enfiando a mão entre suas coxas, segurando a bocetinha quente. Cheguei ontem da Alemanha. Estive por lá a trabalho por quase duas semanas. Ela ficou com os meninos, porque Giulia estava gripada e com febre. Na maioria das minhas viagens a trabalho, eu os levo comigo. Detesto ficar longe da minha mulher e filhos. — Mas a nossa família já está esperando lá embaixo. — resmungo, empurrando meu pau duro em seu traseiro e ela geme, os olhos anuviados presos aos meus através do espelho. Enfio o nariz em seu cabelo, me embriagando em seu cheiro. — Estou ainda morto de saudades, neném... — digo em tom mais suave e beijo seu ombro.

— Eu também, amor. — murmura, girando em meus braços.

As mãos passeiam pelo meu peitoral através do terno escuro. Ela me olha como se eu fosse o homem mais bonito do mundo e isso me faz sentir como um fodido bobo. Nossos olhares se fixam numa conversa íntima e gostosa, e minha boca desce suave sobre a dela. Eu a aperto contra meu corpo. O beijo vai se tornando mais intenso e eu chupo sua língua com mais pressão, segurando sua bunda, mantendo nossos sexos unidos. Sofia geme em lamento. Sorrio, puxando seu lábio inferior entre os dentes e ela ri também. Nunca fica velha essa sensação, beijá-la, tê-la junto a mim, fazer amor com ela. Fodê-la duro. Amo fazer tudo com ela na cama. Perfeição. Não há outra

palavra para descrever tudo que temos.

— Vem, vamos descer e confraternizar para que eu possa te comer a noite toda depois. — ranjo em sua boca. Ela choraminga.

— Adoro quando meu amor fica todo malvadão... — ronrona, sua mão descendo atrevidamente entre nós, apalpando meu pau dolorido sobre o jeans.

— Menina... — dou um tapa em sua bunda. Ela mia. — Vem, antes que eu resolva enfiar meu pau nessa boquinha linda... — solto um grunhido. A pequena provocadora ri e esfrega meu pau uma última vez antes de retirar a mão.

— Vou confraternizar com meu maridinho lindo adequadamente mais tarde... — ela sorri sensual e misteriosa.

— Porra, eu adoro quando minha neném fica toda putinha safada... — eu rosno e mordo sua boca. — Gostosa... — sussurro, já ansioso para saber o que a minha linda menina fará para mim. Ela se tornou uma mulher segura da sua sensualidade e faz coisas deliciosas para agradar meu lado depravado.

Descemos em seguida. O parapeito e o corrimão da escada também estão decorados com motivos natalinos. Sofia adora enfeitar a casa toda e admito, também peguei gosto por essa época do ano. A casa fica cheia de uma energia boa. É inexplicável, mas dá para sentir a leveza. Amo ver a felicidade dela e agora dos nossos pequenos ao redor da árvore, montando tudo em família. Graças a ela, os nossos filhos crescerão sabendo quais são as coisas mais valiosas nessa vida. Sofia jamais é esnobe sobre o dinheiro e me deixe dizer, ela é casada com a segunda maior fortuna do Brasil e a quarta da América Latina. Mas a minha menina não liga para isso. Nunca ligou. A emoção em seu rosto é a mesma quando lhe presenteio com algo caro ou lhe dou uma rosa. E isso só a torna ainda mais perfeita aos meus olhos. Mesmo tendo acesso a tudo que o dinheiro pode comprar, ela está mais preocupada com coisas simples como contar histórias para os nossos meninos na hora de dormir, ser a melhor esposa que um bastardo como eu poderia sequer sonhar. Não contente, ainda está dando uma perspectiva de vida melhor para centenas de crianças e jovens que passam todo ano pelo projeto que coordena com absoluto sucesso. Está bem, sou um marido totalmente babão, assumo. Rio como um bobo apaixonado, colocando uma mão na parte baixa das suas costas quando descemos o último degrau.

Minha avó já está babando sobre Giulia, percebo. Dona Magnólia não cabia em si quando eu e Sofia anunciamos a segunda gravidez. Sua adoração por Sofia cresceu a níveis estratosféricos. E minha doce menina ama a minha avó também. Theo está correndo de um canto a outro. É uma tarefa difícil mantê-lo comportado em seus quase cinco anos. Então nós o deixamos livre, com supervisão das babás, claro. Nesse momento, ele está conferindo os presentes na árvore. Nossa pequena está milagrosamente sentada no sofá perto da bisa. Não milagrosamente se você observar a enorme boneca em seus braços. Vovó está estragando-a, como fez com Theo. E como tem feito com seus outros bisnetos, a propósito... Bem, vocês ainda não sabem, mas meus irmãos também estão, como eles mesmos falam, com as bolas presas em nós bem apertados. Sim, L estava certo e T realmente pegou um avião para Tocantins depois da recepção do meu casamento, há quatro anos. Pietra o fez rastejar pra caralho, principalmente porque enquanto ele festejava com outras mulheres, tentando mostrar que era sexo casual, ela foi embora grávida. Tristan teve que usar todo o repertório de boas intenções, a garota estava irredutível, bem como seus irmãos, dois lutadores durões de MMA. Pois é, as coisas ficaram um pouco tensas para o lado do meu irmão mulherengo. Eu rio levemente.

Quanto a L, esse também comeu o pão que o diabo amassou para reconquistar Lígia, porque, confirmando as nossas suspeitas, os dois estavam envolvidos sim e, surpresa! Ela também estava grávida quando terminou o namoro de anos com o enfadonho do promotor, só que quando foi contar isso ao meu irmão marrento, ele estava em situação bem comprometedora com outra mulher. Certo, eu sei o que devem estar pensando. Eles são uns fodidos idiotas. Pois é, não basta ser um Maxwell, você tem que fazer uma merda colossal para carimbar isso. Ironizo. É a verdade, os irmãos Maxwell tem três coisas em comum. A primeira, fomos, sim, uns babacas fodidos com nossas mulheres; segunda, elas foram embora grávidas; e a terceira, nós não brincamos em serviço. T também adora se vangloriar disso.

— Vovó, a senhora a mima demais. — eu rio, me debruçando e beijando-a na têmpora tão logo a alcançamos, em seguida a minha princesinha. Minha avó sorri ternamente para mim, me devolvendo o beijo, mas Giulia ainda tem a sua atenção.

— De jeito nenhum. Nada é demais para a minha menininha. — diz, beijando a cabecinha castanha da nossa pequena. Giulia dá uma linda risada,

toda faceira pela paparicação da bisa.

— Vovó, a senhora está tão bonita. — Sofia se inclina, depositando um beijo em sua bochecha. Dona Magnólia se derrete para ela, os olhos castanhos cintilando, felizes, e toca seu rosto, beijando-a suavemente também.

— Minha menina doce, obrigada. — murmura com afeto. — Você é quem está radiante. Eu adoro a forma como celebra o Natal, querida. — seu olhar terno vem para mim. — E você ainda conseguiu a façanha de passar isso para o meu neto.

Sofia lhe oferece um sorriso suave e vira o rosto para mim.

— Nem foi tão difícil recrutá-lo. — os olhos verdes brilham com humor.

Eu dou risada.

— Vovó, pare de inflar o ego da minha mulher. — reclamo com falsa zanga. Minha avó sorri, o som me deixando leve.

Então ouço as vozes no living e meu peito fica ainda mais enlevado. Meus irmãos chegando. Família. Nós somos isso agora. Temos celebrado o Natal todos os anos desde que Sofia entrou em nossas vidas. Em um ano, a ceia foi na casa da vovó. Ela estava muito feliz com seus novos netos e a chegada de mais bisnetos. No retrasado, foi na nova casa de T, e no passado, na casa de L. Mesmo não fazendo a ceia por aqui, não abrimos mão de montar a árvore. Já é tradição para nós. Eu me viro para a entrada da sala e L é o primeiro a aparecer, segurando José Pedro, seu menino de três anos, pela mão. O moleque é a cara dele. O outro braço enrolado na cintura da sua mulher, que sorri amplamente quando nos vê.

Eu pego Sofia pela mão e vamos recebê-los.

— Ei H, Sofia. — L nos cumprimenta, soltando Lígia para me dar um abraço. O bastardo marrento melhorou muito com sua sociabilidade. Lígia lhe fez bem. Eu diria que conviver comigo e T, seus irmãos, também contribuiu para isso. Ele ainda carrega certa dose de marra porque, bem, essa é sua personalidade, como a minha é ser cínico. Há traços que não conseguimos mudar, apenas suavizar. Ninguém muda completamente. Se for assim, perdemos a nossa identidade.

— Ei, irmão. — eu o abraço de volta e me inclino, dando um beijo na

têmpora de sua mulher. — Lígia.

— Heitor. — Lígia abre um sorriso amplo. Um sorriso genuíno.

Sofia estreitou laços com ela e se tornaram muito amigas. Minha menina foi quem primeiro percebeu o problema que Lígia escondia desde a adolescência. Alberto nunca desconfiou e tampouco eu. Sempre a achei pedante pra caralho, mas as mulheres nascidas em nosso meio geralmente são. Contudo, no caso dela era outra coisa... A partir do momento em que L soube, ele se tornou o seu porto seguro. Meu irmãozinho também tinha sua quota de demônios a serem exorcizados. Os dois se curaram mutuamente, para dizer a verdade. Eu vou parar por aqui, porque essas histórias, tanto a dele quanto a de T, são deles para contar, não minhas.

— L. — Sofia recebe o abraço e o beijo de meu irmão. — Lígia. — em seguida as duas mulheres se cumprimentam também, com risos e abraços afetuosos. — Oi, meu amor. — diz com carinho, se abaixando e beijando a cabecinha do nosso afilhado.

— Ei, campeão! — eu me abaixo, bagunçando a cabeleira negra e farta de José Pedro, e ele abre um sorriso banguela de volta. — Theo está sentindo sua falta já...

— Pedo! Tio L, tia Lígia! — a vozinha entusiasmada do meu filhão me corta e ele irrompe pela sala, parando ao nosso lado.

— Ei, carinha! — L dá o mesmo cumprimento a meu filho e toca o punho com ele. Theo gargalha. Ele adora o marrento do tio. — Você montou aquela árvore grandona?

— Sim! Meu pai, minha mãe e a Giulia me ajudaram. — o pequeno diz e nós damos risada da sua modéstia infantil.

Logan bagunça sua cabeleira mais uma vez.

— Belo trabalho, garotão! Filhão, vai lá contar para Theo como você montou a árvore lá de casa também. — ele incentiva, e os meninos começam a falar ao mesmo tempo, já se distanciando para a árvore.

— Venham, vamos tomar uma bebida... — minha frase é interrompida por mais vozes vindo do living, e eu sorrio. A família está completa, T acaba de chegar.

— Ho- Ho- Ho! — eu rio mais com a sua saudação bem-humorada e logo

sua cara irreverente surge na esquina. T sendo T. Ele está segurando seu menino pela mão também. Carlos Eduardo, que tem a mesma idade de José Pedro e o chamamos carinhosamente de Cadu, para desespero de Pietra. Ela diz que não adiantou nada ter escolhido um nome composto. O garoto também é a cópia do meu irmão. Seus olhinhos escuros são cheios de travessura, exatamente como seu pai. O DNA Maxwell é indiscutivelmente forte.

— Ei, família! — T torna a falar quando chega até nós. — H, você andou sumido, mano. — ele me abraça, em seguida passa para Logan. — Mano, você também sumiu essa semana. Senti falta da nossa noite de caras. — Logan esteve em Boston a trabalho também. Ele assumiu a direção do departamento de projetos, inovações tecnológicas e aeronáuticas. O avião projetado pelo meu irmãozinho gênio terá voo inaugural na primeira semana de janeiro. A imprensa está toda em polvorosa. Será um evento de alcance mundial, uma vez que a *Ocean Aliance,* comandada pela HTL está em plena atividade desde o ano passado, com duas sedes, uma aqui em São Paulo e a outra em Nova Iorque. Ah, e nós chegamos ao topo. LATAM... Quem mesmo? Eu rio, presunçoso. Somos a número 1 no Brasil e América Latina. — Apenas *Albie* compareceu. Ele não é divertido. — T completa com sua velha provocação.

— Ei, cunhado, não fale do meu irmão. — Lígia reclama, mas está sorrindo quando recebe o beijo de T na bochecha.

— Desculpe, querida. Força do hábito. — T ri, nem um pouco arrependido, então se vira para Sofia. — Bonitinha, para onde foi com a minha mulher ontem? — levanta uma sobrancelha divertida, dando um beijo afetuoso em Sofia.

— Ela carregou a minha mulher também, mano. — L endossa.

— Ontem? Que horas, bebê? — cheguei depois das dez da noite e já a encontrei na cama, o que facilitou e muito para mim...

Tristan ri, adorando causar agitação e Sofia meneia a cabeça, rindo também.

— Nós tivemos uma noite das garotas. — ela levanta uma sobrancelha linda e petulante. Sempre fica eriçada quando defende suas ideias ou direitos. — Nós merecemos, uma vez que vocês também têm a *noite de caras.* —

franze o narizinho bonito e meu pau engrossa dentro da calça. Adoro esse fogo que minha menina tem.

— Vejam bem, meninas, eu não estou reclamando. Como todos sabem, sou totalmente a favor do empoderamento feminino... — T ri e pisca com uma cara de safado para sua mulher.

Pietra ri, rolando os olhos.

— É claro que é, amor... — zomba e vem nos cumprimentar um a um.

— Claro que sim, amor. — ele finge-se de ofendido. — Amo uma mulher mandona... Adoro quando você... — ele se inclina e sussurra algo no ouvido da esposa. Pelo jeito que fica corada, posso imaginar o grau da sacanagem que o sem-vergonha lhe disse.

— Meu Deus, comporte-se Tristan Maxwell! — ela repreende, mas está sorrindo, olhando o marido com um misto de excitação e adoração.

Nossas atenções caem para o pequeno Cadu, que olha tudo com a expressão vívida de quem está absorvendo tudo. T convidou a mim e Logan para padrinhos.

— Ei, meninão bonito da dinda. — Sofia se inclina, babando nele como fez em José Pedro. Ela é tão amorosa com nossos sobrinhos também. O pequeno travesso sorri, arrebatado pelo carinho da madrinha.

— Vai lá com os primos, garotão. — eu digo, bagunçando sua cabeleira escura também. Chamo meu pequeno por cima do ombro. — Theo, vem buscar seu primo, filhão.

Logo, Cadu está se juntando com a turma da bagunça. As babás ficam com o cabelo em pé quando os primos se juntam. Pobres mulheres. Ainda bem que lhes pagamos salários decentes. Minha avó vem até nós com minha princesinha nos braços, cumprimentando a todos com um largo e feliz sorriso. Ela recebeu e trata tão bem o Logan, que o bastardo acabou amolecendo e agora a chama de vovó. Dona Magnólia é louca por Pietra e Lígia também. Claro que seu vínculo é muito mais forte e especial com Sofia pelo tempo que conviveram juntas. Mas ela dá amor a todos nós, indiscriminadamente. Vovó é uma mulher admirável. Rogo a Deus que a deixe conosco por muito tempo ainda. Logo todos começam a paparicar Giulia, a única menina da nova geração Maxwell, e minha princesa adora essa atenção. Está escrito em seu rostinho lindo e rosado. Deus, ela é tão

parecida com sua mãe. Tão linda. Meu coração fica todo mole quando olho as duas juntas. Minhas duas meninas.

— Vocês precisam trabalhar em primas para a minha princesa, cunhados. — Sofia brinca. — Ela está sozinha no meio de três marmanjos. É muita testosterona para uma garota lidar.

Nós rimos. Eu a puxo para o meu lado e seguimos para a sala. As mulheres se juntam nos estofados e começam a colocar a conversa em dia, então eu sigo para o bar no canto da sala com meus irmãos. Eu nos sirvo três copos de uísque, brindamos e bebericamos, olhando a agitação gostosa à nossa volta. Embora não seja muito eloquente com as palavras, vejo o olhar intenso e amoroso de Logan para sua mulher. Ficamos assim, colocando a conversa em dia. L me atualiza sobre a reunião em Boston. T me atualiza sobre os dias que me substituiu na presidência da empresa. Eu ando testando-o já tem um ano. Ele diminuiu suas rotas. Está operando em apenas uma internacional semanal depois do nascimento de Cadu, e aceitou se familiarizar com o serviço burocrático, uma vez que queria ter mais tempo com sua mulher e filho. Pietra, por sua vez, é piloto da empresa há dois anos, operando em voos domésticos, por enquanto. Ela fez parte da primeira turma de pilotos femininas da companhia. Nós e a Avianca[17], temos nos destacado por estarmos apostando na igualdade de gênero.

Alberto passa para nos cumprimentar, com Luciana e sua menina de dois anos e meio. Eles ficaram pouco, seguindo para a casa dos pais da esposa, onde será a ceia deste ano. Nossas mulheres vêm até nós depois de um tempo, e ficamos jogando conversa fora, tomando nossas bebidas e comendo os petiscos que Sofia pegou na mesa de frios. Meus irmãos e eu não escondemos, é claro em nossos rostos que sabemos o quanto somos babacas sortudos por tê-las conquistado. Renan vem avisar que a queima de fogos vai começar. Providenciei para que sejam soltos perto do lago, para agradar a minha neném. A equipe contratada se encarrega de servir o champanhe e os petiscos. Vamos até nossos filhos. Eu pego Theo, colocando-o sobre os meus ombros. Ele grita de euforia. Sempre adora quando faço isso. Sofia pega Giulia no colo e seguimos para a varanda, ficando no limiar com o jardim, a visão do lago desobstruída. Nós nos aglomeramos, na expectativa, então o primeiro tiro sobe num estampido baixo e, em seguida, os fogos multicoloridos explodem no céu, iluminando a superfície escura do lago numa cena estupenda. Sofia suspira em êxtase do meu lado. Giulia bate

palminhas, rindo. Theo está dando gritinhos eufóricos e seus primos também não ficam atrás.

Puxo Sofia para perto pela cintura e ficamos assim, admirando os fogos, os quatro juntos. Eu me recordo do nosso primeiro Natal aqui, éramos apenas eu – muito resistente – ela, T e nossa avó. Um tanto solitário, mas um passo importante para nós. Agora somos muitos. A família cresceu. E como sempre acontece nessa data depois que Sofia me tocou, eu deixo a *magia* do Natal me envolver. Olho cada um dos meus irmãos. Eles estão felizes, como eu. Somos felizes. Meu peito se enche daquela sensação boa que mencionei mais cedo. T me olha e travamos uma conversa silenciosa. Não falamos nada, mas eu sei, vejo o amor fraternal em seu semblante. Aceno levemente. Olho para L. Sua cabeça escura gira para mim e seu rosto está suave, em paz. A sombra em seus olhos se foi completamente já tem um tempo. Ele nunca disse as três palavras, mas como T sabia que eu o amava mesmo sem falar, eu sei que meu irmão mais novo me ama. Nos ama. Está lá, claro na forma como sorri e acena. Aceno de volta. Quando olho para Sofia, já a encontro me olhando, esses olhos verdes magníficos brilhantes, cheios de amor. Sim, nós somos felizes. Eu não digo nada, apenas abaixo meu rosto para o seu, minha boca tomando a sua num beijo reverente, enquanto os fogos continuam subindo e iluminando o céu.

Aproximadamente uma hora depois da ceia, todos estavam indo para suas casas. Eu e Sofia colocamos nossos pequenos, já caindo de sono, em suas camas. Cuido de Theo e ela de Giulia.

— Eu te amo, filho. — sussurro, quando termino de cobri-lo. Os olhinhos iguais aos meus me encaram, lutando para permanecerem abertos.

— Também te amo, papai. — diz baixinho, sonolento. Eu rio, meu peito expandindo. Como amo ouvir meu menino dizendo isso.

— Saiba que sempre serei o seu melhor amigo. Você e sua irmã são tudo de mais valioso que o papai possui. — digo com ternura.

— E a mamãe também, né? — ele diz com o sorriso mais bonito. Sorrio mais. Meu meninão esperto. Me debruço, beijando sua testinha.

— Sim, campeão, sua mamãe também. Ela me deu vocês e eu a amo muito. — murmuro e ele fecha os olhos. Uma expressão feliz no rosto. Deve ser

porque sabe que é amado, muito amado pelos seus pais. Meus filhos terão sempre essa certeza. Eu ajusto o lençol o me levanto, deixando o quarto.

Encontro Sofia do lado de fora, na porta de Giulia. Ainda estamos vestindo os mesmos trajes. Ela sorri, aquele sorriso sensual que me deu mais cedo antes de descermos para encontrar nossa família.

— Vamos confraternizar agora? Só nós dois? — pergunto, meu sorriso de predador ampliando lentamente, encostando o ombro ao batente da porta. Seu sorriso também cresce, atrevido, lindo, me inflamando.

— Me siga. — murmura e passa por mim, indo na direção contrária do nosso quarto. Eu franzo o cenho, ainda parado, observando-a. Então meu pau dá uma guinada quando ela para na porta do estúdio e me olha por cima do ombro, um olhar sexy me fazendo rosnar baixo.

Porra. Ela vai dançar para mim. Meu pau fica completamente duro com a constatação. Caralho. Eu amo vê-la dançar. Eu saio da inércia e avanço atrás dela. Entro e tranco a porta, o ambiente está com baixa iluminação. Velas alaranjadas e vermelhas pontilhando aqui e ali, afastadas do piso especial onde dança. As imagens da parede oposta recebem as luzes bruxuleantes, tornando-as ainda mais bonitas. São fotos de Sofia, desde o momento em que a vi a primeira vez. Fotos dela vestida de bailarina. Eu consegui essas subornando sua antiga escola de dança. É um painel todo dela, em diversos estágios, adolescente, grávida de Theo. Ela foi acrescentando e mudando ao longo dos anos. Era o santuário dela, mas ela incluiu a mim e os meninos. Há fotos nossas sozinhos, deitados no divã dessa mesma sala, nosso refúgio de amor. Há nossas com nossos filhos. É um santuário nosso. E ela nunca deixou de dançar aqui. Dá aulas uma vez por semana para uma turma de meninas na fundação, mas aqui é onde ela se solta e volta a ser a minha pequena bailarina. A introdução de *Certain Things* soa num volume baixo, íntimo. Eu olho de lado na direção do armário onde guarda suas vestimentas.

Ela está puxando o collant branco quando a encontro na penumbra. Eu ranjo ao ver os peitos cheios, redondos, firmes, mesmo depois das duas gestações. Eu salivo e meu pau dói, empurrando o zíper da calça. Ela não abriu mão de amamentar nossos meninos, mas cuida muito bem do corpo. Continua linda, toda firme, durinha, deliciosa. Todo o meu corpo estremece, antecipando o prazer de me enterrar e gozar profundamente na minha mulher. Ela calça as sapatilhas e decide manter o cabelo preso no rabo de cavalo que

já usava. Estica a coluna, o queixinho levantado, altivo, e anda com graça, meio saltitando até o centro do piso especial. Porra, o maldito collant é indecente, tão cavado nas laterais que mal cobre os seios e atrás está todo enfiado na bunda suculenta. Jesus Cristo. Ela adora me provocar. Eu torno a rosnar e me aproximo da parede espelhada, me recostando a ela, não vou para a poltrona que uso na maioria das vezes quando vimos para cá. Não, eu quero apreciar o show de perto. Sofia tem um risinho safado quando faz a mesura inicial e nossos olhares se encontram na parca iluminação.

— Sim, dance para mim, pequena bailarina... — murmuro asperamente, pegando meu pau por cima da calça. Ela morde o lábio, o olhar caindo avidamente para a minha virilha. Eu rio cínico, perverso. — Dance logo, bebê, para que eu possa te dar um banho de porra em seguida.

Ela geme lamentosa com minhas palavras chulas e fecha os olhos, seu peito subindo e descendo numa respiração profunda. É a sua forma de entrar no clima. Ela os reabre alguns instantes depois, então a minha linda menina começa a dançar e eu esqueço de tudo o mais à minha volta. Meus olhos permanecem sobre ela, hipnotizado, apaixonado. Levanta as mãos acima da cabeça e gira em um movimento fluído, gracioso. Um sorriso orgulhoso começa a curvar a minha boca. Faz isso duas vezes e corre em círculo pelo piso, dando pequenas piruetas. Girando mais e mais, levanta a perna direita em pleno movimento, esticando-a rente à cabeça. Ainda girando, muda a posição da perna e gira com o tronco inclinado para baixo e a perna esticada para cima. Meu sorriso de orgulho cresce. Linda! Talentosa demais. Teria sido uma grande bailarina profissional se não tivesse sofrido a lesão. A melodia vai crescendo, ganhando força, e junto com ela Sofia vai ficando mais empolgada. Há um sorriso lindo em seu rosto agora. Ela ama isso. Está escrito no semblante leve, realizado em cada movimento perfeito que executa. E como na primeira vez que a vi dançando, não consigo parar de olhá-la.

— Linda! — eu bato palmas, não me contendo. Nunca vou me cansar de vê-la assim, em seu verdadeiro elemento, fazendo o que ama. Impulsionada pelo meu incentivo, ela se lança num *jeté,* voando alto, rindo largamente. Aterrissa no pé esquerdo, sabiamente poupando o tornozelo lesionado. Faz mais dois *jetés* com menos intensidade. Eu aplaudo mais e mais, imagens dela dançando aqui há cinco anos vindo em minha mente, confundindo-se com o presente. Ainda possuía uma aura de menina, o corpinho mais

delicado, esguio. E eu já era tão apaixonado, tão louco por ela. Tanta coisa aconteceu desde então. Sofia dança e dança, linda, feliz. Meus olhos ardem de tanto amor, admiração, devoção por aquela menina e pela mulher de agora. A minha mulher.

Mas estou certo de que eu sou eu

Certo de que eu sou seu

Certo de que eu sou seu

Ela segura o meu olhar, enquanto James Arthur derrama os últimos versos. Executando os últimos movimentos com a mesma graça e precisão, minha neném encerra. Está suada, o peito arfando, o rosto lindamente corado. Sorri para mim, parando na ponta dos pés e se curva na mesura de despedida. Relaxa quando o último acorde soa, os pés voltando a tocar o solo plenamente. Aplaudo de novo e vou em sua direção, lentamente, meus olhos, apaixonados e famintos, passeando por toda ela. Eu a puxo pela cintura, colando nossos corpos. Ela respira rapidamente, ofegante pelo esforço. Seu cheiro me deixa louco, rosnando baixo.

— Eu juro, não há nada mais bonito em todo o mundo, bebê. — murmuro com a voz rouca, bruta, um misto de tesão e a mais pura reverência pelo seu incrível talento. Toco seu rosto, delicadamente. — sempre a minha pequena bailarina. — seus olhos se enchem de lágrimas e ela me enlaça pelo pescoço. A levanto nos braços e atravesso o salão até o nosso divã.

Em seguida, eu a deposito com cuidado no centro.

Abro o champanhe do balde de gelo, que só agora percebi numa bandeja sobre o piso de mármore. Sirvo uma taça apenas e levo até sua boca. Ela bebe avidamente devido ao esforço físico. Eu volto a encher e tomo-a num só gole. Então eu a dispo, beijando, lambendo cada centímetro da pele suada. Ela me ajuda a me despir em seguida e nos amamos, mas também, fazemos o que nos enche de tesão, nosso sexo sujo, depravado. Gozamos com um delicioso sessenta e nove primeiro. Depois, eu a penetrei de todo jeito que eu quis e gozamos enlouquecidos, com ela cavalgando em meu pau, eu amassando, chupando seus peitinhos perfeitos e estocando duro em sua bocetinha apertada. Eu caio de volta no divã com ela escarranchada em mim e ficamos grudados, respirando agudo na boca um do outro por algum tempo. Sofia geme languidamente, um bocejo lhe escapando. Ainda empalada em mim,

parecendo muito confortável. Eu rio, beijando sua testa suada e minhas mãos começam uma carícia preguiçosa em suas costas.

— Continuo me enganando ao pensar que as novinhas são mais resistentes... — não resisto a uma provocação, depositando beijos suaves em todo o rosto afogueado. Ela sorri e geme mais, abrindo esses olhos lindos, me nocauteando.

— E eu ao pensar que os coroas são fáceis de derrubar... — bufa.

Nós rimos baixinho, saciados. Felicidade nos envolvendo como um manto. Eu juro, dá para sentir. Eu nos viro de lado e saio, gemendo rouco, de dentro dela. Nós nos abraçamos e nossas bocas se encontram em um beijo gostoso que fala do nosso amor, para muito além da paixão carnal.

— O que acha de uma temporada em Nova Iorque, bebê? — eu digo, colocando seu cabelo suado para cima dos ombros.

Seus olhos amolecem e ela suspira como uma adolescente, porque sua amiga Carla vai ter seu primeiro filho dentro de dois meses. A menina se casou com Connor Milles, um ator famoso de Hollywood, há três anos. E ela conseguiu se tornar uma bailarina profissional de sucesso também. Sofia tem vibrado com cada conquista da amiga. Sua mão delicada vem para o meu rosto e eu a pego, beijando os dedos com suavidade.

— Eu te amo. — murmura com voz embargada. — Obrigada por fazer exatamente as coisas que me deixam feliz.

— Eu também te amo. — digo baixinho, reverente. — Eu sempre vou fazer tudo que te deixa feliz. Essa é a única maneira de eu ser feliz também. — ela ofega, os olhos lindos ficando muito brilhantes.

— Você é lindo, Heitor Maxwell. — sopra em minha boca, a mão acariciando meu rosto. Seus olhos se enchem de lágrimas. — Eu sou a mulher mais feliz do mundo porque tenho seu amor.

Eu engasgo, meus olhos ardendo. Ouvi-la dizer essas coisas sempre me amolece, me joga na lona.

— Sim, você o tem, neném. Apenas você. — seguro sua nuca. — Não há amor maior que o meu por você. — suas lágrimas transbordam, descendo pelas faces bonitas. Eu as limpo com delicadeza. — Não é só a sua aparência física – só para constar – é de tirar o maldito fôlego. — ela ri em meio às

lágrimas. Tão linda. — A beleza exterior é efêmera. O que fica mesmo é o que você tem aqui dentro e, bebê, você é ainda mais linda aqui. — coloco a mão sobre o seu coração e seus olhos bonitos voltam a lacrimejar. Olho-a com adoração. — Eu nunca serei capaz de agradecer a Deus corretamente por ter me dado você, Sofia. Essa é uma dívida que nunca serei capaz de pagar a Ele. — eu torço os lábios com o trocadilho não intencional. Ela ri, fungando, e me enlaça pelo pescoço.

— Heitor... Meu amor... — sua voz é tão doce, amorosa que meus olhos ardem mais. — Sim, a beleza física vai embora com o tempo. Felizmente o que sentimos pelo outro está além disso. — ela me encara sem piscar. — Você é lindo aqui dentro também. Perfeito. — imita o meu gesto, tocando meu coração. Não. Eu não me vejo assim, mas gosto da forma como a minha menina me vê. — Sua alma é boa, eu percebi isso logo. O que tem feito por tantas crianças, amor, só quem tem um coração bonito consegue fazer ou entender.

— Muitos empresários fazem o mesmo, amor. — digo, minimizando a minha benevolência.

Ele nega lentamente.

— Muitos doam dinheiro. — usa sua boquinha argumentativa que tanto amo. — Meu marido, um CEO muito ocupado, diga-se de passagem, doa seu tempo também. Isso só as pessoas de bom coração fazem, amor. Você é um bom homem, Heitor.

Porra. Ela pegou pesado agora. Lágrimas queimam em meus olhos.

— Minha menina perfeita... — embargo, encostando minha testa na sua. — Eu amo você, Sofia Maxwell. — minha voz quebra de emoção e completo: — Vou te amar para sempre, bebê.

Mais lágrimas turvam seus olhos e as minhas rolam silenciosas pelas minhas faces, meu coração tão cheio de amor por essa menina.

— E eu a você, meu amor. — diz de volta, tão bonita, que meu peito dói de olhar. — Sempre vou te amar. Para todo o sempre.

Eu rolo por cima dela. Seus olhos são como joias raras, as mãos delicadas explorando meus ombros. Nossos olhares permanecem presos e eu delineio seu rosto inteiro com a ponta dos dedos.

— Feliz Natal, minha neném. — digo com o meu coração nos olhos.

— Feliz Natal, meu amor. — suspira feliz e eu desço minha boca na sua.

Eu a beijo reverentemente no começo, lento e apaixonado. Porém, em pouco tempo, o nosso desejo é reacendido e eu a tomo outra vez. Nós juramos nosso amor uma e outra vez, nunca nos cansando. Ela adormece no meu peito e eu fico olhando-a por um tempo. Fecho meus olhos, conversando com Deus. Dessa vez não peço nada. Abro os olhos e toco o rosto perfeito adormecido. Eu apenas agradeço. Por ela, por meus filhos. Pela minha família. Quando eu não estiver mais por aqui, nesse planeta, e alguém for relembrar quem foi Heitor Maxwell, quero que falem dessa mulher. Que digam que houve uma mulher, a mais linda e doce menina, e que eu a amei mais do que tudo. Eu a pego nos braços e nos dirijo para o nosso quarto. Que digam que possuí a maior riqueza dessa Terra. Eu tive amor.

FIM

PLAYLIST DE A DÍVIDA

Encostar na Tua – Ana Carolina
Perfect Strangers – Deep Purple
Live With Me – Massive Attack
With Or Without You – U2
É Isso Aí – Ana Carolina & Seu Jorge
Tempestade – Ana Carolina
Quem de Nós dois – Ana Carolina
Se Eu Não Te Amasse Tanto Assim – Ivete Sangalo
Every Breaking Wave – U2
Same Mistake – James Blunt
Safe Inside – James Arthur
Certain Things – James Arthur

As aventuras dos irmãos Maxwell continuam...

Não deixe de acompanhar e conhecer mais de Tristan e Logan...

Em 2019.

Grande beijo e até a próxima!

[1] A **Star Alliance** é uma aliança de companhias aéreas global, com sede em Frankfurt na Alemanha. Foi estabelecida em 14 de maio de 1997 por cinco das principais companhias aéreas do mundo, Air Canada, Lufthansa, Scandinavian Airlines, Thai Airways International e United Airlines, como a primeira aliança global de companhias aéreas para "melhor atender as necessidades dos viajantes internacionais frequentes" e hoje é a maior aliança global do mundo. O seu logo representa as cinco linhas aéreas originais que fundaram a aliança.

[2] ***Holding***, **sociedade *holding***, **sociedade gestora de participações sociais** (**SGPS**), [2] **empresa de participações**[3] e **empresa-mãe**[3] são termos que designam uma forma de sociedade criada com o objetivo de administrar um grupo de empresas (conglomerado). A *holding* administra e possui a maioria das ações ou cotas das empresas componentes de um determinado grupo. Essa forma de sociedade é muito utilizada por médias e grandes empresas e, normalmente, visa melhorar a estrutura de capital, ou é usada como parte de uma parceria com outras empresas ou mercado de trabalho.

[3] Steps on Broadway foi fundada em 1979 e é muito mais que um studio de dança. É uma comunidade de artistas reconhecida internacionalmente, comprometida com o cultivo da individualidade e talento. As aulas são oferecidas todos os dias da semana, em todos os níveis de balé, jazz, dança moderna, contemportânea, sapateado, dança de teatro, hip hop, étnica e condicionamento corporal.

[4] **Acrópole** (em grego clássico: "extremo, alto", "cidade") é a parte da cidade construída nas partes mais altas do relevo da região. A posição tem tanto valor simbólico (elevar e enobrecer os valores humanos) como estratégico, pois dali podia ser melhor defendida. Era na acrópole das diversas cidades que se construíam as estruturas mais nobres, tais os templos e os palácios dos governantes. A Acrópole de Atenas ficou famosa pela construção do Partenon, sumptuoso templo em honra à deusa Atena, ricamente construído em mármores raros e ornado com esculturas de Fídias por ordem de Péricles e com recursos originalmente destinados a patrocinar a guerra contra os Persas.

[5] Meu amor em grego.

[6] As sucuris, também conhecidas como anacondas, arigbóias, boiaçus... São serpente =s sul-americanas da família Boidae e que pertencem ao gênero Eunectes.

[7] Meu carinho em Espanhol.

[8] Muito obrigado em Espanhol.

[9] É um grande galpão, situado em um aeroporto ou heliporto, no qual estacionam-se as aeronaves para manutenção e

preparação para os próximos voos.

[10] O batismo de aeronaves é uma tradição mundial na aviação para celebrar algum fato marcante relacionado a um determinado voo. Geralmente acontece quando a companhia estreia uma rota nova rota, passa a voar em um novo avião, dentre outras ocasiões especiais.

[11] LATAM Airlines Brasil, anteriormente TAM Linhas Aéreas, é uma companhia aérea sediada em São Paulo, atualmente considerada a maior empresa do segmento do Brasil.

[12] Agência Nacional de Aviação Civil. É encarregada de autorizar e/ou cassar os direitos de tráfego aéreo de uma companhia.

[13] **Jean-Jacques Rousseau**, também conhecido como **J.J. Rousseau** ou simplesmente **Rousseau** (Genebra, 28 de Junho de 1712 — Ermenonville, 2 de Julho de 1778), foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata suíço. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo. Para ele, as instituições educativas corrompem o homem e tiram-lhe a liberdade.

[14] Chamado por **Nietzsche** de "cavaleiro solitário" e geralmente considerado extremamente pessimista, o filósofo **Arthur Schopenhauer** (1788-1860) foi autor de um dos pensamentos mais instigantes e marcantes de toda a história da Filosofia. Grande contestador de seu contemporâneo **Hegel**, **Schopenhauer** teve de esperar muito em vida para encontrar o reconhecimento do público por seus trabalhos. Sua filosofia influenciou pensadores como **Nietzsche**, **Wittgenstein**, **Horkheimer**, **Sartre**, **Cioran**, escritores como **Franz Kafka**, **Thomas Mann**, além de **Freud**, criador da psicanálise, entre outros.

[15] Neste movimento uma das pernas fica esticada ao lado, à frente ou atrás do corpo. Afasta-se a perna na direção pretendida, arrastando também o respectivo pé. Levanta-se primeiro o calcanhar e, em seguida a planta do pé, mantendo a ponta do pé apoiada no chão.

[16] No jeté o bailarino atira a perna com energia, sempre esticada. É como se fosse o tendu, mas com mais energia e com os pés fora do chão. Existem vários tipos de saltos, grandes (*grand jetés*) ou pequenos.

[17] Companhia aérea que opera no Brasil.